



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**Reconfiguração Religiosa da Paraíba (1911-1950): A Presença
Adventista**

Daniel da Silva Firino

JOÃO PESSOA – PB
2021

RECONFIGURAÇÃO RELIGIOSA DA PARAÍBA (1911-1950): A PRESENÇA ADVENTISTA

Daniel da Silva Firino

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração em História e Cultura Histórica.

Orientador: Prof. Dr. Carlos André Macêdo Cavalcanti

Linha de Pesquisa: História e Regionalidades

JOÃO PESSOA – PB
2021



Ata nº 242 de defesa de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba de autoriado mestrando DANIEL DA SILVA FIRINO, área de concentração História e Cultura Histórica, linha de pesquisa em HISTÓRIA E REGIONALIDADES.

Aos vinte e cinco dias mês de agosto do ano de 2021, às 14 horas, em sessão realizada por videoconferência, devido à situação de excepcionalidade decorrente da pandemia de COVID-19 e das medidas tomadas para impedir sua disseminação, atendendo aos princípios ordenadores dos Artigos 67 a 72 do Regulamento do Programa de Pós-

- 5 Graduação em História do CCHLA da UFPB, o COMUNICADO N.º 01/PRPG/UFPB, a PORTARIA N. 36/CAPES, a NOTA N.º 00102/2020/DEPJUR/PFUFPPB/PGF/AGU e as Normativas do PPGH/UFPB de 28 de abril de 2020, que tratam das defesas virtuais durante aquarentena, foi realizada a Sessão de Defesa e Julgamento da Dissertação de autoria do mestrando **DANIEL DA SILVA FIRINO**, matrícula **20191006650**, junto ao
- 10 PPGH/CCHLA/UFPB, requisito final para obtenção do título de Mestre em História na área de concentração em História e Cultura Histórica, linha de pesquisa HISTÓRIA E REGIONALIDADES, conforme encaminhamento do Professor TIAGO BERNARDON DE OLIVEIRA, Coordenador do PPGH, e cumprimento do exame de qualificação, pré-requisito para esta apresentação, segundo registrado na secretaria do Programa. O trabalho do
- 15 mestrando foi avaliado pela Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as) doutores(as): **CARLOS ANDRE MACEDO CAVALCANTI** (UFPB – Orientador e Presidente da sessão), **LUIZ CARLOS LUZ MARQUES** (UNICAP – Examinador Externo à Instituição) e **ÂNGELO EMILIO DA SILVA PESSOA** (UFPB – Examinador Interno). A realização da sessão de Julgamento e Avaliação ocorreu por meio da plataforma *Google Meet*,
- 20 no endereço eletrônico <https://meet.google.com/kxw-cwwv-xib?authuser=0>, divulgado previamente pelo PPGH e com acesso permitido aos interessados em acompanhá-la em tempo real. Iniciada a sessão, o presidente **CARLOS ANDRE MACEDO CAVALCANTI** apresentou os membros da Comissão e, em seguida, indicou ao mestrando para que fizesse, oralmente e pelo tempo de 20 minutos, a apresentação do Trabalho Final intitulado
- 25 “*Reconfiguração Religiosa da Paraíba (1911 -1950): A Presença Adventista*”. Concluída a apresentação, procedeu-se à arguição pelos membros da Banca. Ao final da arguição, foi encerrada temporariamente a sessão pública para que a Comissão se reunisse em outra



sessão virtual secreta e viesse deliberar sobre a defesa do trabalho final do mestrando. Após discussão, a Banca emitiu o seguinte parecer:

30

O trabalho dissertativo contempla as exigências para a obtenção do título de MESTRE, pelo que a banca considera-o APROVADO. Trata-se de uma contribuição relevante para a historiografia paraibana e é uma pesquisa criteriosa e de fôlego. Ademais, solicita que o candidato faça os ajustes indicados pela banca antes do depósito final do trabalho e realize a

- 35 revisão de texto indicada pelos membros avaliadores. Os ajustes e a revisão estão solicitados no vídeo da defesa neste link: <https://meet.google.com/kxw-cwwv-xib?authuser=1&pli=1>

decidindo pelo conceito APROVADO. Assim, deve a secretaria do PPGH, após

- 40 homologação desta ata pelo Colegiado deste Programa, solicitar à Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba a emissão, na forma da lei, do respectivo diploma de Mestre em História. Terminada a sessão foi encerrada a reunião, da qual, eu, TIAGO BERNARDON DE OLIVEIRA, Coordenador do PPGH, lavrei a presente ata que vai assinada pelos membros da banca e pelo mestrando.

45

João Pessoa, 25 de agosto de 2021.

50

Orientador

Carlos André Marcelo Cavalcanti

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F522r Firino, Daniel da Silva.

Reconfiguração religiosa da Paraíba (1911-1950) : a presença adventista / Daniel da Silva Firino. - João Pessoa, 2021.

410 f. : il.

Orientação: Carlos André Macedo Cavalcanti.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Adventismo. 2. Protestantismo. 3. História das religiões. I. Cavalcanti, Carlos André Macedo. II. Título.

UFPB/BC

CDU 286.3(043)

DEDICATÓRIA

Dedico, primeiramente, a meu Deus que me deu a vida, a saúde e as condições físicas e mentais para a conclusão desse trabalho, principalmente nesse período de pandemia. Também dedico a minha esposa, Ana Cristina dos Santos Isidorio Firino e a meus filhos, Davi Yenay Isidorio Firino e Mikael Yohan Isidorio Firino, que me apoiaram e estiveram ao meu lado durante todas as etapas do mestrado. Por fim, dedico a todos os adventistas que tem sede em conhecer a própria história e saber como tudo começou no nosso estado.

Nada temos que rezear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado (Ellen White, *Testimonies, Life Sketches*, 1915, p. 196).

AGRADECIMENTOS

São muitas pessoas que tenho que agradecer pela ajuda na conclusão desse trabalho. Primeiramente gostaria de agradecer a meu Deus pela proteção e tudo que Ele fez por mim. Segundo a CAPES que forneceu a bolsa de estudo durante o mestrado e cuja a ajuda financeira foi indispensável para a realização desse trabalho. Não posso esquecer da minha esposa, que me apoiou desde o primeiro momento em que eu disse que iria estudar para entrar no mestrado. Nesse período, 2018, tinha concluído a graduação e estava desempregado. Cheguei a vender água e marmitta na praia para conseguir nos manter.

Minha família me ajudava da forma que podia e muitas vezes tivemos que fazer as refeições na casa da minha sogra Maria José. Meu cunhado, Cassiano, chamou-me para ficar um turno na Lan House dele e dessa forma me ajudaria com uma pequena quantia que me foi muito útil. Muitas vezes minha esposa ficava me ajudando na Lan House para que eu pudesse estudar para a seleção do mestrado e ficamos muito felizes quando consegui entrar.

Agradeço também aos professores Carlos André Macedo Cavalcanti e Claudia Engler Cury. Eles me ajudaram a entender o que realmente era o mestrado em História e deram dicas valiosas enquanto estava cursando as cadeiras como aluno especial com os dois. Não posso também esquecer de alguns alunos da turma de 2018 que me ajudaram passando as suas experiências quanto a seleção do mestrado como Lucas Gomes Nobrega, Sandeilson Bezerra Nunes, Waléria Kassia Martins da Silva, Carlos Kleber Araújo de Oliveira, George Henrique de Vasconcelos Gomes e José Cunha Lima.

Também foi durante o período em que cursei as cadeiras como aluno especial que conheci uma pessoa que se tornou o meu companheiro de estudo, Abraão Francisco da Costa Filho. Nos tornamos grandes amigos e passávamos muito tempo trocando experiências e estudando junto para passar na seleção além de ficávamos nos ajudando até durante as cadeiras obrigatórias do mestrado.

Outras pessoas que me ajudaram muito durante a seleção do mestrado foram Bruno Ribeiro, minha irmã Daiane Lins da Silva Firino e o professor Gerson Cardoso Rodrigues. Tanto Bruno quanto minha irmã me ajudaram muito na formulação do projeto de pesquisa e na bibliografia para a dissertação. O professor Gerson da FADBA (Faculdade Adventista da Bahia) auxiliou-me tirando as minhas dúvidas com relação a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia e servindo de ponte entre mim e o pastor Edegar Link que gentilmente me forneceu o seu trabalho sobre o início do adventismo no Brasil.

Também gostaria de agradecer a outras pessoas que me ajudaram durante as pesquisas como Ricardo Grisi Velôso, Matusalém Alves Oliveira, Lindevaldo Soares e Erivan Pereira Correia. Ricardo é responsável pela documentação pública da Igreja Católica que se encontra no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese da Paraíba. Durante as pesquisas, ele me ajudou muito fornecendo e indicando documentos que poderiam ser úteis na dissertação. Além disso, ele me deu de presente o livro autografado que ele escreveu com o título: *Ano Sacerdotal e o Clero da Arquidiocese da Paraíba*. Esse livro foi fundamental para que se pudesse fazer as biografias dos padres nesse trabalho.

O professor Matusalém da UEPB foi importante para a realização das entrevistas em Campina Grande. Ele me passou o contato de várias pessoas que eram membros antigos da Igreja Adventista ou da família deles. Muitas vezes, ele mesmo entrava em contato primeiro com os entrevistados para que a pesquisa fosse posteriormente realizada. Lindevaldo, membro de uma das famílias fundadoras da igreja de Baixa Verde, e Erivan, genro de João Miranda que foi um dos entrevistados, ajudaram muito me levando de moto até os locais mais distantes de Baixa Verde e de Serra das Laranjeiras para fazer as entrevistas e tirar fotos dos lugares históricos da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Todas essas pessoas ajudaram muito para a realização deste trabalho e sem eles o trabalho não seria o mesmo. Também tiveram outras pessoas que também contribuíram, mas por algum motivo, possivelmente esquecimento, não foram citadas. Peço desculpas a todos que não foram citados nominalmente e gostaria de lhes agradecer pelas suas preciosas ajudas.

RESUMO

O adventismo surgiu dos estudos de Guilherme Miller que começaram a ser divulgados em 1831 nos Estados Unidos da América. Ele pregava que a volta de Jesus seria em algum momento entre 1843 e 1844. A partir de 1845, o Movimento Milerita começou a se dividir em vários grupos e um deles se tornou a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Esse grupo foi crescendo e surgiu a necessidade de criar uma estrutura para manter os pastores e missionários. Desta forma, eles se organizaram na década de 1860. Na década seguinte, começam a enviar missionários para outros países além-mar. As crenças adventistas chegaram ao Brasil através da literatura, imigrantes, colportores e, por último, pastores entre as décadas de 1880 e 1890. O trabalho missionário desenvolveu-se inicialmente no Sul do país por causa dos imigrantes e depois foi se expandido para o Norte. Apenas em 1911 o adventismo chega à Paraíba, porém só a partir de 1921 ele começa a se desenvolver no estado. Este trabalho analisa o processo de implantação do adventismo na Paraíba e busca compreender o campo religioso do estado durante o período estudado. Diante do exposto, pode-se perceber que esse trabalho possui relevância acadêmica para a pesquisa no Programa de Pós-Graduação em história da UFPB, na Linha de pesquisa “História e Regionalidades”, por abarcar uma problemática preocupada em compreender as diferentes maneiras pelas quais os sujeitos históricos estabeleceram relações com o passado e manifestaram as suas visões por meio das religiosidades, sendo estas modificadas pela regionalidade.

Palavras-Chaves: Adventismo, Protestantismo, História das Religiões.

ABSTRACT

Adventism arose from the studies of Guilherme Miller which was to be released in 1831 in the United States of America. He preached that Jesus' return would be sometime between 1843 and 1844. From 1845, the Millerite Movement began to divide into several groups and one of them became the Seventh-day Adventist Church. This group grew and the need arose to create a structure to keep pastors and missionaries. In this way, they organized themselves in the 1860s. In the following decade, they began sending missionaries to other countries overseas. Adventist beliefs arrived in Brazil through literature, immigrants, canvassers and, finally, pastors between the 1880s and 1890s. Missionary work developed as a bulletin in the south of the country because of immigrants and then expanded to the North . Only in 1911, Adventism arrived in Paraíba, but it was not until 1921 that it began to develop in the state. This paper analyzes the process of implementing Adventism in Paraíba and seeks to understand the religious field of the state during the period studied. Given the above, it can be seen that this work has academic property for research in the Graduate Program in History at UFPB, in the “History and Regionalities” research line, as it encompasses a problem concerned with understanding the different ways in which historical subjects established relationships with the past and expressed their views through religiosities, which were modified by regionality.

Keywords: Adventism, Protestantism, History of Religions.

LISTA DE SIGLAS OU ABREVIATURAS

AA – Adventist Archives

AEAP – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese da Paraíba

AHWBD – Arquivo Histórico Waldemar Bispo Duarte

ABHR – Associação Brasileira de História das Religiões

ARA – Almeida Revista e Atualizada

CAB – Colégio Adventista Brasileiro

CPB – Casa Publicadora Brasileira

DAS – Divisão Sul-Americana

ENA – Educandário Adventista Nordestino

EUA - Estados Unidos da América

FADBA – Faculdade Adventista da Baía

FCJA – Fundação Casa José Américo

HASP – Hospital Adventista de São Paulo

IAE – Instituto Adventista de Ensino

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGP – Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba

IASD – Igreja Adventista do Sétimo Dia

RA – Revista Adventista

PPGH – Programa de Pós-Graduação em História

PUC – Pontifícia Universidade Católica

RA – Revista Adventista

RH – Review and Herald”

ST – Signs of the Time”

TELPA – Telecomunicações da Paraíba

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UNASP – Universidade Adventista de São Paulo

UNESP – Universidade Estadual Paulista

USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Conferência União Sul-Americana.....	141
Figura 2 – Conferência União Brasileira.....	142
Figura 3 – Ramal Bananeiras.....	146
Figura 2 – Antônio Bezerra.....	164
Figura 5 – Casa de Antônio Bezerra.....	166
Figura 6 – Casa de Sindolfo Barbosa.....	168
Figura 7 – Padre Oscar Cavalcanti de Albuquerque.....	170
Figura 8 – Luiz Pereira.....	173
Figura 9 – Antiga delegacia de Queimadas.....	174
Figura 10 – Pequena capela construída entre Queimadas e Baixa Verde.....	176
Figura 11 – Igreja Adventista de Baixa Verde.....	177
Figura 12 – Nilo Gomes com os companheiros de Colportagem.....	185
Figura 13 – Local onde funcionou a Igreja Adventista de Campina na Rua Major Belmiro....	186
Figura 14 – Batismo de Maria José de Brito Lyra.....	190
Figura 15 – José R. dos Passos.....	194
Figura 16 – Conferências públicas adventistas na União Operária Beneficente (1937 ou 1946).....	195
Figura 17 – Sindicato dos Taxistas e Caminhoneiros da Paraíba.....	199
Figura 18 – Rua Artur Aquiles com calçamento novo em 1939.....	200
Figura 19 – Primeira turma de batizados em João Pessoa.....	201
Figura 20 – Moysés Nigri, Maria Alida e seus filhos.....	203
Figura 21 – Grupo de Missionários Voluntários da Igreja Adventista de João Pessoa.....	207
Figura 22 – Local onde os adventistas reuniam-se na rua da Areia.....	208
Figura 23 – Local onde Ataliba realizou uma série de conferências no Roger.....	210
Figura 24 – Igreja Adventista de João Pessoa recém construída em 1950.....	214
Figura 25 – Batismo de Ernesto Vital da Silva na Igreja Central de João Pessoa em 1974....	216
Figura 26 – As quatro pessoas sentadas nas cadeiras foram batizadas em 1942.....	217
Figura 27 – Igreja Adventista de Cabedelo em 1977.....	218

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Igrejas que surgiram do movimento milerita.....	53
Quadro 2 – As doze primeiras Igrejas Adventistas de língua portuguesa organizadas no Brasil.....	77
Quadro 3 – As dez primeiras instituições de ensino Adventistas no Brasil.....	80
Quadro 4 – Divisão da Associação Brasileira em 1906.....	89
Quadro 5 – Colportores que trabalharam na Paraíba (1919-1922).....	152
Quadro 6 – Conferências do pastor Passos em João Pessoa.....	196

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1. UMA IGREJA REMANESCENTE	30
1.1. Origem do Adventismo: O movimento milerita	30
1.1.1. Guilherme Miller e seus estudos	31
1.1.2. De atividade de um único homem a um movimento religioso internacional: o crescimento do movimento milerita	36
1.1.3. Os desapontamentos: os últimos momentos do crescimento do milerismo	42
1.1.4. A divisão do movimento Millerita: o surgimento das denominações Adventistas	47
1.2. Uma igreja mundial: do grande desapontamento à reorganização.....	54
1.2.1. (Re)unindo a liderança e definindo as crenças básicas	54
1.2.2. Do início da divulgação das crenças à reorganização da igreja	62
1.3. A chegada e os primeiros anos de desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil.....	70
1.3.1. O início da pregação para os habitantes de língua portuguesa.....	70
1.3.2. O início da expansão da igreja adventista pelo país.....	78
2. RELAÇÕES CONFLITUOSAS: ESTADO, CATOLICISMO E PROTESTANTISMO.....	90
2.1. A Romanização e a Restauração Católica no Brasil.....	90
2.2. Protestantismo no Brasil.....	96
2.2.1. Um início conturbado	96
2.2.2. Polêmicas Antiprotestantes no Brasil	105
2.3. Catolicismo e protestantismo na Paraíba.....	111
2.3.1. A romanização e Restauração Católica na Paraíba	112
2.3.2. Início do protestantismo e o antiprotestantismo na Paraíba	123
3. O ADVENTISMO NA PARAÍBA	137
3.1. Do Sul rumo ao Norte: A chegada do adventismo à Paraíba e o início da obra da colportagem no estado	137

3.2. Os primeiros Grupos Adventistas.....	151
2.4. Igrejas de Serra das Laranjeiras e Baixa Verde	163
2.4.1. Primeiros conversos	163
2.4.2. Primeira Escola Adventista do estado e o Conflito religioso em Baixa Verde.....	171
2.5. Igreja Adventista de Campina Grande.....	184
2.6. Igreja Adventista de João Pessoa.....	192
2.6.1. Implantação do primeiro Grupo Adventista da capital	192
2.6.2. Construção do templo em João Pessoa.....	203
2.7. Igreja Adventista de Cabedelo	215
CONCLUSÃO.....	219
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	222
APÊNDICE A - Expansão da IASD entre 1895 e 1915.....	248
APÊNDICE B - Datas importantes para o adventismo na Paraíba	252
APÊNDICE C – Entrevista de Severina Freitas da Silva.....	256
APÊNDICE D – Entrevista de Eurilene da Silva Macedo	269
APÊNDICE E – Entrevista de Maria Pereira da Silva Soares	272
APÊNDICE F - Entrevista de Janduí Barbosa de Andrade.....	279
APÊNDICE G – Entrevista de João Miranda.....	284
APÊNDICE H - Entrevista de Raquel Bezerra Viana.....	289
APÊNDICE I – Entrevista de Oséias Bezerra Viana	296
APÊNDICE J – Entrevista de Ariosvaldo Castro de Moura	304
APÊNDICE K – Entrevista de Danielle de Sousa Gomes Nascimento	313
APÊNDICE L - Entrevista de Raquel de Brito Lyra de Melo.....	314
APÊNDICE M - Entrevista de Rosita Matias de Moura.....	318
APÊNDICE N – Entrevista de Alonso José Alves.....	320
APÊNDICE O - Entrevista de Davi de Oliveira Pessoa.....	325
APÊNDICE P - Entrevista de João Batista de Araújo.....	331

APÊNDICE Q – Entrevista de Shirley Almeida Rodrigues.....	334
APÊNDICE R – Entrevista de Vilma de Lurdes Melo	338
APÊNDICE S – Entrevista de Antônio Muniz de Lima	340
APÊNDICE T – Entrevista de Hosana Mendes de Lima	344
APÊNDICE U – Biografias Adventistas	347
ANEXO A – Fazenda de Luiz Pereira.....	379
ANEXO B – Histórico da IASD no Distrito de Campina Grande de Rosival Muniz, 1981	381
ANEXO C – Programa de Inauguração e dedicação da Igreja Adventista de Campina Grande	392
ANEXO D - Publicações da família Passos no jornal A União	396
ANEXO E – Batismo em João Pessoa realizados pelo pastor Passos.....	399
ANEXO F – Divulgação das Conferências públicas no Roger no Jornal A União.....	402
ANEXO G – Alvará de Construção da Igreja Adventista de João Pessoa	405
ANEXO H – Culto de Ação de Graça de 41º aniversário (1950-1991) da Igreja Adventista do 7º Dia de João Pessoa.	406
ANEXO I – Jornal A Palavra 25/09/2005	412

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a reconfiguração religiosa do estado da Paraíba entre 1911 a 1950 tendo como foco a presença adventista no estado. E como objetivos específicos analisar o processo que culminou com a chegada do adventismo na Paraíba e o motivo que levou o estabelecimento de grupos e igrejas em Pirpirituba (1911), Cabaceiras, São José das Pombas (atual Parari), São José dos Cordeiros (1921), Moreno (atual Solânea, 1921), Baixa Verde (Queimadas, 1925), Campina Grande (1935), São Tomé (atual Sumé, 1936), João Pessoa (1937), Gravatá de Mulungu (1937), Pombal (1937), Serra Branca (1939), Cabedelo (1940), Catolé do Rocha (1943), São Bento (1945) e Natuba (1948).

Identificar os possíveis impactos da entrada do adventismo na Paraíba a partir de sua instalação na cidade de Pirpirituba e as dificuldades de seu desenvolvimento. Investigar as estratégias utilizadas pelo adventismo para lograr êxito diante das dificuldades encontradas, bem como o resultado das mesmas.

Ele possui relevância acadêmica por se enquadrar na área de estudos voltados ao campo religioso que têm ganhado notoriedade ultimamente. Segundo Hermann (1997), com a estruturação da sociologia como disciplina autônoma, a partir do final do século XIX, os estudos do papel social das religiões foram beneficiados e ganharam cada vez mais destaques. Com o passar do tempo, teóricos como Durkheim e Max Weber se debruçaram sobre o tema, sendo este último o consolidador da “relação entre sociologia do conhecimento e sociologia da religião, ao transpor para a análise das comunidades religiosas seu método de construção de tipos ideais” (HERMANN, 1997. p. 479).

Para Mircea Eliade (1989), uma das abordagens do estudo da religião é a histórica. Segundo ele, “um fenômeno religioso é sempre também um fenômeno social, econômico, psicológico e, evidentemente, histórico, porque tem lugar no tempo histórico e é condicionado por tudo o que aconteceu antes” (ELIADE, 1989, p. 71). Além disso, é importante destacar que os estudos na área da História das religiões e das religiosidades “é uma disciplina histórica e não teológica” (WERNET, 1987, p. 3).

Outra contribuição para o estudo histórico da religião é o livro *A Escrita da História* de Michel de Certeau que chama a atenção dos historiadores para a necessidade de se refletir sobre os critérios teóricos e metodológicos inerentes à abordagem de uma pesquisa nesse campo.

Hermann (1997) cita três campos de investigação do que seria uma história religiosa: história das doutrinas, história eclesiástica/ institucional e história das crenças. No primeiro, os pesquisadores trabalham as grandes religiões inventariando as suas crenças, rituais, etc. Dentre

os autores, tem-se Marcel Simon sobre judaísmo e o cristianismo antigo. O segundo é dedicado ao estudo da organização, estrutura e funcionamento das religiões. Deste, pode-se citar Fortunato de Almeida com *História da Igreja em Portugal*.

Já o campo da história das crenças é dividido em duas abordagens: mentalidades e circularidades e hibridismos culturais. Esta tem como marco as obras de Ginzburg que trazem valor e importância “às atitudes religiosas [...] no complexo tecido da cultura e das religiosidades” (HERMANN, 1997, p. 494), gerando obras fundamentais como *Os andarilhos do bem*, *O queijo e os vermes* e *A História Noturna*. Aquela, influenciada pela *Nova História*, mais tarde chamada de *Annales*, problematiza os processos históricos globais. Dentre seus autores, está Marc Bloch com o livro *Os Reis Taumaturgos*.

Já no Brasil, segundo Elton de Oliveira Nunes (2011), a religião/religiões foi um dos objetos relegados pela historiografia, contudo estudos sobre ela têm crescido. Para ele, mesmo com o crescimento, a história das religiões não tem adquirido tanta atenção quanto deveria. Isso pode ser percebido ao notar que dos 50 programas de pós-graduação de história do país, em 2011, apenas dois tinham a disciplina de história das religiões na sua grade curricular. Por conseguinte, vários pesquisadores procuraram áreas institucionalizadas para suas produções e criaram espaços como a Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR).

Quanto à Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) na academia, os primeiros trabalhos foram realizados, a partir de 1930, nos Estados Unidos (HOSOKAWA, 2001). No Brasil, os primeiros estudos começaram em 1972. “Até aquele momento a produção bibliográfica restringia-se aos adeptos do próprio adventismo ou a seus opositores – uma produção predominantemente apologética¹” (FUCKNER, 2012, p. 163).

Esta demora na produção acadêmica pode ser explicada pelo fato de que “comparado com o catolicismo, neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras, o protestantismo tem despertado pouco interesse da academia brasileira como objeto de pesquisa” (RIBEIRO, 2007, p. 72 e 73).

Um estudo importante sobre o adventismo na academia foi realizado por Allan Novaes e Rodrigo Follis². Dentre os trabalhos elencados por eles na área de História, os que merecem destaque são as seguintes dissertações: *Da colina, “rumo ao mar”*: *Colégio Adventista*

¹Apologética é um campo de estudo da teologia que tem como objetivo a defesa da fé.

²O estudo levou em consideração o que foi produzido até 2013 e em instituições não adventistas e segundo eles “nesse levantamento, obteve-se uma listagem de 21 teses, 78 dissertações e 44 artigos, entre 21 revistas com Qualis e 23 congressos científicos, totalizando 143 trabalhos acadêmicos” (NOVAES; FOLLIS, 2016, p. 30) dentro de 16 áreas do conhecimento e em história foram encontradas 6 dissertações e 2 teses. Contudo, o estudo não esgota todos os trabalhos realizados, mas serve como demonstrativo da produção acadêmica sobre o adventismo.

Brasileiro – Santo Amaro 1915-1947 de Hosokawa apresentada na USP em 2001; *Memória e história do trabalho missionário adventista no Brasil* de J. A Matos apresentado na PUC de São Paulo em 1993; *Os Templos da conquista: a Igreja Adventista do Sétimo Dia no município de Ourinhos-SP (1950-2012)* de André Pires Prado apresentado na UNESP em 2012. Além desses, pode-se citar a tese *O indígena e a mensagem do segundo advento: missionários adventistas e povos indígenas na primeira metade do século XX* de Ubirajara de Farias Prestes Filho apresentada na USP em 2006.

A literatura utilizada para o trabalho seguirá duas vertentes. A primeira utilizará as obras clássicas que trazem um apanhado geral sobre a instituição, no período delimitado, a exemplo, *Adventismo: Origem e impacto do Movimento Milerita* e *Uma igreja mundial: Breve história dos adventistas do sétimo dia* ambos de Jorge Knight. Eles abordam a origem e o desenvolvimento da IASD. Outro livro é *A chegada do Adventismo ao Brasil* de Michelson Borges onde é trabalhado um breve relato da história da instituição no país.

A segunda valer-se-á das literaturas que ajudaram a compreender a reconfiguração religiosa dentro do recorte histórico compreendido entre 1911 a 1950, tais como a tese *Estado laico, igreja romanizada na Paraíba republicana: relações políticas e religiosas (1890 – 1930)* de José Pereira Sousa Junior e o livro *Igreja e Romanização: A implantação da Diocese da Paraíba (1894/1910)* de Lucia de Fátima Guerra Ferreira. Eles serão úteis, pois a IASD entra na Paraíba em 1911 (LIPKE, 1911b), quando o Brasil passava por várias transformações políticas e religiosas, a título de exemplo, a instalação da república em 1889 e a romanização da Igreja Católica.

Estes eventos afetaram o campo religioso principalmente a partir do decreto nº 119-A de 7 de janeiro de 1890 que estabeleceu a plena liberdade de cultos e permitiu a aquisição de propriedades pelas instituições religiosas. A partir de então, o catolicismo na Paraíba passa por várias mudanças e sérios enfrentamentos com os protestantes que se instalavam no estado principalmente na capital Parahyba do Norte.

Outros trabalhos importantes são: *O rebanho de Pedro e os filhos de Lutero: o Pe. Júlio Maria De Lombaerde e a polêmica antiprotestante no Brasil (1928- 1944)*, dissertação de Daniel Soares Simões, *Os Nova Seitas: a presença protestante na perspectiva da literatura de cordel- Pernambuco e Paraíba (1893 a 1936)* dissertação de Micheline Reinaux de Vasconcelos e *Embates da fé: conflitos religiosos entre congregacionais e católicos no sertão da Paraíba (1930 – 1940)* dissertação de Bruno Cesar Cordeiro de Araújo.

A dissertação de Simões é importante, pois mostra que com o movimento de Restauração Católica, em 1920, “o protestantismo era representado a partir do medo e escárnio,

devendo ser, temido e desprezado” (SIMÕES, 2008, p. 7) e combatê-lo era dever cívico, pois eles seriam um perigo para o Brasil, uma vez que traziam uma campanha imperialista Norte Americana. A dissertação de Vasconcelos trabalha a representação do protestantismo numa escala regional, a sua receptividade e a dos seus livros entre os paraibanos e a dissertação de Araújo por mostrar como era a relação católico/protestante em alguns lugares do estado.

O processo de escolha do tema teve início com o fim da minha graduação ainda no primeiro trimestre de 2018. Eu pensava em trabalhar no mestrado um tema que me desse prazer em pesquisá-lo, mas ainda não sabia o qual. Então, buscando um norte para a escolha do tema e também me preparar para a seleção do mestrado, eu decidi cursar uma disciplina como aluno especial no Programa de Pós-Graduação de História (PPGH) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A disciplina *Tópicos Especiais em História Cultural* com o subtítulo de *Imprensa e Impresso para as Pesquisas de História*, ministrada pela professora Claudia Cury, foi a que mais me chamou a atenção e candidatei-me a uma vaga e fui aceito como aluno especial. Em uma das aulas, eu contei à professora que já havia trabalhado como colportor, ou seja, missionário de sustento próprio que vende impressos para se manter. A professora achou interessante e me colocou no grupo que apresentaria um seminário sobre impressos religiosos.

A partir de então, comecei a pesquisar sobre os impressos da Casa Publicadora Brasileira (CPB), editora a qual eu vendia os impressos enquanto colportava e que pertencente à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Entrei em contato com a editora através de e-mail e me enviaram o link do acervo on-line da *Revista Adventista* (RA) que traz publicações desde 1906 até os dias atuais.

Também entrei em contato com Gerson Cardoso Rodrigues, professor de *História da Igreja* da Faculdade Adventista da Bahia (FADBA) que passou o site do acervo *Adventist Archives* (AA) onde há jornais e revistas adventistas internacionais como a *Signs of the Times* e a *Review and Herald* que, da mesma forma que a RA, trazem citações sobre a Paraíba. Através da ferramenta de busca dos acervos, encontrei cerca de trezentas citações sobre a Paraíba e elas traziam informações consideráveis para o esclarecimento da vida religiosa desse estado durante o final da primeira metade do século XX.

Procurei, então, algo publicado que tratasse sobre a história do adventismo na Paraíba, mas não encontrei nada. Fiz também um levantamento sobre o que havia sido escrito da história do protestantismo neste estado, contudo pouca coisa foi encontrada. Diante disso, fiquei motivado a escrever sobre o protestantismo na Paraíba com foco no adventismo. Daí surgiu o título da dissertação *Reconfiguração Religiosa da Paraíba*, pois trabalha as mudanças

religiosas ocorridas neste estado com a implantação das igrejas protestantes e o subtítulo *A presença Adventista* por focar nesta denominação.

Contudo, ainda faltava o recorte temporal. Inicialmente, pretendia trabalhar cem anos o que seria de 1911 a 2011. Contudo, no segundo semestre de 2018, fui aceito como aluno especial na disciplina de *Tópicos Especiais em Cultura Histórica* onde o professor Carlos André Macedo Cavalcanti trabalhou História das Religiões. Em conversa com ele, decidi reduzir o recorte para 1911 a 1963, para que o trabalho não pegasse as complexidades da ditadura militar e também pela grande quantidade de igrejas adventistas fundadas na Paraíba após 1963.

Entretanto, na disciplina de *Tópicos Especiais em História Política*, já como aluno regular do mestrado, após conversar com o professor Martinho, eu havia decidido reduzir o recorte histórico tendo início em 1938 a 1950. Esse período tinha sido escolhido por possuir as fontes mais relevantes, pois a partir de 1938 as citações sobre a Igreja Adventista na Paraíba começam a aparecer com maior frequência na RA e o final em 1950 por ser o ano da inauguração do templo da Igreja Adventista de João Pessoa. Por último, após as considerações do Professor Ângelo Emilio na banca de qualificação decidir iniciar o recorte histórico a partir de 1911, ou seja, do início do adventismo na Paraíba.

Contudo, em alguns momentos, o trabalho irá tanto retroagir quanto avançar ao recorte histórico. Isso ocorrerá para fornecer uma breve história dos fatos estudados como a origem do adventismo, sua chegada ao Brasil, a romanização, etc. Como também a conclusão de eventos iniciados a exemplo da construção do templo adventista de Campina Grande e Cabedelo. Porém tais momentos não serão o foco do trabalho, mas apenas eventos periféricos.

Este trabalho será realizado através de pesquisa bibliográfica, documental e qualitativa. A primeira pelo uso de trabalhos que foram escritos sobre o catolicismo, protestantismo e adventismo no Brasil e na Paraíba. A segunda pelo uso de impressos tanto denominacionais, ou seja, adventista quanto secular e a terceira pelo uso da História Oral.

Quanto às fontes pesquisadas, elas estão presentes em arquivos como o acervo on-line da Revista Adventista (RA), o site Adventist Archives (AA), o Arquivo Histórico Waldemar Bispo Duarte (AHWBD), o Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), Fundação Casa José Americo (FCJA) e o Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese da Paraíba (AEAP).

O acervo da RA e AA servirão para entender a visão da própria instituição quanto à sua entrada e desenvolvimento no estado da Paraíba. Contudo, elas não são suficientes para compreender os aspectos propostos neste trabalho, por exemplo, a receptividade da instituição pelos paraibanos. Além disso, contém lacunas que só serão preenchidas através de cruzamentos com fontes externas o que acarreta pesquisa nos outros acervos citados acima.

O acervo da RA contém edições que datam desde 1906 até os dias atuais. A RA é uma revista voltada para membros da instituição que tem como objetivo, além de reforço doutrinário, “informar a respeito do crescimento da igreja e do avanço da mensagem adventista no Brasil” (BENEDICTO; BORGES, 2006, p. 11).

Desta forma, ela traz informações importantes como detalhes da entrada da instituição no estado, nomes das cidades onde foram estabelecidos os primeiros grupos e igrejas, nomes e fotos dos primeiros membros, locais onde foram realizados os primeiros trabalhos missionários, as dificuldades encontradas pela instituição e as estratégias utilizadas para o seu crescimento.

O site AA é um acervo internacional da instituição onde há vários documentos que datam desde 1844 até os dias atuais. Desse acervo serão principalmente utilizados para pesquisa os periódicos *Review and Herald* (RH), *Signs of the Time* (ST), *South American Bulletin* e o *Yearbook*. Eles tinham o mesmo objetivo da RA, reforço doutrinário e divulgação do crescimento da igreja, contudo ao nível internacional. Porém, esses periódicos também trazem informações sobre a IASD na Paraíba. Ademais, o *Yearbook* traz nomes de alguns funcionários da IASD e a quantidade dos membros e de igrejas que existia em determinada região.

O AHWBD, IHGP e a FCJA são importantes por possuírem em seus acervos edições diferentes do Jornal “A União”. O IHGP, no entanto, possui algumas publicações de personagens locais correspondentes ao período estudado que servirão para compreender como eles viam os protestantes e a chegada do adventismo no estado. Além disso, ajudarão a cruzar informações como, por exemplo, o local das primeiras conferências que foram divulgadas nos jornais da época, mas não ficaram especificados na RA.

Quanto ao AEAP, a pesquisa voltar-se-á a dois tipos de fontes: o jornal “A Imprensa” e as “cartas pastorais”. A primeira é um jornal católico utilizado pela igreja, dentre outras coisas, para a divulgação dos seus eventos e acontecimentos importantes. Além disso, muitas vezes era utilizado para alertar aos fiéis dos males a serem combatidos, mantendo “os ‘bons costumes’ e a fé católica dos diocesanos” (CAVALCANTE NETO, 2014, p 11).

A segunda são os pronunciamentos dos bispos sobre assuntos locais e nacionais. Elas eram publicadas em jornais e pequenos livros que eram lidos para os fiéis no final das missas. Tais cartas podiam ser individuais, quando eram escritas apenas por um único bispo, e coletivas, quando escritas por vários bispos.

Ambos serão úteis para entender o relacionamento da Igreja Católica com os protestantes e as estratégias utilizadas para não perder seus fiéis. Tendo em vista que a forma

de relacionamento e tais estratégias podem ter impactado no desenvolvimento de outras instituições religiosas no estado, incluindo a IASD.

O trabalho terá, predominantemente, a utilização da imprensa como fonte. O uso desse tipo de fonte na disciplina de história “está cada vez mais generalizada” (VIEIRA, 2013, p. 1), sendo “amplamente utilizada na pesquisa acadêmica” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 255). A sua importância dá-se pelo fato de que “a todo o tempo, articula uma compreensão da temporalidade, propõe diagnóstico do presente e afirma memórias de sujeitos, de eventos e de projetos, com as quais pretende articular as relações presente/passado e as perspectivas de futuro” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258-259).

O trato nesse tipo de fonte não será apenas extrair frases isoladas que interessem ao trabalho, por mais que seja importante, mas também irá identificar o público-alvo, os seus editores e colaboradores mais assíduos, a forma de distribuição do impresso, a importância e a motivação que a matéria tinha para ser publicada, a posição e o tamanho da matéria, o uso de imagens e suas representações, a leitura que ela faz do passado e as expectativas quanto ao futuro, “a forma que compreendem a realidade presente e, amarrando isso tudo, que ideias defendem” (ALVES; GUARNIERI, 2018, p. 11).

Além das fontes impressas também será utilizada a História Oral. O uso de história oral é necessário para “esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como serem entendidos ou elucidados de outra forma” (FERREIRA, 2012, p. 171). Levando em consideração que as fontes documentais possuem lacunas, “os depoimentos orais revelam-se de grande valia” (FERREIRA, 2012, p. 177) principalmente porque “a escrita e as narrativas orais não são fontes excludentes entre si, mas complementam-se mutuamente” (MATOS; SENNA, 2011, p. 97).

Foram dezoito depoimentos recolhidos através de entrevistas com familiares e/ou membros da IASD que viveram durante o período estudado e todos estão disponíveis nos apêndices desse trabalho. Estes depoimentos também serão úteis para trazer luz a certos questionamentos que poderão ser levantados durante a pesquisa que não puderam ser sanados através das fontes documentais e trazer fatos novos que só poderiam ser encontrados através deste tipo de fonte.

As entrevistas foram semi-dirigidas e, logo após a entrevista, o depoimento foi transcrito, comparado com outras fontes e com os de outros entrevistados observando “as dúvidas, incertezas e hesitações pelo entrevistado” (MATOS; SENNA, 2011, p. 103 -104). A transcrição de todas essas pesquisas encontra-se no apêndice deste trabalho.

Serão utilizados como referenciais teóricos a fenomenologia de Mircea Eliade e os conceitos de identidade e diferença de Tadeu Tomaz Silva, de representação de Roger Chartier e memória de Paul Ricoeur e Joel Candau. A fenomenologia de Mircea Eliade será importante para compreender as ações do que este autor chama de *homem religioso*. E isso se faz através da relação entre o sagrado e o profano do objeto de pesquisa.

“O sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história” (ELIADE, 1992b, p. 14). Segundo Eliade (1992b), a primeira definição do sagrado é que ele se opõe ao profano. Ele é diferente do profano e *hierofania* é o termo utilizado por Eliade para chamar a manifestação do sagrado. Desta forma, a hierofania é a “manifestação de algo *de ordem diferente* – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo *natural, profano*” (ELIADE, 1992b, p. 13).

Também será levado em consideração o contexto sociocultural, pois “um fenômeno religioso é sempre também um fenômeno social, econômico, psicológico e, evidentemente, histórico, porque tem lugar no tempo histórico e é condicionado por tudo o que aconteceu antes” (ELIADE, 1989, p. 71). Não existe um fato puramente religioso, as ações dos grupos religiosos são moldadas e definidas através do contexto em que eles se encontram.

Para o homem religioso nem o espaço e nem o tempo são homogêneos. Para ele, tanto o espaço quanto o tempo apresentam roturas e quebras. Assim, há um espaço e um tempo sagrado e outros que não são. Os espaços sagrados são pontos fixos que servem para orientar e dar sentido, mostrar uma direção, e possui um valor existencial para a sua vida. Os locais sagrados como os templos são *axi mundi* uma *abertura* que garante a comunicação com o mundo dos deuses.

O homem religioso quer estar o máximo possível em contato com o sagrado e por isso busca instalar-se nos mais variados locais, pois instalar-se significa consagrar aquele local. O espaço que ele habita ou que os seus habitam enquanto o restante é uma espécie de outro mundo, “um espaço estrangeiro, caótico, povoado de espectros, *demônios estranhos* (equiparados, aliás, aos demônios e às almas dos mortos). [...] tem-se de lado um *cosmo* e do outro um *caos*” (ELIADE, 1992b, p. 21).

O homem religioso utiliza-se de ritos para fazer a passagem do tempo profano para o sagrado. O tempo sagrado é indefinidamente recuperável e repetível e eles são frutos das ações dos deuses. Ao contrário do tempo profano que é linear, o tempo sagrado é cíclico. O homem religioso reatualiza os gestos dos deuses ao repeti-los nas festas sagradas, porque “deseja e se esforça para viver muito perto de seus deuses” (ELIADE, 1992b, p. 48).

O mito é uma história sagrada que conta o ato primordial. Ele é a “narração daquilo que os deuses ou seres divinos fizeram no começo do tempo” (ELIADE, 1992b, p. 50). Para o homem religioso, o mito é uma verdade absoluta e eles são uma realidade sagrada. Além disso, a “função mais importante do mito é, pois, *fixar* os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: alimentação, sexualidade, trabalho, educação, etc” (ELIADE, 1992b, p. 51).

Os conceitos de identidade e diferença e de representação serão importantes para compreender o relacionamento da Igreja Adventista com outras denominações religiosas. Através deles, serão analisados os conflitos com outras instituições religiosas como a Igreja Católica e outros ramos do protestantismo, como também a forma que o adventismo era visto e como ele via os outros.

Para Manuel Castells, a identidade é a “fonte de significado e experiência de um povo” (2001, p. 22). Persio Santos de Oliveira (2001, p. 139) afirma que a identidade cultural seria uma espécie de “sentimento de pertencimento”. Logo para esse trabalho serão utilizados os dois conceitos. Essas identidades são simbolicamente construídas e não podem “ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentidos. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem” (SILVA, 2008, p. 78). Ela não é

[...] inerente ao indivíduo, ela é preexistente a ele, e como a própria cultura se transforma, a identidade cultural do sujeito não é estática e permanente, mas é fluída, móvel, e principalmente, não é uma imposição inocente, nem uma apropriação, de todo, inconsciente. A identidade cultural é por sua vez construída, manipulada e política. (PACHECO, 2007, p3)

Segundo Silva,

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implica, sempre, as operações de incluir e de excluir. [...] dizer “O que somos” significa também dizer “o que não somos”. Afirmer a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. [...] essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo afirmam e reafirmam, relações de poder (SILVA, 2008, p. 82).

A diferença pode, então, ser construída negativamente excluindo e marginalizando aqueles que não fazem parte da identidade tida como padrão ou correta e assim ocorre uma normalização da sociedade. De acordo Silva (2008, p. 83),

Normalizar significa eleger – arbitrariamente- uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa.

Cria-se também um sistema classificatório

por meio dos quais o significado é produzido dependem de sistemas sociais e simbólicos. As percepções e a compreensão das mais materiais necessidades são construídas por meio de sistemas simbólicos, os quais distinguem o sagrado do profano, o límpido sujo e o cru do cozido, os sistemas classificatórios são assim construídos, sempre, em torno da diferença e das formas pelas quais as diferenças são marcadas (WOODWARD, 2008, p. 55).

A normatização da sociedade e o sistema classificatório são utilizados na afirmação da identidade, pois “necessitamos do outro para, em síntese, poder nomear a barbárie, a heresia, a mendicância etc. e para não sermos, nós mesmos, bárbaros, hereges e mendigos” (LARROSA; SKLIAR, 2001, p. 124). Também é importante salientar o papel das representações porque “a identidade e a diferença estão extremamente associadas a sistemas de representação” (SILVA, 2008, p. 89) e “é por meio da representação que por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir” (SILVA, 2008, p. 91). Quanto ao conceito de representação Chartier escreve o seguinte:

Mais do que um conceito de mentalidades, ela [a representação] permite articular três modalidades da relação com o mundo social; em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que irão fazer reconhecer uma identidade social exibindo uma maneira própria de estar no mundo, significa, simbolicamente, em estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns “representantes” (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou comunidade (CHARTIER, 2002a, p. 23).

Dentre os documentos analisados é comum encontrar a marginalização dos “outros” sendo os protestantes representados como demônios, representantes do diabo, bodes e etc... como também são encontrados os católicos sendo chamados de ignorantes e fanáticos. Isso ocorre porque “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam” (CHARTIER, 2002a, p. 17).

Há, portanto, um interesse de marginalizar o “outro” para afirmar a sua identidade tornando-a um padrão para sociedade. Ocorre então o que Chartier chama de “luta de representação” “cujo desafio é a hierarquização da própria estrutura social” (CHARTIER, 2002b, p. 76) e “dedica a atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um “ser-percebido” constitutivo de sua identidade” (CHARTIER, 2002b, p. 73).

Os estudos sobre a memória serão importantes por mostrarem a utilidade das memórias individuais e coletivas na construção das identidades e seu uso para assegurar a coesão e a solidariedade dos grupos sociais e ganhar relevância nos diversos momentos históricos. Logo, os estudos sobre memória contribuíram para analisar as fontes e compreender o fato ocorrido. Entender como as memórias individuais e coletivas funcionam e suas funções dentro de um grupo social fará muita diferença para compreender os discursos nos relatos tanto nos periódicos quanto na história oral.

Tanto os relatos orais quanto os periódicos têm o objetivo de construir identidades utilizando-se das memórias. Segundo Bosi, a “memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações” (1979, p. 9). A memória não é neutra, ela é moldada de acordo com os motivos e objetivos pelo qual ela é invocada. Para Meneses (1992), ela passa por um processo de construção e reconstrução utilizado por grupos para fixar e assegurar sua estabilidade.

Através da divulgação dos relatos, a memória individual torna-se coletiva. Este tipo de memória “é um sistema organizado de lembranças cujo suporte são grupos sociais e temporalmente situados. [...] Essa memória assegura a coesão e a solidariedade do grupo e ganha relevância nos momentos de crise e pressão” (MENESES, 1992, p. 15). Contudo, ela não permanece para sempre é necessário que seja reavivada, por isso o mesmo relato pode ser republicado várias vezes em momentos diferentes como no caso do conflito religioso que ocorreu em Baixa Verde. Várias vezes o relato desse conflito foi republicado na Revista Adventista.

Conforme Candau (2011), as memórias coletivas também se tornam individuais, pois elas passam por um processo de apropriação e reinterpretação. Neste processo, a memória é moldada segundo os valores e objetivos deste indivíduo. Isso é importante para entender o motivo pelo qual os mesmos relatos possuem discrepâncias e até mesmo contradições.

Estas diferenças também ocorrem quando duas ou mais testemunhas oculares do mesmo fato relatam o que viram, pois “a recordação seria, portanto, uma organização extremamente móvel cujo elemento base ora é um aspecto, ora outro do passado; daí a diversidade dos sistemas

que a memória pode produzir em cada um dos espectadores do mesmo fato” (BOSI, 1979, p. 13). Além disso, “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda segundo lugar que nele ocupa e que, por sua vez, esse lugar muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (RICOEUR, 2007, p. 133-134).

Dois exemplos disso que são trabalhados nessa dissertação são o conflito de Baixa Verde e a conversão de Antônio Bezerra. Tanto Jerônimo Garcia quanto Moysés Nigri estavam presentes quando ocorreu o conflito em Baixa Verde, porém os relatos dos dois são diferentes e cada pessoa que tinha ouvido a história do ocorrido e escrevia sobre o assunto mudava alguma coisa. Na conversão de Antônio Bezerra, foram entrevistados dois de seus filhos, Oséias e Raquel, e o seu genro Ariosvaldo. Todos os três contam o relato de forma diferente e do mesmo jeito que os relatos do conflito muitas vezes se contradizem, todavia concordam nos pontos principais de cada relato diferenciando-se principalmente nos eventos periféricos.

Outro ponto importante é a amnésia social. “Se a memória costuma ser automaticamente correlacionada a mecanismo de retenção, depósito e armazenamento, é preciso apontá-la também como dependente de mecanismo de seleção e descarte” (MENESES, 1992, p. 16). Logo, determinados fatos que não interessam aos grupos sociais, são excluídos das memórias coletivas. A amnésia social pode ser realizada de várias formas como, por exemplo, ocultação de fatos ou de pessoas, dissimulações e inversões, mas todas têm o mesmo objetivo – o esquecimento.

O uso dos estudos sobre a memória será crucial para análise das fontes e para compreender as representações registradas nelas. Contudo é importante salientar que “a história só pode pretender escorar, corrigir, criticar, ou até mesmo incluir a memória enquanto memória coletiva. Esta constitui o contraponto apropriado da história” (RICOEUR, 2007, p. 130).

O trabalho foi dividido em três capítulos que se chamaram *Uma Igreja Remanescente; Relações Conflituosas: Estado, Catolicismo e Protestantismo* e por último *O Adventismo na Paraíba*. O primeiro capítulo terá como objetivo discorrer sobre a origem e os primeiros anos de desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). Serão utilizados trabalhos já produzidos sobre o assunto como livros, artigos, teses e dissertações.

Sobre a origem do adventismo será trabalhado o Movimento Milerita que foi liderado por Guilherme Miller. Segundo Oliveira (1994), esse movimento teve início em 1831 e durou até 1844, após esse período ele se dividiu em vários grupos e dentre estes o que mais tarde se tornaria a IASD. A Igreja Adventista cresce e na década de 1860 se organizam como igreja e em 1874 enviam o seu primeiro missionário além-mar. Em 1901 houve a necessidade de uma reorganização que também alterou as ações missionárias.

A IASD chega ao Brasil de três formas: literatura, imigrantes alemães já convertidos e colportores. A literatura chegou ao Brasil em 1880, os primeiros imigrantes em 1892 e os primeiros colportores em 1893. O primeiro pastor adventista chegou ao Brasil em 1895 e realizou os primeiros batismos em São Paulo e em Santa Catarina. Inicialmente, os trabalhos missionários foram focados nas colônias alemãs, mas em 1898 inicia-se a evangelização entre os habitantes de língua portuguesa.

No segundo capítulo, foram trabalhadas as relações entre o Estado, o catolicismo e o protestantismo. Foram utilizadas como fontes as cartas pastorais, o jornal a Imprensa Católica, o jornal a União e trabalhos produzidos sobre o assunto. Ele terá as seguintes divisões: *A romanização e a renovação católica no Brasil*; *O protestantismo no Brasil*; e *Catolicismo e protestantismo na Paraíba*.

Nesse capítulo foi trabalhado a forma que o protestantismo se estabeleceu e se desenvolveu no Brasil e a relação entre o estado e o catolicismo através do regime de padroado. Com esse acordo, conforme Sousa Júnior (2015), a Igreja Católica cede parte do seu poder para o Estado. Desta forma, ele passa a controlar a ordenação de padres, o desenvolvimento da igreja como instalação de novas paróquias e instituições ligadas a ela. Em contrapartida o estado manteria o catolicismo como religião oficial.

Também foram trabalhados a instalação do estado laico e o seu impacto na Igreja Católica. Inicialmente, o estado rompe relações com o catolicismo e seculariza o casamento e o cemitério. Contudo, isso não foi de todo ruim para o catolicismo, pois ele não estaria mais preso ao governo e dessa forma poderia gerenciar seus próprios recursos e investir no seu desenvolvimento sem as amarras do estado.

Com o fim do padroado a Igreja Católica passa por um processo de expansão que tinha como intuito torná-la relevante na sociedade para manter os seus fiéis na igreja. Para isso, foi necessária a criação de instituições como, por exemplo, escolas, orfanatos, asilos, Dioceses, Paróquias, etc. Além disso, também será trabalhado o processo de renovação católica que desenvolveu um projeto de militância dentro das instituições.

Desta forma, os membros se envolveriam e participariam ativamente dos projetos da igreja para desenvolver um relacionamento mais profundo com ela e fortalecer seus laços tentando assim evitar a dissidência. Contudo, essa militância, segundo Simões (2008), gerou um forte movimento antiprotestante causando vários incidentes de intolerância religiosa, pois estes eram representados através do desprezo e do escárnio. Ademais, será investigado o relacionamento entre protestantes e católicos na Paraíba.

O último capítulo tem como objetivo trabalhar a implantação e desenvolvimento do adventismo na Paraíba, bem como suas relações com o catolicismo e outros protestantes. As principais fontes foram: *A Revista Adventista*, os jornais *A União* e *A Imprensa*, as cartas pastorais e história oral. Ele terá como divisão: *Do Sul rumo ao Norte; Os primeiros Grupos Adventistas; Igreja de Serra das Laranjeiras e Baixa Verde; Igreja Adventista de Campina Grande; Igreja Adventista de João Pessoa e Igreja Adventista de Cabedelo*.

Nele será trabalhado, o desenvolvimento da IASD na Paraíba. Ela desenvolveu-se mais pelo interior do estado do que no litoral instalando-se nas cidades interioranas de em Pirpirituba (1911), Cabaceiras, São José das Pombas (atual Parari), São José dos Cordeiros (1921), Moreno (atual Solânea, 1921), Baixa Verde (Queimadas, 1925), Campina Grande (1935), São Tomé (atual Sumé, 1936), Gravatá de Mulungu (1937), Pombal (1937), Serra Branca (1939), Catolé do Rocha (1943), São Bento (1945), Natuba (1948) e no litoral nas cidades de João Pessoa (1937) e Cabedelo (1940).

A primeira parte desse capítulo destina-se a compreender o processo que culminou com a chegada do adventismo na Paraíba e os primeiros anos de trabalho missionário no estado. No segundo, foram trabalhados os primeiros grupos adventistas de forma geral. As outras partes estão destinadas às igrejas acerca das quais se possuía uma quantidade maior de informação que foram as igrejas de Serra das Laranjeiras, Baixa Verde, Campina Grande, João Pessoa e Cabedelo.

1. UMA IGREJA REMANESCENTE

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) é um dos grupos remanescentes de um movimento religioso messiânico norte-americano conhecido como movimento milerita. Esse movimento se dividiu em vários grupos e um deles se tornou a IASD que se instalou no Brasil no final século XIX. Esse capítulo irá trabalhar origem da IASD, a sua chegada ao Brasil e os primeiros anos do seu crescimento no país.

1.1. Origem do Adventismo: O movimento milerita

A origem da Igreja Adventista remonta ao movimento *milerita*³. Ele surgiu nos Estados Unidos da América (EUA) na primeira metade do século XIX, no contexto de movimentos messiânicos, através da divulgação dos estudos de Guilherme Miller⁴. Segundo Monteiro (2010), os movimentos messiânicos possuem suas crenças fundamentadas na chegada de um redentor que restaurará a paz e a harmonia.

Os movimentos messiânicos norte-americanos do século XIX

a) reivindicavam certa primazia de *iluminação* interior e do Espírito Santo, predominando não apenas sobre a Tradição, mas também sobre as próprias Escrituras; b) pregavam que a Revelação não poderia estar terminada e que, portanto, uma nova era, a era do Espírito, reclamava novos profetas e os forneceria; c) propunham, finalmente, realizar a Igreja como um mundo dentro do mundo, e sua recusa de relações com os poderes estabelecidos tinha por corolário a obrigação, para a sua Igreja, de se transformar mais ou menos numa autarquia econômico-política (OLIVEIRA FILHO, 2004, p. 157-158).

Além disso, eles surgiram e ganharam força durante crises, porque

³O movimento milerita surgiu através dos estudos de Guilherme Miller (William Miller, em inglês). Nas principais obras em português que trabalham esse movimento, o seu nome é escrito apenas com um único “L” ao invés de dois, mesmo ele sendo derivado do sobrenome Miller. Por isso, nesse trabalho será utilizada essa grafia. A principal obra em português que trabalha sobre esse movimento chama-se *Adventismo: Origem e impacto do movimento Milerita* (2015) de George Knight. Em inglês, algumas das principais obras são: *Memoirs of William Generally Known as a Lecturer on the Prophecies, and second coming of Christ (1853)* de Sylvestre Bliss, *Miller Days of Delusion* (1924) de Clara Endicott Sears, *The Midnight Cry* (1944) de Francis D. Nichol, *Midnight and Morning* (1983) de Clyde E. Hewitt e *The Miller Heresy, Millenialism, and American Culture* (1987) de Ruth Alden Doan.

⁴Guilherme Miller (1782 - 1849) era um fazendeiro que após de desenganar com *deísmo* começou a estudar a Bíblia. Após alguns anos de estudos, ele começou a pregar em 1831 que Jesus voltaria por volta de 1843 e 1844. Para mais informações ver APÊNDICE U. Este trabalho utilizará a forma portuguesa de alguns nomes tendo vistas que eles aparecem assim nas principais obras em português que trabalham o tema. Alguns desses nomes são Guilherme (William ou Wilhelm), Josué (Joshua), José (Joseph) e Tiago (James).

as pessoas aguardam o fim do mundo ou uma renovação cósmica ou a Idade do Ouro, especialmente em tempos de profunda crise; anunciam a chegada iminente de um Paraíso terrestre para se defenderem contra o desespero provocado pela extrema miséria, a perda de liberdade e o colapso de todos os valores tradicionais (ELIADE, 1989, p. 135).

Eles buscam uma *era de ouro*, onde poderão encontrar paz e tranquilidade. Também trazem consigo uma visão escatológica (apocalíptica), onde o mundo natural é destruído ou renovado e apenas os eleitos serão salvos. A escatologia insiste que a nova criação não possa surgir a não ser a que o velho mundo seja completamente destruído. Existe uma obsessão para o retorno ao paraíso e a perfeição inicial. Para o cristianismo judaico,

o fim do mundo faz parte do ministério messiânico. Para os judeus, a chegada do messias anunciará o fim do mundo e a restauração do paraíso. Para os cristãos, o fim do mundo precederá o segundo advento de Cristo e o juízo final. Mas tanto para uns quanto para os outros, e o triunfo da história sagrada – patente no fim do mundo – implica, de certo modo a restauração do paraíso (ELIADE, 1963, p.60).

O Movimento Milerita encaixa-se no messianismo, pois pregava o fim do mundo com o retorno de Jesus, que purificaria a Terra e traria paz para aqueles que acreditassem no redentor prestes a vir. Além disso, o movimento surge em meio a crises e instabilidades causadas pela guerra contra a Inglaterra (1812) e pela crise do sistema escravocrata que se acentua como o surgimento de várias sociedades antiescravistas nos quais muitos líderes mileritas faziam parte. Esses líderes mileritas acreditavam que com o retorno de Jesus as injustiças causadas pela escravidão e outros fatores teriam seu fim e haveria paz por todo o mundo pela eternidade.

1.1.1. Guilherme Miller e seus estudos

Segundo Collins (2013), Miller era o mais velho de dezesseis irmãos de uma família de fazendeiros Batistas que moravam em Low Hampton. Ele teve pouca instrução formal, pois os professores só iam à sua comunidade três ou quatro meses e apenas durante o inverno. A partir do momento em que ele aprendeu a ler, começou a pedir livros emprestados e os lia durante a noite quando todos estavam dormindo.

Durante o dia, ele colhia pedaços de pinheiro que serviriam de alimento para lareira. O seu pai não queria vê-lo lendo, por isso, Miller esperava todos dormirem para começar a leitura. Contudo, certa noite o seu pai acordou e o obrigou a dormir, pois no dia seguinte deveria ter disposição para trabalhar na fazenda.

De acordo com Knight (2015), com o passar dos anos o seu pai foi aceitando as suas leituras e até permitiu que ele comprasse livros de vez enquanto desde que juntasse o dinheiro cortando lenha no seu tempo livre. Essa dificuldade em ter acesso aos livros terminou quando ele se casou com Lucy Smith⁵. Eles se conheceram enquanto Miller trabalhava em Poultney, Vermont, em um emprego de verão.

Após o casamento, eles ficaram morando em Poultney onde havia uma biblioteca pública e gratuita. Miller passava horas na biblioteca e também com intelectuais que lhe indicaram as obras de “Voltaire, Hume, Paine, Ethan Allen e outros escritores *deístas*”⁶ (KNIGHT, 2015, p. 27). Uma das pessoas que influenciou os seus estudos e a sua aproximação com o deísmo foi Matthew Lyon⁷. Miller, então, começou a questionar a Bíblia e passou a vê-la como

um sistema construído, em vez de verdade. Sua função principal parecia ser “escravizar a mente humana”. Por outro lado, seguindo a linha do deísmo, ele ainda acreditava em um ser supremo, que podia ser visto refletido no mundo da natureza e numa vida futura, na qual a felicidade estaria relacionada com a virtude moral da pessoa no estado terreno (KNIGHT, 2015, p. 28).

Durante doze anos Miller foi deísta e participou ativamente da sociedade. Ele exerceu os cargos de chefe de polícia, juiz de paz e de xerife, além disso, tornou-se membro da maçonaria e chegou até o mais alto nível, conforme Knight (2015). Em 1812, Miller alista-se voluntariamente ao exército americano para participar da guerra contra a Inglaterra⁸. Sua popularidade e confiabilidade eram tão grandes que quarenta e sete homens de Poultney

⁵ Lucy Phebe Smith Miller (1782-1854) morava com sua família em Poultney, Vermont, a cerca de 6 milhas da casa Miller em Low Hampton, Nova Iorque. Para mais informações ver APÊNDICE U.

⁶ Os deístas acreditavam que “Deus criou o mundo e o pôs em marcha sob leis inalteráveis de causa e efeito. Em harmonia com tais leis, os homens deveriam viver existências puras, bondosas e honestas; mas crer na oração, num Salvador [...] era considerado uma superstição infantil. Milagres, perdão e ressurreição requereriam que Deus agisse de modo contrário a suas próprias leis naturais e isto era inimaginável. Deus havia disposto o mundo como alguém que dá corda a um relógio, deixando-o em funcionamento por si mesmo” (MAXWEL, 1982, p5).

⁷ Matthew Lyon (1749 - 1822) era irlandês, mas viajou para as colônias americanas em 1765. Em 1774, mudou-se para um território que mais tarde chamar-se-ia de Vermont. No ano de 1776 ele se juntou ao exército continental, mas foi dispensado desonrosamente. Depois disso, ajudou a fundar o estado de Vermont e após três tentativas “venceu a eleição para a Câmara dos Deputados pelo 5º Congresso (1797-1799)” (HISTORY, ART & ARCHIVES, 2020). Ele mudou-se para Kentuck em 1800 e em 1802 venceu a eleição para a câmara desse estado e tornou-se o segundo membro a representar dois estados diferentes.

⁸ Segundo Karnal (2007), a guerra de 1812 ou guerra Anglo-americana de 1812 (1812-1815) ocorreu durante o contexto das *guerras napoleônicas*. A Inglaterra tentava evitar que a ex-colônia negociasse com a França e por isso elevou os impostos e aprisionava os navios norte-americanos para forçar seus tripulantes a lutarem nas suas tropas. Em 1812 o presidente James Madison (1751 -1836) e o congresso americano declararam guerra à Inglaterra, mesmo após o governo de Londres já ter retirado as restrições de comércio dos Estados Unidos. A guerra acabou oficialmente com o tratado de Gante no dia 8 de janeiro de 1815.

disseram que iriam para a guerra se Miller os liderasse. Durante a guerra, ele exerceu várias funções até chegar a capitão do exército.

Durante a guerra, Miller começou a desacreditar do deísmo movido pela dúvida em três de seus pilares: a esperança na vida após a morte, a bondade humana e a não intervenção divina. Na primeira, porque “enquanto os deístas reivindicavam crer na vida após a morte, na realidade suas pressuposições logicamente conduziam para o nada, depois da morte” (KNIGHT, 2015, p.29). As mortes no campo de batalha e as mortes de familiares fizeram questionar a própria mortalidade a ponto de escrever o seguinte:

Em pouco tempo, assim como Spencer [um amigo do exército], eu não existirei mais. É uma constatação séria. Se eu tivesse certeza acerca de outra vida, não seria nada terrível; mas ir embora como uma vela extinta é um pensamento insuportável; - é doloroso. Não! Ao menos deixe-me agarrar àquela esperança que garante uma existência sem fim; uma existência futura, na qual os problemas cessarão e as lágrimas não encontrarão mais lugar; em que a primavera sem fim florescerá e o amor, puro como neve, habitará em cada coração (KNIGHT, 2015, p.30).

Miller demonstra claramente medo do pós-morte e isso o fez questionar o deísmo. Na segunda dúvida, Miller, ao olhar para história, não via como o ser humano poderia ser naturalmente bom, como pregava o deísmo. Quanto mais ele lia sobre história, mais achava o ser humano terrivelmente corrupto. Para Miller (1842), até os conquistadores do mundo e heróis da história não eram nada mais do que demônios em forma humana e ele começou a ficar desconfiado de todas as pessoas.

A última está mais ligada aos eventos ocorridos na batalha de Plattsburg⁹. Miller estava presente nessa batalha e era capitão do exército norte-americano. Durante a batalha um tiro de canhão caiu a um metro dele e de outros três homens sendo que ele foi o único que saiu ileso, de acordo com Collis (2007).

Depois disso, Miller passou a acreditar que apenas uma intervenção divina teria feito ele sair vivo do campo de batalha. Ele também começou a acreditar que Deus estava a favor do seu país, pois “nessa batalha, um pelotão de 1.500 soldados e 4 mil voluntários enfrentou e derrotou 15 mil soldados britânicos muito bem preparados, incluindo alguns dos quais haviam então recentemente sido vitoriosos sobre Napoleão (KNIGHT, 2015, p.30).

Com o fim da guerra e com o falecimento do seu pai, Miller volta a morar em Low Hampton, New York, para cuidar da sua mãe. Além de ficar afastado dos seus amigos deístas,

⁹A batalha de Plattsburg (6 a 11 de setembro de 1814) ocorreu na cidade de Plattsburg, New York, durante a guerra Anglo-Americana. Ela tinha como objetivo evitar a invasão das tropas britânicas nessa cidade.

ele voltou a frequentar a Igreja Batista com sua família para fazer companhia a sua mãe. Isso fez com que ele se aproximasse novamente da religião de sua infância e acentuasse suas dúvidas em relação ao deísmo. Ele estava tão envolvido com as atividades da igreja que algumas vezes quando o pastor daquela congregação (seu tio Elihu) faltava, Miller era chamado para ler sermões prontos de Proudfit¹⁰. Segundo Collins (2007), isso ocorreu por influência da sua mãe que queria vê-lo mais ativo na igreja.

O abandono total do deísmo ocorreu em setembro de 1816 e dois eventos foram importantes para isso. O primeiro, no dia 11, foi durante as comemorações da batalha de Plattsburg quando Miller e seus amigos pararam para ouvir o sermão da noite anterior da grande festa e voltaram para casa muito pensativos. O segundo, no dia 15, foi quando ele leu um sermão de Proudfit intitulada *O Dever dos Pais para com Seus Filhos*, Miller emocionou-se durante a leitura de tal modo que não conseguiu terminar e teve que se retirar do púlpito. Nesse sermão, Proudfit falava da importância do exemplo dos pais na criação religiosa dos filhos.

Para Collins (2007), o sermão mexeu profundamente com Miller. Mesmo sendo deísta e não acreditando que houvesse valor em ir à igreja, não crendo na oração, no estudo da Bíblia e em qualquer coisa da vida cristã, ele participava de tudo isso com sua família. Conforme Knight (2015), mesmo depois do dia 15 de setembro, Miller lutou consigo mesmo por algum tempo, mas ele se sentiu compelido, através da sua consciência, a acreditar em um salvador descrito na Bíblia e que a ele deveria ser a revelação de Deus.

Sobre seu sentimento após o retorno ao cristianismo, Miller escreveu:

Jesus Cristo se tornou para mim o melhor entre dez mil, e as Escrituras, que antes eram obscuras e contraditórias, agora se tornaram a lâmpada para meus pés e a luz para meu caminho. A minha mente se resolveu e se satisfez. Descobri que o senhor Deus é uma rocha no meio do oceano da vida. A Bíblia se tornou meu livro de estudo principal, e posso verdadeiramente dizer que passei a investigá-la com grande deleite [...]. Fiquei imaginando por que não vi sua beleza e glória antes, e me impressionou o fato de eu tê-la rejeitado. Encontrei nela revelado tudo o que o meu coração poderia desejar, e um remédio para cada doença da alma. Perdi todo o gosto por outras leituras, e apliquei meu coração a buscar a sabedoria de Deus (1842, p. 1).

Após a sua (re)conversão, Miller foi desafiado por um amigo deísta a harmonizar as incoerências e contradições da Bíblia. Ele aceitou o desafio e disse que se não conseguisse voltaria a ser deísta, então retornou os estudos da Bíblia iniciando no livro de Gênesis capítulo 1 e só passava para outro capítulo enquanto todas as suas dúvidas tivessem sido sanadas. Ele

¹⁰ Os sermões faziam parte de coletâneas pregações publicadas pelo reverendo Alexander Proudfit (1770-1843).

abandonou qualquer livro de estudo a não ser a concordância bíblica de Cruden¹¹, pois não queria ser influenciado por ninguém e usaria a Bíblia como sua própria intérprete de acordo com Maxwell (1982).

Os seus estudos foram fluindo até que ele se deparou com as profecias de tempo descritas nos livros de Daniel e Apocalipse. Dentre elas estavam as profecias das duas mil e trezentas tardes e manhãs¹². Após estudar as profecias de tempo, Miller chegou à conclusão que Jesus voltaria por volta de 1843.

Miller não foi o único a concluir que o fim das duas mil e trezentas tardes e manhã seria na primeira metade do século XIX. Segundo Froom (1954), cerca de sessenta e cinco pessoas de vários continentes chegaram à conclusão de que o fim dessa profecia seria em algum momento entre 1843 e 1847, contudo elas diferiam muito quanto o que aconteceria com o fim dela. Miller discordava da grande maioria deles, porque acreditava que no fim da profecia ocorreria o retorno de Jesus.

Outro ponto de divergência foi sobre em que momento ocorreria o milênio descrito em Apocalipse 20:4 – 7¹³. Conforme Knight (2015), Miller acreditava que o milênio ocorreria após a segunda vinda de Jesus ao contrário do que a grande maioria dos teólogos da época. A crença mais comum era que os mil anos iniciariam antes da segunda vinda de Cristo e seriam de pura paz. Essa crença estava enraizada na cultura americana no qual os

[...] líderes sociais e religiosos acreditavam que, apesar de um passado sombrio, os recentes desenvolvimentos políticos e tecnológicos começavam a prover o mecanismo para a criação de um céu na terra, tendo os Estados Unidos na liderança. Baseado nessa visão, o mundo anglo-saxão do início do século 19 foi envolvido por centenas de movimentos de reforma social e pessoal para o melhoramento da humanidade (KNIGHT, 2015, p.19).

¹¹ As concordâncias bíblicas são listas de palavras chaves que indicam as páginas que possuem termos semelhantes. A concordância bíblica de Cruden foi publicada em 1737 e tinha por base a *Bíblia King James*. Ela foi escrita por Alexander Cruden (1699-1770), estudioso bíblico, que a escreveu sozinho.

¹² Daniel 8:14: “Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 595). O texto traz uma parte da conversa entre dois santos. Miller acreditava que a purificação do santuário seria a purificação da Terra com fogo mediante a segunda vinda de Jesus e que as 2300 tardes e manhãs seriam na verdade 2300 anos e iniciariam em 457 a.C., a data da saída da ordem para restaurar Jerusalém.

¹³ Apocalipse 20:4-7: “Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos. Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão” (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 839). O texto descreve um período de mil anos em que Satanás ficará aprisionado.

Miller estava indo contra uma crença popular que ocasionara grandes mudanças em todo o país. “Essa visão e essa esperança positivas do milênio eram contestadas pelo milerismo. A mensagem de que a ‘era de ouro’ poderia ser inaugurada por meio do esforço humano era um desafio à crença central da América do Norte” (KNIGHT, 2015, p. 20). Contudo, as divergências acabavam por aí, pois o restante das crenças mileritas eram tradicionais e ortodoxas. Miller

não alcançou nenhuma surpreendente novidade. Sua doutrina e todos os outros aspectos virtualmente seguiam a ortodoxia. Sua cronologia meramente elaborava e refinava o tipo de cálculos que seus contemporâneos vinham fazendo havia algum tempo, mas se tornou mais dramática porque era mais exata e porque o evento predito era mais surpreendente (BLISS, 1853, p. 21-23).

Entre os anos de 1818 e 1823, Miller analisou cada possível contestação sobre os seus estudos. Conforme Knight (2015), ele estava tão firme com suas conclusões que elaborou uma declaração de crenças com vinte pontos e todos se encaixavam na ortodoxia da época, exceto a que dizia que Jesus voltaria por volta de 1843.

1.1.2. De atividade de um único homem a um movimento religioso internacional: o crescimento do movimento milerita

Ainda em 1823, Miller começou a expor os resultados dos seus estudos a amigos próximos e vizinhos e procurava algum pregador que se dispusesse a disseminá-los, mas não obteve êxito. Como uma forma de aliviar o peso que sentia por não estar pregando sobre os seus estudos, Miller preparou uma série de artigos e enviou com a assinatura W. M. para um jornal batista que se chamava *Vermont Telegraph*. O editor recusou-se a publicar sem conhecer a identidade do autor. Segundo Knight (2015), os artigos foram publicados em dezesseis edições a partir de 15 de maio de 1832.

Entretanto, antes mesmo da publicação dos artigos, Miller iniciou sua carreira como pregador. Após relutar muito, Miller prometeu que se alguém o chamasse a pregar, ele falaria dos seus estudos. Cerca de trinta minutos depois, o seu sobrinho Irving bateu em sua porta pedindo que pregasse na Igreja Batista de Dresden, pois o pastor não poderia passar a mensagem naquele dia.

Mesmo não querendo ir, mas impelido pela sua promessa, Miller foi a Dresden. Conforme Maxwell (1982), o culto foi realizado na cozinha e ele ficou todo tempo sentado em

uma poltrona. O seu sermão causou impacto e impressionou os que estavam ali de tal modo que depois daquele dia ele receberia vários convites para pregar. Os convites vinham de *Igrejas Congregacionais, Batistas, Metodistas e Presbiterianas* e eram tantos convites que ele não estava dando conta e começou a publicar por conta própria folhetos dos seus sermões para distribuí-los.

Durante muitos anos, ele pregou apenas em pequenas cidades, mas isso mudou no outono de 1839, ao final de um culto em Exeter, New Hampshire. Josué Vaughan Himes¹⁴, um homem bem reconhecido pela luta contra a escravidão, foi ao encontro de Miller e pediu para que ele pregasse em Boston. Depois disso, Himes passou a convencer pastores das cidades grandes a abrir as portas para os sermões de Miller.

Himes desempenhou um papel fundamental no Movimento Milerita tornando-se uma das quatro principais pessoas do movimento que respectivamente foram Miller, Himes, Josias Litch¹⁵ e Carlos Fitch¹⁶. “Himes promoveu a organização e estrutura necessária para transformar o milerismo de um movimento de uma só pessoa em um movimento amplo; ele transformou uma doutrina do advento em uma causa” (KNIGHT, 2015, p. 70).

Com a liderança dele, o movimento não mais esperava o convite das congregações. Foram organizadas séries de palestras com técnicas de relações públicas para tornar a mensagem do advento algo urgente e que as igrejas precisavam dedicar atenção. Os mileritas estavam motivados em advertir a população da sua mensagem e por isso não tinham tempo a perder. Uma das principais contribuições de Himes foi o uso exaustivo da imprensa.

No início de 1840, Himes lança o periódico “Signs Of The Times” o primeiro jornal adventista¹⁷ milerita. Depois desse jornal muitos outros surgiram como “Midnight Cry, Glad Tidings, Advent Chronicle, Jubilee Trumpet, Philadelphia Alarm, Voice of Elijah, Southern Midnight Cry, Western Midnight Cry, True Midnight Cry e vários outros” (MAXWELL, 1982,

¹⁴Josué Vaughan Himes (1805-1895), Joshua em inglês, era um pastor da Conexão Cristã e, segundo Knight (2015), em 1839, Himes conhece Miller e abriu as portas para igrejas das grandes cidades. Ele também criou diversos periódicos mileritas e utilizou estratégias publicitárias para divulgar o milerismo. Himes transformou um pequeno movimento de interior em um grande movimento com divulgação internacional. Para mais informações ver APÊNDICE U.

¹⁵Josias Litch (1809 -1886) era a terceira pessoa mais influente do movimento milerita. Ele se uniu ao milerismo após estudar um livro com sermões de Miller e ao ver que as conclusões eram razoáveis dedicou a sua vida a difundi-las. Para mais informações ver APÊNDICE U.

¹⁶ Carlos Fitch (1805–1844) foi a quarta pessoa mais importante para o milerismo. Ele era pastor da igreja congregacional de Boston e envolvido com o movimento abolicionista a tal ponto que escrever um livro sobre o assunto. Após aceitar se unir ao movimento milerita, ele dedicou-se inteiramente à causa até a sua morte em outubro de 1844. Para mais informações ver APÊNDICE U.

¹⁷ As publicações mileritas recebiam o nome adventista porque pregava o advento, segunda vinda, de Jesus.

p. 15). Foram produzidos mais de quarenta periódicos antes de 1844 e por meio deles muitas pessoas juntaram-se ao movimento sem nunca ter ouvido um pregador.

A divulgação dos periódicos era feita através de agentes de venda que chegaram a ganhar uma comissão de vinte por cento de cada assinatura realizada. Aparentemente a estratégia deu certo, pois em 15 de janeiro de 1842 o *Signs* possuía “cinco mil assinantes e 50 mil leitores” (KNIGHT, 2015, p.72) e quanto mais subia o número de assinantes mais convites Miller recebia.

Além dos periódicos, mais de quarenta livros foram publicados formando uma espécie de biblioteca do segundo advento ou adventista. O objetivo era que cada cidade em que fosse pregada a mensagem do advento tivesse uma biblioteca¹⁸ dessas para que as pessoas pudessem pegar livros emprestados e devolvê-los depois.

Himes também criou uma série de pequenos folhetos que se chamavam *Words of Warning* (palavras de advertência). Além disso, foram publicados hinários adventistas, coleções de hinos, e foram criados selos com textos bíblicos relacionados à breve volta de Jesus. Ademais, eram utilizados jornais de fora do movimento para publicação de notícias, sermões, anúncios, etc.

A distribuição de publicações adventistas também foi variada. Além dos agentes de distribuição, foram enviadas coleções de literaturas para agentes do correio de todos os Estados Unidos com instrução de distribuir para todos que recebessem correspondências. Também enviaram literatura pelas embarcações destinadas aos mais variados lugares do mundo para serem entregues preferencialmente em postos missionários protestantes.

Outra contribuição importante de Himes foi a implantação das Assembleias Gerais Regulares. Elas não eram uma estrutura organizacional, mas “encontros periódicos de crentes com objetivos comuns e não tinham autoridade denominacional alguma além de apresentar resoluções para a análise dos crentes” (KNIGHT, 2015, p.78). Essa contribuição foi espelhada na denominação Conexão Cristã a qual Himes fazia parte.

Com a liderança de Himes, tanto os periódicos como as assembleias gerais foram a única, ou pelo menos a principal, estrutura do adventismo Millerita. É difícil

¹⁸ A criação de uma biblioteca do segundo advento era uma forma de instar-se naquela região e “instalar-se num território equivale, em última instância, a consagrá-lo” (ELIADE, 1992b, p. 23). As bibliotecas seriam um local de comunicação com Deus e por onde ele transmitiria as suas verdades. Segundo Eliade (1992b), para o homem religioso, o território ainda não habitado por ele é desconhecido, estrangeiro, desocupado (nesse caso, desocupados por algum dele), é um caos. Esse lugar é *outro mundo*, “um espaço estrangeiro, caótico, povoado de espectros, demônios, ‘estranhos’ (equiparados, aliás, aos demônios e às almas dos mortos)” (ELIADE, 1992b, p. 21). Sendo assim é necessário que os seus se espalhem para consagrar o máximo de lugares possíveis instalando-se neles.

[...] superestimar a importância das assembleias gerais para a expansão do milerismo. Essas reuniões colocavam os líderes em contato uns com os outros, proviam fóruns para desenvolver estratégias e coordenar os esforços do número de adventistas que cresciam rapidamente, além de criar oportunidades para o encorajamento e inspiração mútuos. Entre outubro de 1840 e junho de 1842, as assembleias foram o centro da obra milerita (KNIGHT, 2015, p. 78).

A primeira assembleia geral ocorreu em Boston em outubro de 1840. Qualquer pessoa poderia participar como expectador, mas somente aquelas que passassem por um cadastro e por uma supervisão poderia participar das discussões para que desta forma o tempo não fosse tomado por pessoas mal intencionadas. Os organizadores deixaram bem claro que não estavam formando uma nova denominação religiosa e que os participantes deveriam continuar nas suas congregações¹⁹.

Várias outras assembleias foram realizadas e à medida que 1843 se aproximava, elas se tornavam mais frequentes. Nessas reuniões foram confirmadas a crença no fim do mundo em 1843, a realização de campanhas e a apresentação e aconselhamento da utilização do gráfico profético criado por Carlos Fitch e Apollos Hale²⁰ que mostrava as profecias de tempo e como elas culminavam com o fim do mundo em 1843. Além das Assembleias Gerais também foram realizadas cerca de 120 Assembleias Locais que eram mais voltadas a questões evangelísticas, segundo Knight (2015).

Contudo, Himes obteve várias críticas em relação ao seu trabalho entre elas a de dominador. Essa dominação,

no entanto, provavelmente foi um ingrediente essencial na promoção bem-sucedida que fez do adventismo milerita. Era necessário que houvesse uma personalidade enérgica para introduzir uma doutrina impopular na percepção de um mundo que não a desejava. Himes era o homem para essa tarefa. Ele assumiu a visão do fim do mundo, tinha uma convicção firme de seu lugar na história profética e essa compreensão o motivava a colocar seus consideráveis talentos em prol de Miller e sua causa. Sob sua liderança, o milerismo foi transformado a partir da atividade de um único homem em um movimento religioso nacional, e até mesmo internacional (KNIGHT, 2015, p. 85).

Em janeiro de 1843, Miller finalmente disse que o retorno de Jesus seria em algum momento entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844²¹. É importante frisar que nem

¹⁹ Nem Miller, nem os principais líderes do milerismo queriam organizar uma nova denominação. Eles acreditavam que o movimento era um local para todos os que criam na segunda vinda de Jesus e que seus membros seriam mais úteis na divulgação da segunda vinda de Jesus se cada um pregasse nas próprias denominações ao invés de ficar isolados em um espaço único apenas com os seus.

²⁰ Apollos Hale (1807-1898) era pastor metodista na Nova Inglaterra. Criou junto com Carlos Fitch o gráfico profético de 1843. Ele foi editor dos periódicos *Advent Shield* e *Advent Herald*. Para mais informações ver APÊNDICE U.

²¹ Ano judaico vigente após o fim da profecia das duas mil e trezentas tardes e manhãs do livro de Daniel 8:14.

Miller e nem seus associados marcaram um dia exato. Contudo, algumas pessoas dentro do movimento começaram a estabelecer alguns dias como 3 de abril, 15 de fevereiro ou até 14 abril, este último por ser dia de páscoa, porém Miller não concordou com nenhuma delas. Os editores da *Signs*, como uma forma de mostrar a desaprovação de marcar a data exata escreveram:

Solenemente protestam contra o estabelecimento [de] hora, dia ou mês do fim do mundo. Dentro do ano, há vários eventos e suas celebrações que podem determinar o fim de todas as coisas, mas nunca estabelecemos um dia em particular [...]. Nem o Sr. Miller nem os principais palestrantes olham para algum tempo em particular, em 1843. Estamos dispostos a deixar o tempo nas mãos de Deus, e vamos trabalhar para estar prontos, não importa quando ele venha (KNIGHT, 2015, p. 120).

Para os mileritas, o ano de 1843 foi um ano de muitas expectativas e também de muito trabalho. Eles se dedicaram ainda mais, pois acreditavam firmemente que Jesus voltaria ainda naquele ano e por isso tinham que advertir o máximo de pessoas possíveis. Logo procuravam se expandir para lugares com pouca difusão do milerismo como o sul do país. Como a grande maioria dos líderes mileritas eram abolicionistas, houve uma forte resistência do sul do país em receber as ideias mileritas.

O chamado *tempo do fim* estava próximo e tanto os mileritas como seus opositores se tornaram mais severos nas suas relações. Os jornais adventistas mileritas ficaram mais agressivos com aqueles que não concordavam com suas ideias e defendiam-se das acusações dos opositores e os opositores faziam chacota e os expunham ao ridículo²².

Um exemplo claro disso pode ser visto nas publicações do *Universalist*, de Hartford, que em seis meses chamou os mileristas de “‘simplórios’, ‘iludidos’, ‘ignorantes’, ‘ridículos’, ‘desacreditados’, ‘iletrados’, ‘empolgados’, ‘grossos’, ‘malcriados’, ‘cegos’, ‘fanáticos’, ‘maldosos’, ‘imbecis’, ‘impostores’ e ‘fraudulentos’ (KNIGHT, 2015, p. 132). Os mileritas também sofreram intimidações, vandalismo, ataques verbais e embaraço das reuniões.

A perseguição aos mileritas também ocorreu no âmbito religioso. Inicialmente as igrejas não mais permitiam as reuniões e eventos mileritas nos seus templos e salões. Depois passaram

²² Isso era feito através de representações negativas. Como os mileritas pregavam o retorno de Jesus entre 1843 a 1844, eles possuíam divergências doutrinárias com as denominações já instituídas o que causavam um choque de identidades. Os opositores dos milerismo faziam uma classificação da sociedade no qual eles mesmo eram representados de forma positiva enquanto os mileritas de forma negativa. A primeira era vista como o modelo a ser seguido enquanto o segundo era visto como o pior da sociedade.

a eliminar do roll de membro os que insistam em disseminar as ideias mileritas e por último os pregadores e pastores mileritas foram expulsos de suas congregações²³.

Com a expulsão dos mileritas das igrejas, eles foram obrigados a criar *Comissões Adventistas* que se assemelhavam a pequenas congregações²⁴ ou deixariam de se reunir. Dar um nome a essas congregações foi muito questionado, pois dava a entender que o movimento estava tornando-se uma igreja organizada e isso feria seus princípios. Mesmo os líderes do movimento sendo contra organizar uma denominação, o movimento já estava se comportando como uma chegando ao ponto de ordenar pastores.

Com o desenrolar de 1843 a situação foi ficando mais tensa a ponto de Carlos Fitch, em 26 de julho, pregar um sermão sobre Apocalipse 18:1-5²⁵ e 14:8²⁶ que conclamava os mileritas a saírem da Babilônia espiritual²⁷, nesse caso, qualquer igreja que não aceitasse a mensagem do segundo advento de Jesus. Miller nunca foi a favor disso, pois, para ele, só quem deveria sair de suas igrejas eram aqueles que fossem expulsos. À medida que os mileritas passaram a sair de suas congregações, por conta própria, movidos pelo chamado de sair da babilônia, eles foram rotulados de sectários e isso passou a ser outro problema ao movimento.

O ano de 1843 já estava terminando e nada havia acontecido até o momento. Isso fez com que os mileritas se esforçassem mais em espalhar suas ideias. Segundo Knight (2015),

²³ Segundo Silva (2008), a afirmação da identidade se faz através da inclusão e exclusão. Delimitam-se as fronteiras, estipula-se o que faz parte ou não daquela determinada identidade e o restante é excluído. Os mileritas que continuassem a pregar as ideias do movimento passaram a ser perseguidos nas suas denominações de origens por não se encaixarem dentro das delimitações estipuladas naquela identidade religiosa. Desta forma, eles eram uma ameaça estabilidade daquele grupo social e por isso foram excluídos.

²⁴ Por serem excluídos do grupo social de origem, surge um novo grupo social formado exclusivamente de pessoas que possuíam a identidade adventista milerita. Aos poucos se cria uma nova identidade religiosa unida pelo nome *adventista*. Ao se darem um nome eles afirmam a sua identidade através da exclusão, pois ao dizerem quem são também dizem quem não são, conforme Woodward (2008).

²⁵ Apocalipse 18: 1-5: “Depois destas coisas, vi descer do céu outro anjo, que tinha grande autoridade, e a terra se iluminou com a sua glória. Então, exclamou com potente voz, dizendo: Caiu! Caiu a grande Babilônia e se tornou morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável, pois todas as nações têm bebido do vinho do furor da sua prostituição. Com ela se prostituíram os reis da terra. Também os mercadores da terra se enriqueceram à custa da sua luxúria. Ouvi outra voz do céu, dizendo: Retirai-vos dela, povo meu, para não serdes cúmplices em seus pecados e para não participardes dos seus flagelos; porque os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou dos atos iníquos que ela praticou” (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 838).

²⁶ Apocalipse 14:8: “Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição” (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 836).

²⁷ Conforme Knight (2015), até o verão de 1843, os mileritas associavam *Babilônia* com o catolicismo. Possivelmente porque o milerismo surge e se desenvolve principalmente no meio protestante. A identidade protestante se contrapunha a católica representando-a negativamente como *Babilônia, mãe das meretrizes*, etc. Contudo, quando os mileritas foram expulsos das igrejas protestantes, o protestantismo, em geral, não mais fazia parte da sua identidade e passou a ser representado negativamente também como filha da Babilônia ou fazendo parte da grande babilônia que era um sistema corrupto e herege que se afastou da palavra de Deus. E isso “incluía tanto católicos romanos quanto aqueles protestantes que rejeitavam os ensinamentos da breve vinda pré-milenarista de Cristo. As igrejas protestantes haviam caído no sentido de que, como a sua precursora [a Igreja Católica], se tornaram opressoras e sucumbiram às tentações da auto-exaltação e cobiça pelo poder” (KNIGHT, 2015, p.142).

Himes pretendia espalhar cerca de um milhão de pequenos folhetos nos poucos meses que restavam e Miller fez sua sétima e última série de conferências antes da data limite do fim do mundo, 21 de março de 1844. Ele continuou pregando até 14 de março de 1844 e depois foi esperar o fim do mundo em casa.

1.1.3. Os desapontamentos: os últimos momentos do crescimento do milerismo

Finalmente chegou o dia o último dia do período estabelecido por Miller (21 de março de 1843 a 21 de março de 1844), ele esperou o dia passar em casa, contudo nada aconteceu. Alguns mileritas ainda estenderam o prazo para dia 18 de abril de 1844, mas também nada aconteceu. Devido o sentimento causado pelo não retorno de Jesus, esse dia ficou conhecido como o dia do *desapontamento da primavera*²⁸. Alguns dias depois, Miller enviou uma carta a Himes onde escreveu:

Estou agora sentado “a frente de minha antiga escrivaninha no cômodo leste. Tendo recebido a ajuda de Deus até o presente, ainda estou procurando o querido Salvador [...]. O tempo, como havia calculado, agora já passou; e espero a qualquer momento ver o salvador descer do céu. Não tenho mais nada a aguardar, a não ser essa esperança gloriosa. [...] espero ter purificado minhas vestes do sangue das almas. Sinto que fiz tudo o que estava em meu poder, e me libertei de toda culpa de sua condenação. [...] se Deus tiver algo mais para eu fazer em sua vinha, ele me dará força, abrirá a porta e me capacitará a fazer tudo o que seja de sua vontade, para sua glória e o bem da humanidade. (KNIGHT, 2015, p.149).

As palavras de Miller demonstram o senso do dever cumprido. No início do movimento, ele havia hesitado em pregar com medo de levar alguém ao erro. Contudo, ele começou a divulgar seus estudos após se sentir impressionado por ter recebido o convite de pregar poucos minutos depois de fazer a promessa de que iria disseminar seus estudos se alguém o convidasse para pregar. Ele demonstra confiança no retorno de Jesus ainda em seus dias e livre da culpa porque fez tudo o que podia para salvar as pessoas da morte mediante o retorno de Jesus.

²⁸ O milerismo passou por dois desapontamentos: o *desapontamento da primavera* (21 de março de 1844) e o *grande desapontamento* (22 de outubro de 1844). No primeiro, foi Miller em 1843 que estipulou um período para o retorno de Jesus (21 de março de 1843 a 21 de março de 1844). Esse desapontamento foi um duro golpe e estagnou por alguns meses o crescimento do milerismo, mas não causou o seu fim. No segundo, o impacto foi maior. Ao contrário do anterior, esse teve uma data exata que foi marcada pelo *movimento do sétimo mês*. Esse movimento acreditava que Jesus voltaria em 22 de outubro de 1844. O grande desapontamento teve terríveis impactos no milerismo causando a divisão do movimento em vários grupos adventistas que alegavam ser os verdadeiros herdeiros do movimento milerita. Isso ocasionou enfraquecimento do milerismo e quase o fim dos seguidores de Miller.

O Milerismo não ruiu completamente com o desapontamento da primavera. Isso aconteceu porque os líderes do movimento sempre alertavam que poderiam ter errado nas contas ou nos fatos históricos que embasavam seus cálculos. O movimento ainda continuou suas atividades esperando o retorno de Jesus e o fim do mundo para um momento próximo.

Contudo, era necessário explicar o que deu errado, então voltaram a estudar a Bíblia e baseado no texto bíblico das dez virgens (Mateus 25: 1-15²⁹), Habacuque 2:2 e 3³⁰ e em Hebreus 10:36 a 39³¹ propuseram que eles estavam passando pelo *tempo de tardança*³² e o dever deles era de continuar a proclamar o retorno de Jesus. Porém, mesmo assim, o evangelismo milerita ficou praticamente estagnado até agosto de 1844, contudo houve um pequeno crescimento nos periódicos adventistas, segundo Knight (2015).

Durante o período de tardança, Miller considerou um erro ter marcado um período para o fim do mundo, todavia foi exatamente isso que causou um reavivamento do milerismo. Durante a Campal de Exeter, New Hampshire, em agosto de 1844, Samuel Sheffield Snow³³ apresentou seus estudos que iniciaria algo que ficou conhecido como *movimento do sétimo mês*³⁴.

²⁹ Mateus 25:1-13: “Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo. Cinco dentre elas eram néscias, e cinco, prudentes. As néscias, ao tomarem as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo; no entanto, as prudentes, além das lâmpadas, levaram azeite nas vasilhas. E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram. Mas, à meia-noite, ouviu-se um grito: Eis o noivo! Sai ao seu encontro! Então, se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas. E as néscias disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão-se apagando. Mas as prudentes responderam: Não, para que não nos falte a nós e a vós outras! Ide, antes, aos que o vendem e comprai-o. E, saindo elas para comprar, chegou o noivo, e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta. Mais tarde, chegaram as virgens néscias, clamando: Senhor, senhor, abre-nos a porta! Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço. Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora” (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 655). O texto é conhecido como a parábola das dez virgens, ele fala de dez virgens sendo cinco prudentes e cinco néscias, irresponsáveis. As prudentes estão preparadas para um possível atraso do noivo enquanto as néscias, não. Para os mileritas, o noivo representava Jesus que estava se *atrasando* e eles eram as virgens prudentes que esperavam o noivo preparadas para uma tardança.

³⁰ Habacuque 2:2,3: “O Senhor me respondeu e disse: escreve a visão, grava-a sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo. Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim e não falhará; se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará” (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 617).

³¹ Hebreus 10:36-39: “Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcancéis a promessa. Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará; todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma” (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 813).

³² Os três textos foram interpretados como se referindo a segunda vinda de Jesus e eles falam de um período de tardança (demora). Logo, os mileritas passaram a acreditar que estavam no *período de tardança* que antecederia a retorno de Jesus. Jesus demoraria um pouco, mas voltaria em breve.

³³ Samuel Sheffield Snow (1806-1890) desenvolveu os estudos que fez surgir o *movimento do sétimo mês*. Com base nos estudos de Snow o retorno de Jesus foi marcado para 22 de outubro de 1844. Para mais informações ver APÊNDICE U.

³⁴ O movimento do sétimo mês surgiu dentro do próprio milerismo. Seguindo os estudos de S. S. Snow, eles pregavam que a segunda vinda de Jesus seria em 22 de outubro de 1844, no décimo dia do sétimo mês do calendário judaico que era o dia da expiação. Esse movimento foi liderado por Snow e George Storrs (1796-1879).

Para Snow, as festas judaicas eram as chaves para interpretação das profecias que falavam da segunda vinda de Jesus. Ele relacionou o advento de Jesus com o dia da *expição* que ocorre no décimo dia do sétimo mês do calendário judaico e naquele ano, segundo os cálculos dos *judeus caraitas*³⁵, esse dia seria 22 de outubro.

O que foi proposto por Snow em Exeter não era algo novo, o próprio Miller já havia indicado algo semelhante, mas preferiu abandonar a ideia. Antes mesmos dessa campal, em 21 julho, Snow já havia pregado em Boston os resultados dos seus estudos, mas só a partir de Exeter que o movimento do sétimo mês ganha proeminência. Isso ocorreu porque

os adventistas desapontados encontravam-se cansados da “tardança” e desejava de todo coração a vinda de Jesus. Esse anseio estava invariavelmente conectado com o profundo sentimento do imperativo de advertir os vizinhos sobre o juízo iminente. O desfecho desses e de outros fatores foi que a mensagem do sétimo mês se espalhou com rapidez sem precedentes na experiência milerita (KNIGHT, 2015, p. 177).

Com o crescimento do movimento do sétimo mês, Snow e George Storrs³⁶ tornaram-se os novos líderes do movimento milerita. Esse deslocamento na liderança não foi algo tranquilo, mas Carlos Fitch foi a ponte que ligava a liderança mais tradicional (Miller, Himes, Litch) à mais carismática (Snow e Storrs).

De início, a maioria dos líderes tradicionais não aceitaram a data marcada pelo movimento do sétimo mês. Mas aos poucos, com a proximidade de 22 de outubro, foram aceitando. Miller só aceitou a data após muita pressão e apenas algumas semanas antes da data marcada. Um dos principais pontos para a adesão dos líderes tradicionais foi a aceitação quase que unânime dos integrantes do milerismo em um espaço de tempo muito curto. Eles consideraram que isso só seria possível com a intervenção divina, ou seja, para eles, Deus apoiava esse movimento.

Com uma nova data, 22 de outubro de 1844, os mileritas novamente dedicaram todos os esforços para pregar o breve retorno de Jesus. Muitas famílias venderam suas propriedades para auxiliar o envio e disponibilizar gratuitamente os impressos mileritas. Algumas venderam

³⁵ Os Judeus Caraitas são uma ramificação do judaísmo. Eles diferem do judaísmo rabínico por só aceitarem aquilo que foi revelado por Deus como autoridade de fé e por usar o calendário bíblico móvel iniciado no mês de abibe, quando a cevada está madura nos campos de Israel, e os meses começam na primeira lua nova visível. Já o judaísmo rabínico aceita o talmude e possuem um calendário fixo. Segundo Maxwell (1982), Snow utilizou em seus estudos o calendário caraita, isso ocorreu porque eles haviam preservados o calendário bíblico com as datas corretas. Desta forma, o dia da festa da expiação, dia da volta de Jesus segundo ele, poderia ser localizado no calendário secular de modo que estivesse de acordo com o calendário bíblico.

³⁶ George Storrs (1786- 1879) era abolicionista e membro da Igreja Metodista. Ele foi um pegador milerita e editor da *Western Midnight Cry*. Para mais informações ver APÊNDICE U.

tudo o que tinha por acharem que não precisariam mais de bens terrenos porque a segunda vinda de Jesus e o fim do mundo estavam próximos.

Alguns mileritas, uma parte bem pequena, estavam tão confiantes que deixaram de plantar ou de fazer a colheita das suas plantações. Outros fecharam seus negócios ou suspenderam suas atividades comerciais. Ainda teve aqueles que venderam tudo o que tinham para se dedicar inteiramente a propagar a mensagem do advento. Os filhos de alguns foram tirados da escola, pois se não havia futuro após 22 de outubro não precisavam estudar.

Com a aproximação da data marcada, os mileritas passaram por um dilema. Se vendessem as suas propriedades e deixassem suas atividades diárias eram tidos como fanáticos. E se não fizessem isso, eram vistos como incrédulos e, desta forma, mostravam que não acreditavam na mensagem que pregavam. Segundo Knight (2015), Miller sempre aconselhou aos participantes do movimento a continuarem suas atividades diárias, porém alguns líderes incentivavam o contrário.

O caso mais sério foi o da Filadélfia onde o Dr C. R. Gorgas³⁷ disse ter recebido uma visão de que Jesus voltaria às três horas da manhã do dia 22 de outubro. Ele conseguiu convencer cerca de 150 pessoas a deixarem a cidade e esperar o fim do mundo em barracas longe da civilização. Mesmo sendo poucos mileritas do montante que morava naquela cidade a segui-lo, esse episódio serviu para base para invenção de diversas acusações contra os mileritas como as de uso de vestes de ascensão³⁸.

Quanto mais perto chegava o dia marcado, mais diferentes eram as reações. A imprensa continuou a ser hostil e ataques aos locais de reuniões ficaram mais frequentes. As pessoas pediam perdão, tentavam reparar seus erros e se despediam das pessoas que eles achavam que não encontrariam no céu. Segundo Knight (2015), as estimativas do número de pessoas que aguardavam o retorno de Jesus para a data marcada seria algo entre 50 a 200 mil pessoas e de palestrantes algo entre 200 pessoas a 2 mil e “em janeiro de 1844, Miller estimou que, nos 12 anos anteriores, havia feito 4500 apresentações para cerca de 500 mil pessoas diferentes” (KNIGHT, 2015, p.146)

Mesmo os números mais modestos mostram uma grande quantidade de pessoas. Para Knight (2015), os seguintes fatores influenciaram a aceitação do milerismo: uma sociedade

³⁷ C.R. Gorgas era médico homeopata que alegou ter tido visões de Jesus dando mais informações sobre a sua segunda vinda.

³⁸ Vários mitos sobre os mileritas foram criados como forma de combatê-los. Entre eles estavam o das vestes de ascensão e insanidade milerita. “As acusações sobre as vestes da ascensão e a insanidade induzida pelo milerismo eram negadas pelos próprios mileritas na época. Pesquisadores como Francis D. Nichol e Ronald e Janet Numbers, comprovaram serem falsas as acusações” (KNIGHT, 2015, 134).

milenarista que buscava através dos esforços humanos iniciar os mil anos de paz e prosperidade que antecederia o retorno de Jesus; o segundo grande avivamento onde houve um afastamento do deísmo e uma aproximação com o cristianismo evangélico; individualismo Norte-americano que acreditava que as pessoas poderiam chegar à verdade com o estudo individual da Bíblia e o crescimento do restauracionismo cristão que redirecionava as pessoas de volta a Bíblia para restaurar a verdadeira doutrina da segunda vinda de Jesus.

Além disso, o mesmo autor destaca pontos importantes das características da mensagem de Miller como o literalismo e o racionalismo da mensagem onde a Bíblia era interpretada literalmente, quando o texto assim o permitisse, fugindo das interpretações alegóricas e metafóricas e o método voltado a captar a mente e não o coração dos ouvintes; uma hermenêutica de fácil acesso tratando a Bíblia como um livro auto-interpretativo.

Ademais, ela trazia crenças da ortodoxia, ou seja, as principais crenças mileritas se encaixavam nas crenças da maioria das igrejas da época; uso constante da Bíblia, portanto tudo deveria ser provado pela Bíblia; o uso da História para fazer comparativos das profecias bíblicas com eventos históricos; ênfase no breve retorno de Jesus como a solução para os problemas do mundo e a resposta para as pessoas e, por fim, a preocupação com a salvação das pessoas, logo as pessoas precisavam aceitar Jesus como seu vindouro Salvador.

Entretanto o principal motivo que levou o forte crescimento do milerismo foi porque os “mileritas eram impulsionados à missão porque viam a si mesmo como um movimento profético com uma mensagem que o mundo precisava ouvir desesperadamente” (KNIGHT, 2015, p. 10).

No dia marcado, Miller estava na sua fazenda, à grande maioria dos mileritas estavam em seus templos, mas nada aconteceu novamente e Jesus não voltou. Esse dia então ficou conhecido como o dia do *grande desapontamento*. Miller continuou acreditando que Jesus poderia voltar até o final daquele ano judaico, pois poderia ter havido algum erro nos cálculos. Alguns meses depois Miller desabafou o seguinte a Himes:

Apesar de desapontado duas vezes, ainda não estou abatido ou desmotivado. Deus tem estado comigo em Espírito e tem me confortado. Tenho agora muito mais evidências de que realmente creio na Palavra de Deus; e a despeito de estar cercado de inimigos e zombadores, minha mente ainda se mantém perfeitamente tranquila, e minha esperança na volta de Cristo está tão forte como sempre estive só fiz o que, após anos de séria consideração, senti que era meu dever solene fazer. Se errei foi pelo lado da caridade, por amor ao meu semelhante e por minha convicção de dever para com Deus (KNIGHT, 2015, p.210).

Da mesma forma que no desapontamento da primavera, Miller não demonstra remorso pelo erro. Para Miller, ele fez apenas seu dever e se errou em alguma coisa não era em ter levado as pessoas ao erro, mas pelo o amor ao semelhante. O grande desapontamento custou muito a Miller e aos seus seguidores e depois disso o milerismo nunca mais foi o mesmo.

1.1.4. A divisão do movimento Millerita: o surgimento das denominações Adventistas

Ainda em 1844, alguns líderes do milerismo manifestaram-se dizendo que o movimento do sétimo mês tinha sido um erro e nunca deveriam ter marcado uma data específica para o retorno de Jesus. O grande desapontamento foi um golpe muito duro ao movimento que agora estava ameaçado, pois muitos abandonaram de vez a fé nas crenças mileritas e os que sobraram estavam dividindo-se por causas de disputas teológicas.

Após o grande desapontamento, Himes tornou-se o principal líder do milerismo. Ele visitou membros, voltou a publicar os jornais e incentivava a criação de comissões adventistas³⁹. “Seu objetivo era com que os adventistas se reerguessem, mesmo em face das dificuldades internas e dos críticos externos” (KNIGHT, 2015, p. 203). A obra milerita agora passava por uma transformação deixando de ser evangelística, adquirir adeptos, para apenas de manutenção do movimento.

Himes, como principal líder, tinha a função de manter unidas as partes que sobraram do movimento. A partir de 1845, o Movimento Milerita começou a se dividir em vários grupos adventistas com teologias diversas e o principal ponto de discussão era sobre o dia 22 de outubro de 1844. Os líderes tradicionais (Miller, Himes, Litch), acreditavam que o erro estava sobre o tempo, ou seja, a data estava errada. Porém Joseph Marsh⁴⁰ acreditava que o problema estava na natureza do evento.

Como uma forma de tentar conciliar a controvérsia, Himes tentava utilizar a influência de Miller. Inicialmente, Miller tentou se afastar de todo tipo de discussões e problemas que envolvessem o adventismo, mas foi convencido por Himes a tomar partido. Para Miller, os

³⁹ A identidade adventista estava ameaçada por causa dos dois desapontamentos. Era necessário que os adventistas estivessem juntos para se apoiarem e o objetivo da criação das comissões era exatamente esta. Com o tempo essas comissões foram transformando-se em igrejas. Segundo Eliade (1992b), o espaço físico não é homogêneo para o homem religioso. Os espaços de culto são locais sagrados, as portas dos templos são locais onde ocorre uma ruptura dos espaços homogêneos profanos para os sagrados. Nos locais de culto ocorre a hierofania, manifestação do sagrado, e, para o homem religioso, são nesses locais que ocorre uma ligação entre a terra e o céu. Desta forma, as comissões adventistas ligavam os adventistas mileritas com o sagrado.

⁴⁰ Joseph Marsh (1802-1863) foi um líder importante do movimento milerita e editor de um dos seus periódicos intitulado *Voice of Truth*. Para mais informações ver APÊNDICE U.

adventistas deveriam focar seus esforços em pregar o breve retorno de Jesus e deixar os outros pontos teológicos de lado sendo o adventismo um movimento onde haveria liberdade de opinião e pensamento e não uma igreja organizada com crenças fixas.

Nem a influência de Miller foi o suficiente para evitar as primeiras divisões do movimento por motivos teológicos. A primeira grande controvérsia foi a teoria da porta fechada. Ela foi elaborada através dos estudos de Apollos Hale e Joseph Turner⁴¹ e para eles no dia 22 de outubro Jesus teria voltado espiritualmente e a porta da graça havia se fechado. Segundo eles,

a vinda do noivo não tinha sido completamente compreendida. Apesar de Cristo não ter voltado nas nuvens como esperado, ele tinha vindo espiritualmente, como o noivo para as bodas. Unindo esse conceito com a ida do filho do Homem ao Ancião de Dias, em Daniel 7⁴², Turner e Hale argumentaram que “o juízo é aqui”, e que Cristo não viria nas nuvens até que o julgamento estivesse completo – ou seja, até que ele retornasse do casamento. Enquanto isso, a porta da graça para a humanidade estaria fechada (KNIGHT, 2015, p. 221).

Seguindo essa linha de pensamento, só os que se converteram até 22 de outubro de 1844 estariam salvos e o restante da humanidade estaria condenada. Esse tipo de pensamento ia de encontro às crenças de Himes. A situação piorou quando S.S. Snow, junto com muitos dos seus seguidores, aderiram a essa ideia e começaram a chamar Himes e outros líderes de adventistas apóstatados que clamavam por uma porta aberta e que Deus os havia rejeitados.

Começou uma guerra teológica entre os adventistas da porta aberta e os da porta fechada. Uma das principais armas eram as declarações de Miller que hora estava de um lado e hora do outro. Os ataques também eram realizados através dos periódicos. Após muito trabalho,

⁴¹ Joseph Turner (1807 - 1880) desenvolveu junto com Apollos Hale a teoria da porta fechada. Para mais informações ver APÊNDICE U.

⁴² Daniel 7:13-22: “Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído. Quanto a mim, Daniel, o meu espírito foi alarmado dentro de mim, e as visões da minha cabeça me perturbaram. Cheguei-me a um dos que estavam perto e lhe pedi a verdade acerca de tudo isto. Assim, ele me disse e me fez saber a interpretação das coisas: Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis que se levantarão da terra. Mas os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão para todo o sempre, de eternidade em eternidade. Então, tive desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos os outros, muito terrível, cujos dentes eram de ferro, cujas unhas eram de bronze, que devorava, fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobejava; e também a respeito dos dez chifres que tinha na cabeça e do outro que subiu, diante do qual caíram três, daquele chifre que tinha olhos e uma boca que falava com insolência e parecia mais robusto do que os seus companheiros. Eu olhava e eis que este chifre fazia guerra contra os santos e prevalecia contra eles, até que veio o Ancião de Dias e fez justiça aos santos do Altíssimo; e veio o tempo em que os santos possuíram o reino” (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 594).

Himes finalmente conseguiu convencer Miller a ficar do seu lado, mas ele ainda precisa de mais apoio.

Dentre os adventistas da porta fechada, surgiram o que Knight (2015) chama de grupos “radicais” ou “fanáticos” com doutrinas estranhas como as que consideravam pecado trabalhar e fazer sexo. Outros praticavam ósculo santo⁴³, lava pés com sexo oposto e a união conjugal espiritual. Esta última consistia em prática sexual fora do casamento, pois consideravam que se Cristo voltou espiritualmente, então não haveria necessidade de casamento. Além desses, havia grupos que alegavam que seus membros recebiam visões vinda dos céus. Todos esses grupos foram combatidos pelos adventistas da porta aberta inclusive por Himes.

Foi para tentar controlar essas doutrinas e saber quem estava do seu lado que Himes organizou a *assembleia em Albany*⁴⁴, Nova York, que iniciou em 29 de abril de 1845. Essa foi a mais importante assembleia pós-1844 dos adventistas, pois dividiu definitivamente os adventistas moderados (porta aberta liderados por Himes) dos radicais (porta fechada que já haviam se divididos em vários grupos).

A convocação para Albany não foi dirigida para todos os adventistas, mas apenas para os da porta aberta que “ainda mantinha a fé adventista original”. A primeira convocação foi publicada no *Morning Watch* de 20 março e destacava Miller como um dos que estavam fazendo o convite. O propósito do encontro

não era debater controversas ou responder a “perguntas de discussão questionável”, mas: (1) “fortalecer um ou outro na fé do advento iminente”; (2) “fazer uma consulta sobre a melhor forma de realizar, unidos, a obra de confortar e preparar as congregações do advento para a breve vinda do senhor” e (3) “unir os esforços pela conversão e salvação de pecadores” (KNIGHT, 2015, p. 251).

Em Albany estiveram presentes Miller, que fez a oração inicial, e alguns dos principais líderes como Josué V. Himes, Josias Litch, Elon Galusha⁴⁵ e Sylvester Bliss⁴⁶. Porém a ausência de outros líderes como José Bates⁴⁷, Joseph Marsh, George Storrs, S.S. Snow e Joseph Turner

⁴³ É o ato de cumprimentar-se beijando o rosto.

⁴⁴ A Assembleia de Albany delimitou quem pertenceria à identidade adventista. Para Himes, a crença na porta fechada não era adventista e aqueles que a aderissem não seriam herdeiros do milerismo. Desta forma, essa assembleia serviu para que os adventistas liderados por Himes normalizassem o que era ser adventista. Assim, eles elegeram o próprio grupo social como o padrão, o correto, aquele que deveria ser seguido e possuidor das representações positivas. Enquanto isso, os adventistas da porta fechada eram os hereges, os traidores e os que eram representados negativamente.

⁴⁵ Elon Galusha (1790 – 1856) era filho do governador de Vermont, Advogado, pregador batista e abolicionista. Para mais informações ver APÊNDICE U.

⁴⁶ Sylvester Bliss (1814-1863) era ministro milerita e editor do *Advent Shield* junto com Himes e Apollos Hale. Para mais informações ver APÊNDICE U.

⁴⁷ José Bates (1792-1872), Joseph Bates, em inglês, foi marinheiro, capitão do mar, líder milerita e um dos fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia . Para mais informações ver APÊNDICE U.

chamou a atenção. O não comparecimento já demonstrava a sua oposição a Himes e ao movimento da porta aberta.

Após identificar os problemas de forma geral, Miller deu alguns conselhos específicos aos crentes. Ele os exortou a evitar contato com “qualquer pessoa cujo objetivo” fosse obter seguidores; permanecer sempre ao lado da lâmpada da Palavra de Deus, visto que alguns dos irmãos estavam caminhando “de acordo com as faíscas produzidas por eles mesmos”; não aceitar argumentos externos, mas adotar apenas a Bíblia como fundamento da fé; e fugir daqueles que criticam os pioneiros da mensagem (KNIGHT, 2015, p. 253).

Miller estava muito preocupado com as ideias do movimento da porta fechada que estavam crescendo no adventismo e, com essa declaração, tentava amenizar o avanço delas através da assembleia de Albany. Desta forma, seguindo as orientações de Miller, os delegados criaram cinco resoluções que deveriam ser seguidas por todos que participaram da assembleia.

Na primeira foram levantados dez pontos doutrinários relacionados com o advento e salvação. Na segunda foi elaborado um plano de ação evangelístico para alcançar todo o mundo. Na terceira foram criadas uma série de resoluções condenando algumas crenças consideradas e antibíblicas. Na quarta havia a recomendação para que os membros não se relacionassem “com qualquer pessoa que tivesse criado novos testes como condição de salvação, além da aceitação de cristo e ‘uma busca e um preparo para sua vinda’” (KNIGHT, 2015). Na última, os crentes foram encorajados a se envolverem no ministério evangélico.

Para difundir o que foi decidido em Albany, Himes e sua equipe realizaram assembleias em várias cidades. Porém, nem todos concordaram com o que foi decidido em Albany. Joseph Marsh não aceitou o levantamento de dez pontos doutrinários e acreditava que os líderes estavam querendo transformar o adventismo em uma igreja organizada. Apesar dele elogiar alguns pontos da assembleia, Marsh fez duras críticas a seu relatório. Tanto Himes quanto Miller opuseram-se às críticas de Marsh e defenderam as decisões de Albany.

Miller se mostrou contra uma organização, contudo ele era a favor de melhor estruturação para o desenvolvimento da pregação do segundo advento. Ainda na década de 1840, os líderes moderados perceberam que sem uma estrutura organizada seria muito difícil seguir em frente com a obra missionária. Era necessário manter missionários fora do país e essa necessidade foi levando-os para uma organização. Com a morte de Miller⁴⁸ a pressão para uma organização intensificar-se.

⁴⁸ Miller, faleceu no dia 20 de dezembro de 1849. Nos seus últimos momentos estava seu fiel e inseparável amigo Himes. Até a sua morte, ele odiou o separatismo e amargou profundamente o chamado de Carlos Fitch para os

De Albany à morte de Miller, as principais discussões estavam relacionadas à organização e elas se prolongariam até o final da década de 1850. Com a morte de Miller, outras questões teológicas ganharam destaques, à principal delas era sobre a imortalidade. Questões relacionadas a esse tema já tinham sido levantadas por Storrs em 1843, mas como o foco do movimento estava no breve retorno de Jesus, ela foi deixada de lado. Contudo, retornou e começou a ganhar grandes proporções dentro dos adventistas de Albany.

No início da década de 1850, os adventistas de Albany estavam dividindo-se em dois grupos, aqueles que estavam do lado de Himes e Litch e do outro os condicionalistas⁴⁹. Este último, tentou publicar seus estudos na *Herald*, periódico ligado aos adventistas de Albany, mas os editores não permitiram. Contudo, eles acharam espaços em outros periódicos como o *World's Crisis*. Porém, o auge da crise deu-se quando os adventistas da *Herald*⁵⁰, que estavam do lado de Himes, criaram a *Associação Adventista Evangélica Americana*⁵¹ para, segundo eles, disseminarem o adventismo original. Em 1858, esse grupo se organiza e forma uma denominação, os *Adventistas Evangélicos*.

Como o passar do tempo, os dois grupos se distanciavam cada vez mais. Tanto os adventistas da *Herald* quanto os do *Crisis* trocavam acusações o que causava um destacamento ainda maior. Além disso, a organização dos Adventistas Evangélicos ligados a *Herald* deixou os adventistas condicionalistas do *Crisis* horrorizados, pois acreditavam que a organização faria da denominação uma Babilônia. Porém, os próprios condicionalistas tiveram que se organizar em junho de 1860 criando uma denominação chamada de *Associação Cristã do Advento* diante das necessidades evangelísticas de enviar e manter os pastores no campo,

Todavia, a Associação Cristã do Advento dividiu-se em 30 de agosto 1863. O editor do *World's Crisis* começou a defender que os ímpios não ressuscitariam nos finais dos tempos e

crentes saírem das suas igrejas. Ele sempre foi contra a organização de uma denominação e até a morte se considerava um batista. Morreu sem arrependimento quanto à doutrina do segundo advento por estar convicto de que só fez aquilo que a consciência mandou. Ele foi enterrado no cemitério de Low Hampton e na sua lápide estava a citação do livro de Daniel: “No tempo determinado virá o fim”.

⁴⁹ Os condicionalistas acreditavam “que as pessoas recebem a imortalidade por meio da condição da fé em Cristo” (KNIGHT, 2015, p. 180).

⁵⁰ Tanto os adventistas ligados a *Herald* quanto os adventistas ligados ao *Crisis* faziam parte dos adventistas de Albany. Os primeiros estavam do lado de Himes e contra a crença condicionalista. O outro acreditava que homem não possuía imortalidade própria, mas uma imortalidade condicionada à fé em Jesus Cristo.

⁵¹ Houve uma divisão entre os adventistas de Albany. A *Associação Adventista Evangélica Americana* nomeou-se dessa forma para se diferenciar dos demais grupos adventistas que estavam surgindo. Contudo a diferenciação é uma forma de exclusão. Excluíam-se os adventistas da porta fechada e os condicionalistas. E ao dizer que essa associação serviria para pregar o *adventismo original*, ela estava normalizando o adventismo, ou seja, eles se representavam como o padrão, o correto e possuía características positivas enquanto os demais era o anormal, o errado e possuía as características negativas.

essa ideia ganhou força quando George Storrs a apoiou. Então, os que estavam do lado de Storrs formaram outra denominação, a *União da Vida e do Advento*.

Além dessas divisões de Albany, surgiram os *Adventistas da Era Por Vir*. Eles acreditavam que os judeus retornariam a Israel e que as pessoas teriam uma segunda chance durante o milênio. Esse grupo era liderado por Joseph Marsh e inicialmente eram totalmente contrários a qualquer tipo de organização. Porém, com o passar do tempo, foram tentando se organizar até que, em 1921, estabeleceram a *Igreja de Deus da Fé Abraâmica*.

Quanto aos adventistas da porta fechada,

os vários movimentos que surgiram a partir do adventismo radical pós 1844 não resultaram em coisa alguma até o fim do século 19. A maioria deles provavelmente desapareceu no final da década de 1860. Devido à propensão de aderir a toda doutrina nova e estranha, as várias correntes tendiam a tornar suas crenças “peculiares” como provas que excluía todos os demais adventistas que não aceitassem sua perspectiva. Assim, as outras se tornaram *Babilônias* que precisavam ser evitadas (KNIGHT, 2015, p. 248).

Do Movimento Milerita também surgiram os adventistas sabatistas⁵² que mais tarde se tornam a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Eles serão trabalhados na próxima parte deste capítulo. Contudo convém fazer uma pequena explanação no momento. Os líderes do adventismo sabatista acreditavam que o movimento do sétimo mês era um movimento profético diferentemente dos adventistas de Albany. As suas conclusões os aproximavam dos adventistas da porta fechada (espiritualizadores e radicais). Embora

aqueles que, posteriormente, se tornariam líderes do adventismo sabatista (como José Bates, Tiago⁵³ e Ellen White⁵⁴) se encontrassem próximo dos espiritualizadores e de suas excentricidades, eles estavam numa posição quase tão oposta a algumas das crenças básicas desses grupos quanto das ideias dos adventistas de Albany. [...] Assim, havia entre os adventistas da porta fechada quem defendesse uma interpretação racional e literal da Bíblia. Todavia, esse grupo foi minoritário, por causa de suas ideias sobre 22 de outubro, foi rejeitado pelos adventistas de Albany. Ao mesmo tempo, ele estava essencialmente em desarmonia com os espiritualizadores (KNIGHT 2015, p. 276-277).

⁵² Para o homem religioso o tempo não é homogêneo, segundo Eliade (1992b). O sábado para esse grupo de adventistas era um dia sagrado e separado para o descanso e trabalhos missionários. O descanso sabático é a imitação do que Deus fez, ele “reproduz o gesto primordial do senhor, pois foi sétimo dia da criação que Deus descansou depois de toda a sua obra de criação” (ELIADE, 1992a, p.27). Desta forma, a guarda do sábado tem o mito de origem relacionado com mito cosmogônico, da criação do mundo. A guarda do sábado foi discutida por parte dos mileritas antes do grande desapontamento. Contudo, os mileritas seguindo o conselho de Miller deixaram a discussão de lado para se focar na volta de Jesus (KNIGHT, 2015). José Bates foi o primeiro fundador desse grupo de adventistas a guardar o sábado e através dele os outros dois aceitaram essa prática.

⁵³ Tiago White (1821-1881) era membro da Conexão Cristã e foi professor, pregador milerita e um dos fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Para mais informações ver APÊNDICE U.

⁵⁴ Ellen Gould Harmon (1827-1915), nome de solteira, ou Ellen Gould White, nome de casada, foi uma fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia e escritora. Para mais informações ver APÊNDICE U.

Desta forma, os adventistas sabatistas ficavam entre os dois primeiros grupos de adventistas do pós-1844, porém estavam mais próximos dos adventistas da porta fechada do que os da porta aberta. Apesar de compartilhar algumas crenças dos dois grupos, eles eram inteiramente rejeitados pelos adventistas de Albany e viviam à margem do adventismo da porta fechada.

Dentre os líderes dos adventistas sabatistas, José Bates foi o único que realmente teve destaque no movimento milerita. Tiago White e Ellen Harmon, que mais tarde se casariam, eram envolvidos com o movimento, mas não tiveram muito destaque, principalmente Ellen, porque ainda era muito jovem. Eles acreditavam que o dia 22 de outubro estava correto, mas o evento estava errado. Nesta data não era para Jesus voltar, mas ele passaria do lugar santo para o santíssimo do santuário celestial⁵⁵.

Ainda em 1844, Ellen Harmon, como muitas outras pessoas do Movimento Milerita da época, começou a ter visões⁵⁶ e elas foram tidas como vindas de Deus. As manifestações por meio de visões, “no início de 1845, [...] eram comuns entre outros grupos de adventistas da porta fechada. Um dos centros mais destacados era o Maine, que teve pelo menos cinco profetas – quatro deles, mulheres” (KINGHT, 2015, p. 239).

A inserção da doutrina do sábado como dia de guarda se deu principalmente através de Bates, contudo Tiago e Ellen só aceitaram-na na segunda metade da década de 1840. O grupo com o tempo deixou de acreditar na porta fechada, criou casas publicadoras e diversas instituições. Além disso, como aconteceu com os outros grupos de adventistas, para manter o evangelismo tiveram que se organizar. Na década de 1860, organizaram-se e escolheram o nome de Igreja Adventista do Sétimo Dia por pregarem o advento, a segunda vinda de Jesus, e por separar o sábado, sétimo dia, como dia de descanso. A seguir um quadro que mostra as igrejas que surgiram do movimento milerita.

Quadro 1 – Igrejas que surgiram do Movimento Milerita	
Nome	Ano da organização

⁵⁵ O santuário judaico possuía o lugar santo, onde os sacerdotes realizavam os rituais, e o lugar santíssimo, onde o sumo sacerdote, que era a autoridade eclesiástica máxima, entrava no dia da expiação, para fazer a limpeza do sangue dos sacrifícios.

⁵⁶ As visões são hierofanias, “a manifestação de algo ‘de ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo natural, profano” (ELIADE, 1992b, p. 13). As pessoas que tinham visões eram os *objetos* no qual o sagrado se manifestava e elas *revelavam* a vontade de Deus que estava guiando o seu verdadeiro povo. Quem rejeitasse as visões, algumas vezes, eram tidos como hereges. Dessa forma, alguns grupos mileritas utilizavam as visões tidas por algum de seus membros para consolidar sua identidade como o povo verdadeiro de Deus e estabilizar-se quanto grupo social religioso.

Adventistas Evangélicos	1858
Associação Cristã do Advento	1860
União da Vida e do Advento	1863
Igreja Adventista do Sétimo Dia	1863
Igreja de Deus da Fé Abraâmica	1921
Fonte: Elaborado pelo autor com base em Knight (2015).	

1.2. Uma igreja mundial: do grande desapontamento à reorganização⁵⁷

Após o grande desapontamento, o Movimento Milerita dividiu-se em vários grupos adventistas. O principal motivo para divisão foi a interpretação do que havia acontecido de 22 de outubro de 1844. Dentre os grupos, havia um que mais tarde seria a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). Até 1860 esse grupo não tinha nome e por isso, nesse trabalho, eles serão chamados, até esse ano, de adventistas sabatistas ou apenas sabatistas.

1.2.1. (Re)unindo a liderança e definindo as crenças básicas

Em 23 de outubro de 1844, dia seguinte ao grande desapontamento, Hiram Edson⁵⁸ teve um *insight*, uma clareza súbita, sobre o que teria acontecido no dia do grande desapontamento. Enquanto atravessava seu milharal para consolar algumas famílias mileritas, ele viu Jesus passando do lugar santo para o santíssimo do santuário. Depois disso, Edson juntou-se com O. R. L. Crosier⁵⁹ e o Dr F. B. Hahn⁶⁰ para estudar o assunto na Bíblia.

Após um tempo, Crosier foi escolhido para escrever sobre o assunto. Ele começou a divulgar os estudos em fevereiro de 1845 e um artigo mais abrangente foi publicado, em 7 fevereiro de 1846, no periódico *Day Dawn* com o título *A lei de Moisés*. Os principais pontos do artigo eram:

⁵⁷ As principais obras em português que falam sobre o assunto são: *Conte isso ao mundo: História do Adventismo* (1982) de C. Mervyn Maxwell, *Uma igreja mundial: Breve história dos adventistas do sétimo dia* (2000) de George Knight e *O grande movimento adventista* (2014) de John Norton Loughborough.

⁵⁸ Hiram Edson (1806 - 1882) era um fazendeiro membro da Igreja Metodista que “morava no município de Ontário, Nova York, quando ouviu pela primeira vez a mensagem da breve volta de Jesus” (COLLINS, 2007, p. 29). Para mais informações ver APÊNDICE U.

⁵⁹ Owen Russell Loomis Crosier (1820-1912) foi um pregador milerita de Canandaigua, Nova York. Para mais informações ver APÊNDICE U.

⁶⁰ F. B. Hahn (???? - ????) morava em Canandaigua, Nova York, e era o secretário da sociedade médica de seu condado. Para mais informações ver APÊNDICE U.

(1) Existe um santuário literal no Céu. (2) O Sistema do santuário hebraico é uma representação visual completa do plano de salvação, que seguia os padrões do santuário celestial. (3) Assim como os sacerdotes da Terra tinham um ministério que compreendia duas fases no santuário do deserto, Cristo tem um ministério de duas fases no santuário celestial. A primeira fase começou no lugar santo com sua ascensão; a segunda, em 22 de outubro de 1844, quando Jesus passou do primeiro para o segundo compartimento. Assim, o dia da expiação celestial ou antitípico começou nessa data. (4) A primeira fase do ministério de Cristo lidou com o perdão; a segunda tem a ver com a eliminação dos pecados e a purificação, tanto do santuário quanto dos crentes, individualmente. (5) A purificação de Daniel 8:14 é a purificação do pecado e, portanto, é realizada em sangue em vez de fogo. (6) Cristo não retornará a Terra até que seu ministério no segundo compartimento esteja completado (KNIGHT, 2014, p. 285).

Os estudos sugeriam que a purificação do santuário não seria o retorno de Jesus ou o fim do mundo, mas a purificação do santuário que existia no céu. Esse santuário celestial serviu de modelo para o santuário terrestre e da mesma forma que o sumo sacerdote, líder máximo eclesiástico, Jesus teria passado do lugar santo para o santíssimo no dia da expiação para fazer a purificação.

O artigo mudava o foco da discussão sobre o que havia acontecido em 22 de outubro de 1844. Para os adventistas de Albany, havia um erro no tempo, ou seja, a data estava errada. Nunca deveria ter sido marcado esse dia para o retorno de Jesus e o movimento do sétimo mês era um erro. Para os adventistas da porta fechada, a data estava certa, o movimento do sétimo mês era um movimento profético, contudo a natureza do evento estava errada. Jesus teria voltado na data marcada, mas de forma espiritual e não física.

Já para Edson, a data estava certa, porém o evento estava errado. Em 22 de outubro de 1844 Jesus teria passado do lugar santo para o santíssimo no santuário celestial e iniciado uma nova fase do seu ministério. O santuário celestial seria purificado do pecado ao invés de sangue como acontecia no santuário judaico.

De acordo com Maxwell (1982), o grande desapontamento foi então retratado por Edson como algo predito na Bíblia em Apocalipse 10⁶¹. Nele, o autor bíblico relata ver um anjo com

⁶¹ Apocalipse 10: “Vi outro anjo forte descendo do céu, envolto em nuvem, com o arco-íris por cima de sua cabeça; o rosto era como o sol, e as pernas, como colunas de fogo; e tinha na mão um livrinho aberto. Pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo, sobre a terra, e bradou em grande voz, como ruge um leão, e, quando bradou, desferiram os sete trovões as suas próprias vozes. Logo que falaram os sete trovões, eu ia escrever, mas ouvi uma voz do céu, dizendo: Guarda em segredo as coisas que os sete trovões falaram e não as escrevas. Então, o anjo que vi em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos, o mesmo que criou o céu, a terra, o mar e tudo quanto neles existe: Já não haverá demora, mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas. A voz que ouvi, vinda do céu, estava de novo falando comigo e dizendo: Vai e toma o livro que se acha aberto na mão do anjo em pé sobre o mar e sobre a terra. Fui, pois, ao anjo, dizendo-lhe que me desse o livrinho. Ele, então, me falou: Toma-o e devora-o; certamente, ele será amargo ao teu estômago, mas, na tua boca, doce como mel. Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei, e, na minha boca, era doce como mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo. Então, me disseram: É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis” (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p.833-834).

um pé sobre o mar e ou outro sobre a terra, isso foi interpretado como um movimento mundial como foi o Movimento Milerita que espalhou suas publicações para as mais diversas partes do mundo.

O anjo entregou para João (o autor do livro de Apocalipse que estava em visão) um livro que era doce na boca, mas amargo no estômago. O livro representava a mensagem do advento que foi doce (boa, feliz) ao ser pregada, mas em 22 de outubro de 1844 tornou-se amarga porque Jesus não voltou. Porém, era necessário que continuassem a profetizar (pregar, anunciar) o retorno de Jesus. Contudo, inicialmente, eles acreditavam que deveriam pregar apenas para os mileritas (KNIGHT, 2000).

Antes de dar continuidade é necessário que se fale de três pessoas que a IASD afirma terem recebidos visões: William Foy⁶², Hazen Foss⁶³ e Ellen Harmon, que mais tarde se tornaria Ellen White após casar-se com Tiago White. Segundo Knight (2015), antes e depois de 22 de outubro de 1844, muitas pessoas do Movimento Milerita disseram que receberam visões. Contudo os principais líderes do movimento (Miller, Himes, Litch e Fitch) não se interessaram por elas.

Dentre as pessoas que disseram que receberam visões antes do grande desapontamento estava William Foy. Segundo Collins (2007), ele era um jovem pregador negro que se preparava para ser ministro episcopal quando recebeu a primeira visão. Ela ocorreu, em 18 de janeiro de 1842, na igreja da Rua Southark, em Boston, e durou cerca de duas horas e meia. A sua segunda visão ocorreu em 4 de fevereiro do mesmo ano na Igreja Episcopal Metodista Africana na May Street em Beacon Hill, Boston e durou doze horas e meia.

Na segunda visão, ele foi instruído a revelar as coisas que viu e advertir as pessoas a fugir da ira vindoura. Alguns dias depois, ele falou sobre suas visões na segunda capela metodista na Bromfield Street, em Boston. Durante alguns meses seguintes, Foy pregou em igrejas de diversas denominações, mas após o grande desapontamento não recebeu mais nenhuma visão. Segundo Collins (2007), alguns anos mais tarde, ele afirmou que as visões que Ellen White estava tendo eram as mesmas que ele teve após vê-la falando das visões que tinha recebido.

Hazen Foss era um milerita que 1844 também afirmou que recebeu visões. Após receber as visões, ele se recusou divulgá-las por duas vezes, então ouviu uma voz que dizia que o dom

⁶² William Ellis Foy (1818-1893) era de família batista, mas em 1835 tornou-se membro da Igreja Episcopal. Para mais informações ver APÊNDICE U.

⁶³ Hazen Foss (???? - ????) era um milerita que em 1844 disse que recebeu visões. Para mais informações ver APÊNDICE U.

seria retirado dele e dado a outra pessoa a “alguém que possa ser considerado o mais fraco dos fracos” (COLLINS, 2007, p. 97). Após ouvir a voz, ele tentou falar sobre as visões para um grupo de pessoas, mas não conseguiu. Depois disso, ele nunca mais se interessou por assuntos religiosos por considerar que já estava condenado ao inferno. Em 1845, Foss encontrou-se com Ellen Harmon e disse que as visões que ela estava tendo eram as mesmas que ele teve.

Ellen Harmon pertencia a uma família milerita que foi excluída do roll de membros da Igreja Metodista Episcopal por se negarem a abandonar o milerismo. Ellen tinha apenas dezessete anos de idade quando recebeu sua primeira visão em dezembro de 1844 e ela a descreve da seguinte forma:

Enquanto eu estava orando junto ao altar da família⁶⁴, o Espírito Santo me sobreveio, e pareceu-me estar subindo mais e mais alto da escura Terra. Voltei-me para ver o povo do advento no mundo, mas não o pude achar, quando uma voz me disse: “Olha novamente, e olha um pouco mais para cima.” Com isto olhei mais para o alto e vi um caminho reto e estreito⁶⁵, levantado em lugar elevado do mundo⁶⁶. O povo do advento estava nesse caminho, a viajar para a cidade que se achava na sua extremidade mais afastada. Tinham uma luz brilhante colocada por trás deles no começo do caminho, a qual um anjo me disse ser o “clamor da meia-noite”⁶⁷. Essa luz brilhava em toda extensão do caminho, e proporcionava claridade para seus pés, para que assim não tropeçassem. Conservavam-se o olhar fixo em Jesus, que Se achava precisamente diante deles, guiando-os para a cidade, estavam seguros. Mas logo alguns ficaram cansados, e disseram que a cidade estava muito longe e esperavam nela ter entrado antes. Então Jesus os animava, levantando Seu glorioso braço direito, e de Seu braço saía uma luz que incidia sobre o povo do advento, e eles clamavam: “Aleluia!” Outros temerariamente negavam a existência da luz atrás deles e diziam que não fora Deus quem os guiara tão longe. A luz atrás deles desaparecia, deixando-lhes os pés em densas trevas; de modo que tropeçavam e, perdendo de vista o sinal e a Jesus, caíam do caminho para baixo, no mundo tenebroso e ímpio (WHITE, 2000, p. 14).

⁶⁴ Para o homem religioso o espaço não é homogêneo (ELIADE, 1992b). O altar da família era um local sagrado dentro da residência que servia para entrar em contato com Deus. Por ser um lugar sagrado, ele “transforma-se, assim, numa fonte inesgotável de força e de sacralidade que permite ao homem, na condição que ali penetra, tomar parte nessa força e comungar nessa sacralidade (ELIADE, 2008, p. 296). Logo, Ellen estava em um local sagrado que permitia um contato com Deus quando ocorreu uma hierofânia e o sagrado se manifestou lhe concedendo uma visão.

⁶⁵ “A imagem e o mito da *estrada* – isto é, da passagem deste mundo para o mundo santo- tem um papel considerável. [...] O homem necessita de uma *estrada* para comunicar-se com os deuses e para chegar ao seu destino” (ELIADE, 1989, p. 134). Essa imagem da estrada, da passagem difícil que exprime a ruptura dos níveis e penetração no *outro mundo* é mais usada no simbolismo da transcendência (ELIADE, 1979). O caminho estreito, na primeira visão de Ellen, representava a difícil trajetória dos mileritas para céu.

⁶⁶ Os lugares altos são normalmente atribuídos como a morada dos deuses. “As regiões superiores inacessíveis ao homem, as zonas siderais, adquirem o prestígio do transcendente, da realidade absoluta, da eternidade. Lá é a morada dos deuses; é lá que chegam alguns privilegiados, mediante ritos de ascensão; para lá se elevam, segundo as concepções de certas religiões, as almas dos mortos” (ELIADE, 1992b, p. 60). Nessa visão, o lugar alto que o caminho leva é a cidade Santa, a Nova Jerusalém.

⁶⁷ O clamor da meia noite é um termo retirado da parábola das dez virgens (Mateus 25:6) que diz: “Mas, à meia-noite, ouviu-se um grito: Eis o noivo! Sai ao seu encontro!” (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 655). “Como na parábola, o clamor soou à meia-noite, anunciando a aproximação do noivo, assim no cumprimento, a meio-caminho entre a primavera de 1844, quando se supôs de início os 2300 dias terminariam, e o outono de 1844, tempo em que mais tarde se verificou que eles realmente deviam terminar, ergueu-se o clamor [...]” (White, 2008, p. 369). A autora associa esse termo com a mensagem pregada pelo movimento do sétimo mês que proclamava o retorno de Jesus (a vinda do noivo) para o dia 22 de outubro de 1844.

Ela continua a visão descrevendo a trajetória daqueles que continuarem fiéis. Esse trecho da visão descreve o *povo do advento*, os mileritas, seguindo por um *caminho reto e estreito*, a difícil jornada da vida cristã, que levava a um lugar alto onde estava uma *cidade*, a Nova Jerusalém. Para iluminar o caminho havia uma *luz brilhante* que o anjo disse que era *clamor da meia noite*, a pregação do movimento do sétimo mês. Essa luz iluminava os pés para que as pessoas não tropeçassem, deixarem o caminho e perder a fé na volta de Jesus. A frente de todos estava Cristo que animava os cansados da espera, contudo havia outros que negavam a existência da luz, negavam a mensagem do movimento do sétimo mês, e caíam do caminho e perdiam a fé.

Segundo Knight (2015), após a visão Ellen aceitou o movimento do sétimo mês como um movimento profético vendo-o como a *luz brilhante* que guiava o povo de Deus no tempo do fim, o curto período que antecede o retorno de Jesus. Para ela, as pessoas que negavam o movimento do sétimo mês, como os adventistas da porta aberta, não teriam um futuro frutífero.

Uma semana depois, Ellen recebeu uma segunda visão que lhe mandava contar aos outros o que havia visto e se ela passasse as mensagens fielmente, ela comeria do “fruto da árvore da vida”⁶⁸ (WHITE, 2000, p. 22). Inicialmente, ela relutou por ter a saúde frágil⁶⁹ e o pelo preconceito existente quanto aos que diziam receber visões⁷⁰. Mesmo diante desses problemas, Ellen falou sobre suas visões a um grupo de adventistas que se reuniram na sua casa no “fim de janeiro de 1845” (DOUGLASS, 2009, p. 63).

Ellen, então, passou a visitar outros adventistas com o objetivo de combater o *fanatismo em Maine*, estado em que ela morava. Por essa época, 1844-1845, Tiago White conheceu Ellen e começou a acompanhá-la, conforme Collins (2007). Os *fanáticos* “renunciavam inteiramente ao trabalho e desligavam da comunhão todos os que não aceitavam as suas opiniões” (WHITE, 2000, p. 22). De acordo com ela, Deus lhe mostrava os erros e a enviava para trazer de volta os

⁶⁸ O fruto da árvore da vida é prometido aos vencedores em Apocalipse 2:7: Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 829). O fruto da árvore da vida concederia a imortalidade aqueles que se alimentassem dele. A imagem da árvore que concede a imortalidade faz parte do mito da *fonte de vida* que pode ser encontrado em “diversas concepções referentes às plantas e aos frutos miraculosos: uns rejuvenescem, outros conferem longa vida e outros mesmo até a imortalidade” (ELIADE, 2008).

⁶⁹ A saúde dela ficou debilitada desde criança quando atiraram nela uma pedra que, segundo Collins (2007), causou uma grave concussão cerebral e um possível traumatismo craniano. Ela ficou em coma por três semanas e as sequelas desse acidente a acompanhou pelo resto da vida. Ellen passou a ter problemas respiratórios, suas mãos tremiam e tinha tonturas e desmaios frequentes. Contudo, após receber as visões sua saúde melhorou um pouco, mas durante toda a vida ela teve serias crises de saúde.

⁷⁰ Dentro do movimento milerita, muitas pessoas disseram receber visões. De acordo com Knight (2015), muitas delas faziam afirmações absurdas e tinham ideias e previsões fanáticas. Isso fez com que os líderes mileritas se posicionassem contra visões, sonhos ou revelações particulares na assembleia geral de maio de 1843 e na reunião de Nova York em maio de 1845. Além disso, Joseph Smith, o líder dos mórmons que havia tido visões, foi morto cruelmente enquanto estava preso na cadeia de Carthage, Illinois, em junho de 1844.

seus filhos extraviados. Todavia, muitos não aceitavam a repreensão e os adventistas nominais (adventistas da porta aberta) passaram a acusá-la de fanatismo.

Conforme Maxwell (1982), em 5 de fevereiro de 1845, em uma reunião com alguns adventistas em Exeter, Maine, ela teve uma visão. Nela, Ellen viu Jesus passando para o lugar santíssimo do santuário. Um ano depois da visão, o artigo de O. R. L. Crosier intitulado *A lei de Moisés* foi publicado no periódico *Day Dawn*. Ellen leu o artigo e tempos depois teve outra visão em que Deus falava que Crosier tinha a verdadeira compreensão da purificação do santuário.

Ainda em 1845, outra coisa importante aconteceu e que viria a mudar a história dos adventistas sabatistas. Em 28 de fevereiro de 1845, Thomas Motherwell Preble⁷¹ publicou o periódico intitulado *Hope of Israel* (Esperança de Israel) defendendo a guarda do sábado. José Bates leu os argumentos de Preble e estudou o assunto, mas não conseguiu tomar uma decisão. Então, ele viajou cerca de 220 quilômetros até Hillsboro para falar com Frederick Wheeler⁷² e chegou à sua casa já durante a noite. Bates tirou todas as suas dúvidas sobre o assunto e foi para casa no dia seguinte.

Após a publicação de Croiser, formou-se um grupo de estudo bíblico na casa de Hiran Edson. Bates estava presente, aceitou os estudos e convenceu Edson, Croiser e Hahn a guardarem o sábado. Tiago White também passou a participar desse grupo de estudo, mas tanto ele quanto Ellen só aceitaram a guarda do sábado após lerem um folheto escrito por Bates que se chamava *The Seventh Day Sabbath, a Perpetual Sign* (O sábado do sétimo dia, um sinal perpétuo) que foi publicado em agosto de 1846.

Também em 1846, Ellen G. Harmon e Tiago White casaram-se e Bates une-se ao casal na liderança dos adventistas sabatistas. Inicialmente, Bates não acreditava nas visões de Ellen, mas passou a acreditar após presenciá-la tendo uma visão em novembro de 1846. Desta forma, até o final de 1846 os três fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) estavam unidos pela crença no santuário celestial, pela guarda do sábado e pelo dom profético.

Até o final de 1846, “vários núcleos de crentes no sábado, no santuário e no espírito de profecia [dom profético recebido por Ellen White] organizaram-se em muitos diferentes lugares pela Nova Inglaterra e no Estado de Nova Iorque, em Fairhaven e Port Gibson, logicamente, e

⁷¹ Thomas Motherwell Preble (1810–1907) foi pastor batista e pregador milerita. Para mais informações ver APÊNDICE U.

⁷² Frederick Wheeler (1853–1931), conforme Maxwell (1982), foi o primeiro pastor adventista norte-americano a aceitar a guarda do sábado. Para mais informações ver APÊNDICE U.

também em Topsham, Maine” (MAXWELL, 1982, p. 90). Eles foram resultados das ações evangelísticas e das publicações dos adventistas sabatistas.

Em 1847, Ellen (agora White, devido ao casamento) recebeu uma visão, em Topsham, Maine, sobre a guarda sábado (WHITE, 2000). A visão ratificou⁷³ a guarda desse dia entre os adventistas sabatistas. Além disso, Bates atribuiu a essa “doutrina uma riqueza e significado profético [...]. O sábado do sétimo dia ganhou um significado escatológico [...]. Desse modo, a lei de Deus passou a ser vista como a base para o juízo pré-advento que estava ocorrendo desde 22 de outubro de 1844” (KNIGHT, 2015, p. 289). Bates foi uma peça fundamental para estruturar a crença da guarda do sábado e ligá-la com os estudos da segunda vinda de Jesus entre os adventistas sabatistas.

Em 1847, os líderes sabatistas já haviam desenvolvido um sistema de crenças. A base delas estava o retorno de Jesus que deveria acontecer antes do milênio, o seu ministério no santuário celestial a partir de 22 de outubro de 1844, o sábado do sétimo dia como ponto de conflito entre o bem e o mal. Além disso, aceitaram outras crenças como a imortalidade condicional (condicionalismo), a aniquilação dos ímpios (aniquilacionismo), o batismo de adultos por imersão e admitiram a validade continua do dom de profecia com manifestação atual desse dom no ministério de Ellen White (KNIGHT, 2015).

Outra imagem bíblica que unia a teologia dos adventistas sabatistas era a das três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12⁷⁴. Essas mensagens

⁷³ As visões de Ellen White eram tidas como manifestações do sagrado e importante para os adventistas sabatistas para confirmação das suas crenças. Segundo Knight (2000), a maioria das visões de Ellen dava-se após os líderes estudarem a Bíblia e chegarem a alguma conclusão. Desta forma, as suas visões serviam para confirmar a validade das crenças, mas nunca para instituí-las.

⁷⁴ Apocalipse 14:6-20: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas. Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição. Seguiu-se a este outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na fronte ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome. Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus. Então, ouvi uma voz do céu, dizendo: Escreve: Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham. Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro e na mão uma foice afiada. Outro anjo saiu do santuário, gritando em grande voz para aquele que se achava sentado sobre a nuvem: Toma a tua foice e ceifa, pois chegou a hora de ceifar, visto que a seara da terra já amadureceu! E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada. Então, saiu do santuário, que se encontra no céu, outro anjo, tendo ele mesmo também uma foice afiada. Saiu ainda do altar outro anjo, aquele que tem autoridade sobre o fogo, e falou em grande voz ao que tinha a foice afiada, dizendo: Toma a tua foice afiada e ajunta os cachos da videira da terra, porquanto as suas uvas estão amadurecidas! Então, o anjo passou a sua foice na terra, e vindimou a videira da terra, e lançou-a no grande lagar da cólera de

não apenas ligavam toda a teologia adventista ao ritual do santuário com sua mensagem de juízo (e salvação), mas também capacitavam os sabatistas a colocar-se na corrente da história profética. Além disso, as mensagens dos três anjos tornaram-se por fim a força profética que difundiu as missões adventistas do sétimo dia ao redor do mundo, quando a igreja procurou apresentar “a toda nação, tribo, língua e povo” sua mensagem inigualável (Apoc. 14:6). Mas essa visão missionária achasse bem distante da mente dos poucos e esforçados adventistas sabatistas do fim da década de 1840 (KNIGHT, 2000, p. 43).

Para adquirir um caráter missionário, eles tiveram que gradativamente abandonar a crença da porta fechada, que dizia que aqueles que não se converteram até 22 de outubro de 1844 não tinham mais chance de salvação. Nesse processo, tomaram Apocalipse 14 como base para seu trabalho missionário. A essência de Apocalipse 14

é a tríplice mensagem angélica que deve ser dada imediatamente antes da colheita da Terra. O primeiro anjo proclama que a hora do juízo de Deus chegou (v. 6, 7); o segundo prega a queda de Babilônia (v.8); e o terceiro estabelece um contraste entre aqueles que têm a marca da besta e os que têm “a perseverança dos santos”, “guarda os mandamentos de Deus” e tem “a fé em Jesus” (v. 9-12). Então ocorre a colheita na segunda vinda (14-20) (KNIGHT, 2015, p. 292).

Os primeiros sabatistas ligavam a doutrina do santuário e do sábado às três mensagens angélicas. O terceiro anjo tornou-se a representação da missão deles, porque guardavam os mandamentos de Deus, incluindo o sábado, e tinham a fé de Jesus. As três mensagens angélicas também serviram para que eles se situassem na história profética.

Em 1850, Tiago White publicou um estudo em que fazia a ligação da mensagem de cada um dos anjos com o desenvolvimento do adventismo. “Ele começou com Miller e conduziu a argumentação até sua compreensão de como via a função do adventismo sabatista no tempo do fim” (KNIGHT, 2015, p. 293). Tiago tinha o objetivo de mostrar aos outros adventistas que os sabatistas eram a única continuação genuína do adventismo original.

Para Tiago, na mensagem do terceiro anjo só existiam duas classes de pessoas: aqueles que recebiam a marca da besta e aqueles que esperam a segunda vinda de Jesus e guardam o mandamento de Deus. Desta forma, ele destacava a pregação da observância do sábado como dia sagrado. Logo, os adventistas sabatistas viam-se como um movimento profético e o

Deus. E o lagar foi pisado fora da cidade, e correu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, numa extensão de mil e seiscentos estádios” (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 86).

verdadeiro herdeiro do milerismo. Os outros grupos de adventistas passaram a ser vistos como traidores do milerismo⁷⁵.

1.2.2. Do início da divulgação das crenças à reorganização da igreja

Por volta de 1848, com um corpo básico de doutrinas organizado, os líderes do adventismo sabatista acreditaram que tinham responsabilidade em compartilhar suas crenças sobre o que aconteceu em outubro de 1844 com outros adventistas que estavam em *confusão*. Para isso, utilizaram táticas mileritas como as conferências. Pelo menos seis ocorreram em 1848, seis em 1849, e “dez em 1850. José Bates e o casal White estavam atuantes na maioria delas” (KNIGHT, 2015, p. 297).

A primeira foi realizada na primavera de 1848, em Rocky Hill, Connecticut. Sobre essa conferência, Tiago White escreveu:

Em termos de influência e de números, apesar de sermos menos de trinta, ela marcou o início de uma nova era para a causa. Os irmãos ficaram muito animados, e o irmão Bates começou a trabalhar mais intensamente, à medida que o caminho se abria diante dele (WHITE, 2018, p. 222).

Embora pequeno, o grupo já mostrava sinais de crescimento o que motivou os líderes a se empenharem mais no trabalho evangelístico. As conferências duravam várias horas e algumas vezes até tarde da noite. Os pontos doutrinários eram levantados, discutidos e estudados através da Bíblia.

Quando o estudo chegava a um ponto que não avançava mais, Ellen tinha uma visão sobre o assunto e recebia uma clara explanação dos textos bíblicos. Após as visões os membros presentes continuavam a utilizar a Bíblia e a concordância. Para Ellen, as crenças deveriam ser embasadas apenas na Bíblia e as visões serviriam apenas para esclarecimento dos textos, mas não como base teológica.

⁷⁵ Os adventistas sabatistas estavam crescendo e precisavam estabilizar-se quanto grupo social. Os outros grupos adventistas eram uma ameaça a sua estabilidade e por isso precisavam ser combatidos. Enquanto grupo social eles normalizavam a sociedade elegendo-se como norma a ser seguida, aqueles que deveriam possuir as representações positivas enquanto os outros a negativa. Assim, os sabatistas representavam-se como os verdadeiros herdeiros do milerismo enquanto os outros grupos de adventistas como traidores. Utilizando-se do seu conjunto de crenças e das três mensagens angélicas, eles criaram fronteiras que delimitavam o ser adventista e aqueles que não se encaixavam eram excluídos de sua identidade e esses precisavam ser combatidos ou levados ao adventismo original.

A segunda estratégia milerita utilizada foi a publicação. No Movimento Milerita ela teve um grande destaque. As primeiras publicações

Sabatistas foram folhetos ocasionais que destacavam as verdades recém-descobertas no contexto do milerismo como movimento profético. Esses folhetos, ou pequenos livros, incluíram *The Opening Heavens* [“os céus abertos”] (1846), *The Seventh-day Sabbath, a Perpetual Sign* [“o sábado do sétimo dia, um sinal perpetuo”] (1846, e amplamente revisado em 1847), *Second Advent Way Marks and High Heaps* [“Marcos e sinais indicativos do segundo Advento”] (1847), *Vindication of the Seventh-day Sabbath, and the Commandments of God* [“Vindicação do sábado do sétimo dia e os mandamentos de Deus”] (1848) e *A Seal of the Living God* [“Um selo do Deus vivo”] (1849), todos de autoria de José Bates (KNIGHT, 2015, p. 299).

Inicialmente, Bates destacou-se como escritor entre eles. A primeira obra escrita em conjunto pela liderança foi o *A Word to the “litter Flocks”* (Uma mensagem ao pequeno rebanho, 1874). Este documento tinha apenas 24 páginas e encorajava os crentes do advento a manter a experiência de 1844 enquanto mais luz sobre o assunto era buscada.

Em 1848, uma mudança importante ocorreu nas suas publicações. Numa reunião efetuada em Dorchester, Massachusetts, em novembro, Ellen White teve uma visão que mandava Tiago iniciar a publicação de um jornal e mandá-lo ao povo. Inicialmente, ele seria pequeno, mas ao lê-lo as pessoas mandariam recursos para imprimi-lo. E este pequeno jornal seria semelhante “a torrentes de luz que circundavam o mundo” (WHITE, 2004, p. 128). Tiago não tinha dinheiro, mas procurou uma gráfica não adventista que aceitou receber o pagamento das publicações quando as contribuições fossem enviadas pelos leitores.

Em junho de 1849, saíram dos prelos mil exemplares do *The Present Truth* (A Verdade Presente) que continha apenas oito páginas. O jornal recebeu esse nome por causa do texto de II Pedro 1:12⁷⁶. No editorial do jornal Tiago escreveu o seguinte:

No tempo de Pedro havia uma verdade presente, ou verdade aplicável àquele tempo presente. A igreja sempre tem tido uma verdade presente. A verdade presente agora é aquela que revela o dever presente, e a correta posição para nós que estamos para testemunhar o tempo de angústia tal como nunca houve (WHITE, 1849, p. 1).

⁷⁶ 2 Pedro 1:12: Por esta razão, sempre estarei pronto para trazer-vos lembrados acerca destas coisas, embora estejais certos da verdade já presente convosco e nela confirmados. (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 822). O texto refere-se a uma verdade que já estava presente. Para Tiago cada época havia uma verdade presente e o sábado e outras crenças dos adventistas sabatistas eram a verdade para aquele presente em que eles viviam.

Possivelmente as verdades que ele estava referindo-se eram o sábado, as três mensagens angélicas e outros temas doutrinários relacionados que foram trabalhados durante todo o jornal. Tiago levou os exemplares para o correio em Middletown, que ficava a doze quilômetros de onde moravam, e enviou para algumas pessoas que ele achava que o leriam. Algumas pessoas escreveram para ele aceitando as crenças sabatistas e mandando recursos.

The Present Truth foi apenas o começo dos periódicos adventistas. No verão de 1850, Tiago inicia a publicação do *The Advent Review* (A Revista do Advento). Nesse jornal foram republicados os mais importantes artigos mileritas do início da década de 1840. O objetivo dele era conquistar os adventistas dispersos mostrando os fundamentos para continuar crendo no movimento de 1844.

Em novembro de 1850, ocorre a unificação do *The Present Truth* e do *The Advent Review* formando o *The Second Advent Review and the sabbath Herald* (Revista do Segundo Advento e o Arauto do Sábado). O *Review and Herald* foi a principal forma de comunicação e transmissão das crenças dos adventistas sabatistas.

Ainda no início da década de 1850, a *Review and Herald* passou a ser publicada pelos próprios adventistas sabatistas. Eles compraram um prelo manual e Tiago, mais alguns voluntários, passaram a confeccionar o jornal. Como uma forma de economia, os Whites alugaram uma casa grande, em Rochester, que serviriam como moradia para os Whites e os voluntários do jornal, e nela também foi instalada a editora.

A editora foi transferida para Battle Creek, Michigan, em 1855. As novas instalações eram mais espaçosas e também foram comprados novos equipamentos para impressão. Foi formada uma associação para administrar a casa publicadora e Tiago deixou de ser o proprietário e tornou-se administrador dela. Os funcionários passaram a ser remunerados e puderam alugar seus próprios quartos. Os Whites conseguiram uma casa onde passaram a morar com eles, os três filhos – “Henry, de 8 anos; Edson, de 6, e Willie, com 18 meses – e as duas moças que ajudavam na casa [...]” (COLLINS, 2007, p. 113).

Da mesma forma que os outros adventistas, os sabatistas tiveram que discutir a sua organização. O grupo estava crescendo e tinham adquirido igrejas e a casa publicadora, além disso, nasce a necessidade de manter os pastores, missionários, etc e salvaguardar as suas propriedades. Muitos dos membros tinham sido expulsos de suas congregações por aceitar as ideias mileritas e em suas mentes possuíam o sentimento anti-igreja de Marsh e Storrs que diziam que toda igreja criada por mãos humanas ao organizar-se se torna uma Babilônia espiritual.

Segundo Tiago White (2018), o tema da organização vinha sendo abordado na *Review* de tempos em tempos na década de 1850. E a necessidade de algum tipo de organização, mesmo que simples, já havia sido debatida. Mas o medo de tornar o grupo, até então sem nome, em uma Babilônia espiritual causava oposição de muitos membros.

Sobre a necessidade de organizar-se, Ellen White escreveu:

Aumentando o nosso número, tornou-se evidente que sem alguma forma de organização, haveria grande confusão, e a obra não seria levada avante com êxito. A organização era indispensável para prover a manutenção do ministério, para levar a obra a novos campos, para proteger dos membros indignos tanto as igrejas como os ministros, para a conservação das propriedades da igreja, para publicação da verdade pela imprensa e para muitos outros fins (WHITE, 2005, p. 22).

O casal White estava na linha de frente para a organização e buscando-a Tiago argumentou:

Não era desígnio de Deus trazer Seu povo para fora da confusão de Babilônia e levá-lo para uma confusão ainda maior, sem ordem ou disciplina. Isso só pioraria algo que já era ruim. Seu objetivo ao trazê-los para fora das igrejas era discipliná-los e uni-los, preparando-os para a última grande batalha da verdade, sob a proclamação da terceira mensagem angelica. Não se ambicionava construir uma denominação que apenas passasse a ideia de uma organização, mas que refletisse as necessidades concretas da obra (WHITE, 2018, 244-245).

Mesmo com a necessidade de se organizar, havia resistência dentro do próprio grupo. Segundo Ellen White,

[...] havia, no entanto, entre nosso povo, um forte sentimento contrário à organização. Os adventistas do primeiro dia (domingo) opunham-se à organização, e a maior parte dos adventistas do sétimo dia (sábado), entretinha as mesmas ideias. Buscamos o Senhor em oração fervorosa para que pudéssemos compreender Sua vontade; e Seu Espírito nos iluminou, mostrando-nos que deveria haver ordem e perfeita disciplina na igreja, e que era essencial a organização. Método e ordem manifestaram-se em todas as obras de Deus, em todo o Universo. A ordem é a lei do Céu e deveria ser a lei do povo de Deus sobre a Terra. Tivemos uma árdua luta para estabelecer a organização. Apesar de o Senhor dar testemunho após testemunho a tal respeito, a oposição era forte, e teve de ser enfrentada repetidas vezes. Sabíamos, porém, que o Senhor Deus de Israel nos estava dirigindo e guiando pela Sua providência. Empenhamo-nos na obra da organização, e uma evidente prosperidade acompanhou esse movimento progressista (WHITE, 2005, p. 22).

Os principais argumentos dos Whites eram a manutenção da obra e a necessidade de ordem e disciplina do *povo de Deus*. Contudo, o que persuadiu os líderes a realizar a

organização foram os problemas relacionados à propriedade. Até o final da década de 1850, os adventistas sabatistas possuíam “três tipos de propriedade eclesiástica: tendas, alguns poucos edifícios de igrejas locais e a casa publicadora de Battle Creek, juntamente com o papel, livros e a maquinaria dedicada à sua operação” (MAXWELL, 2015, p. 153). Porém, tudo estava em nome dos membros ou dos dirigentes.

A maior preocupação era com a casa publicadora que estava em nome de Tiago White. Se por acaso ele morresse, o patrimônio ficaria sobre a tutela do estado até que o filho mais velho dele chegasse à maior idade. Era através da casa publicadora que os sabatistas faziam todas as suas publicações e se a perdessem isso paralisaria todo o seu desenvolvimento por meses ou até por anos.

Nesse contexto, foi convocada uma *assembleia geral* dos adventistas sabatistas que foi realizada dia 28 de setembro a 1 de outubro de 1860. Mesmo com a oposição de alguns dirigentes, foi decidido constituir legalmente a editora e foi escolhido o nome *Igreja Adventista do Sétimo Dia*⁷⁷ para denominação emergente.

A constituição jurídica da editora ocorreu, em 3 de maio de 1861, de acordo com as leis do estado de Michigan. O último passo para a organização ocorreu em maio de 1863, em Battle Creek, Michigan, onde foi organizada a *Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia* tendo John Byington⁷⁸ como presidente. Tiago White foi escolhido para presidente, mas não aceitou o cargo por ter estado muito envolvido no processo de organização. “Em 1863 a recém-formada Igreja Adventista do Sétimo Dia possuía aproximadamente 3.500 membros e cerca de 30 ministros” (KNIGHT, 2000, p.63).

Nessa mesma assembleia outras medidas foram tomadas como o estabelecimento de

[...] um sistema para o pagamento de um salário regular aos ministros –cerca de cinco dólares por semana –extraído das contribuições sistemáticas. Tornou-se requisito que os ministros portassem credenciais oficiais que os identificavam como porta-vozes do movimento. E declarava que nenhum ministro poderia viajar de uma associação a

⁷⁷ O nome foi escolhido porque era o melhor nome que “representava as crenças da denominação emergente” (KNIGHT, 2015, p. 302). Adventista por pregar o segundo advento de Jesus e do sétimo dia por separa o sábado como dia de sagrado. Ao dar um nome ao grupo eles fizeram uma afirmação da identidade e a “afirmação da identidade e a marcação da diferença implica, sempre, as operações de incluir e de excluir. [...] dizer ‘O que somos’ significa também dizer ‘o que não somos’. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. [...] Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo afirmam e reafirmam, relações de poder (SILVA, 2008, p. 82). Dessa forma, os adventistas do sétimo dia estavam distinguindo-se dos demais grupos adventistas definindo de forma clara uma nova identidade religiosa ligada principalmente pela pregação da segunda vinda de Jesus e pela guarda do sábado.

⁷⁸ John Byington (1798-1887) foi o primeiro presidente da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Em 1852 juntou-se aos adventistas sabatistas após ler uma cópia da revista *Review and Herald*. Para mais informações ver APÊNDICE U.

outra por sua iniciativa ou por desejo de uma igreja local. Os chamados deveriam ser processados mediante ambas as associações envolvidas (MAXWELL, 2015, p. 157).

Finalmente, os adventistas sabatistas tinham um nome e estavam organizados. Desta forma, os pastores seriam identificados e poderiam dedicar-se inteiramente ao evangelismo na sua região, o patrimônio da igreja estaria seguro e caso algum membro se sentisse injustiçado pela sua congregação local, ele poderia apelar para instâncias superiores. Além disso, a organização permitiu a criação de instituições ligadas à igreja e do trabalho missionário em lugares cada mês mais distantes.

Ainda em 1863, foi requerida uma junta missionária composta de três homens. A organização da igreja deu condições para enviar e manter missionários nos mais distantes lugares do mundo e a formação da junta missionária tornava isso realidade. Porém o desejo de pregar para outros países antecede a junta missionária. Em 1855,

José Bates instou seus irmãos na fé a remeter literatura a “algumas das estações missionárias estrangeiras, especialmente às ilhas Sandwich”. Em 1856 Tiago White advertia: “Um espírito missionário se faz necessário para alçar o clamor mais extensamente em novos campos, e soar o alarma por toda a cristandade” (MAXWELL, 1982, p. 168).

Além disso, vários membros enviaram material da IASD para parentes em vários países e no início da década de 1860 apareceram informações de pessoas que guardavam o sábado na Irlanda. Segundo Maxwell (1982), desde a década de 1850 materiais impressos eram enviados para o além-mar. A preferência pelo envio de impressos ocorreu por falta de mão de obra missionária e de estrutura para mantê-los. Além disso, os líderes acharam melhor estar mais bem equipados de pregadores no país sede para depois enviar para outros países.

Os primeiros anos da junta missionária serviram para enviar missionário para a própria nação Americana. Foram enviados missionários para os mais diversos estados do país. Todavia, só enviaram o primeiro missionário além-mar em 1874. John Nevis Andrews⁷⁹ foi o escolhido para trabalhar na Suíça inicialmente ele entrou em contato com grupos de adventistas sabatistas

⁷⁹ John Nevis Andrews (1829-1883) foi escritor, editor da *Review and Herald* e o primeiro missionário além-mar autorizado pela IASD. Para mais informações ver APÊNDICE U.

que foram formados pelos trabalhos de Michael Belina Czechowski⁸⁰. Depois de Andrews, vários missionários foram enviados para as mais diversas partes do mundo.

Entre 1874 e 1887

[...] a denominação estabeleceu sua presença em muitas nações da Europa, bem como na Austrália e África do Sul. Contudo, sua visão missionária era curta⁸¹. Nesse estágio, os adventistas criam que seu propósito era convidar outros cristãos (geralmente protestantes) para saírem de suas igrejas e aceitarem a mensagem do terceiro anjo. Até então, o adventismo possuía pouca ou nenhuma visão missionária em favor dos “pagãos” ou dos grandes campos católicos romanos do Novo Mundo (KNIGHT, 2000, p. 84)

Em outubro de 1888, ocorreu a conferência geral dos adventistas do sétimo dia em Minneapolis, Minnesota. Nela foram discutidos alguns pontos doutrinários que mudaram a visão da IASD em relação ao seu trabalho missionário. Com o objetivo de administrar melhor a obra missionária, em novembro de 1889, foi criada a Comissão da Missão Estrangeira Adventista do Sétimo Dia. Além disso, foi lançado o Home Missionary (Missionário Denominacional), que servia para “promover diversos empreendimentos missionários do adventismo” (KNIGHT, 2000, p. 101).

No final da década de 1890,

o adventismo estava estabelecido em todos os continentes e em muitos arquipélagos. Nesse período de missões adventistas, a denominação estabeleceu o alvo de alcançar os “pagãos”, os católicos romanos e os protestantes ao redor do mundo. Por outro lado, os missionários adventistas costumavam ainda começar sua obra, até mesmo em culturas não-cristãs, a partir das ilhas de protestantes em outros países. Esses protestantes convertidos criaram um grupo capaz de formar uma base nativa para expansões posteriores (KNIGHT, 2000, p. 101-102).

Com os protestantes locais convertidos, poderiam ser criadas estratégias para conversão do restante da população. Grandes partes das barreiras identitárias já estariam rompidas e facilitaria o trabalho missionário. Dessa forma os protestantes seriam a ligação entre os adventistas e a população nativa.

⁸⁰ Michael Belina Czechowski (1818 – 1876) foi ex-padre que saiu fugitivo do seu país por motivos políticos. Em 1850, ele renunciou ao catolicismo e casou-se. Czechowski partiu para América no ano seguinte e em 1857 uniu-se aos adventistas sabatistas. Para mais informações ver APÊNDICE U.

⁸¹ Essa pouca visão missionária não foi só por motivos religiosos. Os adventistas possuíam mais coisas em comum com o restante do protestantismo do que com as outras religiões. Uma investida missionária entre os protestantes facilitaria o estabelecimento de Igrejas Adventistas no local por existir uma menor quantidade de barreiras identitárias a serem rompidas.

Com a expansão da IASD para outros países, ela teve crescimento substancial. Entre 1863 e 1901, o número de evangelistas saiu de 30 para algo entorno de 1500. “Nesse ínterim, o número de Associações locais cresceu de seis para quase 100 (57 associações e 42 missões). Durante esse mesmo período o número de membros saltou de 3,5 mil para mais de 78 mil, representando cerca de 2 mil congregações locais” (KNIGHT, 2000, p. 110). Desta forma, era necessária uma reorganização para continuar o crescimento.

A organização de 1863 teria que ser revista em pelo menos dois pontos: a centralização demasiada na autoridade no presidente da Associação Geral e a falta de unidade em alguns setores. Com o crescimento da igreja, o presidente ficava sobrecarregado e isso causava atraso em alguns momentos. Além disso, alguns setores como a “Escola Sabatina⁸², o setor editorial, [...] e outros ramos da expansão denominacional, por exemplo, funcionavam independentemente da Associação Geral” (KNIGHT, 2000, p. 111). O que ocasionava o envio de missionários aos mesmos locais gerando confusão e gastos desnecessários.

Era necessária uma descentralização da autoridade administrativa e uma centralização das atividades dos setores que estavam independentes. Para discutir a reorganização, em 1901 houve a assembleia da Associação Geral que teve a participação ativa de Ellen White, a última co-fundadora viva, e de Arthur Grosvenor Daniells⁸³. Nela foi decidida a criação de *União*es e *Departamentos*⁸⁴. Entre 1913 e 1918, outro nível administrativo foi acrescentado: as Divisões da Associação Geral. No qual, o presidente de cada *Divisão* também é um vice-presidente da Associação Geral.

Após a reorganização, a IASD passou por um grande período de expansão. Mesmo durante a crise de 1929 e as duas guerras mundiais houve um aumento significativo de membros. Isso pode ser justificado pelo interesse sobre a segunda vinda de Jesus que é antecedida por crises e instabilidades nos mais diversos setores da sociedade. Aliado a isso,

⁸² A Escola Sabatina “originou-se por iniciativa de James White, que anunciou pela Review a revista mensal Youth’s Instructor, editada a partir de 1952. Em Rochester e Bridge, Nova York, surgiram dois grupos de pessoas que se dispuseram a estudar as lições bíblicas da revista, as Escolas Sábatinas, mais tarde incorporadas ao ritual da igreja. Após a escola-modelo de Battle Creek ter surgido, um de seus dirigentes sugeriu a criação de uma associação que englobasse as Escolas Sábatinas em cada Estado, com objetivo de consultas mútuas; sugestão levada a efeito na Califórnia e em Michigan, após o que, o plano generalizou-se. Essas associações estaduais vieram a formar a Associação Internacional das Escolas Sábatinas, que chegaram a financiar, diretamente, o proselitismo no estrangeiro. A participação na Escola Sabatina não tem, como pré-requisito, o batismo na Igreja e a classificação de membro da Escola Sabatina indica esta característica” (OLIVEIRA FILHO, 2004, p.165).

⁸³ Arthur Grosvenor Daniells (1858 – 1935) trabalhou como professor, evangelista, pastor e foi presidente da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia entre 1901 e 1922.

⁸⁴ As Associações e Missões são divisões administrativas da IASD que gerenciam igrejas locais. As Uniãoes são outras divisões administrativas que servem para gerenciar as Associações e Missões. Cada uma dessas divisões e as igrejas locais possuem departamentos que seguem as diretrizes dos setores que antes eram independentes. Existem diversos departamentos como de Escola Sabatina, Educação, etc.

também foi fundamental a liderança de Daniells e de William A. Spicer⁸⁵ na Associação Geral. Eles focaram os seus esforços nas missões estrangeiras o que impulsionou o crescimento da IASD para terras além da América do Norte.

1.3. A chegada e os primeiros anos de desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil⁸⁶

A Igreja Adventista do Sétimo Dia já havia sido organizada em 1863 e desta forma deu os primeiros passos para o envio de missionários além-mar. Em 1874 ocorre o envio de J. N. Andrews para a Europa, contudo a literatura adventista já estava sendo enviada para outros países das mais diversas partes do planeta. As crenças adventistas adentraram no solo brasileiro já no final século XIX e sua expansão, entre outros motivos, foi beneficiada com a reorganização administrativa que ocorreu em 1901 e a liderança mundial de Artur G. Daniells e de William A. Spicer que tinham foco no trabalho missionário.

1.3.1. O início da pregação para os habitantes de língua portuguesa

A chegada da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) ao Brasil está muito ligada à imigração alemã⁸⁷. A “[...] presença de colônias alemãs, que se mantinham relativamente isoladas do resto do país, propiciou o primeiro contexto favorável para a expansão do adventismo no Brasil” (SCHÜNEMANN, 2003, p. 31). A associação do adventismo com os alemães

⁸⁵ William Ambrose Spicer (1865 - 1952) foi evangelista, missionário, editor da IASD. Também atuou como secretário (1903-1922) e presidente (1922 – 1930) da Associação Geral.

⁸⁶ As principais obras que falam sobre o assunto são os livros *A chegada do adventismo ao Brasil: histórias de fé, coragem e dedicação* (2020) de Michelson Borges, *Terra de esperança: O crescimento da Igreja Adventista na América do Sul* (2011) de Floyd Greenleaf e as dissertações *Die Anfänge der Freikirche der Siebenten-Tags-Adventisten in Brasilien unter besonderer Berücksichtigung ihrer deutschen Wurzeln, 1890-1915* (A origem da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil com especial atenção as suas raízes alemãs, 1890-1915) (2014) de Edgar Link e *Origem do Adventismo no Vale do Itajaí, 1880-1895* (2015) de Marcelo Mendes de Melo Moura.

⁸⁷ “Retrospectivamente podemos dizer que houve três períodos de imigração alemã para o Brasil. O primeiro período, de 1824 a 1858, foi voltado principalmente a colonização dos estados do sul do Brasil, quando os imigrantes alemães foram conduzidos as áreas menos povoadas. Entre esses imigrantes foram recrutados jovens para servirem o exército brasileiro como soldados sendo destinados a manterem os territórios do Sul sob o seu domínio. O segundo período, de 1859 a 1939 foi voltado à busca de mão de obra especializada e imigrantes que dispunham de recursos financeiros. O terceiro período de 1940 a 1969, antes, durante e depois da segunda guerra mundial” (LINK, 2014, p. 10).

[...] foi um fator importante para o estabelecimento da Igreja Adventista no Brasil, embora entre a comunidade lusófona do país também existe um forte sentimento milenarista, a cultura pietista de boa parte dos imigrantes alemães forneceu o elo básico para o adventismo lançar raízes no Brasil. O milenarismo brasileiro estruturou-se dentro de uma mentalidade católica popular que possui traços bem diferentes da mentalidade protestante popular na qual a IASD se formou nos Estados Unidos. Este distanciamento consistiu uma barreira inicial na qual a comunidade alemã serviu como uma ponte (SCHÜNEMANN, 2003, p. 38).

Com a independência, o Imperador Dom Pedro I e sua esposa, a imperatriz Leopoldina de Habsburgo, criaram um projeto de imigração para impedir a “invasão de seus territórios pelos habitantes das colônias espanholas da América do Sul. A imigração de colonos europeus ajudaria a consolidar as fronteiras até então mal definidas” (LINK, 2014, p. 9).

O Major Georg Anton Schäffer foi contratado pelo governo brasileiro para fazer uma propaganda favorável e recrutar imigrantes na Alemanha. Iludidos pela promessa de uma vida melhor, muitos alemães deixaram seu país. Os problemas começavam com a viagem. Tinham que esperar meses para conseguir o navio, esses navios eram superlotados o que além de desconforto causava proliferação de doenças.

Ao chegarem ao Brasil, após semanas de viagem, ficavam esperando pelas terras que, na maioria das vezes, eram mal demarcadas. A falta de adaptação com o clima, conflitos com os índios e doenças tropicais causaram a morte de muitos. A situação piorou com a expansão da plantação de café a partir de 1840 e com a proibição do tráfico de escravos a partir de 1850. Então o governo foi atrás de imigrantes para as lavouras que, na maioria das vezes, tinham condições de trabalho próximas à escravidão.

Ciente dos problemas enfrentados pelos alemães no Brasil, o governo alemão proibiu de forma provisória a imigração para terras brasileiras em 1859. A partir de então, o governo brasileiro passou a recrutar alemães com condições financeiras para pagar suas viagens e comprar terras. Desta forma, surgiram as *sociedades de colonização* e as *companhias de navegação* que tinham o objetivo de atrair imigrantes para o Brasil. Assim, muitos imigrantes alemães vieram para o Brasil fazendo com que em 1920 existissem cerca de setenta mil deles morando no país. Nesse mesmo ano, em São Paulo moravam aproximadamente vinte mil alemães, conforme Link (2014).

“A imigração alemã ocorreu predominantemente em sete estados brasileiros: Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, São Paulo e Minas Gerais” (LINK, 2014, p. 12). Foram criadas diversas colônias alemãs nesses estados, algumas delas pelo governo e outras por iniciativa privada. Além disso, existiam as colônias mistas que possuíam alemães e imigrantes de outros países.

Segundo Link (2014), a IASD entrou no Brasil através de impressos, de imigrantes alemães já convertidos ao adventismo e dos primeiros colportores que vieram ao país. Por volta de setembro de 1880, um pacote com dez exemplares da revista *Stimme der Wahrheit*⁸⁸ (Voz da Verdade) chegou à colônia alemã de Brusque, Santa Catarina, no comércio de David Hort⁸⁹. As revistas foram endereçadas a Carlos Dreefke⁹⁰ que o abriu no mesmo local. As revistas foram divididas entre dez famílias da localidade por cerca de um ano, mas Dreefke cancelou o recebimento com medo de algum dia chegar uma conta que ele não pudesse pagar.

Não se sabe ao certo como os adventistas conseguiram o nome e o endereço de Dreefke. Borges (2020) e Moura (2015) sugerem que Borchardt, sobrinho de Dreefke, tenha dado as informações de seu tio a dois missionários⁹¹ durante a viagem de volta a Alemanha. Borchardt havia se metido em uma confusão e pensou que havia matado um homem durante a briga. Com medo de ser preso ou morto, ele fugiu do país.

Apesar de fazer sentido, essa explicação é vista com certo ceticismo por Link (2014) e por Greenleaf (2011). Independentemente de como as revistas chegaram ao Brasil endereçadas a Dreefke, o que se sabe é que ele recebeu e depois um ano cancelou. Após o cancelamento, um professor de nome Chikiwidowski⁹² encomendou a revista e outros impressos para continuar distribuindo, mas depois de um tempo também cancelou.

Frederich Dressler⁹³ foi a terceira pessoa a se encarregar das encomendas. Ele havia trazido em mãos para o Brasil a revista adventista *Christliche Hausfreund* (Amigo da Família). Ele vendia a revista para manter o seu vício na bebida, segundo Borges (2020). Dressler escreveu para a *Sociedade Internacional de Tratados de Battle Creek* pedindo mais literatura e ela lhe enviou uma grande quantidade de impressos, tanto revistas quanto livros.

Dressler continuou escrevendo para a Sociedade Internacional de Tratados de Battle Creek. Em uma das suas cartas, ele falou da grande alegria com “que os interessados de Brusque recebiam as revistas e os livros enviados dos Estados Unidos, e que essas pessoas eram

⁸⁸ “Essa revista começou a ser impressa em Alemão nos Estados Unidos em 1879 e teve fim 1884. A partir de 1885, passou a ser publicada com o título *Christlicher Hausfreund*. Havia um estudo bíblico na última página, que passou a ser usado como lição da Escola Sabatina nos grupos alemães dos Estados Unidos e pelo mundo” (BORGES, 2020, p. 30).

⁸⁹ David Hort (1833-1894) era alemão e possuía um comercio em Brusque, Santa Catarina. Para mais informações ver APÊNDICE U.

⁹⁰ Carlos Dreefke (????-????) era alemão de família luterana. Ele imigrou para Brasil na segunda metade do século XIX. Para mais informações ver APÊNDICE U.

⁹¹ Moura (2015) sugere que os dois missionários eram William Ings e John Loughborough que, nessa época, faziam contatos evangelísticos no porto de Southampton, Inglaterra, abordando tripulantes e passageiros de navios que iam para várias partes do mundo.

⁹² Chikiwidowski (????-????) era polonês e trabalhava como professor em Brusque, Santa Catarina.

⁹³ Friedrich Dressler (????-????) era alemão e filho de um ministro luterano. Para mais informações ver APÊNDICE U.

alimentadas e fortalecidas espiritualmente em consequência da leitura e estudo das mesmas” (LINK, 2014, p. 21).

Além disso, ele relatou que as pessoas interessadas pela literatura adventista estavam querendo uma visita de um pastor. No final de 1892, ele escreveu que os interessados de Brusque estavam pensando em se reunir em grupo e se encontrar regularmente. Esse grupo passou a se encontrar aos sábados revezando o encontro em suas casas.

Por designação da Associação Geral⁹⁴ da IASD, o colportor⁹⁵ A. B. Stauffer⁹⁶ começou a trabalhar no Brasil vendendo literatura adventista em 1893⁹⁷. Ele começou seu trabalho no sul do país depois de ter atuado dois anos no Uruguai e Argentina, os primeiros países da América do Sul a ter presença Adventista. Logo depois de Stauffer, Elwin Winthrop Snyder⁹⁸ veio ao Brasil e no Rio de Janeiro conheceu Albert Bachmeyer e o treinou para ser colportor.

“Bachmeyer e Stauffer venderam literatura adventista em Indaiatuba, Rio Claro, Piracicaba e outras localidades. Assim, em São Paulo, os primeiros interessados na mensagem adventista foram surgindo” (BORGES, 2020, p. 66). Os grupos de adventistas que foram formados pelo trabalho dos colportores desconheciam o grupo que havia se formado pela leitura dos impressos adventistas em Santa Catarina.

Em agosto de 1894 chega ao Brasil o missionário Willian Henry Thurston⁹⁹. O objetivo dele era criar um entreposto, um depósito, de literatura adventista no Rio de Janeiro para atender os colportores. Os impressos trazidos por ele eram em inglês, alemão e espanhol¹⁰⁰. Nesse ano, havia apenas “dez missionários no Brasil, nove colportores e apenas um pastor ordenado. Vários desses colportores nem batizados eram, pois não haviam tido a oportunidade de encontrar um ministro que os batizasse” (BERTOTTI, 2013, p. 25).

⁹⁴ A Associação Geral é a mais elevada divisão administrativa da IASD. Ela coordena as atividades da igreja a nível mundial.

⁹⁵ De acordo com Greenleaf (2011), devido a falta de recursos e mão de obra qualificada, a Igreja Adventista optava em enviar primeiros os colportores que serviriam para distribuir literatura e abrir o caminho para os pastores batizarem os novos convertidos e organizar as igrejas.

⁹⁶ Albert B. Stauffer (1855-1924) ou Augustus Baer Stauffer, de acordo com Link (2014), trabalhou como colportor no Uruguai, Argentina e Brasil e no início do século XIX assumiu posições importantes na IASD da América do Sul. Para mais informações ver APÊNDICE U.

⁹⁷ Segundo Borges (2020), em 1892 foi publicado no Christlicher Hausfreund que o missionário L. C. Chadwick havia passado pelo Brasil antes de Stauffer e procurado recém convertidos adventistas, possivelmente procurava as pessoas que haviam se convertido através da literatura adventista que havia sido enviado para o país. Chadwick não encontrou ninguém e como não poderia ficar muito tempo no Brasil, ele não chegou a procurar nos lugares distantes como era o caso da colônia alemã em Brusque, Santa Catarina.

⁹⁸ Elwin Winthrop Snyder (1865-1919) foi colportor e missionário adventista na Argentina, Brasil, Cuba, Paraguai e Uruguai.

⁹⁹ Willian Henry Thurston (1855-1924) trabalhou como missionário e administrador. Para mais informações ver APÊNDICE U.

¹⁰⁰ Na época, a IASD ainda não havia publicado nada em português e buscava primeiro converter os protestantes, porque possuíam uma barreira identitária menor, para depois investir no restante da população.

Ainda em 1894, Bachmeyer foi a Santa Catarina onde tentou vender alguns livros a uma família de Brusque. Lá ele descobriu que havia um grupo de adventistas naquela região que apenas aguardavam a visita de um pastor para serem batizados¹⁰¹. Bechmeyer relatou o ocorrido a Thurston que escreveu para o pastor¹⁰² Frank Henry Westphal¹⁰³ que trabalhava na Argentina.

Westphal partiu de Buenos Aires para o Brasil no dia 22 de fevereiro de 1895 e chegou ao país no dia 2 de março de 1895. Ele foi primeiro a Piracicaba, São Paulo, onde Batizou Guilherme Stein Junior¹⁰⁴ em abril de 1895. Este, apesar de ser a primeira pessoa batizada, não foi a primeira pessoa que publicamente aceitou o adventismo. A primeira pessoa a aceitar o adventismo publicamente foi Guilherme Belz¹⁰⁵ de Gaspar Alto, Santa Catarina. “Mas por uma questão de distância ele só pode ser batizado por ocasião do segundo batismo do Pastor Westphal em Gaspar Alto” (LINK, 2014, p. 42).

Após fazer alguns batismos em São Paulo, Westphal seguiu para Santa Catarina. Primeiro foi a Joinville e formou ali um grupo de trinta pessoas para serem batizadas posteriormente. Depois seguiu para Brusque e regiões circunvizinhas e no dia 8 de junho de 1895 batizou oito pessoas no rio Itajaí-Mirim. Enquanto esteve visitando os conversos, o pastor Westphal foi hostilizado por alguns católicos e luteranos¹⁰⁶ que moravam na região que não gostaram de sua presença lá.

¹⁰¹ O batismo é um dos principais ritos da IASD. Através dele o “neófito morre para sua vida infantil, profana, não regenerada, renascendo para uma nova existência santificada. [...] O iniciado não é apenas um recém-nascido ou um ressuscitado: é o homem que sabe, que conhece os mistérios [...] A iniciação equivale ao amadurecimento espiritual” (ELIADE, 1992b, p. 91). O batismo realizado pelos adventistas é o de imersão nas águas. “Este símbolo ecumênico da imersão na água como instrumento de purificação e de regeneração foi aceito pelo cristianismo e enriquecido por valores religiosos [...]. No cristianismo, o batismo tornou-se o principal instrumento de regeneração espiritual, porque a imersão na água batismal equivale ao enterramento de Cristo” (ELIADE, 2008, p. 159, 160).

¹⁰² Quando havia uma boa quantidade de interessados, os pastores eram chamados para instruir as pessoas na fé, organizar o trabalho e realizar batismos (GREELEAF, 2011).

¹⁰³ Frank Henry Westphal (1858-1944) “foi o primeiro pastor adventista alemão enviado para servir na América do Sul. Ordenado ao ministério em 1883, em Michigan, dedicou-se a missão urbana de Milwaukee e lecionou história no departamento Alemão do Union College. Em 1894, foi chamado para servir no continente sul-americano” (BORGES, 2020, p. 76).

¹⁰⁴ Guilherme Stein Junior (1871-1957) foi professor, redator, escritor, erudito e primeiro adventista batizado no Brasil. Para mais informações ver APÊNDICE U.

¹⁰⁵ Guilherme (Wilhelm) Belz (1835-1895) foi primeiro adventista do Sétimo Dia do Brasil. Nasceu na Pomerânia, Alemanha, em 1835. Casou-se com Johanna Belz e da união nasceram três filhos: Emília, Reinhold e Francisco. Para mais informações ver APÊNDICE U.

¹⁰⁶ Alguns membros das denominações cristãs já estabelecidas na localidade se sentiram ameaçadas pela presença do pastor adventista F. H. Westphal. A presença dele ameaça a estabilidade desses grupos sociais religiosos por causar perda de membros. Essa hostilização pode ter sido causada pelo fato das denominações já estabelecidas normalizarem a sociedade considerando-se o padrão a ser seguido e possuidora das representações positivas enquanto os adventistas, que estavam se estabelecendo, eram representados de forma negativa. Desta forma, essa representação negativa despertou a indignação em alguns que tentaram de forma mais energética se contrapor ao estabelecimento do adventismo na localidade.

Três dias depois do batismo em Brusque, Westphal realizou outro batismo, mas desta vez em Braunschweig (Gaspar Alto). Lá foram batizadas quatorze pessoas incluindo Albert Bachmeyer que mesmo trabalhando como colporteur ainda não havia se batizado. De acordo com Borges (2020), devido à perseguição infligida aos adventistas e a quem os ajudasse, Westphal não conseguiu um lugar para realizar os cultos e tiveram que se reunir na margem do rio Itajaí-Mirim e lá foi organizada oficialmente a primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil em junho de 1895.

Contudo, os cultos continuaram a ser realizados nas casas dos membros até 23 de março de 1896 quando foi inaugurado o primeiro templo adventista do Brasil em Gaspar Alto. A partir de então, vários outros templos surgiram e as doze¹⁰⁷ primeiras igrejas adventistas no Brasil foram:

1. Gaspar Alto, Gaspar (SC), organizada pelo pastor Frank H. Westphal em 15 de junho de 1895. 2. Rio de Janeiro (RJ), organizada pelo pastor Huldreich F. Graf¹⁰⁸ em 27 de outubro de 1895. 3. Santa Maria de Jetibá (ES), organizada pelo pastor Huldreich F. Graf em 14 de dezembro de 1895. 4. Joinville (SC), organizada pelo pastor Huldreich F. Graf em abril de 1896. 5. São Jacinto, Teófilo Otoni (MG), organizada pelo pastor Frederick W. Spies¹⁰⁹ em outubro de 1896. 6. Curitiba (PR), organizada pelo pastor Huldreich F. Graf em janeiro de 1897. 7. Alto Benedito Novo, Benedito Novo (SC), organizada pelo pastor Huldreich F. Graf em julho de 1897. 8. Rio Claro (SP), organizada pelo pastor Frederick W. Spies em outubro de 1897. 9. Ijuí (RS), organizada pelo pastor Huldreich F. Graf em 27 de novembro de 1897. 10. Linha Formosa, Santa Cruz do Sul (RS), organizada pelo pastor Huldreich F. Graf em dezembro de 1897. 11. Santa Joana, Itarana (ES), organizada pelo pastor Frederick W. Spies em janeiro de 1898. 12. Não-Me-Toque (RS), fundada pelo pastor Huldreich F. Graf em 27 de outubro de 1898. Com exceção da segunda (de fala inglesa no início) e da última (de língua portuguesa) todas elas falavam alemão (LINK, 2017, p. 6-7).

Esta última igreja é importante por dois motivos. Primeiro, ela mostra outra forma que a IASD se estabeleceu no Brasil que foi através dos imigrantes adventistas como as famílias alemães: Kümpel e Lindermann e, segundo, porque marca o início do trabalho missionário adventista entre os habitantes de língua portuguesa.

O nome dos Kümpel consta na primeira lista de membros da igreja “Vohwinkel (Alemanha), fundada em janeiro de 1876, como resultado do trabalho evangelístico do pastor

¹⁰⁷ Para mais informações ver o quadro das *Igrejas Adventistas organizadas entre 1895 e 1915* no APÊNDICE A.

¹⁰⁸ Huldreich Ferdinand Graf (1855-1946) trabalhou como pastor, evangelista, missionário e professor. Para mais informações ver APÊNDICE U.

¹⁰⁹ Frederick Weber Spies (1866-1935) foi missionário, pastor e administrador. Nasceu na Filadélfia, Pensilvânia, EUA. Converteu-se ao adventismo aos 22 anos de idade. Para mais informações ver APÊNDICE U.

suíço Jacob Erzberger¹¹⁰” (LINK, 2017, p.7). Eles chegaram ao Rio de Janeiro no dia 31 de dezembro de 1892 e no começo de 1893 se estabeleceu na colônia de São Pedro, Rio Grande do Sul.

Os Lindermann chegaram ao Brasil em 31 de dezembro de 1894, dois anos depois dos Kämpel, e estabeleceram-se na mesma região no começo de 1895. O pastor Huldreich F. Graf encontrou os Lindermann em dezembro de 1897 quando chegou à colônia alemã de São Pedro. Lá ele conversou com o chefe da família Josef Lindermann¹¹¹. Josef já havia se tornado adventista ainda na Alemanha e ao chegar ao Brasil manteve a sua fé.

No ano seguinte, o pastor Graf foi informado da existência da família Kämpel e entre setembro e outubro de 1898 os visitou junto com Ernst Julius Theodor Schwantes¹¹². Os Kämpel eram a única família alemã que morava na localidade de Não-Me-Toque (atual Boa Vista do Guilherme) na região Alto Jacuí pertencente ao município de Lagoa dos Três Cantos. Os seus vizinhos mais próximos perceberam que eles guardavam o sábado e os questionaram sobre isso. Então eles explicaram os seus motivos utilizando a Bíblia e converteram não só essa família como também outros vizinhos.

Quando o pastor Graf visitou os Kämpel, eles convidaram os vizinhos para ouvi-lo. Como Graf não falava português, Schwantes traduzia os sermões e os estudos bíblicos. Desta forma, iniciou-se o evangelismo entre os brasileiros na casa dos Kämpel e posteriormente surgiu nessa localidade a primeira Igreja Adventista de língua portuguesa. Graf e Schwantes ficaram na região por três semanas e batizaram quarenta e oito pessoas no dia 7 de outubro de 1898. Essas famílias junto com os Kämpel formaram a igreja de Não-Me-Toque.

¹¹⁰ Jakob Erzberger (1843-1920) fundou a primeira Igreja Adventista oficial na Alemanha em Vohwinkel. Um bom exemplo do trabalho de Erzberger foi a área de Vohwinkel / Wuppertal, onde ele foi fundamental para estabelecer a primeira Igreja Adventista em solo alemão em 1875/1876. J. N. Andrews, que na época liderava o trabalho missionário na Europa, não era fluente em alemão e passou apenas algumas semanas na área de Vohwinkel / Wuppertal antes de voltar para a Suíça. Para mais informações ver APÊNDICE U.

¹¹¹ Josef Lindermann (????- ????) era o filho mais novo de “Johann Heinrich Lindermann, fundador de uma igreja sabatista conhecida como Die getaufte Christengemeinde (Comunidade Cristã de batizados) que tinha membros espalhados por Vohwinkel, Solingen e Mönchengladbach (Rheydt), região de Wuppertal. Para mais informações ver APÊNDICE U.

¹¹² Ernst Julius Theodor Schwantes (1854-1922) foi pastor, professor, pioneiro no Sul do Brasil. Nasceu em Jerusalém Treptow Rega, Pomerânia, Alemanha. Para mais informações ver APÊNDICE U.

As primeiras doze igrejas¹¹³ organizadas em língua portuguesa¹¹⁴ no Brasil foram as seguintes:

Quadro 2 – As doze primeiras Igrejas Adventistas de língua portuguesa organizadas no Brasil			
Nº	Local	Ano	Pastor que organizou
1	Não-Me-Toque (atual Lagoa dos Três Cantos, RS)	1898	Huldreich F. Graf
2	Ribeirão do Salto Grande (atual Ribeira, SP)	1903	Frederick W. Spies
3	Ivaí (PR)	1905	Frederick W. Spies
4	Campestre (atual Santo Antônio da Patrulha, RS)	1905	Ernest Schwantes
5	Itararé (SP)	1906	Frederick W. Spies
6	Localidade de Santa Coleta (Atual Pelotas, RS)	1907	John Lipke ¹¹⁵
7	São Bernardo do Campo (SP)	1908	Emil Hölzle
8	Itapetininga (SP)	1908	Emil Hölzle
9	Candelária (RS)	1908	John Lipke
10	Teixeira Soares (PR)	1908	José Lindermann Junior
11	Rolante (RS)	1909	Waldemar Ehlers
12	Ibitinga (SP)	1909	Jacob G. Kröker
Fonte: Elaborado pelo autor com base em Link (2014).			

¹¹³ “Geralmente já se denominava igreja um grupo de crentes batizados que tinha condições de formar uma equipe de liderança composto por um ancião, diácono, tesoureiro, responsável pela sociedade missionária (literatura adventista a ser recebida e distribuída na região), e o número de membros abrangesse entre 10 e 20 pessoas” (LINK, 2014, p. 57). É importante destacar que as datas da organização normalmente diferem das datas da criação dos grupos e da existência de presença adventista. Um exemplo disso é a igreja de Rolante (RS) que, desde 1904, existia como grupo de adventistas, mas apenas em 1909 foi organizada como igreja. Existe um pequeno problema em relação às igrejas organizadas 1899 e 1901 isso ocorre porque “O Pastor Huldreich F. Graf que até então sempre escrevera muito, admite que sofrera muito com a morte do filho em 1898 e esse incidente lhe havia enfraquecido e desencorajado a escrever novos relatórios, e que ele dedicara suas energias principalmente a obra de evangelização. Essa pode ser uma das razões pelas quais entre 1899 e 1902 menos relatórios missionários são encontrados nas revistas alemãs dos EUA e nas revistas alemãs em geral. Uma segunda razão seria que nesse período tanto os colportores Friedrich Stuhlmann e August Bear [A. B. Stauffer] como também o Pastor Frederick W. Spies escreveram menos relatórios neste período se dedicando mais ao trabalho em si. Uma terceira razão seria que os alemães adventistas no Brasil começaram a publicar a partir do ano 1900 sua própria revista denominacional intitulada *Missionsarbeiter* e assim menos relatórios foram enviados ao estrangeiro. Lamentavelmente as edições de 1901 a 1902 não foram preservadas e as informações desse período estão perdidas. Encontramos nesse período apenas um relatório do pastor William H. Thurston que menciona a organização de três novas igrejas no Brasil no ano 1900 sem dizer em que localidades elas tenham surgido. Portanto, o surgimento de outras igrejas adventistas no Brasil entre 1900 e 1902 passa a ser uma questão em aberto. Como consequência, não é possível precisar cronologicamente o surgimento de novas igrejas adventistas no Brasil durante o período de 1899 e 1901” (LINK, 2014, p. 56).

¹¹⁴ Para mais informações ver quadro *Igrejas Adventistas de língua portuguesa organizadas entre 1898 e 1915* no APÊNDICE A.

¹¹⁵ John Lipke (Johannes Rodolf Berthold Lipke) (1875-1943) foi pioneiro da obra educacional e médica. Nasceu em Berlim, Alemanha. Frequentou o Seminário Teológico em Hamburgo, entrando em seguida na obra da colportagem, tendo como chefe o Pastor Frederico Spies. Para mais informações ver APÊNDICE U.

Apesar da primeira Igreja Adventista de língua portuguesa no Brasil tenha surgido em 1898, a conversão dos primeiros brasileiros ocorreu um pouco antes. É importante salientar que o Guilherme Stein Junior, a primeira pessoa a ser batizada por um pastor adventista no Brasil, era de família de imigrante, contudo nasceu no Brasil e falava fluentemente tanto alemão quanto português. Além disso, o pastor Frank H. Westphal, em abril de 1895, após fazer os primeiros batismos em Piracicaba, São Paulo, encontrou algumas famílias brasileiras interessadas nas ideias adventistas, mas como ele tinha que voltar para Argentina, não pôde atendê-las.

Além disso, em 1896, na cidade de Piracicaba, São Paulo, as crenças adventistas foram pregadas entre os brasileiros. “O Pastor Huldreich F. Graf pregou em alemão e foi traduzido para o português por Guilherme Stein Junior. Nessa ocasião foram batizados três alemães e organizada uma Escola Sabatina” (LINK, 2014, p. 85). Contudo, o primeiro trabalho de evangelização entre os brasileiros de língua portuguesa no Brasil foi realizado por Schwantes e a organização da igreja de Não-Me-Toque marca a transição da pregação das crenças adventistas do alemão para o português.

1.3.2. O início da expansão da igreja adventista pelo país

Até 1898 a IASD já havia se instalado no Brasil, principalmente no Sul, e iniciado a evangelização entre habitantes de língua portuguesa. Contudo era necessário expandir-se para outras regiões do país. Segundo Link (2014), o método adventista para o evangelismo era baseado em cinco pilares: a colportagem, os estudos bíblicos, as conferências evangelísticas, a obra educacional e o trabalho médico missionário.

Para que o trabalho fosse efetivo era necessário criar instituições de ensino que servissem para preservar os filhos dos membros na igreja e treinar obreiros, colportores e professores; uma casa publicadora que produzisse literatura adventista em português e alemão e instituições de saúde para desenvolver o trabalho médico missionário.

Tendo em vista a importância do crescimento no país, os líderes da IASD no Brasil empreenderam a criação de diversas instituições ligadas à igreja¹¹⁶. Até o “fim da década de

¹¹⁶ “A fé prática das igrejas norte-americanas levou-as a um grande desenvolvimento das instituições ‘para-ecclesiásticas’ que oferecia uma vantagem de permitir uma propaganda indireta contribuindo para a criação de uma ‘civilização cristã’ se não a realização do reino de Deus na terra, mais ou menos conscientemente identificado ao sistema econômico dos Estados Unidos. Trata-se de uma prática católica retomada pelo protestantismo americano, enquanto os grandes reformadores se consagraram quase unicamente a mensagem religiosa e a evangelização direta (LEONARD, 1981, p.133). O evangelismo através das instituições era importante para diminuir o preconceito e ganhar a confiança da população. Desta forma, elas podiam alcançar pessoas que o evangelismo direto não conseguia.

1890, os adventistas do sétimo dia já haviam estabelecido uma diversidade de escolas, instituições de saúde, casas publicadoras e outras organizações que se espalhavam pelos territórios entre os oceanos Atlântico e Pacífico” (GREENLEAF, 2011, p. 55). E essa busca por criar instituições e organizações ligadas à igreja como forma de evangelização não escapou as terras brasileiras.

A criação de instituições não era algo fácil, mas era uma característica marcante do adventismo. “Na época, a formação de um grupo de membros era a necessidade principal. Quando várias novas igrejas estivessem florescendo, os líderes tinham a esperança de organizar associações economicamente independentes, que tivessem condições de custear a diversificação” (GREENLEAF, 2011, p. 55). Muitas vezes, antes mesmo de ter um grupo de membros bem organizado, criava-se instituições para se ter estratégias diversificadas de evangelismo. Nem sempre dava certo e muitas instituições fechavam as portas com pouco tempo de abertas.

“Onde chega à mensagem adventista logo surgem escolas e colégios¹¹⁷” (BORGES, 2020, p. 165). De fato, as primeiras instituições ligadas a IASD no Brasil foram as de ensino. A primeira Escola Adventista no Brasil foi inaugurada no dia 1 de julho de 1896 na cidade de Curitiba, Paraná. Ela recebeu o nome de *Colégio Internacional de Curitiba* por ensinar em alemão e português.

A escola foi um projeto do pastor Graf que havia acabado de mudar para cidade. Ela iniciou com um grupo de oito a dez alunos e seu primeiro professor foi A. B. Stauffer, primeiro colportor a trabalhar no Brasil. A partir de 7 de julho de 1896, Guilherme Stein Junior, o primeiro batizado pela IASD no Brasil, mudou-se de São Paulo para Curitiba e passou a ser o diretor e professor da escola.

De segunda a sexta, eram ministradas aulas de diversas disciplinas, mas no sábado aconteciam as aulas de religião. Em dezembro de 1896 a escola tinha trinta e cinco alunos e, em 1902, cento e oitenta. Guilherme dava aula aos alunos alemães e sua esposa aos alunos brasileiros, mas com o aumento do número de alunos houve a necessidade de se contratar mais professores. Em janeiro de 1897, a escola possuía noventa e dois alunos que ficavam divididos

¹¹⁷ A criação de escolas como estratégia para um evangelismo indireto não era algo exclusivo da IASD. Segundo Leonard (1981), várias denominações protestantes utilizaram dessa estratégia. Isso aconteceu porque os missionários norte-americanos davam uma importância considerável às instituições educacionais. Este tipo de evangelismo indireto tinha o objetivo de atrair as elites nacionais para os meios protestantes expondo-as à sua influência por meio da educação. A área educacional era dividida em duas “a ideológica, cujo objetivo era introduzir elementos transformadores na cultura brasileira a partir dos escalões mais elevados, e a instrumental, cujo objetivo era auxiliar o proselitismo e a manutenção do culto protestante na camada inferior da população” (MENDONÇA, 1984, p. 73). A primeira estava ligada a criação dos grandes colégios americanos e internacionais e a segunda as escolas paroquiais.

nos três turnos: manhã, tarde e noite. Nessa época a escola possuía apenas 12 alunos brasileiros, o restante era de famílias alemãs.

Em 1897, a escola teve uma queda no número de aluno com a transferência de Guilherme para a escola da igreja de Gaspar Alto, Santa Catarina. Desta forma, a escola ficou sem professor de português ficando apenas os alunos de língua alemã e para substituir Guilherme, foi contratado Paul Krämer¹¹⁸. Com a administração dele, em 1898 a escola chegou a ter cento e trinta alunos e precisou ser transferida para um prédio maior. A seguir, um quadro com as dez primeiras instituições adventistas de ensino do Brasil¹¹⁹.

Quadro 3 – As dez primeiras instituições de ensino Adventistas no Brasil		
Nº	Nome	Ano
1	Colégio Internacional de Curitiba (PR)	1896
2	Escola Adventista de Brusque (SC)	1897
3	Escola Adventista de Benedito Novo (SC)	1898
4	Escola Adventista de Santa Leopoldina (atual Santa Maria do Jetibá, SC)	1898
5	Escola Adventista de Taquari (RS)	1898
6	Escola Adventista de Porto Alegre (RS)	1899
7	Escola Missionária de Brusque (SC)	1900
8	Escola Adventista de Rio Novo (atual Orleans, SC)	1902
9	Escola Adventista de Linha Antas (atual Araranguá, SC)	1902
10	Escola Adventista de Não-Me-Toque (atual Lagoa dos Três Cantos, RS)	1902
Fonte: Elaborado pelo autor com base em Link (2014).		

Além dessas escolas, houve outras que infelizmente não tiveram os registros preservados. Alguns relatos de pastores e colportores dão indício da existência de escolas paróquias nas cidades de Itararé, São Paulo, Rio Novo e outras cidades no decorrer dos anos. Devido à falta de documentação, o levantamento histórico delas ficou impossibilitado.

Ao olhar para o quadro é perceptivo que a maioria das instituições de ensino foram criadas, no atual, Sul e Sudeste do País. Isso aconteceu porque o evangelismo se deu principalmente nos locais em que havia presença alemã. É importante salientar que a maioria dessas escolas era de fala alemã sendo a Escola Adventista de Não-Me-Toque a primeira criada

¹¹⁸ Paul Krämer (1853-1930) foi educador, químico e farmacêutico. Nasceu na Alemanha, e tornou-se um pastor batista e, ao emigrar para o Brasil, deixou o pastado e estabeleceu uma farmácia em Curitiba. Entrou em contato com o pastor Huldreich F. Graf com quem desenvolveu fortes laços de amizade. Tornou-se adventista do sétimo dia e a partir de 1897 assumindo a direção do Colégio Internacional de Curitiba, onde também era professor juntamente com sua esposa. Para mais informações ver APÊNDICE U.

¹¹⁹ Para mais informações ver quadro *Educação Adventista no Brasil (1996-1915)* no APÊNDICE A.

para os habitantes de língua portuguesa. O Colégio Internacional de Curitiba chegou a ter aula em português durante algum tempo, mas o seu foco eram os alemães.

Os relatórios oficiais de 1920 listam “14 instituições de ensino na América do Sul, excluindo as subestações indígenas no Peru. Embora, a Escola de Treinamento Argentina já funcionasse há anos, somente três congregações no país ofereciam educação fundamental. As outras 11 se localizavam no Brasil” (GREENLEAF, 2011, p. 267).

Talvez a maior dificuldade que as escolas adventistas tinham era a financeira. Poucos recursos eram dirigidos, diretamente, para as escolas e como havia vários projetos missionários, os líderes, normalmente, preferiam investir no que dava resultados mais rápidos e expressivos. Isso forçava os membros locais a custear as próprias escolas o que levou ao desenvolvimento lento da educação adventista em todo o país e, principalmente, nos lugares mais pobres.

O início da educação adventista no Brasil gerou

[...] resultados divergentes. Os sucessos mais notáveis ocorreram nas regiões em que o nível de alfabetização já era relativamente bom. Em contrapartida, entre grupos pouco alfabetizados, a educação adventista conquistou muito pouco a princípio. A igreja também fez a experiência de usar as escolas como ferramentas evangelísticas, mas essa prática sempre levou o questionamento quanto a deverem as salas de aula ser um “refúgio” para as crianças adventistas ou extensão dos auditórios nos quais se realizavam evangelismo público. Alguns se perguntavam se a escola poderia ou deveria combinar as duas ideias. Os adventistas também debatiam se o maior investimento deveria ser direcionado às instituições para treinar adultos que participavam da obra da igreja, ou às escolas primárias destinadas às crianças (GREENLEAF, 2011, p. 62).

Mesmo diante das dificuldades internas e externas, o número das escolas adventistas foi aumentando cada vez mais. “Em 1950, os adventistas da América do Sul cuidavam de 431 escolas primárias, com 17.217 matriculados” (GREENLEAF, 2011, p. 507). Grande parte desse crescimento foi realizado na década de 1940, período em que a criação de escolas primárias foi muito incentivada.

Entre 1896 e 1915 foram criadas diversas instituições adventistas de ensino. Além das escolas paroquiais¹²⁰, escolas ligadas à igreja local, também foram criadas escolas missionárias e o seminário teológico. É importante frisar o papel das escolas missionárias no desenvolvimento do adventismo no país. A primeira escola com esse perfil foi a de Brusque

¹²⁰ O culto protestante exigia a leitura de material litúrgico e da Bíblia. Para atender a essa necessidade, “os missionários colocaram ao lado de cada comunidade uma escola. Estas foram as escolas paroquiais, alfabetizadas e elementares” (MENDONÇA, 1984, p. 95).

(atual Gaspar Alto, Santa Catarina) que surge em 1900, porém antes dela já existia no local uma escola paroquial desde 1897.

A escola missionária foi criada com o intuito de formar obreiros, pessoas para trabalhar na evangelização. A sua criação se tornou necessária devido ao aumento da quantidade de membros e de interessados, contudo faltavam pessoas capacitadas para o trabalho. A liderança da IASD no Brasil solicitou que enviassem mais pastores, colportores e professores, mas as Igrejas Adventistas Alemãs dos EUA informaram que não havia recursos para o envio desses profissionais.

Diante de tal situação, foi necessário capacitar pessoas no próprio país para trabalharem nessas funções. Em maio de 1900, a liderança da IASD no Brasil decidiu abrir uma escola missionária em Gaspar Alto, Santa Catarina, para formar obreiros para o país. No mesmo ano foram construídos um edifício, que serviria de templo e de escola paroquial, uma casa para o professor e terminaram de construir o prédio do internato.

No ano seguinte se formaram cinco pessoas que serviriam de obreiros bíblicos e de professores para as escolas. Aos poucos Lipke, que liderava a escola missionária, foi percebendo que era melhor formar pessoas do próprio país para trabalhar na expansão da igreja do que chamar pessoas de outros países que teriam que se adaptar ao clima e se familiarizar com os costumes brasileiros. A escola missionária de Gaspar Alto, Santa Catarina, formou obreiros, professores e colportores até 1903 quando foi transferida para Taquari, Rio Grande do Sul.

No dia 4 de agosto de 1903, iniciaram-se as aulas na escola missionária em Taquari. “O fundador dessa escola missionária foi Emil Schulz e seus primeiros diretores foram John Lipke e depois dele Emanuel Kämpel. Guilherme e Maria Stein ministravam aulas em língua portuguesa” (LINK, 2014, p. 82). Alguns alunos pagavam os seus estudos trabalhando na editora, que havia sido instalada lá em 1905, ou vendendo literatura adventista na região.

A escola missionária funcionou bem formando obreiros, colportores e professores até a transferência da editora para São Bernardo¹²¹, São Paulo. Depois disso, ela foi enfraquecendo financeiramente até encerrar suas atividades em 1910. Com o fechamento da escola missionária, ficou funcionando em Taquari apenas a escola paroquial. Entre 1910 e 1914, o Brasil ficou sem escola missionária.

¹²¹ São Bernardo correspondia a atual Região do Grande ABC e foi desmembrado em vários municípios que são: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. A editora ficava próxima à estação de trem que corresponde atualmente a Santo André.

Em 1914 foram traçados os primeiros passos para a criação de um seminário teológico no Brasil. Contudo, apenas em 1915 que a liderança da União Brasileira tomou a decisão de comprar uma fazenda perto de Santo Amaro, São Paulo. No dia 6 de maio de 1915, o seminário começou a ser construído e foi inaugurado no dia 2 de agosto do mesmo ano. Esse Seminário recebeu o nome de *Colégio Adventista Brasileiro* (CAB).

As aulas eram ministradas em três idiomas: português, alemão e inglês. A fundação do seminário foi um passo decisivo para assegurar o crescimento da IASD no Brasil, pois fornecia a mão de obra mais escassa no momento, pastores. O CAB cresceu tanto que na década de 1940 transformou-se “em uma das maiores escolas adventistas fora dos Estados Unidos” (GREENLEAF, 2011, p. 501).

Outro ponto importante para o desenvolvimento da IASD no Brasil foi a criação da editora para o fornecimento de literatura adventista para o Brasil. Os materiais impressos foram importantes para o início e a expansão do adventismo no país. Os colportores viajaram por diversas partes do Brasil vendendo e distribuindo a literatura adventista. Inicialmente, os materiais vinham de fora do país e não havia um material de qualidade em língua portuguesa.

Em 1895, Guilherme Stein Junior propôs-se a pregar entre a população de língua portuguesa, mas como não havia literatura em português, ele passou a colportar entre os alemães. Devido a esse problema, Ele traduziu o livro *Steps to Christ* (Caminho a Cristo) de Ellen White para português.

Segundo Link (2014), John Lipke, em 1899, acreditava que se tivessem mais obreiros e mais literatura em língua portuguesa a IASD teria se desenvolvido mais. No mesmo ano,

[...]começou-se a publicar, no Rio de Janeiro, três pequenos livros em língua portuguesa: “Caminho a Cristo”, “Primeiro Evangelho” e “Lições Bíblicas para a Escola Sabatina Nr. 1”. Mais dois livros estavam em fase de preparação: “Cristo Salvador” e um pequeno livro intitulado “Leituras da Bíblia”. Com essas publicações se esperava alcançar brasileiros com a mensagem adventista (LINK, 2014, p. 112).

Desta forma, inicia-se a publicação adventista no Brasil. Outro passo importante para a publicação foi *O Arauto da Verdade*¹²² em 1900 que foi o primeiro periódico adventista em língua portuguesa. Também foi importante a publicação em 1901 do periódico *Missionsarbeiter*

¹²² *O Arauto da Verdade* foi o primeiro periódico adventista publicado no Brasil e ele possuía um caráter evangelístico. A redação era feita na casa de Thurston, que havia se mudado para o Brasil para abrir um depósito de literatura adventista, e impresso sobre sua liderança na Typographia e Lythographia da firma Almeida Marques e CIA. *O Arauto* foi publicado entre 1900 e 1913 e depois mudou de nome para *Sinais dos Tempos* (1913-1918), *O Atalaia* e atualmente voltou a se chamar *Sinais dos Tempos*.

(Trabalhador da Missão) destinado a “fortalecer o empenho evangelístico dos adventistas alemães, mas ao mesmo tempo tinha caráter evangelístico” (LINK, 2014, p. 112).

Tanto *O Arauto* como o *Missionsarbeiter* foram entregues aos colportores para serem vendidos entre a população de língua portuguesa e alemã respectivamente. Através da venda do Arauto, foram surgindo pequenos grupos de guardadores do sábado entre a população nativa. Como resultado, os pastores Ernest Schwantes, Frederick Spies e John Lipke começaram a se dedicar ao trabalho de evangelização entre brasileiros.

Em 1903, John Lipke, Huldreich F. Graf e F. W. Spies idealizaram a criação de uma tipografia própria, mas para isso era necessário dinheiro que eles não possuíam. Desta forma, no mesmo ano, Lipke viajou aos Estados Unidos para conseguir dinheiro para um prelo. Após visitar várias igrejas contando as dificuldades encontradas no Brasil, ele conseguiu cerca de 2.000,00 dólares e o Emmanuel Missionary College, Berrien Springs, doou um prelo manual que havia pertencido à editora de Battle Creek.

Em 1904, Lipke retorna dos Estados Unidos e iniciam-se as atividades da primeira editora adventista que se chamava *Sociedade Internacional de Tratados do Brasil*. Ela funcionava em três salas da escola Missionária de Taquari, Rio Grande do Sul. *O Arauto da Verdade* passou a ser impresso em Taquari a partir de 10 de maio de 1905, depois disso foram publicados outros periódicos tanto em alemão (*Advent Arbeiter*, *Rundschau der Adventisten*, ambos em 1905), quanto em português (*Revista Trimensal*, 1906-1907, *Revista Mensal*, 1908 - 1930, e a *Revista Adventista*, 1931 até os dias atuais).

A primeira obra a ser publicada foi um opúsculo, pequeno livro ou folheto, de trinta e duas páginas, chamado *A segunda vinda de Jesus* e o primeiro livro foi *A Vinda Gloriosa de Cristo*. Em 1907, a tipografia foi transferida para São Bernardo, São Paulo, no lugar que funcionaria a Casa Publicadora Brasileira (CPB), atual editora da IASD do Brasil, até ser transferida para Tatuí, São Paulo, em 1985 onde se encontra hoje. São Bernardo era um local central onde facilitaria o envio para outros estados e em 1908 chegaram outros prelos, mas desta vez movidos por motor a gasolina.

Outras instituições ligadas a IASD no Brasil foram as de trabalho médico-missionário. O trabalho missionário carecia de verbas e em alguns casos mal conseguia pagar o salário dos pastores. Isso fez com que a obra médico missionária demorasse a se estabelecer no Brasil, pois os equipamentos eram muito caros. Além de problemas financeiros também existia a falta de pessoas qualificadas. Pouquíssimos profissionais de saúde queriam sair dos Estados Unidos para trabalhar nos países tropicais. Outro problema que surgiu foi o reconhecimento legal para

as práticas médicas, pois alguns países criavam “barreiras burocráticas” para manter o controle do trabalho de estrangeiros em seus territórios.

O primeiro adventista a se aventurar em terras tropicais foi Ole Oppegard¹²³. Ele se mantinha vendendo literatura e trabalhando como enfermeiro-massagista na Argentina por volta de 1895. Já em 1901, um pastor que também possuía credencial de médico foi enviado para Buenos Aires o nome dele era Habenicht¹²⁴. Para exercer a prática médica, ele conseguiu uma licença parcial e por várias vezes tentou a completa, mas as dificuldades eram grandes.

Em 1902, Habenicht iniciou sua prática médica em Crespo, Argentina, junto com outro, Lionel Brooking¹²⁵, que estava de volta à Argentina depois de completar o curso de enfermagem missionária nos Estados Unidos. O trabalho foi bem sucedido e pessoas de lugares distantes iam se consultar com ele. Além de trabalhar como médico, Habenicht também “dava aulas duas vezes por semana no Colégio Camarero, a quinze quilômetros de distância” (GREENLEAF, 2011, p. 65).

No Brasil, as colônias alemãs careciam de atendimento médico. Visando a aproximação com os alemães e diminuir o preconceito, o pastor Huldreich F. Graf¹²⁶ utilizou-se de serviços médicos-missionários para tratar os enfermos. Este trabalho foi mais utilizado em lugares onde havia oposição à IASD. Segundo Link (2014), Graf chegou a instruir obreiros sobre tratamentos naturais para serem utilizadas entre as famílias de interessados e em alguns momentos, os colportores começavam a trabalhar tratando os doentes para depois venderem a literatura adventista.

O primeiro médico missionário a trabalhar no Brasil foi A. L. Gregory¹²⁷, ele tinha trabalhado na Argentina, mas, com pouco tempo depois, mudou-se para Brasil onde trabalhou por cerca de sete anos. Ele trabalhava muito próximo aos líderes da igreja e muitas vezes viajavam juntos para realizar palestras de saúde.

¹²³ Ole Oppegard (1846–1934), pioneiro da Noruega, serviu na Argentina como evangelista da literatura e como o primeiro missionário adventista da América do Sul dedicado aos esforços médicos-missionários. Para mais informações ver APÊNDICE U.

¹²⁴ Robert Hill Habenicht (1866–1925) foi um missionário norte-americano que trabalhou nos Estados Unidos e na América do Sul. Ele era um pastor, médico, administrador e pioneiro de instituições médicas adventistas (SCHOLTUS, 2020).

¹²⁵ Lionel Brooking (???? - ????) era enfermeiro adventista inglês, colportor, professor, e um dos primeiros conversos e missionários na Argentina (DIONISIO, 2020b).

¹²⁶ “Graf tinha sido preparado no seminário de Batte Creek, onde os obreiros além dos conteúdos teológicos também recebiam treinamento prático na área de saúde” (LINK, 2014, p. 105).

¹²⁷ Abel Landers Gregory (1867-1950) foi um Médico missionário de sustento próprio, pioneiro na América Latina. Uniu-se à IASD aos 21 anos e um pouco mais tarde, iniciou seus estudos no Hospital e Faculdade Hannemann na Califórnia. Dois anos após concluir o curso, ele e sua esposa, Lula, filha de J. O. Corliss, ofereceram-se voluntariamente para vir ao Brasil como médico-missionário. Para mais informações ver APÊNDICE U.

Em 1904, Gregory e sua esposa Lula, mudaram-se para Taquari, Rio Grande do Sul, cidade que se concentrava o trabalho adventista. Ele possuía uma agenda lotada fazendo com que trabalhasse até tarde da noite. Ao perceber que os brasileiros tinham muitos problemas nos dentes, ele também começou a trabalhar como dentista dividindo o seu tempo igualmente entre as duas práticas.

A partir de 1916, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) obtém um forte crescimento e muitas igrejas foram fundadas e como consequência também houve um aumento das instituições criadas pela igreja. As escolas, casas publicadoras e centros médicos

[...] eram tão característicos do adventismo que a maior parte dos membros e líderes pensava que a igreja estaria desamparada se a construção de instituição não ocorresse. Para muitos adventistas, não havia distinção clara entre fazer evangelismo direto e administrar escolas, publicar literatura e tratar de pessoas doentes. Todas essas atividades faziam parte de um único objetivo: a missão evangelística da igreja (GREENLEAF, 2011, p. 223).

A obra Médico-missionária se espalhava por toda a América do Sul. Inicialmente foram criadas clínicas médicas no Peru e o *Sanatório de River Plate*. No Brasil existiam muitas expectativas para se criar um hospital. Com o intuito de se capacitar, em 1918, John Lipke interrompeu sua carreira como ministro e partiu aos Estados Unidos para fazer o curso de medicina na *Faculdade de Médicos Evangelistas* em Loma Linda, Estados Unidos.

Ele voltou em 1923 ao Rio de Janeiro acompanhado de Habenicht, que faleceu em São Paulo algumas semanas após a chegada. Lipke, ainda inexperiente, ficou como o único médico Adventista no País. Ele encontrou sérias dificuldades em conseguir permissão para exercer a medicina no país, pois o que se exigia na época era quase como fazer um novo curso. Contudo, ele recebeu uma licença temporária que permitiu o início do seu trabalho no Brasil.

As tentativas de Lipke de estabelecer um hospital no Brasil não foram bem sucedidas. Em 1927, ele exercia a prática médica limitada a uma licença estadual e de forma particular. Em 1928, Lipke consegue passar nos exames de revalidação, porém ele ficou apenas como médico da igreja e não conseguiu trabalhar como obreiro. Já em 1932, a igreja enviou uma delegação para expressar a Getúlio Vargas, então presidente da república, o desejo de criar uma instituição dessa natureza.

O programa médico-missionário no Brasil levou à um longo debate na reunião da Divisão¹²⁸ em 1937 e E. H. Wilcox, presidente da União Sul Brasileira¹²⁹, ficou responsável pelo projeto da construção da futura instalação do primeiro Sanatório Adventista no País. H. M. Walton, secretário do departamento médico da Associação Geral¹³⁰, visitou o Brasil em 1938 para aconselhar o projeto e ele voltou a Washington com os planos essenciais. Segundo Greenleaf (2011), a instituição seria localizada no campus do Colégio Adventista e teria no máximo vinte e cinco leitos.

Vários fatores contribuíram negativamente para adiar os planos da construção do sanatório no Brasil. Dentre eles a saída de Wilcox da União Sul-Brasileira em 1939 e a falta de recursos e apoio das outras instâncias da igreja. Contudo, em 1940 ficou decidido que no Colégio Adventista seria criada uma clínica de tratamentos hidroterápicos e de treinamentos da Cruz Vermelha. Também ficou decidido que o sanatório seria construído no Rio de Janeiro, porém ainda levaria muito tempo para que isso ocorresse.

Em 1941, a Associação Geral permitiu a abertura de uma casa de saúde em São Paulo. Os planos em relação ao sanatório foram colocados de lado por algum tempo devido à falta de médicos capacitados formados no Brasil, pois era inviável trazer médicos do exterior por causa da “burocracia” para validar as práticas médicas. A casa de saúde em São Paulo não era o que os líderes desejavam, mas já era o começo da expansão da obra médica no país.

No dia 8 de março de 1942 foi inaugurada em São Paulo a *Casa de Saúde Liberdade* que possuía quatro funcionários, incluindo um cirurgião, e trinta leitos. Algum tempo depois, ela recebeu uma verba que possibilitou a compra do terreno ao lado e a sua capacidade aumentou para cinquenta leitos até o final da década. Isso levou a aumentar o corpo médico para três e não aumentou mais por falta de médicos capacitados.

De acordo Greenleaf (2011), a Casa de Saúde de São Paulo tornou-se um centro bem conhecido no tratamento da poliomielite. Iam pessoas de várias partes do país para se consultar lá e muitas delas de famílias abastadas, além disso continuavam com os trabalhos filantrópicos.

¹²⁸ A divisão Sul-Americana é uma divisão organizacional da IASD responsável pelo desenvolvimento do adventismo na América do Sul. Ela foi criada em 1916 e em 1937 possuía duzentos e dezessete igrejas e vinte e seis mil e setecentos e cinquenta e dois membros (ROGERS, 1937).

¹²⁹ A União Sul Brasileira era uma Divisão organizacional da IASD responsável pelo desenvolvimento do adventismo nos seguintes estados: Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso e Goiás. Ela foi organizada em 1937 e possuía cinquenta e duas igrejas e seis mil e quatrocentos e sessenta e dois membros (ROGERS, 1937).

¹³⁰ A Associação Geral é instância administrativa máxima da IASD responsável pelo desenvolvimento do adventismo no Mundo. Ela foi organizada em 1863 e em 1937 possuía oito mil trezentas e oitenta e oito igrejas e quatrocentos e cinquenta e dois mil setecentos e cinquenta e oito membros (ROGERS, 1939).

Mesmo com o aparente sucesso da Casa de Saúde de São Paulo, os líderes da igreja buscaram implantar no Rio de Janeiro, a capital do país, o principal centro médico adventista do Brasil.

No dia 22 de novembro de 1942, foi inaugurada a *Clínica de Repouso White* em uma casa de três andares e que possuía vista para a Baía de Guanabara, Rio de Janeiro. A casa foi alugada por três anos e a clínica deveria ficar neste local até a construção do prédio próprio do hospital. Mais rápido do que se esperava, a clínica foi ganhando visibilidade e atraiu pessoas da alta sociedade. O cardápio

também se transformou em atração. Uma paciente – a esposa de um dos ricos joalheiros do Rio – ficou tão impressionada com o pão integral que pediu para ir até a cozinha, onde tirou os anéis e pulseiras para colocar a mão na massa e fazer uma receita, que levou para sua família experimentar. Schneider¹³¹ recebia ligações de pessoas de todo o Brasil, da região amazônica ao extremo sul, pedindo informações sobre a Clínica de Repouso White. Entre elas, estava o filho do presidente do país, que ligou de São Paulo para solicitar tratamento hidroterápico especial (GREENLEAF, 2011, p. 459).

No dia 2 de março de 1944, foi anunciado que a igreja havia conseguido comprar um terreno de três hectares no bairro de São Silvestre, contudo o hospital ainda demoraria a ser construído. Mesmo diante das dificuldades financeiras e da burocracia tanto do poder público quanto institucional, a clínica do Rio mudou-se para seu novo endereço no dia 20 de julho de 1948. Contudo, “faltavam uma sala de cirurgia, um laboratório e equipamento de raios-X” (GREENLEAF, 2011, p. 459). O prédio foi oficialmente inaugurado com mais de vinte meses depois e ele recebeu o nome de *Hospital Silvestre*.

Com a expansão da obra médica no país, a União Norte - Brasileira¹³² também despertou o interesse em construir um hospital. Em 1942, o Dr Antonio Miranda se mudou de São Paulo para Belém e fundou a *Clínica Bom Samaritano* em um prédio inadequado. No ano de 1944 foi anunciada a compra do terreno para construção das novas instalações do hospital. Ele foi oficialmente inaugurado em 1953, mas começou a atender bem antes, conforme Greenleaf (2011).

Outro passo importante para o desenvolvimento da IASD no Brasil foi a sua organização jurídica em 1907. A igreja havia se instalado em vários lugares do país e se expandindo

¹³¹ Chester Clarence Schneider (1892–1956) foi pastor, médico e administrador, nasceu em 16 de abril de 1892, na cidade de Schaffer, Kansas, Estados Unidos. Para mais informações ver APÊNDICE U.

¹³² União Norte - Brasileira era uma divisão organizacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia que 1942 era responsável pelo desenvolvimento do adventismo nos estados do Ceará, Piauí, Maranhão, Pará, Amazonas e do território do Acre. Ela foi organizada em 1936 e 1942 possuía sete igrejas e quatrocentos membros (CONARD, 1942).

rapidamente, mas sem uma organização jurídica ela não poderia adquirir imóveis. Com o intuito de resolver esse assunto, no dia 18 de julho de 1907 ocorreu uma reunião dos líderes adventistas no país em Rio Claro, São Paulo. “Como representantes legais foram eleitos, presidente: Frederick W. Spies, Secretário: Emil Hölzle e tesoureiro Guilherme Stein Junior (LINK, 2014, p. 117).

Com a expansão da IASD no Brasil foi necessário fazer modificações na estrutura organizacional. Em 1902, a Missão Brasil passou a ser Associação Brasileira¹³³ e possuía cerca de oitocentos membros. Quatro anos depois, 1906, foi organizada a União Sul-americana e a Associação Brasileira foi dividida em três como mostra o quadro a seguir:

Quadro 4 – Divisão da Associação Brasileira em 1906		
Associação/Missão	Quantidade de membros	Presidente
Associação Rio Grande do Sul	Cerca de 400 membros	Pastor Graf
Associação Santa Catarina-Paraná	Cerca de 486 membros	Waldemar Ehlers
Missão de São Paulo	20 membros	Emilio Hoelzle
Fonte: Elaborado pelo autor com base em Borges (2020).		

No dia 9 de dezembro de 1910 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, foi organizada a União Brasileira. Desta forma, o campo missionário brasileiro foi separado da União Sul-americana e essa separação ajudou na consolidação do processo de desenvolvimento da IASD no Brasil. A União Brasileira foi efetivada em 1911, possuía sua sede em São Bernardo (Atual Santo André), São Paulo, e seu território era composto pelas seguintes Associações Rio Grande do Sul¹³⁴, Paraná, Santa Catarina e as Missões São Paulo, Rio-Espírito Santo, Leste Brasileira e North Brasileira.

¹³³ A principal diferença entre *missão* e *associação* está na capacidade de se manter. A missão é mais dependente de recursos externos do que a Associação.

¹³⁴ As Associações Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina possuíam como território os respectivos estados bem como a Missão São Paulo. A missão Rio-Espírito Santo tinha como território os estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. A Missão Leste Brasileira possuía como território Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco. A Missão North Brasileira possuía como território os estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Ceará, Maranhão, Pará, Amazonas, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais. Esta última missão era dirigida pela União Brasileira enquanto as outras possuíam superintendentes e ministros próprios (ROGERS, 1911).

2. RELAÇÕES CONFLITUOSAS: ESTADO, CATOLICISMO E PROTESTANTISMO

Final do século XIX e início do XX, período da implantação e primeiros anos de desenvolvimento da IASD no Brasil, foram marcados por mudanças políticas e religiosas no país. Dentre essas mudanças estão a programação da república, a romanização, a restauração católica e a implantação e desenvolvimento mais intenso de diversos ramos do protestantismo. Todos esses fatores influenciaram o crescimento do adventismo no país e na Paraíba e por isso é importante trabalhá-los aqui.

2.1. A Romanização e a Restauração Católica no Brasil

A Igreja Católica Apostólica Romana manteve uma íntima relação com a coroa portuguesa¹³⁵ durante séculos através do regime de padroado¹³⁶. Por meio dele, o Papa outorgava aos reis alguns poderes sobre a igreja. Em suma, o estado poderia recolher o dízimo da igreja, nomear bispos, e outras funções eclesiásticas. O objetivo do padroado era a participação do estado na expansão da igreja nos lugares onde ela não teria condições.

Com a independência do Brasil (1822), o império continuou ligado à Igreja Católica e manteve os mesmos privilégios. Com a constituição de 1824, o império torna-se oficialmente católico. Ela decretava, entre outras coisas:

¹³⁵ O período que antecede o processo de emancipação política do Brasil com relação a Portugal é caracterizado também pela aproximação entre a Igreja e o Estado português no que concerne às conquistas, povoamento e expansão católica no novo mundo. Essas conquistas portuguesas, mormente vinculadas à defesa da fé, acabaram por angariar não poucos privilégios pontifícios, ao longo dos séculos. Assim, o infante D. Henrique foi nomeado em 1319, pelo Papa João XXII, Grão Mestre da Ordem de Cristo, sucedânea da Ordem dos Templários em Portugal. A partir do pontificado de Calisto III, em 1456, foram entregues a esta Ordem os bens e direitos eclesiásticos sobre todas as terras conquistadas, presentes e futuras, por Portugal. Neste período, os reis foram conseguindo dos papas, de forma gradual o grão mestrado da Ordem de Cristo. Algumas destas concessões, com expressa menção do direito universal do Padroado a todas as terras sujeitas ao domínio da Coroa portuguesa. Desta forma, os dízimos ficavam com a Ordem e, à Coroa, cabia o Padroado, ou seja, o domínio temporal das mesmas igrejas. Em consequência, os monarcas de Portugal passaram a exercer, ao mesmo tempo, o poder de ordem civil e eclesiástica em seus territórios. Poder este estendido a todas as conquistas e domínios ultramarinos, onde a implantação da fé católica acabou por se confundir com a consolidação do poder temporal de Portugal (SOUSA JÚNIOR, 2015, p. 35).

¹³⁶ Entende-se por direito de padroado, o conjunto de privilégios com certas cargas que, por concessão da Igreja correspondem aos fundadores católicos duma igreja, capela ou benefício ou também aos seus sucessores. Entre os privilégios dessa instituição, destacava-se o direito de apresentação de arcebispos e bispos, já a nomeação para esses cargos competia exclusivamente à Santa Sé, mas a proposta de nomes cabia em muitos casos ao Imperador. Com efeito, além das funções espirituais, os bispos e párocos eram considerados funcionários do Estado e este se viu no direito de decidir sobre a sua nomeação. Declarou então, o Império, que o direito do padroado não existia em virtude de uma concessão papal, mas sim era originário do próprio poder civil (SOUSA JÚNIOR, 2015, p. 35, 36).

a) o beneplácito régio — nomear bispos e prover os benefícios eclesiásticos — seria um direito do Imperador e não uma concessão pontificia; b) seria exigido aos deputados que professassem a religião católica; c) dar-se ia exclusividade de culto público à religião católica; d) o imperador é o chefe do poder Executivo, a quem compete proteger a religião católica e tolerar os outros cultos, mediante o juramento constitucional. Não somente o Imperador, mas também o seu herdeiro e os Conselheiros de Estado prestariam o juramento de defender a religião católica; e) ficavam excluídos os religiosos e seus análogos dos direitos políticos; f) estaria consagrado o princípio, ainda que limitado, de liberdade de culto (SOUSA JÚNIOR, 2015, p. 35).

Os poderes dados ao imperador sobre a Igreja Católica, confirmados pela constituição, faziam dela quase um departamento do estado, pois ele tinha total controle sobre ela. Até mesmo durante o reinado de Dom Pedro II, o estado interveio na igreja e em seus negócios. Um exemplo clássico foi a chamada *questão religiosa* onde os bispos Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira¹³⁷ de Olinda, Pernambuco, e Dom Antônio de Macedo Costa¹³⁸ do Pará foram presos por não aceitarem a participação das lojas maçônicas na igreja. Ambos só cumpriram dois anos de prisão e foram anistiados.

O controle do estado sobre a igreja também afetava o seu desenvolvimento. Com o fim do império, em 1889, havia apenas doze dioceses, treze bispos e cerca de setecentos sacerdotes. A formação do clero era deficitária e realizada em apenas nove seminários espalhados pelo país, além disso, ela dependia muito do estado.

Como uma forma de combater esse controle, foram enviadas diversas instituições ligadas à Santa Sé ao Brasil. Elas foram assumindo a direção dos seminários e formando o novo clero nas diretrizes ultramontanas. Desta forma, aos poucos, o clero brasileiro foi se aproximando cada vez mais de Roma e aceitando apenas o que fosse decidido por ela. Assim, não bastava ser católico, mas tinha que ser católico romano¹³⁹.

Inicia-se então, entre o clero romanizado uma busca pela ortodoxia e uma luta de resistência contra o controle do estado nas questões religiosas. Tudo o que Roma considerava perigoso e que fugia da ortodoxia começou a ser perseguido como é o caso do catolicismo popular (ou não oficial), do protestantismo, do espiritismo, da maçonaria, etc. A reforma

¹³⁷ Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira (1844 -1878) era um frade Capuchinho e bispo de Olinda.

¹³⁸ Dom Antônio de Macedo Costa (1830 – 1891) foi bispo do Pará e Salvador. Mesmo sendo brasileiro teve formação na França e em Roma.

¹³⁹ De acordo com Silva (2008), a identidade pode ser marcada pela diferença. Através da diferença cria-se uma espécie de barreira que serve para definir o que somos e o que não são somos. Durante o período colonial e imperial o catolicismo possuía várias identidades diferentes como a jansenista e o popular que diferia do catolicismo romano. Com a romanização, a identidade romana passa a classificar a sociedade colocando-se como o padrão a ser seguido e perseguindo as demais. Desta forma, a romanização foi um processo em que a identidade católica romana tenta se sobrepor às demais identidades religiosas.

romanizadora deveria ocorrer no clero, na sociedade, nas práticas e nos costumes religiosos. A partir da segunda metade do século XIX, a romanização estava chegando à Igreja Católica no Brasil e isso ocasionou reações parecidas com a da *questão religiosa* cada vez mais frequentes.

Como a igreja ainda estava muito ligada ao estado, a desvalorização do império também foi sentida por ela. Para não perder espaços na sociedade, ela também passou a se fazer mais presente na sociedade iniciando um período de efervescência missionária católica. Várias ordens religiosas adquiriram esse caráter missionário e passaram a viajar pelo país realizando as *missões populares*¹⁴⁰ que tinham o objetivo de reafirmar a identidade católica e reprimir o que não fizesse parte da ortodoxia romana.

Com a proclamação da república, em 1889, e com o decreto 119-A, de 07 de janeiro de 1890, que instituiu o estado laico, a igreja se ver livre das amarras do estado, contudo perde o lugar privilegiado de religião oficial. Tendo em vista não perder espaço na sociedade, o episcopado brasileiro, representado na pessoa de Dom Antônio de Macedo Costa, passou a negociar com Rui Barbosa¹⁴¹ a condição de existência da Igreja Católica na República.

A nova constituição garantiu a liberdade de cultos e práticas religiosas para todas as religiões, inclusive a Igreja Católica. A nova constituição lhe causava o sentimento de liberdade, por não estar mais presa às amarras do governo, e de apreensão, por perder seu espaço privilegiado. Em menos de um ano,

o casamento religioso deixou de ser reconhecido pelo Estado, os cemitérios foram secularizados, o ensino religioso proibido nas escolas públicas, os capelães expulsos dos exércitos, os clérigos, que tão ostensivamente atuaram nas coisas públicas desde o período imperial, declarados inelegíveis; por fim, perdia a Igreja toda a proteção a ela assegurada no regime precedente (SOUSA JÚNIOR, 2015, p. 95-96).

¹⁴⁰ Conforme Souza (2011), não se sabe ao certo quando se iniciaram as Santas Missões, contudo ela está presente na comunidade cristã desde os tempos mais remotos. As Santas Missões eram realizadas no Brasil desde o período colonial pelos dominicanos, redentoristas, capuchinhos e lazaristas que em sua maioria eram estrangeiros. No Nordeste do país, os padres seculares se destacaram nesse campo. Para Ferreira (2016), as Santas Missões serviam para a manutenção da unidade religiosa sendo realizadas através das visitas. Uma das principais características das Santas Missões era a pregação no momento de instrução que não se apegava demais as obrigações litúrgicas e possuíam linguagem de fácil acesso. Elas não faziam parte da estrutura política e eclesial, o que lhe dava liberdade para agir e adaptar-se de acordo com a necessidade de cada localidade. Mesmo com as variações regionais, ela “possuía três frentes distintas: a instrução religiosa que serve de instrumento preventivo contra as heresias, o combate aos prazeres da carne e aos vícios e finalmente a dimensão conciliatória que evita os conflitos, concilia os desafetos como condição indispensável para a aproximação dos sacramentos” (SOUZA, 2011, p. 32).

¹⁴¹ Rui Barbosa (1849-1923) era advogado, jurista, escritor, diplomata e um dos principais intelectuais da sua época. Atuou em defesa do abolicionismo e do federalismo, além disso, foi um dos principais organizadores da constituição de 1891.

Com a separação do estado, a Santa Sé toma posse da Igreja Católica no Brasil e inicia o processo de expansão. Em 1892, o papa Leão XIII criou, por meio da bula *Ad universas orbis ecclesias*, de 27 abril, “as dioceses do Amazonas, Curitiba, Niterói e Paraíba, além de elevar o Rio de Janeiro à condição de Arquidiocese com a divisão do Brasil em duas Províncias Eclesiásticas: a Setentrional, com sede em Salvador; e, a Meridional, com sede na cidade do Rio de Janeiro” (SOUSA JÚNIOR, 2015, p. 105).

O aumento de diocese no Brasil foi uma resposta de Roma à perda de espaço na sociedade. Assim, a igreja se faria mais presente e estaria mais perto da população reforçando as práticas ortodoxas e reprimindo qualquer coisa que pudesse ameaçar a sua estabilidade. A romanização da sociedade estaria agora em um processo mais acelerado.

Aproveitando-se da liberdade religiosa e da não intromissão do Estado brasileiro na igreja, a Santa Sé enviou diversas ordens religiosas masculinas e femininas, reformulou o clero e ordenou bispos reformadores que tinham o objetivo de facilitar e implantar a romanização. Nos primeiros anos da República, Dom Macedo Costa, Bispo de Salvador (BA), liderou a Igreja Católica e elaborou algumas estratégias para o avanço da romanização.

Algumas delas foram a formação do clero, elaborações de cartas pastorais voltadas para o fortalecimento da família, da moral e da religião e a criação de jornais católicos para o ensino e defesa contra os seus inimigos como o protestantismo, espiritismo, laicismo, comunismo, socialismo, anarquismo e a maçonaria.

Ele também apoiava as visitas pastorais e o envio de congregações religiosas para todas as partes do Brasil. O objetivo dele era fazer a igreja mais presente na sociedade para que, dessa forma, os seus membros pudessem confiar nela e não escapar de suas igrejas. Contudo, tanto as visitas pastorais como as congregações religiosas serviam para sufocar o catolicismo popular, pois não bastava ser católico tinha que ser católico romano.

Após a morte de Dom Macedo Costa (1891), o padre Júlio Maria¹⁴² torna-se um dos principais nomes da Igreja Católica em processo de romanização. Ele defendia que a ela não deveria ficar enlutada pela perda dos privilégios concedidos pela coroa portuguesa e pelos imperadores no Brasil. Ela deveria aderir à república, mesmo não concordando com algumas atitudes, e se aproximar ainda mais das camadas populares. Era o melhor momento para a aproximação entre a igreja e o povo.

A maioria do clero brasileiro ainda estava muito ligada ao antigo regime. Para eles, o casamento civil e a laicização da educação eram males trazidos pela república, o primeiro

¹⁴² Padre Júlio Maria (1850-1917) era membro da congregação redentorista, “tenaz defensor do poder eclesiástico e crítico moderado do sistema político republicano” (SOUSA JÚNIOR, 2015, p.136).

causava licenciosidade moral no seio familiar e o segundo era responsável pela perda da fé por parte da juventude. A república era vista como um mal para sociedade mesmo trazendo a liberdade para a Igreja Católica ligar-se com Roma e se autogerenciar.

Para a maioria da liderança católica do país no final do século XIX, nenhuma reforma política, administrativa ou de leis poderiam salvar o Brasil. Apenas o evangelho, à luz do catolicismo, poderia levar os fiéis para algo melhor e por isso era necessário “um despertar cristão a fim de defender, restaurar e fazer reflorescer a religião para que a pátria brasileira seja salva” (SOUSA JÚNIOR, 2015, p.139).

O episcopado brasileiro tentava sempre mostrar sua relevância para a liderança política do país. Eram organizados encontros periódicos entre as lideranças políticas e religiosas a nível nacional e regional que tinha a intenção de repensar a inserção sociopolítica da Igreja Católica no Brasil. Pois ela estava enfraquecida com a separação entre estado e igreja. Porém, aos poucos ela foi ganhando espaço na sociedade através das táticas empregadas pela romanização como a criação de jornais e colégios, implantação das visitas pastorais, reorganização do clero, etc.

Com a ascensão do Papa Pio XI ao pontificado romano (1922-1939), a necessidade de reorganização e recristianização passam a ser reforçados. Tendo Dom Sebastião Leme¹⁴³ como representante da igreja, começa-se a pensar o ideal da *neocristandade* como uma aliança de colaboração entre Igreja Católica e o Estado. As duas instituições deveriam trabalhar juntas, mas sem interferir uma na outra.

De acordo com Scott Mainwaring (1989), o processo de recristianização da sociedade teve início nos últimos anos do século XIX, porém ele floresceu apenas na década de vinte do século passado. Ainda no início do século XX, em Minas Gerais, a Igreja Católica obteve os primeiros êxitos em tornar a sua presença mais marcante na sociedade. Quando o governo aboliu a educação religiosa das escolas públicas, os líderes religiosos mobilizaram o *laicato*¹⁴⁴ para exercer pressão para revogar essa medida. Mesmo não obtendo êxito, organizaram um movimento chamado de *Ação Católica*.

Com a Ação Católica os leigos puderam tomar parte ativa no processo de reconquista do prestígio perante a sociedade. O Papa Pio XI, que também ficou conhecido como o papa da Ação Católica, apoiava a atuação dos leigos desde que eles se submetessem à hierarquia da igreja. Nesse período começam a surgir diversos movimentos sociais e religiosos controlados

¹⁴³ Dom Sebastião Leme da Silveira Citra (1882 – 1942) exerceu as funções de arcebispo do Rio de Janeiro e de Olinda e Recife. Estudou na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma entre 1897 e 1904 sendo ordenado padre em 28 de outubro de 1904.

¹⁴⁴ O laicato é um conjunto de fiéis não ordenados ao sacerdócio como, por exemplo, membros, freis, freira, etc.

pela hierarquia da Igreja Católica como, por exemplo, “*A União Popular (Minas, 1909), Liga Brasileira das Senhoras Católicas (1910), Aliança Feminina (1919), Congregação Mariana (1924), Juventude Universitária Católica (1930) e a Ação Católica Brasileira (1935)*” (MAINWARING, 1989. p. 47).

Dentre os líderes da Igreja Católica, dessa época, o padre Júlio Maria e Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra destacaram-se nas suas atuações. O primeiro pode ser considerado como o precursor da Ação Católica, pois desde o final do século XIX defendia a atuação dos leigos e a aproximação com o povo. O segundo acreditava que a igreja deveria utilizar sua superioridade numérica de membros para marcar uma forte presença na sociedade e cristianizá-la. Leme liderou e articulou a Igreja Católica nas décadas de 1920 e 1930.

No ano de 1922 duas medidas importantes foram concretizadas: a criação do Centro Dom Vital e a da Confederação Católica. O primeiro tinha o objetivo de alcançar as camadas mais intelectualizadas da sociedade brasileira para usar a sua influência a favor da igreja. O último era uma escola de formação de líderes que “através de formação de ligas, uniões e ações serão disseminadas por todo o Brasil, nos idos das primeiras décadas do século XX” (SOUSA JÚNIOR, 2015, p.153).

Em julho de 1923 foi organizada por Dom Sebastião Leme a Ação Católica que serviria de apoio para as comissões Permanentes da Confederação Católica do Rio de Janeiro. Ela teve como característica principal a convocação dos leigos para a participação no apostolado hierárquico. De acordo com Miranda (1988), o termo Ação Católica, com o sentido de mobilização dos leigos católicos, foi utilizada pela primeira vez em 1900 no primeiro Congresso Católico Brasileiro celebrado em Salvador.

Ainda na década de 1920, a *Restauração Católica* ganha corpo tendo

[...] como marco simbólico a realização do Primeiro Congresso Eucarístico Nacional, celebrado de 26 de setembro a 1º de outubro de 1922, no Rio de Janeiro, cujo tema foi “A restauração cristã do Brasil pela vida eucarística, principalmente na família, na infância e na mocidade” [...] Enquanto empresa de afirmação social do catolicismo, orientada pela defesa da “ortodoxia” combinada a um nacionalismo de matriz religiosa, a Restauração Católica carregava em si a negação dos elementos “descristianizadores”, como eram consideradas as denominações protestantes existentes no Brasil (SIMÕES, 2008, p. 35-36).

Através de Pio XI, a Restauração Católica ganha uma força propulsora para o restabelecimento do poder da Igreja Católica no Brasil. Ele era defensor da reaproximação da

igreja com o Estado para garantir mais espaço na sociedade e para isso contava com as reformas realizadas pelos bispos. O seu objetivo era usar o povo para aproximar-se do poder político que, para ele, tornaria mais eficaz a missão evangelizadora.

Com o início da era Vargas o Estado e Igreja Católica se aproximam e alguns fatos importantes ocorreram nesse período. A inauguração do Cristo Redentor e a consagração de Nossa Senhora Aparecida em 1931 foram dois fatos que serviram para o catolicismo romano mostrar o seu poder na sociedade brasileira. Desta forma, é perceptível que tanto a romanização quanto a Restauração Católica estavam fazendo a Igreja Católica voltar a ganhar espaço perante o povo brasileiro.

2.2. Protestantismo no Brasil

É possível encontrar presença protestante no Brasil desde o período colonial, contudo ela não foi contínua e o protestantismo chegou a ser proibido no país. A partir do século XIX, o protestantismo passou a ser tolerado e aos poucos os protestantes foram conseguindo mais espaço na sociedade e conquistando direitos. Nessa parte do trabalho será analisada um pouco dessa trajetória.

2.2.1. Um início conturbado

Apesar dos primeiros protestos contra a Igreja Católica Apostólica Romana já acontecerem bem antes, 1517 ficou conhecido como o início da *reforma protestante*. No dia 31 de outubro desse ano, um dia antes das festividades do dia de Todos os Santos, o monge e professor de teologia Martinho Lutero¹⁴⁵ publicou em latim na Igreja do Castelo de Wittenberg, Alemanha, noventa e cinco teses e afirmações doutrinárias.

O Objetivo de Lutero era um debate acadêmico sobre o assunto. Contudo, ele iniciou, sem querer, uma grande divisão do cristianismo que deu origem a várias denominações cristãs que formam o protestantismo. Vários fatores políticos, econômicos, sociais e religiosos contribuíram para o sucesso do protestantismo, dentre eles estão à insatisfação popular com catolicismo romano,

¹⁴⁵ Martinho Lutero (1483 – 1546) foi monge agostiniano, professor de teologia e um dos principais nomes do protestantismo.

[...] o número reduzidíssimo de sacerdotes seculares, a desconsideração de monges imiscuidos da vida secular, a destruição de um grande número de igrejas, causadas pelas guerras, o que causou a diminuição dos ofícios religiosos e empobrecimento da vida sacramental, para qual o sacerdote era necessário e da qual possuía, se assim podemos dizer, o monopólio. As profundas necessidades religiosas da época deveriam, portanto, em muitos casos, serem feitas sem assistência sacerdotal, espontaneamente, através de devoções, livros de orações, que haviam sido colocados à disposição dos fiéis, principalmente dos pais de família, mas cujo o controle esses sacerdotes não intervinham o suficiente. Forma-se, assim, uma piedade individualista e leiga que se entretinha nos cultos domésticos alimentando-se na Bíblia ou em fragmentos dela (LEONARD, 1981, p. 28).

De acordo com Mendonça (1984), a primeira tentativa de estabelecimento protestante no Brasil deu-se com a chegada de Villegagnon¹⁴⁶ em 1555 na Baía de Guanabara. O objetivo era fundar uma *França Antártica* onde os protestantes poderiam exercer sua fé livremente. Contudo, fatores não-religiosos contribuíram para que esse projeto não se prolongasse tendo seu fim com a expulsão de Villegagnon e a destruição da colônia de Guanabara (1560). Porém foi nessa colônia que, em 1557, foi organizada a primeira igreja protestante do Brasil que seguia o modelo da Igreja Reformada de Genebra, Suíça.

Os franceses tentaram novamente ocupar um espaço no Brasil no início do século XVII para tentar fundar a França Equinocial no Maranhão. A grande maioria dos integrantes dessa tentativa eram católicos, contudo, existiam alguns protestantes. A curta vida da França Equinocial (1612-1615) eliminou a influência do protestantismo no Maranhão da época.

Com os holandeses houve a mais duradoura tentativa de se estabelecer uma civilização protestante no Brasil. Durante quinze anos (1630-1645), os protestantes estabeleceram-se no nordeste do país, principalmente em Pernambuco e arredores, com uma organização eclesiástica vinculada à de Genebra, Suíça. Enquanto os holandeses dominaram a região, os protestantes de diversas nacionalidades se estabeleceram no Nordeste no país. Com a retomada dos portugueses, o Brasil ficou um longo período sem a presença protestante.

Durante o século XVIII, a presença da inquisição no Brasil e o controle de estrangeiros impediram o estabelecimento de protestantes no país. Apenas com a chegada da família real ao Brasil e com a abertura dos portos, ambos em 1808, a situação começa a mudar. Devido aos acordos entre Portugal e Inglaterra, os protestantes foram se estabelecendo no país e com relativa liberdade para suas práticas.

¹⁴⁶ Nicolas Durand de Villegagnon (1510- 1571) era diplomata e cavaleiro da Ordem de Malta. Ele fundou um estabelecimento colonial na costa do Brasil, França Antártica, que foi erradicada pelos portugueses em 1560.

“Assim, progressivamente passando pela Constituição de 1824 até à de 1891, foi sendo reduzida a hegemonia católica e os protestantes foram conquistando o seu lugar no espaço social brasileiro” (MENDONÇA, 1984, p. 18). A constituição de 1824, mesmo ainda tendo várias restrições aos protestantes, assegurou a liberdade de algumas das suas práticas e garantia que ninguém seria perseguido por motivo de fé. Contudo, os direitos ao casamento, registro de crianças e ao cemitério público foram sendo conquistados com o avanço da sua influência na sociedade.

Segundo Leonard (1981), um dos fatores que favoreceu o estabelecimento do protestantismo no Brasil foi à falta de sacerdotes católicos. Ao mesmo tempo em que isso causou uma valorização do sacerdócio também causava enfraquecimento. Alguns dos poucos sacerdotes existentes não eram zelosos em seus trabalhos, não cumpriam suas obrigações e terminavam dedicando seu tempo em atividades seculares mais vantajosas. Tanto a ausência do clero quanto a falta de zelo de muitos sacerdotes causaram o enfraquecimento da igreja, no qual o protestantismo se aproveitaria, e o surgimento de um catolicismo popular.

Outros dois pontos que facilitaram a implantação do protestantismo no Brasil foram o liberalismo¹⁴⁷ e o Jansenismo¹⁴⁸. Como o país passou a ter estreita ligação com a Inglaterra, país liberal, os brasileiros passaram a imitar o seu estilo de vida inclusive o liberalismo. Até no clero brasileiro existia muitos adeptos e, desta forma, eram mais tolerantes do que os sacerdotes europeus.

O jansenismo possuía três pontos importantes: “fomentação de uma piedade austera, culto das sagradas escrituras e independência em relação a Roma” (LEONARD, 1981, p. 38). Mesmo o jansenismo sendo proibido por Roma, no Brasil encontrou adeptos e chegou a dominar o clero. Por ser contra as ideias que centralizava a autoridade em Roma, *ultramontanismo*¹⁴⁹, o jansenismo retardou o processo de romanização¹⁵⁰ no Brasil.

Conforme Leonard (1981), as duas primeiras capelas protestantes foram estabelecidas no Rio de Janeiro e pertenciam a colônias estrangeiras. A primeira, a dos anglo-saxões, foi

¹⁴⁷ O liberalismo é uma doutrina baseada na liberdade individual política, econômica, religiosa e intelectual.

¹⁴⁸ O jansenismo defendia diversas liberdades para as igrejas locais. Ele “aportou em terras brasileiras no século XVIII através dos padres educados em Coimbra, como por exemplo, Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho (1742 – 1821), que era parente de Pombal. Como Bispo de Olinda (1799 – 1806), Dom Azeredo Coutinho estabeleceu o Seminário de Olinda (1800), cujo quadro de professores foi trazido de Portugal” (SOUSA JÚNIOR, 2015, p. 33).

¹⁴⁹ “O ultramontanismo, do século XIX, caracteriza-se, entre outras coisas, pela concentração do poder em Roma, o que consequentemente deixava a igreja local com menor autonomia. No Brasil, o crescimento das ideias ultramontanas foi lento, porém contou com o apoio das ordens religiosas dos Lazaristas, dos capuchinhos e dos Jesuítas” (VASCONCELOS, 2005, p. 42).

¹⁵⁰ A romanização, para Sousa Júnior (2015), tinha como objetivo implantar os cânones da reforma tridentina no Brasil. Ela lançou as bases para uma maior centralização e consolidação do poder clerical em Roma.

criada no último ano do regime português, em 1822, e a segunda, a dos alemães, em 1837. Elas eram uma extensão do tratado com a Inglaterra de 1810 que garantia ao público britânico possuírem templos em terras portuguesas, mas não poderiam ter forma exterior de templo. Contudo, esses estrangeiros não estavam interessados em tornar os seus cultos conhecidos entre os brasileiros.

Desde a independência, Bíblias protestantes começaram a ser distribuídas entre os brasileiros pelas Sociedades Bíblicas Britânica e Americana. Elas aproveitavam o comércio para deixarem caixas com Bíblias abertas nas alfândegas para quem quisesse pegar. Para mudar essa situação, a Conferência Anual dos Metodistas Americanos¹⁵¹ no Tennessee de 1835 decidiu enviar o reverendo Pitts¹⁵² à América do Sul para estudar a possibilidade de iniciar o trabalho missionário nessa região.

Ao passar pelo Brasil, Pitts organizou uma sociedade metodista no Rio de Janeiro entre os anglo-saxões. Em 1836, ele retorna aos Estados Unidos e aconselha o envio de missionários. Como resultado, foram enviados para o Brasil os Reverendos Justin Spaulding (1836) e Daniel Parish Kidder¹⁵³ (1837) acompanhado pela esposa. Spaulding fundou uma escola para crianças brasileiras e estrangeiras e Kidder dedicou-se à difusão da Bíblia.

Logo surgiu a reação católica com alguns artigos de jornais e alegando que as Bíblias eram adulteradas. Porém alguns educadores continuavam a fazer pedidos a Kidder de materiais gratuitos para ensinar as crianças a ler. Devido à falta de recursos e a esposa de Kidder ter adoecido devido ao clima, os missionários retornaram ao país de origem.

Tanto a disposição do imperador Dom Pedro II quanto à imigração também foram importantes para o estabelecimento contínuo do protestantismo no Brasil. O imperador considerava-se católico, mas não era adepto do ultramontanismo. Além disso, ele precisava de imigrantes para evitar a invasão das fronteiras e para o trabalho nas lavouras de café. Contudo, grandes partes desses imigrantes eram de países protestantes como a Alemanha. Portanto, era

¹⁵¹ A grande maioria dos missionários enviados para o Brasil eram americanos. Isso ocorreu principalmente no último terço do século XIX, devido ao “sentimento nacional expansionista combinado com motivos teológicos. O desejo de salvar os ‘pagãos’ da danação eterna originava-se no espírito da teologia dos avivalismos que enfatizava a conversão instantânea e o consequente redirecionamento da vida para a obtenção da perfeição. Para muitos a pregação da salvação era urgente; devia ser feita antes da segunda vinda de Cristo, do milênio portanto” (MENDONÇA, 1984, p. 57). Alguns missionários também chegavam a acreditar que o avanço dos interesses políticos e econômicos norte-americanos beneficiariam a todos.

¹⁵² Fountain Elliot Pitts (1808-1874) foi pastor e missionário metodista do sul dos Estados Unidos. Ele foi enviado em 1835 para América do Sul para sondar o território para ver a possibilidade de iniciar o trabalho missionário nesse lugar. Ele esteve no Rio de Janeiro (Brasil), Buenos Aires (Argentina) e em Montevidéu (Uruguai).

¹⁵³ Daniel Parish Kidder (1815-1891) foi um missionário metodista norte-americano. Ele viajou por diversas partes do Brasil na primeira do século XIX com o objetivo de propagar a fé protestante.

necessário fazer vistas grossas ao proselitismo protestante e flexibilizar a lei sobre liberdade religiosa para tornar o país mais atraente para os imigrantes.

As sociedades bíblicas inglesa e norte-americana aproveitaram a situação e fizeram o pastor presbiteriano James Cooley Fletcher¹⁵⁴ seu representante no início da década de 1850. Fletcher atuou fortemente na distribuição de Bíblia e através de sua influência no dia 10 de maio de 1855 chega ao Rio de Janeiro Robert Reid Kalley¹⁵⁵ que tinha como objetivo iniciar um trabalho sistemático de propaganda que resultaria, mais tarde, na construção da primeira igreja protestante do Brasil.

Kalley chegou ao Brasil com o objetivo de auxiliar na difusão da Bíblia. Ele achava insuficiente a simples distribuição da Bíblia e, desta forma, iniciou a era da evangelização. Ele instalou-se em Petrópolis e recebia em sua casa pessoas importantes como o imperador Dom Pedro II. Ele chegou a publicar a tradução do *Peregrino* de Bunyan e diversos artigos no Correio Mercantil. Além disso, mantinha no Rio de Janeiro pessoas que vendiam Bíblias e organizava reuniões em sua casa.

O trabalho de Kalley resultou no batismo de Pedro Nolasco de Andrade no dia 11 de junho de 1858 sendo este o primeiro brasileiro dos tempos modernos a pertencer a uma igreja protestante. O dia do batismo também é considerado como o dia da fundação da Igreja Evangélica, que mais tarde seria a chamada de Fluminense, a primeira comunidade protestante do Brasil que possuía quatorze membros que eram norte-americanos, portugueses e um brasileiro.

Algum tempo depois, Kalley batizou duas damas da corte e isso não só chamou a atenção da imprensa como também atraiu perseguição. Além de ameaças, os locais de reuniões no Rio de Janeiro passaram a ser depredados e os seus assistentes eram ameaçados de tortura com autorização ou participação policial. Kalley ameaçou voltar à Escócia e contar tudo sobre a falta de liberdade religiosa, o que causaria problemas com a imigração. As ameaças de Kalley surtiram efeito e os ataques pararam. Contudo, ainda eram necessárias mudanças que assegurassem alguns direitos aos protestantes.

Na década de 1860, o protestantismo

¹⁵⁴ James Cooley Fletcher (1823 -1901) foi pastor e missionário norte-americano. Ele atuou vários anos no Brasil como missionário e foi amigo de várias pessoas influentes chegando a ter acesso livre ao palácio do imperial.

¹⁵⁵ Robert Reid Kalley (1809-1888) era médico e pastor escocês. Ele trabalhou em Portugal, na Ilha da Madeira, como missionário, mas a forte perseguição fez com que ele fugisse para os Estados Unidos. Lá ele soube da necessidade de missionários protestantes para serem enviados ao Brasil. Ele chegou ao Rio de Janeiro no dia 10 de maio de 1855 e tempos depois organizou a primeira igreja protestante no Brasil.

estava não apenas presente em todas as camadas sociais, mas garantia essa presença com alta plasticidade de adaptação ao meio. Ao batizar brasileiros, os missionários protestantes revelaram, como visto, uma lacuna jurídica: não havia previsão nem direitos para brasileiros que não fossem católicos. Uma ameaça para a segurança da missão logo detectada. Era necessário criar um ambiente para que isso fosse mudado (SILVA, 2020, p. 180).

Em 1861 um passo importante para regularização dos seus direitos foi tomado, a regularização dos seus casamentos. “O registro de nascimento e o casamento se constituíam a entrada e posse para a vida civil” (SILVA, 2020). A constituição vigente não autorizava os não católicos contraírem casamentos, registrarem os filhos e sepultamentos dos seus mortos. Como forma de mudar isso, no dia 8 de outubro de 1859 foi criado um projeto para reconhecer os casamentos realizados em igrejas evangélicas.

Contudo, isso não abrangia os casamentos mistos, entre membros de igrejas diferentes. Para esses casos, a Igreja Católica aceitava realizar o casamento, mas os noivos teriam que se comprometerem a educar os seus filhos de acordo com o catolicismo. Algumas vezes eram realizados contratos com a presença de juiz de paz, mas isso não garantia os direitos da criança. No dia 11 de setembro de 1861 o projeto foi promulgado, mas haveria de se esperar até 1863 para que seus direitos finalmente fossem resguardados.

O novo decreto de número 3.069 de 17 de abril de 1863 regularizava o casamento das *religiões toleradas* (religiões admitidas pelo Estado). O casamento deveria ser celebrado em uma cerimônia com ministros registrados na Secretaria do Império e o casamento seria registrado na Câmara Municipal mais próxima. Esse mesmo decreto estabelecia que os nascimentos e sepultamentos fossem registrados no cartório de paz e que os cemitérios públicos teriam um *lugar separado* para as suas sepulturas.

No início de setembro de 1863, Kalley foi ordenado pastor pela sua comunidade que foi nomeada de Igreja Evangélica Fluminense. Esse ato foi registrado na Secretaria do Império no dia 23 de outubro no mesmo ano. Os esforços de Kalley não só fundaram a primeira Igreja Protestante do Brasil como também asseguraram o respeito das autoridades e reconhecimento das suas atividades civis e religiosas.

No dia 12 de outubro de 1859, o Reverendo Ashbel Green Simonton¹⁵⁶ desembarcou no Rio de Janeiro. Ele havia sido enviado pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e, como

¹⁵⁶ Ashbel Green Simonton (1833 - 1867) foi pastor presbiteriano e missionário norte-americano. Ele fundou a primeira Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro (1862) e do Brasil, criou o Jornal Imprensa Evangélica (1864), organizou o presbitério do Rio de Janeiro (1865) e fundou o Cemitério Primitivo (1867). Faleceu ainda muito jovem aos 34 anos. “Entre a chegada de Simonton (1859) e o fim do Império (1889), os presbiterianos já tinham mais de cinquenta igrejas, quatro presbitérios (unidades regionais eclesiásticas), um seminário para preparar pastores nacionais, dois colégios e diversos periódicos” (MENDONÇA, 1984, p. 24).

não conhecia a língua, sua primeira atividade foi servir de capelão entre os anglo-saxões da capital do país. No ano seguinte, recebeu o auxílio de sua irmã e de seu cunhado, mas conseguiram apenas abrir um curso de inglês e uma livraria evangélica.

De dezembro de 1860 a março de 1861, Simonton distribuiu Bíblias e viajou entre as colônias dos anglo-saxões e dos alemães. De acordo com Leonard (1981), no dia 19 de maio de 1861, ele começou a pregar em português em uma sala na Rua do Ouvidor e no dia 12 de janeiro de 1862 batizou seus primeiros convertidos. A constituição oficial da Igreja Presbiteriana no Rio de Janeiro deu-se no dia 15 de maio de 1863, alguns meses antes da igreja de Kalley, mas isso foi só formalidade.

Os missionários presbiterianos dividiram-se buscando expandir seus trabalhos para São Paulo. Simonton continuou na sede da missão no Rio de Janeiro enquanto seu cunhado, Blackford¹⁵⁷, mudou-se para São Paulo. A comunidade protestante de São Paulo era pequena e era composta, na sua maioria, por estrangeiros. Isso começou a mudar devido a José Manoel da Conceição¹⁵⁸.

Conceição foi visitado por Blackford que o procurou devido à alcunha de *padre protestante*. Blackford o converteu e o batizou no dia 23 de outubro de 1864. Conceição auxiliou os missionários no evangelismo em Brotas, São Paulo, onde havia sido a sua última paróquia. O trabalho missionário neste lugar gerou a formação do primeiro núcleo protestante verdadeiramente brasileiro e que se tornou, junto com a igreja do Rio de Janeiro, as duas maiores igrejas protestantes do Brasil.

Em meados de 1865, Conceição recebeu a consagração pastoral e passou a visitar as igrejas onde ele havia trabalhado como padre. A partir de então, ele focou seus esforços em evangelismo no interior do estado de São Paulo. Teve tanto sucesso que em 1867 foi enviado para os Estados Unidos com o objetivo de falar sobre seu trabalho no Brasil. Ao voltar, Conceição continuou seu trabalho em São Paulo, principalmente nas cidades do interior e em seus arredores.

A determinação dele fazia com que não se estabelecesse em algum lugar e isso começou a causar problemas para os missionários norte-americanos. Conceição abria o caminho, derrubava barreiras, convertia pessoas, mas após sua saída da localidade não havia missionários

¹⁵⁷ Alexander Latimer Blackford (1829 – 1890) foi missionário norte-americano, pastor, professor e editor do Jornal Imprensa Evangélica. Era cunhado de Simonton e o auxiliou no trabalho missionário no Rio de Janeiro. Ele também implantou o presbiterianismo em São Paulo sendo a igreja organizada em 5 março de 1865.

¹⁵⁸ José Manuel da Conceição (1822 – 1873) era um ex-padre católico romano que foi convertido ao presbiterianismo por Blackford. Ele tornou-se o primeiro brasileiro ordenado a pastor, mas nunca teve uma igreja fixa dedicando-se apenas ao evangelismo.

suficientes para dar continuidade ao seu trabalho. Os recém conversos ficavam sem direção e apoio o que ocasionava o abandono da fé protestante e o retorno ao catolicismo. Depois disso acontecer, o trabalho missionário naquele local ficava mais difícil.

Durante quatro anos, ele viajou sozinho e poucas vezes se encontrou com os missionários. O trabalho exaustivo, as longas caminhadas, os ataques sofridos foram deixando a sua saúde debilitada. Ele faleceu no final de 1873 a caminho de se encontrar com Blackford nas imediações do Rio de Janeiro. De acordo com Leonard (1981), enquanto ele estava no trem alguns policiais o prenderam por causa das suas roupas rasgadas e por estar descalço. Quando tudo ficou esclarecido e ele foi liberado, Conceição não tinha dinheiro para outra passagem e foi caminhando até não aguentar mais e cair na sacada de uma venda no Irajá. O chefe de uma enfermaria militar vizinha cedeu-lhe um leito onde ele morreu.

Após a morte de Conceição, uma pessoa muito importante uniu-se ao presbiterianismo: Miguel Vieira Ferreira¹⁵⁹. Ele pertencia a uma família muito importante do Maranhão que possuía intelectuais, juristas e políticos. Ferreira tornou-se um dos principais propagandistas do protestantismo no Brasil utilizando-se de toda a sua influência para isso. Porém, ele passou a discordar em algumas posições teológicas do presbiterianismo, principalmente as que se referiam aos dons espirituais. Isso causou o seu rompimento com a Igreja Presbiteriana e fundou no dia 11 de setembro de 1879 a Igreja Evangélica Brasileira.

Várias igrejas protestantes enviaram missionários para o Brasil. Elas instalaram-se ao lado da congregacionalista Igreja Fluminense e da primeira Missão Presbiteriana. As mais importantes foram: “Missão Metodista Episcopal, em 1870, a missão presbiteriana dos Estados Unidos do Sul, em 1871, a Missão Batista, em 1881, a Missão Episcopal, em 1890, sem esquecer ainda a ‘Help for Brasil’, congregacionalista, 1893” (LEONARD, 1981, p.74). Também em 1893 foram enviados os primeiros missionários adventistas ao Brasil.

As três primeiras destas novas missões estão ligadas à Guerra de Secessão¹⁶⁰. O impacto da guerra fez com que muitos americanos, principalmente do sul dos Estados Unidos, imigrassem para o Brasil. Muitas dessas famílias se fixaram em Santa Barbara do Oeste, São Paulo, onde existe um Cemitério Confederado, e seus arredores sendo, em sua maioria, metodistas, presbiterianos e batistas. Dentre eles estavam alguns pastores que até 1870 organizaram três capelas que pertenciam às três denominações já citadas.

¹⁵⁹ Miguel Vieira Ferreira (1837-1895) era abolicionista, republicano, matemático, engenheiro e jornalista. Vinha de uma família muito importante do Maranhão e utilizou toda a sua influência para propagar o presbiterianismo. Contudo, depois de um tempo abandonou o presbiterianismo e fundou a Igreja Evangélica Brasileira.

¹⁶⁰ A guerra de secessão ou guerra civil Americana (1861-1865) foi travada nos Estados Unidos entre o Norte e o Sul do país e tinha como causa, entre outros motivos, a controvérsia da escravidão.

Os membros destas capelas não se interessavam com a evangelização dos brasileiros, mas algumas delas fizeram com que as suas denominações dos Estados Unidos, em que eram representantes, se interessassem. Logo, igrejas do Sul dos Estados Unidos começaram a enviar missionários para o Brasil.

Com o passar do tempo, os estrangeiros foram sendo substituídos por brasileiros principalmente quando as igrejas protestantes brasileiras ficaram independentes das igrejas mães, sediadas em outros países. Além disso, é importante ressaltar que nem sempre uma comunidade protestante surgia por esforços de missionários. Algumas vezes, membros convertidos mudavam-se ou iam evangelizar em outras cidades.

Após se instalarem no Brasil, os protestantes começaram a criar instituições

[...] “para-eclesiástica” que oferecia uma vantagem de permitir uma propaganda indireta contribuindo para a criação de uma “civilização cristã” se não a realização do reino de Deus na terra, mais ou menos conscientemente identificado ao sistema econômico dos Estados Unidos. Trata-se de uma prática católica retomada pelo protestantismo Americano, enquanto os grandes reformadores se consagraram quase unicamente à mensagem religiosa e à evangelização direta (LEONARD, 1981, p. 133).

O evangelismo através das instituições era importante para diminuir o preconceito e ganhar a confiança da população. Desta forma, as igrejas podiam alcançar pessoas que o evangelismo direto não conseguia. As principais instituições criadas eram as ligadas à educação¹⁶¹, principalmente escolas secundárias.

O objetivo principal era atrair as altas classes da sociedade expondo-as ao protestantismo através da educação. Além disso, o culto protestante exigia a leitura de material litúrgico e da Bíblia. Para atender a essa necessidade, “os missionários colocaram ao lado de cada comunidade uma escola. Estas foram as escolas paroquiais, alfabetizadas e elementares” (MENDONÇA, 1984, p. 95).

¹⁶¹ Para Mendonça (1984), a luta dos protestantes por espaço na sociedade brasileira desenrolou-se em três níveis: o polêmico, o educacional e o proselitista. A polêmica servia para mostrar as diferenças entre os protestantes e católicos. A identidade protestante era exaltada e possuía representações positivas enquanto a identidade católica era representada negativamente. A área educacional era dividida em duas “a ideológica, cujo objetivo era introduzir elementos transformadores na cultura brasileira a partir dos escalões mais elevados, e a instrumental, cujo objetivo era auxiliar o proselitismo e a manutenção do culto protestante na camada inferior da população” (MENDONÇA, 1984, p. 73). A primeira estava ligada a criação dos grandes Colégios Americanos e Internacionais e a segunda as escolas paroquiais. Por último, o proselitismo era o esforço direto empenhado para a conversão. A educação era uma das principais estratégias missionária das igrejas norte-americanas, muitas vezes os missionários desempenhavam o duplo papel: evangelista e professor. Algumas empresas missionárias chegaram a enviar pessoal especializado em educação, normalmente mulheres, que até chegaram a conquistar reconhecimento na educação brasileira.

O início da educação protestante no Brasil deu-se ao mesmo tempo que a pregação dos primeiros missionários. Com a implantação das primeiras igrejas também eram estabelecidas as escolas paróquias. Contudo os primeiros colégios surgem a partir do final da década de 1860. O primeiro deles foi o *Colégio Internacional* criado pelo reverendo George Nash Morton¹⁶² em 1869. Contudo, foi fechado para ser aberto o Colégio Morton, em São Paulo, que teve alunos da alta aristocracia. Porém o colégio não teve uma vida muito longa e fechou as portas em 1882 por dificuldades financeiras.

Com a proclamação da república (1889) o protestantismo estava livre das restrições referentes à evangelização e, desta forma, poderia expandir-se livremente. Essa expansão é perceptível ao olhar os censos de 1890 e 1950. Em 1890, a primeira vez que os protestantes foram contados no recenseamento, existiam cerca de 143,743 (cento e quarenta e três mil e setecentos e quarenta e três) protestantes no Brasil e em 1950, último ano de recorte temporal deste trabalho, havia 1.741.430 (um milhão, setecentos e quarenta e um mil e quatrocentos e trinta) (IBGE, 2020). Um aumento de mais de dez vezes no período de sessenta anos.

2.2.2. Polêmicas Antiprotestantes no Brasil

O antiprotestantismo¹⁶³ no Brasil remonta ao período colonial. Devido ao pacto do *padroado*, a coroa portuguesa mantinha a Igreja Católica como religião oficial em todos os seus domínios. Desta forma, para evitar a instalação do protestantismo na colônia portuguesa, os estrangeiros, durante muito tempo, foram proibidos de morar em terras brasileiras. Além disso, a santa inquisição fazia visitas à colônia intensificando cada vez mais as suas atividades.

Com a abertura dos portos, em 1808, e com os acordos entre a coroa portuguesa e os ingleses, houve uma abertura aos protestantes. A constituição de 1824 lhes garantia alguns direitos entre eles o de possuir locais de culto, desde que não fossem caracterizados como templo, e lhes assegurava que não seriam perseguidos por motivos religiosos. Contudo, segundo

¹⁶² George Nash Morton foi missionário e pastor norte-americano que atuou no Brasil entre 1869 a 1882 em São Paulo fundando a Igreja Presbiteriana de Campinas e o Colégio Internacional de Campinas.

¹⁶³ A Igreja Católica como grupo social religioso já bem estabelecido no país, buscou combater o protestantismo como forma de assegurar a sua estabilidade. Como os protestantes possuíam uma identidade religiosa diferente da predominante do país passaram a ser perseguidos, estigmatizados e representados de forma negativa, conforme Silva (2008). Além disso, segundo Eliade (1992b), o ato de se instalar em uma determinada região representa uma consagração do local. Esse local serve para dar sentido e direção à vida do religioso e as áreas não habitadas pelos seus são tidas como profanas e lugares que os demônios habitam. Desta forma, quando um protestante se instalava em um determinado lugar consagrava-se para si e para seus, este local e os católicos deixavam de considerar ali um espaço consagrado e para eles ali habitavam todas as espécies de inimigos.

Leonard (1981), muitas perseguições ocorreram que iam desde xingamentos a até assassinatos que muitas vezes eram acobertadas ou havia participação da força de segurança pagas pelas províncias. Porém o mesmo autor relata que esses fatos eram eventos pontuais.

As primeiras reações impressas antiprotestante ocorreram entre 1837 e 1889 quando o Padre Luiz Goncalves dos Santos¹⁶⁴ reagiu contra as atividades de distribuição de Bíblias de Kidder. Porém, o antiprotestantismo foi aumentando com as atividades de outros missionários. De acordo com Leonard (1981), inicialmente os protestantes utilizavam-se da polêmica alegando que o catolicismo não fazia parte do cristianismo por ter se afastado do evangelho, suas práticas eram baseadas em mitos, etc.

Aos poucos, os missionários foram abandonando essa estratégia porque em muitos casos isso afastava mais do que conquistava. Esse anticatolicismo ganhou força com a conversão de diversos padres, como Conceição, ao protestantismo. Os ex-padres falavam das suas conversões e das suas experiências enquanto sacerdotes e desta forma criticavam a Igreja Católica.

Para Leonard (1981), as reações católicas mais inofensivas foram através de inscrições, apelidos e cantigas. Dizia-se que os protestantes pagavam pela conversão e que o dinheiro deles era do diabo e transformava-se em carvão. Os padres também aconselhavam a não dar comida, abrigo e nem negociarem com protestantes. Além disso, recebiam apelidos, a exemplo, de bodes por ligarem esse animal ao ocultismo e as coisas do diabo.

As reações mais sérias normalmente eram impedimento de realização de cultos, cerimônias (batismo e casamento), enterros e venda de livros não católicos; depredação de casas e de lugares de culto (apedrejar e incendiar eram os mais comuns); torturas e ataques físicos; assassinatos de membros e de missionários; expulsão e prisão. A situação era mais crítica no Nordeste e no Rio de Janeiro onde o antagonismo entre os protestantes e os católicos criava uma atmosfera progressiva de tensão e, em alguns casos, também estavam ligados à política.

Após à proclamação da república (1889), ocorreram as principais *polêmicas antiprotestantes*¹⁶⁵. Nelas ocorreram publicações em massa de literatura antiprotestante e, de acordo com Mendonça (1984), uma das maiores delas foi iniciada em contraposição a Eduardo

¹⁶⁴ Luiz Gonçalves dos Santos (1787 -1844) foi padre, professor e escritor. Além de artigos em jornais, ele escreveu duas obras contra o protestantismo: *Antídoto catholico contra o veneno methodista* (1838) e *O catholico e o methodista* (1839).

¹⁶⁵ De acordo com Simões (2008), as polemicas antiprotestantes (ou católico-protestantes) originam-se pela colisão de dois movimentos a partir de meados do século XIX: a romanização e o protestantismo de missão. A romanização possuía características ultramontanos, centralização da autoridade eclesiástica em Roma, e buscava uma gradual conformação com as orientações do Concílio de Trento (1545 -1563) que estabeleceu a base da contra-reforma (ou reforma católica). O protestantismo de missão surge quando missionários, a maioria norte-americanos, instalaram-se no Brasil com intuito de converter pessoas ao protestantismo ainda na primeira metade do século XIX. A polêmica surgiu quando os dogmas da Igreja Católica, passaram a ser questionados pelos protestantes e, como resultado, ela passou a combater os “erros” protestantes em defesa da ortodoxia tridentina.

Carlos Pereira¹⁶⁶. Desde sua conversão ao presbiterianismo, ele demonstrava forte oposição à Igreja Católica. Contudo, a sua longa polêmica com a Igreja Católica pode ser dividida em duas fases: antes e depois do Congresso do Panamá¹⁶⁷.

A sua luta contra a Igreja Católica antes do congresso iniciou quando o jornal *A Pátria* publicou severas críticas ao protestantismo feitas por representantes da Federação Católica de São Paulo. Esta publicação trazia que o protestantismo era uma nulidade estigmatizada por três séculos de maldições e divisões. Em resposta, Eduardo escreveu duas séries de artigos que foram publicados no jornal *O Estandarte* onde comparava os países católicos e protestantes afirmando que havia mais progressos nestes últimos. Ele também responsabilizava a Igreja Católica pelo atraso dos países latino-americanos.

Após regressar do congresso do Panamá, Eduardo demonstrou a sua indignação ao clima de cooperação com a Igreja Católica que estava sendo incentivando e escreveu um documento que resultou, em 1920, no livro *O Problema Religioso da América Latina*. Nele, Eduardo fez, novamente, severas críticas à Igreja Católica que, de acordo com Mendonça (1984), reflete muito a visão que os protestantes tinham desde o seu início no Brasil sobre ela. *O Problema Religioso na América Latina* iniciou o que talvez seja a maior polêmica antiprotestante que já houve no Brasil. Entretanto, Eduardo não chegou a presenciá-la, pois faleceu em 1923 antes do padre Leonel de França¹⁶⁸ publicar a sua resposta.

No congresso evangelístico do Rio de Janeiro (1916), Eduardo apresentou o seu pensamento listando pontos doutrinários católicos impugnados pelos protestantes. Algumas práticas também foram criticadas como à adoração de imagens, uso de relíquias, rosários, água benta, sinal da cruz e benzeduras. Para ele, a Igreja Católica era um dos ramos do cristianismo por preservar os seus grandes princípios, mas que havia se paganizado e as suas práticas supersticiosas eram responsáveis pela irreligiosidade das classes intelectuais.

¹⁶⁶ Eduardo Carlos Pereira de Guimelhães (1855-1923) foi escritor, professor e pastor presbiteriano. Entre os livros que ele escreveu estão *A Maçonaria e a Igreja Cristã*, *O Protestantismo é Uma Nulidade?* e *O Problema Religioso na América Latina*. Neste último, ele faz severas críticas à Igreja Católica iniciando uma das maiores polêmicas antiprotestante do século XX.

¹⁶⁷ O Congresso do Panamá ocorreu em 1916. Nele não foi aberta a discussão sobre o relacionamento com a Igreja Católica “sendo o clima geral do Congresso, ao contrário, de cooperação entre todas as igrejas protestantes e com a esperança de conseguir a da própria Igreja Católica” (MENDONÇA, 1984, p. 87). Essa cooperação deveria ter o intuito de cristianizar os latino-americanos, índios e negros. A preocupação não era de converter os católicos, mas voltar os esforços missionários aos não cristãos. Porém, para alguns como Eduardo Carlos Pereira e Álvaro Reis os latino-americanos, inclusive os católicos, eram pagãos.

¹⁶⁸ Leonel Edgard da Silveira Franca (1893-1948) foi sacerdote católico, escritor, professor dos colégios Santo Inácio, Rio de Janeiro, e Anchieta, Nova Friburgo. Além disso, chegou a ser membro do Conselho Nacional de Educação, 1931, ajudou a fundar a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e recebeu o prêmio Machado de Assis em 1947. Envolveu-se com a polêmica antiprotestante iniciada através dos escritos de Eduardo C. Pereira e escreveu diversos artigos de jornais e livros antiprotestante. Entre seus principais livros estão *A Igreja, a Reforma e a Civilização* (1922), *Catolicismo e Protestantismo* (1931) e *O Protestantismo no Brasil* (1938).

Outra polêmica antiprotestante foi a que envolveu o Frei Celestino de Pedavoli¹⁶⁹. De acordo com Menezes e Marques (2019), no mês de junho de 1902, Frei Celestino propôs no Congresso Católico a Liga Antiprotestante que foi unanimemente aprovada. Desde 1879, o referido frei vinha combatendo o protestantismo através da imprensa onde ele se fazia de Neófito protestante e publicou o panfleto *Perguntas respeitadas dirigidas ao sr. ministro da igreja evangélica*.

Esse Neófito havia dito que tinha sido pago para se converter e que essa prática era comum entre os protestantes. Ele também dizia que os evangelistas presenteavam um guarda-chuva a cada convertido. O panfleto se tornou um livro e foi publicado por todo o Brasil e em outros países. Apenas em outubro de 1902, através de uma obra intitulada *Frei Celestino a um crente evangélico* publicada no jornal *A Província*, o frei assume a autoria.

A Liga tinha como intuito “[...] combater a religião protestante, instruir o povo a respeito da realidade da religião protestante mostrando os erros da mesma desde a sua criação e manter a verdadeira religião, a católica romana, combatendo esse mal que assolara a cidade” (MENEZES; MARQUES, 2019, 731). A criação da liga foi anunciada em vários jornais da época e foi criada no dia 28 de setembro de 1902.

Desde o dia da sua criação, a Liga começa a atuar no jornal *A Província* através da *Columna Religiosa* onde Frei Celestino e integrantes da Liga publicavam e nela havia uma subcoluna que tinha o nome *Combate ao Protestantismo* onde eram tratados assuntos que buscavam mostrar as incoerências e heresias dos Novas-Seitas. Os protestantes reagiram e começaram a publicar. Eles não tinham uma coluna própria, mas publicavam no *Jornal de Recife* no *Diário de Pernambuco*, contudo havia mais publicações católicas do que protestantes.

Os embates ficaram no campo teórico até que o jornal *A Província* publica no dia 20 de fevereiro 1903 uma queima de Bíblias protestantes marcada pelo frei Celestino. Cerca de duzentas Bíblias foram queimadas no adro da Igreja da Penha às dez horas no dia 22 de fevereiro que era domingo de carnaval. As bíblias queimadas tinham sido distribuídas pelos protestantes aos católicos e foram recolhidas pelos freis capuchinhos da Igreja da Penha.

Durante toda a semana que antecedeu a queima das bíblias, tanto protestantes como católicos escreveram aos jornais da época mostrando-se contrários. Apesar da má repercussão da queima das Bíblias, Frei Celestino marcou uma outra em comemoração a um ano da liga

¹⁶⁹ Frei Capuchinho Celestino de Pedavoli (1841 – 1910) veio para o Brasil depois de ser ordenado presbítero em 12 de março de 1864. Chegou no Rio de Janeiro em 16 de julho de 1871, e em Pernambuco em 1876. *O Jornal de Recife*, ao anunciar seu falecimento em 31 de agosto de 1910, relata que “era Frei Celestino orador e polemista, tendo sustentado mais de uma vez discussão pela imprensa sobre assumptos religiosos” (MENEZES; MARQUES, 2019).

antiprottestante no dia 27 de setembro de 1903. As Bíblias iriam ser queimadas em praça pública, mas ocorreu em um local reservado da Igreja da Penha devido à oposição de políticos de vários lugares do país e do próprio estado de Pernambuco. Depois da queima das Bíblias, a Liga Antiprottestante foi enfraquecendo até acabar tempos depois.

Mais uma polêmica antiprottestante de destaque foi a iniciada pelo padre Júlio Maria. A luta desse padre era contra os *inimigos da igreja no Brasil*: positivistas, regalistas e os protestantes. Ainda no início do século XX, Júlio Maria iniciou, em Fortaleza e no Rio de Janeiro, uma série de conferências antiprottestantes. As conferências eram embasadas em três afirmações: o protestantismo é uma negação religiosa, o protestantismo é uma negação da autoridade da igreja e o protestantismo é uma negação política.

No Rio de Janeiro, em 1908, Álvaro Reis publicou no jornal *O Puritano* e apresentou no púlpito da igreja três séries de conferências com suas respostas às afirmações do padre. As ideias de Álvaro eram basicamente as mesmas de Eduardo, todavia, para ele, a Igreja Católica não era cristã e seus cultos eram pagãos e supersticiosos. Ademais, de acordo com ele, a igreja havia falhado na educação religiosa e moral porque ao invés de distribuir a Bíblia para libertação do homem dos vícios, ela espalhava – nos seus termos – rosários e bugigangas da idolatria papal que rebaixavam o povo ao fetichismo.

Para Simões (2008), a polêmica antiprottestante ganha novo fôlego com o movimento de *Restauração Católica*¹⁷⁰. Através dela, houve uma disseminação da ideia de um *perigo protestante* no Brasil que estava associada com uma campanha imperialista norte-americana. Desta forma, combater o protestantismo passou a ser um dever cívico.

Dentre os vários autores antiprottestantes, convém citar o padre Júlio Maria de Lambaerde¹⁷¹, devido à sua extensa publicação. Sua fama o levou a receber a alcunha de *martelo do protestantismo*. Alguns dos seus livros são: "*O perigo dos colégios protestantes* (1929),

¹⁷⁰ Na década de 1920, surgiu a restauração católica que teve “como marco simbólico a realização do Primeiro Congresso Eucarístico Nacional, celebrado de 26 de setembro a 1º de outubro de 1922, no Rio de Janeiro, cujo tema foi ‘A restauração cristã do Brasil pela vida eucarística, principalmente na família, na infância e na mocidade’ [...] Enquanto empresa de afirmação social do catolicismo, orientada pela defesa da ‘ortodoxia’ combinada a um nacionalismo de matriz religiosa, a restauração católica carregava em si a negação dos elementos ‘descristianizadores’, como eram consideradas as denominações protestantes existentes no Brasil” (SIMÕES, 2008, p. 35-36).

¹⁷¹ Júlio Maria de Lambaerde (1878–1944) era de “origem belga, missionário da Congregação da Sagrada Família, Júlio Maria chegou ao Brasil em 1912. Após dezesseis anos de atuação nas regiões Norte e Nordeste do país, radicou-se na cidade mineira de Manhumirim onde permaneceu até o fim da vida. Ali travou uma acalorada disputa com os protestantes locais cujos os principais frutos foram a fundação de um semanário católico (o jornal *O Lutador*) e a publicação de uma série de obras voltadas para a refutação do protestantismo. A verve que o mesmo imprimia às suas polêmicas o tornou conhecido nacionalmente, rendendo-lhe, inclusive, a alcunha de martelo do protestantismo no Brasil” (SIMÕES, 2008, p. 2)

Palhaçada protestante (1929), *A mulher e a serpente* (1930), *Objeções e erros protestantes* (1932) e *Ataques protestantes às verdades católicas* (1934)” (GONÇALVES, 2010, p.158).

Segundo Simões (2008), Júlio Maria representava¹⁷² os protestantes através do medo e do escárnio. Eram representados através do medo por serem associados ao *demônio* e ao *anticristo*. Lutero teria sido instigado pelo demônio para causar separação e destruir a *santa igreja*, instituída por Jesus. Assim, os protestantes eram ligados ao *diabo*, ao *demônio* e a *satanás* e aqueles que estivessem ao seu lado iriam ao inferno.

O recurso do escárnio era o mais comum nos escritos antiprotestantes, principalmente de Júlio Maria. Os protestantes eram ridicularizados e estigmatizados com o intuito de desclassificá-los e exaltar a Igreja Católica. As origens do protestantismo eram um dos principais alvos, pois atingir as origens era o mesmo que atingir os seus seguidores. Lutero era representado com *revoltoso*, *inimigo da igreja*, *bêbado*, *devasso*, *libertino*, *herege*, *bolchevista*, *pai das grandes heresias*, *bárbaro comunista*, etc. Lutero e seus auxiliares eram ridicularizados como uma forma de desqualificar a reforma. Desta forma, todos os protestantes carregariam os mesmos erros.

Conforme Simões (2008), os pastores protestantes eram referidos como *exploradores*, *caluniadores*, *lobos devoradores*, *homens sem fé e sem moral*, *tratantes*, *ignorantes*, *fanáticos*, etc. Enquanto isso, os sacerdotes católicos eram tidos como *homens de Deus*, *divinamente instituídos e autorizados*, *homens cultos*, *centrados*, etc. Desqualificar os pastores tinha o objetivo de desqualificar as suas obras e suas palavras.

As Bíblias protestantes também eram citadas nesses embates. De acordo com Vasconcelos (2005), as Bíblias eram consideradas como adulteradas. Isso ocorria porque a Bíblia protestante não possui a mesma quantidade de livros que a Bíblia católica e possuía diferenças em alguns textos ocasionados pela tradução. A Bíblia católica era retratada como a

¹⁷² Mais do que um conceito de mentalidades, ela [a representação] permite articular três modalidades da relação com o mundo social; em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que irão fazer reconhecer uma identidade social exibir uma maneira própria de estar no mundo, significa, simbolicamente, em estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns “representantes” (instancias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou comunidade (CHARTIER, 2002, p. 23). Para o mesmo autor, as representações são sempre determinadas pelo grupo social que os forjam, elas sempre têm algum objetivo. Nesse caso o objetivo era a classificação/ normalização da sociedade no qual toma- “arbitrariamente- uma identidade específica como o parâmetro em relação ao quais as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa (SILVA, 2008, p. 83). Desta forma, os escritos antiprotestantes normalizavam a sociedade atribuindo a identidade religiosa católica como a padrão e correta, obtendo as melhores representações, enquanto os protestantes eram representados como o mal a ser combatido por serem retratados como tudo de mal da sociedade.

correta e divinamente inspirada, enquanto que a protestante, cheia de erros e demoníaca. Em alguns casos, as Bíblias protestantes eram recolhidas e depois queimadas em locais públicos¹⁷³.

O “perigo protestante” foi uma das principais formas de combate ao protestantismo. Utilizava-se a alusão histórica como forma de reafirmação da identidade, onde “intentava-se, assim, ao mesclar a história do país com a história da própria igreja, como se ambos os elementos tivessem formado ao longo do tempo um só corpo que então se achava ameaçado pelo ‘espírito divisionista’ característico da história protestante” (GONÇALVES, 2010, p. 167). Desta forma, se os protestantes enfraquecessem o catolicismo romano, eles também estariam enfraquecendo o país e o deixando fragilizado para ameaças estrangeiras, como os norte-americanos.

Como muitos missionários protestantes eram norte-americanos, o protestantismo passou a ser associado a uma campanha imperialista do país de origem deles. Essa associação ganhou força e permaneceu durante as primeiras décadas do século XX, “haja vista o crescimento das investidas políticas e militares dos Estados Unidos e a progressiva perda de influência político-econômica da Inglaterra no continente americano” (GONÇALVES, 2010, p.163).

Ademais, houve o ressurgimento do pan-americanismo, que foi uma “reedição da Doutrina Monroe (1823) que teve como *slogan* a frase *América para os Americanos* e que significou, na segunda década do século XIX, a convergência de interesses comerciais e políticos entre os países do continente e os Estados Unidos” (SANTOS, 2006, p. 156-58). Para alguns intelectuais e setores católicos, o protestantismo era um sinônimo de Americanismo/imperialismo.

Outro fator que era utilizado para uma suposta ligação entre protestantismo e imperialismo norte-americano era a ideia de que a fé protestante era avessa aos valores culturais brasileiros, conforme Piedra (2002). Assim os protestantes estavam destruindo os valores e os bons costumes do país e introduzindo os valores e os costumes norte-americanos.

2.3. Catolicismo e protestantismo na Paraíba

¹⁷³ Um dos principais exemplos de queima de Bíblia foi o envolvendo o Frei Celestino e a liga antiprotestante em Pernambuco. Em outubro de 1902, foi criada a *Liga Contra o Protestantismo* que tinha o objetivo de combater o protestantismo em favor da igreja e da pátria. Frei Celestino publicou em 20 de fevereiro de 1903 no jornal *A Província* convidando os católicos e protestantes para participar da queima das “Bíblias falsas” organizada pelos missionários capuchinhos da penha no dia 22 no mesmo mês na praça pública ou no adro da igreja logo após a reunião da Liga Contra o Protestantismo.

A Paraíba também foi impactada com as mudanças políticas e religiosas do final do século XIX e início do XX. Nesse período, algumas denominações protestantes estavam se instalando no estado e a Igreja Católica buscava se fazer mais presente na sociedade. O relacionamento entre protestantismo e catolicismo não foi pacífico o que ocasionou pequenas polêmicas católica-protestantes, destruição de templos e assassinatos de protestantes.

2.3.1. A romanização e Restauração Católica na Paraíba

A romanização da Paraíba está centrada na figura de Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques¹⁷⁴. A diocese da Paraíba surge no dia 27 de abril de 1892 quando o Papa Leão XIII, através da Bula *Ad Universas Orbis Ecclesias*, a desmembrou da então Diocese de Olinda e Recife. Ela possuía como território os estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte com a sede na capital paraibana. Segundo Ferreira (2016), a ampliação do número de Dioceses fazia parte do plano de expansão da estrutura eclesial do Papa Leão XIII para reverter a decadência causada pelo período imperial renovando a base de sustentação financeira e ampliando a sua influência.

Dom Adauto assume a diocese no dia 4 de março de 1894 e no mesmo dia cria o Seminário Episcopal¹⁷⁵ e o Colégio Diocesano. Ao criar o seminário, ele constitui uma das medidas da romanização que era a reestruturação do clero com base no ultramontanismo e, desta forma, os novos padres estariam mais ligados a Roma e preparados para combater os “males da sociedade” e o catolicismo popular. O colégio também fazia parte da romanização, pois acreditava-se que um dos problemas do enfraquecimento do catolicismo do Brasil era a educação religiosa inadequada ou a falta dela.

Como bispo reformador, Dom Adauto

¹⁷⁴ Antes de Dom Adauto tinha sido escolhido para ficar à frente da nova Diocese o Monsenhor Dr. José Basílio Pereira, mas ele rejeitou devido a problemas de saúde (FERREIRA, 2016). Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, nasceu em 30 de agosto de 1855, em Areia, cidade localizada no brejo paraibano. Estudou filosofia no Seminário de São Suplício, em Issy, Paris/França e Teologia no Colégio Pio Latino Americano, Roma / Itália, ascendendo ao presbiterado em 18 de setembro de 1880, em Loreto, Itália. Foi nomeado Bispo em 02 de janeiro de 1894 e ordenado em 07 de janeiro do mesmo ano na capela do Cardeal Lucio Maria Parochi, Bispo de Albano, e assistido pelos exmos. Srs Dom Luís Canestrari, Bispo de Termes e Dom Augusto Berluca, Bispo de Heliópolis, todos designados pelo Santo Padre Leão XIII. Em 04 de março do mesmo ano tomou posse da Arquidiocese da Paraíba. Sua administração religiosa na Paraíba foi de 1894 a 1935, entre Bispo e Arcebispo, cujo lema era *Iter Para Tutum*, ou seja, *prepara o caminho seguro* (SOUSA JUNIOR, 2015, p.159).

¹⁷⁵ A administração e o corpo docente do Seminário Episcopal foram compostos por padres da Diocese, entre eles, alguns provenientes do Seminário de Olinda, que acompanharam D. Adauto. O corpo docente contava ainda com alguns professores leigos e alunos do próprio Seminário (Curso Superior), que lecionavam no Curso Inferior. O corpo administrativo era formado pelo Reitor, Vice-Reitor e Diretor Espiritual (FERREIRA, 2016, p.72).

[...] transferiu para a Paraíba um modelo de formação para o clero elaborada na Europa, modificou a prática da religião por meio da acentuação do caráter clerical da Igreja, proporcionando a centralidade da ação eclesial sob a responsabilidade do clero e foi intransigente para com aqueles contrários à Igreja Católica romanizada e romanizante como a imprensa não católica, os protestantes, os maçons, os espíritas, as comissões de festas de padroeiros e os presidentes de irmandades (SOUSA JÚNIOR, 2015, p. 165).

Além disso, ele

[...] fundou treze colégios, erigiu dezenove novas paróquias, realizou quase duzentas visitas pastorais, fundou em João Pessoa o Seminário Arquidiocesano, o Colégio Pio X e em 1897 o semanário A Imprensa, edificando ainda, o Palácio do Bispo, sede da Arquidiocese. Ordenou dezenas de padres, criou novas dioceses, abriu e reformou seminários, fundou colégios e orientou as irmandades no que se refere às manifestações da religiosidade popular, visando maior ortodoxia eclesial (SOUSA JÚNIOR, 2015, p. 167).

Dom Adauto trabalhou conforme as orientações romanizadas seguindo modelo aplicado nacionalmente. A sua administração estava centrada nas cartas pastorais, que eram lidas no final das missas, e a criação dos colégios voltados para a educação da juventude. Com o intuito de fazer o clero estar mais perto do povo e fortalecer a influência da igreja, ele incentivava as visitas pastorais.

Ainda dentro do processo de implantação da diocese, Dom Adauto utilizou de sua influência para conseguir apoio político. Entre seus aliados estavam Monsenhor Walfredo Leal¹⁷⁶ e os irmãos Machado¹⁷⁷, que ocuparam o poder entre 1894 e 1912. A íntima relação pode ser explicada pelo fato de todos serem de Areia, Paraíba, e tanto Walfredo Leal como Dom Adauto foram formados em Roma. Dom Adauto assumiu a diocese da Paraíba em 1894, ano que tanto Álvaro Lopes Machado e Walfredo Leal estavam na presidência do Estado. O que facilitou a retomada do convento de Santo Antônio.

Durante todo o período em que esteve à frente da diocese e da Arquidiocese, Dom Adauto buscou apoio político e como troca de favores estava sempre disposto a realizar pessoalmente casamentos, batizados e missas a favor dos membros da oligarquia que estava no

¹⁷⁶ Walfredo Soares dos Santos Leal (1855-1942) foi ordenado padre em Roma e designado para ser vigário de Guarabira. Em sua carreira política chegou a ser deputado da constituinte estadual (1892), vice-presidente do estado (1893-1896 e em 1904-1905), deputado federal (1901), presidente do estado (1905-1908), senador (1908-1917) e deputado estadual (1922-1930).

¹⁷⁷ Álvaro Lopes Machado (1857-1912) e João Lopes Machado (1861-1939). O primeiro foi presidente do estado entre 1892 a 1896 e de 1904 a 1905 e o segundo entre 1908-1912.

poder. Com o apoio político, ele fez tudo que estava ao seu alcance para expandir a Igreja Católica e consolidar as reformas da romanização e combater os males da sociedade: espiritismo, comunismo, maçonaria, protestantismo, etc.

Dom Adauto também utilizou sua influência no cenário político para ganhar espaço nas discussões sobre o ensino religioso nas escolas públicas. O tema era muito importante para impedir o crescimento de tudo que ameaçava a estabilidade da igreja, ou seja, era necessário que ela educasse a população nos princípios católicos e, para isso, ganhar espaço na educação pública era fundamental. Desta forma, foram mobilizados políticos, intelectuais e o público católico em geral para que isso pudesse se tornar realidade. Os esforços de Dom Adauto mostraram-se válidos, pois no dia 22 de outubro de 1932 foi regulamentado o ensino religioso nas escolas públicas da Paraíba.

Para disseminar as diretrizes da romanização, Dom Adauto valeu-se muito das Cartas Pastorais¹⁷⁸. Elas eram enviadas a todas as paróquias e os padres as liam após as missas, para que todos os membros da igreja pudessem ouvir as palavras do bispo. Uma das suas principais cartas, *Deus e a Pátria de 1908*, buscava a normatização das atividades da militância católica para moralizar a educação, as práticas e as representações políticas e religiosas e trazia o seguinte:

Vêde, pois, veneráveis Irmãos e Filhos, como o Sacerdocio catholico é todo destinado a ser o depositário da moral, a trabalhar pela felicidade eterna dos homens, difundir entre eles, mediante a prédica, o conhecimento de todas as verdades religiosas e todas as leis Moraes; vigiar sobre os costumes, ensinar ao menino, instruir e educar o jovem, cuidar da custódia do pudor, da ordem e da harmonia familiar, do respeito a todas as autoridades legítimas, do cumprimento de todos os direitos e deveres do homem, já na ordem social, educacional, espiritual e sobrenatural (HENRIQUES, 1908, p. 21).

As cartas pastorais eram utilizadas no Brasil bem antes da proclamação da república, mas a partir dela as cartas se tornam mais frequentes. As cartas eram tidas como oficiais por serem escritas por um ou mais bispos e eram uma das principais formas que eles se comunicavam com os padres e com a comunidade católica. Elas foram utilizadas em todo o Brasil para propagar as reformas romanizadoras e combater *os males da sociedade* que enfraqueciam a estabilidade do catolicismo romano como o catolicismo popular, espiritismo, comunismo, maçonaria, protestantismo, etc.

¹⁷⁸ As cartas pastorais, tanto individuais como coletivas, foram muito utilizadas pelos bispos dessa época e funcionavam como meio de comunicação da hierarquia sendo destinadas tanto ao clero quanto aos fiéis. Elas “eram documentos públicos, divulgados em forma de plaquete, em jornais e nas missas” (FERREIRA, 2016, p. 148).

Enquanto bispo e arcebispo da Paraíba, Dom Aauto escreveu vinte e nove cartas pastorais sobre os mais diversos assuntos. Os conteúdos delas eram voltados para expansão do evangelho, doutrinação, educação e valores morais e sociais. Desta forma, ele expandiu a autoridade e poder da Igreja Católica pelo solo paraibano entre todos os fiéis até os mais simples, pois eram lidas e explicadas pelos sacerdotes locais. E para conferir a sua aplicabilidade, eram realizadas as visitas pastorais pelo próprio Bispo.

As visitas pastorais era um dos mandatos do Concílio de Trento que incentivava as visitas pastorais periódicas em todos os lugares onde existissem dioceses. Os bispos deveriam visitar todas as suas paróquias a cada dois anos, mas diversos fatores dificultavam sua aplicação no Brasil como o extenso território que era administrado por um único bispo. Com a romanização no país, aumentam-se os números de bispos reduzindo os territórios das dioceses e, desta forma, viabilizando as visitas.

Na Paraíba, Dom Aauto realizou cerca de duzentas visitas pastorais. Elas serviam para instrução, repreensão, alinhamento a ortodoxia e dar visibilidade social ao bispo. Além disso, passavam a impressão de uma igreja mais presente e mais próxima ao povo e mostrava aos fiéis que eles tinham um bispo que controlava a igreja na região onde viviam. Sendo assim, elas serviam como meio de afirmar a autoridade da igreja através dos bispos nas regiões que lhes foram confiadas.

De um lado, os bispos fiscalizavam os padres e vigários rebeldes

enquadrando-os nos parâmetros da nova ordem eclesiástica no tocante aos costumes, a política e ao cumprimento das obrigações litúrgicas, enfim de tudo o que pudesse contrariar as normas diocesanas; de outro, essas visitas eram um claro motivo de arrecadação material, quer resultantes da administração de sacramentos e casamentos, quer pela coleta de donativos junto às classes proprietárias. Aos batizados, crismas, comunhões, casamentos (descritos como —reparações de uniões ilícitas), missas e pregações, seguia-se um balanço das arrecadações materiais, divididas entre espórtulos, dinheiro vivo e donativos de bens móveis e imóveis, ofertados em troca dos serviços religiosos prestados (MIRANDA, 1988, p. 41).

Em suma, apesar das visitas pastorais serem um encontro privilegiado entre o bispo e os seus fiéis, ela consistia em coleta de donativos para manter a diocese e fiscalização tanto do clero quanto dos costumes locais que não estavam de acordo com as diretrizes romanas. Sendo assim, tudo que não estivesse de acordo com a ortodoxia deveria ser reprimido como uma forma de manter a estabilidade do catolicismo romano.

Outro meio de divulgação da romanização na Paraíba foi o jornal *A Imprensa*. Ele foi criado por Dom Aauto em 27 de maio de 1897 e através dele, o primeiro bispo da Paraíba

divulgava o seu trabalho na diocese como a criação de colégios, as visitas pastorais e também combatia o que não fosse católico romano. De acordo com Dias (2008), entre 1890 e 1930, *A Boa Imprensa*, católica, assumiu um caráter de oposição aos maus periódicos, ou seja, não católicos.

Através do jornal *A Imprensa* os católicos eram instruídos e recebiam as principais notícias ligadas à igreja. Além disso, era um espaço privilegiado onde se poderia alinhar a conduta dos fiéis informando-os que práticas eram ou não permitidas. Além disso, ele era usado para combater o espiritismo, o comunismo, a maçonaria e o protestantismo.

Dom Adauto foi um típico bispo reformado. Através do seminário reformulou o clero para uma visão ultramontana. Com a inauguração das escolas e o uso das forças políticas conquistou espaço na educação pública e tentou conquistar a juventude para que ela não se desviasse dos caminhos da Santa Sé. Criou o jornal *A Imprensa* para mostrar aos adultos leitores o caminho a seguir conforme a ortodoxia romana e combater os *males da sociedade*.

Ele fez uso das cartas pastorais para que todos os lugares e todos os fiéis da diocese conhecessem as diretrizes romanizadoras. Por último, autorizou o trabalho de missão popular das ordens, conhecida como Santas Missões, conforme já falamos anteriormente em relação a outros Estados brasileiros, e empregou as visitas pastorais para fazer a igreja mais presente e combater tudo que não era aceito por Roma inclusive o catolicismo popular e o protestantismo.

Os esforços de dom Adauto deram resultados. Durante o seu período de bispo e arcebispo ele conseguiu expandir a Igreja Católica, torná-la mais presente na sociedade, criando vinte e duas paróquias, dezenas de escolas, a diocese de Cajazeiras e elevando a Diocese da Paraíba em Arquidiocese (1914). Além disso, combateu as irmandades como as de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito e conseguiu espaço na educação pública (1932). Por último, ele escolheu alguém para substituí-lo que confiasse e que poderia manter as suas conquistas: Dom Moisés Sizenando Coelho¹⁷⁹.

Com a morte de Dom Adauto (1935), Dom Moisés assume a Arquidiocese da Paraíba. Ele continuou o trabalho expansionista de seu predecessor com a criação de diversas escolas, paróquias, a Diocese de Caicó (1939), Rio Grande do Norte, e de Campina Grande (1949), mas também expandiu os trabalhos dos leigos católicos na Paraíba seguindo as diretrizes da *Restauração Católica*. Durante a sua liderança, a *Liga dos Operários* foi expandida, foi criado

¹⁷⁹ Dom Moisés Sizenando Coelho (1877-1959) concluiu os seus estudos eclesiásticos no Seminário da Paraíba, aonde chegou a lecionar (1905-1914), acendendo ao presbiterianato em 1901. Dentre outros, também exerceu os cargos de bispo da Diocese de Cajazeiras (1914-1932), Arcebispo Titular de Barea e Coadjutor do Arcebispo da Paraíba (1932-1935) e arcebispo da Arquidiocese da Paraíba (1935-1959) (SANTOS, 2013).

o Cineclube, de responsabilidade do *Círculo Operário*, e organizada oficialmente a *Ação Católica* no estado. Esta última será especialmente trabalhada por ser ela que ligava todas as associações de leigos da Igreja Católica.

Como vimos anteriormente, a Ação Católica é fruto da Restauração Católica que existia desde o final do século XIX, mas que só ganhou força no início da década de 1920. O primeiro movimento com esse nome surgiu em Minas Gerais quando o laicato, fiéis não ordenados ao sacerdócio, foram mobilizados para lutar contra a abolição da educação religiosa no estado. A mobilização não conseguiu reverter à medida, mas surgiu o movimento da Ação Católica que, em 1923, foi oficialmente organizada por Dom Sebastião Leme. Ela serviria de apoio para as Comissões Permanentes da Confederação Católica do Rio de Janeiro.

Com a Ação Católica, os fiéis poderiam tomar parte ativa das atividades da igreja voltadas à reconquista do seu prestígio e da sua expansão. Ela foi apoiada pelo Papa Pio XI, mas deveria estar sob o controle do clero. Desta forma, surgiram diversos movimentos sociais e religiosos pelo país ligados a Igreja Católica, mas que possuía forte participação dos fiéis.

Na Paraíba, esses movimentos sociais foram criados ainda durante a liderança de Dom Aauto. Porém, com Dom Moisés esses movimentos são expandidos e a Ação Católica é oficialmente organizada. Para o clero católico, a Ação Católica tinha como fim “o triunfo pleno do cristianismo por uma renovação social cristã resultante do heroísmo cristão. Enfim obra de santidade [...]” (DAMASCO, 1937).

A Ação Católica seria uma espécie de revolução que criaria e/ou defenderia os valores espirituais cristãos para a realização plena do estabelecimento do reino de Deus na terra. De acordo com Zione (1947), os católicos teriam duas opções diante da situação social de degradação e com o crescimento do espiritismo e do protestantismo no país: a inércia ou unir-se à Ação Católica. Na primeira, ele estaria sendo conivente com o erro e a desunião da família e na segunda estaria empenhado na defesa da fé e da pureza dos costumes católicos.

Ela seria um exército de leigos que contribuiria para a restauração da cristandade e a implantação do reino de Cristo na Terra. Tendo em vista a sua necessidade pela degradação da sociedade causada pelo laicismo que teria trazido para o Brasil todos os males da modernidade. Desta forma, os sócios da ação católica estariam tomando parte de algo que Jesus teria passado unicamente ao clero da sua igreja através de Pedro e dos apóstolos, o apostolado hierárquico.

Os fiéis não poderiam tomar parte dele sozinhos, pois era algo que pertencia ao clero da igreja, mas eles poderiam participar através da Ação Católica que deveria ser organizada para “uma cooperação disciplinada e regulada segundo as normas dadas pela autoridade eclesiástica” (PASSOS, O. 1937, p. 4). Os leigos veriam exercer o apostolado “na qualidade de

colaboradores da própria igreja, ativos e submissos” (ARAÚJO, 1947, p. 6). Nenhum católico poderia ser contra a Ação Católica, pois “o que for contra a ação católica, vai contra a igreja, vai contra o papa e o que vai contra o papa, morre” (FRAGOSO, 1946a, p. 4).

De acordo com Fragoso (1946b), as quatro organizações principais fundamentais da Ação Católica eram: *Homens de Ação Católica*, *Senhoras da Ação Católica*, *Juventude Masculina Católica* e *Juventude Feminina Católica*. A primeira era voltada para homens a partir de trinta anos ou casados de qualquer idade e admitia como seções a Liga Operária Católica e a Liga Agrária Católica. A segunda era para mulheres maiores de trinta anos ou casadas de qualquer idade e possuía como seções: *Senhoras da Ação Católica*, *Liga Operária Católica* e a *Liga da Ação Católica*. Além disso, tinha como anexo os setores infantis entre oito a doze anos como os *Benjamins* e as *Benjamins da Ação Católica*.

A terceira era para moços entre quinze e trinta anos e tinha como seções: *Juventude Agrária Católica*, *Juventude Estudante Católica*, *Juventude Operária Católica*, *Juventude Universitária Católica* e os *Aspirantes da Ação Católica*, este último era para quem tinha entre doze e quinze anos. E a última era para moças entre quinze e trinta anos e tinha as mesmas seções que a anterior. Todavia, elas deveriam estar completa e inteiramente subordinadas à hierarquia eclesiástica, ou seja, para fazer parte do apostolado hierárquico era necessário estar submissos à hierarquia clerical.

Para serem aceitos na Ação Católica era necessária uma vida exemplar, a prática dos sacramentos, a aceitação dos estatutos, regulamentos e diretrizes da Ação Católica Brasileira e da respectiva organização, a admissão, após o estágio pelas diretorias paroquiais e pagamento da taxa anual, conforme Fragoso (1946b).

A partir do dia 30 de outubro de 1937, inicia-se o tríduo da Ação Católica Brasileira na Igreja da Misericórdia, na Rua Duque de Caxias. Ele foi organizado pelo Seminário Diocesano e tinha como objetivo a propaganda da Ação Católica na Paraíba (ACÇÃO CATHOLICA BRASILEIRA, 1937). No dia seguinte, as palavras do clérigo Othoniel Passos foram publicadas no Jornal A Imprensa (PASSOS, O. 1937), possivelmente para que fiéis que perderam a cerimônia do dia anterior pudessem ler o que tinha sido passado.

Passos fez um discurso extenso falando da importância da Ação Católica, do apostolado hierárquico e o dever de todos os católicos em participar da restauração cristã no Brasil. Ele frisou bastante que fora da Ação Católica não se poderia fazer parte do apostolado hierárquico e que ela deveria sempre estar submissa à hierarquia clerical.

Sendo o clero o verdadeiro possuidor do apostolado, este estava cedendo para os fiéis, como Jesus também cedeu para algumas pessoas além dos apóstolos, a oportunidade de também

fazer parte dele. O Papa Pio XI, como o representante de Jesus e herdeiro da liderança da igreja que havia sido transmitida pelo próprio Cristo a Pedro, estaria também passando para a Ação Católica esse privilégio.

Percebe-se a necessidade da igreja em envolver seus fiéis na Restauração Católica, mas ao mesmo tempo ela quis manter o total controle das suas atividades. Os fiéis, que até poucas décadas antes, não poderiam tomar parte ativa das evangelizações da igreja, passam agora a exercê-las de forma controlada. Além disso, está clara a centralização do poder e a exortação do papa típicos da romanização já bem estabelecida no Brasil.

Campina Grande foi a primeira cidade da Paraíba a ter o movimento de Ação Católica oficialmente organizado. Tendo em vista fundá-la foi criado nesta cidade em 1937 um curso que teria Otilia Sampaio Xavier como professora (XAVIER, 1937). O curso deveria servir para ensinar o que realmente era a Ação Católica desvinculando-a da política, pois era vedado qualquer um desses grupos participar de movimentos políticos. Na primeira aula, que foi postada no jornal *Impressa*, a professora deixa bem claro que todos os católicos poderiam participar da Ação Católica, mas nem todos iriam porque ela é apenas para os eleitos, formando assim uma espécie de *aristocracia religiosa*.

A professora continua informando que a ação católica era apenas para “pessoas com almas convencidas, penetradas de um profundo ideal e nunca poderá liderar entre suas fileiras senão pessoas imbuídas do espírito de Jesus Cristo e cheias de amor por ele” (XAVIER, 1937, p.6). O primeiro intento da Ação Católica deveria ser a formação dos seus sócios, pois a imagem da ação católica estava vinculada a eles. Os seus sócios deveriam ter em mente que o fim último da Ação Católica era colocar o gênero humano sob o *império de Cristo*.

Durante mais de seis anos, o Cônego José Delgado¹⁸⁰ preparou a paróquia para a implantação da Ação Católica. Sendo ela oficialmente organizada em 29 de junho de 1938, dia de São Pedro (INSTALADA..., 1938). Ela foi à primeira do estado da Paraíba e teve autorização do arcebispo da Paraíba Dom Moises para seu funcionamento. Delgado descreve a preparação dos sócios, nos meses que antecederam à sua organização oficial, da seguinte forma:

¹⁸⁰ José de Medeiros Delgado (1905 – 1988) nasceu em Pombal, Paraíba, cursou filosofia no Seminário da Paraíba, ascendendo ao presbiterato em 1929, e Teologia Dogmática, Moral e direito Canônico, na Universidade Gregoriana de Roma. Exerceu os cargos de Vigário Cooperador, em Campina Grande e Bananeiras (1930), Pároco de Campina Grande (1931-1941), primeiro “Bispo de Caicó, Rio Grande do Norte (1941-1952), Arcebispo de São Luiz do Maranhão (1952 -1963), Arcebispo de Fortaleza, Ceará (1963 – 1973), presidente do Secretariado Nacional de Ação Social da CNBB, Presidente do Regional Nordeste I, Membro da Associação Cearense de Imprensa, Ceará (SANTOS; VELÓSO, 2010).

1º Começamos a fazer a meditação, para os homens e para as mulheres, toda a manhã na matriz. 2º Marcamos uma celebração diária de uma missa às 6 horas para que a ela assistam os que se preparam à Ação Católica. 3º Instalamos um curso no qual estão sendo ensinadas liturgia, Ação Católica e o Tratado Dogmático do Verbo Encarnado. 4º procuramos interessar praticamente os candidatos a ação católica pelas obras de união dos operários católicos, do dispensário do S. V. de P., e da doutrina cristã (DELGADO, 1937, p. 6).

As primeiras associações ligadas à ação católica em Campina Grande foram organizadas no dia 16 de maio de 1937. Inicialmente, elas ficaram alguns meses centradas em seu preparo através dos cursos organizados pela paróquia para começarem a agir, de forma contundente, com a organização oficial em 1938.

Até o final do primeiro ano da sua organização, a Ação Católica já tinha como associações a União dos Moços Católicos e a Liga Feminina (DE CAMPINA GRANDE, 1938b). O primeiro em outubro de 1938, já possuía um salão no qual aconteceu um tríduo da Ação Católica (DE CAMPINA GRANDE, 1938a) e em 1949 realizaram ações sociais pela cidade (AÇÃO..., 1949).

A segunda Ação Católica organizada oficialmente na Paraíba foi em João Pessoa. Ela surgiu dos esforços do Monsenhor João Coutinho na paróquia de Nossa Senhora das Neves no dia 3 de janeiro de 1940 (PRO..., 1940). O seu início foi marcado por tríduo de preces com estudos que foi realizado pelo padre S. Mariano.

Contudo, antes da organização oficial, já existia, em 1938, a União dos Moços Católicos (REINICIADAS..., 1938), e a Juventude Católica Feminina (JUVENTUDE..., 1938). A primeira foi a pioneira do estado sendo fundada em 1926 e sua sede, na Rua General Osório ao lado do mosteiro de São Bento, foi inaugurada no dia 13 de maio de 1938 (A INAUGURAÇÃO..., 1938). Ela também chegou a ter um Departamento Esportivo que era liderado por Luiz Spinele (UNIÃO, 1938).

Em abril de 1941, foi organizada a Junta Arquidiocesana da Ação Católica no prédio da União dos Moços Católicos, Avenida General Osório (A INSTALAÇÃO..., 1941b), que contou com a presença do Arcebispo Metropolitano, Dom Moises. Nesse mesmo evento foi inaugurado o curso de Ação Católica que funcionou as segundas e quartas às 18 horas (A INTALAÇÃO..., 1941a).

A Ação Católica da Paróquia de Nossa Senhora das Neves era envolvida com ações sociais. Entre 26 de Janeiro e 2 fevereiro de 1941, ela organizou na casa São Vicente de Paulo, Tambiá, uma exposição artística de trabalhos com agulha. O dinheiro arrecadado serviu para custear os trabalhos de ação social nos bairros pobres de João Pessoa (VIDA..., 1941). Algumas vezes, as ações sociais eram acompanhadas por atividades religiosas como a primeira

comunhão (AÇÃO..., 1941), assim poderiam recrutar novas crianças para o catecismo. As suas ações sócias eram frequentemente publicadas no Jornal *A União*, possivelmente para atrair tanto católicos quanto não católicos.

Em 1944, a Ação Católica da Capital já possuía como associações a União dos Moços Católicos, os Homens da Ação Católica, Pia União das Filhas de Maria e outras associações femininas (VIDA RELIGIOSA, 1944d). Como uma forma de atrair mais pessoas, principalmente homens, era comum a realização de chamadas públicas para palestras como a seguinte:

A diretoria da ação católica convida [...] todos os homens católicos desta cidade para assistirem amanhã, às 19,30 horas, uma reunião que terá lugar na sua sede a Av. General Osório nº 60. Durante a reunião fará uma conferência o padre Carlos Coelho¹⁸¹ que versará sobre um tema de grande interesse para os homens católicos. A sede da Av. General Osório será franqueada a todos aqueles que desejem se identificar mais intimamente com os objetivos da Ação Católica (VIDA..., 1944a, p.5).

Essas chamadas públicas para os homens eram frequentes chegando a ter formação todo o primeiro domingo do mês com direito a café da manhã na Igreja de São Bento (VIDA..., 1944b). Faziam chamadas exclusivamente para homens para participação de retiros (RELIGIÃO, 1946), conferências (AÇÃO..., 1944) e formação (VIDA..., 1944c). Essas chamadas públicas podem ser explicadas pela falta de interesse masculino nas atividades da igreja.

Era muito comum entre os fiéis existirem mais participação das mulheres do que dos homens, pois, desde crianças, elas eram ensinadas a terem uma ligação mais íntima com igreja através da limpeza dos templos, artes manuais, ações sociais e rituais como as novenas. A representação feminina, para esse período, está centrada na mulher como guardiã espiritual da casa, aquela que ensina os princípios religiosos enquanto o homem era o mantenedor. Desta forma, era comum os homens se afastarem cada vez mais da vida religiosa.

Mesmo com todos os esforços do clero católico, a ala masculina da Ação Católica em João Pessoa era deficitária. Diante da dificuldade em encontrar homens que quisessem participar, Carvalho escreveu o seguinte:

¹⁸¹ Carlos Coêlho (1907-1964) nasceu em João Pessoa, Paraíba, e fez todo o seu curso eclesiástico no Seminário da Paraíba, ascendendo ao presbiterato em 1930. Alguns cargos que ele ocupou foram: diretor do jornal *A Imprensa* (1933-1942), capelão do Ginásio Nossa Senhora de Lurdes (1940-1948), bispo da Diocese de Nazaré da Mata, Pernambuco (1948-1954), bispo de Niterói, Rio de Janeiro (1954-1960) e Arcebispo de Olinda e Recife, Pernambuco (1960-1964) (SANTOS; VELOSO, 2010)

Se observarmos o movimento de Ação Católica da nossa cidade no setor masculino contaremos que ele deixa muito a desejar. Se não fosse o esforço extraordinário do assistente arquidiocesano do homem e da diretoria da junta não haveria nenhum movimento masculino de ação católica aqui. Eles que digam o trabalho enorme para conseguir um punhado de homens dispostos que frequentem regularmente as manhãs de formação (CARVALHO, 1949, p. 6).

Havia voluntários que iam espontaneamente, convidados que apareciam de vez enquanto, mas não havia uma presença contínua. Eram praticamente as mesmas pessoas que apareciam, aparentemente não havia empenho dos que participavam em fazer o movimento crescer. Carvalho (1949) afirma que havia poucos homens na Ação Católica porque eles não estavam sendo convidados e convocou todos os homens católicos a participarem e convidarem os amigos.

Em maio de 1948, foi fundada na capital do estado a Juventude Estudantina Católica (AÇÃO..., 1948), mais uma associação ligada à Ação Católica. As festividades de inauguração ocorreram entre os dias 13 e 16 de maio sobre a direção do Padre Eusébio Oliveira¹⁸² na capela do Ginásio de Nossa Senhora de Lurdes tendo início às 19:30. No final da cerimônia do terceiro dia quinze alunas receberam os distintivos de membros da Juventude Estudantina Católica.

A terceira Ação Católica inaugurada na Paraíba, pelo que se tem notícia, foi a de Guarabira (ARAÚJO, 1948). O Cônego Emiliano de Christo¹⁸³ foi quem esteve à frente de sua organização em 1944. O cônego conseguiu juntar um grupo de interessadas e estabeleceu a Juventude Feminina Católica e, até 1948, já havia levado duas mulheres a se tornarem religiosas.

Tanto através da romanização quanto da Restauração Católica, a igreja se fez mais presente causando a reconquista de grande parte do seu prestígio na sociedade. Com a romanização ela se estrutura e com a restauração ela torna seus fiéis parte de um pequeno exército militante capaz de fazer de tudo em nome da igreja. É claro que não conseguiu alcançar todos os lugares e nem todas as pessoas deixando uma pequena brecha para um crescimento tímido das denominações protestantes.

Com a maior presença da Igreja Católica na sociedade, principalmente nas grandes cidades, o protestantismo floresceu mais nas cidades do interior e distante dos grandes centros.

¹⁸² Eusébio de Oliveira (1915-????) nasceu em Cajazeiras, Paraíba, e fez seu curso eclesiástico no Seminário da Paraíba, ascendendo ao presbiterato em 1943. Alguns cargos que ele ocupou foram: Capelão da Casa de Saúde São Vicente de Paulo (1948), Capelão do Colégio das Neves (1950), pároco de Bayeux (1962) e pároco de Santa Terezinha, João Pessoa (SANTOS; VELOSO, 2010).

¹⁸³ Emiliano de Christo (1897-1980) nasceu em Alagoa Nova, Paraíba, e fez o curso eclesiástico no Seminário da Paraíba, ascendendo ao presbiterato em 1922. Alguns cargos que ele ocupou foram: vigário de Areia (1925), vigário de Sapé (1929), vigário de Guarabira (1933-1967).

Isso não significa tranquilidade, pois foram nesses lugares que ocorreram os piores conflitos. Os conflitos físicos que causaram destruição de templos e assassinatos de protestantes foram casos pontuais, mas não tão poucos, sendo necessário trabalhá-los a seguir.

2.3.2. Início do protestantismo e o antiprotestantismo na Paraíba

Como o protestantismo é muito diverso e ainda existem muitas lacunas, serão trabalhadas nessa parte apenas as principais igrejas que se instalaram no território paraibano. De acordo Ribeiro (2003), a Igreja Reformada Holandesa chega à Paraíba em 1634. Ela foi, possivelmente, a primeira igreja protestante do estado que chegou a ter dois templos um no forte de Cabedelo e outra na capital do estado que naquela época passou a se chamar de Frederica, devido à invasão holandesa e em homenagem ao chefe do Estado holandês Frederich Heinrich.

Um dos primeiros paraibanos a se tornar protestante foi Pedro Poti (1608 - 1652). Índio potiguara que foi para Holanda em 1625 com um grupo de holandeses que haviam se refugiado na Baía da Traição, Paraíba, após serem expulsos do estado da Bahia. Lá ele tornou-se protestante e retornou ao estado em 1631 e durante o período holandês chegou a ser Regedor dos Índios da Paraíba. No dia 19 de fevereiro de 1649, Pedro Poti foi preso pelas tropas portuguesas e enviado para Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco, onde foi torturado por não negar a fé protestante, de acordo com Ribeiro (2003). Ele foi morto, em 1652, em um navio que o levava preso para Lisboa.

Em 1810, como resultado dos acordos entre a coroa portuguesa e a Inglaterra, protestantes voltaram a colocar os pés na Paraíba. Desta forma, temos o relato, nesse mesmo ano, do protestante Henry Koster¹⁸⁴ que viajou para vários lugares do Nordeste e havia também passado na Paraíba. José Bates, um dos fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia, também esteve algumas vezes na Paraíba, mas como capitão do seu navio em 1825.

Bates vendeu farinha no estado e chegou a participar de um funeral católico em uma igreja de pedra na parte alta da capital paraibana. A Paraíba também foi visitada por um dos primeiros missionários protestantes do país, Daniel Perish Kidder (ver nota 153), em julho de

¹⁸⁴ Henry Koster (1784-1820) possuía pais ingleses, mas havia nascido em Lisboa, Portugal. Devido a problemas de saúde em 1809 veio morar em Pernambuco onde se tornou senhor de engenho e viajou para diversas partes do Nordeste brasileiro. Em 1815, ele foi à Inglaterra onde publicou um livro sobre as suas viagens retornando à Pernambuco em 1817 e falecendo no início de 1820.

1839, passando por Tambaú, Cabo Branco e subiu pelo Rio Paraíba. Ele chegou a distribuir panfletos e a presenciar a Festa das Neves no dia 5 de agosto daquele ano.

Seguindo o decreto de número 3.069 de 17 de abril de 1863 do império que regularizava o registro de casamento, nascimento e óbito das *religiões toleradas*, foi criado um espaço separado no Cemitério Senhor da Boa Sentença para enterrar os protestantes. Uma das pessoas enterradas nessa parte foi o inglês Ricardo Rogers, que era dono das terras que formam hoje o Bairro do Roger, seu registro de óbito consta o seguinte: “faleceu de moléstia interior o adulto Ricardo Rogers, brasileiro, morador dessa freguesia. Seu cadáver foi sepultado segundo o rito protestante na área destinada aos dissidentes no cemitério público desta cidade” (CAVALCANTI, 1883, p. 133).

Em 1875 foram enviados colportores, missionários de sustento próprio que vendiam literatura, à Paraíba por uma Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, conforme Ribeiro (2003), e converteu algumas pessoas. Já em 1877 já ocorriam pequenas reuniões para o estudo da Bíblia na casa de alguns convertidos. O primeiro trabalho missionário, que resultou a implantação duradoura de uma igreja protestante Paraíba, aconteceu em 1878. Alguns leigos da igreja presbiteriana realizaram uma evangelização e convidaram o Reverendo John Smith¹⁸⁵ que trabalhavam em Recife, Pernambuco, desde 1873.

A evangelização aconteceu no Teatro Santa Cruz, na capital paraibana, e formou um grupo ligado à Igreja Presbiteriana. Entre 1880 a 1884, as reuniões desse pequeno grupo de protestantes eram realizadas em uma casa na Rua da Areia, 21. A igreja foi oficialmente organizada no dia 21 de dezembro de 1884 em uma casa na Rua da Ponte. Em 1896 o Teatro Santa Cruz foi comprado pela Igreja Presbiteriana, sendo o primeiro culto realizado no dia 12 de abril do mesmo ano.

No ano de 1900, essa igreja chegou a ter 120 membros e iniciaram os esforços para se expandir no interior do estado. Alguns lugares que tiveram presença protestante nesse período foram: “Lucena, Mandacaru, Cachetu, Engenho do Tabu, Santa Rita, Usina São João e no sertão, em Barra de Santa Rosa” (VASCONCELOS, 2005, p. 38). Como em outras partes do Brasil, os protestantes criaram escolas que, de acordo com Mendonça (1984), serviam de

¹⁸⁵ John Rockwell Smith (1846- 1918) foi um missionário da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos. Nasceu em Lexington, Kentucky, estudou na Universidade da Virgínia, Charlottesville, e formou-se em Teologia pelo seminário Union (1868-1871), Virgínia. Foi licenciado ao presbitério em 1871 e ordenado em dezembro de 1872. Chegou em Pernambuco no dia 15 de janeiro de 1873 onde trabalhou como missionário e educador chegando a organizar a Igreja Presbiteriana no Recife no dia 11 de agosto de 1878. Ele foi um dos principais missionário protestantes do Nordeste e por isso recebeu a alcunha de Simonton do Norte (MATOS, 2018).

estratégias indiretas do evangelismo. Conforme Sellaro (1987), os batistas e os presbiterianos haviam fundado vinte e dois colégios em Pernambuco e na Paraíba entre 1870 e 1930.

Da mesma forma que a Igreja Católica, os presbiterianos criaram várias associações ligadas à igreja para ter um maior envolvimento dos membros na sua expansão. As associações também serviam para manter os fiéis ativos e diminuir as apostasias. Algumas delas foram: Sociedade Auxiliadora Feminina, Mensageiros Cristãos, Sociedade Coral, Mocidade Cristã e a Sociedade Beneficente Evangélica

A primeira foi fundada em 1904 e em 1934 chegou a possuir cem sócias. A segunda teve início em 1904, mas foi extinta e reorganizada em 1926 e em 1934 possuía 50 sócios. A terceira surgiu em 1922 e em 1934 contava com cinquenta coristas e uma pequena orquestra. A quarta foi organizada em 1934 e iniciou com setenta membros. A última foi criada em 1934 e de início não possuía ligação oficial com a igreja e contava com cento e sessenta sócios.

Em 1938, a Igreja Presbiteriana tinha o seu templo sede na Praça 1817 e filiais em Jaguaribe, avenida Vera Cruz, povoação Índio Piragibe, avenida Redenção, Torrelândia, avenida 3 de maio e uma na cidade de Santa Rita (VIDA..., 1938a). Alguns anos depois, em 1948, mais duas Igrejas Presbiterianas foram fundadas na Paraíba: Igreja Cristã Presbiteriana de Betel e a Igreja Cristã Presbiteriana de Imburainha (ANÚNCIOS..., 1948). Ambas foram organizadas segundo a constituição das Igrejas Presbiterianas do Brasil.

Surge, em 1949, a Igreja Presbiteriana Testemunhas de Cristo (IGREJA..., 1949). Diferente das demais citadas anteriormente, ela se separou da Igreja Presbiteriana do Brasil tornando-se independente. A sua primeira reunião foi no dia 27 de março de 1949 na casa de um dos seus presbíteros na Praça João Pessoa. Em 1950, as reuniões foram mudadas para Avenida Camilo de Holanda, 500 (IGREJA..., 1950).

A história da Igreja Batista na Paraíba também está ligada com Pernambuco. Em abril de 1886, foi organizada a primeira Igreja Batista em Recife, Pernambuco, contudo, devido a várias dificuldades, ela foi reorganizada em 1893. Com o objetivo de expandir-se para outras localidades do Nordeste, na virada de 1900 para 1901 foi organizada a convenção União Batista Leão do Norte. A partir de então surgiu a Igreja Batista na capital paraibana.

Os primeiros batistas da Paraíba começaram a se reunir na Rua Capitão José Pessoa, Jaguaribe, e com o tempo conseguiram reunir um grupo de cerca de cem pessoas que construíram um templo na Rua Índio Piragibe que foi inaugurado no dia 19 de janeiro de 1914. Em 1938, foi fundado através dos batistas da capital, o seu primeiro colégio. Ele passou por diversas dificuldades, inclusive financeiras, quase fechou as portas. Contudo, após a visita de

algumas senhoras norte-americanas, os batistas conseguiram verba suficiente para comprar um terreno e reestruturar o colégio.

Em 1938, já existiam duas Igrejas Batistas em João Pessoa: a Primeira Igreja Batista localizada na Rua Índio Piragibe, 142 (VIDA..., 1938a) e a Segunda Igreja Batista que continuava na Rua Capitão José Pessoa, 379 (VIDA..., 1937c). Além das Igrejas Presbiterianas e batistas, em 1940, João Pessoa também já tinha a Igreja Assembleia de Deus na rua 1º de Maio, Jaguaribe (VIDA..., 1940) e a Igreja Adventista do Sétimo Dia, na Rua Artur Aquiles, 111.

A Igreja Adventista também iniciou os trabalhos missionários na Paraíba no início do século XX. Em 1911 forma-se o primeiro grupo de adventistas do estado em Pirpirituba, também havia presença adventista em Cabaceiras, São José das Pombas (atual Parari), São José dos Cordeiros (1921), Moreno (atual Solânea, 1921), Baixa Verde (Queimadas, 1925), Campina Grande (1935), São Tomé (atual Sumé, 1936), João Pessoa (1937), Gravatá de Mulungu (1937), Pombal (1937), Serra Branca (1939), Cabedelo (1940), Catolé do Rocha (1943), São Bento (1945) e Natuba (1948).

De acordo com Câmara (1988), o protestantismo chegou a Campina Grande em 1912. A Igreja Evangélica estava localizada na Rua do Açude Novo e o seu pastor era Sinfrônio Costa. Em 1920, o templo foi inaugurado e já possuía trinta membros. A Igreja Batista instalou-se em Campina Grande dois anos depois (1922) na Rua Silvestre e o seu Pastor era Augusto Santiago.

No dia 8 de janeiro de 1924, a Igreja Assembleia de Deus foi fundada na Rua da Areia. Na Rua Treze de Maio, no dia 30 de junho de 1927, foi inaugurada, com a chegada do pastor João Clímaco Ximenes¹⁸⁶, a Igreja Evangélica Congregacional que possuía noventa membros e uma escola Dominical com cento e cinquenta alunos. No início de década de 1930, um grupo de membros da Igreja Evangélica Congregacional deixa as suas terras em Itabaiana e se instala na Avenida Cruz das Armas, João Pessoa, 733. O grupo cresceu sendo organizada oficialmente como igreja no dia 16 de junho de 1932 e em 1944 contava com Grêmio Eclesiástico Auxiliadora Feminina (VIDA..., 1944e).

Com o início das atividades do presbiterianismo na Paraíba, no final do século XIX, também começam as perseguições. Segundo Ribeiro (2003), no dia 20 de fevereiro de 1881, o subdelegado de Itabaiana impediu que se realizar-se o culto na Vila de Pilar. Ele também

¹⁸⁶ João Clímaco Ximenes (1895-1963) nasceu em Sirinhaém, Pernambuco, e converteu-se aos quinze anos a Igreja Batista, mas depois filiou-se a Igreja Evangélica Congregacional. Ele foi ordenado em 1927 assumindo a Igreja Evangélica Congregacional em 30 de junho do mesmo ano e eleito pastor efetivo no ano seguinte (SYLVESTRE, 2014).

escreveu que no dia 19 de setembro de 1894, o Padre Manoel Mariano havia escrito um artigo para o jornal *A União* em que chamava as doutrinas protestantes de *veneno herético do libidinoso Lutero* e conclamava os católicos a combater o protestantismo.

Diante do avanço do protestantismo na Paraíba no início do século XX, o Bispo Dom Adauto de Miranda Henriques utiliza-se do Jornal *A Imprensa* para combatê-lo. As igrejas protestantes são representadas como filhas ilegítimas da Igreja Católica que pregavam heresias que eram frutos de paixões mal contidas, de despeitos e de invejas (SOUSA JÚNIOR, 2015, p. 111).

O jornal *A Imprensa* dava atenção especial aos protestantes convertidos ao catolicismo e falava das dificuldades que alguns países protestantes passavam. O protestantismo não era visto como ameaça, pois se dizia que as bases do catolicismo eram sólidas, mas a igreja precisa do apoio dos fiéis para não deixar o número dos protestantes aumentar. Era dito que se deveria amar os protestantes, mas odiar o protestantismo, contudo representavam os protestantes como infiéis, hereges, desonestos, traidores, etc. O que demonstrava uma certa contradição, pois incitava os católicos a desprezar os protestantes.

Além disso, a Igreja Católica na Paraíba aconselhava os seus fiéis a não terem contato com os protestantes para evitarem de cair nos mesmos erros. Além disso, eram realizadas todas as segundas-feiras, 7:30 da noite, na Igreja de São Bento, lições doutrinárias para esclarecimentos de ponto de fé católica (HOMENS..., 1947), caso alguém tivessem dúvidas suscitadas pelo protestantismo.

Também foram publicados artigos no jornal católico *A Imprensa* que ensinavam a *prevenir ou a resistir* à propaganda protestante (ROSSI, 1947). As igrejas protestantes eram chamadas de seitas e os protestantes hereges e apóstatas. Era dito que, para resistir ao protestantismo, dever-se-ia proporcionar instrução religiosa, fomentar a vida religiosa na paróquia, advertir aos fiéis que os apóstatas tentam seduzir para sua causa e que devem se abster de ler escritos e Bíblias protestantes, de ir as suas conferências e de educar os filhos em seus colégios.

Através das missas, do jornal *A Imprensa* e de outras formas, o clero católico paraibano tentava desqualificar o protestantismo e imputando-lhes “todo tipo de punições sejam terrenas ou celestiais, despertando em boa parte da sociedade paraibana da época um temor, uma ojeriza e distanciamento de tudo que se relacionava ao protestantismo” (SOUSA JÚNIOR, 2015, p. 114).

Uma das principais estratégias utilizadas para combater o protestantismo era associar o protestantismo com algo que a sociedade odiava ou temia. Era comum o protestantismo ser

associado ao nazismo (OS PROTESTANTES..., 1937) e ao comunismo. No primeiro era dito que alguns protestantes haviam se tornado instrumentos do nazismo e abandonado alguns dos princípios cristãos e até a sua base de *somente a Bíblia* estava sendo deixado de lado. Os protestantes teriam colégios e seminários que eram “verdadeiras células ‘nazistas’ destinadas a criar e manter o espírito hitlerista nos jovens teuto brasileiros” (O SEMINÁRIO..., 1938, p. 8).

No segundo, o protestantismo é representado como tendo uma ligação com o comunismo. O comunismo, que tinha o objetivo de impor a massa sobre a pessoa e todo sobre o indivíduo, teria nascido através de Lutero (LUTERO..., 1947) e os princípios protestantes estariam mais próximos do comunismo do que do catolicismo e através do ódio que nutriam pela Santa Sé eles se entendiam (QUEM..., 1941).

Martinho Lutero era visto como um apóstata que causou muitos males que afligiam a humanidade causando quatro séculos de desordem. Ele quis encontrar a cura para seus complexos através da destruição da Igreja Católica e da doutrina de Cristo e isso causou a anarquia no campo da ética e da ordem social da vida religiosa. Lutero havia preparado o mundo para o liberalismo e suas funestas consequências para o mundo moderno. Desta forma, toda exaltação contra a comunidade e a sociedade, “a anarquia de normas, o desprezo aos valores tradicionais, a destruição da autoridade sobre o indivíduo tem sua origem na base de vida de Martinho Lutero” (LUTERO..., 1947, p. 6).

Era passada a imagem de um protestantismo decadente em outros países, principalmente na América do Norte (NEGROMONTE, 1942). E isso era causado pela *insuficiência espiritual da doutrina*, existem muitas doutrinas, mas elas não podem suprir as necessidades espirituais dos fiéis, e pela *incapacidade apostólica dos pastores*, eles não possuíam fé, convicções, ideais, vida espiritual e a flama missionária. Ademais, as igrejas estariam fechando as portas por não se preocuparem com a revolução industrial e o seu púlpito viveriam de negações onde xingariam a Igreja Católica e ao Papa.

O protestantismo não era visto como uma religião. Nele se esconderia uma “desagregação e a mais triste desorientação jamais narrada pela história religiosa de todos os tempos” (PALLARES, 1947, p. 6). Ele não poderia se apresentar como religião de Cristo por ser uma verdadeira *confusão babilônica* que possuiria interesses pseudo-religiosos.

Como uma forma de combater as séries evangelísticas que as igrejas protestantes faziam, foram publicados alguns artigos intitulados de *Evangelismo?* Nesses artigos, os protestantes eram chamados de *crentes* que acreditavam que somente eles seguiam as práticas do evangelho

sendo os católicos antievangélicos. Porém, segundo João Felix de Medeiros¹⁸⁷ (1947a) apenas a Igreja Católica poderia se chamar de evangélica, pois os protestantes tinham práticas que iam contra o evangelho como o divórcio e do homem ter até setenta mulheres. Para ele, só há uma única maneira de ser evangélico que é seguir a Igreja Católica, pois apenas a ela foi confiado o evangelho e por ela pregado através de vinte séculos.

O primeiro artigo havia sido publicado em 7 de fevereiro de 1947 e para combater as séries evangelística de Guarabira, padre João Felix publica no dia 11 de maio mais um artigo como o mesmo título (ALMEIDA, 1947). Nele, o padre acusa os pastores protestantes de se aproveitarem da ignorância da massa para conseguir adeptos. Ele chama os protestantes de *nova seita* e diz que mentem ao dizer que católicos adoram imagem.

O terceiro artigo intitulado de *Evangelismo* foi publicado no dia 10 de julho de 1947, ele foi resultado de uma pequena polêmica antiprotestante que foi causada pelo artigo anterior. Do lado católico estava o Padre João Felix de Medeiros e do lado protestante estava o professor Antônio Sales da Silva que era conhecido em Guarabira como professor Sales. Infelizmente, só foi possível encontrar a versão católica, mas o que foi encontrado já é de grande importância para compreender esse fato.

O artigo trazia a resposta de Medeiros ao professor Sales. Medeiros (1947b) diz que recebeu de um amigo um exemplar do Jornal *O Rebate* de Campina Grande onde havia um artigo intitulado *Repelindo Ataques* de um cidadão sem responsabilidade chamado de Professor Antônio Sales que queria provar *falsidades*. Para Medeiros, o professor ou não havia entendido o artigo ou se fazia de desentendido.

Nesse artigo, Medeiros trabalhou dois pontos do artigo de Sales que foram sobre os livros deuterocanônicos, os livros e passagens que a Bíblia católica possui a mais do que a protestante, e a adoração de imagens. Ele escreve que Sales não entendia o que estava falando e que deveria voltar a ser criança para fazer a catequese e conhecer mais sobre o catolicismo.

O embate entre o padre João Felix de Medeiros e Antônio Sales foram além dos artigos intitulados evangelismo. O padre torna-se um ferrenho adversário escrevendo artigos contra Sales e os seus escritos. No artigo *Incoerências Protestantes* (MEDEIROS, 1948), Medeiros discorre sobre um artigo desse de Sales no jornal *O Norte Cristão* em que ela fala sobre seitas heréticas dentro do protestantismo.

¹⁸⁷ João Felix de Medeiros (1912-1984) nasceu em Esperança, Paraíba. Entrou no seminário em 1932 e ascendeu ao presbiterato em 1943. Foi capelão das Dorotéias (1944), em Alagoa Grande, e vigários de diversas paróquias (SANTOS; VELÓSO, 2010).

Dentre elas estavam as Igreja Adventistas do Sétimo Dia, Testemunhas de Jeová, e os Mórmons, que se aproveitariam utilizavam o nome protestante, mas se assemelham a “feiticeiros, macumbeiros, assassinos de todas as espécies ladrões, adúlteros, bebedores e anarquistas que vivem rezando, confessando-se e ingerindo a hóstia eucarística na Igreja Romana” (MEDEIROS, 1948, p. 6). O padre, utilizando-se um tom irônico, diz que todas deveriam ser consideradas protestantes ou evangélicas, pois usam o livre exame como todos os outros protestantes.

Também foram publicados diversos artigos com o título *A Ação Católica e a Opinião dos Protestantes no Brasil*. Neles foram escritos que os protestantes, algumas vezes chamados de evangélicos, estavam com medo da Ação Católica e, sendo assim, denegriam-na das mais diversas formas (A AÇÃO..., 1947). Como prova eram mostrados pequenos trechos de impressos protestantes das Igrejas Metodistas, Adventistas, Presbiterianas e Testemunhas de Jeová que eram comentados pelo autor dos artigos.

Para mostrar a superioridade da Igreja Católica dizia-se que ela era fundada por Jesus e mais antiga que o protestantismo (A SEMENTE..., 1949). Além disso, eram escritos muitos artigos trazendo a conversão de um protestante (UMA..., 1939), de pessoas importantes (CONVERTE-SE..., 1941), de famílias inteiras (EM SERRA..., 1937), de protestantes que se tornaram sacerdotes (DOIS..., 1948) e até de pastores (QUEM..., 1941).

Dizia-se que eles encontraram a igreja verdadeira de Jesus e abandonaram o protestantismo. Isso também servia para se contrapor aos padres e fiéis que haviam se convertido ao protestantismo e cujos relatos eram utilizados para servir de inspiração e para atrair mais pessoas para as igrejas evangélicas.

Dizia-se também que os protestantes eram hereges (O PROTESTANTISMO..., 1937) e inimigos da Bíblia (QUAIS..., 1949), buscavam o extermínio do catolicismo (QUEM..., 1941) e faziam acusações infundadas (ATAÍDE, 1937). Utilizando-se disso, faziam comparações entre o catolicismo e o protestantismo representando-se com características positivas e os outros de formas negativas.

O antiprottestantismo nem sempre ficava na esfera do discurso. Em alguns momentos ela passava para a física indo desde agressões até assassinatos. Na Paraíba, as maiores quantidades de situações mais sérias aconteciam quando as Santas Missões passavam pela cidade e muitas dela com a presença de Frei Damião¹⁸⁸. A primeira, que se tem registrada foi em 1932 na cidade

¹⁸⁸ Pio Giannotti (1898-1997), mais conhecido como Frei Damião de Bozzano, nasceu em Bozzano, na Itália, no dia 5 de novembro de 1898. Ingressou na Ordem dos Capuchinhos aos 16 anos de idade. Mesmo sendo seminarista,

de Alagoa Grande onde após um pequeno debate do frade com a jovem, de dezesseis anos, Isnau Barbosa de Andrade.

A jovem estava de férias da escola Agnes Eriskyne, Colégio Presbiteriano no Recife, e seu tio, católico, conseguiu marcar o encontro entre ela e frei Damião. Conforme Sylvestre (2014), durante o debate, Frei Damião chamou Isnau de bode do Diabo e disse que ela iria para o inferno, depois ele saiu da casa rezando em voz alta. Deste momento em diante, iniciou-se uma série de perseguições aos protestantes de Alagoa Grande. Na mesma noite, o frei aconselhou os católicos a não comprarem e nem venderem aos *bodes* e pediu que juntassem os impressos protestantes para serem queimados. Fazer esses pedidos tornou-se uma das práticas de frei Damião em todos os lugares por onde passava.

O pai da jovem era comerciante e não conseguia vender o suficiente na região para a sobrevivência de sua família, então mudou-se, em 1935 para Patos. Os problemas não foram apenas no comércio, ao saírem de casa eles eram xingados e ouviam jovens fazendo o som de bodes. Algum tempo depois, o frei também passou por Patos iniciando novamente as perseguições e a família se mudou para Natal, Rio Grande do Norte.

Por onde passava, Frei Damião convocava pastores para debates públicos, contudo devido à grande quantidade de católicos que se aglomerava no local, muitos recusavam ou não compareciam. Ao fazerem isso, eles eram rechaçados e ridicularizados sendo chamados de covardes e os que ousavam a ir, muitas vezes não conseguiam falar, pois a multidão gritava e vaiava na sua vez de fala.

Um debate público que teve grande repercussão foi o de Frei Damião com Reverendo Sinésio Lyra¹⁸⁹, um dos pastores da Igreja Evangélica Congregacional. O debate ocorreu em abril de 1935, em Campina Grande, em um cinema chamado *Rink Park* e tinha como mediadores Vergniaud Wanderley, chefe de polícia do estado, Hortênsio de Souza Ribeiro, advogado, e Orris Barbosa, Jornalista da capital.

O tema do debate era *transubstanciação à luz das sagradas escrituras*. A discussão sobre o assunto não parou em Campina Grande. Os dois continuaram a discussão através da imprensa, Frei Damião publicava no jornal *A Imprensa*, de João Pessoa, e o reverendo no *Diário da*

teve de lutar por seu país na Primeira Guerra mundial. Ordenado aos vinte e cinco anos em Roma, passou a chamar-se Frei Damião. Em 1925, diplomou-se em Teologia dogmática, Filosofia e Direito Canônico pela Universidade Gregoriana de Roma. Foi professor e diretor do convento de Massa, na capital italiana. Oito anos depois da ordenação, em 1931, chegou ao Brasil, fixando-se no Recife, cidade que seria a base de suas peregrinações (SYLVESTRE, 2014, p. 52).

¹⁸⁹ Synésio Artiliano Pereira Lyra (1895-1993) nasceu em Timbaúba, Pernambuco, converteu-se a Igreja Evangélica, em 1915, e foi batizado, em 1919, na Igreja Evangélica do Monte Alegre. Em 1921, matriculou-se no Instituto Ebenézer, onde cursou o seminário sendo ordenado a ministro e eleito co-pastor da Igreja Evangélica Pernambucana, em 1925, onde exerceu a função até 1938 (SYLVESTRE, 2014).

Manhã de Recife, Pernambuco. O embate parou quando frei Damião publicou que não mais responderia devido à falta de tempo causada pela grande quantidade de viagens.

Frei Damião era acompanhado pela multidão que em alguns casos causavam depredação e ataques a templos protestantes. De acordo com Soares (1996), um desses casos ocorreu, em 1937, na cidade de Guarabira, Paraíba, durante as Santas Missões realizadas pelo Frei Damião. A Igreja Evangélica Congregacional, que estava sendo inaugurada, foi cercada e apedrejada por cerca de três horas ficando algumas pessoas machucadas.

As perseguições nem sempre tinham Frei Damião a sua frente. Segundo Sylvestre (2014), era comum padres e fiéis católicos das mais diversas cidades perseguirem os protestantes. Um exemplo disso foi o que aconteceu em Catolé do Rocha, Paraíba, onde vivia o comerciante José Dorotéia que foi perseguido pelos padres da paróquia da cidade, na década de 1930. De acordo com Araújo (2020), em Catolé do Rocha, e nas suas redondezas, aconteceu um dos conflitos mais violentos da história do protestantismo do Brasil entre as décadas de 1930 e 1940.

Conforme Araújo (2020), desde o início do protestantismo na cidade (1926 – 1928) ele crescia livremente sem ter problemas com o clero romano. O padre dessa época, Luiz Gomes Vieira, era uma pessoa tolerante que não gostava de nenhuma perseguição, mas com a sua saída da paróquia de Catolé do Rocha houve uma sequência de vigários¹⁹⁰ fortemente contrários a fé evangélica. Os párocos que tiveram os maiores embates com o protestantismo no Sertão Paraibano entre os anos de 1930 e 1940 foram o monsenhor Constantino Vieira da Costa, o padre Manoel Otaviano e o Padre Joaquim de Assis.

Assim que o monsenhor Constantino Vieira deu ciência aos seus paroquianos de que “aos protestantes, nós católicos, não damos morada, não compramos, não vendemos coisa alguma, nem permitimos a ele o fornecimento de água” (FIGUEIREDO, 2016, p.23). A perseguição era tanta que os protestantes foram privados de algo extremamente importante para sobrevivência, a água. Os proprietários de açudes ou de outros reservatórios pararam de fornecer água aos protestante sendo Hercílio Maia a pessoa que impediu que eles morressem de sede (SYLVESTRE, 2014).

José Doroteia Dutra era um comerciante protestante que sofreu com a intolerância religiosa em várias cidades Sertão paraibano inclusive em Catolé do Rocha. O padre Manoel

¹⁹⁰ Os vigários que assumiram a paróquia de Catolé do Rocha durante os anos de conflito foram “o padre Luiz Gomes Vieira, de 1923 a 1928; o monsenhor Constantino Vieira da Costa, de 1929 a 1932; o padre Manoel Otaviano, que vai do período de 1932 a 1934; o padre Francisco Lopes, de 1934 a 1936; o padre Belisário Dantas, que fica na paróquia entre os meses de fevereiro a dezembro de 1936; o Padre Joaquim de Assis, que foi o protagonista do período mais crítico dos conflitos com os protestantes, em 1938 a 1939, e seu paroquiado durou de 1936 a 1942; o Padre Américo Maia, de 1942 a 1945” (ARAÚJO, 2020, p. 87).

Otaviano de Moura Lima¹⁹¹, padre que assumiu após o monsenhor Constantino Vieira, chegou a ficar em frente ao comércio de Dorotéia dizendo aos seus fiéis que não comprassem dele senão seriam amaldiçoados. Além disso, fiéis católicos tentaram envenenar a água de Doroteia. Devido às perseguições, que se intensificavam com as Santas Missões, Dorotéia mudou-se diversas vezes, mas sempre voltava para Catolé do Rocha.

O padre Octaviano, da mesma forma que o frei Damião, convocava pastores para debates públicos que muitas vezes não apareciam devido à falta de garantias quanto à sua integridade física. As perseguições em Catolé do Rocha foram tão intensas que, em 1938, causou a destruição do templo da Igreja Evangélica Congregacional e houve uma tentativa de assassinato do reverendo Josué Alves de Oliveira¹⁹².

Na semana que ocorreu esse conflito, o pastor local, reverendo Lindônio Almeida, estava realizando uma série de conferências na igreja que ficava na principal praça da cidade, próxima a paróquia de Nossa Senhora dos Remédios e da residência do padre Joaquim de Assis Ferreira. Para ser o preletor foi chamado o reverendo Josué Alves de Oliveira e os temas foram sobre idolatria.

Os católicos da cidade se sentiram ofendidos e começaram a surgir rumores de que um confronto poderia estourar a qualquer momento. A liderança da Igreja Congregacional suspendeu a conferência do sábado e agendaram um ensaio de hinos para o culto público que ocorreria no domingo. Porém essas medidas não foram o suficiente para impedir o confronto que aconteceu no dia 18 de junho de 1938.

Oliveira descreve a destruição da igreja da seguinte forma:

[...] quando estávamos ensaiando, ouviu-se a gritaria de uma multidão enfurecida que invadia o templo! A primeira ação deles foi desligar a chave de luz. Aí começou o quebra-quebra! Eles entraram armados de facão martelo, foice, barras de ferro, pés-de-cabra e, especialmente, molas de automóvel. Quebraram tudo o que havia no templo: o púlpito, a mesa, o órgão, os bancos, as cadeiras, relógio de parede, as portas, enfim tudo o que puderam destruir (OLIVEIRA, 1987, p. 112).

Oliveira conseguiu fugir do templo com a ajuda do pastor na congregação local. E ficou escondido na casa do pai dele até o dia seguinte quando um fazendeiro da região se

¹⁹¹ Manoel Otaviano de Moura Lima assumiu a gestão da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios no dia 17 de abril de 1932 e permaneceu nela até 24 de fevereiro de 1934. De acordo com Araújo (2020), com a chegada do padre Manoel Otaviano, os conflitos se aprofundaram.

¹⁹² Josué Alves de Oliveira (1912-1999) nasceu em vitória de Santo Antônio, Pernambuco. Ele cursou o seminário no Instituto Bíblico do Recife sendo ordenado a pastor e assumindo a Igreja Evangélica Congregacional de Caruaru, Pernambuco.

disponibilizou a retirá-lo da cidade durante a noite. A massa enfurecida foi ao sítio Cajazeirinhas, que ficava a cerca de 12 km de distância da sede do município, e destruíram completamente o templo congregacional que estava em fase de acabamento. Depois disso, a multidão seguiu para Brejo dos Cavalos, atual Brejo dos Santos, Paraíba, onde destruíram outra igreja.

Nos dias seguintes ao ataque em Catolé do Rocha e em Brejo dos Cavalos, os protestantes ficaram sendo ameaçados e xingados. Por mais de um ano, praticamente, não houve reuniões protestantes nas duas cidades, contudo em Brejo dos Cavalos os protestantes tentaram reconstruir o templo, mas novamente ele foi destruído no dia 31 de maio de 1939 logo após uma novena e várias pessoas agrediram José Alves da Silva, presbítero da mesma, deixando-o quase morto. Contudo, ele chegou a ficar com vida, mas veio a falecer alguns meses depois devido à gravidade dos ferimentos.

José Alves não foi o único protestante a morrer por motivo de intolerância, outro caso foi o de Severino Amaro que foi morto com tiros de rifle, no dia 15 de agosto de 1940, enquanto voltava para casa nas proximidades de Cuité. Os tiros também atingiram um umbuzeiro que ficou com as marcas das balas e, a partir de então, o local ficou conhecido como o Umbuzeiro do Crente. Os responsáveis tanto pela morte de José Alves quanto de Severino Amaro nunca foram presos e os processos se perderam na morosidade da justiça.

Essa situação só parou quando o interventor Ruy Carneiro¹⁹³, que tomou posse em 1940, indicou Manoel Emídio de Souza (1943), um adventista do sétimo dia, para ser prefeito da cidade. Conforme Araújo (2020), a escolha não foi pacífica, houve protestos e articulações de lideranças católicas para retirar a sua indicação ao cargo, todavia o nome foi mantido. Então as perseguições cessaram e os protestantes que haviam fugido da cidade voltaram.

Conforme Sylvestre (2014), outras cidades da Paraíba que também tiveram fortes perseguições e destruições de templos foram João Pessoa, Taperoá, Alagoa Nova, Cuité, Barra de Santa Rosa, e Patos. Essa última, também foi causada durante as Santas Missões de Frei Damião, em 1958, e resultou no ataque à Igreja Evangélica Congregacional, à Primeira Igreja Batista, à Congregação Presbiteriana e à Primeira Igreja Pentecostal. A Congregacional foi a menos afetada, por ser localizada bem no centro da cidade. Além das citadas por ele, também teve a depredação do templo e a agressão física que sofreram os membros e o pastor adventista em Queimadas.

¹⁹³ Rui Carneiro (1906-1977) era formado em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, Pernambuco, e em jornalismo. Ele chegou a dirigir o jornal Correio da Manhã e durante a era Vargas trabalhou com José Américo e foi indicado por Getúlio Vargas para ser o interventor da Paraíba.

O conflito religioso de Patos é considerado o último grande ato de perseguição ao protestantismo na Paraíba e por isso convém ser trabalhado aqui. A tensão entre os protestantes e católicos em Patos começou em setembro de 1957 com a criação da paróquia de Santo Antônio tendo como pároco o padre Manoel Dutra. A situação foi piorando até que em maio, mês mariano, o padre junto com um grupo de católicos apedrejou a casa da protestante Maria Madalena, na Rua da Baixa, e as igrejas evangélicas da cidade.

De acordo com Sylvestre (2014), o padre então passou a falar todos os dias no alto falante que não sobriam protestantes na cidade depois que Frei Damião passasse por ela. A discriminação também ocorria contra as crianças. Os filhos dos protestantes que estudavam no único colégio da cidade, Colégio Diocesano, sofriam sérias afrontas.

O auge do conflito começou no dia 27 de junho enquanto ocorriam ao mesmo tempo as Santas Missões e um culto da Igreja Batista. Como de costume, os batistas colocaram um alto falante para fora da igreja para que todos que estavam fora pudessem ouvir o sermão. Sentindo incomodados, alguns católicos, que participavam das Santas Missões com Frei Damião, pediram para que o alto falante fosse desligado, mas o pastor não quis. Então o padre Dutra com alguns católicos tentaram invadir o templo a força, mas foram impedidos pelo delegado que o segurou pelo braço.

No dia seguinte, 28 de junho, véspera do dia de São Pedro, foi colocado um alto falante na Igreja Católica Matriz onde foram feitos comentários antiprotestantes e se formou uma multidão que se dirigiu ao templo presbiteriano, que foi completamente queimado, e a Igreja Batista “gritando ‘viva Frei Damião!’, ‘viva a santa Igreja Católica’, ‘viva Maria mãe de Deus’ e ‘abaixo os protestantes’” (SYLVESTRE, 2014, p. 175).

As pessoas da multidão levaram consigo tições fumegantes, pedras e cassetetes. Os bancos e os equipamentos da Igreja Batista foram empilhados fora da igreja e queimados. Dois homens também tentaram jogar o filho menor de uma protestante na fogueira, mas foram impedidos. No dia seguinte ainda conseguiram realizar o culto na Igreja Congregacional, mas as demais igrejas protestantes não puderam devido ao estado que os templos se encontravam. A ordem da cidade só foi estabelecida semanas depois do ocorrido.

Na parede que restou em pé do templo presbiteriano, foram escritos: “vão embora, bodes”; ‘pegue a reta, bode’; fora bode pastô (sic); ‘onde está escondido o pastor desta igreja?’ [...]; ‘a maior fogueira foi na igreja presbiteriana’; [...] ‘salve Maria, faleceu sábado às oito horas da noite a Igreja Presbiteriana, morta pela Católica’” (SYLVESTRE, 2014, p. 178).

Os jornais *Correio da Paraíba*, *A União* e *O Norte Evangélico* divulgaram por semanas os acontecimentos e foram lugares de disputa entre padres e pastores onde cada um contou a

sua versão. Dias depois estiveram na cidade “o governador, o secretário do Interior e Justiça, Dr Abelardo Jurema, e o Chefe de Polícia. A eles se juntaram os deputados José Cavalcanti e José Gayoso e um dos principais líderes políticos da região, o Dr. Darcylío Wanderley” (SYLVESTRE, 2014, p. 178). Eles fizeram várias reuniões com os padres e os pastores da cidade até conseguirem entrar em um acordo.

Em alguns lugares, as perseguições também se faziam presentes na hora do enterro dos protestantes. A partir de 1889, os cemitérios já haviam secularizados, mas em alguns lugares eles ficaram sob a responsabilidades dos padres locais o que ocasionava problemas na hora dos protestantes enterrarem seus mortos. Sylvestre (2014) cita dois casos na Paraíba um em Areia e outro em Cuité.

No dia 3 de maio de 1926, a filha de três anos do protestante Júlio Leitão de Melo, chegou a falecer e ao tentar enterrá-la no cemitério público da cidade de Areia foi proibido pelo sacristão. Segundo o religioso, o padre ordenou que só poderiam ser enterradas as pessoas batizadas pela Igreja Católica. Júlio Leitão foi ao prefeito que, de início, falou que não poderia fazer nada, mas mandou enterrar a criança depois que o governador e o Diretor de Higiene foram telegrafados sobre o que estava acontecendo.

Em Cuité, o padre Luiz Santiago proibiu o sepultamento da protestante Francisca Emiliana em 1932. Maria Olidina, líder da congregação local, foi a Picuí, Paraíba, onde era a sede da comarca dos municípios da região onde conseguiu a promessa que o problema seria resolvido. Durante todo o período de discussão o cemitério ficou com as portas trancadas com cadeado, mas na manhã seguinte as portas foram abertas e a família pode fazer o enterro depois de mais de quarenta e oito horas do falecimento.

3. O ADVENTISMO NA PARAÍBA

A chegada e a expansão da Igreja Adventista na Paraíba não foi algo isolado. A sua instalação do estado foi o resultado do programa expansionista da igreja partindo do Sul rumo ao Norte do país. Os primeiros anos de desenvolvimento foram impactados por diversos fatores entre eles estão a seca, a implantação da romanização e restauração católica e a Primeira e a Segunda Guerra Mundial.

3.1. Do Sul rumo ao Norte: A chegada do adventismo à Paraíba e o início da obra da colportagem no estado

Antes de se iniciarem os trabalhos missionários da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) no Brasil, José Bates (1792-1872), um dos seus fundadores, esteve na costa brasileira. Entre 1824 e 1826, Bates realizou algumas viagens pelo Brasil como capitão do seu próprio navio para vender diversos artigos como farinha e carne seca (carne de charque). Ele havia acabado de retornar ao cristianismo, mas ainda não havia escolhido uma igreja para congregar e sentiu incomodado por demorar a encontrar protestantes¹⁹⁴ para conversar sobre os seus estudos da Bíblia.

De acordo com Crisler (1927)¹⁹⁵, Bates chegou a Pernambuco, Brasil, no dia 30 de outubro de 1824. O estado ainda estava sofrendo com os impactos da *Confederação do Equador*¹⁹⁶, contudo ele passou seis semanas no estado, vendeu toda a sua carga e depois partiu para Santa Catarina. Bates chegou a Santa Catarina no dia 1 de janeiro de 1825, ele carregou o barco com farinha¹⁹⁷ para voltar a Pernambuco, pois a venda nesse estado se mostrou promissora devido à falta alimento causada pelo movimento separatista.

¹⁹⁴ Por ser norte-americano, Bates possuía uma identidade protestante anti-católica. Ele não estava acostumado com católicos que possuíam crenças e práticas muito diversas das dele. Mesmo se sentindo incomodado por não encontrar um protestante ele se mostrou curioso sobre as práticas católicas como a malhação do Judas em Santa Catarina e até participou de um enterro em uma igreja de pedra na parte alta da capital paraibana.

¹⁹⁵ Crisler juntou as publicações que Bates fez na Review and Herald contando a própria história e publicou o livro *Life of Joseph Bates: an Autobiography* em 1927. Uma versão em português foi publicada em 2017 pela Editora dos Pioneiros Adventistas com o título *As aventuras do capitão Bates*.

¹⁹⁶ A Confederação do Equador foi um movimento separatista com caráter republicano. eclodiu em 2 de julho de 1824 e se espalhou por outras províncias do Nordeste do Brasil.

¹⁹⁷ A farinha era um dos principais alimentos da época, principalmente no nordeste brasileiro. É possível perceber a importância dela na Paraíba em uma notificação que Francisco de Assis Pereira Rocha, presidente da província, fez à câmara da Parahyba. Na notificação, ele fala do mau estado das estradas e das pontes, principalmente a do Rio Gramame, que poderia dificultar o abastecimento de farinha no mercado e para as tropas da cidade (ROCHA, 1828).

Porém ao chegar a Pernambuco, mesmo com uma boa demanda, ele foi impedido de comercializar nesse estado. Alguns dias depois ele recebeu um convite para comercializar a farinha na Paraíba. O estado estava passando por uma seca e também sofria com os impactos da Confederação do Equador. Ele vendeu toda a sua carga sendo grande parte para as tropas do governo. Devido à necessidade, o governador do estado lhe concedeu uma autorização para comercializar a farinha e uma carta de apresentação que deveria ser entregue ao governador do estado de Santa Catarina para apressar a comercialização.

Em Santa Catarina, mesmo com a carta de apresentação, ele encontrou dificuldades para abastecer o navio e isso fez com que ele ficasse parado por vários dias. No período em que esteve nesse estado, ele se sentiu privilegiado ao presenciar, pela primeira vez, a malhação do Judas. Nessa festividade, um boneco que representava Judas, era afogado, enforcado e espancado até ficar completamente destruído.

Quando Bates conseguiu carregar o navio com farinha, voltou à Paraíba. Ao chegar, percebeu que o estado ainda passava por um período de fome e então distribuiu um pouco da farinha no porto. A notícia se espalhou e muitas pessoas ficaram perto do navio e até as portas da prisão foram abertas para que os presos fossem pedir alimento. Nessa época, Bates encontrou os capitães J. & G. Broughton de Marblehead, Massachusetts, que haviam chegado à Paraíba. Sendo eles os primeiros protestantes que Bates encontrou desde que chegou ao Brasil.

Em agosto de 1825, após vender todo o carregamento, recebeu novamente uma carta de apresentação para levar para Santa Catarina para apressar o carregamento do seu barco para voltar à Paraíba. Em Santa Catarina novamente teve problemas para realizar o carregamento, então ele foi para Rio Grande, Espírito Santo, onde reabasteceu o barco e voltou à Paraíba.

Ao chegar, um dos seus marinheiros estava doente de varíola e foi deixado aos cuidados de Harden, cônsul britânico, esse marinheiro chegou a falecer após a partida de Bates. Na noite seguinte a sua chegada, ele foi convidado a participar, da procissão fúnebre do filho de dois anos do brasileiro que era chefe de escritório do cônsul sendo este um dos principais enlutados.

A procissão os levou para uma antiga igreja de pedra na parte alta da capital, possivelmente a Igreja de Santo Antônio no Centro Cultural São Francisco, onde havia uma das lajes de pedra levantada que seria o local onde o menino seria enterrado. Após a cerimônia, a procissão continuou e todos foram para suas casas. Depois de vender toda a sua mercadoria, Bates comprou couros e peles e voltou à Nova York.

Alguns anos mais tarde, Bates une-se ao Movimento Milerita e depois tornou-se um dos fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A estadia de Bates no Brasil, e especificamente na Paraíba, não causou nenhuma conversão ao protestantismo e muito menos ao adventismo,

contudo mostra a presença de um dos fundadores da IASD no Brasil que ocasionalmente passou pela Paraíba.

A chegada da IASD na Paraíba aconteceu como resultado indireto da expansão desta igreja para o norte do Brasil. O adventismo, como trabalhado no primeiro capítulo, conseguiu seus primeiros adeptos no país na década de 1880 em Santa Catarina, mas apenas na década de 1890 chegaram os primeiros missionários e pastores que realizaram o primeiro batismo em São Paulo. Inicialmente, a igreja cresceu nos estados onde havia uma maior concentração de imigrantes alemães, ou seja, no sul do país e aos poucos foi se expandindo para o norte.

Em 1902, foi organizada a *Conferência Brasileira*¹⁹⁸. Conforme o Rogers (1904), em 1904, ela possuía novecentos membros, quinze igrejas organizadas e Huldreich F. Graf (1855-1946) era seu presidente. Alguns anos depois, 1906, cria-se a *Conferência União Sul-americana*¹⁹⁹ e a Conferência Brasileira dividiu-se em *Conferência Rio Grande*²⁰⁰, *Conferência Santa Catarina e Paraná*²⁰¹, *Missão Norte Brasileira*²⁰² e *Missão São Paulo*²⁰³.

O objetivo era dividir os campos, onde já havia começado o trabalho missionário, em áreas menores. “Segundo o plano apresentado, deveria a Conferência da União ter a fiscalização direta dos trabalhos nos campos fracos, a fim de que a obra também neles seja fortalecida e se alargar mais e mais a novos territórios” (SPIES, 1906, p. 1). Desta forma, a área de atuação dos missionários era menor e a União gerenciava os trabalhos missionários nas missões Norte Brasileira e São Paulo.

Esse foi o primeiro passo para a independência, pelo menos parcial, da IASD no Brasil em relação à sua igreja mãe nos Estados Unidos e do planejamento dos trabalhos missionários

¹⁹⁸ A Conferência Brasileira era uma divisão administrativa da IASD que ficava responsável pelo crescimento da igreja no Brasil. Ela era subordinada diretamente a Missão União Sul-Americana que possuía sede na Argentina e tinha como superintendente o pastor Joseph W. Westphal (1861 – 1949).

¹⁹⁹ A Conferência União Sul-Americana tinha como objetivo gerenciar os trabalhos em toda a Americana do Sul. Com a sua criação, a Conferência Brasileira foi dividida em outras associações.

²⁰⁰ A Conferência Rio Grande possuía o estado do Rio Grande do Sul como território, quatrocentos e trinta e nove membros e seis igrejas. A sua sede era em Taquary e tinha como presidente Huldreich F. Graf (ROGERS, 1907).

²⁰¹ A Conferência Santa Catarina e Paraná possuía os estados de Santa Catarina e do Paraná como território, quinhentos e quarenta membros e nove igrejas. A sua sede era em Brusque e tinha como presidente Waldemar Ehlers (1879-1929) (ROGERS, 1907).

²⁰² A Missão Brasileira do Norte possuía todo o norte do Brasil acima de São Paulo como território, cento e noventa e cinco membros e cinco igrejas. A sua sede era no Rio de Janeiro e tinha como superintendente Frederico Weber Spies (1866-1935) (ROGERS, 1907).

²⁰³ A Missão São Paulo possuía o estado de São Paulo como território, vinte membros e uma igreja. A sua sede era em Rio Claro e tinha como superintendente Emilio Hoelzle (????-????) (ROGERS, 1907).

no norte do país. Contudo, a concentração dos esforços era mais aplicada no Sul, pois havia uma quantidade maior de imigrante alemães²⁰⁴ e onde a IASD já estava estabelecida.

Como mostra a figura 1, a Missão Norte Brasileira havia pouca presença adventista e por isso possuía uma maior extensão. Isso mudaria em pouco tempo com a criação da Conferência União Brasileira²⁰⁵ entre os dias 9 a 18 de dezembro de 1910, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, sendo sua efetivação em 1911. De acordo com Spies (1911a), a criação dessa conferência separou administrativamente a IASD brasileira do restante da América do Sul. Com essa mudança, os adventistas brasileiros puderam assumir a “liderança do trabalho em seu território” (GREENLEAF, 2011, p. 103).

²⁰⁴ Grandes partes dos missionários da IASD no Brasil falavam alemão e inglês. Eles trabalhavam principalmente nas colônias alemãs que na sua maioria eram protestantes e, desta forma, possuíam uma quantidade menor de barreiras identitárias a serem rompidas.

²⁰⁵ Conferência União Brasileira possuía sua sede em São Bernardo (atual Santo André), São Paulo, e tinha como presidente o pastor F. W. Spies. Ela possuía as Conferências do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e as Missões São Paulo, Rio-Espírito Santo, Leste Brasileira e Norte Brasileira. A Conferência Paraná surgiu da divisão da Conferência Santa Catarina-Paraná durante uma reunião que ocorreu em fevereiro de 1910 na Cidade de Blumenau, Santa Catarina. As missões Rio-Espírito Santo, Leste Brasileira foram desmembrada da Missão Norte Brasileira (ROGERS, 1911).

Figura 3 – Conferência União Sul-Americana.



Fonte: Rogers (1910).

quantidade de membros e por isso formaram uma única missão. A Missão Leste Brasileira era formada pelos estados mais próximos do Rio de Janeiro e do Espírito Santo e que já haviam iniciado trabalhos missionários (Bahia, Alagoas e Pernambuco) ou estavam próximos a ele (Sergipe).

Os outros estados que não tinham presença adventista foram colocados no território da Missão Norte Brasileira. Ela, por não haver membros, não tinha sequer um pastor ou uma sede em todo o seu território e os trabalhos missionários seriam completamente gerenciados pela Conferência União Brasileira. Isso causou um grande atraso para o desenvolvimento do adventismo nos estados dessa região, pois os poucos recursos e pessoal existentes deveriam ser direcionados primeiro para manutenção da União para depois serem empregados na Missão. Todavia, mesmo com as dificuldades o Adventismo chega à Paraíba ainda em 1911.

O primeiro Estado da Missão Norte Brasileira a ter presença adventista foi a Paraíba, em 1911, contudo não foi fruto direto dos esforços dos líderes dessa Missão. John Lipke, superintendente e único pastor da Missão Leste Brasileira, Missão vizinha, foi visitar um grupo de interessados ao adventismo em Pirpirituba em 1911 a pedido de Frederick W. Spies, presidente da Conferência União Brasileira. Ele narra o fato da seguinte forma:

De um modo interessante a verdade deu entrada no Estado de Parahyba. Um dos nossos irmãos, que na cidade de Recife, Pernambuco, não podia achar um emprego onde pudesse guardar o sábado, achou finalmente um emprego por um conhecido dele, um chefe da Estrada de Ferro no Estado de Parahyba. Durante 3 meses este irmão era o único que guarda o sábado no Estado de Parahyba. Depois dele, o patrão deste irmão começou também a guardar o sábado e agora há ali 15 pessoas que guardam o sábado no Estado de Parahyba. Três delas estão batizadas como adventistas do sétimo dia. Conforme o seu desejo eu os visitei em Pirpirituba, Parahyba. Eu fui o primeiro pregador protestante que veio a este lugar. Diversos desejaram ser batizados, porém achei melhor esperar um pouco mais. Quando se batiza pessoas muito depressa sem estarem bem preparadas e conhecer bem a Verdade, prejudica a causa (LIPKE, 1911b, p. 12).

A presença adventista no estado da Paraíba, não foi fruto de trabalho missionário nesse estado. Um membro da igreja que morava em Recife conseguiu emprego na estrada de ferro²¹⁰ com um conhecido em que não precisaria trabalhar no Sábado²¹¹. A primeira notícia sobre a

²¹⁰ A conversão na Paraíba pode ter sido facilitada devido à presença protestante na estrada de ferro. Como a estrada de ferro estava sendo construída pelos ingleses deveria haver uma forte presença protestante no local. Talvez esses primeiros conversos tenham sido protestantes que se converteram ao adventismo tendo em vista que havia uma menor quantidade de barreiras identitária a serem superadas.

²¹¹ Conforme visto anteriormente, o sábado é o dia que os adventistas do sétimo dia consideram sagrado.

presença da Igreja Adventista em Recife, Pernambuco, é de maio de 1910 no relatório da Escola Sabatina²¹² que constava vinte membros (PAGES, 1910).

Em junho do mesmo ano, John Lipke (1910a) escreveu à Revista Mensal informando que os membros da IASD em Recife estavam distribuindo literatura. Em setembro, Lipke (1910b) também escreveu que tinha recebido um material que seria distribuído entre os funcionários do Estado de Pernambuco e da prefeitura de Recife.

A Estrada de Ferro que é mencionada era o ramal de Bananeiras que tinha como ponta de linha a estação de Pirpirituba que ligava a Linha Norte (Nova Cruz, Rio Grande do Norte, a Timbaúba, Pernambuco) a essa cidade. A estação de Pirpirituba foi inaugurada em 1910, porém o ramal só chegou a Bananeiras em 1925, quinze anos depois (ESTAÇÕES..., 2020). Desta forma, o membro da IASD foi trabalhar na estrada de ferro no ano seguinte à inauguração da estação Pirpirituba onde é possível que tenha trabalhado até 1925.

O membro da IASD, que havia vindo de Recife, conseguiu converter quinze pessoas sendo que três delas foram batizadas formando o primeiro grupo de adventistas do estado da Paraíba. A notícia dos batismos na Paraíba foi considerada muito importante chegando a ser publicada no mesmo ano por Spies no principal jornal da IASD, a *Review and Herald*, nele estava escrito o seguinte:

Os poucos trabalhadores no Brasil sentem que eles estão enfrentando um problema imenso. Nos campos já inseridos há mais trabalho do que os trabalhadores podem fazer. Mas a mensagem está se estendendo além de novos campos. Em uma carta recente do John Lipke, superintendente da Missão Leste Brasileira, ele diz: “Agora existem três membros na Parahyba, e outros estão guardando o sábado lá, e desejam ser batizados. Isso significa que a verdade do sábado ganhou um ponto de apoio em um novo estado, e que a mensagem está avançando mais ao norte em direção à região amazônica. Mas a Parahyba é uma parte da Missão Norte Brasileira. Mas Lipke tem tanto a fazer quanto dois homens podem lidar, mas como não há ministro em toda a Missão Norte Brasileira, um campo composto de dez estados e mais da metade do território brasileiro, e como não pude ir à Parahyba, pedimos ao Lipke para visitar essas almas interessadas. É de se admirar que muitas vezes estejamos perplexos, sem saber para que lado virar? E é de se admirar que às vezes anos passem e almas comecem a obedecer a mensagem, esperem e orem e perguntam-me se um dia um ministro virá para ajudá-los? Meus queridos irmãos, minhas queridas irmãs, quando você ler este e outros apelos dos nossos muitos campos, orem, orem conosco para que

²¹² A escola sabatina originou-se por iniciativa de James [Tiago] White, que anunciou pela *Review* a revista mensal *Youth's Instructor*, editada a partir de 1952. Em Rochester e Bridge, Nova York, surgiram dois grupos de pessoas que se dispuseram a estudar as lições bíblicas da revista, as Escolas Sabatinas, mais tarde incorporadas ao ritual da igreja. Após a escola-modelo de Battle Creek ter surgido, um de seus dirigentes sugeriu a criação de uma associação que englobasse as Escolas Sabatinas em cada Estado, com objetivo de consultas mútuas; sugestão levada a efeito na Califórnia e em Michigan, após o que, o plano generalizou-se. Essas associações estaduais vieram a formar a Associação Internacional das Escolas Sabatinas, que chegaram a financiar, diretamente, o proselitismo no estrangeiro. A participação na Escola Sabatina não tem, como pré-requisito, o batismo na Igreja e a classificação de membro da Escola Sabatina indica esta característica (OLIVEIRA FILHO, 2004, p. 165).

o Senhor da colheita possa em breve enviar mais ceifeiros (SPIES, 1911b, p. 24, tradução nossa).²¹³

A presença adventista na Paraíba foi importante por mostrar que o adventismo estava se expandindo cada vez mais rumo ao Norte do país. Além disso, esse texto revela uma das principais dificuldades do adventismo da época que era a falta de mão de obra missionária. Em toda a Missão Norte Brasileira, que tinha como território grande parte do país, não havia sequer um ministro o que causava atraso na expansão da IASD. A publicação não só servia para informar o avanço do adventismo, mas também era uma espécie de convocação para que, desta forma, estrangeiros se interessassem a vir ao país como missionários.

Mesmo havendo presença adventista Paraíba em 1911 com um pequeno grupo que continha três batizados, possivelmente não houve sequer a formação de uma Escola Sabatina. O Relatório de Ofertas da Escola Sabatina de 1911, que foi publicado em janeiro do ano seguinte (1912), exclui completamente a Missão Norte Brasileira o que pode indicar a ausência da mesma nesta missão.

²¹³ The few workers in Brazil feel that they are facing an immense problem. In the already-entered fields there is more work than the workers can do. But the message is stretching out beyond into new fields. In a recent letter from Elder John Lipke, superintendent of the East Brazil Mission, he says: " There are now three members in Parahyba, and others are keeping the Sabbath there, and desire to be baptized." This means that the Sabbath truth has gained a foothold in a new state, and that the message is pushing its way on farther north toward the Amazon region. But Parahyba is a part of the North Brazil- Mission. Elder Lipke has fully as much to do as two men can handle, but as there is no minister in all the North Brazil Mission, a field composed of ten states and over half of Brazil's territory, and as I could not go to Parahyba, we asked Elder Lipke to visit these interested souls. Is it any wonder that we are often perplexed, not knowing which way to turn? And is it any wonder that at times years pass and souls who have made a start in obeying the message wait and pray and wonder if the day will dawn when a minister will come to help them? My dear brother, my dear sister, as you read this and similar appeals from our many fields, pray, pray with us that the Lord of the harvest may soon Send forth more reapers.

Figura 5 – Ramal Bananeiras.

Fonte: Estações Rodoviárias do Brasil (2020).

A não organização de uma igreja ainda em 1911 na Paraíba foi causada pela falta de obreiros, ou seja, pessoas capacitadas para ensinar os princípios da IASD. Para a época, uma igreja só poderia ser organizada meses ou anos depois de ter surgido um grupo nessa determinada região.

Para fazer essa passagem grupo/igreja era necessário que fosse criada uma Escola Sabatina, onde os membros pudessem ser doutrinados, ter pessoas capacitadas para dirigirem o culto e serem escolhidas pessoas capacitadas para diretor e tesoureiro e, por último, demonstrar que poderiam caminhar sozinhas (WESTPHAL, 1912). Como não havia sequer um ministro em toda Missão Norte Brasileira o grupo de Pirpirituba nunca chegou a ser uma igreja organizada.

Como uma forma de aumentar os resultados no norte do país, John Lipke organizou, em 1 de setembro de 1912, um curso para colportores e obreiros bíblicos que continha doze pessoas. Para ficar à frente da colportagem foram escolhidos Zacarias Martins Rodrigues²¹⁴ e Celso

²¹⁴ Zacarias Martins Rodrigues (1890-1972) era Evangelista. Nasceu no dia 5 de novembro de 1890, na cidade de Santo Antônio de Jesus, BA, na fazenda dos pais, Maria da Conceição e Constantino Bento Rodrigues. Ali passou a infância e iniciou os estudos. Quando tinha idade suficiente, foi enviado para a cidade de Salvador, BA, onde fez o curso secundário e se converteu ao adventismo, contrariando a vontade da família, tradicionalmente católica. Para mais informações ver APÊNDICE U.

Camello da Costa²¹⁵, o primeiro para trabalhar na Bahia e o segundo em Pernambuco (LIPKE, 1912). Desta forma, inicia-se efetivamente o trabalho missionário através da colportagem no Norte do país, atual região Nordeste do Brasil.

Outro problema enfrentado pelos obreiros tanto na Missão Norte quanto na Leste eram as secas. Na maioria das vezes, os obreiros procuravam trabalhar no interior dos estados devido à comum ausência do clero católico nessas regiões. Porém os interiores dessas duas missões passavam por longos períodos de seca que além de dificultar os trabalhos causavam a emigração da população (WILFART, 1915). Logo, ao converter alguém no interior do estado era possível que esse recém converso terminasse mudando-se para outro lugar e apostatando devido à falta de influência adventista.

Em 1915, a Missão Norte não possuía nenhuma igreja organizada, tinha vinte e quatro membros concentrados em um único grupo e quatorze membros isolados, únicos adventistas na região onde moravam (HENNIG, 1916). Desde o ano de 1914, ela tinha Waldemar Ehlers como ministro (pastor), além dele, também foram escolhidos M. Carter, Max Rhode e C. C. Specht como missionários licenciados sendo que este último também exercia a função de professor de uma escola (ROGERS, 1915).

Os trabalhos deles, aliados com o de alguns colportores (PAEZ, 1916), foram focados em Minas Gerais sendo isso percebido no Relatório da Escola Sabatina do 3º trimestre de 1915 publicado em janeiro de 1916 onde mostra a presença adventista em três lugares: Juiz de Fora, Belo Horizonte e Barbacena. Ademais, em 1916, Minas Gerais é separada da Missão Norte Brasileira e passa a ser uma missão específica (ROGERS, 1918).

A Missão Minas Gerais não tinha superintendente ficando sobre a responsabilidade da Conferência União Brasileira, mas possuía dois pastores: C. E. Rentfro²¹⁶, J. E. Brown. Porém, a Missão Norte Brasileira novamente ficou sem pastores e praticamente sem trabalhos missionários.

Também em 1916, Pernambuco foi desmembrado da Missão Leste Brasileira (ROGERS, 1917) tornando-se uma outra Missão (Missão Pernambuco) com sede em Caruarú

²¹⁵ Celso Camelo Costa (1882-1914) foi colportor pioneiro no Nordeste. Nasceu no dia 28 de maio de 1882, em Alagoas. Converteu-se por volta de 1910 em seu estado natal. Para mais informações ver APÊNDICE U.

²¹⁶ Clarence Emerson Rentfro (1877-1951). Missionário e administrador. Nasceu em lar adventista e foi educado no Colégio de Battle Creek onde permaneceu de 1897 a 1898. Depois de dois anos estudou no Union College e em 1902 no Emmanuel Missionary College, sem receber, no entanto, uma graduação. Em 1898, começou a vender publicações adventistas, e suas experiências no trabalho da colportagem levaram-no a tornar-se um missionário em países católicos. Para mais informações ver APÊNDICE U.

e tendo como superintendente R. J. Wilfart²¹⁷. Sendo assim, a Missão Leste Brasileira ficou com os estados da Bahia, Sergipe e Alagoas, porém sem superintendente sendo gerenciada pela Conferência União Brasileira.

Em 1918, finalmente é criada mais uma União e o trabalho missionário contava, a partir de então, com duas Uniões: a Missão União Norte Brasileira (recém criada) e a Conferência União Brasileira. Contudo, a implantação completa da nova União só ocorre em 1919²¹⁸ (ROGERS, 1920).

A ideia de criar a Missão União Norte Brasileira surgiu em 1916 e, desde então, os líderes da igreja no Brasil passaram a se organizar para cumprir os requisitos necessários para sua implantação (SPIES, 1916a). Durante uma reunião da Conferência Divisional Sul-Americana que ocorreu em fevereiro de 1916 na cidade de La Plata, Argentina, ficou decidido que para um melhor trabalho no Norte do país era necessário criar a Missão União Norte Brasileira. Essa nova União ficaria com os estados do Norte²¹⁹ e a outra continuaria com os trabalhos no Sul.

Em maio do mesmo ano, houve outra reunião com o executivo da Conferência Divisional Sul-Americana e John Lipke, que estava atuando no seminário, foi escolhido para assumir a presidência da nova União. Contudo, a falta de verba não possibilitou a criação da Missão União Norte Brasileira (SPIES, 1916b). Parte da culpa da falta de verba vinha da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), pois “mal começaram as hostilidades na Europa e os bancos sul-americanos passaram a se recusar a fazer a liberação de depósitos” (GREENLEAF, 2011, p. 104).

A condição financeira da IASD ia de acordo com as condições econômicas dos Estados Unidos e da América do Sul que estavam em situação precária devido à guerra. Montgomery, Presidente da Divisão Sul-Americana (1916 -1922), chegou a enviar um orçamento a

²¹⁷ Ricardo José Wilfart (1878-1944). Pastor e evangelista pioneiro. Nasceu no dia 26 de junho de 1878 em Roubaix, França. Em 1901, aos 23 anos de idade, teve seu primeiro contato com a Igreja Presbiteriana, aderindo-se a ela por influência de um amigo em 1903. Ele chegou ao cargo de presbítero. Sua esposa, lendo a Bíblia, encontrou a guarda do Sábado e o batismo por imersão, vindo assim o casal a conhecer a IASD em junho de 1908, através de um membro da família Queiroz. Para mais informações ver APÊNDICE U.

²¹⁸ Com a organização completa, a Missão União Norte Brasileira passa a ter como território metade do estado de Minas Gerais, o distrito Federal, o Rio de Janeiro, o Espírito Santo, a Bahia, o Sergipe, o Alagoas, o Pernambuco, a Paraíba, o Rio Grande do Norte, o Piauí, o Ceará, o Maranhão, o Pará e o Amazonas. A sua sede ficava no Rio de Janeiro e Henry Meyer era seu superintendente. Ela possuía as seguintes missões: Missão Bahia, Missão Leste Brasileira, Missão Espírito Santo, Missão Rio de Janeiro e Missão Pernambuco (ROGERS, 1920). A Paraíba fazia parte desta última.

²¹⁹ Os estados que ficaram com a Missão União Norte Brasileira foram: Pernambuco, Bahia, Alagoas, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Ceará, Maranhão, Pará, Amazonas e Goiás. Os estados que ficaram com Conferência União Brasileira foram Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, e Mato Grosso (ROGERS, 1919).

Associação Geral que constava o pedido de vários obreiros para o Peru e para a futura Missão União Norte Brasileira. Contudo, o Concílio Outonal de 1916 cortou cem mil dólares dos pedidos dos campos espalhados pelo mundo e, desta forma, a América do Sul teve que arquivar os chamados para novos obreiros e reduzir sete mil dólares do orçamento do Peru e da futura Missão União.

Para contornar essa situação, durante o ano de 1917 foi feita uma campanha para arrecadação do dinheiro com a promessa de colocar o nome das pessoas ou das igrejas na Revista Mensal que contribuíssem. No mesmo ano da criação, Spies (1918) escreve à *Review and Herald*, um dos principais jornais da denominação, que vários fatores estavam prejudicando os trabalhos nessa União entre eles estava a falta de trabalhadores eficientes. A Conferência União Brasileira estava disponibilizando alguns dos seus trabalhadores para o campo do norte, mas ela estava empenhada nos estados do Sul do país que estava com o crescimento acelerado.

John Lipke, que tinha sido escolhido como superintendente da Missão União Norte Brasileira, não pode se mudar para sede em Caruaru, Pernambuco, porque não encontraram ninguém que pudesse substituí-lo na direção do seminário em Santo Amaro sendo ele reeleito para esse último cargo em 1918. Sem a presença de Lipke, a União ficou com R. J. Wilfart como o único ministro e dois colportores para realizar o trabalho missionário.

Ainda em 1916, F. W. Spies, presidente da Conferência União Brasileira, decidiu liberar John Lipke apenas quando a Associação Geral enviasse um missionário para substituí-lo no seminário. Apenas quando a sede mundial da igreja enviou o norte-americano T.W. Stenn para assumir o lugar de Lipke foi que a nova União passou a ter um líder.

Dentre os dias 22 de dezembro de 1918 a 1 de janeiro de 1919, foi realizada uma reunião da comissão administrativa da Conferência União Brasileira e que possuía representantes de todas as Missões e Conferências. Ela tinha o objetivo de reorganizar a Missão União Norte Brasileira ou pelo menos completar a organização. Algumas das medidas tomadas foram a inclusão no seu território do Distrito Federal, Rio de Janeiro, Espírito Santo e uma parte de Minas Gerais.

Além disso, devido a problemas de saúde, Lipke foi substituído da superintendência por Henry Meyer²²⁰ e os obreiros foram distribuídos no novo campo para se ter um número regular deles (SPIES, 1919). Mudanças continuaram acontecendo como a transferência da sede da

²²⁰ Henry J. Meyer (1877-1972). Pastor evangelista e administrador. Nasceu no dia 16 de setembro de 1877, nos Estados Unidos. Destacou-se como dedicado missionário. Tão logo ouviu da necessidade de obreiros no Brasil, comoveu-se tanto que decidiu aceitar o chamado. Em 20 de novembro de 1911 deixou seu país, juntamente com sua família, em um navio, rumo ao Brasil. Desembarcaram no Rio de Janeiro dia 8 de dezembro desse mesmo ano. Para mais informações ver APÊNDICE U.

Missão Pernambuco de Caruaru para Recife, Pernambuco, no dia 25 de abril para facilitar os trabalhos (WILFART, 1919) e do nome da União em maio de 1921 para União Leste Brasileira (MEYER, 1921).

Mesmo com essas mudanças, eram necessários mais trabalhadores e por isso foi realizado dentre os dias 31 de agosto a 8 de setembro de 1919 em Pernambuco um curso de colportores para capacitar mão de obra missionária para a nova União. Dessa turma foram enviados cinco para Paraíba, sendo eles liderados por Luiz C. Rodrigues²²¹, dois para Maceió e onze para Pernambuco (RABELLO, 1919a).

Possivelmente, os cinco colportores foram: Luiz C. Rodrigues, O. Menezes Lima, Antônio Rodrigues de Araújo, L. M. de Araújo, André C. Menezes que foram para cidades diferentes do interior da Paraíba em setembro de 1919 (RABELLO, 1919e) ou Luiz C. Rodrigues, L. M. Araújo, David. C. Rodrigues, André C. Menezes e O. Menezes, como constam no relatório de colportagem de outubro de 1919 (RABELLO, 1919a).

Os cinco últimos estavam trabalhando na cidade de Araruna. Luiz C. Rodrigues, L. M. Araújo, David. C. Rodrigues já trabalhavam na Paraíba desde fevereiro do mesmo ano tendo iniciado seus trabalhos em Campina Grande (RABELLO, 1919b), Areia (RABELLO, 1919d) e em agosto na capital sendo eles os primeiros colportores, que se tem registrado, a trabalhar no estado (RABELLO, 1919c).

É importante ressaltar o número de colportores enviados para cada local. Para Pernambuco e Paraíba foram enviados uma maior quantidade de colportores por serem prioridades no trabalho missionário. Como o primeiro era sede da União e já havia grupos de adventistas, recebeu mais colportores. Dentre 1911 e 1919, não houve menção alguma do trabalho missionário ou das pessoas que foram batizadas na Paraíba sendo essa uma das poucas, ou a única, investida missionária no estado desde o primeiro batismo.

Outra coisa curiosa é que alguns relatórios de colportagem citam o nome *Parahyba*. Provavelmente, o nome não se refere ao estado em si, mas a capital que se chamava *Parahyba do Norte*. Isso é corroborado com outros relatórios que citam Parahyba como uma cidade (RABELLO, 1920a) e pelo fato de que Mello escreve que estava trabalhando na capital enquanto o relatório da mesma revista diz que ela estava trabalhando na Parahyba (MELLO, 1920). É possível que os líderes da igreja estivessem tentando implantar um grupo na capital.

²²¹ Luiz Caleb Rodrigues (1870-1960) foi Colportor-evangelista, pioneiro no Nordeste. Nasceu no dia 26 de julho de 1870, em Olinda, PE. Não possuía muita cultura. Sem lar, pobre, surdo e idoso; trabalhou no sertão de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021a).

Como falado anteriormente, o relatório de outubro de 1919 mostra que os colportores estavam na cidade de Araruna. Essa cidade fica a cerca de 55,8 km de Pirpirituba. A partir de dezembro de 1919, alguns colportores começaram a trabalhar em Pirpirituba (RABELLO, 1920b). É provável que tanto a colportagem em Araruna quanto em Pirpirituba tinham o objetivo de regatar os primeiros conversos do estado e tentar formar um Grupo Adventista.

No relatório de dízimos e ofertas arrecadados no campo da Missão Pernambucana, no qual a Paraíba fazia parte, durante o ano 1920 não consta nenhuma cidade do estado (LAGENSTRASSEN, 1921). Isso dá fortes indícios de que mesmo com a presença dos colportores durante os anos de 1919 e 1920 não houve formação de grupos adventistas na Paraíba nesse período. A formação de grupos adventistas e até mesmo de Escola Sabatina só ocorreria a partir de 1921, contudo muitos deles foram desaparecendo com o passar dos anos.

3.2. Os primeiros Grupos Adventistas

No dia 6 de janeiro de 1921, o Jacob G. Kroeker²²², ministro (Pastor) da Missão Pernambucana²²³, iniciou uma viagem por algumas cidades do interior de Pernambuco e da Paraíba. Na Paraíba, a sua primeira parada foi em Riacho Fundo²²⁴, Cabaceiras (KROEKER, 1921). Ele estava acompanhado por João Muniz e Galdino Ribeiro, membros da IASD, e descaçaram da casa do membro Felix da Costa²²⁵ por um dia e foram para São José das Pombas, atual Parari²²⁶.

Lá ficaram um dia com José Itonório e depois seguiram para São José dos Cordeiros, aproximadamente trinta e quatro quilômetros, onde em uma lagoa realizaram o batismo de quatro pessoas e, possivelmente, esse foi o primeiro batismo protestante da cidade. Depois

²²² Jacob G. Kroeker. Missionário e colportor pioneiro. Chegou ao Brasil em oito de julho de 1908, vindo dos Estados Unidos, época em que F. W. Spies era presidente do campo brasileiro. Para mais informações ver APÊNDICE U.

²²³ A mudança ocorrida em 1921 também mudou o nome da Missão Pernambuco para Missão Pernambucana.

²²⁴ Riacho fundo é uma pequena localidade que fica, atualmente, há 22 Km de distância do centro de Cabaceiras.

²²⁵ Felix da Costa Câmara (1881-1940) é o primeiro membro da Igreja Adventista em Cabaceira que se tem notícia. Ele morava na localidade chamada de Riacho Fundo onde faleceu aos 69 anos de idade (FIM DA JORNADA, 1940).

²²⁶ Fica a aproximadamente 80 km de Riacho fundo. Nessa época, São José das Pombas fazia parte do município de São José do Cariri, mas pelo decreto lei estadual nº 1164, de 15-11-1938, passou a denominar-se Parari. Ele é elevado a município pela lei estadual nº 5887, de 21-04-1994, desmembrando-o de São José dos Cordeiros (PREFEITURA... 2021).

fizeram a cerimônia de lava pés e a santa ceia²²⁷. Então voltaram a São José das Pombas e lá batizaram duas pessoas e realizaram outra santa ceia.

Em seguida foram à casa de Felix da Costa, em Cabaceiras, onde descansaram no sábado, dia sagrado para os adventistas, e organizaram uma Escola Sabatina com sete membros. No dia 15 de fevereiro, Koeker e Felix foram à Poço Fundo²²⁸ visitar uma mulher que era adventista e alguns interessados que ainda não haviam se decidido ao batismo e, depois disso, Kroeker voltou à Pernambuco. Esses lugares também foram visitados por Clarence Emerson Rentfro em 1922 (RENTFRO, 1922).

A Missão Pernambucana era muito grande e havia poucos missionários, então mais um curso de colportagem foi realizado entre os dias 16 a 23 de agosto de 1921 (WILHELM, 1921). O curso foi assistido por oito colportores e um deles começou a trabalhar no Paraíba a partir de setembro do mesmo ano. João Inácio Damasceno trabalhou em diversas cidades do estado dentre elas estão Itabaiana (RABELLO, 1921), Campina Grande (RABELLO, 1922a) e a capital Parahyba do Norte (RABELLO, 1922b) (ver o quadro a seguir).

Quadro 5 – Colportores que trabalharam na Paraíba (1919-1922)	
Nomes	Locais
Luiz Caleb Rodrigues	Campina Grande (fevereiro a maio de 1919), Areia (julho de 1919) Parahyba (agosto de 1919), Bananeiras (setembro de 1919), Araruna (outubro de 1919), Santa Cruz (novembro de 1919), Pirpirituba (dezembro de 1919 a janeiro de 1920), Penha (fevereiro a maio de 1920), Mamanguape (julho e agosto de 1920).
David C. Rodrigues	Campina Grande (fevereiro a maio de 1919), Areia (julho de 1919) Parahyba (agosto de 1919), Araruna (outubro de 1919), Santa Cruz (novembro de 1919), Pirpirituba (dezembro de 1919 a janeiro de 1920), Penha (fevereiro a maio de 1920), Mamanguape (julho e agosto 1920).
L. M. Araújo	Campina Grande (fevereiro a maio de 1919), Areia (julho 1919) Parahyba (agosto 1919), Bananeiras (setembro de 1919), Araruna (outubro 1919), Santa Cruz (novembro 1919), Pirpirituba (dezembro de 1919 a janeiro de 1920).
André. C. Menezes	Bananeira (setembro de 2011), Araruna (outubro de 1919), Santa Cruz (novembro de 1919), Pirpirituba (dezembro de 1919 a Janeiro de 1920), Penha (fevereiro de 1920)

²²⁷ Tanto o batismo quanto o lava pés e a santa ceia são normalmente realizados pelas igrejas cristãs. De acordo com Eliade (1992), o primeiro é um ritual de iniciação onde o neófito passa pela morte e ressurreição da velha vida e revive para uma nova e a partir de então ele tem o direito de conhecer todos os mistérios e ter um conhecimento mais profundo da sua crença. Os outros dois servem para imitar os últimos passos de Jesus como forma de lembra-se dele.

²²⁸ Não foram encontrados nada sobre essa localidade. É possível que seja um sítio ou um distrito como também pode ter acontecido dele ter se confundido e trocado o nome de Riacho Fundo por Poço Fundo.

O. Menezes Lima	Arara (setembro de 1919) Araruna (outubro de 1919), Santa Cruz (novembro de 1919), Pirpirituba (dezembro de 1919, Janeiro de 1920) Penha (fevereiro de 1920).
Antônio Rodrigues de Araújo	Arara (setembro de 1919)
Amélia de Mello	Parahyba (novembro de 1919 a fevereiro de 1920)
Maria Mathilde	Parahyba (novembro de 1919 a julho de 1920)
João Inácio Damasceno	Itabaiana (setembro de 1921 a janeiro de 1922), Campina Grande (fevereiro de 1922), Parahyba (maio a junho de 1922).
Fonte: Elaborado pelo autor com base nos Relatórios de Colportagem da <i>Revista Mensal</i> entre os anos de 1919 a 1922.	

Em 1924, E. M. Davis, superintendente da Missão Pernambucana (1923 – 1925), escreveu que nesse mesmo ano haviam organizado a primeira Escola Sabatina do estado da Paraíba (DAVIS, 1924). Ele não cita o local, mas diz que possuía trinta e cinco membros e o local não possui nenhuma outra igreja protestante. O interesse surgiu cerca de quatro ou cinco anos antes, ou seja, entre 1919 e 1920, quando um colportor deixou na casa de alguém algumas Bíblias e livros religiosos.

1919 e 1920 foi o período em que a primeira turma do curso de colportores que foi realizado em Pernambuco veio trabalhar na Paraíba liderada por Luiz Caleb Rodrigues. Mesmo não dizendo o nome do local é possível que essa Escola Sabatina tenha sido organizada em Bananeiras ou em Solânea.

De acordo com Davis (1926), em Bananeiras existia uma Escola Sabatina que chegou a ter trinta e cinco membros e que foi iniciada por um colportor. O colportor precisou trabalhar em outra cidade e como não foi possível enviar um obreiro, os alunos ficaram como *cordeiros sem pastor* e um lobo se aproveitou da situação e os devorou deixando apenas cinco ou seis.

Também é possível que seja em um território que hoje pertence a Solânea. Conforme Mansell (1927), superintendente da Missão Pernambucana (1927 – 1929), em 1927 estava sendo realizada uma série de conferência em Moreno²²⁹, atual Solânea, onde não havia nenhum protestante. Assim que os trabalhos foram iniciados “os padres começaram a ter missa três

²²⁹ Moreno era um lugarejo que pertencia a Bananeiras. A partir de 1926 ela passa a ser sede de um distrito chegando a se desenvolver e a ter várias associações culturais e um periódico próprio intitulado *Correio Moreno*. Pelo Decreto-lei Estadual n.º 520, de 31-12-1943, o distrito de Moreno passou a se chamar Solânea sendo elevada à categoria de município pela Lei Estadual n.º 967, de 26-11-1953 (IBGE, 2021a).

vezes ao dia, quando antes só a celebravam duas vezes por mês” (MANSELL, 1927, p. 9). Nessa época Moreno era um lugarejo que era sede de um distrito que fazia parte de Bananeiras.

As conferências duraram cinco semanas, mas não geraram nenhum batismo. Contudo, foi criada uma sala batismal para preparar os interessados até o final do ano de 1927²³⁰. Além disso, os membros da Escola Sabatina aumentaram para quarenta e estavam se planejando para construir uma casa de culto (MANSELL, 1928a).

Diante do exposto, tem-se três hipóteses em relação ao local onde Davis tinha dito que havia surgido a primeira Escola Sabatina. Primeira: ela não era nem em Bananeiras e nem em Solânea sendo as semelhanças meras coincidências. Segunda: ela era em Bananeiras, as conferências foram realizadas em Solânea porque era o local onde morava a maioria dos interessados. Terceira: ela era em Solânea, mas foi dito que era em Bananeiras porque na época o distrito pertencia a essa cidade e as conferências tinham o objetivo de fortalecer a Escola Sabatina e formar um grupo. Possivelmente a terceira é a mais lógica.

Contudo, independentemente de onde seja o lugar, Davis comete um erro ao dizer que ela era a primeira Escola Sabatina. A primeira foi organizada em 1921 por Jacob Koeker em Cabaceiras. Possivelmente, ele disse isso porque a Escola Sabatina organizada por Koeker já não existia quando ele assumiu o cargo em 1923 (ROGERS, 1924). E um fato curioso é que mesmo com uma Escola Sabatina no estado, ao final do seu artigo, Davis informa que, em 1926, a Missão Pernambucana não possuía nenhum tipo de trabalhador na Paraíba, ou seja, o trabalho missionário no estado estava completamente parado.

A falta de obreiros foi um problema que continuou nos anos seguintes. Sem os trabalhadores necessários não era possível atender aos pedidos dos interessados ao adventismo que surgiram no estado (SPIES, 1925). Mesmo com essa dificuldade, em 1925 ocorre uma das principais conversões do estado que foi a de Antônio Bezerra, porém isso será trabalhado posteriormente junto com a história da Igreja Adventista de Baixa Verde.

A partir de então as citações sobre os trabalhos evangelísticos na Paraíba praticamente desaparecem. Os trabalhos dos colportores continuaram porque várias revistas entre 1929 e 1937 mostram que houve, mesmo que pouca, a venda da revista *O Atalaia*, revista de cunho missionário vendida pelos colportores.

²³⁰ O batismo deve ter acontecido tendo em vista que no início de 1928, Henrique José Correia escreveu: “No dia 13 de fevereiro faleceu em Moreno, Estado da Parahyba, a pequena Esther, filhinha dos irmãos José Antônio Costa e Joana Costa, com a idade de 17 meses. O signatário, baseando-se nas palavras do apóstolo Paulo em I Tes 4 : 13—18 e I Cor . 15: 12—16, 51—55, dirigiu os pensamentos dos presentes para a vida além tumulo. Os pais consolam-se com a esperança da ressurreição” (CORREIA, 1928, p. 16).

Essa falta de trabalho missionário no estado pode ser explicada pelo fato de que nesse tempo a principal força de trabalho da Missão Pernambucana era dos colportores. Como explicado anteriormente, os colportores vendiam materiais impressos tanto para sobreviver quanto como trabalho missionário. O principal motivo do uso dos colportores era o fato deles não causarem despesas para a missão reduzindo assim o custo de mão de obra em período que a IASD ainda sofria com os impactos dos pós Primeira Guerra Mundial, de acordo com Greenleaf (2011).

Não deveria ser tarefa fácil vender material suficiente para sobreviver em um estado que sofria com longos períodos de estiagem e tendo lugares que não chovia desde 1924 (ATUALIDADES, 1929). Sobre a seca no estado Storch²³¹ escreveu:

O interior dos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e o Ceará está tão seco que corre perigo de queimar. O governo está alimentando cerca de 100.000 que estão sofrendo da fome. Nosso próprio povo em breve precisará receber ajuda. A condição é muito triste. Eu não gosto de viajar no interior, pois meu coração fica doído quando vejo toda essa miséria²³² (STORCH, 1932a, p.8).

O trabalho dos colportores era quase impossível de ser realizado durante um período de seca e de fome tão terrível como descrito por Storch. Além da questão da seca, a crise financeira de 1929 e os acontecimentos de 1930 devem ter feito os colportores irem para outros estados em que eles tivessem uma maior segurança tanto física quanto financeira.

Sobre a crise financeira I. H. Evans escreveu

A falta de fundos no tesouro das Missões, constitui uma crise na obra de Deus. Não podemos avançar e iniciar novo trabalho, a menos que, de qualquer maneira, venha para o tesouro uma renda maior [...] uma vez que o dinheiro oferecido é usado anualmente, é evidente que, para se fazer mais trabalho, é mister que haja um movimento de largueza, que se opere alguma mudança. Certo, precisamos de ter a presença do Espírito Santo, para iluminar nossos olhos, e tornar claro nosso dever para este tempo. [...] Se devemos avançar, a vós se dirige individualmente a ordem de dar um novo passo em ofertar para que se enviem obreiros à seara. Se não avançardes a este tempo, quando existe tão imperiosa necessidade, que perda pessoal, que amargo desgosto não será o vosso! [...] Porventura o peso de um mundo prestes a perecer, não vos leva à determinação de consagrar ao serviço vossas forças, e vossos meios, para um avanço com fé crescente? [...] A realização desta obra gigantesca exigirá a nós, e a todos os nossos meios (EVANS, 1929, p. 7, 8).

²³¹ Gustavo S. Storch (1896-1993). Pastor, administrador e evangelista pioneiro. Nasceu em 14 de fevereiro de 1896, próximo de Santa Maria do Jetibá, ES. Filho de Emília Storch e Gustavo Storch. Foi batizado em 1912, pelos Pastores Spies e Meyer. Para mais informações ver APÊNDICE U.

²³² The interior of the states of Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte and Ceara is so dry that it is in danger of burning up. The government is feeding about 100,000 who are suffering from famine. Our own people will soon need to receive help. The condition is very sad. I dislike to travel in the interior, for my heart is pained when I see all this misery.

Para Evans, a falta de recursos nas Missões estava causando uma crise no trabalho missionário. Diante dessa crise financeira era dever de cada membro, que pudesse, ofertar quantias maiores para que assim fossem enviados mais obreiros para o serviço missionário. Ele coloca todo o peso da realização dos trabalhos missionários nos membros para que eles pudessem ofertar mais durante a crise.

De acordo com Greenleaf (2011), a crise financeira impactou o adventismo da América do Sul de forma tão violenta que é possível que o adventismo da região nunca tenha passado por nada tão propício ao desespero. A crise só começou a ser sentida pela IASD em 1931, pois o orçamento para 1930 já tinha sido liberado antes do início da crise. O ano em que a igreja sentiu o maior impacto foi em 1932 onde o declínio do orçamento ultrapassou seiscentos e vinte e cinco mil dólares. Na América do Sul, os cortes causaram uma redução de mais de cem mil dólares em comparação ao orçamento de 1939.

Em 1930, G. S Storch, diretor²³³ da Missão Pernambucana (1930 – 1935), escreveu que dentre todos os estados que compunha a Missão²³⁴ a capital paraibana era a única que não possuía um grupo ou uma igreja (STORCH, 1930, p.10). Essa situação ia perdurar por alguns anos, mas isso será trabalhado melhor posteriormente na parte reservada à Igreja Adventista de João Pessoa.

Devido a vários fatores, inclusive financeiros, em 1932 a Missão Baiana e a Missão Pernambucana foram fundidas para dar origem à Missão Nordeste (WESCOTT, 1932). Essa nova Missão teria como território os seguintes estados: Bahia, Sergipe, Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte. No ano da fusão, ela tinha seis igrejas e setecentos e noventa e dois membros. A sua sede continuou em Pernambuco, Gustavo Storch continuou como superintendente e havia apenas dois ministros ordenados, um licenciado²³⁵ e cinco missionários (ROGERS, 1933).

Era um território muito grande para poucos trabalhadores. Para auxiliá-los, existiam vinte e cinco colportores (STORCH, 1932b). Para um melhor gerenciamento dos trabalhos, os Colportores foram divididos em dois campos que, em 1936, eram: “o campo baiano, que

²³³ Em 1930 ocorre a mudança do nome de superintendente para diretor, contudo, em alguns momentos, o nome superintendente foi utilizado na Revista Adventista.

²³⁴ Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte e Paraíba.

²³⁵ Os licenciados são ministros em treinamento. Após passar o período estabelecido e cumprido todos os requisitos necessários, ele se torna um ministro ordenado, ou seja, um pastor.

compreende os Estados de Bahia e Sergipe, sob a direção do [...] Saturnino M. de Oliveira²³⁶. O campo pernambucano, que compreende os estados de Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte, [...]” (PARENTE, 1936, p. 11) era dirigido por Alcides Parente. O campo de Pernambuco tinha, em 1936, apenas cinco colportores, mas após a realização de um curso chegaram mais quatro totalizando nove colportores para quatro estados.

O colportor Luiz Caleb Rodrigues escreveu um fato curioso na Revista Adventista em 1936. Segundo ele, um membro da igreja chamado Luiz P. Rafael, que morava em São Tomé²³⁷, atual Sumé, teve uma mula roubada em março de 1935 e conseguiu recuperá-la em outubro do mesmo ano. Rafael atribuiu ter conseguido o animal de volta a sua fidelidade para com Deus (RODRIGUES, 1936).

Não se sabe ao certo o ano em que começou o adventismo em São Tomé, mas tudo indica que deve ter sido entre os anos de 1929 e 1935. O fim em 1935 devido a existência de adventista na região como citado a cima e o início em 1929 porque nesse ano o padre Sylvio Celso de Mello²³⁸ foi trabalhar como capelão de São Tomé e cooperador de Monteiro (SANTOS; VELOSO, 2010). Esse padre é citado como o padre que perseguiu o adventista Severino Pereira no início do seu trabalho evangelístico na região.

De acordo com Ana Araújo Garcia (1984), o adventista Severino Pereira, após a sua conversão, decidiu evangelizar a cidade em que seus pais, Manoel Rufino Pereira e Maria Pereira, moravam. Então, ele fez uma caminhada de noventa léguas, aproximadamente quatrocentos e trinta e quatro quilômetros, e onde parava abria a Bíblia e falava das crenças adventistas.

Quando chegou na casa dos pais, mostrou-lhes a Bíblia e a abriu na parte dos dez mandamentos. Ele falou da guarda do sábado e seu pai ouviu atentamente, contudo a sua mãe foi se queixar ao padre Sylvio e ele disse o seguinte “seu filho está louco, prendam-no no quarto intocável” (GARCIA, 1984, p. 99). Logo se espalhou a notícia que Severino estava louco, então os amigos e familiares foram ver o pregador louco.

²³⁶ Saturnino Mendes De Oliveira (1890-1977). Colportor pioneiro. Nasceu no dia 10 de maio de 1890 em Campestre - Santo Antônio da Patrulha, RS, filho de pais católicos. Em março de 1904, aos 14 anos de idade, foi batizado, juntamente com a família, na IASD de Campestre, pelo Pr. Ernesto Schwantes. Para mais informações ver APÊNDICE U.

²³⁷ Em 1935 São Tomé era um distrito de Alagoa de Monteiro, atual Monteiro. A mudança do nome para Sumé ocorreu pelo decreto-lei estadual nº 520, de 31-12-1943, mas continuou como distrito. A sua elevação para município ocorreu com a lei estadual nº 513, de 08- 11-1951 (IBGE, 2021b).

²³⁸ Sylvio Celso de Mello (1899-1995) nasceu em Areia, Paraíba e seus pais eram Francisco Cícero de Mello e Umlerlina Leal de Mello. Ele entrou no Seminário da Paraíba no dia 2 de fevereiro de 1913 e ascendeu ao presbiterato no dia 5 de novembro de 1922 na catedral de Nossa Senhora das Neves, na capital paraibana. Dentre os vários cargos que ocupou estão: Capelão de São Tomé (Sumé) e Cooperador de Monteiro (1929-1943), vigário de Sumé (1943-1946) e Capelão do colégio das Lurdinas de Monteiro (1946-1947) (SANTOS; VELOSO, 2010).

Severino aproveitando a grande quantidade de visitantes, passou a falar para eles sobre as crenças adventistas e ao verem ele falando de forma fluente diziam para mãe que ele não tinha nada de louco. Algum tempo depois, a mãe de Severino também converteu-se ao adventismo após ler o que catecismo falava sobre a guarda do sábado.

Certo dia Severino estava andando na rua quando um jovem o abordou e perguntou se ele não tinha medo de pregar sobre o evangelho publicamente naquele lugar e ele respondeu que não porque era protegido pela constituição. Alguém ouviu a conversa e foi contar ao padre Sylvio que gritou furioso na rua “viva a Igreja Católica e morra o protestantismo” (GARCIA, 1984). As pessoas entenderam que era para matar o protestante e avançaram para cima de Severino para linchá-lo.

Ele percebendo a situação e vendo que não dava para escapar, tirou o chapéu e se inclinou a orar. Quando levantou os olhos viu cerca de quinze homens, que eram seus vizinhos, cercando-o para que ninguém o agredisse. Por mais de uma hora esses homens o protegeram lutando com a multidão. Com a chegada do delegado as pessoas se dispersaram, mas mesmo assim uma pedra atingiu Severino na testa a ponto fazê-lo sangrar muito.

Quando Jerônimo Garcia²³⁹, diretor da Missão Nordeste (1936-1940), soube do que havia acontecido e foi a São Tomé²⁴⁰. Manoel Rufino Pereira fez os preparativos para que as reuniões ocorressem na sua casa. Luiz Caleb Rodrigues, que era carpinteiro, providenciou os bancos. Ao chegar na cidade, Garcia comunicou ao delegado que iria fazer algumas palestras e pediu proteção, a qual foi prometida.

Na hora marcada, o local estava cheio e começaram a cantar. Quando chegou a vez de Garcia falar, o padre chegou com uma multidão que estava armada de paus, facas e bombas e pela janela pediu licença para falar e foi concedida (GARCIA, 1939). O padre Sylvio então falou três vezes “quem for católico apostólico romano retire-se do salão” (GARCIA, 1984, p. 101). Apenas o pedreiro do padre levantou-se e saiu. Depois disso, Garcia falou: “o senhor pediu para dizer uma palavra, reverendo, pode entrar, ainda há lugar disponível” (GARCIA, 1984, p. 101).

²³⁹ Jerônimo Granero Garcia (1903-1974). Pastor, evangelista, tradutor, professor e administrador. Nasceu no dia 30 de setembro de 1903, em Cuenca, perto de Madri, Espanha. Filho de Juliam, músico e maestro e Vicenta Garcia. Ainda quando pequeno, o pai faleceu e a mãe decidiu mudar-se para o Brasil e, em seguida, para Cuba. Ali, Jerônimo teve o primeiro contato com a mensagem adventista, estudando, por algum tempo, em um colégio adventista, em regime de internato. De volta ao Brasil, Jerônimo decidiu aceitar a fé adventista mesmo contra a vontade da mãe. Para mais informações ver APÊNDICE U.

²⁴⁰ Jerônimo publica essa história em fevereiro de 1939 e diz que a sua visita ocorreu cerca de um ano antes (GARCIA, 1939). Desta forma, a visita de Jerônimo a São Tomé deve ter acontecido entre 1937 e 1938.

Uma das filhas de Manoel falou ao padre Sylvio que Garcia estava ensinado com o novo testamento que o padre havia presenteado e Garcia pediu novamente para ele entrar. Padre Sylvio, irritado, foi embora, mas a multidão que estava com ele ficou até o final da reunião. Desta forma, a quantidade das pessoas que assistiram às palestras foi mais que dobrada. Algum tempo depois, houve batismo e foi formado um grupo.

Em 1937, a Missão Nordeste é reorganizada. Em seu território estava os estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Ela continuou tendo como diretor Jeronimo Garcia. Além de Garcia, a Missão possuía mais dois ministros, J. R. dos Passos²⁴¹ e T. Berger²⁴², e três missionários, E. M. Hermanson, Cleobulo Carvalho e E. Sant'Anna (ROGERS, 1938). Ela possuía três igrejas organizadas e seiscentos e oito membros.

Essa reorganização é importante porque a partir de então, a Paraíba passa a ter ministros ou pelo menos missionários próprios. Ainda em 1937, mais dois fatos aconteceram ligados a IASD na Paraíba: a criação de uma Escola Sabatina em Pombal e o início do trabalho e a criação de um Grupo Adventista na capital (João Pessoa).

Em Pombal, tudo começou quando um colportor passou pela cidade e vendeu o livro *A Luz da Profecia*. Alguns anos depois, em 1937, o colportor Nathan Florêncio passou pela cidade com o intuito de vender o livro *O Raiar de um Novo Dia* e ao tentar vender ao prefeito foi surpreendido ao saber que ele já conhecia os livros adventistas. O prefeito fez a assinatura da revista *O Atalaia* e levou o colportor para algumas pessoas que fizeram encomendas. Nathan encontrou mais de vinte pessoas interessadas e iniciou uma Escola Sabatina na cidade em uma sala que um comerciante, que era um dos interessados, cedeu (PARENTE, 1937).

Os trabalhos missionários em Gravatá de Mulungu, uma localidade que fica cerca de noventa e cinco quilômetros de João Pessoa, foram iniciados como resultado indireto das conferências do pastor Passos na capital paraibana em 1937. Augusto Clementino recebeu o convite de Lindolfo Araújo, ambos eram presbiterianos, para assistir as conferências. Após a segunda conferência Clementino foi à casa de Lindolfo descansar.

Como não conseguia dormir, passou a noite lendo os folhetos adventistas e comparando com a Bíblia. No dia seguinte, ao avistar Lindolfo, ele falou: “Irmão Lindolfo, já sou adventista, graças a Deus” (PASSOS, 1938b). Depois disso, os dois passaram a falar sobre as crenças

²⁴¹ José Rodrigues dos Passos (1902-1987). Pastor, professor e administrador. Nasceu no dia 9 de janeiro de 1902, em Rolante, RS. Era filho de José Rodrigues dos Passos e Maria Emília dos Passos, irmã de José Amador dos Reis (primeiro pastor brasileiro a receber ordenação no Brasil). No ano de 1905, sua família aceitou a mensagem adventista, quando ele tinha três anos de idade. Para mais informações ver APÊNDICE U.

²⁴² Théophile Berger (1900-1939). Pastor pioneiro e colportor-evangelista. Ingressou na colportagem aos 17 anos de idade, trabalhando com êxito entre 1917 a 1919, em Santa Catarina, seu Estado natal. Para mais informações ver APÊNDICE U.

adventistas com os familiares e amigos. Várias pessoas que frequentavam a Igreja Presbiteriana, que ficava na casa de Augusto Clementino que era um dos diretores, aceitaram as crenças adventistas e pediram para chamar o pastor Passos.

O pastor ficou dois dias com eles pregando para um numeroso auditório e houve, então, separação. As pessoas que não aceitaram o adventismo pegaram os bancos do local e foram para outro deixando o salão vazio. Para resolver esse problema, Clementino comprou dez bancos com o auxílio dos membros de João Pessoa. Depois disso, foi organizada uma Escola Sabatina no local com sete pessoas que estavam aguardando o batismo (PASSOS, 1938b).

Uma das pessoas que ouviram a pregação do pastor Passos em Gravatá era um chacareiro apelidado de Zé Preto. Segundo Passos (1938b), ele era a vergonha do povoado por estar sempre “bêbado” caindo pelas estradas e ruas do povoado e fazendo toda sorte de espetáculos. Após ouvir as pregações, aceitou o adventismo e tornou em zeloso defensor, mesmo sem saber ler.

Ele várias vezes foi até o local onde bebia e falava ao dono que era errado vender bebida, principalmente ele que era presbiteriano. Zé Preto foi batizado no último batismo realizado pelo pastor Passos no dia 30 de julho de 1938. Com ele, foram batizadas mais sete pessoas sendo seis de Gravatá e um de João Pessoa²⁴³. No final do seu trabalho missionário, Passos deixou a Escola Sabatina de Gravatá com dezenove membros e Augusto Clementino era o diretor do grupo.

Em agosto de 1938, Moysés Nigri²⁴⁴ recebeu a notícia que seria pastor da IASD na Paraíba e ele se mudou para João Pessoa. Ele e sua esposa, Maria Alida²⁴⁵ participaram da despedida que a comunidade adventista de João Pessoa fez para a família Passos que havia sido transferida para o Rio Grande do Sul (NIGRI, 2014). Nigri havia se formado há pouco tempo e essa seria sua primeira experiência como pastor.

²⁴³ As oito pessoas batizadas foram: Augusto Clementino, Juvina Clementino, Ester Nobrega de Oliveira, Antônio Cardoso da Silva, Maria Monteiro, José Firmino de Moraes (possivelmente Zé Preto), Naná e Benedito (CULTO..., 1991).

²⁴⁴ Moysés Salim Nigri (1914-2010). Contador e pastor. Nasceu no dia 8 (registrado no dia 10) de agosto de 1914 em Rio de Janeiro, RJ. Filho de Salim Moysés Nigri, um judeu praticante e Erina Vieira Nigri, uma brasileira de formação católica. Foi batizado no dia 6 de agosto de 1932 na IASD do Meier pelo pastor E. M. Davis. Para mais informações ver APÊNDICE U.

²⁴⁵ Maria Alida Baar Nigri (1904-1995) Missionária pioneira. Nasceu em Riga, capital da Letônia em 1904. Educou-se em um lar de formação luterana e batizou-se na IASD aos 18 anos. Dirigiu-se ao Seminário de Friedensau, na Alemanha, onde se graduou em Teologia no ano de 1926, sendo a única mulher da turma. Após a formatura, aceitou um chamado para ser missionária no Brasil, trabalhando no Instituto Adventista de Ensino em São Paulo (IAE-SP) como Preceptor e professora de História Geral durante 11 anos. Para mais informações ver APÊNDICE U.

Após alguns meses de trabalho em João Pessoa, Nigri escreveu que, além da capital paraibana, existiam representantes do adventismo em oito cidades (NIGRI, 1939b). Até esse momento os locais que tiveram presença adventista confirmada, além de João Pessoa foram Pirpirituba (1911), Baixa Verde²⁴⁶ (Queimadas, 1925), Campina Grande (1935), Cabaceiras, São José das Pombas (atual Parari), São José dos Cordeiros (1921), Moreno (atual Solânea, 1921), São Tomé (atual Sumé, 1936), Gravatá de Mulungu (1937) e Pombal (1937). Não é tarefa fácil dizer quais desses locais que Nigri está se referindo, pois não se sabe quais deles tiveram presença adventista até 1939.

Além disso, alguma cidade poderia ter tido presença adventista e não ter sido relatado nos periódicos que foram pesquisados. Tendo em vista que várias pessoas do interior do estado enviavam cartas mostrando interesse nas crenças adventistas e pedindo que enviassem alguém (NEILSEN, 1939). Alguns desses lugares devem ter sido atendidos porque no final de 1939, Nigri (1939c) escreveu que no interior do estado havia doze vilas e cidades com presença adventista e aproximadamente sessenta pessoas estavam esperando o batismo.

Em um desses lugares havia doze pessoas se preparando para serem batizadas, em outro existia uma pessoa que estava disposta a doar o terreno e já havia pessoas prontas para construir o templo. Todavia, os tempos difíceis os impediam de construir. Os tempos difíceis eram causados pela Segunda Guerra Mundial a qual, segundo Oscar Castellani²⁴⁷ (1941), diretor da Missão Nordeste (1940 – 1945), estava causando a desvalorização do algodão²⁴⁸ o que fez com que muitos fazendeiros deixassem de plantar.

Castellani também fala que uma igreja estava sendo construída em Sucuru. Desta forma, é possível acreditar que este era o local que estava pronto para se construir o templo em 1939. Sucuru é atualmente um distrito de Serra Branca, Paraíba, ele fica aproximadamente a onze quilômetros de Sumé onde já havia adventistas há alguns anos.

²⁴⁶ A história do adventismo em Baixa Verde e em Campina Grande serão trabalhados separadamente.

²⁴⁷ Oscar Martins Castellani (1898-1961). Pastor, capelão e administrador. Nasceu no dia 3 de setembro de 1898, em Araraquara, SP. Foi batizado em 1927 na cidade de Nova Odessa, SP, pelo Pr. José Amador dos Reis, seguindo para o CAB (atual UNASP-SP), a fim de preparar-se para ser um pastor. Casou-se com Cesarina Hansen e da união conjugal nasceram oito filhos. Graduou-se depois de três anos, e recebeu um chamado para o Nordeste, onde trabalhou como pastor e evangelista. Para mais informações ver APÊNDICE U.

²⁴⁸ As dificuldades do adventismo ligadas a Segunda Guerra Mundial ultrapassa a questão financeira. Conforme Greenleaf (2011), obreiros adventistas de origem alemã foram presos, outros tiveram que ser transferidos e todos que trabalhavam na União Este Brasileira foram afastados diminuindo e muito a quantidade de mão de obra missionária que já era deficitária. Cerca de vinte e uma Escolas Adventistas estavam a ponto de fechar por estarem situadas em colônias alemãs e eram vistas como possíveis locais de disseminação de doutrinas traidoras. A Igreja adventista passou a ser vista como uma religião perigosa que propagava doutrinas perigosas por pregar a guarda do sábado e a não combatência.

Em fevereiro de 1940 foi organizada a Escola Primária Adventista de Baixa Verde (NIGRI, 1964b). Nesse mesmo local ocorreu um conflito religioso, onde cerca de trezentas pessoas cercaram e apedrejaram o prédio que estava sendo realizado o culto e agrediram o pastor Moysés Nigri. Esse não foi o único ato de intolerância religiosa que Nigri passou na Paraíba (NIGRI, 2014). Ainda em setembro de 1940, um adventista chamado de Manoel de Melo convidou o pastor para realizar uma semana de evangelismo com projeções luminosas em Arara do Brejo (Atual Arara).

Não havia nenhum adventista na cidade além de Manoel de Melo que havia se mudado para lá com esposa e filhos com o intuito de fundar uma Igreja Adventista. Nigri chegou na cidade na sexta feira e foi convidar as pessoas para as reuniões. Sábado pela manhã realizaram a Escola Sabatina e o culto normalmente, mas durante a noite coisas estranhas começaram a acontecer. Na primeira noite o salão estava lotado e algumas pessoas jogaram pedras que fizeram algumas telhas caírem sobre os que estavam assistindo à pregação.

Mesmo assim decidiram continuar e realizaram uma segunda noite de pregação. Nessa noite, eles conseguiram terminar a pregação e quando estavam comemorando o êxito um grupo de rapazes jogou pelas janelas fezes humanas dentro de sacolas que ao tocarem no chão espalhou o seu conteúdo por toda o salão e nas pessoas que estavam presentes. Manoel de Melo ficou perplexo com o acontecido e decidiu sair da cidade. No dia seguinte, ele arrumou dois cavalos e levou o pastor Nigri para a estação. Alguns dias depois, ele contou ao pastor que alguns arruaceiros pretendiam tirar-lhe a vida.

Em 1941, o Departamento de Educação da Missão Nordeste esforçou-se para que esse ano fosse o “ano recorde quanto ao número de escolas organizadas e alunos matriculados” (NIGRI, 1941a, p. 14). O departamento estava seguindo uma das tendencias do adventismo a nível nacional, pois, segundo Greenleaf (2011), a década de 1940 foi marcada pela expansão das Escolas Adventistas do país.

Tendo isso em vista, foi criada uma Escola Primária Adventista em João Pessoa, desta forma, a Paraíba contava com duas escolas uma em Baixa Verde e outra em João Pessoa. O funcionamento dessas escolas dependia da cooperação dos pais adventistas, quanto mais os pais cooperavam colocando seus filhos, mais escolas seriam criadas. Sendo assim, os pais e os professores iriam cooperar para a salvação dos filhos dos próprios membros adventistas (NIGRI, 1941a).

Em 1945 é constatada a presença adventista em São Bento do Brejo do Cruz (atual São Bento)²⁴⁹. Um membro chamado de Zacarias Rodrigues Vasconcelos escreveu para a Revista Adventista explicando as razões que o levaram a guardar o sábado. Contudo nada mais se sabe sobre o desenvolvimento do adventismo na cidade durante o período estudo.

O último local com presença adventista confirma, durante o período estudado, é o distrito de Pirauá, Natuba²⁵⁰. No início de 1948, foram iniciados os trabalhos missionários nesse local. Cerca de dez meses depois já havia uma Escola Sabatina com cerca de cinquenta pessoas que se reuniam em um salão de cultos (PINHO, 1948). Entre os membros deste local estava José Inácio de Araújo e sua família sendo que fazia dezoito anos que ele era batizado.

2.4. Igrejas de Serra das Laranjeiras e Baixa Verde

A Igreja Adventista de Baixa Verde, Queimadas, é considerada a igreja mais antiga da Paraíba. Ela foi fundada pela influência de Antônio Bezerra que morava em Serra das Laranjeiras e de lá ia dar estudos bíblicos aos interessados em Baixa Verde. Essa igreja também foi palco de um conflito religioso envolvendo pessoas importantes da cidade de Queimadas onde alguns católicos apedrejaram o templo e espancaram o pastor Moysés Nigri.

2.4.1. Primeiros conversos

Era o ano de 1925²⁵¹ quando Antônio Bezerra de Lima²⁵², que morava em Galante, estava doente²⁵³ (VIANA, O. 2019). Por ser muito católico, ele primeiro²⁵⁴ procurou a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que era a santa que ele era devoto. Ele fez uma novena para ela, mas não

²⁴⁹ São Bento era apenas um aglomerado ou lugarejo da cidade de Brejo do Cruz até que foi elevada à categoria de município pela lei estadual nº 2073, de 29-04-1959 (IBGE, 2021c).

²⁵⁰ Pirauá é um distrito de Natuba. Até 1960 Natuba pertencia a Umbuzeiro e em 1961 ela é elevada a município pela lei estadual nº 2601, de 29-11-1961 (IBGE, 2021d).

²⁵¹ Para Oseias Viana (2019) a conversão ocorreu em 1925, para Moura (2019) foi em 1926 e de acordo com Raquel Viana (2019) foi em 1927. As entrevistas de Raquel e Oséias Bezerra Viana bem como de Ariosvaldo Castro de Moura estão respectivamente nos APÊNDICE H, I e J.

²⁵² Antônio Bezerra de Lima nasceu no dia 5 de setembro de 1896 e faleceu no dia 26 de novembro de 1979. Era casado com Maria das Neves Viana. Alguns dos seus filhos são Oséias, Raquel e Carmita Bezerra Viana. Para mais informações ver APÊNDICE U.

²⁵³ Conforme Moura (2019), a doença era depressão.

²⁵⁴ De acordo com Raquel Viana (2019), ele primeiro procurou os médicos para depois buscar auxílio das santas. Mas tanto Moura (2019) quanto Oseias Viana (2019) concordam que ele foi procurar ajuda médica por último.

teve resultados. Depois procurou a Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Campina Grande, e fez mais duas novenas, contudo também não teve resultados.

Figura 6 – Antônio Bezerra.



Fonte: Barbosa (2009).

Um certo dia, enquanto estava em casa, ele olhou para a imagem da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e percebeu que ela estava sendo devorada por baratas e pensou *se ela não consegue nem se proteger como vai me livrar dessa doença?*²⁵⁵ Ele também chegou a procurar Antônio Denório²⁵⁶, um homem *sabido*, na Serra do Uruçu, Itatuba, que disse que uma mulher de Galante havia feito um catimbó para ele, mas Antônio Bezerra não acreditou.

Então ele procurou os médicos²⁵⁷ Elpídio de Almeida²⁵⁸ e Severino Cruz²⁵⁹ que os enganaram, porém antes de ir no último médico passou na casa da família Pedro de Melo, família de amigos, em Campina Grande. Enquanto estava na casa, a Igreja Batista²⁶⁰ fez um culto na frente e alguém lhe entregou um papel. Como ele não gostava de protestantes, ele quase batia na pessoa e jogou o papel no chão.

²⁵⁵ Fato citado por Oséias Viana (2019) e Viana Raquel Viana (2019)

²⁵⁶ Apenas Oséias Viana (2019) cita Antônio Denório.

²⁵⁷ Apenas Rachel Viana (2019) cita o nome dos dois médicos: Elpídio de Almeida e Severino Cruz. Oséias Viana (2019) cita apenas Severino Cruz. Moura (2019) diz apenas que foram dois médicos. Como tanto Raquel quanto Moura concorda em quantidade, foram mantidos os nomes informados pela primeira.

²⁵⁸ Elpídio Josué de Almeida (1893-1971) nasceu em Areia, Paraíba, estudou no Colégio Pio X na capital paraibana e se formou em medicina no ano de 1918 no Rio de Janeiro. Além de médico, chegou a ser prefeito de Campina Grande por duas vezes (1947-1950 e 1955-1962) e deputado federal (1951-1955) (FGV, 2021).

²⁵⁹ Severino Ribeiro Cruz atuou muitos anos como médico em Campina Grande. O seu nome foi dado a rua que atualmente se encontra o Museu de Arte Popular da Paraíba (MAPP).

²⁶⁰ De acordo com Oséias Viana (2019) o culto foi realizado pela Igreja da Assembleia de Deus, porém Moura (2019) informa que a pessoa que entregou o papel a Antônio Bezerra era da Igreja Batista. Como Antônio Bezerra chegou a receber estudos bíblicos do pastor Santiago da Igreja Batista, é coerente pensar que tanto o culto quanto a pessoa que entregou o papel eram da Igreja Batista.

No dia seguinte, Antônio foi ao médico, mas voltou desenganado outra vez. Então ele encontrou o papel sujo de lama²⁶¹ que havia jogado no chão e que estava escrito o texto de Provérbios 3:1-3: “Filho meu, não te esqueças dos meus ensinamentos, e o teu coração guarde os meus mandamentos; porque eles aumentarão os teus dias e te acrescentarão anos de vida e paz. Não te desamparem a benignidade e a fidelidade; ata-as ao pescoço; escreve-as na tábuas do teu coração” (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 441). Como o texto falava em aumentar os dias e acrescentar os anos, ele chamou muita atenção de Antônio que estava doente e desenganado pelos médicos.

Ele perguntou a José Ferreira²⁶², outro amigo, onde poderia comprar uma Bíblia e ele indicou o pastor Augusto Santiago da Igreja Batista de Campina Grande. Esse pastor não só vendeu a Bíblia como também passou a dar estudos bíblicos. Antônio então começou a ler a Bíblia e ver que em diversas passagens, Deus mandava guardar o sábado e foi perguntar ao pastor Santiago sobre esse assunto. O pastor informou que guardar o sábado era coisa de judeu, mas Antônio não se convenceu com a resposta.

Tempos depois, ele encontrou José Ferreira novamente e perguntou se ele conhecia alguma igreja que guardava o sábado. José respondeu que existia a Igreja Adventista do Sétimo Dia no Recife, Pernambuco, e que depois passaria o endereço. Quando José voltou de viagem do Recife entregou a Antônio o endereço da Missão Pernambuco.

Antônio Bezerra escreveu para Missão Pernambuco pedindo que enviasse um pastor. Nessa carta, ele marcou o dia e a hora em que ele estaria esperando na estação de trem. O pastor²⁶³ adventista passou a sexta²⁶⁴, o sábado e o domingo estudando a Bíblia com ele. No

²⁶¹ Essa versão é confirmada tanto por Moura quanto por Oseias Viana. Raquel Viana (2019) disse que o papel foi encontrado quando Antônio Bezerra estava indo para a casa da sogra em Galante.

²⁶² Para Raquel Viana (2019), Antônio Bezerra perguntou a José Ferreira onde comprava a Bíblia e ele disse “com os adventistas em Recife”. Moura (2019) disse que ele perguntou a um amigo que informou que o pastor Santiago vendia. A versão de Moura aparenta ser mais coerente tendo em vista que Antônio chegou a estudar a Bíblia com esse pastor conforme o próprio Moura e Oseias Viana (2019).

²⁶³ De acordo com Moura (2019), quem visitava Antônio Bezerra era o presidente (superintendente) da Missão Pernambuco. Como se tem três anos diferentes para a conversão de Antônio Bezerra tem-se também três pastores que são E. M. Davis, 1925 (ROGERS, 1926), W. M. Schaeffler, 1926 (ROGERS, 1927) e E. P. Mansel, 1927 (ROGERS, 1928). Contudo, de acordo com Barbosa (2009), quem transmitiu a crença adventista a Antônio Bezerra foi Severino Batista, contudo não foi encontrado nada sobre ele. Também existe a possibilidade de na verdade não ter sido um pastor, mas um missionário. Pois, é comum chamar pessoas enviadas pela igreja de pastor, mesmo que não tenham feito o seminário, ou seja, ordenado. Nesse caso, as pessoas que trabalharam na Missão Pernambuco que poderiam ter ensinado a Antônio Bezerra são: J. A. Silveira, E. Langenstrassen, M. P. Silva, Emilio Keppke e Guilherme Ebinger. Todos esses trabalharam como pastores ou missionários entre os anos de 1925 a 1927.

²⁶⁴ Conforme Oseias Viana (2019), foram três dias, Raquel Viana (2019) diz que o pastor chegou no domingo e a casa estava cheia de gente. O pastor Santiago fez a pregação e depois houve o debate. Moura (2019) também dá quantidade deferente de dias, ele disse que o pastor chegou no sábado à tarde e no domingo de manhã houve o debate. Foi mantido os três dias por ser mais coerente Antônio Bezerra querer passar alguns dias ouvindo o pastor

domingo, ele chamou o pastor Santiago e disse que queria saber a verdade, qual era o dia de guarda o domingo ou o sábado?

Então houve um debate entre os pastores adventista e batista. Antônio Bezerra pediu para o Pastor Santiago dizer porque ele guardava o domingo e pediu para o pastor adventista falar porque guardava o sábado. De acordo com Raquel Viana (2019), o pastor Santiago não conseguiu se expressar muito bem enquanto o pastor adventista falou muito bem mostrando vários textos da Bíblia. Depois do debate, Antônio Bezerra disse que ficaria do lado da Igreja Adventista.

O pastor adventista ia para casa de Antônio Bezerra em Galante a cada quinze dias e lá alguns interessados começaram a se reunir (MOURA, 2019). Porém o pastor Santiago não aceitou muito bem a situação e achou que Antônio Bezerra tinha feito ele de *galo de briga* e estava roubando os seus fiéis. Então, certo dia, durante o culto dos interessados adventista, o pastor Santiago cercou o local com alguns membros da Igreja Batista e apedrejou a casa de Antônio Bezerra sendo necessária a intervenção da polícia.

Tempos depois, Antônio Bezerra foi morar na Serra das Laranjeiras, Fagundes, e iniciou outro grupo de adventistas e converteu Sindolfo Barbosa²⁶⁵. Tanto Antônio, quanto Sindolfo tinham uma pequena loja de tecidos e de miudezas que vendia para pessoas de vários lugares e quando alguém ia comprar alguma coisa, eles aproveitavam a situação para falar das crenças adventistas. E desta forma surgiram os primeiros interessados em Baixa Verde²⁶⁶, Queimadas.

Figura 5 – Casa de Antônio Bezerra onde foram realizados os primeiros cultos em Serra das Laranjeiras.

adventista antes do debate e pelo fato de que os adventistas evitam viajar no sábado por considera-lo como um dia sagrado.

²⁶⁵ Sindolfo Barbosa era casado com uma prima de Antônio Bezerra e foi a primeira pessoa que ele converteu em Serra das Laranjeiras (VIANA, R. 2019). Para mais informações ver APÊNDICE U.

²⁶⁶ Baixa Verde, era uma região de plantação de algodão (NIGRI, 2014). Ela fica a cerca de cinco quilômetros do centro de Queimadas e a vinte quilômetros do Centro de Campina Grande.



Fonte: Acervo particular do autor.

Antônio Bezerra começou a visitar os interessados em Baixa Verde. Entre eles estava Manoel Soares²⁶⁷ (Manoel Pequeno) que se converteu junto com a esposa e os oito filhos (VIANA, R. 2019). Também se converteram junto com todas as suas famílias²⁶⁸ Manoel do Nascimento, Irineu Pereira²⁶⁹, Severino Venâncio²⁷⁰ e Luiz Pereira²⁷¹ (SILVA, 2019²⁷²). A partir

²⁶⁷ Manoel Luiz Soares (1900 – 1958) foi um dos primeiros convertidos em Baixa Verde através de Antônio Bezerra. Era casado com Severina Maria Soares (1900-1978). Da união nasceram Antônio, Vitor, João, Cleonice e Luiz Soares. A família morava no sítio Muquém onde foram realizados diversos Batismo (BARBOSA, 2009).

²⁶⁸ Possivelmente, Maria Umbelino da Silva também tenha se convertido nesse período, pois em seu obituário consta que havia se converteu desde 1927 (ISIDIO, 1957). Maria Ferreira de Albuquerque é outra pessoa que talvez seja uma das primeiras pessoas convertidas da região, pois em seu Obituário consta que ela era adventista desde 1937 (FALECIMENTOS, 2012).

²⁶⁹ Irineu Pereira de Melo (1893 – 1989) foi um dos primeiros conversos em Baixa Verde através dos esforços de Antônio Bezerra e Sindolfo Barbosa. Ele era casado com Erminia Pereira de Melo (1897-2001) e da união nasceram Clarice, Vasti, George, Genésio Zacarias e outros (BARBOSA, 2009).

²⁷⁰ Severino Venâncio (??? - ???) era irmão de Euclides Venâncio, esposo de Severina Freitas da Silva, uma das entrevistas de Baixa Verde. Ele recebia os membros de Campina Grande que iam para evangelizar (BARBOSA, 2009) e morava em frente ao templo de Baixa Verde (GARCIA, 1940).

²⁷¹ Luiz Pereira de Melo (1901-1990) era um fazendeiro de Baixa Verde que se converteu ao adventismo através da influência de Antônio Bezerra e Sindolfo Barbosa, seu primo (SILVA, 2019). Para mais informações ver APÊNDICE U.

²⁷² Ver APÊNDICE C.

de 1935, Fausto Moura²⁷³, aprendiz de alfaiate, e seu irmão José Moura (1936) foram morar em Campina Grande e também ajudaram nos trabalhos missionários em Baixa Verde (BARBOSA, 2009).

Por essa época, alguns colportores passaram por Baixa Verde vendendo os livros *Patriarcas e Profetas* e *O Raiar de um Novo Dia*. Então surgiram vários interessados e foram organizadas duas Escolas Sabatinas (OLSON, 1940), uma em Baixa Verde e outra em Serra das Laranjeiras. Inicialmente os adventistas se reuniam na casa de Antônio Bezerra na Serra das Laranjeiras e na fazenda de Luiz Pereira, primo de Sindolfo, até que em 1936 ou 1937 conseguiram um lugar que pertencia a Claudomiro Gonzaga onde se tornou o primeiro templo adventista no estado²⁷⁴ (SILVA, 2019).

Figura 6 – Casa de Sindolfo Barbosa.

²⁷³ Fausto Luiz de Moura (1915 -2013) já era adventista quando se mudou de Carpina, Pernambuco, para Campina Grande no dia 13 de maio de 1935. Ele ajudou a fundar a Igreja Adventista de Baixa Verde, Campina Grande e várias outras na redondeza (MUNIZ, 1981) (ver anexo B). Ele, seu irmão José Moura e Nilo Gomes foram os primeiros adventistas em Campina Grande (MOURA, 2021).

²⁷⁴ A pesar de ser o primeiro templo, ou seja, o grupo possuía um lugar próprio e não mais se reunia nas casas dos membros, ela não é a primeira Igreja Adventista Organizada no estado Paraíba. Esse título pertence a Igreja de Campina Grande que foi organizada em 1942 (NOVAS..., 1942). A Igreja adventista de Baixa Verde só foi organizada em 1967 pelo pastor José Irajá da Costa e Silva (BELZ, 1968).



Fonte: acervo particular do autor.

A Fazenda²⁷⁵ que pertenceu a Luiz Pereira fica na PB 100 entre Queimadas e Fagundes. São cerca de cinco quilômetros do Centro de Queimadas para a fazenda e três quilômetros dela para a Igreja Adventista de Baixa Verde. O acesso a casa da fazenda fica ao lado de uma casa. Ainda existe a mesma casa onde Luiz Pereira viveu e dentro da fazenda existe um pequeno açude onde foi realizado o primeiro batismo da Igreja Adventista em Queimadas em 1938 onde foram batizadas as famílias Bezerra, Soares, Pereira, Albuquerque e Venâncio (BARBOSA, 2009). Depois foram realizados outros batismos no Muquém, Queimadas, no açude de Manoel Soares.

De acordo com Oseias Viana (2019), os católicos da região não aceitaram muito bem a ideia de ter protestantes na cidade e sempre havia pequenos conflitos. Conforme Silva (2019), os católicos chamavam os adventistas de *bodes de Baixa Verde* e buscavam aterrorizar a igreja.

Além disso, em 1937, possível ano da aquisição do templo de Baixa Verde, o padre Oscar Cavalcanti²⁷⁶, Padre da paróquia de Fagundes que era responsável pela capela de

²⁷⁵ Para ver fotos da localização e da fazenda de Luiz Pereira consulte o Anexo A.

²⁷⁶ Padre Oscar Cavalcanti de Albuquerque (1891 – 1963) nasceu em Recife, Pernambuco. Era filho de Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque e Francisca Emilia Cavalcante de Andrade. Ascendeu ao presbiterato em 26 de

Queimadas, começou a construir no centro da então vila a casa paroquial. Ele fez isso “visando um futuro religioso mais pronunciado” (DE QUEIMADAS, 1937a, p. 5). O objetivo do padre Oscar era manter-se mais presente na localidade para impedir que o adventismo ou outro ramo do protestantismo crescesse em Queimadas.

Figura 7 – Padre Oscar Cavalcanti de Albuquerque.



Fonte: Tataguassu (2021).

A situação deve ter piorado a partir do dia 4 de outubro de 1937 quando aconteceram as Santas Missões na qual frei Damião e sua comitiva estavam presentes e foram recepcionados em frente da Igreja Católica de Queimadas, que ainda era uma capela, por Dulce Barbosa que era professora das classes complementares do Grupo Escolar T. Tavares da vila (DE QUEIMADAS, 1937b).

Após saírem da igreja, foram à casa do padre Oscar onde se hospedaram. Durante a noite do dia 4, o frei ainda falou empolgado a um auditório e na manhã do dia seguinte ele realizou a missa. Além das missas pela manhã e pela noite, havia catecismo na igreja e no Grupo Escolar sendo que este último era realizado pelo frei Cipriano (MISSÕES..., 1937). Conforme Sylvestre

fevereiro de 1922, na Igreja Matriz da Catedral de Nossa Senhora das Neves, na capital da Paraíba (SANTOS; VELÔSO, 2010). O padre foi violentamente assassinado pelo seu filho adotivo José Inácio Gomes, vulgo Zé do Padre, no dia 27 de julho de 1963. Inácio teria tentado matar a mãe, Severina Maria da Conceição, quando padre tentou intervir e foi assassinado (ASSASSINADO..., 1963). Foram vinte e duas facadas e várias pedradas até que um guarda chegou e deu voz de prisão (CAMPINA..., 1963).

(2014), por onde as Santas Missões passavam deixava um rastro de intolerância religiosa, desta forma, a vida dos adventistas de Baixa Verde deve ter ficado um pouco mais complicada.

Deve ter sido nesta ocasião que, segundo Oseias Viana (2019), o frei Damião, que estava em Queimadas, perguntou se existia protestantes na vila, então disseram que havia Severino Venâncio, Irineu Pereira e Luiz Pereira. Frei Damião²⁷⁷ mandou um recado chamando-os para um debate, mas disseram que não poderiam por não ter conhecimento suficiente. Então os três chamaram Antônio Bezerra que falou que só iria se fosse em um lugar seguro e que tivesse garantias que nada iria acontecer com ele. Todavia isso não foi garantido, então ele não foi.

2.4.2. Primeira Escola Adventista do estado e o Conflito religioso em Baixa Verde

No ano de 1940, existiam cerca de quarenta conversos ao adventismo em Baixa Verde. Um deles foi a Recife pedir ao Pastor Jerônimo Garcia, diretor da Missão Nordeste, que enviasse um professor para fundar uma escola e ajudar na pregação durante os dias de culto (GARCIA, 1984). De acordo com Greenleaf (2011), as escolas serviam tanto para evangelização quanto para proteger a criança e impedir que elas futuramente saíssem da igreja.

Conforme Mendonça (1984), a implantação das escolas protestantes eram uma forma de evangelização indireta sendo dividida em dois tipos: Colegios Internacionais e Escolas Paróquias. O primeiro tinha um foco maior na evangelização enquanto o segundo na manutenção da juventude nas igrejas. “Assim, educação e propaganda religiosa direta seriam as duas faces de uma mesma moeda” (MENDONÇA, 1984, p. 104) ambas tinham, de alguma forma, o objetivo de converter pessoas. Em Baixa Verde era uma escola Paroquial²⁷⁸ que funcionava dentro do próprio templo.

No centro de Queimadas havia o Grupo Escolar José T. Tavares que poderia servir para educar as crianças da localidade, mas tinha um grande problema em relação a isso, pois as escolas públicas eram muito católicas. Desde de 1932 foi autorizado o ensino religioso na

²⁷⁷ Antônio Bezerra chamava Frei Damião de Frei Tufão porque por onde ele passava deixava tudo destruído (VIANA, O. 2019).

²⁷⁸ O que era ensinado nas escolas paroquiais e nos cursos elementares dos colégios divergia dos currículos em voga na escola tradicional. Nota-se a introdução de várias novidades no ensino elementar, como regras da arte literária, ciências, recitação de poesias em português, francês e inglês, execuções musicais, canto ao piano, exercícios calistênicos etc. E quase certo, porém, que nas escolas paroquiais rurais esse currículo devia ser bastante simplificado, embora contivesse elementos característicos do protestantismo, como o ensino da Bíblia, do catecismo e dos Dez Mandamentos. Havia cânticos de hinos sagrados durante a aula. A escola tradicional, sob a forte influência da religião dominante, dava muita ênfase ao latim e a história sagrada. Quanto a história sagrada, tal como era dada em compêndios, os protestantes a recusavam por fidelidade aos princípios da Reforma (MENDONÇA, 1984, p. 100)

Paraíba através da influência de arcebispo Dom Adalto. A partir de então, as crianças eram catequisadas nas escolas e a Igreja Católica incentivava professores de todas as disciplinas a “reservarem algum tempo para o ensino da religião” (CATECISMO..., 1937). Desta forma, os alunos estariam mais dispostos a aceitar as crenças católicas.

Nem sempre eram os leigos que catequisavam as crianças, algumas vezes membros das Santas Missões davam aulas nas escolas públicas enquanto estavam nas cidades. Em 1937, frei Ciapriano estava com as Santas Missões em Queimadas junto com Frei Damião e, durante a semana, ele catequisou as crianças do Grupo Escolar de Queimadas (MISSÕES..., 1937). Além da catequização, rituais católicos eram realizados nas escolas com a autorização do Interventor da Paraíba Argemiro de Figueiredo²⁷⁹ como a *Aposição do Crucifixo* nas escolas (O DIRETOR..., 1937). Ademais, em alguns lugares havia

a injustiça de professores na atribuição de notas a trabalhos escolares, o tratamento diferenciado aos alunos católicos e o estímulo ou omissão de mestre e diretores a apelidos, humilhações provenientes de colegas e agressões morais e psicológicas (sem falar nas físicas) que marcaram pessoas para o resto de suas vidas (SYLVESTRE, 2014, p. 151).

Desta forma, para evitar que seus filhos fossem catequizados, expostos a rituais católicos, que não condiziam com sua fé, e a discriminação era mais vantajoso para os membros solicitar a criação de uma escola paroquial do que permitir que seus filhos fossem para as escolas públicas. Além disso, conforme Greenleaf (2011), 1940 estava em um período de expansão das escolas adventistas no Brasil.

Jerônimo Garcia autorizou a criação da Escola Adventista de Baixa Verde e como não conhecia a região preferiu ir pessoalmente ao local levando consigo o professor Joel Florêncio (GARCIA, 1984). No dia 21 de fevereiro de 1940, Garcia telegrafou para Moysés Nigri, pastor responsável por todas as Igrejas Adventistas da Paraíba, para se encontrarem no dia 23 de fevereiro em Campina Grande para no dia seguinte irem à Baixa Verde fundar a escola e fazerem uma visita pastoral (GARCIA, 1940).

Na estação de trem de Campina Grande, Garcia encontrou Moysés Nigri e Jacob Kroeker, dirigente do adventismo em Campina Grande. Assim que eles chegaram souberam que “um grupo de católicos de Queimadas estavam enfurecidos com a nova escola e haviam

²⁷⁹ Argemiro de Figueiredo (1901-1982) foi deputado estadual (1930-1934), governador e interventor (1945-1950), deputado federal (1950-1954) e senador (1955-1970).

prometido confrontar com violência aqueles que comparecessem ao culto de sábado nas novas instalações” (NIGRI, 2014, p. 62).

Enquanto descansavam na casa de Kroeker²⁸⁰, Luiz Pereira chegou no local e informou da “agressão que o interessado José Campos sofrera do padre Oscar e de outros católicos, na vila de Fagundes, quando lia as escrituras numa casa particular, a pedido do morador” (GARCIA, 1940, p.10). O padre Oscar também teria prometido ir no sábado seguinte à Baixa Verde na hora do culto para *à cacete* acabar com o prédio e com a congregação.

Figura 8 – Luiz Pereira.



Fonte: Barbosa (2009).

Em vista das ameaças, os pastores foram falar com o delegado de Campina Grande, tenente Cezarino, que deu para eles um cartão que deveria ser entregue ao subdelegado de Queimadas. No cartão, o delegado explicava que os adventistas tinham plena liberdade de culto, conforme a constituição, e pedia que ele fornecesse as garantias necessárias.

Logo cedo da manhã de sábado, eles pegaram uma condução para vila de Queimadas junto com alguns membros da igreja entre eles estavam os colportores estudantes José²⁸¹ e

²⁸⁰ De acordo com Muniz (1981) (ver ANEXO B), a casa de Jacob Kroeker fica na Rua do Progresso onde futuramente chegou a ser o prédio da Telpa (Telemar/Oi). Atualmente, existe uma rua em Campina Grande com esse nome, contudo, de acordo com França (2015), a Rua Visconde de Pelotas, também era conhecida como a Rua do Progresso.

²⁸¹ José Nunes Siqueira (1917-2005). Pastor, administrador e autor. Nasceu no dia 6 de novembro de 1917 na Freguesia da Escada, Prefeitura Municipal de Guararema, SP. Filho de Benedito Nunes de Siqueira e Rita Nunes de Siqueira. para mais informações ver APÊNDICE U).

Francisco Siqueira²⁸² do então CAB (Colégio Adventista Brasileiro), atual UNASP (Universidade Adventista de São Paulo) e o colportor efetivo Severino Pereira²⁸³ (GARCIA, 1984).

Assim que chegaram em Queimadas foram falar com o sargento²⁸⁴ João Faustino (GARCIA, 1984) e entregaram o cartão. Eles disseram ao subdelegado que os princípios cristãos deles não os permitia desacatar ninguém, pelo contrário, ensinava a respeitar a crença de todos e obedecer as leis do país. O sargento disse o seguinte: “se a lei mandasse perseguir os protestantes eu os perseguiria, mas como a lei garante, eu também garanto. Sou católico, mas qualquer coisa que houver pode vir aqui me comunicar, que eu garanto” (GARCIA, 1940, p.10). Garcia ainda pediu que enviasse um soldado, mas ele disse que não era necessário e mesmo porque na vila só existiam dois (NIGRI, 1964). Depois disso, se dirigiram à Baixa Verde.

Quando se aproximaram da então Capela de Nossa Senhora da Guia, hoje paróquia, perceberam uma movimentação estranha. Eles ouviram “berros semelhantes aos dos bodes, e gritos: ‘abaixo os Novas Seitas, morram os protestantes’ (GARCIA, 1984, p. 104). Ao chegarem mais perto perceberam que estavam acontecendo as Santas Missões.

Figura 9 – Antiga delegacia de Queimadas.

²⁸² Francisco Nunes Siqueira (1916-2004) foi pastor, educador e administrador do Brasil. Francisco Nunes Siqueira nasceu em 6 de fevereiro de 1916, em Mogi das Cruzes, São Paulo, Brasil. Para mais informações ver APÊNDICE U.

²⁸³ Severino Pereira (1916-1968). Obreiro voluntário, pioneiro no Nordeste. Nasceu na Paraíba, tornou-se Adventista do Sétimo Dia não muito depois de a mensagem adventista penetrar no Nordeste Brasileiro. Para mais informações ver APÊNDICE U.

²⁸⁴ A antiga delegacia de Queimadas ficava na rua Joaquim Barbosa número 51. Atualmente, em frente dela fica a Igreja Adventista Central de Queimadas.



Fonte: Acervo particular do autor.

Elas foram iniciadas no dia 21 de fevereiro e foram organizadas pelo padre Orcar Cavalcanti e pelos freis capuchinhos Antônio e Cipriano²⁸⁵ (DE QUEIMADAS, 1940). Sendo que este último esteve com frei Damião nas Santas Missões que foram organizadas em Queimadas no final de 1937 (MISSÕES..., 1937). Sobre as Santas Missões em Queimadas foi escrito o seguinte:

durante esses dias os enviados de Cristo sobram implantar o amor a religião que nos conforta e nos mostra o caminho da verdade e da fé. A afluência dos fieis aos sacramentos era admiravel elevando-se ao número de comunhões a cinco mil. Como encerramento houve a procissão do S. S. Sacramento. O povo em fila circulava as ruas da vila demonstrando entusiasmo pela religião. O revdmo padre Oscar Cavalcanti empregou todo esforço para o sucesso das Santas Missões (DE QUEIMADAS, 1940).

²⁸⁵ Praticamente em todos os depoimentos coletados em Queimadas é falado que Frei Damião teve ligação direta ou indireta com a agressão em Baixa Verde. Mas não foram encontradas provas documentais que provasse isso em definitivo. Porém, é possível que ele realmente tenha tido alguma ligação tendo em vista que Frei Cipriano estava na comitiva de Frei Damião em 1937 quando foram realizadas as Santas Missões em Queimadas. Além disso, Frei Damião possui um histórico de intolerância religiosa contra os protestantes como foi mostrado no capítulo anterior.

Como os adventistas não queriam arrumar confusão, se apressaram para chegar a Baixa Verde. Eles fizeram todos os cinco quilômetros a pé e no caminho encontraram uma capelinha²⁸⁶ recém construída em que estava escrito “Deus, nosso Senhor, nos livre dos Nova Seita” (GARCIA, 1984). Eles também chegaram a ver ao longo da estrada as frases *abaixo os nova-seitas! e morram os protestantes!* (NIGRI, 1964a).

Figura 10 – Pequena capela construída entre Queimadas e Baixa Verde.



Fonte: Garcia (1984).

Quando chegaram em Baixa Verde foram visitar Severino Venâncio, que morava em frente ao templo, e Luiz Pereira, onde ficaram hospedados. O clima estava quente, “porque desde que os católicos souberam da nossa intenção, começaram a espalhar boatos de que iriam arrasar o prédio onde nos reuníamos, colocar o professor num tonel de azeite fervendo, matar, perseguir, etc” (NIGRI, 1960b, p. 26). Para completar a situação, um primo de Luiz Pereira afirmou que tinha ouvido em Queimadas que os católicos realmente iriam praticar a agressão. Porém, eles não deram crédito às ameaças por acharem que um sacerdote culto como o padre Oscar não consentiria com tal agressão.

²⁸⁶ Todos os relatos chamam de altar com tudo esse tipo de construção é mais conhecido como capelinha.

Na hora de costume, dirigiram-se para o prédio onde se realizaria o culto. O salão estava cheio de pessoas que vinham de todas as partes, alguns eram batizados e outros apenas interessados. Eram homens, mulheres e crianças que estavam no salão, cerca de cinquenta pessoas. As 9:30 horas, Moysés Nigri iniciou a Escola Sabatina cantando o hino *Em teu nome começamos esta Escola Sabatina, ô senhor*. Garcia e umas pessoas ficaram do lado de fora para vigiar e controlar o movimento (NIGRI, 1964a).

Antes de terminar o hino, começaram a ouvir algumas pessoas cantando e essas vozes aumentava cada vez mais. Luiz Pereira avisou que uma grande multidão estava se aproximando, mas a resposta que deram foi: “deixe que venham. Não fizemos mal a eles, nem ao padre Oscar. Sempre temos respeitado a crença de todos. Deus nos guardará” (GARCIA, 1940, p.10).

Figura 11 – Igreja Adventista de Baixa Verde.



Fonte: acervo particular de Severina Freitas da Silva.

Momentos depois, aproximadamente duzentas a trezentas pessoas, a maioria mulheres, cercaram o prédio, elas estavam furiosas, gritando e buscando agredir quem estava a porta. A multidão

[...] Começou a apedrejar a casa de oração, dando vivas ao padre Oscar, a frei Cipriano e à Igreja Católica. De mistura com os gritos vinha toda sorte de nome e ofensas, como sejam: bodes! novas seitas! diabos! crentes safados! coisa ruim! e outros termos criados pela credence fanática dos agressores. [...] Houve homens e mulheres que gritaram a ponto de ficar roucos; outros, de raiva, rasgavam as roupas, com vontade de nos agredir; outros, ainda, choravam de ódio, e alguns desmaiavam de cólera (GARCIA, 1940, p. 10).

Dentro do prédio, as pessoas continuaram cantando cada vez mais forte até que Garcia pediu para que parassem de cantar, pois do contrário a multidão também não pararia de cantar e gritar. Nas duas portas ficam o colportor Severino Pereira e um interessado impedindo que a multidão entrasse no prédio. De vez enquanto, algumas pessoas forçavam a entrada, agrediam esses dois homens e diziam *sai daí, bode velho! e volta para a tua igreja, seu nova-seita!* (NIGRI, 1964a).

Algumas mulheres da multidão, estavam “ajoelhadas na frente do salão, gritando, chorando, clamando pela Virgem Maria e pela nossa morte, rasgavam seus vestidos, deixando ver o peito nu” (NIGRI, 1964a, p. 18). A situação estava tensa, um interessado, que estava dentro do salão, ao ver as pedras caindo e quase machucando os seus filhos, puxou uma faca e queria avançar contra os agressores, mas Nigri o convenceu a não sair do local.

Depois de uma ou duas horas de agressão, Garcia pediu para Moysés Nigri pegar uma bicicleta, que estava ali para qualquer emergência, e saísse pela porta dos fundos e fosse até a subdelegacia pedir proteção policial. Cerca de trinta minutos depois, Nigri retorna com a notícia que o subdelegado não se encontrava presente e no local havia um praça que disse que não poderia ajudar, pois isso deixaria a cidade desprotegida. De acordo com Nigri,

Tudo fora muito bem arranjado e combinado entre a igreja, seus curas e o delegado. Soubemos depois que o delegado na noite anterior estivera bebendo com os grandes de Queimadas, os curas e frades, e ali combinaram o plano dele sair para Campina Grande, então nos perseguirem (NIGRI, 1964a, p. 18).

Durante duas a três vezes, tentaram falar à multidão, contudo não tiveram sucesso. Então tentaram falar com dois ou três homens que pareciam ser líderes da multidão dois deles se

chamavam João Bezerra e outro Manoel. A muito custo conseguiram entrar em um acordo, os adventistas fechariam o templo naquele dia e a multidão iria embora. Tudo parecia bem até que algumas pessoas da multidão avançaram em cima das pessoas que estava saindo do prédio para tomar as suas Bíblias e Hinários para rasgá-los.

Então tudo foi recolhido e colocado em um caixote que estava dentro do salão. Do lado de fora a multidão gritava pedindo os livros para rasgá-los e destruí-los. Os pastores chamaram a atenção de João Bezerra devido ao não cumprimento do acordo. Ele se prontificou a levar os livros para um local seguro e prometeu que não entregaria à multidão. Depois que os livros foram levados para outro lugar, os pastores voltaram ao prédio com João Bezerra onde ele e Manoel aconselhavam a multidão a ir embora, mas as pessoas não queriam se dispersar.

A multidão formou um corredor por onde os adventistas deveriam passar para ir à casa de Severino Venâncio que morava em frente. Todos saíram ficando apenas Nigri e sobre esse momento ele escreveu:

o último a sair seria eu, que também tinha minha querida Bíblia e um livro de esboços comigo. A Bíblia era a que me acompanhava desde o meu batismo, talvez antes, e o livro de esboços foi um presente do irmão Landon no dia de minha graduação no Curso Teológico. Estava cheio de esboços. Vi todas aquelas Bíblias e Hinários no caixote. Pensei: "Será que vão devolver mesmo? Não irão destruir estas Bíblias e estes Hinários na sua fúria? Eu não posso perder esta minha Bíblia nem este livro de esboços. Aconteça o que acontecer, não me separarei deles (NIGRI, 1964b).

Nigri colocou os livros em baixo do paletó e começou a atravessar o corredor. Quando ele já estava na metade, uma mulher gritou *olha a Bíblia dele*. Ele tentou correr, mas fecharam o caminho a sua frente, então a multidão avançou sobre Nigri, ele descreveu o que sofreu da seguinte forma:

Antes que eu me apercebesse, um grupo delas avançou para mim, agarrando-me para me tirarem a Bíblia. Só tive tempo de colocar meus livros entre as pernas, agachar-me para impedir que me tirassem a Bíblia. Aquelas unhas afiadas e sujas passaram pelo meu rosto, arranhando-me profundamente e quase me arrancaram o paletó e os cabelos! (NIGRI, 1960b, p. 26).

Nigri tentou se defender, mas suas mãos estavam segurando a Bíblia. As pessoas estavam em cima dele e batiam como todas as forças para tirar a Bíblia dele. Ele queria fugir, mas não conseguia. A única coisa que conseguiu fazer foi resguardar-se e proteger a Bíblia o máximo que podia. Cada vez mais se sentia perdido e aos poucos suas forças começaram a

diminuir. Enquanto isso, Jerônimo Garcia estava fechando as portas do prédio com João Bezerra, mas ao chegar na frente do prédio percebeu

[...] uma multidão de homens e mulheres agredindo o pastor Moysés, para lhe arrebatarem os livros que tinha nas mãos. Alguns o seguravam, outros davam bordoadas e o arranhavam, tirando-lhe sangue do rosto. Afinal aconteceu o que queríamos evitar — a terra foi regada com o sangue generoso do pastor Moysés (GARCIA, 1940, p.10).

Alguns homens católicos, entre eles Severino Alves de Melo²⁸⁷, que estavam por perto e outros que estavam sentados no bar e que nada tinha a ver com aquilo, foram ao auxílio do pastor Nigri e o salvaram do ataque. Sobre o momento logo após ser salvo, ele escreveu:

ao deixar-me livre, todos puderam ver que o sangue corria do meu rosto, proveniente dos arranhões sofridos. Com sangue, aquela terra de Baixa Verde e da Paraíba do Norte, onde trabalhei por dois anos e oito meses como distrital, haveria de ser regada para que frutificasse a semente do Evangelho, plantada com tanto carinho e sacrifício (NIGRI, 1964b, p. 23).

Garcia, ao ver Nigri com o paletó rasgado e sangrando, ficou indignado e prometeu denunciar os agressores à polícia. Os líderes pediram desculpas e disseram que não era a intenção deles derramar sangue. Também pediram para não comunicarem a polícia, pois isso os deixaria em uma situação complicada.

Dentre a multidão, algumas pessoas disseram que o padre Oscar e o frei Cipriano haviam mandado a multidão à Baixa Verde e que eles se responsabilizariam com o que acontecesse. Mais tarde, José de Barros, morador de Queimadas, confirmou que isso havia acontecido. João Bezerra aconselhou os pastores a fugirem e a se esconderem, porém eles disseram: “Não fizemos mal a ninguém, e homens do nosso feitio não fogem nem se escondem. Só sairemos daqui quando tivermos feito o trabalho que viemos realizar” (GARCIA, 1940, p. 11).

Depois de tratarem os ferimentos de Nigri, reuniram as pessoas que tinham ido para culto na casa de Severino Venâncio. Já passava das 12 horas quando iniciaram novamente a Escola Sabatina e todas as pessoas receberam de volta as suas Bíblias e hinários. Sobre esse momento Garcia escreveu:

²⁸⁷ Severino Alves de Melo (????-????) ajudou o pastor Nigri a escapar da agressão. Ele se tornou membro da IASD através do seu batismo que ocorreu no dia 28 de junho de 1996 cerca de cinquenta e seis anos depois da agressão (NAGEL, 1996)

aquela Escola Sabatina foi uma das mais abençoadas de nossa vida. Tudo nos impressionou. Como não tivéssemos bancos, ficámos de pé, tanto na Escola Sabatina como no culto que se seguiu. A recapitulação foi tomada pelo irmão Severino Pereira, e a lição do dia pelo colportor estudante José Siqueira. Ninguém se sentia triste, todos estávamos contentes e satisfeitos porque Deus nos havia conservado calmos e guardado durante a bárbara agressão (GARCIA, 1940, p. 11).

O local de culto ficou com o telhado quebrado e algumas pedras atingiram as pessoas que estavam lá dentro, mas não causou nada muito sério. Algumas pessoas da multidão ainda conseguiram então no prédio, tiraram a mesa da Escola Sabatina para fora, abriram as gavetas e espalharam todos os papéis e relatórios que estavam dentro (NIGRI, 1964b).

No restante daquele dia e no dia seguinte, os pastores visitaram membros, os interessados e perceberam ânimo e interesse. Alguns chegaram a dizer que agora eram adventistas de fato, pois viram de perto os frutos pregados por aqueles sacerdotes. Diante daquela situação, todas as pessoas se comprometeram a contribuir mensalmente para manter a escola e o seu professor.

No final do dia, os membros de Campina Grande voltaram por outro caminho com medo de acontecer alguma coisa se fossem por Queimadas. No dia seguinte, domingo, o padre Oscar Cavalcanti juntou um grupo de pessoas para punir o motorista do ônibus que levou esses adventistas. O motorista estava armado dentro do ônibus e ameaçou atirar em qualquer um que tentasse entrar para agredi-lo, inclusive o padre. Ele falou que a partir daquele momento deixaria de ser católico. Antes que algo pior acontecesse, a polícia chegou no local e convenceu o padre a dispensar as pessoas. O motorista, ao chegar em casa, destruiu todos os seus santos e se tornou um interessado do adventismo (OLSON, 1940a)

Ainda no domingo, Jerônimo e outros membros planejaram como funcionaria a Escola Primária Adventista. As ameaças continuavam a chegar de que a multidão voltaria para dessa vez derrubar o prédio, contudo não houve mais nenhum incidente. As Santas Missões terminaram no domingo à noite e para não serem agredidos, decidiram sair às 3 horas da madrugada do domingo para segunda. Contudo, deixaram Joel Florêncio em Baixa Verde para iniciar a escola.

Luiz Pereira, Garcia, Nigri e o colportor Severino Pereira foram caminhando mais de vinte quilômetros de barro mole e lama, pois havia chovido, até chegar a Campina Grande. No caminho, quando passaram por Queimadas, perceberam “que tudo estava escuro, apenas algumas luzes aqui e ali no Mercado... a cidade dormia depois das bacanais espirituais que tivera e dos barbarismos cometidos contra um pequeno grupo de filhos de Deus” (NIGRI,

1964b, p. 23). Muitas pessoas estavam deitadas na praça e em frente da Igreja Católica, mas ninguém os viu passar.

Ao chegarem em Campina Grande quando o sol já estava alto e foram falar com o delegado, todavia ele já sabia do que havia acontecido e disse “Então, andou apanhando das mulheres?” (NIGRI, 1964, p. 23). Eles falaram ao delegado que as ameaças continuavam e que haviam deixado o professor Joel Florêncio para iniciar as aulas da escola. O delegado garantiu que a agressão não voltaria a acontecer.

Não confiando muito no delegado, eles foram falar com o Juiz de Campina Grande, contaram tudo o que havia acontecido e ele falou duramente com todos os líderes do movimento incluindo Dulce Barbosa, então diretora do Grupo Escola, o chefe de polícia, o farmacêutico promotor da perseguição e outros (GARCIA, 1984). Então as ameaças pararam, mas a intolerância não.

Tempos depois, algumas mulheres adventistas estavam indo a Campina Grande quando algumas pessoas jogaram fezes humanas nelas. Ainda sujas foram a falar com o subdelegado João Faustino que repreendeu duramente os agressores. Esse conflito chamou tanto a atenção dos líderes da IASD que um relato dele foi publicado na *Review and Herald* (OLSON, 1940b) e outro na *South American Bulletin* (OLSON, 1940c), dois importantes jornais da IASD a nível mundial.

O interessante é que algumas pessoas que participaram dessa agressão tornaram-se adventistas anos depois (SILVA, 2019). Teve também o caso de João Cabral²⁸⁸ que havia sido chamado a *jogar pedras nos crentes* e até chegou aceitar, mas depois sentiu que ia fazer algo errado e desistiu. Anos depois, ele se converteu ao adventismo e chegou a ser presidente (diretor) da Escola Sabatina de Baixa Verde (LIRA, 1962).

Essa agressão não foi um acontecimento isolado, em várias partes do estado aconteceram fatos semelhantes, conforme Sylvestre (2014). Da mesma forma que em outros ataques, como na cidade de Catolé do Rocha e Patos, ele ocorreu durante as Santas Missões. Elas tinham o objetivo de fortalecer a identidade católica romana, mas terminava gerando um forte espírito antiprotestante sendo que o último grande ataque aos protestantes na Paraíba ocorreu em Patos, na década 1950, onde três igrejas foram atacadas e uma delas queimada.

Logo, é perceptível a ligação entre o ataque da Igreja Adventista de Baixa Verde com o que estava ocorrendo em outras partes do estado. Dentre os pontos em comum estão: os

²⁸⁸ João Cabral (1929-????) nasceu em Baixa Verde e trabalhou muitos anos na fazenda de Luiz Pereira. Chegou a fazer parte da multidão que cercou o templo de Baixa Verde, mas um pouco antes de chegar no local desistiu. Em 1950, ele se batizou na IASD e em 1964 era presidente (diretor) da Escola Sabatina de Baixa Verde.

protestantes serem chamados de bodes e novas seitas, apedrejamento, a busca em destruir as Bíblias protestantes e em agredir ou matar os pastores.

Conforme Vasconcelos (2005), era comum os protestantes serem chamados de bodes e novas seitas como forma de representação negativa. Quanto ao apedrejamento, Sylvestre (2014) cita vários casos em que ele era uma das formas mais comuns de ataques a Igrejas Protestantes feitos tanto por padres quanto por membros da Igreja Católica. A busca em destruir as Bíblias dos adventistas reflete a ideia entre os católicos de que elas eram adulteradas e do demônio e, por isso, precisariam ser destruídas. A agressão ao pastor Nigri não ocorreu apenas por estar com a Bíblia, conforme Sylvestre (2014) durante os ataques as Igrejas Protestantes, os agressores buscavam atacar e matar os pastores.

Mesmo com oposição, a Escola Primária Adventista de Baixa Verde foi fundada e chegou a ter 120 alunos durante o tempo de trabalho de Moysés Nigri na Paraíba (NIGRI, 1964b). Alguns dos professores da escola foram Joel (NIGRI, 1964b) e Natan Florêncio (NIGRI, 1941a), Milton Pinheiro (SILVA, 2019), Clarice Pereira de Melo²⁸⁹ (SILVA, 1964), Josefina, Francisca Teófila (SOARES, 2019), Edna Soares e a última professora foi Maria Pereira Soares (SILVA, 2019).

A escola chegou a funcionar em dois turnos: manhã e noite (NIGRI, 1941b). Pela manhã, as aulas começavam as 7 e iam até as 11 horas (SILVA, 2019). Algumas crianças católicas que frequentavam a Escola Primária também estavam frequentando a Escola Sabatina. Outras crianças chegaram a abandonar as suas igrejas para fazerem parte do IASD como foi o caso de uma menina que era da Igreja Evangélica Congregacional e estava aguardando o batismo em 1941 (NIGRI, 1941b). As atividades da escola foram encerradas por volta de 1972 por falta de alunos. Quando o pastor Osmar Reis fechou a escola chegou a dizer que preferia fechar uma igreja do que uma escola, porque o futuro da igreja está na juventude (SILVA, 2019).

No dia 11 de dezembro de 1948, o pastor Orlando G. Pinho²⁹⁰ realizou um batismo e uma santa ceia em Baixa Verde à beira de um lago, possivelmente na fazenda de Luiz Pereira ou nas terras de Manoel Soares. Nesse dia, treze pessoas foram batizadas sendo sete de Baixa Verde e seis da Serra das Laranjeiras. Sobre Baixa Verde foi escrito o seguinte:

²⁸⁹ Macedo (2019) e Soares (2019) (ver APÊNDICE D e E) citam como professora uma mulher conhecida como Senhorinha que tinha um filho chamado Evaldo que possivelmente era Clarice Pereira de Melo. Além dessas pessoas, Andrade (2009) também cita Neves Andrade como uma das professoras da Escola Primária Adventista.

²⁹⁰ Orlando Gomes De Pinho (1905-????). Pastor, professor e escritor. Nasceu em 8 de maio de 1905, em Pelotas, RS. Filho de Alexandre Gomes de Pinho e Alcina de Oliveira Pinho. Em julho de 1937 formou-se em Técnico em Contabilidade, credenciado pela Superintendência de Ensino Comercial, do Ministério da Educação. Em 1938 concluiu o curso de Teologia pelo Colégio Adventista Brasileiro (CAB, atual UNASP-SP). Para mais informações ver APÊNDICE U.

Baixa Verde é habitada por lavradores e criadores, gente simples e liberal. Dentre essa boa gente muitas almas sinceras se levantaram durante o ano de 1948, tomando o seu lugar nas fileiras de Jeová. Todos os irmãos e interessados amam o culto de Deus e o trabalho missionário e têm demonstrado o espírito de sacrifício dando dinheiro para a construção dum novo templo. Numa recolta feita entre o pessoal para esse fim, ficámos maravilhados do espírito voluntário que reina entre eles. Como fruto dessa liberalidade cremos que dentro de três meses teremos uma nova casa de oração, que melhor honre a presença de Deus (FEITOSA, 1949).

Não foi encontrado nada mais sobre o novo templo para qual estava sendo doado o dinheiro. Em Baixa Verde só existe um único templo que apenas passou por reforma, mas nunca mudou de lugar. É possível que esse dinheiro tenha sido usado para fazer uma reforma ao invés de uma nova construção.

2.5. Igreja Adventista de Campina Grande

Não se sabe ao certo como e quando se iniciou o adventismo em Campina Grande. O que se tem registrado é que os primeiros colportores na Paraíba iniciaram os seus trabalhos por essa cidade. Era fevereiro de 1919, os colportores L. M. Araújo, Luiz Caleb Rodrigues e seu filho David C. Rodrigues começaram os seus trabalhos em Campina Grande (RABELLO, 1919b) e ficaram na cidade até maio de mesmo ano (RABELLO, 1919f).

De acordo com Muniz²⁹¹ (1981), o primeiro adventista a morar em Campina Grande foi Fausto Luiz de Moura, mais conhecido como Fausto Alfaiate, ele se mudou para a cidade no dia 13 de maio de 1935. Com relação à origem do primeiro Grupo Adventista na cidade existem duas versões: a de Moura (2019) e a de Muniz (1981).

De acordo com Moura (2019), Antônio Bezerra chegou a criar um grupo de estudo em Campina Grande que mais tarde se tornaria a primeira Igreja Adventista da Rua Major Belmiro, contudo ele não informou a data. Para Muniz (1981) o primeiro Grupo Adventista de Campina Grande surgiu em 1936 com a chegada de José Moura, irmão de Fausto Moura, Nilo Gomes²⁹² e do missionário Jacob Kroeker.

²⁹¹ No início da década de 1980, Muniz entrevistou vários membros que eram fundadores ou família dos fundadores da Igreja Adventista de Campina Grande e criou um pequeno documento escrito a mão que está disponível no ANEXO B desse trabalho.

²⁹² Nilo Gomes (1912-2006) nasceu em Vitória do Santo Antão, Pernambuco, e ainda jovem tornou-se adventista passando a colportar. De acordo com Muniz (1981), em 1936 ele se estabeleceu em Campina Grande, contudo

Figura 12 – Nilo Gomes com os companheiros de Colportagem.



Fonte: acervo particular de Danielle Sousa Gomes Nascimento, filha de Nilo Gomes.

As reuniões aconteciam na casa do missionário Jacob Kroeker, que ficava na Rua do Progresso²⁹³ onde depois chegou a ser o prédio da Telpa (Telemear/Oi), e esse primeiro grupo era formado por Fausto, Valdevina e José Moura, Nilo Gomes, Jacob, Jacira e Elisabeth Kroeker e Domítilis. Em 1938, o grupo aumentou com a chegada de Aurelina, João Avelino e famílias, então alugaram uma casa na Rua Major Belmiro²⁹⁴, número 240, que mais tarde foi comprada tornando-se o primeiro templo adventista da cidade.

As duas versões são coerentes, plausíveis e é possível que sejam complementares. Talvez Antônio Bezerra, por ser um homem influente e conhecer muitas pessoas na região, tenha iniciado um Grupo Adventista em Campina Grande que pode ter sido dissolvido com o tempo ou ter tido continuidade com Fausto Moura e com a chegada de outros adventistas.

É importante salientar que os grupos não eram isolados. O próprio Fausto ia ajudar nos trabalhos missionários em Baixa Verde (BARBOSA, 2009) e não é difícil concluir que os

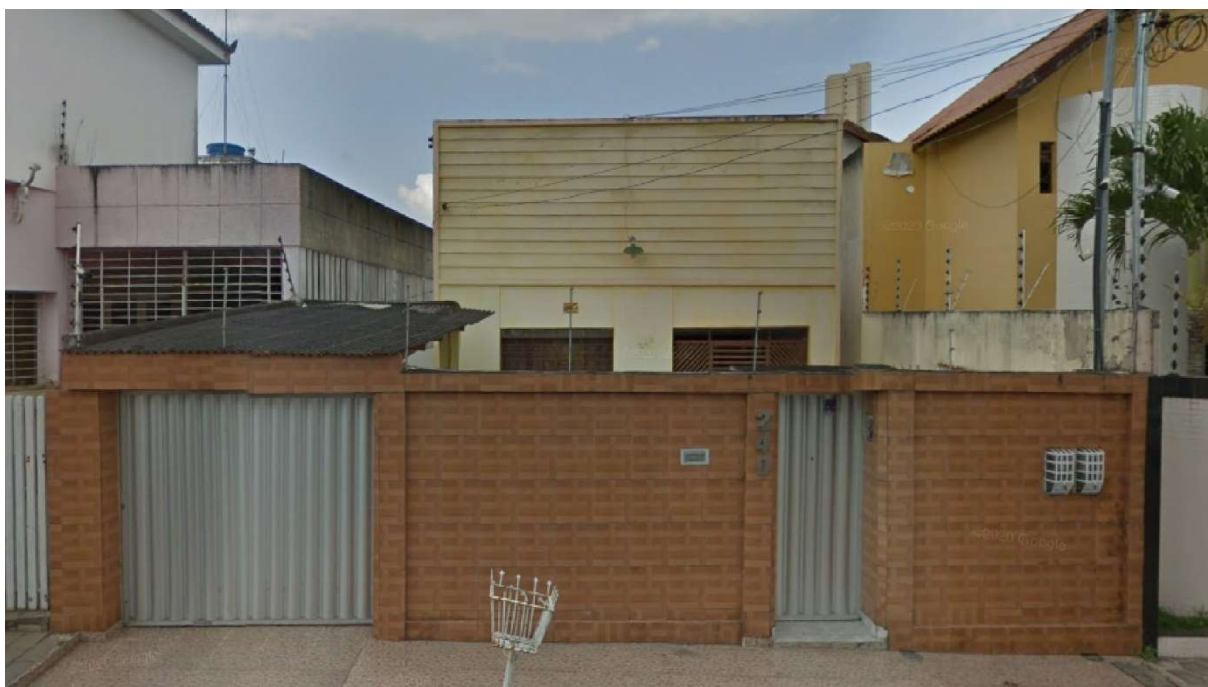
continuou trabalhando de colportor. Contudo, para Nascimento (2021) (ver APÊNDICE K), ele teria ido morar em Campina Grande próximo de 1947 porque foi nesse ano que ele começou a trabalhar como vidraceiro. Para mais informações ver APÊNDICE U).

²⁹³ Atualmente, existe uma rua em Campina Grande com esse nome, contudo, de acordo com França (2015), a Rua Visconde de Pelotas, também era conhecida como a Rua do Progresso.

²⁹⁴ Israel Zorub (1943) diz que primeiro foi alugado um local e depois foi comprado um terreno onde construíram uma igreja. É possível que a igreja da Rua Major Belmiro tenha sido construída e não alugada para depois ser comprada.

adventistas de Baixa Verde fossem para Campina Grande. Além disso, em 1940, Jerônimo Garcia (1940), diretor da Missão Nordeste, escreveu que Jacob Kroeker era dirigente da região e não apenas de Campina Grande.

Figura 13 – Local onde funcionava a Igreja Adventista de Campina na Rua Major Belmiro.



Fonte: acervo particular do autor.

Conforme já havíamos dito, no dia 24 de fevereiro de 1940, ocorreu um conflito religioso em Baixa Verde onde cerca de trezentas pessoas apedrejaram o prédio da Igreja Adventista e agrediram o pastor Moysés Nigri. Nesse dia, alguns adventistas de Campina Grande estavam presentes como Fausto e José Moura (VIANA, R. 2019). Ainda em 1940, possivelmente em junho ou julho, o pastor Nigri e o obreiro Cleóbulo Carvalho²⁹⁵, realizaram uma série de conferências em Campina Grande (OLSON, 1940c).

Como morava em João Pessoa, Nigri ficou preocupado em deixar a esposa sozinha na cidade. Então ele tentou argumentar com Jeronimo Garcia, então presidente da Missão Nordeste, para não o enviar para cidade, mas ele ouviu o seguinte: “Moysés, sinto muito, mas a ordem é de você ir para Campina e junto com o Cleobulo realizar esta série! Pronto!” (NIGRI, 1960c). Depois dessa resposta, Nigri não argumentou mais e foi à Campina Grande realizar a série de conferências.

²⁹⁵ O mesmo que havia iniciado uma série de conferências em João Pessoa com o pastor Passos em 1937.

De acordo com Nigri (2014), os resultados não foram positivos por causa da falta de experiência e da oposição das Igrejas Católicas e Protestantes. Durante o período em que esteve em Campina Grande, Nigri passava três meses em uma pensão e ia pra casa um ou duas vezes por mês. Contudo, eles não foram um completo fracasso, pois Davis (1940) escreveu que no final de 1940, Cleóbulo Carvalho tinha terminado uma série de conferências e havia muitos interessados.

Uma das pessoas que se interessaram pelo adventismo nessa época foi Irene de Brito Lyra²⁹⁶ (NIGRI, 1960b). Contra a vontade do marido, ela começou a frequentar a IASD e chegou a ser espancada por ele quando foi batizada em 1943 (MUNIZ, 1981) pelo pastor Oscar Castellani, então presidente da Missão Nordeste (CONARD, 1944). Ao que tudo indica, Moysés Nigri ficou em João Pessoa enquanto Cleóbulo Carvalho estava em Campina Grande, pois em fevereiro de 1941 consta Cleóbulo trabalhando na cidade²⁹⁷ (CASTELANNI, 1941).

No final de 1941, outra série de conferências é realizada funcionando duas noites por semana e também estava havendo uma distribuição de literatura. Todos esses esforços fizeram com que o número de membros da Escola Sabatina dobrasse e a igreja fosse organizada em 1942. Sobre a sua organização foi escrito o seguinte: “na Missão Nordeste acabam de ser organizadas mais três igrejas, respectivamente em Maceió, Campina Grande e Natal. Com isso duplicou o número de igrejas organizadas naquela Missão. As três que já havia anteriormente, encontram-se todas em Recife” (NOVAS..., 1942). Desta forma, a igreja de Campina Grande foi a primeira Igreja Adventista organizada na Paraíba.

De acordo com Muniz (1981), o primeiro pastor a residir em Campina Grande foi Israel Zorub, contudo ele não soube dizer o ano em que isso aconteceu. Zorub começou a trabalhar como missionário na Missão Nordeste em 1941 (CONARD, 1942), porém em 1942, o mesmo ano da organização da Igreja de Campina Grande, ele se torna um pastor (CONARD, 1943). É possível que ele tenha começado a trabalhar como missionário em Campina Grande em 1941 e

²⁹⁶ Irene Ferreira de Brito Lyra (1906 – 1974) é considerada uma das pioneiras da Igreja Adventista de Campina Grande. Toda a sua família era da Igreja Evangélica Congregacional dessa cidade que tinha como pastor João Clímaco Ximenes. Certo dia, ela estava lendo a Bíblia e encontrou textos que mandava guardar o sábado, então ela foi perguntar ao pastor Ximenes que falou que a guarda do sábado havia sido abolida na cruz. Outro dia, ela estava indo a feira quando viu algumas pessoas cantando no dia de sábado, depois de deixar a feira em casa ela foi atrás dessas pessoas e se deparou com o pastor Israel Zorub. Ela fez várias perguntas e o pastor respondeu e começou a dar estudo bíblico a ela que ia escondido para que o marido não soubesse. Para mais informações ver APÊNDICE U.

²⁹⁷ Outro obreiro que trabalhou em Campina Grande foi Ataliba Abreu Netto. Em 1954, ele foi transferido de Campina Grande para Itabuna, Bahia (NETTO, 1957). Não se sabe ao certo quando foram iniciados os seus trabalhos em Campina Grande, mas deve ter ocorrido no final de década de 1940, pois nesse período que ele terminou as suas séries de conferências em João Pessoa. Além dele, João Isídio da Costa e sua equipe realizaram, em 1958, uma série de conferências em Campina Grande (BELZ, 1958). Além de João Isídio da Costa, a equipe era formada S. T. Lira, Tarsília Caldas e Dilza M. da Costa (COSTA, 1959).

depois, com a organização da igreja, ele se tornou pastor dela. Essa hipótese ganha força com a publicação de Zorub em 1943 que diz:

creio, prezados irmãos, ser meu dever relatar-vos aquilo que Deus tem feito por nós aqui em Campina Grande, cidade paraibana. Somos um pequeno grupo, recentemente organizado em igreja. Não tínhamos lugar próprio onde nos reuníssemos: estávamos num salão excessivamente apertado, e pouco convidativo. Lutávamos mensalmente com os problemas do aluguel. Li no espírito de Profecia que onde quer que se levante um grupo de fiéis guardadores do sábado, deve-se erigir um monumento à verdade, a fim de que o mundo não diga: "Este povo que não tem igreja, não inspira confiança." Falei a um de nossos irmãos sobre nossa necessidade, e perante Deus combinámos abrir uma lista, e correr as principais firmas do lugar, solicitando donativos, com o fim de construir uma igreja. Dias depois avisaram-me que um senhor, outrora interessado na verdade, propusera-se fazer boa contribuição: disseram-me que daria cinco mil cruzeiros. "Quando a esmola é grande, o santo desconfia", e quase não podíamos crer. Convidei um irmão alfaiate, e nos dirigimos à dita casa, e não era de nosso propósito tomar a iniciativa de abordar o assunto. Ali encontrámos um sócio da firma em questão, e sem que disséssemos qualquer coisa, perguntou-nos quanto o companheiro havia prometido, e prometeu-nos três mil cruzeiros. Tudo isso, porém, só era questão de palavras. Uns dias depois, tivemos ocasião de nos avistar com o chefe da firma: quando lhe apresentámos o cartão de solicitador, assinou a quantia de cinco mil cruzeiros, e sua esposa também subscreveu dois mil cruzeiros, seguindo-se o sócio, que assinou os três mil cruzeiros prometidos. Que bela recorta! Dez mil cruzeiros em poucos minutos. Preciso confessar que o choque da excelente surpresa nos abalou fortemente o coração. Com alguns outros donativos, e algumas vantagens conseguidas na compra de terreno, materiais, etc. hoje, graças ao bom Deus, temos igreja própria onde nos reunir (ZORUB, 1943, p. 10).

Zorub dá a entender que estava em Campina Grande antes da organização da igreja. Ele estava na cidade quando o local onde se reunião era alugado e descreve como foi o processo para a compra do terreno e a construção da nova igreja que seria a localizada na Rua Major Belmiro. Desta forma, é possível dizer que Zorub estava em Campina Grande desde 1941.

Em 1944, o missionário João Carvalho (CONARD, 1945), estava trabalhando em Campina Grande. Eles estavam organizando a Semana de Oração da Juventude e escreveu:

Procuramos também cultivar, durante esta Semana de Oração, o belo costume de pequenos cultos de oração, familiares, repetidos duas ou três vezes por dia em cada lar; o êxito foi excelente e sem igual. No fim da Semana, podíamos notar rostos alegres, corações repletos de alegria, expressões sequiosas de mais comunhão com o nosso Deus (CARVALHO, 1944).

Ao que tudo indica, Cleóbulo Carvalho não estava mais atuando como obreiro em Campina Grande e João Carvalho foi enviado para substituí-lo. Não se tem mais registros entre 1944 e 1950, ano final do recorte histórico desse trabalho, sobre o adventismo nessa cidade,

contudo é importante falar como a Igreja da Major Belmiro foi transferida para o local que se encontra hoje na rua Coronel João Lourenço Porto, número 101.

Desde 1956 que se tem registrado o interesse em construir um novo templo em Campina Grande. Murray, presidente da Divisão Sul- Americana, escreveu que nesse ano existiam nessa cidade quinze membros batizados e uma Escola Sabatina com trinta pessoas. Devido à localização da cidade, planejavam construir um novo templo com capacidade para trezentas ou quatrocentas pessoas e depois realizar reuniões evangelísticas. Quatro Colportores estavam trabalhando na cidade e preparando os esforços evangelísticos (MURRAY, 1956).

Para ajudar na construção da igreja, uma pequena parte das ofertas do décimo terceiro sábado do segundo trimestre da Escola Sabatina²⁹⁸ do mundo inteiro foram direcionadas para esse fim (THE NEXT..., 1956). Contudo, esse dinheiro nunca chegou em Campina Grande, pois no dia 3 de janeiro de 1957 a Conferência Geral dos Adventistas votou em destinar o valor adquirido para outras igrejas mais necessitadas (ONE HUNDRED...1957).

Em 1960, Moysés Nigri (1960) escreveu que enquanto visitava Campina Grande foi na casa do pastor João Isidio da Costa²⁹⁹. Ele estava viajando, mas a sua esposa, Dilza, estava dando aula na Escola Primária adventista da cidade onde havia cerca de trinta e cinco alunos. Não foi encontrado nada sobre quando foi formada a escola e sobre a sua localidade, mas possivelmente ela tenha sido criada pelo pastor João Isidio e funcionava ou na sua casa ou na igreja. A igreja ainda se localizava na Rua Major Belmiro, mas já haviam comprado o terreno³⁰⁰ bem localizado para se construir uma igreja maior.

Em 1962, inicia-se a gestão do pastor Severino Tavares Lira (BELZ, 1962), ele morava na Rua Major Belmiro, número 148, onde atualmente fica o Edifício Jeová Jireh III. Ele lançou a pedra fundamental da construção colocando uma Bíblia bem no centro da igreja. Ele também realizou uma série de conferências no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio que ficava na rua Cardoso Vieira (MUNIZ, 1981).

²⁹⁸ A IASD tem como costume direcionar partes das ofertas do décimo terceiro sábado do trimestre, último sábado do trimestre, para uma região específica. Nesse trimestre, a Divisão Sul-Americana tinha sido escolhida.

²⁹⁹ João Isidio Da Costa (1921-2013) era pastor e nasceu em Taquaritinga do Norte, PE. Filho de Capitulino Balbino da Costa e Maria Francisca da Costa. Ao longo de sua infância, mudou-se juntamente com sua família por três vezes e, finalmente chegou a Recife. Para mais informações ver APÊNDICE U.

³⁰⁰ A Missão Nordeste tinha enviado dinheiro para aquisição do terreno no início de 1960 (BELZ, 1960).

Figura 14 – Batismo de Maria José de Brito Lyra.



Fonte: Lira (1964).

Ainda na gestão do pastor Severino Tavares Lira, em 1964, o Prof. Frederico Gerling realizou duas séries de conferências na cidade “uma no auditório da Rádio Borborema e outra no auditório do Grupo Escolar” (BELZ, 1964). Auxiliando o professor estavam o pastor Lira e quatro colportores. Dessas conferências, conseguiram quatrocentos endereços de pessoas que queriam receber estudos bíblicos. No final da gestão do pastor Lira, a Escola Sabatina possuía setenta e quatro membros, mas nem todos eram batizados. No último batismo que ele realizou, no dia 28 junho de 1964, foram batizados Alonso José Alves, Maria José de Brito Lyra, Arlindo e a mãe de Arlindo (ALVES, 2020³⁰¹).

Em julho de 1964 (RODRIGUES, 1970), começa a gestão do Pastor Alcides Rodrigues Cruz³⁰² onde é iniciada a construção da igreja (RODRIGUES, 1965). De acordo com Alves (2020), um dos motivos para a construção da igreja demorar tanto a iniciar foi a intolerância religiosa de outras denominações protestantes. Próximo da construção da igreja havia uma Igreja Batista em que seus membros não gostaram da pouca distância entre as duas igrejas. Então eles pediram ao pastor da Igreja Congregacional, que trabalhava na prefeitura, não deixarem aprovar o projeto para construção. A construção só foi para frente quando um

³⁰¹ Ver APÊNDICE N.

³⁰² Alcides Cruz Rodrigues (1931 -????) foi pastor e nasceu no dia 7 de outubro de 1931, no município de Álvares Machado, SP. De Álvares Machado, juntamente com sua família, mudou-se para Presidente Prudente, SP. Em 1953 estudou no Rio de Janeiro, e no início de 1954 foi para o ENA (Educandário Nordestino Adventista), onde começou a cursar Teologia. Para mais informações ver APÊNDICE U.

engenheiro vindo de Recife, da Missão Nordeste, foi à Prefeitura e exigiu que assinassem o projeto para permitir a construção.

O dinheiro para a construção foi levantado através dos membros e da União Este Brasileira. Também foram recebidas doações de material de construção do então prefeito Severino Cabral³⁰³ e do comércio local. Nesse meio tempo, 1965, o prédio do templo da Major Belmiro foi vendido.

O dinheiro arrecadado da venda só deu para fazer a base, então o Pastor Barbosa do ENA (Educandário Nordestino Adventista) fez uma campanha que conseguiu juntar dinheiro para cobrir a nova construção (ALVES, 2020). Alguns dos membros que auxiliaram na construção do novo templo foram João Batista de Brito Lyra³⁰⁴, José de Brito Lyra³⁰⁵, Nilo Gomes e José Barbosa (MUNIZ, 1981).

João Batista vendeu uma casa de veraneio e uma lancha e doou todo o dinheiro para a construção. Além disso, doou a mesa da Escola Sabatina, o púlpito com as cadeiras, as bandejas para o pão e o vinho da santa ceia e um relógio de parede. José de Brito doou o mosaico para o piso e fez outras doações em dinheiro. Nilo Gomes doou todos os vidros para as portas e janelas e José Barbosa doou o que tinha de mais valioso, a sua aliança de casamento.

A construção era realizada aos domingos pelos membros da igreja (RODRIGUES, 1970). Sob o sol escaldante, eles faziam os tijolos, amassavam o barro e lançavam as colunas. Aos poucos, as paredes foram sendo erguidas e o trabalho avançava cada vez mais. Em maio de 1966, os cultos começaram a ser realizados na igreja inacabada. O pastor Alcides Rodrigues não pode concluir a construção porque foi transferido para Recife em dezembro de 1966, mas a construção continuou com o pastor Irajá da Costa e Silva.

A construção estava quase pronta em 1968. A fachada já estava feita e estavam rebocando as laterais (BELZ, 1968). O templo foi inaugurado oficialmente no dia 6 de janeiro de 1969, às 20 horas durante a gestão do pastor Irajá da Costa³⁰⁶. Antes da inauguração da igreja, houve a (re)inauguração da Escola Adventista que a partir de então receberia o nome de José

³⁰³ Severino Bezerra Cabral (1897 -1970) foi prefeito de Campina Grande entre 1959 e 1963. Ele foi precedido por Elpidio José de Almeida e sucedido por Newton Vieira Rique.

³⁰⁴ João Batista de Brito Lyra era filho de Irene de Brito Lyra. Enquanto era criança frequentava a Igreja Adventista, mas ao crescer saiu da igreja e passou catorze anos sem frequentá-la. Certa vez estava no Açude de Boqueirão concertando a sua lancha e enquanto isso ouvia o programa *A Voz da Profecia*, da Igreja Adventista, e sentiu vontade de voltar a frequentar a igreja. Para mais informações ver APÊNDICE U.

³⁰⁵ José de Brito Lyra era cunhado de Irene de Brito. Ele era um homem muito rico e muito católico. Para mais informações ver APÊNDICE U.

³⁰⁶ José Irajá Da Costa Silva (1938 -????) foi pastor e Nasceu em Fortaleza, Ceará, em 7 de setembro de 1938. Filho de Francisco Xavier da Costa e Silva e Iracema Garcia. Em Caruaru, fez o preparativo de admissão a ginásio na escola adventista. O Ginásio cursou em um colégio batista. O Científico, em um colégio particular em Fortaleza. Em 1961 foi para o ENA cursar Teologia. Formou-se em 1964. Para mais informações ver APÊNDICE U.

de Brito Lyra (PROGRAMA..., 1969). A escola funcionaria na parte debaixo da igreja (MELO, 2020³⁰⁷).

Às 20 horas se iniciou o culto com as boas vindas do pastor da distrital Irajá. A apresentação foi feita pelo pastor Altino Martins³⁰⁸, presidente da Associação Nordeste. O sermão foi realizado pelo pastor Moysés Nigri, secretário da Divisão Sul-Americana, o ato de dedicação pelo pastor Walter Streithorst³⁰⁹ e a benção pelo pastor Rodolfo Belz³¹⁰, secretário da Divisão Sul-Americana.

Nos agradecimentos foram citadas três pessoas: José de Brito Lyra, João Batista de Brito Lyra e o pastor Alcides Cruz. Os dois primeiros pelos seus esforços e dedicação na construção da igreja e o terceiro por ter dado o impulso inicial para construção. Por essa época, a igreja de Campina Grande já contava com aproximadamente trezentos membros (RODRIGUES, 1970).

2.6. Igreja Adventista de João Pessoa

A cidade de João Pessoa foi a última capital dos estados da Missão Nordeste a ter um templo adventista. O primeiro empreendimento missionário na capital ocorreu em 1919, mas, depois disso, a cidade foi praticamente esquecida pela liderança da IASD até o final da década de 1930. Em 1937 o adventismo se estabelece de forma contínua nela, porém apenas em 1950 ocorre a construção do primeiro templo adventista da capital paraibana.

2.6.1. Implantação do primeiro Grupo Adventista da capital

Até onde se tem registrado, o início do trabalho evangelístico na cidade Parahyba do Norte (João Pessoa) ocorreu com a chegada dos colportores Luiz Caleb Rodrigues, David C.

³⁰⁷ Ver APÊNDICE L.

³⁰⁸ Altino Martins (1917-1997) foi pastor administrador. Nasceu em 29 de maio de 1927, em Ribeirão Preto, SP. Formou-se em Teologia, no antigo CAB (UNASP-SP), em 1940, ingressando em seguida no ministério pastoral. Para mais informações ver APÊNDICE U.

³⁰⁹ Walter Streithorst (1919 -????) foi pastor e administrador. Nasceu em 1919 no Rio Grande do Sul. Introduziu seus estudos em Teologia na Alemanha e concluiu o curso em 1940 no CAB, atual UNASP-SP. Para mais informações ver APÊNDICE U.

³¹⁰ Rodolfo Belz (1898-1978). Pastor, administrador e escritor. Nasceu no dia 27 de julho de 1898, no distrito de Gaspar Alto, Brusque, SC. Filho de Gertrudes Waggoner e Francisco Belz. No dia 17 de dezembro de 1922, formou-se na primeira turma de teologia no Colégio Adventista Brasileiro (CAB), cujo lema era Rumo ao Mar, e também na Escola Superior de Filosofia em São Paulo. Para mais informações ver APÊNDICE U.

Rodrigues e L. M. Araújo em agosto de 1919³¹¹ (RABELLO, 1919c). Depois deles, trabalharam na capital as colportoras Amélia de Mello, de novembro de 1919 a fevereiro de 1920, e Maria Mathilde, de novembro de 1919 a junho de 1920.

Sobre o período de trabalho delas, Amélia de Mello escreveu o seguinte:

O anjo do Senhor acampa-se em' redor dos que o temem, e os livra. Ps. 34 : 7 . Eis uma verdade que também eu tenho experimentado neste campo, onde em companhia da presada irmã Maria Mathilde labuto na faina nobre da colportagem. Foi real o nosso sucesso e das bênçãos de Deus tivemos abundância. E como ser de outro modo si a própria imprensa norte-parahybana incumbiu-se de recomendar as nossas obras literárias? O resultado não se fez esperar, pois tais tem sido as nossas vendas que temos a certeza que Deus está conosco, assegurando-nos ainda de sucessos futuros. Nas vossas orações, irmãos, mencionai a Obra na Parahyba do Norte, pois contrista deveras ver-se como pontificam no erro os nossos patrícios deste torrão privilegiado (MELLO, 1920).

Não se sabe quais foram os resultados dessas colportoras na cidade, mas possivelmente não conseguiram criar nenhum Grupo Adventista. Cerca de dois anos depois, João Inácio Damasceno chega à capital e ficou trabalhando nela por dois meses, maio e junho de 1922 (RABELLO, 1922b). Mas também, nada se sabe sobre o progresso dele na cidade. Entre 1922 a 1937 as únicas notícias sobre João Pessoas são que a cidade tinha um único membro da IASD³¹², contudo não tinha nenhum grupo ou igreja (STORCH, 1930, p.10). A não existência de grupos ou igreja na capital paraibana também é repetida em 1932 (STORCH, 1932b).

Em 1937, finalmente inicia-se um estabelecimento contínuo da IASD em João Pessoa. A comissão da Missão Nordeste designou o ministro José R. do Passos e o obreiro Cleobulo Carvalho para trabalhar na cidade. Passos era o primeiro ministro (pastor) adventista da Paraíba. Ele ficou lotado na capital Paraibana e teve como foco o estabelecimento de um Grupo Adventista. Sobre sua chegada a João Pessoa, ele escreveu o seguinte:

Há muito se fazia sentir a necessidade de estabelecer a obra de Deus na bela capital do prospero Estado da Parahyba do Norte. Não tínhamos nenhum grupo nem mesmo um adventista sequer na terra do ex-presidente Epitácio e do herói João Pessoa, que deu seu nome à capital. Finalmente chegou o dia para esta cidade ouvir as boas novas

³¹¹ De acordo com Rodrigues (2005) (ver Anexo I), os colportores chegaram à capital paraibana em 1917, contudo não foi encontrada nenhuma prova documental. Segundo o mesmo, o primeiro obreiro a atuar no estado foi Orlando em 1937, mas também não foi encontrado nada a respeito.

³¹² Esse membro era uma mulher que morava na capital Paraibana. De acordo com Moura (2019) e com Raquel Viana (2019), Antônio Bezerra e Sindolfo Barbosa colportaram em João Pessoas e por outras cidades da Paraíba e, segundo Andrade (2019) (ver APÊNDICE F), eles colportaram antes de iniciar o grupo adventista de Serra das Laranjeiras. A conversão deles ocorreram por volta de 1925 a 1927 sendo uma data muito próxima dessa publicação. De acordo com Moura, eles chegaram a iniciar um grupo no bairro de Cruz das Armas na capital paraibana e talvez essa mulher tenha sido a última pessoa que sobrou dele.

de salvação. A comissão da Missão votou que o jovem obreiro Cleobulo Carvalho e eu nos transportássemos com nossas respectivas famílias para estar capital, afim de darmos a última mensagem e preparar um povo para a breve volta de Cristo (PASSOS, J. 1937a, p. 8).

Figura 15 – José R. dos Passos.



Fonte: Centro White Brasileiro (2021b)

Não se tem registrado nada sobre o que aconteceu à única adventista da capital paraibana de 1930, porém Passos relata que não existiam adventistas na cidade. Ele e Cleobulo Carvalho chegaram a João Pessoa no final de abril, mas os colportores Severino Pereira e Nilo Gomes já se encontravam na cidade e os ajudariam nas conferências.

Inicialmente, a maior dificuldade que tiveram foi encontrar um salão para realizar as conferências³¹³. Depois de muita procura encontraram um que não era o ideal. Apesar no mal tempo de inverno, iniciaram as conferências no dia 16 de maio de 1937³¹⁴ na União Operária

³¹³ O estilo de conferências bíblicas utilizadas pelos adventistas se baseava no modelo de evangelismo urbano que foi inicialmente utilizado por John Lipke em Santo Amaro, Bahia, em 1915. Apenas na metade da década de 1930, esse método é aperfeiçoado por Walter Schubert onde consistia em palestras que aos poucos iam sendo acrescentados os temas bíblicos, mas havia dias separados para temas de saúde, que incluía tratamentos hidroterápicos e aulas de culinária, e dias de visitas aos interessados (GREENLEAF, 2011).

³¹⁴ O pastor Passos faz duas citações sobre o dia do início das conferências em João Pessoa. A primeira publicação dele diz que foi no dia 16 de maio de 1937 (PASSOS, J. 1937a) e a segunda diz que foi no dia 15 maio de 1937

Beneficente, Rua Índio Piragibe, número 74 (PASSOS, J. 1937b). O auditório não foi o que esperavam e o salão nunca esteve completamente cheio.

Figura 16 – Conferências públicas adventistas na União Operária Beneficente (1937 ou 1946).



Fonte: Acervo particular de Davi Pessoa.

A figura 16 mostra um grupo de pessoas, a maioria eram mulheres e crianças, que estavam participando das conferências em João Pessoa. Davi Pessoa, membro da IASD central de João Pessoa, não soube dizer se a foto se refere às conferências que ocorreram em 1937 com o pastor Passos ou em 1946 com Ataliba Abreu Netto³¹⁵. Contudo, ela serve para ter noção de como era o local das duas conferências. Na parte legível da placa está escrito *Conferências Públicas*, logo abaixo tem *História, Ciência e Religião*. No centro não dá para entender e por último *Sois Bem Vindo*.

As conferências foram divulgadas nos jornais e boletins³¹⁶. Além disso, foram distribuídas literaturas nas conferências, nas casas e pelos correios, sendo que até o governador

(PASSOS, 1938b). Contudo, a data correta é dia 16 de maio, pois é um domingo e a primeira conferência de Passos ocorria no domingo, terça, quinta e sexta.

³¹⁵ Ataliba Abreu Netto (1914- ????) foi colportor, professor e pastor. Nasceu no dia 7 de junho de 1914 em Lages, SC. Filho de Pedro Hugo A. Netto e Francisca Abreu Netto. Concluiu o curso de Odontologia e Farmácia em 1936. Em 1941 diplomou-se em teologia no CAB (UNASP-SP). Para mais informações ver APÊNDICE U.

³¹⁶ R. T. Baer (???? - ????), presidente da Conferência Argentina, foi um dos primeiros líderes da IASD a incentivar o uso dos jornais locais para a divulgação das crenças adventistas (GREENLEAF, 2011). Ele promoveu essa ideia em 1916 durante a sessão organizacional da Divisão Sul-Americana na cidade de Lá Plata. Dessa forma, os jornais tornaram-se um meio de levar o adventismo ao público nas regiões urbanas.

recebia cada semana dois exemplares das *Boas Novas*. O jornal *A União* foi um dos lugares em que elas foram divulgadas. Nesse jornal foram encontradas quatro publicações sobre a primeira série de conferências e uma da segunda como segue no quadro abaixo.

Quadro 6 – Conferências do pastor Passos em João Pessoa	
Título	Data de publicação
Conferências Adventistas na Sede da União Operária	23 de maio
Conferências Evangélicas Adventistas	30 de maio
Conferências Religiosas	6 de junho
Conferências Evangélicas Adventistas	20 de junho
Conferências Públicas	5 de setembro
Fonte: Publicações do pastor Passos na secção vida religiosa no Jornal A União no ano de 1937 ³¹⁷ .	

É possível perceber que os títulos das publicações ficavam mudando. Possivelmente essas mudanças tenham sido ocasionadas para tentar atrair o máximo de pessoas. A primeira possui o nome da igreja e o local das conferências, desta forma as pessoas que tiveram contato com literatura adventista seriam facilmente atraídas em saber que a IASD estava organizando conferências na cidade.

Alguns títulos possui o nome *evangélicas* e enquanto outras omitem o nome adventistas. Isso talvez fosse uma forma de atrair protestantes e de burlar a oposição crescente a IASD na cidade. Essa oposição vinha de algumas denominações que não a consideram uma igreja protestante e/ou evangélica³¹⁸ por causa da guarda do sábado e por considerar Ellen G. White como profetisa.

A primeira série de conferências era realizada nos domingos, terças, quintas e sextas (PASSOS, J. 1937b). De domingo a quinta o pastor Passos e o obreiro Carvalho tratavam de assuntos doutrinários. Às sextas ficavam reservadas para as palestras de Saúde com Adelina B. Passos que era esposa do pastor José R. dos Passos. As músicas eram executadas pela professora

³¹⁷ Publicações no Anexo D.

³¹⁸ É possível perceber essa oposição em um artigo que o padre João Felix de Medeiros comenta, num tom de crítica, as palavras do professor Antônio Sales no *O Norte Cristão* onde ele chama os adventistas e outras denominações de hereges e não evangélicos (MEDEIROS, 1948). Sales teria dito que os adventistas do sétimo dia, os mormos, as testemunhas de Jeová e os pentecostais procuravam capciosamente se abrigar a sombra do protestantismo. Ele também fala que eram semelhantes a “feiticeiros, macumbeiros, assassinos de toda a espécie, ladrões, adúlteros, bebedores e anarquistas que vivem rezando, confessando-se e ingerindo a hóstia eucarística na igreja romana” (MEDEIROS, 1948, p. 6). Tais grupos não faziam parte do que Sales chama de protestantismo genuíno. Essas declarações são importantes para entender como as outras denominações protestantes viam a IASD e explicar a oposição delas frente ao adventismo.

Yolanda, esposa de Cleobulo Carvalho. Além das conferências, Adelina também atuou como enfermeira e parteira atendendo em domicílio ou na sua residência na avenida João Machado, número 384³¹⁹ (PASSOS, A. 1937).

Assim que começou a primeira série de conferências, algumas igrejas protestantes começaram a fazer programações contra a IASD. Logo abaixo da publicação da IASD, a Igreja Presbiteriana publicou que às 19 horas, no templo da praça 1817, iniciaria “uma série de conferências dominicais de controvérsia religiosa sobre o sabatismo, o pastor reverendo Josibias Marinho, discutindo o seguinte tema: O Sábado” (VIDA..., 1937a). Algumas semanas depois, 6 de junho, o mesmo reverendo discutiu sobre *o domingo a luz da Bíblia e da história* (BÍBLIA..., 1937b).

O Embate com o adventismo não parou por aí. Em agosto do mesmo ano a Igreja Presbiteriana publicou que

as 19 horas no templo da praça 1917 [...] o reverendo Josibias Marinho, pastor da igreja, realizará uma conferência sobre o seguinte assunto: POSSUI O HOMEM UMA ALMA INDIVIDUAL E IMORTAL obedecendo o seguinte esboço: 1. Materialismo e sabatismo. 2. Argumentos filosóficos e bíblicos em favor da existência da alma individual e imortal do homem. 3. Absurdos a que é conduzido a própria doutrina da negação da existência da alma humana individual e imortal. A seguir serão discutidos os seguintes assuntos: 1. As penas eternas. 2. O aniquilamento dos ímpios (VIDA..., 1937d).

Todos os assuntos abordados envolviam doutrinas adventistas. A IASD não acredita em uma alma imortal, para ela o ser humano é uma alma. O homem seria composto pela parte física, o corpo, e o espírito, o folêgo de vida, e a morte é semelhante a um sono. Desta forma, ele fica esperando inconscientemente na tumba até ressuscitar na segunda vinda de Jesus ou após os mil anos. A Igreja Adventista também possui a crença na aniquilação dos ímpios antes da restauração do planeta Terra ao invés do sofrimento eterno. Sendo essas crenças diferentes da maioria das denominações protestantes. Desta forma, a palestra possui um caráter antiadventista.

Os líderes da igreja presbiteriana talvez tenham se sentidos ameaçados com as conferências adventistas e por isso criaram séries contra o sabatismo, ou seja, a IASD. Sobre a oposição das denominações protestantes José R. dos Passos (1937a) escreveu o seguinte: “apesar das oposições cruentas por parte dos pastores protestantes que só nos chamam de

³¹⁹ Atualmente não existe o número 384 na rua João Machado, o número mais próximo é o 394 onde fica a Procuradoria Geral do Estado. Ou houve uma renumeração na rua ou a casa foi demolida.

hereges e de hospedes indesejáveis, a Obra de Deus está conquistando terreno, e a verdade pura encontra eco nos corações sinceros e amantes da Palavra de Deus” (PASSOS, J. 1937a, p. 8).

Esses corações sinceros eram as pessoas que abandonavam as suas denominações para se unir a IASD. De acordo Passos J. (1937a), vários protestantes foram eliminados das suas igrejas por estarem assistindo às conferências. Mesmo com esses embates, o pastor Passos inicia uma nova série de conferências no dia 5 de setembro de 1937 na então rua Diogo Velho número 318 (Parque Solon de Lucena). As conferências ocorreram no *Centro dos Chauffeurs* (Passos J. 1937f), atual Sindicato dos Taxistas e Caminhoneiros da Paraíba³²⁰.

³²⁰ Em 1940, o Centro dos Chauffeurs mudou de nome para Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários de João Pessoa (SINDICATO..., 1942). E posteriormente para Sindicato dos Taxistas e Caminhoneiros da Paraíba. Apesar de não ter mudado de lugar, o endereço atual é Parque Solon de Lucena, número 62.

Figura 17 – Sindicato dos Taxistas e Caminhoneiros da Paraíba.



Fonte: Sindicato (1942).

Após a primeira série de conferências, Cleobulo Carvalho e sua esposa foram enviados para trabalhar em Natal. Desta forma, a segunda série de conferências passou a ser às 19 horas nos domingos, quartas e sextas. As palestras eram apenas sobre as doutrinas da IASD e, aparentemente, Adelina B. Passos parou de ministrar palestras, pois na programação não consta temas voltados à saúde (PASSOS, J. 1937f).

Além da segunda série de conferências, Passos ainda pregava em duas casas particulares. Ele também estava estudando a Bíblia com vinte e cinco pessoas sendo que seis já haviam começado a guardar o sábado e outras estavam se preparando para isso. Ademais, ele

tinha organizado uma Escola Sabatina com vinte e uma pessoas no salão que iniciaram a segunda série de conferências (PASSOS, J. 1937a)

Entre os dias 24 a 26 de dezembro de 1937, logo após a segunda série de conferências, Passos cria uma programação especial para comemorar a inauguração do Grupo Adventista em João Pessoa na rua Artur Aquiles número 111 (ver figura 18³²¹). Na sexta-feira, dia 24, as 19:30, houve uma conferência intitulada *Jesus o Delegado das Nações*. No sábado pela manhã houve a Escola Sabatina e depois o sermão *O Melhor Amigo* e, as 19:30, teve a programação de natal e projeção luminosa com o título *A Vida de Jesus*.

Figura 18 – Rua Artur Aquiles com calçamento novo em 1939.



Fonte: O Novo (1939).

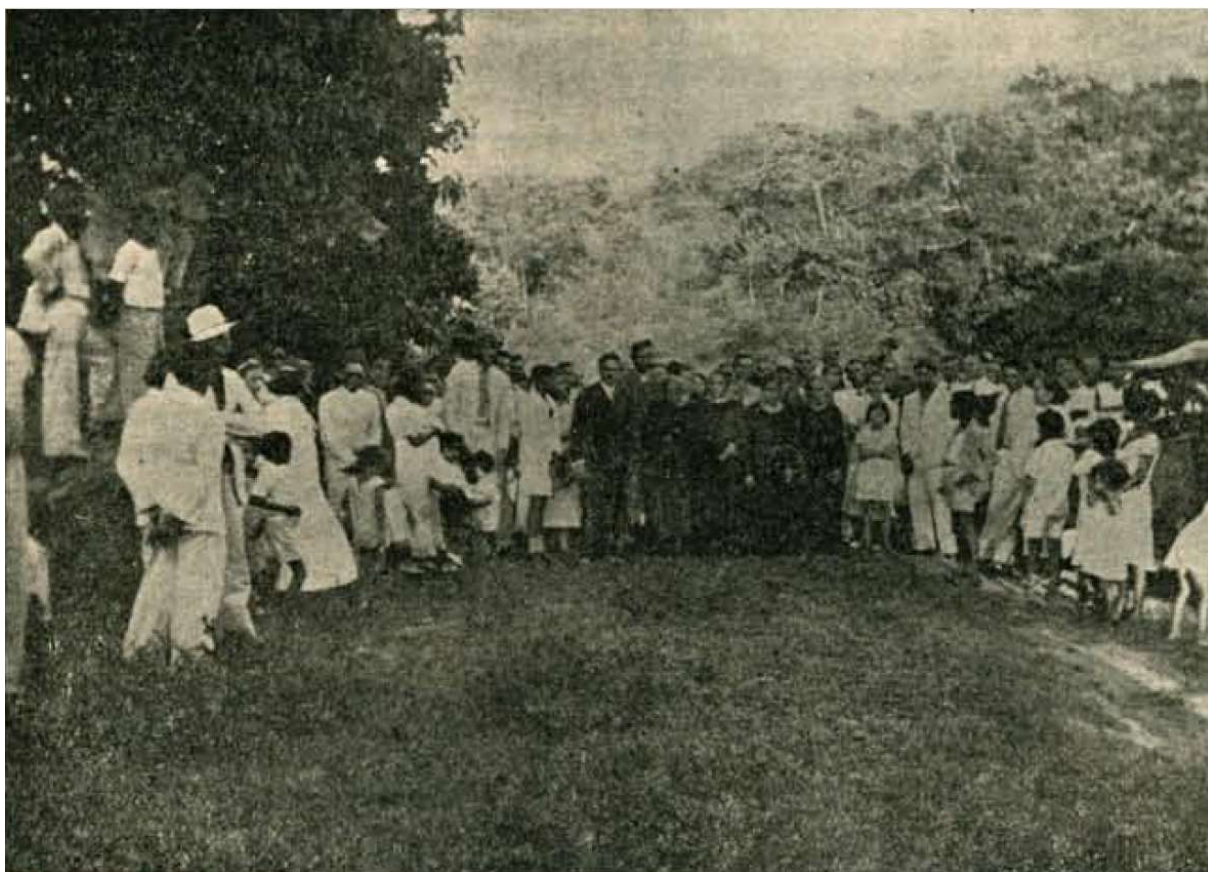
Domingo, dia 26, foi o último dia da programação. As 14h houve os exames dos candidatos, onde foram feitas algumas perguntas para saber se estavam aptos para o batismo.

³²¹ A figura 6 mostra a rua Artur Aquiles cerca de dois anos após à inauguração do grupo adventista em João Pessoa. Nessa época o grupo ainda continuava nessa mesma rua. De acordo com o folheto do culto de ação de graças do quadragésimo primeiro aniversário da igreja central de Joao Pessoa (CULTO..., 1991), a casa ficava na esquina da rua Artur Aquiles com a rua 13 de Maio. Se levar em consideração a numeração atual da rua o número 111 ficaria na esquina do lado direito, pois deste lado são os números ímpares. Contudo, em conversa informal com Davi Pessoa, ele falou que sempre mostraram para ele a casa de esquina do lado esquerdo onde hoje estão atualmente os números pares. Com o passar dos anos o teto começou a dar problemas, então o grupo foi transferido para a outra esquina, mas na mesma quadra.

As 15:30 estava programado o batismo onde sete pessoas foram batizadas no rio Paredes³²² entre elas Francisco de Mello (ver Anexo E).

Cerca de oito meses de trabalho e tendo realizado duas séries de conferências em 1937, Passos havia organizado duas Escolas Sabatinas uma em João Pessoa, com trinta e dois membros, e a outra em Gravatá de Mulungu³²³, com vinte membros (PASSOS, 1938a). Além disso, uma Classe Batismal com vinte e dois membros que o pastor Passos planejava batizá-los em março de 1938. Logo após o primeiro batismo em João Pessoa, os membros começaram a se organizar para construir o primeiro templo adventista da cidade. As pessoas que se batizaram prometeram doar uma certa quantia em dinheiro para a compra do terreno e para construção.

Figura 19 – Primeira turma de batizados em João Pessoa.



Fonte: PASSOS (1938a).

³²² Não foi encontrado nada sobre esse rio, contudo talvez seja um rio que passasse em algum sítio que se chamasse Paredes ou pertencesse à família Paredes.

³²³ Gravatá de Mulungu fica a cerca de noventa e cinco quilômetros de João Pessoa. De acordo com Passos (1938a), ele passava três horas de viagem para chegar ao local.

Mesmo após a inauguração do Grupo Adventista, Passos ainda sentia a oposição ou até mesmo perseguição dos pastores das outras igrejas protestantes (1938a). Contudo mesmo assim o adventismo crescia na capital paraibana. Um ano e três meses depois de iniciados os trabalhos, ele ainda continuava falando da forte oposição dos protestantes ao adventismo (PASSOS, 1938b).

Um ano e três meses depois de terem iniciados os trabalhos, a Escola Sabatina de João Pessoa tinha trinta e dois membros e a Classe Batismal vinte membros sendo que tinha algumas pessoas da alta sociedade³²⁴. Gorgônio³²⁵ da Nobrega era uma das pessoas da alta sociedade que estava na Classe Batismal. Ele era espírita, mas depois de ler I João 4: 1-3³²⁶ abandonou o espiritismo por acreditar que as crenças espíritas não estavam de acordo com a Bíblia.

Após abandonar o espiritismo, ele se livrou da sua grande biblioteca que tratava sobre esse assunto com o intuito de abraçar o esoterismo. Foi nessas circunstâncias que ele leu um dos cartazes das conferências com o pastor Passos que tinha como tema *Possui o homem Alma imortal?*³²⁷. Gorgônio então começou a assistir as conferências e acompanhar outros temas de seu interesse. Ele então passou a ler todos os livros e folhetos adventistas e depois de vários estudos tornou-se adventista.

Após a sua conversão, ele se livrou de todos os seus livros sobre o esoterismo para adquirir literatura adventista. Gorgônio também passou a distribuir literatura adventista para seus amigos e parentes. Além disso, passou a realizar várias conferências em suas viagens ao interior do estado. Ele havia confessado ao pastor Passos que até o final do ano de 1938 ele estaria batizado (PASSOS, 1938b).

A conversão de Gorgônio ao adventismo deve ter sido sentida pelo espiritismo, pois passaram a trabalhar em suas reuniões temas bíblicos parecidos com o que estava sendo passados nas conferências adventistas. Alguns desses temas foram a guarda do sábado

³²⁴ Ao que tudo indica, os primeiros membros da IASD em João Pessoa eram pessoas das classes sociais mais humildes, pois a única pessoa mencionada como sendo da alta sociedade foi Gorgônio da Nobrega. Possivelmente, isso ocorreu por causa da dificuldade de contato com as classes mais altas, além disso, a Igreja Católica aconselhava os seus fiéis a não terem contato e nem negociarem com os protestantes. Essas restrições poderiam causar grande prejuízo financeiro que integrantes da alta sociedade gostariam de evitar.

³²⁵ Gorgônio da Nobrega era engenheiro agrônomo e morava em frente ao mercado central (PESSOA, 2019).

³²⁶ I João 4:1-3: Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora. Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo (BIBLIA SAGRADA, 1999, p. 825-826).

³²⁷ Ao contrário do espiritismo e da grande maioria das denominações da cristandade, o adventismo não acredita que o ser humano possua uma alma imortal. Para a IASD o ser humano não possui uma alma, ele é uma alma. O ser humano seria apenas constituído pela parte física que o corpo e o espírito que na verdade é o folego de vida. Vendo a diferença entre as duas crenças, Gorgônio da Nobrega sentiu uma forte curiosidade sobre o assunto, pois o espiritismo acredita em uma alma imortal que pode reencarnar.

(VIDA..., 1938b), sinais da segunda vinda de Jesus (VIDA..., 1939a), o dia e a hora do retorno de Jesus (VIDA..., 1939b) e validade da lei de Deus/mosaica (VIDA..., 1939c).

Durante o período em que esteve em João Pessoa, Passos realizou três conferências³²⁸, três batismos, que totalizaram dezoito batizados³²⁹, duas Escolas Sabatinas sendo uma em João Pessoa, com trinta e dois membros, e outra em Gravatá, com dezenove, e uma Classe Batismal, com vinte membros. O seu último batismo foi realizado no dia 30 de julho de 1938 onde foram batizadas oito pessoas³³⁰ sendo sete de Gravatá e uma de João Pessoa e quase todos eram da Igreja Presbiteriana (PASSOS, 1938b).

2.6.2. Construção do templo em João Pessoa

Em agosto de 1938, o Pastor Moysés Nigri e sua esposa Alida se mudam para João Pessoa (NIGRI, 2014). Durante todo o período em que estiveram na capital paraibana, dois anos e oito meses, eles moraram na rua Artur Aquiles, número 111, mesmo endereço do Grupo Adventista (NIGRI, 1960a). Alida iniciou as classes para crianças da Escola Sabatina e tempos depois começou a ministrar aulas de culinária vegetariana e através dessas aulas muitas mulheres decidiram pelo batismo.

Figura 20 – Moysés Nigri, Maria Alida e seus filhos.

³²⁸ Do período em que o pastor Passos esteve em João Pessoa, ainda estavam na Igreja Adventista Central de capital no ano de 1991 Maria Odilia e Maria do Céu (CULTO..., 1991).

³²⁹ De acordo com Moyses S. Nigri (2014), foram quarenta batizados.

³³⁰ As oito pessoas batizadas foram: Augusto Clementino, Juvina Clementino, Ester Nobrega de Oliveira, Antônio Cardoso da Silva, Maria Monteiro, José Firmino de Moraes (possivelmente Zé Preto), Alice de Medeiros Gomes mais conhecida como Naná (ANDRADE, 1960) e Benedito Gomes, esposo de Alice (CULTO..., 1991). Quem também foi batizado nessa época foi Manoel Araújo de Melo que comprou o terreno para a instalação do Educandário Adventista Brasileiro (DORMIRAM..., 1987),



Fonte: CENTRO... (2021c).

Enquanto o pastor Nigri viajava para o interior do estado, Alida assumia o púlpito sozinha até que alguns membros estivessem prontos para dividir essa responsabilidade com ela. Em março de 1939, Nigri escreveu do desânimo que teve assim que assumiu o Grupo Adventista de João Pessoa.

A Escola Sabatina, que começava no sábado às nove horas da manhã, estavam quase vazias e algumas vezes tiveram que esperar as pessoas chegarem para dar início a ela. O trabalho estava devagar, mas, depois de um tempo, tanto a Escola Sabatina quanto os cultos estavam sendo mais frequentados (NIGRI, 1939a). Mesmo com as dificuldades, o grupo planejava construir um templo com uma escola primária.

Dois meses depois, em João Pessoa só existiam nove pessoas batizadas e por isso ela ainda não era uma igreja organizada (NIGRI, 1939b). Mesmo com tão poucos membros, ela possuía quarenta interessados. As reuniões ainda eram realizadas na rua Artur Aquiles, número 111, sendo que parte do local era o salão para os cultos e a outra servia de moradia para a família pastoral.

O local tinha a capacidade para setenta cadeiras, mas só havia sessenta. A maioria das cadeiras ficava ocupadas durante os cultos de domingo não só pelos membros e interessados, mas também por visitas. As pessoas que estavam frequentando as reuniões tinham saído das Igrejas Católica, Batista, Presbiteriana e Pentecostal. Grande parte dos interessados ajudava nas

atividades da IASD e só não se batizavam porque ainda tinham algumas dificuldades como a guarda do sábado.

Para envolver os membros no trabalho missionário e se tornar a IASD mais ativa na sociedade, os membros foram divididos e sobre isso Nigri escreveu:

[...] alguns pertencem ao grupo de oração, outros ao de literatura, e outros ainda, à liga de Estudo e Serviço. No grupo de oração estamos lendo o livro "Pescadores de Homens". Deus já tem ouvido nossas orações; alguns que não sabiam orar, aprenderam, Organizámos também uma Sociedade dos M. V³³¹. E si bem que os jovens sejam poucos e a frequência pequena, temos tirado grande proveito e humildemente contribuimos para as missões. Faz três meses que fundámos a Sociedade de Dorcas³³². As irmãs, reconhecendo a sua parte, cumprem o seu dever. Esta Sociedade já está fazendo sentir os seus benefícios (NIGRI, 1939b, p. 11).

O objetivo era o mesmo da Igreja Católica, com as associações, e da Igreja Presbiteriana, com as sociedades, envolver os membros no trabalho missionário e diminuir assim a apostasia. O trabalho com os jovens através da Sociedade dos Missionários Voluntários era importante para a renovação dos membros. Uma igreja que possui só idosos tende a desaparecer conforme os membros vão falecendo.

O trabalho evangelístico em João Pessoa era visto como algo importante, tendo em vista que a cidade foi a última capital do território da Missão Nordeste a ter um Grupo Adventista e chegou a ter a visita de N. P. Nielsen³³³, presidente da Divisão Sul-americana da Igreja Adventista. Sobre a sua visita ele escreveu:

Visitei a cidade de João Pessoa, capital do estado da Parahyba, na companhia do irmão Jeronimo Garcia, superintendente da Missão Nordeste do Brasil. João Pessoa é uma cidade linda, mas só recentemente pudemos começar o trabalho evangelístico lá. O irmão e a irmã Moysés Nigri agora estão localizados lá. Eles alugaram um salão para esforços públicos e várias pessoas já foram batizadas. Muitos outros são membros da Classe Batismal. Atualmente, o número de membros da Escola Sabatina é de trinta e sete. Tive o privilégio de falar em seu salão em uma noite de domingo. Estava bem cheio de pessoas interessadas. Estão sendo feitos arranjos para a compra de um terreno em um bom local para uma futura igreja. As perspectivas são boas em João Pessoa, e

³³¹ Desde 1852, com a criação da lição da Escola Sabatina para jovens que a IASD passou a oferecer programas voltados os jovens. Porém, só em 1907 que foi organizado definitivamente um departamento de jovens a nível mundial e o nome escolhido para o departamento foi *Departamento dos Missionários Voluntários dos Jovens Adventistas do Sétimo Dia* (ADVENTISTAS, 2021).

³³² A Sociedade das Dorcas tinha como objetivo a assistência social onde angariava-se roupas e donativos para serem distribuídos aos mais necessitados.

³³³ Nelson P. Nielsen (1871-1947) Missionário e administrador. Nasceu em 1871, na América do Norte. Trabalhou por muitos anos na América do Sul, primeiramente como presidente da União Sul brasileira, e, a seguir, como presidente da Divisão Sul-Americana (DSA), cargo que ocupou até 1941. Para mais informações ver APÊNDICE U.

o irmão e a irmã Nigri parecem ter boa coragem. Também encontramos grupos de observadores do sábado surgindo no interior do estado. Estes precisam ser visitados e receber mais instruções. Em todos os campos a colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos.³³⁴ (NIELSEN, 1939, p. 7).

Nielsen traz dados importantes sobre o trabalho em João Pessoa. A Escola Sabatina tinha trinta e cinco membros, um aumento de cinco pessoas em relação ao que Passos havia deixado antes de ser transferido. Os membros ainda estavam se articulando para comprar um terreno em uma boa localização para construir a igreja.

Em novembro de 1939, Nigri (1939c) publica que já havia sido comprado um terreno no coração da cidade em um trecho bonito em frente a uma lagoa, Parque Solon de Lucena. Com a ajuda de Gorgônio de Nobrega, o grupo estava fazendo o levantamento do terreno e traçando a planta do terreno. Os membros agora estavam se esforçando para construir o templo e até o interventor federal (Argemiro de Figueredo) havia doado uma quantia considerável e concedeu isenção de impostos na transmissão do terreno. A Escola Sabatina também havia aumentado para quarenta e seis.

Em 1940, foi instituído pelo casal Nigri (NIGRI, 1940). O fundo de inversão onde os membros trocavam mercadorias ou dinheiro por literatura adventista e, desta forma, a igreja cresceu chegando a reunir cento e dez pessoas nos sábados (NIGRI, 2014). Devido aos esforços de Nigri, no final de 1940, existia na capital quinze pessoas que estavam se preparando para o batismo (DAVIS, 1940).

No ano seguinte, foi inaugurada a primeira Escola Primária Adventista³³⁵ de João Pessoa e tinha como professora Joanita Castelani (NIGRI, 1941a). Em 1943 foi escrito o seguinte da escola primária:

³³⁴ I visited the city of Joao Pessoa, the capital of the state of Parahyba, in company with Brother Jeronimo Garcia, superintendent of the Northeast Mission of Brazil. Joao Pessoa is a beautiful citx., but Only recently have we been able to begin evangelistic work there. Brother and Sister Moises Nigri are now located there. They have rented a hall for public efforts, and a number of persons have already been baptized. Quite a number of others are members of the baptismal class. At presente their Sabbath school membership is thirty-seven. I had the privilege of speaking in their hall on a Sunday evening. It was well filled with interested people. Arrangements are now being made for the purchase of a lot in a good location for a future church home. The prospects are good in Joao Pessoa, and Brother and Sister Nigri seem to be of good courage. We also find groups of Sabbath keepers springing up in the interior of the state. These need to be visited and to receive further instruction. In every field the harvest is great, but the laborers are few.

³³⁵ A escola primária funcionava pela manhã e pela tarde e seus alunos eram filhos de adventistas e de outras denominações (PESSOA, 2019) (ver APÊNDICE O). Ela também recebia alunos com deficiência que normalmente não eram aceitos nas outras escolas. A escola era mantida através das mensalidades pagas pelos alunos (RODRIGUES, 2019) (ver APÊNDICE Q) encerrou suas atividades por volta de 1992 (MELO, 2019) (ver APÊNDICE R).

um dos nossos pelotões vanguardeiros tem sido a escola primária. Funcionou com ousadia, não obstante a deficiência de material didático. Alcançámos a matrícula bem regular de vinte e seis alunos, durante o ano letivo de 1942. Destes vários estudaram de graça, e os demais eram filhos de pais pobres. Mas, apesar de tudo, o orçamento permaneceu de pé, sendo que em dezembro, fechámos o relatório com um saldo credor (CARVALHO, 1943, p. 11).

No ano de 1942 ocorreu a conversão de uma mulher chamada de Zuíla. De acordo com João Carvalho (1943), missionário enviado para João Pessoa em 1942, Zuíla era parente da esposa de Benedito Gomes, uma das pessoas batizadas pelo pastor Passos. Quando ele tinha oportunidade falava sobre suas crenças a família católica da esposa, mas ela ficava irritada ao ouvir qualquer coisa a respeito.

Figura 21 – Grupo de Missionários Voluntários da Igreja Adventista de João Pessoa. A terceira da esquerda para direita é Zuíla.



Fonte: Carvalho (1943).

Tudo mudou quando em 1942 ela encontrou o Novo Testamento da Bíblia que alguém havia deixado em sua casa. Como havia estudado em um colégio de freiras, ela relutou em ler a Bíblia que era protestante, mas mesmo desconfiada começou a ler algumas passagens. Tempos depois, ela pediu para Benedito explicar algumas coisas e a partir de então todos os

dias ia visita-la para falar sobre as doutrinas da IASD. João Carvalho chegou a visitar Zuíla e sua família e em outubro de 1942 ela se batizou.

Em 1943, a escola adventista de João Pessoa tinha trinta e nove alunos, mas passava por dificuldades financeiras porque tinha apenas doze cadeiras e não tinha dinheiro para comprar mais (CASTELLANI, 1943). A dificuldade financeira nas Escolas Adventistas dessa época era algo comum, pois os líderes da igreja preferiam utilizar os recursos com estratégias evangelistas que tinham mais chance de converter uma maior quantidade de pessoas (GREELEAF, 2011). Além disso, estava acontecendo a Segunda Guerra Mundial que causou instabilidade financeira em todo o mundo. Para suprir a carência financeira foi sugerido que as igrejas criassem um fundo financeiro para conseguir manter as escolas.

Em março de 1945, Ataliba Abreu Netto, missionário da Missão Nordeste (CONARD, 1946), começa a trabalhar em João Pessoa. Ele havia encontrado apenas dezoito membros da IASD na cidade que se reunia em um salão não recomendado e que ficava no *extremo oposto da cidade* (NETTO, 1947b). Além disso, metade do salão ficava ocupado pelas cadeiras da escola primária.

Figura 22 – Local onde os adventistas reuniam-se na rua da Areia.



Fonte: acervo particular do autor.

De acordo com Nigri (1960a), durante os dois anos e oito meses que passou em João Pessoa, ele morou na Rua Artur Aquiles, número 111, o mesmo local onde os membros da IASD se reuniam. Algum tempo depois da saída de Nigri, o prédio ficou com problemas no teto

e o dono não quis consertar, então foi alugado um outro lugar, também de esquina, na mesma quadra (CULTO..., 1991). Devido a algumas inconveniências e o fim do prazo do aluguel, foi alugado um prédio no antigo mercado na praça Pedro Américo.

A escolha do local foi precipitada, pois o prédio não oferecia a possibilidade de adaptação e ficaram ali até que encontraram um lugar conveniente. Depois locaram uma casa na rua da Areia, número 329. Talvez esse seja o local que Ataliba achou inadequado³³⁶, contudo, a casa era grande e havia espaço suficiente para acomodar a família pastoral. Os adventistas ficaram se reunindo nesse local até que se mudaram para o local que atualmente é a Igreja Adventista Central de João Pessoa.

Uma das primeiras medidas de Ataliba ao chegar em João Pessoa foi mudar o local de culto, porém só conseguiu fazer a mudança em janeiro de 1946. Ele também começou uma campanha para a aquisição de órgão que conseguiram comprar por um preço baixo. Ataliba reanimou a Sociedade das Dorcas, a Escola Primária Adventista e fez com que a Escola Sabatina chegasse a quarenta e oito membros em outubro de 1945. Nesse ano, ele inicia uma série de conferências no bairro do Roger, no único salão que estava disponível (NETTO, 1947a). Esse salão pertencia à Sociedade Beneficente 2 de Setembro que ficava localizada na rua do Roger³³⁷, número 337 (NETTO, 1945b).

³³⁶ A casa ficava muito distante e por isso Ataliba teria dito que ela ficava no extremo oposto da cidade. Outra possibilidade talvez seja o local que foi alugado na praça Pedro Américo.

³³⁷ De acordo com Bispo (2015), a rua do Roger teve o nome alterado para Juiz Gama e Melo.

Figura 23 – Local onde Ataliba realizou uma série de conferências no Roger.



Fonte: Acervo particular do autor.

Após essa série de conferências, foram batizadas nove pessoas e a Escola Sabatina subiu para sessenta e cinco membros. Nesse período foram realizados dois batismos, o primeiro foi oficializado pelo pastor Jairo Araújo e o segundo pelo pastor Orlando G. Pinho. Esse último foi realizado no dia 14 de abril de 1946 e nesse mesmo dia a igreja foi organizada com vinte e cinco membros.

Ataliba, recém classificado como pastor (CONARD, 1947), e sua equipe procuraram um outro lugar para realizar mais uma série de conferências, contudo todas as sociedades negaram alugar os salões. Depois de algum tempo, a Sociedade da União Operária mudou de presidente e ele decidiu ceder o salão onde foi iniciada outra série de conferências no dia 2 de outubro de 1946. Durante essa série, o pastor Orlando G. Pinho batizou mais onze pessoas no dia 2 de novembro de 1946 e formou uma Classe Batismal com dezoito alunos.

As conferências que ocorreram em 1945 foram divulgadas no jornal *A União*³³⁸ e as demais no jornal *O Estado da Paraíba*, mas só foram encontradas algumas publicações no jornal *A União*. De acordo com Netto (1947a), inicialmente eram publicados seis dias por

³³⁸ Só foram encontradas as publicações no jornal *A União* e estas estão disponíveis no Anexo F desse trabalho, mas nenhum número do jornal *O Estado da Paraíba* foi encontrado nos acervos pesquisados.

semana que faziam um pequeno resumo das palestras, mas depois passaram a ser publicados artigos doutrinários apenas três vezes por semana.

Em 1946 foi feito o projeto para construção da igreja no terreno que ficava de frente para o Parque Solon de Lucena que tinha sido comprado durante a gestão de Moysés Nigri. Contudo, perceberam que o terreno era muito estreito para a planta desejada e foi vendido para comprar outro. Aderson Soares, esposo da adventista Dolores, prontificou-se de encontrar um terreno apropriado para o pastor Ataliba e indicou a compra de uma casa que vendia carvão na rua Índio Piragibe.

Essa casa foi comprada e nela passaram a ser realizados os cultos. Contudo, ao lado dela havia terreno que estava sendo usado pela prefeitura. O pastor Ataliba e Aderson passaram seis meses procurando o dono que aceitou vendê-lo e essa parte corresponde atualmente ao jardim da igreja. O alvará para construção da igreja foi expedido no dia 31 de dezembro de 1946 em nome da Associação da União Este Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia (ver Anexo G).

O crescimento do adventismo em João Pessoa através dos trabalhos do pastor Ataliba Abreu Netto deve ter incomodado o clero romano tendo vista que fizeram algumas publicações falando contra a IASD. No final de 1947, o padre Taciano (1937) escreveu que os adventistas esperavam a vinda de Cristo para um reinado de mil anos, crença que difere da Igreja Católica, que eles foram organizados como seita em 1831 por Guilherme Miller, um fazendeiro que engendrou dentro do gênero milenarista, e que em 1844 alguns passaram a guardar o sábado e se separaram do seu mestre e de seus colegas tomando o nome de Adventistas do Sétimo Dia.

O mesmo autor continua dizendo que

os adventistas costumam mimosear a Igreja Católica com anátemas, aplicando textos bíblicos de condenação no misto de infantil ingenuidade e atrevimento. [...] Seus mimos verbais à igreja são em geral os do ramerrão do livre exame: dizem que pomos a tradição no lugar e acima da escritura; que substituímos Jesus pela virgem Maria; e para não ficarem só no que dizem os do livre-exame, ou seja os demais protestantes, acrescentam por sua própria conta que a Igreja Católica operou a mudança dos tempos e das leis predita pelo profeta Daniel; que o papa é o Anticristo; que a Igreja Romana é a grande Babilônia do apocalipse e outras afetuosas declarações [...] (TACIANO, 1947, p. 6).

O padre Tarciano também escreveu sobre os impressos adventistas que saíam principalmente da Casa Publicadora Brasileira. Segundo o padre, eles estavam cheios de gravuras de aviões, tanques e outros elementos de guerra. Entre as gravuras existiam artigos que aparentemente eram inofensivos e no meio deles havia um texto bíblico isolado e fora do

contexto podendo se provar, desta forma, o pior dos absurdos. A propaganda adventista é vista como ardilosa e feita pelos meios mais modernos como o programa *A Voz da Profecia*.

Continuou o padre dizendo que para a venda dos livros adventistas de encadernação bela, e que seriam vazios de conteúdo, e revistas como *Vida e Saúde*, *O Atalaia* e *Revista Adventista*, a IASD possuía uma verdadeira multidão de agentes que são chamados de colportores. Eles seriam semeadores do joio e os colportores passavam por um treinamento que, quando não aprendiam corretamente o que foi ensinado, ficam ligeiramente envernizados para se tornarem atraentes e insinuantes.

Taciano (1947) demonstra conhecer um pouco da história e da doutrina da IASD, contudo comete alguns equívocos. Todavia, ele busca representar os adventistas de forma negativa colocando em evidências as diferenças teológicas e alegando supostas ofensas criadas pelo adventismo. Tendo em vista que desde 1945 Ataliba Abreu Netto estava trabalhando em João Pessoa, local da publicação do jornal católico *A Imprensa* onde o referido padre escreveu o artigo, é possível acreditar que tais alegações antiadventistas foram feitas com o intuito de fazer os fiéis católicos sentirem repulsa e raiva da IASD e, desta forma, se afastarem de tudo que envolvesse essa denominação.

Em 1948, o jornal *A Imprensa* ainda traz dois artigos claramente antiadventista e um que, apesar de não trazer o nome adventista, diserta conta a crença do sábado, uma das principais crenças da IASD. O primeiro trata da proibição da leitura da revista adventista *Vida e Saúde*³³⁹. No artigo está escrito que os livros e folhetos da IASD são primorosos quanto à parte gráfica, porém por difundirem doutrinas heréticas são venenosos espiritualmente. Para manter a sua propaganda herética essa igreja teria criado a revista *Vida e Saúde* que versava sobre “alimentação, boa respiração, vitaminas, repouso, dietética, alcoolismo, etc” (A REVISTA..., 1938).

Como à primeira vista não aparenta ser perigosa e por não possuírem o rotulo de protestante, até mesmo o mais fervoroso católico poderia adquirir a sua assinatura e nos meses seguintes receber a habilíssima doutrinação em meios aos artigos comuns e para sua residência eram remetidos folhetos de propagandas adventistas. A leitura dessa revista tornava-se proibida, pois quem a assinava estava contribuindo com a propaganda protestante no Brasil. Não só ela era proibida mais também a revista *O Atalaia*.

O segundo fala que a IASD é uma seita perigosa que comete “o duplo erro de fazer da Bíblia um livro de aritmética e de fazerem de seu cristianismo um oval com dois pontos centrais:

³³⁹ Esse mesmo artigo foi publicado no periódico *Maria* em Pernambuco (UMA..., 1948).

Jesus e o sábado” (OPINIÃO..., 1948). Essa citação é uma clara referência às doutrinas adventistas do santuário celestial e da guarda do sábado, que foram trabalhadas no primeiro capítulo.

Por último, o artigo intitulado *O sábado e o domingo* escrito pelo padre Taciano (1948). Ele não cita diretamente a Igreja Adventista, mas é possivelmente que tenha sido escrito com o objetivo de confirmar a guarda do domingo tendo em vista que o mesmo jornal já havia falado que a guarda do sábado era uma das crenças da IASD. Durante todo o texto, o padre tenta mostrar a superioridade domingo com relação ao Sábado. Ele inicia escrevendo que sábado é o memorial da criação e o domingo é da redenção e que sendo esse último muito mais importante.

Na antiga lei Deus teria ordenado que ofertassem as primeiras coisas de tudo e o domingo é o primeiro dia da semana. Deus teria descansado no sétimo dia depois de ter terminado a criação, mas foi no domingo que o filho de Deus terminou a obra da redenção. O domingo seria uma especialidade da trindade, pois foi nesse dia que o pai iniciou a criação, o filho de Deus ressurgiu dos mortos e o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos.

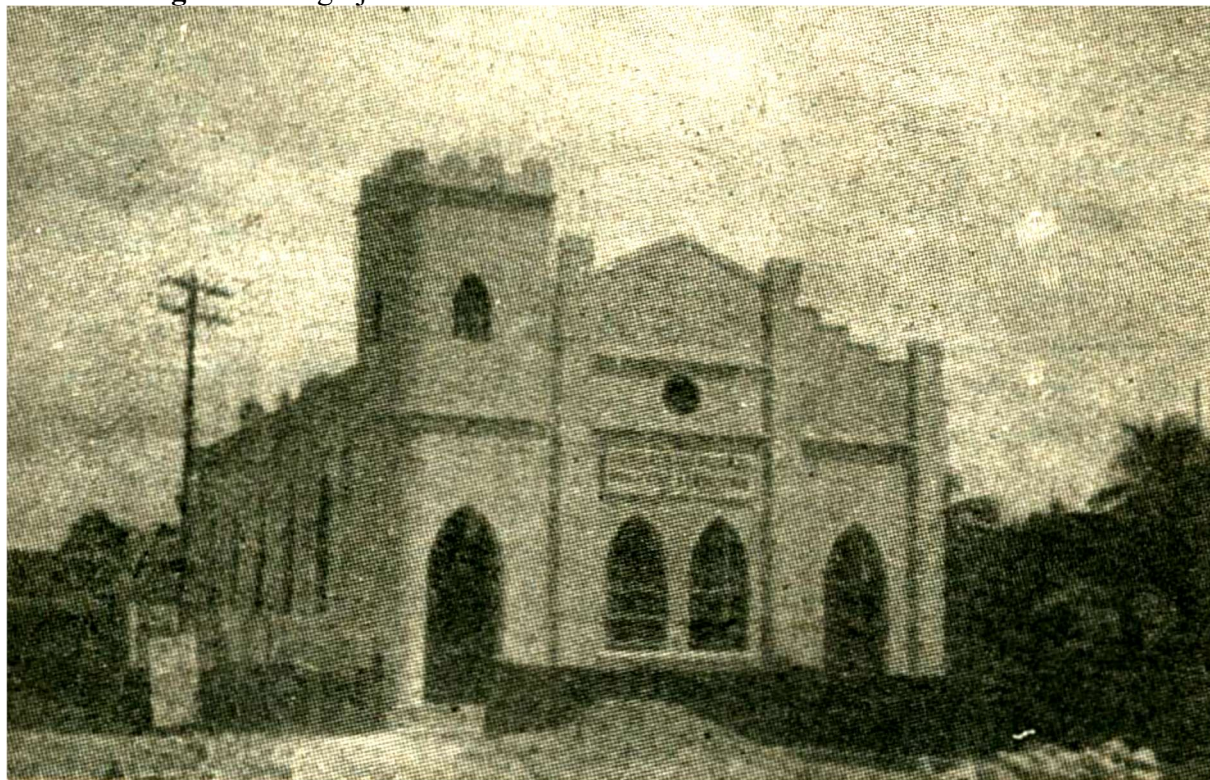
Desta forma, “guardar o domingo é fazer a vontade de Deus Pai, e honrar a Deus o filho e merecer a graça e os dons do Espírito Santo” (TACIANO, 1948, p. 6). Sendo assim, as denominações, como a Igreja Adventista, que guardavam o sábado estavam na contramão de tudo isso. O artigo era uma forma do catolicismo marcar a diferença delimitando as fronteiras daquilo que ele mesmo elegeu como sendo o cristianismo. Ele se colocou como regra, o padrão a ser seguido, neste caso os que guardam o domingo, e os demais, o outro, foram sucintamente representados de forma negativa e entre esses estava a IASD.

Um fato curioso que existe possibilidade de estar envolvido na relação entre adventismo e catolicismo, é a construção da Igreja de Santa Teresinha no bairro do Roger. A primeira missa da referida igreja, que ainda estava em construção, foi no dia 8 de setembro de 1947 (VIDA..., 1947), dois anos depois das conferências públicas que Ataliba Abreu Netto realizou nesse bairro. O interessante é que a igreja foi construída apenas a quatrocentos e cinquenta metros da Sociedade Beneficente 2 de setembro, local da série de conferências.

É provável que a construção do templo tenha ocorrido em resposta à série de conferências para se mostrar mais presente na sociedade e impedir ou minimizar a perda de fieis para o adventismo ou outro ramo do protestantismo. Ademais, é constatada a presença de não católicos no bairro do Roger, pois em uma publicação do jornal *A Imprensa* de 1948 é feita uma chamada para que essas pessoas que moravam nesse bairro comparecem na concentração da Ação Católica que ocorreria na Igreja de Santa Terezinha (TRINDADE, 1948). É possível que a

convocação estivesse se referindo aos adventistas que moravam no Roger ou outros ramos dos Cristãos ou não cristãos.

Figura 24 – Igreja Adventista de João Pessoa recém construída em 1950.



Fonte: Harder (1950).

Mesmo diante das dificuldades, no final de 1949, a Missão Nordeste destinou a verba para a construção da igreja em João Pessoa (HARDER, 1950). Quando a casa que havia no terreno foi demolida, os membros passaram a se reunir na União Operária Beneficente até a inauguração do novo templo. Ele foi inaugurado no dia 11 junho de 1950³⁴⁰, dia que foi realizado a primeira reunião da Escola Sabatina (RODRIGUES, 2005), e no dia 31 de julho houve o início da primeira série de conferências no local.

A série teve início com a direção do pastor José Baracat, então presidente da Missão Nordeste, e ele tinha como auxiliar o missionário Neander Harder (JOHANDERSON, 1951). De acordo com Netto (1947a), João Pessoa foi a última capital do Nordeste a ter um templo

³⁴⁰ A inauguração em junho de 1950 está de acordo com o panfleto de comemoração de 41 anos da Igreja Adventista de João Pessoa (CULTO..., 1991), porém Moysés Nigri (1960a) escreveu que a igreja foi inaugurada em setembro desse ano. O mês de junho como a inauguração da igreja é mais coerente tendo em vista que no dia 31 de julho iniciou-se uma série de conferência no novo templo (HARDER, 1950).

adventista. No mesmo terreno da igreja também foram construídas salas que serviram para acomodar a Escola Primária Adventista (PESSOA, 2019³⁴¹).

2.7. Igreja Adventista de Cabedelo

Ainda em 1940, um membro da IASD, que trabalhava no porto de Cabedelo, começou a dar estudos bíblicos a mais dois companheiros de trabalho: Fernando de Sá Leitão e Ernesto Vital da Silva (SANTANA, 1974). Cabedelo foi retratado por João Carvalho (1943), como uma Sodoma em miniatura³⁴² onde morava Fernando de Sá Leitão que teve a vida transformada, passando de “bêbado”, “fumante” e “desafeiçoado” para um homem sóbrio, perseguidor do fumo, caseiro e amante dos filhos e da esposa. Diante dessa transformação, a esposa tornou-se adventista e em 1942 haviam um grupo de vários interessados na cidade.

Com o tempo, surgiram problemas relacionados à guarda do sábado para os três colegas de trabalho. Eles tiveram que tomar uma decisão, pois se eles se batizassem seriam dispensados do trabalho por não poderem trabalhar no sábado. Sendo assim, Ernesto decidiu não se batizar para não perder o emprego enquanto Fernando batizou-se e foi dispensado do seu trabalho como tesoureiro do porto. Depois disso, ele ingressou na colportagem e por causa do seu desempenho chegou a dirigir a colportagem na Missão Nordeste e na Associação Rio-Minas. Quanto a Ernesto, ele se batizou junto com parte de sua família em 1974 na igreja de João Pessoa.

³⁴¹ Ver APÊNDICE O.

³⁴² De acordo com a Bíblia (1999), Gênesis 18-19, Sodoma era a cidade em que Ló, sobrinho de Abraão, morava. Os pecados cometidos nessa cidade eram tantos que Deus havia comunicado a Abraão que só não a destruiria se encontrasse dez pessoas justas nela. Porém, os anjos que foram enviados por Deus foram hostilizados e a cidade foi condenada salvando-se apenas Ló e suas filhas. A comparação entre essa cidade e Cabedelo foi para fazer o contraste sendo Cabedelo a cidade cheia de pecados onde morava um único homem justo que se chamava Fernando de Sá Leitão.

Figura 25 – Batismo de Ernesto Vital da Silva na Igreja Central de João Pessoa em 1974.



Fonte: Santana (1974)

Da mesma forma que em João Pessoa, o surgimento de grupos adventistas em Cabedelo não passou despercebido pelas outras denominações cristãs. Em 1943, a Igreja Presbiteriana Independente de Cabedelo publicou que o reverendo Aureliano Alves, pastor da igreja, faria uma série de conferências na cidade portuária sobre o sabatismo (VIDA..., 1943). O termo *sabatismo* refere-se à crença na guarda do sábado como dia santo conforme a IASD prega, desta forma, essas conferências teriam um conteúdo antiadventista.

No ano seguinte, 1944, foi a vez da Igreja Católica reagir. Nesse ano, foi designado um padre para ter residência fixa como vigário de Cabedelo (VIDA..., 1944f). De acordo com Teles (1948), essa medida foi tomada porque tinha acontecido um declínio do fervor religioso na cidade. O protestantismo, principalmente a Igreja Adventista, havia se aproveitado dessa situação para se instalar.

Para reverter isso, foram realizadas, entre 23 a 27 de agosto de 1944, uma série de pregações missionárias com o cônego temporário Theodomiros de Queiroz³⁴³ e pelo padre José Borges³⁴⁴. Depois disso, começaram os esforços para construir uma casa paroquial que ficou

³⁴³ Theodomiros Hermegildo de Queiroz Mello (1895-????) nasceu em Batalhão, Paraíba. Seus pais eram Manuel Taigy de Queiroz Mello e Amélia de Albuquerque Mello. Ele ascendeu ao presbiterato em 19 de maio de 1918, na catedral de Nossa Senhora das Neves, na capital Paraibana. Dentre os cargos que exerceu está de vigário de Cabedelo e São José do Cariri (SANTOS; VELOSO, 2010).

³⁴⁴ José Borges de Carvalho (1896-1980) nasceu em Lagoa Nova e seus pais eram Manoel Francisco Borges e Maria Magdalena de Carvalho Borges. Ele entrou no Seminário da Paraíba e ascendeu ao presbiterato no dia 2 de fevereiro de 1919 na Capela do Seminário na capital do estado. Foi vigário na Paraíba das paróquias Bananeiras (1919-1922), Esperança (1922-1929), Sousa, Santa Luzia e Alagoa Nova (SANTOS; VELOSO, 2010).

pronta no dia 8 de abril de 1946. Para ser o primeiro vigário da cidade foi escolhido frei Solano que ficou nesse cargo por um ano e meio e depois foi transferido para Vitória, Espírito Santo.

Por volta de 1945, o grupo de adventistas em Cabedelo foi dissolvido (LIMA, 2019a). Contudo, conforme Siqueira (1970), em meados de 1970, uma mulher chamada de Neuza³⁴⁵ havia saído de São Paulo e visitado seus parentes em Cabedelo. Ela havia sido batizada pela IASD quando criança, mas tinha abandonado a fé por causa do marido que não era adventista, porém ela havia ensinado os filhos nas crenças dessa denominação e continuou mandando-os para os cultos.

Figura 26 – As quatro pessoas sentadas nas cadeiras foram batizadas em 1942. O primeiro da esquerda é João Carvalho e o primeiro da direita é Fernando de Sá Leitão.



Fonte: Carvalho (1943).

Ao visitar seus parentes, ela reanimou a irmã, que havia sido batizada junto com ela, e pregou para seus parentes formando novamente outro grupo na cidade. Esse grupo ficou sob a responsabilidade do missionário Antônio Siqueira que realizou uma série de conferências no Sindicato dos Portuários (LIMA, 2019b) e batizou quatro pessoas e tinha mais quatro esperando o batismo em 1970. A partir de então, os adventistas da cidade se reuniram em casas e em

³⁴⁵ Neuza Arruda de acordo com (LIMA, 2019b). Ver APÊNDICE T.

lugares locados como na rua Siqueira Campos, perto do porto, e depois na rua Cleto Campelo onde se reunião aos sábados, domingos e quartas-feiras (LIMA, 2019a³⁴⁶) até que em 1977 o templo foi construído.

Edson Vital³⁴⁷, filho de Ernesto Vital da Silva, comprou em terreno em Cabedelo e começou a construir o templo adventista no dia 16 de janeiro de 1977 e a inauguração ocorreu no dia 13 de agosto do mesmo ano. Edson custeou sozinho todas as despesas da compra do terreno, construção e aquisição do mobiliário do templo (OLIVEIRA, 1977a). No dia da inauguração, o pastor distrital de João Pessoa, Ronaldo Sales e o pastor Lindeberg Araújo, evangelista da Missão Nordeste, realizaram uma série de conferências na cidade (RAMOS, 1977). Como resultado das conferências, no final de outubro foram batizados cerca de quinze a vinte pessoas (OLIVEIRA, 1977b).

Figura 27 – Igreja Adventista de Cabedelo em 1977.



Fonte: Oliveira (1977).

³⁴⁶ Ver APÊNDICE S.

³⁴⁷ Edson Vital era construtor e ajudou a construir diversas igrejas adventistas em João Pessoa (ARAÚJO, 2019). Ver APÊNDICE P.

CONCLUSÃO

Na primeira metade do século XX, a Paraíba estava passando por mudanças na área religiosa. Dom Adauto e Dom Moisés foram responsáveis pelas principais mudanças na Igreja Católica no estado. O primeiro foi responsável pelo processo de romanização aumentando significativamente a estrutura da igreja e tornando-a mais presente na sociedade. O segundo, além de dar continuidade aos trabalhos do seu antecessor, esteve à frente do processo de Restauração Católica. Foi através dele que foi organizada oficialmente a Ação Católica na Paraíba que buscava tornar os fiéis mais ativos nas atividades da igreja e evitar a apostasia.

Durante esse mesmo período, várias denominações protestantes e estabeleceram ou se espalharam ainda mais pelo estado como foi o caso da Igreja Batista, Congregacional, Presbiteriana, Adventista do Sétimo Dia, Assembleia de Deus, etc. Em alguns lugares esse processo não foi tranquilo ocasionando alguns conflitos como os que aconteceram em Alagoa Grande, Catolé do Rocha, Brejo dos Cavalos, João Pessoa, Taperoá, Alagoa Nova, Cuité, Queimadas, Barra de Santa Rosa, e Patos. Durante esses conflitos alguns protestantes chegaram a morrer como foram os casos de Severino Amaro e José Alves e os assassinos nunca foram presos.

Foi em meio a essas mudanças religiosas na Paraíba que a Igreja Adventista do Sétimo Dia se estabeleceu em Pirpirituba (1911), Cabaceiras, São José das Pombas (atual Parari), São José dos Cordeiros (1921), Moreno (atual Solânea, 1921), Baixa Verde (Queimadas, 1925), Campina Grande (1935), São Tomé (atual Sumé, 1936), João Pessoa (1937), Gravatá de Mulungu (1937), Pombal (1937), Serra Branca (1939), Cabedelo (1940), Catolé do Rocha (1943), São Bento (1945) e Natuba (1948).

Os primeiros batismos ocorreram em Pirpirituba no ano de 1911, mas a IASD não conseguiu se estabelecer definitivamente na cidade por falta de obreiros que dessem continuidade ao trabalho missionário no local. Somente a partir de 1919 foram enviados colportores para o estado e só em 1921 há relatos de Grupos Adventistas e de Escolas Sabatina na Paraíba.

Por volta de 1937, a IASD adquire o seu primeiro prédio para servir de espaço para servir de templo. Esse local foi adquirido e doado por Luiz Pereira em Baixa Verde, Queimadas, onde em 1940 ocorreu um conflito religioso entre os adventistas e os católicos da região. Esse mesmo lugar é considerado até hoje como o primeiro templo adventista da Paraíba. Porém, ele só foi organizado como igreja apenas na década de 1960. A primeira igreja organizada na Paraíba foi Campina Grande em 1942.

Inicialmente, o adventismo instalou-se e expandiu-se principalmente no interior do estado onde havia pouca presença do clero católico. As suas principais estratégias para conseguir adeptos foram a colportagem, as séries de conferências e a criação de escolas paroquiais. A grande maioria dos seus membros eram das classes sociais com poucos recursos financeiros, porém existiam algumas pessoas da alta sociedade da época como, por exemplo, Gorgonio da Nóbrena, Luiz Pereira, Sindolfo Barbosa, Antônio Bezerra, e José e João Batista de Brito Lyra.

No litoral paraibano, o adventismo se instalou apenas em dois lugares: João Pessoa e Cabedelo. Na capital, os trabalhos contínuos iniciaram-se a partir de 1937 com os trabalhos realizados pelo Pastor José R. dos Passos e pelo obreiro Cleobulo Carvalho. Nesse mesmo ano Passos organizou o primeiro Grupo Adventista da cidade e realizou o primeiro batismo. Entretanto, esse grupo só adquiriu templo próprio em 1950.

Já Cabedelo, os trabalhos se iniciaram em 1940, todavia por volta de 1945, o grupo de adventista que existia por lá foi dissolvido por falta de obreiros que dessem continuidade aos trabalhos missionários. Na década de 1970, uma mulher chamada Neusa veio de São Paulo e chamou o missionário Antônio Siqueira, que estava trabalhando em João Pessoa, para reabrir o grupo de Cabedelo. A partir então, os membros foram se reunindo em casas alugadas até que 1977 tiveram o templo construído.

A instalação do adventismo na Paraíba não foi completamente tranquila. Em João Pessoa, os obreiros sentiram a oposição tanto da Igreja Católica quanto dos outros ramos do protestantismo. O primeiro publicava textos contra a IASD no jornal *A Imprensa*. O segundo fazia séries de conferências contra as crenças adventistas. No interior do estado, no sítio Baixa Verde, houve o conflito religioso onde cerca de duzentos católicos cercaram o prédio da IASD e apedrejaram-no. Além disso, agrediram o pastor Moysés Nigri que teve o seu rosto arranhado a ponto de lhe fazer sangrar.

A primeira Igreja Adventista na Paraíba só foi organizada em 1942, sessenta e dois anos após a chegada dos primeiros impressos adventistas no Brasil (1880) e trinta e um anos depois do primeiro Batismo no estado (1911). Essa demora ocorreu devido a vários fatores como a falta de mão de obra missionária, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, a crise de 1929, os períodos de seca e a oposição tanto da Igreja Católica como de outras Igrejas Protestantes.

Além disso, os primeiros missionários não falavam português apenas inglês e alemão. A IASD, então, focou os seus esforços nos estados que possuíam colônias alemãs. Com o passar dos anos, a mão de obra missionária foi sendo treinada no país o que facilitou o aumento de colportores, missionários e pastores. Porém, essa mão de obra continuava sendo insuficiente para um país tão extenso.

Grande parte desses obreiros ficavam no Sul do país, onde a demanda era maior, e uma pequena quantidade foi sendo enviada para o Norte. As Uniões e Missões possuíam os colportores como principal mão de obra porque eles não geravam custos, pois eles eram missionários de sustento próprio. Muitas vezes eles chegavam até a iniciar um Grupo Adventista, mas devido a falta de missionários para dar instrução e pastores para batizar esses grupos se dissolviam.

As Missões em que o estado Paraíba fazia parte várias vezes ficaram sem ter sequer um único pastor. A Paraíba chegou a ficar longos períodos sem ter missionários, pois eles foram remanejados para outros estados da Missão. O estado só foi ter o primeiro pastor em 1937 quando José R. dos Passos foi designado para iniciar um grupo em João Pessoa, a última capital da Missão Nordeste a ter um templo.

A principal dificuldade para elaborar essa dissertação foi a falta de trabalhos voltados a vida religiosa ou religiosidade da Paraíba durante a primeira metade do século XX. Este trabalho possui mais de vinte páginas de referências bibliográficas, mas a grande maioria são de fontes documentais. Ainda há muito o que se pesquisar sobre o catolicismo e protestantismo na Paraíba.

Os poucos trabalhos sobre o catolicismo são focados na romanização e na atuação de Dom Adauto. Se faz necessários trabalhos focados na administração de dom Moises e na implantação da Ação Católica e as suas principais organizações como *Homens de Ação Católica*, *Senhoras da Ação Católica*, *Juventude Masculina Católica* e *Juventude Feminina Católica*.

Quanto ao protestantismo na Paraíba a situação é ainda mais precária. Faz-se necessário trabalhos mais detalhados sobre as denominações protestantes que se estabeleceram no estado, antiprotestantismo e as polêmicas católico-protestante para entender melhor o relacionamento entre os protestantes e o católico. Também seria importante trabalhos voltados para o conflito entre os próprios protestantes e a representação que as igrejas protestantes faziam uma das outras.

Diante do que foi exposto, é possível sugerir a realização de trabalhos como *O Antiadventismo na Paraíba*, *A Representação dos Adventistas na Literatura de Cordel*, *A Representação da Paraíba nas Literatura Adventista*, *Análise comparativa dos conflitos religiosos na primeira metade do século XX*, *O Antiprotestantismo na Paraíba*, *A Representação dos Protestantes no Jornal A Imprensa*, *o Anticatolicismo na Paraíba e Dom Moisés e a Ação Católica*. Todos esses trabalhos poderão contribuir muito para compreensão da religiosidade do estado durante a primeira metade do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADVENTISTAS. **Jovens**: história. Disponível em:

<<https://www.adventistas.org/pt/jovens/sobre-nos/historia/>> Acesso em: 24 de mar., de 2021.

A INAUGURAÇÃO da sede da união de moços católicos. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XXXIX, n. 101, 13 maio de 1938. p.1.

A INSTALAÇÃO DA junta arquidiocesana da ação católica amanhã. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XLIII, n. 126, 26 abr., 1941a. p. 1.

A INSTALAÇÃO, domingo, da junta arquidiocesana da ação católica. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. XLIII, n. 128, 29 abr., 1941b. p. 1.

A AÇÃO católica e a opinião dos protestantes no brasil. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. L, n. 93, 18 de maio, 1947. p. 6.

AÇÃO Católica na Paraíba. **A União**. João Pessoa, ano. XLIX, n. 225, 2 out. 1941. p. 6.

AÇÃO Católica na Paraíba. **A União**. João Pessoa, ano. LII, n. 131, 11 jun. 1944. p. 4.

AÇÃO Católica. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. LI, n. 108, 1 jun., 1948. p. 6.

AÇÃO Católica. **A Imprensa**. João Pessoa, ano LI, n. 122, 7 jul., 1949. p. 7.

ACCÃO Catholica Brasileira. **A União**. João Pessoa, ano. XLV, n. 214, 30 out., 1937. p. 3.

ALVES, Alonso José. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. Campina Grande, 20 fev. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "N" deste trabalho].

ALVES, Fábio Lopes; GUARNIERI, Ivanor Luiz. **A utilização da imprensa escrita para a escrita da história: Diálogos Contemporâneos**. Disponível em: <http://www.fnpij.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/122/77> . Acesso em: 27 de Jun. de 2018.

ALMEIDA, João Felix. Evangelismo. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. L, n. 89, 11 maio, 1947. p. 6.

ANDRADE, Jandui Barbosa de. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. Queimadas, 28 set. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "F" deste trabalho].

ANDRADE, Izaías Barbosa. **Revista Adventista**. Tatuí, v. 91, n. 7, jul., 1995. p. 36.

ANDRADE, B. Fim da jornada. **Revista Adventista**. Santo André, v.55, n. 10, out., 1960. p. 37.

ANUNCIOS Diversos. **A União**. João Pessoa, ano. LVI, n. 167, 28 de jul., 1948. p.4

ARAÚJO, Epaminondas. A Participação. **A Imprensa**. João Pessoa, ano L, n. 46, 5 fev., 1947. p. 6.

ARAÚJO, Epaminondas. Ação Católica em Guarabira. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. L, n. 73, 8 abr., 1948. p. 6.

ARAÚJO, João Batista de. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. João Pessoa, 9 nov., 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "P" deste trabalho].

A REVISTA Vida e Saúde é protestante. **A Imprensa**. João Pessoa, ano LI, n. 4, 6 jan., 1948. p. 3.

ASSASSINADO o Vigário de Queimadas, ontem. **O Norte**. João Pessoa, ano LV, n. 3142, 28 jul., 1963. p. 1.

ATAÍDE, Tristão. O literalismo bíblico. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XXXIX, n. 20, 28 jan., 1937. p. 5.

ATUALIDADES. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 24, n. 2, p. 11-12, fev. 1929.

A SEMENTE do individualismo. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. LI, n. 52, 20 mar. 1949. p.4.

BARBOSA, Maria de Lourdes. **Registro de Atos**: Livro dos Pioneiros da Igreja Adventista de Baixa Verde e da Serra das Laranjeiras. Queimadas. 2009.

BELZ, Rodolfo. Notícia do Este. **Revista Adventista**. Santo André, v. 53, n. 12, dez., 1958, p.35.

BELZ, Rodolfo. Notícia do Este. **Revista Adventista**. Santo André, v. 55, n. 4, abr., 1960, p.33.

BELZ, Rodolfo. Notícia do Este. **Revista Adventista**. Santo André, v. 57, n. 2, fev., 1962, p.29.

BELZ, Rodolfo. Nótulas do Este. **Revista Adventista**. Santo André, v. 59, n. 12, dez., 1964, p.29 - 30.

BELZ, Rodolfo. Nótulas do Este. **Revista Adventista**. Santo André, v. 63, n. 2, dez., 1968, p. 41.

BENEDICTO, Marcos de; BORGES, Michelson. Um século. **Revista Adventista**. Tatuí, v 101, n 1, p. 8 – 13, jan. 2006.

BERTOTTI, Fabiana. A história por trás da história. **Revista Adventista**. Tatuí, v. 108, n. 1266, p. 25- 26, nov. 2013.

BÍBLIA SAGRADA. **Almeida Revista e Atualizada no Brasil**. Tradução: João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BISPO, Luana Maria Cavalcanti. **Relicário urbano: Uma leitura do bairro do Roger na cidade de João Pessoa (2003 – 2013)**. In: Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

BLISS, Sylvester. **Memoirs of William Miller**. Boston: Joshua V. Himes, 1853.

BORGES, Michelson. **A chegada do Adventismo ao Brasil: histórias de fé coragem e dedicação**. 3. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2020.

CÂMARA, Epaminondas. **Datas e notas campinenses**. Campina Grande: Edições Caravela, 1988.

CAMPINA Grande. **Correio da Paraíba**. João Pessoa, ano x, n. 290, 28 jul., 1963. p. 3.

CARVALHO, Jetro de. Zacarias Martins Rodrigues. **Memória Adventista**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Zacarias_Martins_Rodrigue> Acesso em: 12 de set. de 2020.

CARVALHO, M. de Lurdes. Os nossos homens e a Ação Católica. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. LI, n. 154, 30 ago., 1949. p.6.

CARVALHO, João Fernandes de. Diga ao povo que marche. **Revista Adventista**. Santo André, v. 38, n. 3, mar., 1943. p. 9-11.

CARVALHO, João Fernandes de. Na Igreja de Campina Grande. **Revista Adventista**. Santo André, v. 39, n. 8, ago., 1944. p. 22

CASTELLANI, Oscar. O Nordeste em Marcha. **Revista Adventista**. Santo André, v. 36, n. 2, fev., 1941. p. 11-12.

CASTELLANI, Oscar. Notícias das Escolas Nordestina. **Revista Adventista**. Santo André, v. 38, n. 5, mai., 1943. p. 9-10.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CATECISMO nas escolas. **A Imprensa**. João Pessoas, ano XXXIX, n. 256, 1 jan, 1937. p. 9.

CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. A Igreja Católica na Paraíba republicana: romanização e “males” a serem combatidos. **ANPUH**, João Pessoa, 2014.

CAVALCANTI, Francisco de Paula Mello. **Subsérie óbitos** (Paróquia Nossa Senhora das Neves), livro 6, pagina 133 verso, sob o número 158, 1883. In: Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese da Paraíba.

CENTRO WHITE BRASILEIRO. **Biografia Chester Clarence Schneider**. Encyclopedia of seventh-day Adventists. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=6GOI&highlight=Schneider>> Acesso em 30 de Jul. de 2020.

CENTRO WHITE BRASILEIRO. **Biografia Francisco Nunes Siqueira**. Encyclopedia of seventh-day Adventists. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=8GP5&highlight=siqueira>> Acesso em 17 de maio de 2021a.

CENTRO WHITE BRASILEIRO. **Foto de José Rodrigues dos Passos**. Encyclopedia of seventh-day Adventists. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=8IF4&highlight=cruz|rodrigues>> Acesso em 18 de maio de 2021b.

CENTRO WHITE BRASILEIRO. **Foto de Moysés Nigri e Família**. Encyclopedia of seventh-day Adventists. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=8GM1&lang=pt>> Acesso em 18 de maio de 2021c.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2. Ed, Miraflores: Difel, 2002a

CHARTIER, Roger. **À beira da falecia**: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: editora UFRGS, 2002b.

COLLINS, Norma J. **Retratos dos Pioneiros**: Detalhes inspiradores da vida dos pioneiros adventistas. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

CONARD, Claude. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn. 1942.

CONARD, Claude. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn. 1943.

CONARD, Claude. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn. 1944.

CONARD, Claude. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn. 1945.

CONARD, Claude. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn. 1946.

CONARD, Claude. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn. 1947.

CONVERTE-SE ao catolicismo o celebre pastor Niemoeller. A **Imprensa**. João Pessoa, ano. XLIII, n. 171. 29 jun. 1941. p. 3.

CORREIA, Henrique José. Obituário. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 23, n. 4, p. 16, abr., 1928.

COSTA, João Isidio. Campina Grande Cresce. **Revista Adventista**. Santo André, v. 54, n. 9, set., 1959., p. 24-25.

CULTO de ação de graça: 41º primeiro aniversário (1950-1991). João Pessoa: Gráfica Repronorte. 1991. [O documento encontra-se no Anexo “H” deste trabalho].

CRISLER, C. C. **Life of Joseph Bates:** an Autobiography. Washington D. C.: Review and Herald, 1927.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina Do Historiador: Conversas Sobre História E Imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

DAMASCO, Paulo de. Renovação social cristã. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XXXIX, n. 15, 21 jan., 1937. p.5.

E. M. Lambs That Need a Shepherd. **Missions Quarterly**. Washington D. C., v. 15, n. 1, p. 13 - 16, primeiro quadrimestre, 1926.

DAVIS, E. M. Sabbath School in Parahyba, Brazil. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Washington D. C., v. 101, n. 43, p. 13, 23 de out, 1924.

DAVIS, E. M. Reaching new Heights. **South American Bulletin**. Buenos Aires, v. XVI, n. 12, dec., 1940. p. 1.

DE CAMPINA Grande. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. XLI, n. 223, 27 out., 1938a. p.3

DE CAMPINA Grande. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XLI, n. 241, 22 Nov., 1938b. p.3

DE QUEIMADAS. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XXXIX, n. 66, 24 mar., 1937a. p.5.

DE QUEIMADAS. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XXXIX, n. 257, 4 nov., 1937b. p. 2.

DE QUEIMADAS. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XLIII, n. 50, 5 mar., 1940. p. 2.

DIAS, Roberto Barros. **Deus e a pátria:** Igreja e Estado no processo de Romanização na Paraíba (1894-1930). Dissertação de Mestrado em História – Programa de pós-graduação em História - UFPB – João Pessoa, 2008

DIONISIO, Eugenio Di. **Biografia de Ole Oppegard**. Encyclopedia of seventh-day Adventists. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=6GMJ&highlight=Health>>. Acesso em: 24 de jul. de 2020a.

DIONISIO, Eugenio Di. **Biografia de Lionel Brooking**. Encyclopedia of seventh-day Adventists. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=8GGD&highlight=Brooking>>. Acesso em: 24 de jul. de 2020b.

DOIS protestantes conversos abraçam o sacerdócio. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. LI, n. 169, 28 ago., 1948. p. 6.

DORMIRAM no Senhor. **Revista Adventista**. Tatuí, v.83, n. 9, set., 1987. p. 35.

DOUGLASS, Herbert E. **A mensageira do Senhor**: o ministério profético de Ellen G. White. 2 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

EDITORA DOS PIONEIROS ADVENTISTAS. **As aventuras do capitão Bates**. São Paulo: Adventist Pioneer Library, 2017.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, 1963.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Lisboa: Arcádia, 1979.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**: cosmo e história. São Paulo: Mercúrio, 1992a

ELIADE, Mircea. **Origens**: história e sentido na religião. Lisboa: Edições 70, 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992b.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das religiões**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

EM SERRA redonda toda uma família protestante se converte ao catolicismo. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XXXIX, n. 23, 31 jan., 1937. p. 6.

ESTAÇÕES ferroviárias. **Município de Pirpirituba**. Disponível em:<<https://www.estacoesferroviarias.com.br/paraiba/pirpirituba.htm>> Acesso em: 05 de set. 2020.

EVANS, I. H. "Avançae com Fé Crescente": a crise atual. **Revista Mensal**. São Bernardo, V. 24, n. especial, p. 5-8, dez., 1929.

FALECIMENTOS. **Revista Adventista**. Tatuí, v. 107, n. 1250, jul., 2012. p. 37.

FIM DA JORNADA. **Revista Adventista**. Santo André, v. 35, n. 7, p. 15, ago, 1940.

FRAGOSO, A. Ação Católica. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. XLIX, n.158, 1 ago., 1946a. p. 4.

FRAGOSO, A. Ação Católica. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. XLIX, n.181, 3 set., 1946b. p. 6.

FRANÇA, João Paulo. A “rua do esquecimento”: a memória dominante nos logradouros centrais de Campina Grande-PB. **Revista Espacialidades**. Online, v. 8, n. 1, 2015. p. 298-317.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Igreja e Romanização**: A implantação da diocese da Paraíba (1894-1910). João Pessoa: Editora UFPB, 2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: velhas questões Novos Desafios. In. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org). **Novos domínios da história**, Rio de Janeiro. Elsevier, 2012.

FEITOSA, Josué A. De Baixa Verde, Paraíba. **Revista Adventista**. Santo André, v. 44, n. 2, fev., 1949. p.12.

FGV. Fundação Getúlio Vargas. **Biografia Elpidio José de Almeida**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/almeida-elpidio-josue-de>> Acesso em 28 de mar. de 2021.

FROOM, Leroy Edwin. **The Prophetic Faith of Our Fathers: The Historical Development of Prophetic Interpretation**. Washington D. C.: Review and Herald, 1954.

FUCKNER, Ismael. A Igreja Adventista do Sétimo Dia entre a modernidade e a pós modernidade. **Mosaico**, Goiânia, v. 5, n. 2, p. 159-169, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/viewFile/2501/1556>. Acesso em: 29/03/15.

GARCIA, Ana Araújo. **Jerônimo era assim**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1984.

GARCIA, Jerônimo G. Até quando? **Revista Adventista**. Santo André, v. 34, n. 2, fev., 1939. p. 5-6.

GARCIA, Jerônimo G. Pelos seus frutos os conhecereis. **Revista Adventista**. Santo André, v. 35, n. 5, maio., 1940. p. 10-11.

GONÇALVES, Carlos Barros. As polêmicas do antiprotestantismo nas primeiras décadas do século XX: Cuiabá 1926, 1927. **Fronteiras**, v. 12, n. 21, 2010. p. 151-178.

GOOGLE Maps. Localização da fazenda de Luiz Pereira. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/PB-100,+12,+Queimadas+-+PB,+58475-000/@-7.3705634,-35.8846284,15z/data=!4m5!3m4!1s0x7ac03b60f62c5db:0x5360e1d5683cf8f9!8m2!3d-7.3783094!4d-35.8656974>> Acesso em: 29 de mar. de 2021.

GREENLEAF, Floyd. **Terra de Esperança: O crescimento da Igreja Adventista na América do Sul**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

HARDER, Neander. Conferências em João Pessoa. **Revista Adventista**. Santo André, v. 45, n.12, dez, 1950. p. 12.

HEINZ, Daniel. Jakob Erzberger: O pioneiro esquecido. **Adventist World**, 2010. Disponível em: < <https://archives.adventistworld.org/2010/may/jakob-erzberger-the-forgotten-pioneer.html>> acesso em: 14 de jul. de2020

HENNIG, P. Estado de nossa obra no Brazil em fins do anno 1915. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 11, n. 4, abr., 1916. p. 11.

HENRIQUE, Aduino Aurélio de Miranda. **Carta pastoral Deus e a Pátria.1908**. in:Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese da Paraíba, Cartas pastorais de Dom Aduino Aurélio de Miranda Henrique (1894-1935).

HERMANN, J. História das Religiões e das Religiosidades. In: Ronaldo Vainfas e Ciro Cardoso. (Org.). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997, v. 1, p. 474-507.

HEROISMO d'um convertido dos nossos dias. **A Imprensa**. João Pessoa, v. XXXIX, n. 18, 24 jan., 1937. p. 5.

HISTORY, ART & ARCHIVES. **A vida do representante Matthew Lyon de Vermont e Kentucky**. 2020. Disponível em: <https://history.house.gov/Historical-Highlights/1800-1850/The-life-of-Representative-Matthew-Lyon-of-Vermont-and-Kentucky/>. Acesso em: 14/06/2020.

HOMENS de formação. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. LI, n. 162, 6 set., 1947. p. 6.

HOSOKAWA, H. **Da colina rumo ao mar: o Colégio Adventista Brasileiro em Santo Amaro (1915-1947)**. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: Universidade de São Paulo - USP/FFLCH, 2001

IGREJA presbiteriana testemunhas de cristo. **A União**. João Pessoa, ano. LVII, n. 75, 2 abr., 1949. p.7-8.

IGREJA presbiteriana testemunhas de cristo. **A União**. João Pessoa, ano. LVIII, n. 174, 2 abr., 1950. p. 4.

INSTALADA oficialmente a ação católica nesta paróquia. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. XXXIX, n. 135, 12 de Jul., 1938. p. 4.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística**. Disponível em <<https://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP60&t=populacao-religiao-populacao-presente-residente>> Acesso em 26 de ago. de 2020.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística. **Solânea**. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/solanea/historico>> Acesso em 09 de mar. de 2021a.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística. **Sumé**. Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/paraiba/sume.pdf>> Acesso em 11 de mar. de 2021b.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística. **São Bento**. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sao-bento/historico>> Acesso em 26 de abril. de 2021c.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística. **Natuba**. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/natuba/historico>> Acesso em 26 de abril. de 2021d.

ISIDIO, João. Fim da Jornada. **Revista Adventista**. Santo André, v. 52, n. 12, dez, 1957. p. 27.

JOHANDERSON, E. J. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1951.

JUVENTUDE católica feminina. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. XLI, n. 184, 19 Set. 1938. p. 6.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Estevam Luiz; MORAIS, Marcus Vinicius de. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.

KNIGHT, George. **Em Busca de Identidade**: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

KNIGHT, George. **Adventismo**: Origem e impacto do movimento Milerita. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

KNIGHT, George. **Uma igreja Mundial**: Breve História dos adventistas do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

KROEKER, Jacob. Pernambuco. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 16, n. 4, abr. de 1921. p. 9 e 10.

LAGENSTRASSEN, E. Dízimos e Ofertas Arrecadados no Campo da Missão Pernambucana durante o ano 1920. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 16, n. 5, mai., 1921. p. 16.

LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LEONARD, Emile G. **O protestantismo brasileiro**: estudo da eclesiologia e história social. 2. Ed. Rio de Janeiro: JUERP/ ASTER, 1981.

LOUGHBOROUGH, John Norton. **O grande movimento adventista**. São Paulo: Adventist Pioneer Library, 2014.

LIMA, Antônio Muniz de. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. Cabedelo, 30 nov., 2019a. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "S" deste trabalho]

LIMA, Hosana Mendes de. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. Cabedelo, 30 nov., 2019b. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "T" deste trabalho]

LINK, Edegar. **Die Anfänge der Freikirche der Siebenten-Tags-Adventisten in Brasilien unter besonderer Berücksichtigung ihrer deutschen Wurzeln (1890-1915)**. in: dissertação (mestrado em teologia), Universidade Adventista de Friedensau, Friedensau, 2014.

LINK, Edegar. Raízes da nossa história. **Revista Adventista**. Tatuí, v. 112, n. 1328, dez. 2017. p. 6-7.

LIPKE, John. Do campo: Missão Leste - Brasileira. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 6, n. 4, abr, 1911a. p. 6.

LIPKE, John. Do campo: Missão Leste - Brasileira. **Revista Mensal**. São Bernardo, v 6, n 9, set, 1911b. p. 11- 12.

LIPKE, John. Do campo: Missão Este Brasileira. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 7, n. 12, dez, 1912. p. 6- 7.

LIPKE, John. Várias Notícias. **Revista Mensal**. São Bernardo, v 5, n 6, jun, 1910^a. p. 10.

LIPKE, John. Várias Notícias. **Revista Mensal**. São Bernardo, v 5, n 9, set, 1910^b. p. 5.

LIRA, S. Frutos de Semente Regada com Lágrimas e Sangue. **Revista Adventista**. Santo André, v. 57, n. 1, jan. 1962. p. 30.

LIRA, S. Das trevas para Luz. **Revista Adventista**. Santo André, v. 59, n. 12, dez. 1964. p. 21 - 22.

LUTERO, o liberalismo e o comunismo. **A Imprensa**. João Pessoa, ano L, n. 11, 16 de jan. 1947. p. 6.

MACEDO, Eurilene da Silva. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. Queimadas, 14 set. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "D" deste trabalho].

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil – 1916/1985**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MANSELL, E. P. Sem título. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 22, n. 11, nov. 1927. p. 9,

MANSELL, E. P. East Brazil Notes. **South American Bulletin**. Buenos Aires, v. IV, n 1, jan., 1928a. p. 6.

MATOS, Alderi de S. A Vida do Rev. John Rockwell Smith. **Agreste Presbiteriano**. 2018. Disponível em: <<https://agrestepresbiteriano.com.br/a-vida-do-rev-john-rockwell-smith/>> Acesso em: 29 de set. 2020.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História oral como fonte: problemas e métodos**. *Historiæ*, Rio Grande, v. 2, n. 1, 2011. p. 95-108

MAXWELL, C. Mervyn. **Conte Isso ao Mundo: História do Adventismo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

MEDEIROS, João Felix. Evangelismo? **A Imprensa**. João Pessoa, ano L, n. 23, 7 fev. 1947a. p. 6

MEDEIROS, João Felix. Evangelismo?. **A Imprensa**. João Pessoa, ano L, n. 119, 10 de jul. 1947b. p. 6.

MEDEIROS, João Felix. A Incoerência Protestante. **A Imprensa**. João Pessoa, ano LI, n. 146, 23 de jul. 1948. p. 6.

MELLO, Amelia de. Parahyba do Norte. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 15, n. 4, abr., 1920. p. 17.

MELO, Raquel de Brito Lyra. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. Campina Grande, 25 fev. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "L" deste trabalho].

MELO, Vilma de Lurdes. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. João Pessoa, 2 nov. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "R" deste trabalho].

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Guilherme Stein Junior**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Guilherme_Stein_Jr.> acesso em 12 de jul. de 2020a.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Huldreich Ferdinand Graf**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Huldreich_F._Graf> acesso em 13 de jul. de 2020b.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Frederick Weber Spies**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Frederico_Weber_Spies> acesso em 13 de jul. de 2020c.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Ernest Julius Theodor Schwantes**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Ernest_Julius_Theodor_Schwantes> acesso em 14 de jul. de 2020d.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Guilherme Belz**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Guilherme_Belz> acesso em 14 de jul. de 2020e.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de John Lipke**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=John_Lipke> acesso em 15 de jul. de 2020f.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Paul Grämer**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Paulo_Kr%C3%A4mer> acesso em 16 de jul. de 2020g.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Abel Landers Gregory**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Abel_Landers_Gregory> acesso em 16 de jul. de 2020h.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Celso Camelo Costa**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Celso_Camelo_Costa> acesso em: 12 de Set. de 2020i.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Clarence Emerson Rentfro**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Clarence_Emerson_Rentfro> acesso em: 12 de Set. de 2020j.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Ricardo José Wilfart**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Ricardo_Jos%C3%A9_Wilfart> acesso em: 20 de Set. de 2020k.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Luiz Caleb Rodrigues**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Luiz_Caleb_Rodrigues> acesso em: 26 de fev. de 2021a.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Henry J. Meyer**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=HenryJ._Meyer> acesso em: 02 de mar. de 2021b.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Clarence Emerson Rentfro**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Clarence_Emerson_Rentfro> acesso em: 05 de mar. de 2021c.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Jacob G Koerker**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Jacob_Kroeker> acesso em: 16 de mar. de 2021d.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Gustavo Storch**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Gustavo_Storch> acesso em: 16 de mar. de 2021e.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de José Rodrigues dos Passos**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Jos%C3%A9_Rodrigues_dos_Passos> acesso em: 19 de mar. de 2021f.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Theóphilo Berger**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=The%C3%B3philo_Berger> acesso em: 19 de mar. de 2021g.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Moyses Salim Nigri**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Mois%C3%A9s_Salim_Nigri> acesso em: 23 de mar. de 2021h.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Maria Alida Baar Nigri**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Maria_Alida_Baar_Nigri> acesso em: 23 de mar. de 2021i.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Jerônimo Granero Garcia**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Jer%C3%B4nimo_Granero_Garcia> acesso em: 17 de maio. de 2021j.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de José Nunes Siqueira**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Jos%C3%A9_Nunes_Siqueira> acesso em: 17 de maio. de 2021k.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Severino Pereira**. Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Severino_Pereira> acesso em: 17 de maio. de 2021l.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Orlando Gomes Pinho.** Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Orlando_Gomes_de_Pinho> acesso em: 17 de maio. de 2021m.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Oscar Martins Castelani.** Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Oscar_Martins_Castellani> acesso em: 17 de maio. de 2021n.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de João Isídio da Costa.** Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Jo%C3%A3o_Isidio_da_Costa> acesso em: 18 de maio. de 2021o.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Alcide Cruz Rodrigues.** Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Alcides_Cruz_Rodrigues> acesso em: 18 de maio. de 2021p.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de José Irajá da Costa Silva.** Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Jos%C3%A9_Iraj%C3%A1_da_Costa_Silva> acesso em: 18 de maio. de 2021q.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Altino Martins.** Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Altino_Martins> acesso em: 18 de maio. de 2021r.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Walter Streithorst.** Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Walter_Streithorst> acesso em: 18 de maio. de 2021s.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Rodolfo Belz.** Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Rodolfo_Belz> acesso em: 18 de maio. de 2021t.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Nelson P. Nielsen.** Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Nelson_P._Nielsen> acesso em: 18 de maio. de 2021u.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Ataliba Abreu Netto.** Disponível em: <http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Attabia_Abreu_Netto> acesso em: 21 de set. de 2021v.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir:** a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

MENEZES, Evely Lima; MARQUES, Luiz Carlos Luz. **Botando fogo em nome de deus: a luta pelo domínio do campo religioso no Recife, no início do século XX.** ST 7 - Cidadãos e fiéis em atuação no Brasil republicano: espaço público, religiões e cidadania. XIII Colóquio de História da UNICAP. Recife, 06 a 08 nov. 2019. Disponível em <<http://www.unicap.br/ocs/index.php/coloquiodehistoria/coloquiodehistoriaxix/paper/viewFile/1392/485>> Acesso em 24 de maio de 2021.

MEYER, Henry J. Dos Campos: As reuniões gerais da União Norte Brasileira. **Revista Mensal**, São Bernardo, v. 14, n. 11, nov., 1919. p. 7 – 9.

MEYER, Henry J. Atenção. **Revista Mensal**, São Bernardo, v. 16, n. 5, mai., 1921. p. 15.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **Igreja Católica do Brasil: Uma Trajetória Reformista (1872-1945)**. In: Dissertação (Mestrado em História) – UFPE. Recife, 1988.

MILLER, Guilherme. Memoir of William Miller. **The Midnight Cry**. New York, V. 1, n.1, 17 de Nov. de 1842. p. 1-2.

MIRANDA, João. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. Queimadas, 12 out. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "G" deste trabalho].

MISSÕES em Queimadas. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XXXIX, n. 222, 20 out.1937, p. 3, 7.

MOURA, Ariosvaldo Castro de. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. Queimadas, 28 set. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "J" deste trabalho].

MOURA, Marcelo Mendes de Melo. **Origem do Adventismo no Vale do Itajaí, 1880-1895**. in: dissertação (mestrado em Teologia), Centro Universitário Adventista, Engenheiro Coelho, São Paulo, 2015.

MOURA, Rosita Matias de. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. Campina Grande, 9 mar. 2021. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "M" deste trabalho].

MONTEIRO, Felipe Pinto. Messianismo, Milenarismo e Catolicismo (Popular) no Discurso Intelectual das Ciências Humanas e Sociais: Apontamentos Preliminares para uma Questão Conceitual. **Revista de Teoria da História**, v. 2, n. 4, 2010. p. 84-116

MUNIZ, Rosival. **Histórico da IASD no distrito de Campina Grande**. Campina Grande, 1981. [O documento encontra-se no Anexo "B" deste trabalho]

MURRAY, W. E. This Is The Day. **Atlantic Union Gleaner**. Massachuset, v. LV, n. 25, 18 jun, 1956., p.1 – 2.

NASCIMENTO, Danielle de Sousa Gomes. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. Campina Grande, 10 mar., 2021. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "K" deste trabalho]

NAGEL, Ruy. Lançando "o teu pão sobre as águas". **Revista Adventista**. Tatuí, v. 92, n. 12, dez., 1996. p. 4.

NEGROMONTE, A. Protestantismo decadente. **A imprensa**. João Pessoa, ano XLIV, n. 85, 18 abr., 1942. p. 4.

NEILSEN, N. P. Notes on the trip to the amazon region. **South America Bulletin**. Buenos Aires, v. XV, n. 9, set., 1939. p. 7.

NETTO, Ataliba de Abreu. Conferências Públicas na Cidade de Itabuna. **Revista Adventista**. Santo André, v.52, n. 4, abr., 1957. p. 26 - 27.

NETTO, Ataliba de Abreu. Conferências públicas no Roger. **A União**. João Pessoa, v. LIII, n. 285, 15 nov., 1945a. p. 2.

NETTO, Ataliba de Abreu. Conferências públicas no Roger. **A União**. João Pessoa, v. LIII, n. 287, 18 nov., 1945b. p. 7.

NETTO, Ataliba de Abreu. Conferências na Sociedade Beneficente “2 de Setembro”, à rua do Rogger. **A União**. João Pessoa, v. LIII, n. 293, 25 nov., 1945c. p. 7.

NETTO, Ataliba de Abreu. Conferências no Rogers. **A União**. João Pessoa, v. LIII, n. 297, 30 nov., 1945d. p. 7.

NETTO, Ataliba de Abreu. Conferências públicas no Rogers. **A União**. João Pessoa, v. LIII, n. 312, 18 dez., 1945e. p. 7.

NETTO, Ataliba de Abreu. Conferências no Rogers. **A União**. João Pessoa, v. LIII, n. 317, 23 dez., 1945e. p. 7.

NETTO, Ataliba de Abreu. Louvai ao senhor porque ele é bom. **Revista Adventista**. Santo André, v.42, n. 4, abr., 1947a., p. 10.

NETTO, Ataliba de Abreu. Notícias de João Pessoa, Paraíba. **Revista Adventista**. Santo André, v.42, n. 1, jan., 1947b. p. 24.

NIGRI, Moyses Salim. A perseguição de Baixa Verde. **Revista Adventista**. Santo André, v.59, n. 10, out., 1964a. p. 16 - 18.

NIGRI, Moyses Salim. A perseguição de Baixa Verde. **Revista Adventista**. Santo André, v.59, n. 11, nov., 1964b. p. 22 - 24.

NIGRI, Moyses Salim. **Sem Fronteiras**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

NIGRI, Moyses Salim. João Pessoa. **Revista Adventista**. Santo André, v.34, n. 3, mar., 1939a. p. 11 - 12.

NIGRI, Moyses Salim. João Pessoa e Sua Congregação. **Revista Adventista**. Santo André, v.34, n. 5, mai., 1939b. p. 10-11.

NIGRI, Moyses Salim. Notícias da Paraíba do Norte. **Revista Adventista**. Santo André, v.34, n. 11, nov., 1939c. p. 7, 10.

NIGRI, Moyses Salim. As escolas do Nordeste. **Revista Adventista**. Santo André, v.36, n. 6, jun., 1941a. p. 14.

NIGRI, Moyses Salim. Que Estão Fazendo as Escolas do Nordeste? **Revista Adventista**. Santo André, v.36, n. 11, nov., 1941b. p. 13-14.

NIGRI, Moyses Salim. O fundo de Inversão em João Pessoa. **Revista Adventista**. Santo André, v.35, n. 12, dez., 1940. p. 15-16.

NIGRI, Moyses Salim. Pelo Norte e Nordeste — I. **Revista Adventista**. Santo André, v.55, n. 1, janeiro., 1960a. p. 26 -28.

NIGRI, Moyses Salim. Pelo Norte e Nordeste — IV. **Revista Adventista**. Santo André, v.55, n. 4, abril., 1960b. p. 25 -27.

NIGRI, Moyses Salim. Pelo Norte e Nordeste — V. **Revista Adventista**. Santo André, v.55, n. 5, maio., 1960c. p. 29 -31.

NOVAS Igrejas Organizadas. **Revista Adventista**. Santo André, v.37, n. 9, set., 1942. p. 32.

NOVEAS, Allan; FOLLIS, Rodrigues. **O Adventismo na Academia Brasileira: um panorama do estado da arte**. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2016.

NUNES, Elton de Oliveira. Teoria e metodologia em história das religiões no Brasil: o estado da arte. **História: Questões & Debates**, Curitiba, Editora UFPR, n. 55, p. 43-58, jul./dez. 2011.

O DIRETOR do departamento de educação fixa as diretivas de ensino na Paraíba. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XXXIX, n. 107, 21 maio, 1937. p. 107.

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. Formação histórica do movimento adventista. **Estudos Avançados**, v.52, n.18, p. 157-179, 2004.

OLIVEIRA, José Alves de. **Vocação e Projeção**. Santos: Ed. Do Autor, 1987.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Ática, 2004.

OLIVEIRA, Waldyr M. Missão Nordeste vai bem. **Revista Adventista**. Santo André, v. 72, n. 10, out., 1977a. p. 25-26.

OLIVEIRA, Waldyr M. Missão Nordeste - Resenha Evangelística. **Revista Adventista**. Santo André, v. 72, n. 11, nov., 1977b. p. 19-20.

OLSON, H. O. Do Nordeste. **Revista Adventista**. Santo André, v. 35, n. 10, out., 1940a. p. 12.

OLSON, H. O. Mob Attempts to Tear Down Our Church. **Review and Herald**. Washington, v. 137, n. 35, ago., 1940b. p. 32.

OLSON, H. O. Mob Attempts to Tear Down Our Church. *South American Bulletin*. Buenos Aires, v. XVI, n. 8, ago., 1940c. p. 6.

O NOVO calçamento da rua Artur Aquiles. **A União**. João Pessoa, v. XLVI, n. 24, secção 2, 31 jan., 1939, p.1.

ONE HUNDRED Seventy-Fifth Meeting General Conference Odemilíe. **Atas da Comissão da Conferência Geral**. Disponível em
<<https://documents.adventistarchives.org/Minutes/GCC/GCC1957-01.pdf>> acesso em: 06 de maio de 2021.

OPINIÃO de um pastor luterano alemão, do Sul do Brasil sobre as igrejas e seitas do Brasil. **A Imprensa**. João Pessoa, ano LI, n. 72, 7 abr., 1937. p. 6.

OS PROTESTANTES e o nazismo. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XXXIX, n. 39, 21 fev., 1937. p. 3.

O PROTESTANTISMO, o divórcio e o casamento de Eduardo VIII. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XXXIX, n. 17, 23 jan., 1937. p. 3

O SEMINÁRIO protestante do Rio G. Do Sul era um foco de nazismo. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XLI, n. 190, 18 set., 1938. p. 8.

OVERSEAS Ordinations. **The Ministry**. Washington, v. XXXIII, n. 3, mar., 1960. p. 38-40.

PACHECO, Joice Oliveira. **Identidade cultural e alteridade**: problematizações necessárias. Disponível em
http://www.unisc.br/site/spartacus/edicoes/012007/pacheco_joice_oliveira.pdf > acesso em: 20 de dez. de 2019.

PAEZ, Ayres Ferreira. Relatório de colportagem: Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo – fevereiro de 1916. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 11, n. 4, abr. 1916. p.10.

PAGES, Erna. Relatório das escolas sabbatinas da Missão Norte-Brazileira do 1. trimestre de 1910. **Revista Mensal**, São Bernardo, v. 5, n. 5, maio, 1910. p. 5.

PALLARES, Salvador Castro. A tragédia do protestantismo. **A Imprensa**. João Pessoa, v. LI, n. 229, 11 dez., 1947. p. 6.

PARENTE, Alcides. A Colportagem na Missão Nordeste. **Revista Adventista**. Santo André, v. 31, n. 8, ago., 1936. p. 11.

PARENTE, Alcides. Notas e Notícias. **Revista Adventista**. Santo André, v. 32, n. 8. ago., 1937. p. 16.

PASSOS, Adelina B. Adelina B. Passos: Enfermeira Parteira. **A União**. João Pessoa, v. XLV, n. 213, secção 2, 29 de out., 1937. p. 3.

PASSOS, José R. dos. Conferências públicas em João Pessoa. **Revista Adventista**. Santo André, v. 32, n. 11, nov., 1937a. p. 8

PASSOS, José R. dos. Boas Novas de João Pessoa, Parahyba. **Revista Adventista**. Santo André, v. 33, n. 3, mar., 1938a. p. 6

PASSOS, José R. dos. O adventismo em João Pessoa. **Revista Adventista**. Santo André, v. 33, n. 11, nov., 1938b. p. 13 – 14.

PASSOS, José R. dos. Vida Religiosa: Conferências adventistas na sede da União operária beneficente. **A União**. João Pessoa, v. XLV, n. 87, 23 de mai., 1937b. p. 2,

PASSOS, José R. dos. Vida Religiosa: Conferências evangélicas adventistas. **A União**. João Pessoa, v. XLV, n. 92, 30 de mai., 1937c. p. 7.

PASSOS, José R. dos. Vida Religiosa: Conferências religiosas. **A União**. João Pessoa, v. XLV, n. 98, 6 de jun., 1937d. p. 6.

PASSOS, José R. dos. Vida Religiosa: Conferências evangélicas adventistas. **A União**. João Pessoa, v. XLV, n. 110, 20 de jun., 1937e. p. 2

PASSOS, José R. dos. Vida Religiosa: Conferências Públicas. **A União**. João Pessoa, v. XLV, n. 170, 5 de set., 1937f. p. 4.

PASSOS, José R. dos. Vida Religiosa: Igreja Adventista do 7º Dia. **A União**. João Pessoa, v. XLV, n. 256, 24 de dez., 1937g. p. 2.

PASSOS, Otoniel. Ação Católica Organizada. **A Imprensa**. João Pessoa, v. XXXIX, n. 232, 31 out., 1937. p. 4 e 7.

PESSOA, Davi de Oliveira. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. João Pessoa, 2 nov., 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "O" deste trabalho]

PIEDRA, Arturo. **Evangelización protestante em América Latina**: análisis de las razones que justificaron y promovieron la expansión protestante. Quito: CLAI, 2002. v. 2.

PINHO, O. G. Não retire a tua mão. **Revista Adventista**. Santo André, v. 43, n. 12, dez., 1948. p. 8, 25.

PREFEITURA Municipal De Parari. História da Cidade. Disponível em: <
<http://www.parari.pb.gov.br/acidade/historia/>> Acesso em: 02 de mar de 2021.

PRO Ação Católica. **A Imprensa**. João Pessoa, v. XLIII, n. 2, p. 4, 3 de jan., 1940.

PROGRAMA de inauguração e dedicação da Igreja Adventista do Sétimo na Rua Coronel João Lourenço Porto. Campina Grande, 1969. [o documento encontra-se no Anexo “C” deste trabalho]

QUAIS os inimigos da Bíblia?, **A Imprensa**. João Pessoa, v. LI, n. 243, 30 de dez., 1949. p. 6.

QUEM não é por mim é contra mim. **A Imprensa**. João Pessoa, v. XLIII, n. 6, 9 jan. 1941. p. 3.

RABELLO, José Mendes. Colportagem – Pernambuco. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 14, n. 12, dez., 1919a. p. 17 e 23.

RABELLO, José Mendes. Pernambuco – Fevereiro de 1919. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 14, n. 4, abr., 1919b. p. 14.

RABELLO, José Mendes. Pernambuco – Agosto de 1919. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 14, n. 10, out., 1919c. p. 14.

RABELLO, José Mendes. Pernambuco – julho de 1919. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 14, n. 9, out., 1919d. p. 14.

RABELLO, José Mendes. Pernambuco – Setembro de 1919. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 14, n. 12, out., 1919e. p. 14.

RABELLO, José Mendes. Pernambuco – Maio de 1919. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 14, n. 7, jul., 1919f. p. 16.

RABELLO, José Mendes. Pernambuco – Dezembro de 1919. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 15, n. 3, mar., 1920b. p. 14.

RABELLO, José Mendes. Pernambuco – Novembro de 1919. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 15, n. 1, jan., 1920a. p. 15.

RABELLO, José Mendes. Pernambuco – Setembro de 1921. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 16, n. 11, nov., 1921. p. 15.

RABELLO, José Mendes. Pernambuco – Fevereiro de 1922. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 17, n. 4, abri., 1922a. p. 15.

RABELLO, José Mendes. Pernambuco – Maio de 1922. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 17, n. 8, ago., 1922b. p. 16.

REINICIADAS AS atividades da União de Moços Católicos desta capital. **A Imprensa**. João Pessoa, v. XXXIX, n.46, 26 de fev. 1938. p. 1.

RELATÓRIO de ofertas da escola sabatina de 1911. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 7, n. 1, jan., 1912. p. 6.

RELATÓRIO da Escola Sabatina do 3º trimestre de 1915. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 11, n. 1, jan., 1916. p. 7.

RELIGIÃO. **A Imprensa**. João Pessoa, v. XLIX, n. 49, 1 mar., 1946. p. 5.

RAMOS, José Carlos. Evangelismo na União Este. **Revista Adventista**. Santo André, v. 72, n. 10, out., 1977. p. 24.

RENTFRO, Clarence Ermenson. Experiências de viagem na Missão Pernambucana. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 17, n. 11, nov., 1922. p. 11.

RIBEIRO, Alvarez Jorge O. **História da Igreja Presbiteriana da Paraíba**. João Pessoa: Editora Fenix, 2003.

RIBEIRO, L. M. P. O protestantismo brasileiro: objeto em estudo. **Revista USP**, São Paulo, n. 74, p. 117-129, mar./mai. 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13593>. Acesso em: 29/03/15.

ROCHA, Francisco de Assis Pereira. **Notificação a Câmara da Parahyba dia 10 de jun. de 1828**. In: documentos da câmara de João Pessoa, Fundação Casa José Américo.

RODRIGUES, Alcides C. Campina Centenária. **Revista Adventista**. Santo André, v. 60, n. 3, mar, 1965. p. 15

RODRIGUES, Alcides C. Campina Centenária. **Revista Adventista**. Santo André, v. 65, n. 3, mar, 1970. p. 15

RODRIGUES, José Adauto. Parabéns pelos 55 anos de igreja central. **A Palavra**. João Pessoa, v. 1, n. 9, set., 2005, p. 34. Ver Anexo I.

RODRIGUES, Luiz Caleb. Rehouve o Animal Roubado. **Revista Adventista**. Santo André, v. 31, n. 4, abril, 1936. p. 8.

RODRIGUES, Shirley de Almeida. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. João Pessoa, 09 nov., 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "Q" deste trabalho]

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1904.

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1907.

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1910.

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1911.

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1912.

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1915.

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1917.

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1918.

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1919.

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1920.

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1924.

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1926.

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1927.

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1928.

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1933.

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1937.

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1938.

ROGERS, H. E. **Yearbook of the seventh-day adventist denomination**. Washington: Review & Herald Publishing Assn, 1939.

ROSSI, Agnello. Como prevenir ou resistir à propaganda protestante. **A Imprensa**. João Pessoa, v. LI, n. 186, 16 out., 1947. p. 6.

SANTOS, Ednaldo Araújo dos. **Arquidiocese da Paraíba (1914-2014): História e Memória**. João Pessoa: Gráfica Moura Ramos, 2013.

SANTANA, Luiz Antônio Costa. Batismo, após 30 anos. **Revista Adventista**. Santo André, v. 69, n. 4, abr., 1974. p. 23.

SANTOS, Ednaldo Araújo dos; VELÔSO, Ricardo Grisi. **O ano sacerdotal e o clero da arquidiocese da Paraíba**. João Pessoa: A União, 2010.

SANTOS, Luciano dos. As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas. **Rascunhos Culturais**, Coxim, v.2, n.4, jul/dez. 2011. p. 141 – 157.

SCHÜNEMANN, H. E. S. A inserção do adventismo no Brasil através da comunidade alemã. **Rever**, São Paulo, v. 3, n. 1, 2003. p. 27-40.

SCHOLTUS, Silvia C. **Biografia de Robert Hill Habenicht**. Encyclopedia of seventh-day Adventists. Disponível em:

<<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=EGIP&highlight=Habenicht>> Acesso em: 24 de jul. de 2020.

SHMIDIT, S. Novas da União Este. **Revista Adventista**. Santo André, v. 36, n. 11, nov., 1941. p. 10-11.

SILVA, Edjaelson Pedro da. **Súditos e Protestantes: O impacto da propaganda protestante no sistema jurídico do Brasil Império (1835-1889)**. In: Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2020.

SILVA, Severina Freitas da. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. Queimadas, 14 set. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "C" deste trabalho]

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVA, Veneziano S. da. Salvo da Corrupção. **Revista Adventista**. Santo André, v. 59, n. 1, jan., 1964. p. 24.

SIMÕES, Daniel Soares. **O rebanho de Pedro e os filhos de Lutero: o Pe. Júlio Maria De Lombaerde e a polêmica antiprotestante no Brasil (1928- 1944)**. In: Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

SINDICATO dos Condutores de Veículos Rodoviários de João Pessoa. **A UNIÃO**. João Pessoa, v. L, n.196, 27 de ago, 1942. p.5.

SIQUEIRA, Antônio A. Como Deus tem usado as pessoas. **Revista Adventista**. Santo André, v. 65, n. 11, nov., 1970. p. 20-21.

SOARES, Caleb. **Januário Antônio dos pés Formosos**. Campinas: Luz para o Caminho, 1996.

SOARES, Maria Pereira da Silva. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. Queimadas, 28 set. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "E" deste trabalho].

SOUSA JUNIOR, José Pereira. Estado **laico, igreja romanizada na Paraíba republicana: relações políticas e religiosas (1890 – 1930)**. in: dissertação (mestrado em história), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SOUZA, Valdemir de França. **De volta para o Passado?** Uma análise crítica da reproposição das “Santas Missões Santas Missões populares” no século XXI. In: Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2011.

SPIES, F. W. A nova Missão-União Norte-brasileira. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 11, n. 12, nov.1916 b. p. 3-4.

SPIES, F. W. A organização da Conferência União Sul-Américana. **Revista Trimensal**. São Bernardo, v. 1, n. 3, mar. 1906. p. 1-2.

SPIES, F. W. Conferências: a Conferência União Brasileira. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 6, n. 1, jan.1911a. p.1.

SPIES, F. W. The eastern coast of the great South American continent. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Washington D. C., v. 88, n. 51. 21 de dez, 1911b.

SPIES, F. W. Do campo: Missão Norte Brasileira. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 4, n. 2, fev. 1908a. p.6.

SPIES, F. W. Missão Norte Brasileira: notícias de Alagoas. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 4, n. 1, jan. 1909. p.3-4.

SPIES, F. W. Missão Norte Brasileira: Como o sábado chegou a ter seu primeiro adepto na Bahia. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 3, N. 1, jan. 1908b. p. 4-5

SPIES, F. W. North Brazil Union Mission. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Washington D. C., v. 95, n. 34. 22 de ago, 1918.

SPIES, F. W. O Campo Nacional: Em Viagem. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 20, n. 12, dez., 1925. p. 6.

SPIES, F. W. Um novo campo de missão união. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 11, n. 8, ago. 1916a. p.2

SPIES, F. W. Viagem a Bahia. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 3, n. 1, jan.1908c. p.4.

SPIES, F. W. Uma Importante Reunião. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 14, n. 2, fev., 1919. p.1 e 2.

SPIES, F. W. Campo Nacional: Em Viagem. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 20, n. 12, dez., 1925. p. 6.

STORCH, G. S. União Este Brasileira: Através da Missão Pernambucana. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 25, n. 10, out., 1930. p.10-11.

STORCH, G. S. Gleanings of Progress Throughout the Field. **South American Bulletin**. Buenos Aires, v. 8, n. 8, out., 1932a. p.8.

STORCH, G. S. Missão Nordeste Brasileira. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 27, n. 5, maio., 1932b. p. 12-13

SYLVESTRE, Josué. **Fatos e personagens de perseguição a evangélicos**: Antes que as marcas se apaguem. Curitiba: Editora Mensagem, 2014.

TACIANO, A. Os adventistas do sétimo dia. **A Imprensa**. João Pessoa, ano LI, n. 230, 12 dez., 1947., p. 6.

TACIANO, A. O sábado e o domingo. **A Imprensa**. João Pessoa, ano LI, n. 24, 1 fev., 1948., p. 6.

TATAGUASSU. **Padres de Queimadas**. Disponível em <<http://tataguassu.blogspot.com/2010/02/padres-de-queimadas.html>> Acesso em 31 de mar de 2021.

TELES, Carlos. Cabedelo sob o aspecto religioso. **A Imprensa**. João Pessoa, ano LI, n. 195, 28 ago., 1948., p. 6.

THE NEXT Thirteenth Sabbath Offering Overflow Will Go to the Inter-American Division. **Missions Quarterly**. Washington, v. 45, n. 2, 1956. p. 24.

TRINDADE, Júlio Cantalice da. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. LI, n. 246, 4 dez., 1948. p. 6.

UMA conversão impressionante. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. XLI, n. 20, 29 jan., 1939. p. 4.

UMA revista protestante. **Maria**. Recife, ano 37, n. 4, abr., 1948. p. 57.

UNIÃO dos moços católicos. **A Imprensa**. João Pessoa, v. XLI, n. 199. 28 set., 1938. p. 4.

VÁRIAS notícias. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 5, n. 6/7, jun./ jul, 1910. p. 10.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **Os novas-seitas**: a presença protestante na perspectiva da literatura de cordel-Pernambuco e Paraíba (1893-1936). In: Dissertação (Mestrado em História) - Programa de pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

VASCONCELOS, Zacarias Rodrigues. Razões porque guardo o sábado. **Revista Adventista**. Santo André, v. 40, n. 9, set., 1945. p. 22-23.

VIANA, Oseias Bezerra. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. Queimadas, 28 set. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "I" deste trabalho].

VIANA, Raquel Bezerra. **Entrevista concedida a Daniel da Silva Firino**. Queimadas, 28 set. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "H" deste trabalho]

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano XLV, n. 92, 30 mai., 1937a. p. 7.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano XLV, n. 98, 6 jun., 1937b. p. 6.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano XLV, n. 152, 12 jun., 1937c. p. 5.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano XLV, n. 141, 1 ago., 1937d. p. 3.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano XLVI, n. 130, 12 jun., 1938a. p.2.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano XLVI, n. 257, 18 nov., 1938b. p.3.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano XLVII, n. 61, 17 mar., 1939a. p.3.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano XLVII, n. 73, 31 mar., 1939b. p.3.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano XLVII, n. 188, 31 mar., 1939c. p.3.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano XLVIII, n. 288, 24 dez., 1940. p.3.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano XLVIII, n. 19, 24 jan., 1941. p.3.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano LI, n. 195, 27 ago., 1943. p.3.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano LII, n. 81, 9 abr., 1944a., p.5.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano LII, n. 147, 1 Jul., 1944b., p.4.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano LII, n. 177, 5 ago., 1944c. p.4.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano LII, n. 247, 29 de out., 1944d. p. 5.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano LII, n. 207, 12 set., 1944e. p. 4.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano LII, n. 222, 29 set., 1944f. p. 4.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano LV, n. 215, 27 set., 1947. p. 3.

VIEIRA, Lucas Schuab. **A imprensa como fonte para a pesquisa em história: teoria e método**. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vieira-lucas-2013-imprensa-fonte-pesquisa.pdf>> acesso em: 19 de dez. de 2019.

WERNET, Augustin. **A Igreja paulista no século XIX: a Reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)**. São Paulo: Ática, 1987.

WESCOTT, H. B. Some Changes in the East-Brazil Union. **South American Bulletin**. Buenos Aires, v. 8, n. 5, maio, 1932. p. 3.

WESTPHAL, J. W. Organização da igreja. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 7, n. 3 e 4, mar-abr, 1912. p. 1-2.

WILFART, Ricardo José. Pernambuco. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 14, n. 11, 1919. p. 10-11.

WILFART, Ricardo José. Do campo. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 10, n. 5, 1915. p. 4.

WHITE, Ellen Gould. **Primeiros escritos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

WHITE, Ellen Gould. **Vida e Ensino**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, Ellen Gould. **História da redenção**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, Ellen Gould. **A Igreja Remanescente**. 8ª Ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

WHITE, Tiago. **Minha história: no contexto do grande movimento adventista, conforme ilustrado pelos três anjos de Apocalipse 14**. São Paulo: Adventist Pioneer Library, 2018.

WHITE, Tiago. Editorial. **Present Truth**. Washington, v. 1, n. 1, jun., 1849. p. 1.

WILHELM, J. M. Curso de colportagem em Pernambuco. **Revista Mensal**. São Bernardo, v. 16, n. 11, nov., 1921. p. 13.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e Diferença**. Petrópolis: vozes, 2008. p. 7-72.

XAVIER, Otilia Sampaio. Introdução a Ação Católica. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. XXXIX, n.105, 19 maio, 1937. p. 6-7.

YEARBOOK of the seventh-day adventist. **The official denominational directories for 1904**. Washington, d. C.: Review And Herald Publishing Assn, 1904.

ZIONE, Vivente. Ação Católica Brasileira. **A Imprensa**. João Pessoa, ano LI, n. 149, 19 ago., 1947. p. 6.

ZORUB, Israel. A Igreja de Campina. **Revista Adventista**. Santo André, v. 38, n. 9, set., 1943. p. 10.

APÊNDICE A - Expansão da IASD entre 1895 e 1915

Igrejas Adventistas organizadas entre 1895 e 1915				
Nº	Local	Ano	Língua falada	Pastor que organizou
1	Brusque (atual Gaspar Alto, SC)	1895	Alemão	Frank Henry Westphal
2	Rio de Janeiro (RJ)	1895	Inglês	Huldreich F. Graf
3	Colônia Santa Leopoldina (atual, Santa Maria de Jetibá, ES)	1895	Alemão	Huldreich F. Graf
4	Joinville (SC)	1896	Alemão	Huldreich F. Graf
5	Bairro São Jacinto (cidade de Teófilo Ottoni, MG)	1896	Alemão	Frederick W. Spies
6	Curitiba (PR)	1897	Alemão	Huldreich F. Graf
7	Alto Benedito Novo (cidade de Benedito Novo, SC)	1897	Alemão	Huldreich F. Graf
8	Rio Claro(SP)	1897	Alemão	Frederick W. Spies
9	Ijuí (RJ)	1897	Alemão	Huldreich F. Graf
10	Localidade de Linha Formosa (atualmente pertencente ao município Vale do Sol, RS)	1897	Alemão	Huldreich F. Graf
11	Santa Joana (atual Cidade de Colatina, ES)	1898	Alemão	Frederick W. Spies
12	Não-Me-Toque (atual Lagoa dos Três Cantos, RS)	1898	Português	Huldreich F. Graf
13	Rio Novo, (Orleans, SC)	1902	Português, Alemão e Letão	Frederick W. Spies
14	Linha Torres (atual Morro da Fumaça (SC)	1902	Português e Alemão	Frederick W. Spies
15	Linha Antas, (atual Araranguá (SC)	1902	Português e Alemão	Frederick W. Spies
16	Mãe Luzia (atual Criciúma, SC)	1903	Português e Alemão	Frederick W. Spies
17	Massaranduba (SC)	1902	Alemão	Huldreich F. Graf
18	Taquari (RS)	1903	Português e Alemão	Huldreich F. Graf
19	Ivaí (PR)	1905	Português	Frederick W. Spies
20	Campestre (atual Santo Antônio da Patrulha, RS)	1905	Português	Ernest Schwantes
21	Campo dos Quevedos (atual São Lourenço do Sul, RS)	1905	Português e Alemão	Huldreich F. Graf
22	Bom Retiro (SC)	1906	Alemão	Ernest Schwantes
23	Jaguarí (RS)	1906	Português e Alemão	Huldreich F. Graf
24	Itararé (SP)	1906	Português	Frederick W. Spies
25	Porto União (SC)	1907	Alemão	Waldemar Ehlers
26	Localidade de Santa Coleta (atual Pelotas, RS)	1907	Português	John Lipke
27	São Bernardo do Campo (SP)	1908	Português	Emil Hölzle
28	Itapetininga (SP)	1908	Português	Emil Hölzle
29	Candelária (RS)	1908	Português	John Lipke

30	Teixeira Soares (PR)	1908	Português	José Lindermann Junior
31	Taquara (RS)	1909	Português e Alemão	Waldemar Ehlers
32	Ibitinga (SP)	1909	Português	Jacob G. Kröker
33	Rolante (RS)	1909	Português	Waldemar Ehlers/ Jacob G. Kröker
34	Sorocaba (SP)	1909/1910	Português	Jacob G. Kröker
35	Lajeado Baixo (atual Guabiruba, SC)	1912	Alemão	Henry Meyer
36	Porto Alegre (RS)	1911	Português e Alemão	Emmanuel C. Ehlers
37	Santa Coleta (RS)	1912	Português e Alemão	Waldemar Ehlers
38	Ilheus (BA)	1912	Português	Frederick W. Spies
39	Guandú (atual Baixo Guandú, ES)	1913	Português e Alemão	Frederick W. Spies
40	Perto de Santa Maria (Caruaru, PE)	1915	Português	Frederick W. Spies
41	Montenegro (RS)	1915	Português	Henry Meyer
42	Juiz de Fora (MG)	1915	Português	Frederick W. Spies
43	Espírito Santo do Pinhal (SP)	1914	Português	John Lipke
Fonte: Elaborado pelo autor com base em Link, 2014, 2017.				

Igrejas Adventistas de língua portuguesa organizadas entre 1898 e 1915			
Nº	Local	Ano	Pastor que organizou
1	Não-Me-Toque (atual Lagoa dos Três Cantos, RS)	1898	Huldreich F. Graf
2	Ribeirão do Salto Grande (atual Ribeira, SP)	1903	Frederick W. Spies
3	Rolante (RS)	1909	Waldemar Ehlers
4	Ivaí (PR)	1905	Frederick W. Spies
5	Campestre (atual Santo Antônio da Patrulha, RS)	1905	Ernest Schwantes
6	Itararé (SP)	1906	Frederick W. Spies
7	Localidade de Santa Coleta (Atual Pelotas, RS)	1907	John Lipke
8	São Bernardo do Campo (SP)	1908	Emil Hölzle
9	Itapetininga (SP)	1908	Emil Hölzle
10	Candelária (RS)	1908	John Lipke
11	Teixeira Soares (PR)	1908	José Lindermann Junior
12	Ibitinga (SP)	1909	Jacob G. Kröker
13	Sorocaba (SP)	1909	Jacob G. Kröker
14	Ilheus (BA)	1912	Frederick W. Spies
15	Perto de Santa Maria (Caruaru, PE)	1915	Frederick W. Spies
16	Montenegro (RS)	1915	Henry Meyer
17	Juiz de Fora (MG)	1915	Frederick W. Spies
18	Espírito Santo do Pinhal (SP)	1915	John Lipke
Fonte: Elaborado pelo autor com base em Link, 2014.			

Educação Adventista no Brasil (1996-1915)		
Nº	Nome	Ano
1	Colégio Internacional de Curitiba (PR)	1896
2	Escola Adventista de Brusque (SC)	1897
3	Escola Adventista de Benedito Novo (SC)	1898
4	Escola Adventista de Santa Leopoldina (atual Santa Maria do Jetibá, SC)	1898
5	Escola Adventista de Taquari (RS)	1898
6	Escola Adventista de Porto Alegre (RS)	1899
7	Escola Missionária de Brusque (SC)	1900
8	Escola Adventista de Rio Novo (atual Orleans, SC)	1902
9	Escola Adventista de Linha Antas (atual Araranguá, SC)	1902
10	Escola Adventista de Não-Me-Toque (atual Lagoa dos Três Cantos, RS)	1902
11	Escola Missionária de Taquari (RS)	1903
12	Escola Adventista de Massaranduba (SC)	1904
13	Escola Adventista de Rio Cunha (atual Rio dos Cedros)	1904
14	Escola Adventista de Campo dos Quevedos (RS)	1905
15	Escola Adventista de Bom Retiro (SC)	1907
16	Escola Adventista de Manteiga (atual Laranja da Terra, RS)	1912
17	Escola Adventista de Santa Coleta (atual Pelotas, RS)	1912
18	Escola Adventista de Cerrito (RS)	1913
19	Escola Adventista de Teófilo Ottoni (MG)	1913
20	Escola Adventista de Serra Pelada (ES)	1913
21	Colégio Adventista Brasileiro (SP)	1915
Fonte: Elaborado pelo autor com base em Link, 2014.		

APÊNDICE B - Datas importantes para o adventismo na Paraíba

1825

- José Bates pisa em terras paraibanas.

1911

- Primeiros Batismo no estado em Pirpirituba.

1919

- Em fevereiro foram enviados à Paraíba os colportores Luiz Caleb Rodrigues, D. C. Rodrigues, L. M. Araújo. Eles iniciaram os trabalhos em Campina Grande.

1921

- Em fevereiro Jacob Koeker viaja ao interior da Paraíba visitando membros e interessados nas cidades de Cabaceiras, São José das Pombas (atual Parari) e São José dos Cordeiros;
- O colportor João Inácio Damasceno começa seus trabalhos na Paraíba.

1922

- Clarence Emerson Rentfro viaja ao interior da Paraíba e visita Cabaceiras, São José das Pombas (atual Parari) e São José dos Cordeiros.

1924

- Organização da segunda Escola Sabatina no estado (possivelmente Bananeiras ou Solânea). A primeira foi organizada por Jacob Kroeker em Cabaceiras em 1921.

1925

- Conversão de Antônio Bezerra.

1927

- Conferências em Moreno, Atual Solânea.

1930

- A Capital Parahyba do Norte, Atual João Pessoa, existia apenas uma adventista.

1935

- No dia 13 de maio, Fausto Luiz Moura chega a Campina Grande.

1936

- Luiz P. Rafael é citado pelo Colportor Luiz Caleb Rodrigues como morando em São Tomé, Atual Sumé;
- José Moura e Jacob Kroeker chegam em Campina Grande e iniciam o primeiro Grupo Adventista da cidade.

1937

- No dia 16 de maio, iniciou-se a primeira conferência feita pelo pastor Passos em João Pessoa;
- No dia 5 de setembro, iniciou-se a segunda série de conferências em João Pessoa;
- Entre setembro e outubro, organiza-se a primeira Escola Sabatina em João Pessoa.
- No dia 26 de dezembro, acontece o primeiro batismo e inauguração do Grupo Adventista em João Pessoa;
- Inauguração do templo de Baixa Verde, primeiro templo adventista do estado;
- Possível ano da visita do pastor Jerônimo Garcia a São Tomé;
- Criação do Grupo Adventista em Gravatá de Mulungu;
- Organização da Escola Sabatina em Pombal.

1938

- No mês de março, ocorre o segundo batismo realizado pelo pastor José R. dos Passos;
- No dia 30 de julho ocorre o terceiro e último batismo realizado pelo pastor Passos;
- No mês de agosto, iniciou-se os trabalhos do pastor Moysés S. Nigri em João Pessoa;
- Primeiro Batismo em Baixa Verde;
- Chegada de Jacob Kroeker em Campina Grande;
- É alugado uma casa em na rua Major Belmiro que servia para reunião do grupo de adventista em Campina Grande.

1939

- Presença adventista em Sucuru (Serra Branca).

1940

- No dia 24 de fevereiro, ocorreu o ataque ao templo adventista em Baixa Verde e a inauguração da primeira Escola Primária Adventista do estado;
- Em setembro, ocorreu a perseguição em Arara do Brejo;
- Realizou-se a primeira série de conferências em Campina Grande pelo pastor Moysés Nigri e Cleóbulo Carvalho;
- Início do adventismo em Cabedelo.

1941

- Criada a Escola Primária Adventista de João Pessoa;
- Inicia-se a construção de uma templo adventista em Sucuru (Serra Branca).

1942

- Organização da igreja de Campina Grande, a primeira Igreja Adventista organizada no Estado da Paraíba;
- João Carvalho iniciou seus trabalhos como obreiro em João Pessoa e Cabedelo.
- Formação de um grupo de adventistas em Cabedelo.

1943

- Conversão de Irene de Brito Lyra;
- Manoel Emídio de Souza (adventista) torna-se prefeito de Catolé do Rocha.

1944

- O Missionário João Carvalho estava trabalhando em Campina Grande.

1945

- No março, iniciou-se os trabalhos de Ataliba Abreu Netto em João Pessoa;
- No final do ano realizar-se uma série de conferências feitas por Ataliba no bairro do Roger, João Pessoa;
- Presença adventista em São Bento.

1946

- No início do ano, os membros da IASD de João Pessoa passaram a se reunir na rua da Areia;
- No dia 14 de abril, ocorre o segundo batismo realizado no período do trabalho de Ataliba Abreu Netto e a organização da Igreja Adventista em João Pessoa;
- No dia 2 de outubro, inicia-se uma série de conferências feitas pelo por Ataliba Abreu Netto na União Operária Beneficente;
- No dia 2 de novembro, o pastor Orlando G. Pinho batizou onze pessoas em João Pessoa;
- No dia 31 de dezembro, foi expedido o Alvará de Construção da igreja adventista de João Pessoa.

1948

- No dia 11 de dezembro, o pastor Orlando G. Pinho realizou um batismo e uma santa ceia em Baixa Verde;
- No final do ano, foi criada uma Escola Sabatina em Pirauá, Natuba.

1950

- No dia 11 de junho, ocorre a inauguração do templo adventista de João Pessoa;
- No dia 31 de julho, é realizada a primeira série de conferências no novo templo de João Pessoa.

1954

- O Pastor Ataliba Abreu Netto foi transferido de Campina Grande para Itabuna, Bahia.

1958

- Pastor João Isidro da Costa e equipe realizaram uma série de conferências em Campina Grande.

1960

- Ocorre a compra do terreno para uma nova igreja em Campina Grande;
- A Escola Primária Adventista de Campina Grande já estava funcionando.

1962

- Iniciou-se a gestão do pastor Severino Tavares Lira no distrito de Campina Grande.

1964

- O professor Frederico Gerling realizou duas séries de conferências em Campina Grande uma no auditório da Rádio Borborema e outra no auditório do Grupo Escolar.

1965

- Iniciou-se a construção da Igreja de Campina Grande.

1967

- Organização da Igreja Adventista de Baixa Verde.

1969

- No dia 6 de janeiro, ocorre a inauguração da Igreja Adventista de Campina Grande.

1970

- Criado novamente um grupo de adventistas em Cabedelo

1977

- No dia 16 de janeiro, iniciou-se a construção da Igreja Adventista de Cabedelo;
- No dia 13 de agosto, ocorre a inauguração da Igreja Adventista de Cabedelo.

APÊNDICE C – Entrevista de Severina Freitas da Silva

Entrevista realizada dia 14 de setembro de 2019 na cidade de Queimadas, Paraíba.

Entrevistador: Daniel da Silva Firino

Entrevistada: Severina Freitas da Silva

Entrevistador: Dona Severina, conte-me como iniciou o Adventismo em Queimadas.

Severina: Começou o Adventismo em Queimadas, porque não tinha evangelho. Em Queimadas tinha um morador que era o irmão Severino Felipe. Ele morava no Zumbi e então veio morar em Queimadas e ele visitava Baixa Verde para pregar com a gente. Então a gente perguntou a ele se a gente podia ir a casa dele e dar o estudo bíblico na casa dele e ele disse que podia, mas Queimadas não tinha Adventista, Queimadas não queria nada com Evangelho, não gostava dos Adventistas. Mas quando nós terminamos a Escola Sabatina em Baixa Verde, a gente almoçava e uma hora da tarde ou duas horas, a gente ia para Queimadas. Íamos para a casa do irmão Severino Felipe pregar, ele tinha um livro muito importante que eu gostaria de possuir esse livro era *Nossa Época A Voz da Profecia*. A gente chegava lá e ele convidava os vizinhos e a gente ia para casa dele e a gente dava estudo bíblico lá na casa dele. Teve um dia que nós fomos para Queimadas e ao chegarmos lá a casa estava fechada. Ele não estava em casa e nós voltamos porque era muito perigoso a gente está pregando o evangelho lá na casa dele. Ele tinha medo de ser perseguido, porque Baixa Verde já tinha sofrido perseguição. Mas Queimadas não tinha nenhuma igreja e depois começou a pregação do evangelho com o irmão Antônio Soares, que era ancião de Baixa Verde, Irmão Irineu Pereira, Irmãos Zé Soares e a gente começamos o trabalho. E pra começar a história e terminar a história, dizer assim, o irmão Antônio Soares começou com Evangelho em Queimadas e o evangelho cresceu e depois, então, surgiu a Igreja Central. Ele ganhou um terreno, doado pelo prefeito Sebastião de Paula Rego, e até hoje a igreja está firme, a central de Queimada. Tem o filho dele que faz parte da igreja também de Queimada, tem o neto dele que está no UNASP estudando para pastor e assim começou a história da igreja em Queimada. E hoje nós temos a Igreja do Castanho, a Igreja da Vila, a Igreja de Guritiba e a Igreja de Cássio Cunha Lima, e uma Igreja que tem, também, formada agora na boca do Boi. Tudo isso iniciado da Igreja de Baixa Verde. Nós temos o privilégio de ter essas igrejas em Queimadas filhas de Baixa Verde. Hoje vemos que Queimadas cresceu nas igrejas,

tem a Igreja Central, muito bonita, tem a Igreja da Vila, Igreja Cássio Cunha Lima e as demais igreja tudo bonita e a gente não tinha uma igreja, um Santuário bonito ainda. Porque não tinha chegado o tempo, mas agora chegou o tempo e nós temos um santuário e agradecemos a Deus por isso. Hoje temos o evangelho crescido em Queimada, Baixa Verde através de muita dificuldade, muitas provações, muitas coisas que aconteceram, mas, estamos firme nas promessas de Jesus. Esperamos ver Jesus voltar e não desanimar com esse evangelho. Temos muitos pioneiros que já dormiram no Senhor, os mais antigos, mas aqui estamos como pioneira da igreja, firme pelos olhos da fé. Aguardamos a volta de Jesus com muita esperança de morar no céu com Ele e todos os irmãos que fazem parte dessa denominação da Igreja Adventista e que eles possam ter o privilégio de morar no Céu com Jesus. E ter parte na primeira ressurreição e aqueles que estiverem vivos serão levados para o céu juntamente com Jesus.

Entrevistador: Em 1940, Jeronimo Garcia escreveu na *Revista Adventista* que a Igreja Adventista estava situada no Sítio Baixa Verde. A quem pertence esse sítio?

Severina: O local da igreja foi comprado por Luiz Pereira de Melo para fundar a igreja e era anexo ao sítio de Clodomiro Gonzaga que era proprietário que morava lá perto da Igreja na Chan de Baixa Verde.

Entrevistador: Olson, em 1940, disse na *Revista Adventista* que o grupo de Baixa Verde surgiu em 1938. Mas, como surgiu esse grupo? E quais foram as pessoas responsáveis pelo seu surgimento?

Severina: Olha, é o seguinte, na minha concepção, a igreja foi fundada em 1937 e surgiu esse grupo. A pessoa principal foi o irmão Antônio Bezerra, ele se converteu na Serra das Laranjeiras e conquistou as demais pessoas, Manoel Soares com a família, Sindolfo Barbosa com a família, Luiz Pereira com a família, Manoel do Nascimento com a família, e Irineu Pereira com a família e assim por diante foi o pessoal se convertendo porque ele era muito Missionário. Ele tinha aquele jeito de pregar o Evangelho, ele nasceu para isso mesmo e ele começou pregando o evangelho na Serra das Laranjeiras. Primeiramente com a família dele, converteu toda a família, e hoje nós temos ainda irmão Oseias um representante da família, tem irmã Raquel que é uma pessoa importante lá na Serra das Laranjeiras e nós não podemos esquecer essa história porque foram eles Os Pioneiros lá na Serra das Laranjeiras e de Baixa Verde que começaram a pregar o evangelho. Irmão Antônio Bezerra era um homem missionário, ele tinha aquele dom de

pregar, ele tocava as pessoas, ele recebeu o evangelho, recebeu o Espírito Santo que ele pregava e as pessoas aceitavam o evangelho. Não é como hoje que nós temos estudos bíblicos, temos coisas legais, especiais, testemunho do espírito de profecia, tem muita coisa e a gente prega e o povo não aceita, mas naquela época, Antônio Bezerra pregava e o povo vinha e aceitava. Eu lembro o hino que ele cantava, o rei de Salem ficou na minha memória. E certa vez, ele veio pregar em Baixa Verde, foi ele que foi o fundador das igrejas, e chegou na Baixa Verde tinha cinco pessoas na Escola Sabatina, da qual eu era secretária da Escola Sabatina dessa época, e eu falei para ele que era pena ele vir pregar de tão longe e encontrar tão pouca gente na igreja. Ele disse para mim: “olha irmã Severina, quantidade não é importante. Importante é a qualidade, com tanto que tenha aqui cinco pessoas convertidas. Deus não tá preocupado com quantidade”. Então, isso foi a resposta de Antônio Bezerra para mim. Esse foi o último sermão dele que eu ouvi. Eu o considero como pioneiro da obra de Serra das Laranjeiras e Baixa Verde, como também os demais com o irmão Irineu Pereira e os que já se foram, da família Pereira, e muitos outros que receberam esse privilégio de ser adventista conquistado pelo irmão Antônio Bezerra da Serra das Laranjeiras.

Entrevistador: A senhora falou sobre Luiz Pereira. A senhora pode falar um pouco mais sobre ele? Como ele se converteu, como atuava na igreja?

Severina: Ele se converteu através de Antônio Bezerra e Sindolfo Barbosa. Sindolfo era primo dele e quando ouviu falar que o irmão Antônio Bezerra estava pregando essa mensagem eles foram pra Serra das Laranjeiras. Lá eles ouviram o evangelho e então o irmão Antônio Bezerra descia da serra e vinha pregar em Baixa Verde. Assim ele conquistou esse grupo e conquistou Luiz Pereira. Ele era um fazendeiro, ele era muito rico, a esposa dele muito cristã, chamava-se Josefa Pereira, muito Missionária. E por aí começou a história da igreja e ele doou o terreno para igreja e o terreno está lá e agora houve a reforma da nova igreja, o novo santuário, nós temos um santuário decente para louvar e engrandecer o nome de Jesus. E continua a história do irmão Antônio Bezerra, que ele tem a família dele e eu considero a família dele, considero o Rauque, a Marta Moura, irmão Oseías, irmã Creusa, a família Bezerra. Considero a família dele demais, amo eles todinhos, irmão Bal, as filhas dele, irmão Raimundo, família Bezerra. Eu considero a família Bezerra a cima de tudo, porque eu considero que hoje eu sou Adventista e agradeço a Deus e a mensagem que ele trouxe para Baixa Verde e eu sou uma das participantes.

Entrevistador: Tanto Isaias Barbosa de Andrade, em 1995, quanto à senhora, falaram sobre Sindolfo Barbosa e Antônio Bezerra. E disseram que eles foram importantes para o desenvolvimento do Adventismo na região. A senhora pode contar um pouco sobre os dois?

Severina: O irmão Antônio Bezerra tinha uma família bastante grande. Ele tinha uma família grande que representava o comércio lá na Serra das Laranjeiras. Então, o pessoal ia comprar tecido na casa dele e ele pregava o evangelho para aquelas pessoas e as pessoas saiam de lá entusiasmadas e o irmão Sindolfo Bezerra também, o Pai de Janduí, não é? Porque eles dois foram atuantes na Serra das Laranjeiras e irmão Antônio Bezerra trouxe essa mensagem, passou para Sindolfo e Sindolfo passou para o restante das pessoas e também para família dele. E ele era um representante também lá na Serra das Laranjeiras, entendeu? Então o pessoal dava atenção a eles e então foram se convertendo. Tinha uma família também chamada Jerônimo, lá na Serra das Laranjeiras, que também se converteram. Eu sei que juntou esse grupo e hoje nós temos a igreja em Queimadas, Serra das Laranjeiras, Zumbi, Cassio Cunha Lima e a Igreja Central, com eu já falei, mas quero repetir novamente. Temos outra igreja também a do Oiti, teve a igreja do Oiti que era da irmã Quena, a irmã Quena que atuava lá que morava na Serra Alta, nós fomos pregar o evangelho lá na casa dela muito tempo. A igreja do irmão Casimiro, eu quero dizer Igreja do irmão Casimiro porque hoje o irmão Casimiro faz parte da igreja de Baixa Verde, a família dele faz parte de Queimadas. Então custou um preço conquistar essas almas e hoje nós estamos vendo ainda aquelas que estão permanentes na igreja, estão trabalhando e esperando aqueles que dormiram no senhor como irmão Antônio Bezerra, irmão Sindolfo, irmão Irineu e outros e outros, Manoel Soares que eles ressuscitem quando Jesus vier chamar eles da tumba e eles possam ressuscitar primeiro como estar lá em Coríntios, né? Os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro e os que estiverem vivos serão transformados e translado para o céu juntamente com Cristo. Os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro.

Entrevistador: Como foi a conversão de Antônio Bezerra?

Severina: A conversão de Antônio Bezerra, ele encontrou um folheto em Fagundes. Um folheto não, um pedaço da Bíblia no livro de Provérbios. Parece, se não me falha a memória, capítulo 23 e aquele pedaço da Bíblia estava sujo. Ele era muito católico, a família dele, lá em Galante, era muito católica e ele também, então ele chegou em casa e mostrou para família e a esposa dele. Então ele achou muito importante aquele pedaço de Bíblia e foi pensando, examinando, e a história Resumida é que ele se tornou um Adventista do Sétimo Dia praticante através da

palavra de Deus que ele encontrou abandonada. Dali ele se tornou um cristão tocado pelo Espírito Santo, passou a transmitir a mensagem para todo mundo da Serra das Laranjeiras, de Baixa Verde e passando já adiante e a geração mais nova, agora, estar passando adiante o que ficou. E a história continua e seus familiares seus ancestrais, seus filhos, seus netos e bisneto dos quais eu sou conhecedora e tem uma parte ainda conservando a relíquia que ele deixou do Evangelho como é o caso do irmão Oséias. Irmão Oseías, ele tem boas informações do Evangelho, uma pessoa praticante da Leitura, examina a Bíblia e leu a Bíblia umas 50 e tantas vezes. Ele tem o que contar para os pastores e para as pessoas que procura uma entrevista com ele.

Entrevistador: Na primeira metade do século XX, os capuchinhos peregrinaram pelo Nordeste com as Santas Missões. Dentre eles estava Frei Damião que buscava fortalecer o catolicismo no Nordeste. Diante desse fortalecimento católico como era o relacionamento entre os católicos e os Adventistas aqui na região?

Severina: Bem é o seguinte, o catolicismo odiava os adventista e eles chamavam a gente de bode, os bode da Baixa Verde. E começou com esse problema de chamar bode e no dia 24 de fevereiro de 1940, eles procuraram aterrorizar a igreja, porque foi um terror, foi um bocado de terrorista que vieram destruir a palavra de Deus, mas não conseguiram e a palavra de Deus continua firme. Jesus disse: no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo porque eu venci o mundo. E o servo de Deus que não foi provado não vai morar no céu com Jesus. O importante é a gente conservar nossa fé tendo certeza de fatos que não vimos e esperamos ver e o Espírito Santos mostrou até hoje. Nós estamos firme nas promessas de Jesus e com essa certeza, que nós temos, que o diabo vai trabalhar até o fim contra a obra para destruir, mas ele não tem força porque o poder vem do céu e através da oração, a oração e a certeza que nós temos a comunicação com Deus e vai direta e nós falamos com Deus todo dia e vamos orar sem cessar. Porque a oração é a chave que abre o celeiro do céu e nós temos fé em Deus que vamos vencer porque Jesus venceu no deserto quando Jesus estava com fome e com sede e 40 dias de fome e sede, o diabo veio tentar Jesus e ele disse está escrito: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus”. Então Jesus venceu o inimigo, ele é vencedor está nos céus nos esperando também vencer porque o diabo trabalha para destruir as famílias, destruir os irmãos, mas diz que aquele que permanecer até o fim será salvo, está lá em Apocalipse né? Nós sabemos que os 144 mil estão lá, mas ao redor do Trono tem uma multidão vestida de vestiduras brancas com palmas nas mãos e nós temos uma esperança que no mundo vai salvar

muita gente, muitas pessoas vão se salvar. Nós somos porta-vozes da palavra de Deus, nós somos lembrados do que Paulo passou, Paulo se converteu e ele está servindo de testemunho para nós como diz lá em Filipenses capítulo 4 verso 13: “Tudo posso naquele que me fortalece”. Dizer como Paulo: “combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. E morrer para o mundo e viver para Cristo, então nós não temos porque temer. Os tímidos não vão entrar no reino dos céus. Temos que orar e jejuar sem cessar para não sermos arrebatado pelo inimigo. Que Deus abençoe a todos os irmãos da parte da terra que seja vencedor e não seja vencido.

Entrevistador: Algumas pessoas como Jerônimo Garcia e Moisés Negri, escreveram para revista adventista sobre um conflito entre os católicos e os Adventistas em Baixa Verde. A senhora também acabou de citar que houve um conflito. Então como foi que ele aconteceu?

Severina: Bem, eu já disse e vou repetir, aconteceu os conflitos porque os católicos, eu respeito, mas naquele tempo eles não tinham conhecimento que eles têm hoje. E muito daqueles que assistiram o conflito que aconteceu com Pastor Negri, eles vieram pra perseguição, mas eles depois se arrependeram e voltaram para Queimadas e muitos deles aceitaram o Evangelho e se converteram. Pessoas que traziam pedras na mão para jogar, nos Adventistas, não jogaram, voltaram e se converteram depois e essas pessoas que se converteram tiveram delas que já dormiram no Senhor, mas morreram com a certeza da Salvação.

Entrevistador: A senhora sabe contar em detalhes o que aconteceu nesse conflito?

Severina: Nesse conflito, irmão, é o seguinte. Começava a Escola Sabatina, no dia 24 de fevereiro, exatamente às 9 horas da manhã. Os irmãos estavam todos reunidos para cantar hinos, estava o irmão Fausto Moura, que já dormiu no Senhor, que vinha de Campina Grande ajudar Baixa Verde porque os elementos eram poucos para trabalhar. E ele vinha de Campina Grande, com o irmão dele José Moura, entendeu? E vinha ajudar na Baixa Verde a fazer Escola Sabatina. Eles vinham de Campina Grande ajudar a gente aqui na Baixa Verde. E neste sábado, José Moura estava na igreja, a família de Fausto Moura, e quando viram o tumulto, o pessoal querendo invadir a igreja, ele saiu pelos fundos da igreja com as gavetas estavam cheias de Bíblias e de livros para ver se não rasgavam as Bíblias e os livros. Ele correu para esconder os livros lá atrás e queriam ir atrás dele, mas não conseguiram. Aí se revoltaram contra o pastor Moisés Negri que estava pregando, nessa época, ele estava aí na Igreja de Baixa Verde. Então eles agrediram o pastor Negri, sem ele fazer dano nenhum com eles, e teve uma moça que

passou as unhas no rosto do pastor e o sangue jorrou e nesse intervalo, o pessoal que não eram adventista se revoltaram com aquilo e partiram para cima deles, tinha até pessoas armada com revólver, faca com tudo e não era Adventistas tomaram a dor para eles e correram para cima deles e eles correram e foram embora e o pastor Moisés Negri saiu para a rua com a espada da fé nas mãos que mostrou para aqueles estavam perseguindo ele com cassetete, com isso e com aquilo, mas, ele estava com a espada da fé nas mãos e era a metralhadora que ele conduzia.

Entrevistador: A senhora sabe quem foi a pessoa que organizou esse conflito?

Severina: Bem, aí eu não sei mais ou menos quem foi que organizou, eu não sei. A história que eu ouvi é que teve autoridade que organizou, mas sem motivo. Porque hoje a comunicação cresceu, o subdesenvolvimento cresceu e eu acho que naquele tempo existia um atraso muito grande na educação do povo. O povo não estava educado, civilizado, com amor para com próximo, porque não existia o amor, porque se existisse amor não tinha feito o que eles fizeram. Porque o amor é o fundamento da história. Temos que amar ao próximo, então se nós somos cristãos, nós temos que amar o nosso semelhante, nosso próximo e não vamos ofender a ele, nós temos que fazer o bem para eles. Se é que esse amor existe no mundo atual, eu não acredito porque o amor não ofende a ninguém. Eu disse que temos que amar ao próximo assim como a nós mesmo, e se amamos nossos semelhantes nós não vamos ofender a ele, nós vamos fazer o bem, nós vamos usar de cortesia, de amor, de parcialidade, de cordialidade, tudo isso.

Entrevistador: Em 1940, o Pastor Garcia falou que uma das pessoas que organizou esse conflito foi o Padre Oscar. A senhora saberia se teria mais alguém?

Severina: Bem eu não sei, irmão. Eu não tenho a certeza, porque nessa época eu tinha oito anos. Eu só ouvia falar entendeu? Eu não posso afirmar quem foi porque eu não tenho certeza, não vi. Eu era muito nova, uma criança, eu não sabia de nada, né? Só que eu assistir o primeiro batismo da igreja de Baixa Verde em 1937 e foi um batismo muito bonito. O pastor Moises Nigri estava presente e outros personagens como o pastor Castelano, o pastor Jerônimo Garcia. O que eu lembro é do primeiro batismo de Baixa Verde, que eu tinha 8 anos e eu vi esse batismo. Então eu tenho para dizer é que o pessoal que trabalha para a guarda dos mandamentos são os Adventista do Sétimo Dia porque Deus criou o mundo em 6 dias e o sétimo dia ele abençoou. O sétimo dia, o dia abençoado e santificado que Deus deixou para todas as nações guardarem. Ele disse: “lembra-te do dia de sábado para santificar”. Então se na Bíblia está escrito que o

Sábado é o dia de guarda, eu queria que alguém viesse me mostrar onde é que tem outro mandamento para ser guardado fora do sábado que eu queria pedir a ele pra fazer justiça sobre a minha pessoa. Porque não tem outro dia, Deus criou o mundo em seis dias e o sétimo ele descansou, santificou e abençoou em nome de Jesus.

Entrevistador: As santas Missões passaram por aqui por Queimadas por esse tempo.

Severina: Justamente, em 1940 a missão estava em Queimadas.

Entrevistador: A senhora sabe informar se Frei Damião também estava?

Severina: Com certeza estava.

Entrevistador: Em 1941, Negri escreveu na Revista Adventista que estava funcionando uma escola primária em Baixa Verde. Conte-me sobre ela?

Severina: Justamente, a escola primária começou a funcionar em Baixa Verde no ano de 1941. Eu morava bem pertinho lá encostada à igreja. Lembro-me quando o pastor Nathan Florêncio veio de Pernambuco ensinar em Baixa Verde e alfabetizar as crianças da igreja. Os pais tinham que contribuir com a mensalidade para as crianças estudar na Escola Cristã, uma escola preparada, uma escola que ensinava a palavra de Deus, mas a continuidade não teve. Aí passaram diversos professores, passou o professor Milton Pinheiro, ele foi um dos professores, a irmã Maria Pereira Soares também foi professora, ela ensinava lá na igreja, Francisca Teófilo também foi professora, a professora Senhorinha que se chama de Senhorina, ela também foi professora. Mas acontece que a escola caiu numa decadência e não teve mais como continuar porque não tinha aluno e as professoras não podiam lecionar sem os alunos e sem os pais dá um apoio total a elas. Aí o pastor Osmar Reis um dia veio e fechou a escola porque não funcionava ai ele fechou, mas, ai ele disse assim: “Ah irmã, seria melhor eu fechar uma igreja do que fechar uma escola, porque o futuro da igreja está na juventude”.

Entrevistador: A senhora sabe o ano que ele fechou a escola?

Severina: Irmão, eu não tenho lembrança em que ano ele fechou, já me sumiu da memória.

Entrevistador: Foi na década 40? ou de 50?

Severina: Não, foi mais ou menos assim na década de 50. Espera aí, foi na década de 60, 60 e pouco. Eu tenho um filho que estuda na escola e ele tem 60. Ele estudou com 7 anos na escola e hoje ele tem 60, aliás 55 anos.

Entrevistador: Como funcionava a escola?

Severina: Ela funcionava nos fundos da igreja e nos fundos da igreja tinha um salãozinho e lá funcionava a Escola Adventistas.

Entrevistador: Em que horário ela funcionava?

Severina: Era de 7, 8 horas às 11 horas, parece que era assim que funcionava, de 7 horas às 11 horas do dia. Parece que era 4 horas por dia, né?

Entrevistador: Ela funcionava só pela manhã?

Severina: funcionava pela manhã, era só pela manhã.

Entrevistador: Então a noite ela não funcionava?

Severina: A noite tinha escola também. Ela funcionava de noite, os alunos estudavam de noite também. Nesse tempo era pastor Milton Pinheiro, pastor não, professor Milton Pinheiro na noite.

Entrevistador: Quem eram os alunos?

Severina: Os alunos eram o povo da igreja mesmo. Os irmãos da igreja, as pessoas que trabalhavam de dia e não podia estudar de dia e estudava de noite. Tinha uma irmã chamada Severina Venâncio que estudava de noite. Eu lembro de poucas pessoas que estudava de noite. O pastor Milton Pinheiro tinha aula de dia e tinha aula de noite, de noite era o pastor Milton Pinheiro que ensinava as pessoas que eu mais ou menos já esqueci também o nome deles que estudava.

Entrevistador: Era só os membros da igreja que estudavam ou pessoas de fora da igreja também estudavam?

Severina: Não, pessoas de fora também estudavam. Pessoas da roça, agricultores estudava também.

Entrevistador: Como a escola era mantida?

Severina: Era mantida assim, pelas pessoas que pagavam uma taxazinha, né? Não era muita coisa não, pagava uma taxa porque eles eram pobres, pagava uma taxa pequena para estudar e aprender a assinar o nome e não ficar analfabeto totalmente.

Entrevistador: Era só custeado pelos alunos ou recebia verba de outro lugar?

Severina: Não, era custeada pelos alunos, não sei se a missão dava alguma contribuição eu não me lembro.

Entrevistador: E a prefeitura ajudava com alguma coisa?

Severina: Depois, no finalzinho do tempo, a prefeitura dava uma contribuição. Uma contribuiçõzinha parece que era uma contribuição muito pequena. Aí depois a irmã Maria Pereira, que foi a última professora, passou para a prefeitura. Ela passou quando a escola fechou aí a irmã Maria Pereira passou a ser professora da prefeitura. Hoje ela é aposentada pela prefeitura, mas começou assim esse negócio da Escola Adventista. Mas você sabe, o povo Adventista não queria botar os filhos na escola, não queria contribuir. Entendeu?

Entrevistador: Como eram realizados os trabalhos missionários?

Severina: Os trabalhos missionários eram realizados assim, tinha o diretor missionário que se reuniam assim pela tarde. Agente vinha para casa, almoçava, tinha a Escola Sabatina e depois voltava. Uma hora da tarde íamos para a igreja distribuir folhetos, fazia a distribuição de folhetos, orava e a gente saía no campo, distribuindo folheto com o povo e dando estudo bíblico. Eu lembro que fiz muito isso, eu sei que visitar, mesmo, de casa em casa, eu visitei 60 famílias.

Saía de 2 horas da tarde, eu tinha a terça feira para fazer trabalho missionário. Eu visitava o povo, dava estudo bíblico e depois voltava lá novamente e aí terminava. Não tive mais companhia para mim, não tive como fazer mais, aí eu parei. Eu adorava o trabalho missionário, me comunicar com o povo e ainda hoje eu faço. Faço oração e tenho adoração pelo trabalho missionário, entendeu? Quando eu tinha um pequeno grupo, meu pequeno grupo era um pequeno grupo animado, viu? Tinha muita gente no meu pequeno grupo, batizou-se gente e que se desviaram, mas eu não pude fazer nada, né? Mas, eu ainda tenho um restante na igreja do meu pequeno grupo e estão firmes. Eu fiz o casamento de pessoas que para se casar precisavam se batizar. Fiz Três casamentos, dizia que não queria, que não podia se batizar porque não era casado não podia fazer o casamento aí eu ia fazer tudo e fazia o casamento deles, fiz três casamentos, viu? no pequeno grupo, quando eu estudava no pequeno grupo.

Entrevistador: Como a senhora se converteu?

Severina: Me converti assim, eu morava lá na Chan e o irmão Severino Venâncio que morava perto da igreja, em frente à igreja. Eu e outra irmã, irmã Severina que mora no rio, a gente saía escondido e ia estudar com ele, lá dentro da casa dele, escondido que ia para casa dele, mas eles não sabiam que a gente ia estudar não. Aí, lá ele ensinava agente o evangelho, ensinava a Bíblia, né? A gente saía para casa com medo para não apanhar, né? Ai, eu comecei, comecei, comecei. Por isso que quando eu me casei, eu aceitei o evangelho porque eu já conhecia. Eu tinha estudado antes escondido, mais tinha estudado, mas é bom as coisas escondidas porque a gente aprender mais, né? Aí pronto. Eu e a minha outra irmã também, irmã na fé, agente estudava escondido lá com ele. O irmão Severino Venâncio, que era cunhado da mulher de Fausto Moura, era casado com a irmã da mulher de Fausto Moura, que se chamava Valdivina. Maria Barreto chamava com ela Santa, a mulher de Venâncio. E era ele que ensinava agente o evangelho e a gente aprendemos e ficamos com aquilo na mente, com medo de apanhar mesmo, mas ia, mas nunca pegaram a gente estudando lá com ele não. Pronto, a irmã do Rio, olhe que ela ajuda na obra de Baixa Verde, é um talento aquela obra de Baixa Verde, ela ajudou muito na campanha da igreja. Ela permanece firme na fé e ela vai vim assistir inauguração da igreja, se Deus quiser. Se o senhor estiver aí, eu vou lhe apresentar para o senhor conhecer. Pastor Laercio já conhece, a família que tem ajudado.

Entrevistador: Quais foram os principais acontecimentos relacionados à Igreja Adventista entre 1938 e 1950?

Severina: É os dados, os acontecimentos foram esses. A revolta que o povo tinha dos Cristãos Adventista, foram se aproximando, se aproximando e pessoas que a gente pensava que não ia nunca se converter, se converteram. Entendeu? Ainda hoje estão firmes na igreja, pessoas que tinham pavor a mensagem, viu? não queriam saber de jeito nenhum. Hoje tem pessoas que eram da igreja que estão lá dentro como a esposa do irmão Jose Soares, que é ancião da igreja, a esposa do irmão João Felix foi ele quem conquistou ela para Jesus e estão permanecendo firme. Tem o irmão Valdeir, que era dos Soares também e a esposa dele também se converteu. Ambos lá na igreja. É pouquinho, mas dizem que o pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada, né? Somos um remanescente, somos o restante, então esse remanescente tem que continuar firme como uma relíquia, né irmão?

Entrevistador: A senhora gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Severina: Eu acho irmão que eu só tenho que acrescentar essas maravilhas, essas bênçãos de conhecer o senhor, o irmão Daniel. Eu não pensava te conhecer, foi tão difícil agente se comunicar pelo telefone, eu achei que foi uma benção de Deus e que Deus enviou o senhor para que eu pudesse reforçar mais a minha fé. E pastor Laércio, pastor Laercio tem dado muita força a Baixa Verde, ele tem dado tudo, tem dado o suor dele por Baixa Verde. O presidente da missão tem ajudado bastante, pastor Moisés, que anteriormente servil, ajudou muito e ele faz parte da maratona da igreja, o começo da fundação, entendeu? Nós só temos que agradecer a Deus, a bondade dos homens, os homens de Deus, os missionários e todos aqueles que traz a mensagem para igreja se fortalecer. Que Deus possa fortalecer como diz aquele hino: fortalece a tua igreja. O senhor veio fortalecer. Quem sabe se essa mensagem que o senhor trouxe para a igreja hoje não vai suscitar almas ali dentro, eles ficaram todos admirados, entendeu? Deus abençoe o irmão e que possa vir aqui não só essa vez, mas mais vezes. A pesquisa possa ser feita também com outras pessoas e o que eu não forneci para o senhor na pesquisa, outras pessoas possam ajudar também, né? Mas olha irmão, a certeza que eu tenho é que os veteranos já dormiram todos no Senhor, mais de 40 pessoas já foram embora, mais de 40, aquela igreja tinha ocasiões que não cabia o povo e eu conheci a igreja com 75 membros, não tinha mais aonde se sentar. Aquela igreja que o senhor viu, vai servir de museu. Ela vai ficar como museu, viu? Dos que morreram, os mais velhos já se acabaram tudo e só tem esse restante, esses remanescentes aqui. Se for possível contar os mais velhos, agente conta. Tem eu, a Irmã Elvira, a irmã Maria Pereira e a irmã Edna tem 4. A irmã Elvira está no Rio, a irmã Maria Pereira,

muito doente e não está indo a igreja, a irmã Edna, está na igreja. Os 4 pioneiros, esse outro povo não estão indo a igreja, estão deixando de ir à igreja não sei o porquê.

Entrevistador: Uma última pergunta, onde foi realizado o primeiro batismo?

Severina: Na fazenda de Luiz Pereira. Ele tinha um açude na propriedade dele e lá o pessoal ia se batizar. No segundo, mais depois dele, ficou o açude de Suárez do finado Manoel Pequeno, aqui no Muquém, era onde batizava o pessoal. O açude de Manuel Soares, Manoel Pequeno, era onde o pessoal se batizava e vinha até de Campinas se batizar lá, não tinha onde o povo se batizar lá.

APÊNDICE D – Entrevista de Eurilene da Silva Macedo

Entrevista realizada dia 14 de setembro de 2019 na cidade de Queimadas, Paraíba

Entrevistador: Daniel da Silva Firino

Entrevistada: Eurilene da Silva Macedo

Entrevistador: Dona Eurilene, segundo o que Moises Negri publicou na Revista Adventista de 1941, foi fundada em 1940 uma Escola Adventista aqui em Baixa Verde. A senhora chegou a participar dela?

Eurilene: Cheguei sim.

Entrevistador: Quantos anos a senhora tinha quando começou a frequentar?

Eurilene: Tinha mais ou menos 7 anos de idade.

Entrevistador: Qual foi a série que a senhora cursou?

Eurilene: Alfabetização.

Entrevistador: Como eram os materiais que eram utilizados na escola?

Eurilene: Eram cadernos de desenhos, um caderno, um lápis e lápis de cor para pintar os desenhos que tinham no livro. E só.

Entrevistador: E como era o espaço da escola?

Eurilene: O espaço era o salãozinho mesmo da igreja. Não tinha muita coisa não. Só tinha ela [a professora] que ficava em uma cadeirinha e nós ficávamos no chão sentados. Os alunos prestando atenção ao que ela [a professora] estava explicando.

Entrevistador: E como era o chão da igreja?

Eurilene: Era o piso de cimento, desse cimento fosco branco que tinha cor de cimento mesmo. Não tinha outro não. Nem vermelho não era. Era cor de cimento mesmo.

Entrevistador: Qual era o horário de funcionamento da escola?

Eurilene: Era, assim, das 7:00 às 11:00 horas do dia.

Entrevistador: Quem eram os alunos que estudavam?

Eurilene: Os alunos eram os que moravam por perto mesmo, na comunidade, daqui de onde eu morava só ia eu mesmo. Para lá, o resto era da vizinhança que morava ao redor da igreja.

Entrevistador: Estudavam tanto meninos quanto meninas?

Eurilene: Eram meninos e meninas, todos nessa faixa de 6 a 7 anos.

Entrevistador: Tinham alunos que não eram adventistas?

Eurilene: Tinham sim.

Entrevistador: Qual era o nome da professora? A senhora ainda lembra?

Eurilene: O nome dela era senhorinha. Chamávamos ela de irmã senhorinha, mas o nome dela eu não sei se era esse. Eu só sei que a conhecia por irmã senhorinha. Ela tinha um filho que o nome dele era Evaldo.

Entrevistador: Como eram trabalhadas as datas comemorativas? O dia das mães e outras datas assim?

Eurilene: Ela marcava um dia para as crianças ir lá ensaiar uns versos para serem recitados no dia do culto. Assim, no sábado lá na frente do púlpito e cada um recitava um verso. Decorava um versinho, fazia os coraçõezinhos, as lembrancinhas eram os coraçõezinhos de cartolina com uma fitinha amarada assim e dentro do coraçõezinho tinha a mensagem para as mães.

Entrevistador: Como que eram outras datas comemorativas?

Eurilene: Ela distribuía balas e cantava aquelas musiquinhas que ela ensaiava também para as crianças contarem no dia das crianças e no dia dos pais. Agora eu não estou lembrada de nem uma musiquinha que foi louvada lá, eu não estou lembrada agora no momento.

Entrevistador: A senhora teria mais alguma coisa para acrescentar sobre a escola?

Eurilene: Não, só sei dizer que eu gostava muito de ir para lá, para a escola. Nós éramos obedientes, mas se fizéssemos alguma coisa que ela achasse que não estava certa, ela prometia aquela palmatória para nós e ficávamos todos quietos.

Entrevistador: Mas chegava a ter algum castigo físico?

Eurilene: Aquele de uns carocinhos de milho. 4 carocinhos de milho por mais ou menos uns 10 minutos.

APÊNDICE E – Entrevista de Maria Pereira da Silva Soares

Entrevista realizada dia 28 de setembro de 2019 na cidade de Queimadas, Paraíba.

Entrevistador: Daniel da Silva Firino

Entrevistada: Maria Pereira da Silva Soares

Entrevistador: Conte um pouco como começou o Adventismo aqui em Queimadas e na região?

Maria: O que eu sei é que o irmão Antônio Bezerra já trouxe essa mensagem, de lá da serra, para casa do irmão Irineu e através dele deixar a mensagem com o irmão Irineu, junto ao meu tio Luiz Pereira, eles fundaram a igreja aqui na Baixa Verde, né? Através dele, o meu tio Luiz comprou um terreno fundaram a igreja, eu não me lembro bem a data da fundação, quando foi fundada né? Porque quando eu entrei na Igreja já fazia muito tempo que tinha ela já tinha sido fundada. Eu não era na época, não era da igreja, essa igreja foi fundada bem antes de 1950, por aí, não sei. Você vai tirar esses detalhes com as meninas na Serra, se você for lá, ela vai dizer que foi o pai dela. Ele trouxe a mensagem para aqui, pra seu Irineu, de Antônio Bezerra pra seu Irineu, através disso junto com meu tio Luiz Pereira foi quem comprou o terreno aí eles fundaram a igreja agora não sei o ano porque não era da igreja nessa época.

Entrevistador: Em 1940, Jerônimo Garcia escreveu a *Revista Adventista* que a Igreja Adventista estava situada no sítio Baixa Verde.

Maria: Pois pronto, foi mais ou menos desses 40 para cá mesmo que ela foi fundada. Quando entrei, ela já tinha sido fundada, quando meus tios estavam fazendo isso, eu não era adventista, mas eu era sobrinha deles. Não sei a data do ano, mas alguém tem o documento, dessa igreja, do terreno, e alguém tá com ele para saber a data que foi fundada. Só sei contar mais depois de 1961 para cá porque foi quando eu entrei.

Entrevistador: A senhora, por algum acaso, sabe a quem pertencia aquele sítio?

Maria: Não sei. Tinha uns ali que eu conhecia pelo nome, cheguei a conhecer pessoalmente, mas não sei a quem pertencia. Talvez quem vai saber e irmã Severina Freitas. Ali tinha três

peessoas como seu Luiz Gonzaga e o João Caetano, mas não sei se a terceira era a família Marques. Não sei o terreno a quem pertencia, mas eu acho que ela sabe, ela foi mais antiga de que eu na igreja.

Entrevistador: Em 1940, Olsen disse na *Revista Adventista* que o grupo de Baixa Verde surgiu em 1938. Mas como surgiu esse grupo e quais foram as pessoas responsáveis pelo surgimento?

Maria: Eu acho que as pessoas desse antigo grupo foi o irmão Irineu Pereira e seu Antônio Bezerra. Antônio Bezerra trouxe para Irineu Pereira e Irineu Pereira e para Manuel Soares, que ajudou seu Irineu Pereira e fundaram esse grupo aí. Foi Luiz Pereira e seu Irineu Pereira, eu digo que os fundadores foram eles dois, seu Irineu Pereira e Luiz Pereira, Luiz Pereira foi quem comprou o terreno e fundaram o grupo e ele ficou como diretor.

Entrevistador: A senhora falou sobre Luiz Pereira. Pode falar um pouco sobre ele? Como ele se converteu?

Maria: Ele se converteu através do irmão Irineu ou do irmão Antônio Bezerra, porque o irmão Antônio Bezerra veio pregar bem perto de onde ele morava, né? Seu Irineu Pereira morava perto de Luiz Pereira e seu Antônio Bezerra vinha com a mensagem para cá. Aí eu digo que foi através dele é porque os evangélicos saíram dali de seu Irineu com seu Antônio Bezerra que vinham de lá e fundaram. Seu José Inácio, que era um homem lá do Brejo, vinha também, ele também fazia reunião ali e já veio fazer na igreja. Uma vez, eu assisti ele na igreja, ele vinha do Brejo para Antônio Bezerra e veio para cá depois que surgiu mais essa igreja aqui. Foi através de seu Antônio Bezerra que Sindolfo Barbosa, um ricoço, se converteu ao evangelho e ele se uniu mais Antônio Bezerra e fundaram essa igreja.

Entrevistador: A senhora falou também de Sindolfo Barbosa e Antônio Bezerra. Poderia falar um pouco sobre esses dois?

Maria: O que eu posso dizer é que quando eu visitei essa igreja na Serra, já tinha um grupo, eles dois já eram o chefe lá dentro. Eu não sei quem era diretor, só sei que seu Antônio junto com Sindolfo Barbosa formaram essa igrejinha.

Entrevistador: A senhora sabe como foi que ele se converteu? Tanto seu Sindolfo como Antônio Bezerra?

Maria: Não, eu digo que Antônio Bezerra aceitou através de Zé Inácio, mas você tem que falar com a filha dele, e seu Sindolfo aceitou através de seu Antônio Bezerra. Seu Zé Inácio, que era do Brejo, pregava para Antônio Bezerra e ele depois vinha para cá. Eu penso que foi Antônio Bezerra que pregou para Sindolfo e ele aceitou. Eu tenho impressão que foi primeiro seu Antônio.

Entrevistador: Na primeira metade do século 20, os Capuchinhos peregrinaram pelo Nordeste com as Santas Missões. Entre eles estava Frei Damião que buscava fortalecer o catolicismo no Nordeste. Diante desse fortalecimento católico na região, como era o relacionamento entre os católicos e os Adventistas?

Maria: Não era bom, não era bom. Os católicos não gostavam, Frei Damião não gostava... Frei Damião, como eu falei, ele perseguiu a igreja aqui, os católicos não gostavam dos Adventistas não gostava de crente não, eles não gostavam. Os conflitos foram através dele, foi Frei Damião quando veio fazer a missão dele aí, ele perseguia.

Entrevistador: Algumas pessoas, como Jerônimo Garcia e Moysés Negri, escreveram para a *Revista Adventista* sobre o conflito entre católicos e Adventistas aqui em Baixa Verde. É verdade que esse conflito aconteceu?

Maria: É, eu digo que o conflito foi esse quando eles vieram no caminhão. Passou aí o caminhão, até parece que ainda hoje eu vejo aquele caminhão Azul, com um povo em cima com os galhos e ramos balançando e que veio perseguir os crentes. Até o pastor levou uma pedrada dentro dessa igreja. Só esse foi o conflito que eu sei.

Entrevistador: A senhora pode dar mais detalhes sobre esse conflito?

Maria: Não, porque na época eu era pequena. Só sei isso porque ainda tem a história que o povo conta, mas só sei até isso. Eu sei que ele era um perseguidor dos crentes, Frei Damião, não gostava de crente.

Entrevistador: Em 1941, Negri escreveu na *Revista Adventista* que estava funcionando uma escola primária em Baixa Verde, conte-me sobre ela. Como era seu funcionamento?

Maria: Dessa aí, eu não posso falar. Eu tenho os nomes dos professores, mas não sei como era o funcionamento nessa época. Eu não fazia parte de lá ainda, eu só vim fazer parte já uns anos depois porque tinha uns professores que veio de lá. Quer que eu cite os nomes dos professores?

Entrevistador: Se a senhora puder citar.

Maria: Deixa-me citar o nome dos professores que vieram da Missão. Os professores foram, Milton Pinheiro, depois veio professora Senhorinha, só tem um nome, depois dela veio Josefina, depois Francisca Teófila e depois de Francisca veio Maria Pereira Soares.

Entrevistador: Então a senhora foi a última professora da Escola?

Maria: Foi.

Entrevistador: No tempo da senhora, como a escola funcionava?

Maria: Bem, eu dava as aulas sobre a mensagem para os alunos, sobre a religião né, sobre a igreja, também era tudo da igreja mesmo. Eu fazia o que eu podia assim sobre a mensagem, ensinar alguma coisa para eles, versículos da Bíblia era só o que estava ao meu alcance. Eu ensinava, mas também foi pouco tempo, não demorei muito.

Entrevistador: Como era mantida a escola?

Maria: Era a Missão que pagava, era só uma gratificação, que não era pagamento, era umas coisinhas, para as outras eu não sei como era.

Entrevistador: Quanto tempo durou a escola? Durou até que ano?

Maria: Para mim, eu sai em 1975. Eu já tinha esse menino que era gêmeo e eu estava ensinando aí quando eu me mudei já tinha esse gêmeo, ele era novinho. Foi, ele nasceu em 74, e agora até a idade do meu filho eu não sei, era 1972.

Entrevistador: Como era o material que a senhora dava aula para as crianças?

Maria: O material, o material era pouco. Naquela época não dava nada para a gente ensina, a gente tinha que se virar e fazia os planejamentos pelos livros e só. Não tinha a orientação de ninguém, a gente tinha que se esforçar por nós mesmos, fazer as provas e todo o esforço era meu mesmo de pesquisar nos livros e ensinar da Bíblia. Eu era muito atrasada ainda em conhecimento bíblico, mas eu fazia o que podia e depois eu saí. Eles não davam assistência, eu ensinei aí, mas nunca veio uma pessoa nem olhar o que era que eu fazia. Hoje não, no município já é diferente. Hoje tem treinamento, tem tudo, mas eles não vinham, nunca vieram nem saber como é que eu ensinava, nem olhar e nem nada, fazia tudo por conta própria.

Entrevistador: No tempo da senhora, a escola só funcionava pela manhã?

Maria: Só, era um expediente só, das 7 às 11. Teve uma época que eu fiquei de tarde, mas por conta mesmo. Era só eu, não tinha ninguém, era uma sala lá e tanto fazia ir pela manhã ou a tarde. Depois eu mudei quando sai da Missão e entrei pelo Município. Aí lá eu ia de tarde da 13:00 as 17:00.

Entrevistador: Como a senhora trabalhava a parte de datas comemorativas?

Maria: Ah, eu acho que eu não fazia nada. Eu só fazia ficar em casa e pronto, não fazia festa não. Agora depois que eu já mudei para... porque a gente tem que ter um incentivo de como devia fazer, não era? Você vai fazer isso assim. Como hoje pelo Município é diferente, lá tem diretora para vim incentivar, faz treinamento, vamos fazer isso, fazer festinha como hoje eles fazem. Eu não fazia, eu só fazia no final do ano quando ia entregar as provas é que eu fazia um bolinho e dava para eles. Agora presente era bom, os alunos davam muitos presentes pra mim, mas gostava e fazia um bolo, uma festa pra eles, somente no final de ano na entrega das provas.

Entrevistador: Como era a estrutura da escola? ela funcionava aonde?

Maria: Na igreja, no salão da igreja atrás, em um salãozinho separado, pegado na igreja. A igreja era na frente e atrás o salão, ainda hoje está lá e agora fizeram a nova, mas ele tá lá. Mas

ficou menor porque fizeram dois banheiros, nessa época nem banheiro não tinha, na igreja não tinha nada não.

Entrevistador: Como eram os trabalhos missionário na igreja?

Maria: Eu mesmo não fazia não. Agora por falta de estrutura que não tinha, a pessoa tinha que ser orientada, o que vai fazer, o que não vai. Hoje não é assim, as meninas tudo ensina, mas a diretora vem, vocês vão fazer isso em uma festinha, orientava, mas se nunca tive uma orientação. Nunca veio uma pessoa na igreja nem para saber como era, o que eu ensinava, nem olhar o que eu estava fazendo, nunca. Hoje não é assim mais não, hoje a gente tem. Eles vêm olhar, vem incentivar, chama pra fazer treinamento, fazer as coisas, diferente, mas naquela época não tinha isso.

Entrevistador: Como a senhora se converteu?

Maria: Eu me converti através do meu casamento, a família era adventista. Eu me casei com ele e comecei a ir à igreja porque antes eu não podia ir, eu tinha vontade, mas não podia ir, meu pai e minha mãe não queriam. Eu falando com a minha mãe ela disse assim: “Eu quero saber de religião! eu vou morrer na religião da minha mãe” e morreu mesmo porque a mãe dela não tinha religião nenhuma. Agora minha mãe e meu pai iam assistir programação, pronto esse Zé Inácio uma vez veio do Brejo para aí. Ele veio para seu Antônio Bezerra ou ele veio aí pra seu Irineu Pereira. Ele veio fazer uma reunião na igreja e meu pai foi assistir, eu, minha mãe, tudinho. A igreja encheu com ele pregando. E aí quando me casei eu disse: “agora ninguém manda mais em mim”. Eu e meu marido fomos pra igreja e ele se rebatizou. Eu me batizei e pronto.

Entrevistador: A senhora tinha falado sobre o conflito que houve aqui na igreja, o pessoal passou no carro, no caminhão, não foi?

Maria: Foi, quando eles passaram, eu morava ali em baixo, fizeram a bagunça deles, depois eu soube que meu tio estava lá. Depois eu soube como foi, jogaram pedra, o povo correu se trancaram, mas o pastor ainda levou uma pedrada. Eu queria poder me lembrar do nome do pastor, mas não me lembro.

Entrevistador: A senhora sabe quem liderou?

Maria: Sei não, o que me disseram, nessa época, é que foi a igreja de Queimadas, o Frei Damião, disse que foi através dele e por certo que alguém veio mandado de lá.

Entrevistador: A senhora gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Maria: Eu acho que tá bom. Os erros que tem por aí, agora se você for na Serra, mas lá pra você ir tem que ter uma pessoa pra levar porque é longe, difícil, tem carro para lá e tudo para você chegar lá na casa do Antônio Bezerra. Ele tem as meninas uma delas é Kezinha que ela já tá bem velha e mais velha que eu. Também tem a outra que se chama Rute, elas moram na casa e vão lhe dar uns detalhes bem direitinho de como foi. Porque eu sei que surgiu assim quando veio para cá seu Irineu e lá através de seu Antônio Bezerra, depois fizeram esse templo aqui e pronto já melhorou. Seu Irineu ficou tomando conta muitos anos, Luiz Pereira depois dele. Ela vai dar as ideias melhores ainda se vice for, porque o foco mesmo veio de lá. É porque foi o pai dela. Eu também depois entrei na igreja só não me lembro se foi em janeiro de 60 ou de 61 que eu me batizei. Por aqui não tinha nem onde batizar e a gente ia se batizar em Campinas e numa igreja de lá, que tinha um tanque batismal, e a gente se batizou lá.

APÊNDICE F - Entrevista de Janduí Barbosa de Andrade

Entrevista realizada dia 28 de setembro de 2019 na cidade de Queimadas, Paraíba.

Entrevistador: Daniel da Silva Firino

Entrevistado: Janduí Barbosa de Andrade

Entrevistador: O senhor é filho de Sindolfo Barbosa?

Jandui: Sim, Sindolfo Barbosa de Andrade.

Entrevistador: O senhor pode contar como surgiu o Adventismo aqui nessa região?

Jandui: Olha, eu tenho 48 anos de idade e já nasci Adventista, graças a Deus. E desde que fui me entendendo de gente, como se diz a história, que eu sei, que eu via e que eu ouço é que o Adventismo, começou aqui em Serra das Laranjeiras, então quem primeiro recebeu a mensagem Adventista foi Antônio Bezerra de Lima. Filhos dele ainda residem por aqui como a irmã Raquel, irmão Oseias lá em Queimadas e ele recebendo a mensagem e começou a pregar e o segundo Adventista aqui da região foi meu pai Sindolfo Barbosa. A partir de então, os dois começaram a evangelizar, começaram a pregar, os dois ainda saíram daqui para colportar no estado de Alagoas, me parece, e voltando formou-se o Grupo Adventista. Mas não construíram o templo aqui, o motivo eu não sei, não sei qual foi o motivo. Mas, esse Grupo Adventista aqui na região foi evangelizar lá em Baixa Verde e lá os irmãos prontamente formaram um grupinho com a mensagem adventista e decidiram construir um templo e desde então existe a Igreja Adventista construída em Baixa Verde.

Entrevistador: Você sabe mais ou menos quando surgiu o Adventismo aqui na Serra das Laranjeiras?

Jandui: Olha meu pai nasceu em 1907, e me parece acho que com 20 anos, 21 anos, me parece, salvo engano, ele aceitou o Adventismo, bem novinho.

Entrevistador: 1927, 1928?

Jandui: É. Acredito que sim. O irmão Antônio Bezerra foi um pouquinho antes, o meu pai já foi evangelizado por Antônio Bezerra.

Entrevistador: Em 1940, Jeronimo Garcia escreveu a *Revista Adventista* que a Igreja Adventista estava situada no sitio Baixa Verde. O senhor sabe a quem pertencia esse sitio?

Jandui: Não sei, eu sei que alguns nomes ali eu sempre ouvia muito como Luiz Pereira, me parece, acho que Manoel Pequeno também foi um dos pioneiros lá entre os primeiros que receberam a mensagem, agora de quem era o terreno que doarão, eu não sei.

Entrevistador: Manoel Pequeno era pai de quem mesmo?

Jandui: Antônio Soares, Jose Soares, Luiz Soares, os Soares.

Entrevistador: Olson em 1940 disse à *Revista Adventista* que o grupo de Baixa Verde surgiu ali no final da década de 30, mas como surgiu esse grupo? Quais as pessoas responsáveis pelo surgimento?

Jandui: Eu não sei precisar os nomes das pessoas que receberam a mensagem de primeira mão e construíram. Não sei, não sei o nome deles não, eu sei que essas pessoas que participaram logo do início, foram uns dos primeiros agora não sei nominar todos.

Entrevistador: Ainda em 1940, Garcia cita Luiz Pereira. O senhor poderia falar um pouco sobre ele?

Jandui: Não, não, não sei muito sobre ele não.

Entrevistador: Isaías Barbosa de Andrade escreveu em 1995 na *Revista Adventista* que Sindolfo Barbosa e Antônio Bezerra foram importantes para o desenvolvimento do Adventismo na região. O senhor poderia falar um pouco sobre eles?

Jandui: Isaías Barbosa é meu primo, foi advogado da igreja durante muito tempo. Ele era vaqueiro, inclusive. Ele tem até um livro de Vaqueiro a Advogado. Ele era Vaqueiro aqui na

região próxima, aqui no cariri, filho do meu tio Diogo e certa feita o meu irmão Genival, que era pastor, ao visitar o meu tio Diogo, viu o primo Isaías e lá o convidou para estudar no colégio interno no ENA. Ele aceitou o convite e daí aceitou Adventismo e aí se tornou adventista, por fim também meu tio Diogo aceitou o Adventismo e morreu adventista. E sobre Antônio Bezerra e Sindolfo é o que eu já falei, Antônio Bezerra foi pioneiro aqui na região e evangelizou meu pai e daí começou a se espalhar.

Entrevistador: O senhor poderia falar um pouco mais sobre o seu pai?

Jandui: Sim, meu pai sempre foi muito... ele participava, ele era uma pessoa que gostava de ajudar a igreja inclusive os bancos que nós tínhamos. Ele participava, ele ajudava, ele doou, ele tinha um carro que sempre dava para o trabalho missionário, uma caminhonete, então de certa forma... isso já depois que eu..., mas antes ele teve muita participação também na igreja, ele pregava na igreja.

Entrevistador: O senhor saberia como é que foi a conversão de Antônio Bezerra?

Jandui: Não sei, eu sei a história com detalhes. Quem sabe bem é Raquel, é nossa vizinha aqui, minha prima, ela sabe com detalhes. Eu sei que tem uma história que ele era devoto de uma santa e aí adoeceu, fez uma novena e essa santa não resolveu o problema. Depois, a imagem da santa apareceu lá roída de barata e daí ele viu ou teve um folheto que ele leu, alguma coisa assim. Eu sei que veio alguém e evangelizou, é por aí não sei detalhes não.

Entrevistador: Na primeira metade do século 20, os capuchinhos peregrinaram pelo Nordeste com as Santas Missões, entre eles estava Frei Damião que buscava fortalecer o catolicismo no Nordeste. Diante desse fortalecimento católico na região, como era o relacionamento entre os católicos com os Adventistas?

Jandui: Há, diferente de hoje. Hoje se convive muito bem, antigamente os crentes eram discriminados sim. Tachavam de bodes e tudo enfim. Eu ainda lembro, que quando era criança, eu estou com 48 anos como já disse, nós fomos fazer um culto na casa de uma pessoa que nos convidou, aqui no Sítio Laranjeiras só que lá em baixo, e quando nós íamos subindo uma ladeira para chegar na casa da pessoa que nós convidaram, tinha um grupo de jovens no campo lá embaixo. Eles ficavam imitando um bode berrando para nós insultar, e antes de minha existência

era muito pior, inclusive teve um caso na igreja de Baixa Verde, onde pessoas da cidade de Queimadas, porque Baixa Verde pertence ao município de Queimadas, pessoas de Queimadas incitados por uma política na época, uma senhora política, Dulce Barbosa e um padre, salvo engano padre Oscar, foram até a igreja para depredar a igreja e queriam entrar e agredir o pastor, teve esse imbróglio lá. Então os crentes não eram bem vindos não, pelos católicos não.

Entrevistador: Saberia dar detalhes sobre essa agressão?

Jandui: Não, não sei, não viu. Mas eu sei uma coisa importante que nesse dia as pessoas, os algozes, queriam entrar na igreja e teve uma pessoa, um jovem na época, que ficou na porta da igreja e me parece que não deixou aquelas pessoas entrarem e o interessante é que essa pessoa passou a vida inteira e não aceitou o evangelho adventista e já idoso foi que ele aceitou o evangelho e se batizou. Inclusive, eu estava no batismo dessa pessoa, mas não lembro o nome dele também.

Entrevistador: Como eram realizados os trabalhos missionários?

Jandui: Os trabalhos missionários eram mais estudos bíblicos. Era sair de casa em casa e aqui nós tínhamos o diretor missionário, o diretor da igreja e, quando era grupo ainda, a gente saía de casa em casa, de dois em dois. Fazia programação de semana santa, uma coisa bem deferente de hoje, aqueles slides que chamava muito as pessoas, isso era muito atrativo. Era assim os evangelismos.

Entrevistador: Em 1940, Negri escreveu na *Revista Adventista* que funcionava uma escola primária em Baixa Verde. O senhor pode falar um pouco sobre ela?

Jandui: Escola primária?

Entrevistador: Lá em Baixa Verde.

Jandui: Não, eu não sei, eu sei que minha irmã Neves foi professora lá em Baixa Verde, Neves Andrade. Ela nasceu parece que em 30, e ainda está viva, muito doentinha lá em São Paulo, e ela foi professora lá como foi professora aqui também.

Entrevistador: Como foi que o senhor se converteu?

Jandui: Eu já nasci no berço Adventista.

Entrevistador: Quais foram os principais acontecimentos relacionados à igreja Adventista entre 38 e 50?

Jandui: Não, não sei precisar não, não sei.

Entrevistador: O senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre a história da igreja aqui na região?

Jandui: Não, o resumo é isso. Apenas desejar que a igreja, que nasceu aqui, esse farol, que continue iluminando, continue crescendo, continue firme renovando a esperança da breve volta de Jesus a cada dia e transmitindo essa mensagem aquelas pessoas que ainda não conhecem.

APÊNDICE G – Entrevista de João Miranda

Entrevista realizada no dia 12 de outubro de 2019 na cidade de Queimadas, Paraíba.

Entrevistador: Daniel da Silva Firino

Entrevistado: João Miranda

Entrevistador: O senhor pode contar como iniciou o adventismo em Queimadas?

João Miranda: Começou com a série conferência feita pelo pastor Nelsi na região de Queimada e só.

Entrevistador: Em 1940, Jerônimo Garcia escreveu na Revista Adventista que a Igreja Adventista estava situada no sítio Baixa Verde. O senhor sabe dizer a quem pertencia esse sítio?

João Miranda: Pertencia ao pessoal dos Pereira.

Entrevistador: Olson, em 1940, disse que o grupo de Baixa Verde surgiu em 1938, mas como surgiu esse grupo? E quais foram as pessoas responsáveis pelo seu surgimento?

João Miranda: Antônio Bezerra, Oséias, ... esse pessoal da família de Antônio Bezerra.

Entrevistador: Ainda em 1940, Garcia cita Luiz Pereira. O senhor pode falar um pouco sobre ele?

João Miranda: Eu não conheço muito de Luiz Pereira, mas sei que tinha Irineu Pereira, que era seu irmão, e esse eu conheci e era muito religioso, adventista. Mas sobre Luiz Pereira, não conheci pessoalmente, não foi do meu tempo. O único que conheci mesmo foi Irineu Pereira, mas já era bem velhinho e cego.

Entrevistador: Isaías Barbosa de Andrade, escreveu, em 1995, na *Revista Adventista*, que Sindolfo Barbosa e Antônio Bezerra foram importantes no desenvolvimento do adventismo nessa região. O senhor pode falar um pouco sobre eles?

João Miranda: Sindolfo Barbosa era um fazendeiro, pai de doutor Janduí. Tem alguns filhos dele que mora nos Estados Unidos, inclusive um deles é pastor da Igreja Adventista. Antônio Bezerra foi quem iniciou a igreja. Um cambista chegou na casa dele e na casa desse cambista ele passou a estudar a Bíblia com o pessoal da Missão Nordeste e daí que surgiu a Igreja Adventista de Baixa Verde.

Entrevistador: O senhor pode dar mais detalhes da conversão de Antônio Bezerra?

João Miranda: Um cambista encontrou a Bíblia em cima da mesa, e perguntou a ele sobre aquele livro e ele disse que gostava de ler o livro, então ele pediu para pegar informação da Missão Nordeste que passou a informação para ele e aí surgiu a conversão dele.

Entrevistador: Como foi o início da igreja depois da conversão dele?

João Miranda: Tinha esse terreno aqui na Baixa Verde, se reunião lá na Serra das Laranjeiras e de lá vieram para cá, então construíram a igreja e ficou até agora.

Entrevistador: Na primeira metade do século XX, os capuchinhos peregrinaram pelo Nordeste com as Santas Missões. Dentre eles estava Frei Damião que buscava fortalecer o catolicismo no Nordeste. Diante desse fortalecimento do catolicismo na região, como era o relacionamento entre católicos e adventistas?

João Miranda: Era muito difícil porque a Igreja Adventista era muito perseguida. Não somente a Igreja Adventista, mas todas as religiões que se diziam cristãs, mas que não eram católicas, então eram perseguidos, mas a Igreja Adventista era muito mais por causa do sábado. E entre os capuchinhos tinha frei Damião, que veio de uma cidade chamada Bozano lá na Itália, e que ele era incentivador de algumas dificuldades que a igreja sofreu aqui na cidade Queimadas.

Entrevistador: Algumas pessoas, como Jerônimo Garcia e Moisés Nigri, escreveram para a Revista Adventista contando sobre um conflito entre católicos e adventistas em Baixa Verde. É verdade que esse conflito aconteceu? E se sim, como ele se sucedeu?

João Miranda: Aconteceu naquela época quando Frei Damião estava realizando as Santas Missões. Juntaram-se o padre mais algumas pessoas católicas e fizeram uma junção e vieram para atacar a Igreja de Baixa Verde. Estava acontecendo a inauguração da escola primária lá na Igreja de Baixa Verde, uma Escola Adventista. Como eles sabiam que ia estar muita gente, então eles vieram e atacaram a igreja com pedra, com paus e palavra de baixo escalão. E aconteceu que o pastor Moysés Nigri foi agredido com as unhas de uma doutora lá e ele saiu sangrando, mas ele me disse uma vez que saiu com a Bíblia dele debaixo do braço porque estavam tomando a Bíblia de todas as pessoas que estavam saindo e jogando dentro de uma lata com querosene dentro para botar fogo. Ele disse que conseguiu sair com a Bíblia dele, toda marcadinha, debaixo do braço, mas com a cara toda arranhada.

Entrevistador: O senhor sabe quem foi que liderou esse conflito?

João Miranda: Segundo o que as pessoas dizem, dizem que foi Damião, o padre Oscar, a dona Dulce, que já é falecida, e mais alguns outros religiosos como dona Bibiu de João Mendes, uma tia minha chamada Júlia e todas elas participaram dessa manifestação tremenda.

Entrevistador: Em 1944, o padre Oscar se tornou o padre da paróquia de Queimadas. Depois disso, houve mais algum conflito?

João Miranda: Não, que eu saiba não.

Em 1941, Moysés Nigri escreveu que estava funcionando uma Escola Primária Adventista em Baixa Verde. Conte-me sobre ela, como era seu funcionamento? Como era mantida?

João Miranda: Eu não posso contar nada porque não era do meu tempo. Isso aconteceu antes de eu nascer. Tudo que eu te falei foi o que eu ouvi dizer, ouvi falar.

Entrevistador: Como eram realizados os trabalhos missionários?

João Miranda: O trabalho missionário era realizado a cavalo, de pé e de jumento. As pessoas saíam com vontade de pregar o evangelho. Tinha os colportores, hoje é mais fácil porque tem carro e moto, mas naquela época era de cavalo e jumento. Quando trabalhei de colportor já existia ônibus, viaja de ônibus, mas naquele tempo era a cavalo ou a jumento ou de bicicleta o

trabalho missionário funcionava desse jeito. Também quando se formava uma igreja, os diretores missionários tinham uma sede de pregar o evangelho e saía atrás e também tinha a ajuda das missões que ajudam muito nesse trabalho missionário, era muito bom.

Entrevistador: Como o senhor se converteu?

João Miranda: A minha conversão foi um pouco complicada porque me converti através da Assembleia de Deus e através dela conheci a Igreja Adventista. E daí por diante, me tornei adventista e isso já faz quarenta e poucos anos e graças a Deus não saí nunca mais, não tenho vontade sair e nem vou sair.

Entrevistador: O senhor pode dar mais detalhes da sua conversão?

João Miranda: Eu era gerente de uma empresa e na empresa existia uma oficina. Nessa oficina também tinha o gerente da oficina e a gente era amigo. Como éramos gerentes de setor, tínhamos muito tempo para conversar. A gente foi conversando e ele me mostrou as coisas a respeito da igreja, fui tomando gosto e fui para lá, então tive algumas decepções lá dentro. Nessa igreja fui convidado para pregar antes de me batizar e nessa pregação o pastor discordou no quarto mandamento, eu estava pregando sobre os mandamentos de Deus, e o quarto mandamento, então ele disse que isso era coisa de adventista, então fiquei com vontade de conhecer os adventistas. Pedi a Deus que me mostrasse uma igreja verdadeira, que guardasse os mandamentos de Deus, e no outro dia eu consegui ter a resposta de Deus imediatamente e daí surgiu a minha conversão.

Entrevistador: Mas como foi a resposta de Deus?

João Miranda: Estava em casa almoçando quando passou um pessoal na frente da minha casa. Eu não sabia nada a respeito de adventista, nunca tinha ouvido nem falar e a primeira vez foi na Assembleia de Deus e então pensei “vou conhecer esse pessoal que parece ser crente” e saí atrás deles. Quando cheguei lá no centro encontrei um homem e uma mocinha, perguntei ao homem e ele me mandou falar com a moça. Ela me indicou um pastor chamado Nelsio, que vinha fazer uma série de conferência, e fui lá e fiz o curso *A Bíblia fala* e depois do curso veio a minha conversão. Em agosto de 1977 houve o meu batismo e da minha esposa e somos os pioneiros aqui na cidade de Queimadas.

Entrevistador: Isso ocorreu em que ano?

João Miranda: 1977, fevereiro de 1977.

Entrevistador: O senhor sabe informar quais foram os principais acontecimentos relacionados com a Igreja Adventista aqui na região entre 1938 a 1950?

João Miranda: 1938 foi o início da igreja, 1944 a 1945 foram as perseguições e desenvolvimento da igreja. A perseguição repercutiu muito e algumas pessoas que participavam do cortejo se converteram no caminho e pensaram “o que é que estou fazendo? Por que vou perseguir pessoas que não me perseguem?” e voltaram. Um deles ainda está vivo, mas está bem velhinho, ele desistiu no meio do caminho se tornou adventista e hoje é adventista a muitos anos.

Entrevistador: O senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

João Miranda: Eu só quero dizer que se alguém ouvir, algum dia, quem nunca ouviu ouvir falar da Igreja Adventista procure cada vez mais saber a respeito da Igreja Adventista. E tenha certeza que Cristo vai voltar. A Igreja Adventista significa a respeito da volta de Cristo. Se prepare porque Cristo está voltando e quanto mais rápido melhor porque Cristo está a porta. Eu desejo que todo mundo seja congregado e venha conhecer o evangelho eterno. Apocalipse 14 do verso 6 ao 12 está toda a resposta para a pessoa que quer conhecer bem a respeito da Igreja Adventista e do evangelho eterno. É à vontade Deus que o seu testemunho seja pregado em todo mundo. Esse é o meu desejo e minha palavra final. Que Deus te abençoe e ao seu trabalho e que muitas pessoas possam ouvir essa gravação e possa se tocar e aceitar Jesus como o seu salvador e procurar examinar as escrituras bem direitinho porque são elas que testificam de Jesus Cristo.

APÊNDICE H - Entrevista de Raquel Bezerra Viana

Entrevista realizada no dia 28 de setembro de 2019 na cidade de Queimadas, Paraíba.

Entrevistador: Daniel da Silva Firino

Entrevistada: Raquel Bezerra Viana

Entrevistador: Como foi que surgiu o adventismo na Região?

Raquel: Começou com o meu Pai, Antônio Bezerra de Lima.

Entrevistador: Como foi que ele se converteu?

Raquel: O meu pai era católico apostólico romano, nasceu, batizou-se e casou-se na Igreja Católica. Ele era muito zeloso, muito zeloso. Ele não era desses católicos que não ia para missa, ele ia para missa todo o domingo, ele era muito zeloso. Então, ele casou com uma moça lá de Galante e foi morar lá. Quando ele estava com vinte e cinco anos, ele foi acometido por uma doença e foi para o médico. Tratou-se durante muitos dias com os médicos doutor Elpidio de Almeida e doutor Severino Cruz e por fim o desenganaram. Como o desenganaram, ele, como era muito devoto, tinha uma santa que era a padroeira dele que era a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Então ele disse: “eu não vou me entristecer porque tenho a minha santa, a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e vou fazer nove noites de novena e ela vai me curar”. Ele era tirador de novena de tão católico que ele era. Então ele convocou o povo e marcou a data certa e quando foi justamente no dia certo, todo mundo veio. Então, o povo rezou as nove noites, quando terminou, ele pensou “para ficar mais confirmado vou rezar mais nove”. Então ele rezou dezoito noites de novenas, mas, quando terminou, ele estava do mesmo jeito sem sentir nenhuma melhora. Então ele foi no quadro da santinha, porque a santinha dele era no papelzinho no quadrinho, quando chegou lá, a santinha estava com pés todo ruído da barata. Então ele pensou “se ela não consegue se defender da barata como vai me curar?”. Aí perdeu a fé na igreja e disse “vou crer em que agora?”. Aí ele começou a frequentar a Igreja Batista de Campina, mas não sentiu nada. Então quando foi um dia, ele estava triste porque foi desenganado, fez os votos e não foi atendido e foi para casa da sogra em Galante e quando ele chegou lá tinha um menino com uma folhinha na mão e ele pegou a folhinha que tinha algo assim “filhinho meu, não te esqueça da minha lei e no teu coração guarda os meus mandamentos

e eu acrescentarei os teus dias e aumentarei os teus dias de vida e paz”. Quando viu isso, ele ficou muito feliz, mas não sabia o que era aquilo. Ele ainda não mora na rua, ele morava fora e quando ele subiu na rua tinha o José Ferreira, que ele já conhecia, aí ele disse:

-- José Ferreira, veja o que eu encontrei.

-- Ah seu Antônio Bezerra, isso é uma folhinha da Bíblia – disse José Ferreira ao ler a folhinha.

-- Mas onde posso comprar esse livro?

-- Seu Antônio Bezerra, sabe quem dá uma informação muito boa desse povo, são os adventistas do sétimo dia, mas só tem no Recife. O senhor escreve uma carta para eles e espera um tempo para responder a carta e o senhor marca – respondeu José Ferreira.

Então ele escreveu para a Missão Nordeste e pediu para enviar uma pessoa para vim mostrar a ele e explicar alguma coisa sobre o assunto. Aí ele marcou o tempo para ele vim e disse que o esperaria na estação de trem de Galante. Ele era muito inteligente, então chamou o pastor Tiago, da Igreja Batista, no mesmo dia. Então o pastor Tiago, que morava em Campina, chegou primeiro e quando estava perto da hora do trem chegar, ele subiu para estação e chegou primeiro que o trem. O trem chegou e foi saindo gente, saindo gente e foi quando saiu aquele moço com a pasta na mão, aí ele perguntou:

-- E você? qual é o seu destino?

-- Vim para aqui em Galante porque recebi uma carta na missão – Respondeu o moço.

-- Fui eu que enviei a carta – disse Antônio Bezerra.

Então desceu os dois para lá e a casa estava cheia de gente e fizeram o culto e o pastor Tiago pregou. Quando ele terminou de pregar, meu pai juntou os dois e disse assim “pastor Tiago, eu sou católico apostólico romano, nasci na Igreja Católica, me batizei e me casei na Igreja Católica, mas agora estou em uma encruzilhada e quero saber, se tudo era crente porque um guardava o domingo e outro guardava o sábado?”. Então virou-se para o pastor Tiago que procurou na Bíblia uma resposta, mas não encontrou e meu pai virou-se para o pastor adventista e perguntou “porque você guarda o sábado”. Aí ele mostrou do Genesis ao Apocalipse e mostrou tudo. Aí meu pai disse: “então eu fico com você porque me mostrou a verdade”. E o outro se aborreceu e se aborreceu muito porque pensou que meu pai estava fazendo ele de galo de briga. Aí se despediram e foram embora. Então ele comprou a Bíblia e começou a pregar em Galante mesmo. Ele então convocou um culto na casa dele mesmo, nessa época ele já morava na rua mesmo em Galante, aí ele foi apedrejado e precisou da intervenção da polícia. Aí ele voltou para cá, porque a mãe dele morava aqui e começou a pregação. Primeiro, ele converteu Sindolfo, depois Antônio Fausto, que era cunhado de Sindolfo e também se converteu, mas

foram poucas as conversões daqui, aí foi quando ele foi para Baixa Verde. Então ele foi para Baixa Verde e na casa de Manoel Pequeno pregou lá, mas foi uma benção que se converteu tudinho, os dez filhos, o pai e a mãe, tudinho se converteram. Aí foi para Irineu Pereira, lá se converteram todos os oito filhos e lá foi mais dez pessoas também teve Luiz Pereira que também se converteu, mas aí pensaram em fazer uma igreja lá e por isso que a congregação começou lá. Meu pai morreu com oitenta e seis anos e nunca se desviou-se do caminho e nunca parou de pregar. A vida dele foi assim e ele estava desenganado pelos médicos.

Entrevistador: Ele chegou a Colportar?

Raquel: Colportou, ele colportou junto com Sindolfo em João Pessoa. Ele colportou em João Pessoa também.

Entrevistador: A senhora sabe onde ele colportou tanto?

Raquel: Eu não sei. Só sei que foi em João Pessoa, mas não sei onde foram os lugares, isso não sei.

Entrevistador: Ele colportou em outras cidades?

Raquel: Eu só sei que ele colportou em João Pessoa mesmo.

Entrevistador: Em 1940, Jerônimo Garcia escreveu que existia um grupo de adventistas em Baixa Verde. A senhora sabe a quem pertencia esse sítio?

Raquel: Não, eu não sei.

Entrevistador: Em 1940, Olson escreveu a *Revista Adventista* que o grupo surgiu na década de 1930. Mas como foi que surgiu o grupo de Baixa Verde?

Raquel: Foi meu pai que foi pregar lá e surgiu por causa disso. Ele foi pregando e se converteu bastante gente e lá surgiu a primeira igreja por isso. Porque se converteu mais gente por lá do que aqui. Eles se reunião primeiro aqui, aqui na casa dele mesmo, mas depois, quando fizeram

a igreja, a gente passou a ir para lá. Luiz Pereira comprou o terreno ou casa e construíram a igreja lá. Teve até uma perseguição lá e eu tinha oito anos, mas eu estava lá e isso foi em 1940.

Entrevistado: Existiam muitos conflitos entre católicos e protestantes?

Raquel: Justamente nessa perseguição veio frei Damião com muita gente de Queimadas e a igreja foi apedrejada, mas fora isso não, não teve outro atrito não.

Entrevistador: A senhora poderia contar com mais detalhes como foi esse incidente em Baixa Verde?

Raquel: Eles vieram e eu me lembro até quando aquela estrada parecia uma mata andando porque eles cortaram galhos de catingueira para se proteger do sol. Era uma multidão de gente e da largura que era a estrada era de gente que vinha. Quando chegaram lá, ainda apedrejaram a igreja e bateu uma pedra na cabeça de Santo de Antônio Fausto. Moysés Nigri estava nesse dia e uma mulher das unhas grandes passou as unhas no rosto dele que o sangue desceu e depois lavou com água de sal, eu era pequena, mas ainda me lembro. Foi um reboição todo, Fausto Moura e José Moura estavam lá na reunião desse dia. Parecia o fim de mundo.

Entrevistador: A senhora sabe quem foi que liderou.

Raquel: Pai todo sábado ia para lá e depois deixou nas mãos dos meninos de Manoel Pequeno, Manoel pequeno e de Luiz. Depois ele construiu outra igreja no Zumbi para a gente deixar isso... mas antes, porque é uma história cumprida. Baixa Verde era muito longe, como Sindolfo tinha um salão aqui, então começamos a se reunir nele. Durante muito tempo nos reunimos no salão e depois pai foi no Zumbi porque converteu um bocado de gente no Zumbi e já fez uma igreja no Zumbi. Aí a gente já descia para o Zumbi, mas dava muito trabalho porque a gente ia no domingo, na quarta e no sábado, então voltaram para cá. Aqui mesmo [casa de Antônio Bezerra] já foi um salão e pai já botou a igreja aqui. A igreja ficou aqui e já ficamos nos reunindo com a igreja. Aí foi do tempo que Antônio Soares já era diretor e já construíram uma igreja aqui que se transformou nessa igrejona, muito bonita ali.

Entrevistador: Então primeiro surgiu em Baixa Verde?

Raquel: Primeiro surgiu aqui, depois foi para Baixa Verde, depois para aqui, depois para o Zumbi e depois votou para cá. Porque montou uma turma lá no Zumbi e outra aqui e os que era daqui ficaram aqui e cresceu o número de converso e hoje está essa igreja aí.

Entrevistador: A senhora poderia falar um pouco mais sobre Sindolfo?

Raquel: Sindolfo era um homem daqui que era casado com a prima de pai, uma pessoa boa, mas que às vezes desviava, mas pai nunca se desviou. Sindolfo era um fazendeirão era uma pessoa muito boa e a gente gostava muito dele e Sindolfo morreu firme na fé. Fez algumas atrapalhadas antes, mas apanhou e morreu firme.

Entrevista: Severina de Freitas disse que Sindolfo tinha uma loja.

Raquel: Meu pai tinha uma loja primeiro e depois ele montou uma também, mas quem montou a loja primeiro foi meu pai. Era uma loja de tecido onde ele vendia tecido, vendia chapéu, vendia miudeza e vendia até capela para noiva. Depois Sindolfo montou uma também, mas a dele não prevaleceu e depois desistiu e a de pai continuou até ele morrer. Ele ainda deixou algumas coisas aí. Aí veio as confecções e as pessoas passaram a comprar roupas feitas, então acabou-se. Mas pai tinha uma freguesia muito grande ali. A loja dele era muito grande, ele tinha uma freguesia enorme por Baixa Verde, por todo o lado até de Fagundes e de Galante e vinham tudinho comprar a ele aqui, mas depois que ele morreu acabou tudo.

Entrevistador: A senhora saberia informar alguma coisa sobre a escola adventista de Baixa Verde?

Raquel: Não, só sei dizer isso, que foi fundada através de meu pai. Eu não me lembro de mais nada porque era muito criança.

Entrevistador: Como eram realizados os trabalhos missionários?

Raquel: Antigamente, Antônio Soares fazia muito trabalho missionário. Eu mesma fui muito missionária, meu pai fazia muito trabalho missionário. Todo o sábado meu pai saía para fazer trabalho missionário e eu saía também. Depois meu pai deixou e Antônio Soares, era diretor do grupinho, porque antes da igreja era grupo, e eu saía mais o pessoal e todo o domingo a gente

saia para Melancia e ia pregar lá e aí o pessoal vinha todo sábado uma casa para a gente fazer o trabalho missionário por aqui pela Serra mesmo, era um fervor tão grande. Meu irmão Oseinhas foi diretor, meu pai, Oseianhas pregava tanto que a gente vivia no tempo de tanto preparo que se Cristo tivesse voltado acho que a gente teria ido. A gente ia para Serra Alta para pregar por lá, ia para Galante, ia para Fagundes, para todo o canto a gente ia, aquela turma ia. A gente ia buscar em casa e deixar também e assim a gente ia trabalhar muito. Eu mesmo sou uma missionária que trabalhei muito, eu era muito missionária, a gente ia de pés, eu ia de pés. Era muito trabalho missionário, muito trabalho missionário e ainda hoje se faz. Agora estou com oitenta e sete e quando fui chegando à idade e não estava mais aguentando subir ou descer a ladeira aí me tornei um Anjo da Esperança porque não estava mais podendo trabalhar, mesmo assim, eu fiz tanto trabalho missionário mais Luiz Gonzaga na moto. Ainda comecei mais Gonzaga e estávamos evangelizando três pessoas, mas aí estava fazendo um tratamento, porque apareceu uns negócio no meu rosto, aí fui fazer o tratamento e tive que parar para não levar sol, aí parei senão estaria ainda hoje fazendo trabalho missionário. Eu já fui pregar até em Aroeira, faz pouco tempo que fui com o genro da minha irmã, fomos três pessoas pregar em Aroeira, fomos para Aroeira.

Entrevistador: Quais foram os principais acontecimentos da Igreja Adventista entre 1938 e 1950?

Raquel: Eu não me lembro, nada.

Entrevistador: A senhora teria mais alguma coisa para acrescentar?

Raquel: Não meu filho, a única coisa que queria acrescentar é que nasci na Igreja Adventista e na Igreja Adventista estou, já estou com oitenta e sete anos e nunca me desviei e não pretendo me desviar e espero permanecer até o fim, até a minha morte ou até a volta de Cristo.

Entrevistador: A senhora sabe o ano que seu pai de converteu?

Raquel: Foi mais ou menos 1927, porque Oseias nasceu em 1928 e pai já era adventista.

Entrevistador: A igreja mesmo só veio surgir no final da década de 1930?

Raquel: É, mais ou menos isso.

Entrevistador: A senhora saberia informar o ano? 1936, 1937 ou 1938?

Raquel: Não sei dizer. Em 1930, eu não tinha nem nascido, eu nasci em 1932. Então não sei.

APÊNDICE I – Entrevista de Oséias Bezerra Viana

Entrevista realizada dia 28 de setembro de 2019 na cidade de Queimadas, Paraíba.

Entrevistador: Daniel da Silva Firino

Entrevistado: Oséias Bezerra Viana

Entrevistador: Qual o nome dos pais do senhor?

Oséias: Antônio Bezerra de Lima e Maria das Neves Viana.

Entrevistador: O senhor pode contar como foi que iniciou o adventismo na região?

Oséias: Olha, foi simples. Meu pai era católico romano, desse de brigar, e um dia ele se sentiu doente. Primeiro, ele procurou a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que era a santa padroeira da casa dele, mas não foi valido. Foi para Campina Grande e fez a promessa para Nossa Senhora da Conceição, mas não foi valido. Aí ele recorreu aos médicos, um detalhe bem interessante é que um dia a minha avó chegou perto dele e disse:

-- Antônio, na Serra do Uruçu tem um homem muito sabido.

-- Que homem é esse, minha mãe? – respondeu meu pai.

-- Antônio Denório, o macumbeiro, o catimbozeiro – falou ela.

-- Mãe, eu não aceito isso não.

-- Se você não for, eu nunca mais te dou a benção.

Aí meu pai católico, com medo de perder a benção da mãe, foi. Chegando lá, o macumbeiro se embriagou lá e se jogou pelo chão e quando se levantou chegou perto de pai e disse:

-- A sua vida está toda cheia de catimbó porque você deflorou uma moça de Galante e não casou com ela e ela te meteu catimbó.

-- Deixa de ser mentiroso porque a moça que namorei com ela em Galante é minha esposa – disse meu pai.

Aí meu pai voltou para Galante outra vez e procurou um médico, o médico dele foi doutor Severino Cruz, ele foi para o médico, então foi para casa de uma família que era muito amiga, a família Pedro de Melo. Aí quando ele ia para o médico, mas primeiro ia para casa da família Pedro de Melo. Aí foi quando a Assembleia fez um culto em frente à casa dele, aí

alguém veio entregar um folheto para o meu pai e ele quase bateu na pessoa que estava dando o bilhete. Meu pai foi para o consultório e quando voltou tinha uma criancinha se arrastando e o folheto, que ele não quis ler limpo, estava todo sujo de lama, aí ele pegou o papel e foi ler. O primeiro verso que tinha era de provérbios 3 do 1 ao 3. Aí meu pai disse “essa Bíblia é falsa porque é dos protestantes, mas eu tenho a Bíblia católica em casa” e quando chegou em Galante foi ler a Bíblia e estava a mesma coisa e disse “ué, então a Bíblia é uma coisa só”. Aí ele passou a estudar com o pastor Augusto Santiago da Igreja Batista. Aí meu pai já começou pregando e um dia chegou de Pernambuco José Ferreira, que conhecia os adventistas, e quando passou, que viu a Bíblia, perguntou a minha mãe

--De quem é esse tesouro.

-- É de Antônio – disse minha mãe.

Ele saiu e quando voltou, meu pai estava em casa e meu pai foi logo pregando para José Ferreira e José Ferreira disse:

-- A é, mas você está enganado em uma coisa e vai ter uma surpresa, o dia de guarda não é o domingo é o sábado -- aí surgiu o primeiro adventista, porque surgiu uma questão.

-- Mas o pastor disse que o dia santo é o domingo – disse meu pai.

-- Você escreve uma carta para a Missão, está aqui o endereço, peça um pastor, diga para que é, que quer ver um debate entre um adventista e um batista, mas quando for falar para o batista, não diga que é para discutir com um adventista porque ele não vem.

Aí meu pai escreveu para Missão e, quando recebeu a resposta, ficou esperando, então tratou com o pastor batista, pastor Augusto Santiago. Então quando foi no dia, o pastor adventista chegou na sexta, passou a sexta, o sábado e o domingo estudando com o meu pai. Aí quando foi no domingo, chegou o pastor batista e ele disse “pastor Santiago, eu quero conhecer a verdade, o senhor me disse que o dia santo é o domingo e esse é o pastor sabatista que disse que era o sábado e eu quero saber qual é o dia certo”. Aí houve o debate e o batista perdeu e perguntou:

--Com quem você vai ficar.

-- Vou ficar com a verdade – disse meu pai.

Aí surgiu o primeiro adventista da Paraíba, foi meu pai.

Entrevistador: Qual foi o texto que ele encontrou?

Oséias: Proverbio 3 do 1 ao 3 que diz: “filho meu, não te esqueça dos meus ensinamentos e o teu coração guardes os meus mandamentos porque eles aumentaram os teus dias e te acrescentaram

os anos de vida e paz. Não te desampare a benignidade e a fidelidade, ata-as ao pescoço, escreve-as no teu coração”. Quando o meu pai teve essa promessa, desse verso, meu pai estava com vinte e nove anos e morreu com oitenta e três, Deus cumpriu a promessa que fez.

Entrevistador: Qual foi o ano que isso aconteceu?

Oséias: 1925.

Entrevistador: É verdade que quando ele estava procurando a cura, ele olhou para o pé da santa e viu que estava com barata ou comida por barata.

Oséias: Não era o pé da santa, era a santa toda, porque era de papel. Aí meu pai fez a promessa, porque era devoto dela, mas não foi servido. Ele rezou nove noite de novenas e não foi servido, aí ele apelou para Campina Grande e em vez de nove, fez dezenove noite de novena, mas também não foi servido, então procurou os médicos.

Entrevistador: Em 1940, Jerônimo Garcia escreveu na *Revista Adventista* que existia um grupo de adventista no sítio Baixa Verde. A quem pertencia esse sítio? O senhor sabe?

Oséias: Eu era muito criança, tinha nove anos, mas era uma comunidade. Então meu pai pregou em Baixa Verde e fundou um grupo e foi a primeira igreja com sede própria, foi em Baixa Verde.

Entrevistado: O pai do senhor era de Galante?

Oséias: Meu pai era de Serra das Laranjeira, foi trabalhar em Galante e lá conheceu a minha mãe e casou com ela, então ficou morando em Galante. Aí depois voltou para Serra.

Entrevistador: Como foi que de Galante a igreja foi fundada em Baixa Verde?

Oséias: Primeiro foi lá em Galante, de Galante meu pai foi mora na Serra das Laranjeiras e fundou na Serra, depois ganhou Baixa Verde e Baixa Verde ia para Serra. Depois Baixa Verde comprou uma casa para servi de igreja e ficou os dois grupos: um na Serra e outro em Baixa Verde.

Entrevistador: Mas a primeira igreja foi em Galante, Serra das Laranjeiras ou em Baixa Verde?

Oséias: Em Galante era um domicílio e na Serra também. A primeira igreja que teve sede própria foi em Baixa Verde.

Entrevistador: Além do pai do senhor, quem mais foi responsável pela criação da igreja em Baixa Verde e na Serra das Laranjeiras?

Oséias: Meu pai foi o responsável, mas, em Baixa Verde, ele ganhou Severino Venâncio, Irineu Pereira e Luiz Pereira, então eles passaram a tomar conta da igreja, mas a fundação foi do meu pai.

Entrevistador: E lá na Serra das Laranjeiras?

Oséias: A mesma coisa, meu pai quando mudou de Galante para Serra das Laranjeiras fundou um grupo e de lá foi se estendendo.

Entrevistador: Isaías Barbosa de Andrade, escreveu para *Revista Adventista* que além de seu pai, Sindolfo Barbosa foi muito importante para o desenvolvimento do adventismo na região. O senhor pode falar alguma coisa sobre ele?

Oséias: Sim, ele foi importante. Sindolfo Barbosa teve muitos altos e baixos, ele era meio trapaceiro. Ele não tinha muito daquela firmeza. Teve muitas mulheres, mas nunca deixou a igreja.

Entrevistador: O senhor sabe como foi a conversão de Sindolfo?

Oséias: Não sei, foi através de meu pai, agora como foi eu não sei porque eu era muito criança.

Entrevistador: Sindolfo era da Serra das Laranjeiras?

Oséias: Da Serra das Laranjeiras e desde criança eles viviam juntos.

Entrevistador: Na primeira metade do século XX, os capuchinhos peregrinaram pelo Nordeste com as Santas Missões, dentre eles estava frei Damião que buscava fortalecer o catolicismo no Nordeste. Diante desse fortalecimento do catolicismo na região, como era o relacionamento entre os católicos e os adventistas?

Oséias: Ora, não se davam, não. Era muito perseguido. Os católicos não aceitavam os nova-seitas, não. Aí sempre tinha perseguição.

Entrevistador: Algumas pessoas como Jerônimo Garcia e Moysés Nigri, escreveram na *Revista Adventista* sobre um conflito entre católicos e adventistas em Baixa Verde. É verdade que esse conflito aconteceu?

Oséias: É verdade, no ano de 1940, no mês de fevereiro ou março, não lembro porque eu era muito criança, mas a igreja foi apedrejada. Frei Damião já havia ido embora, mas foi quem usufruiu a perseguição. Aí arrebentaram tudo, só não houve ferido.

Entrevistador: Qual foi o papel de frei de Damião?

Oséias: Meu pai não o chamava nem de frei Damião, mas de frei tufão porque por onde ele passava era uma destruição geral. Aí saía arrebentando igreja e tudo. Agora ele não estava presente.

Entrevistador: É verdade que frei Damião mandou uma carta para seu pai enquanto estava aqui?

Oséias: Não, não me consta isso, não. Ele queria discutir com os nova-seitas, mas como em Queimadas não tinha, ele mandou chamar em Baixa Verde. Em Baixa Verde ele falou com Severino Venâncio, Irineu Pereira e Luiz Pereira, mas eles disseram “nós não temos condições de discutir com o senhor, mas o nosso diretor tem” e mandaram chamar meu pai. Aí meu pai disse que não ia. Só ia se ele arrumasse um lugar que desse garantia e que não estivesse sujeito de ser apedrejado.

Entrevistador: O senhor poderia descrever como foi esse conflito com os católicos em Baixa Verde?

Oséias: O conflito aconteceu porque o catolicismo não aceitava religião nenhuma que não fosse a católica. Aí quando pai chegou pregando, houve a contenda, houve desafios e meu pai continuou pregando. Quando frei Damião passou pela Santa Missão, deixou tudo insuflado e quebraram igreja e quebraram tudo. Mas aí não sei contar porque eu tinha nove anos de idade.

Entrevistador: O senhor estava na igreja nesse dia?

Oséias: Estava, estava toda a família. Pai, mãe e irmãos. Estava o pastor Moysés Nigri, Jerônimo Garcia, Joel Florêncio, que iria ser o professor de Baixa Verde e José Inácio de Araújo.

Entrevistador: Em 1941, Moysés Nigri escreveu na Revista Adventista que estava funcionando uma escola primária em Baixa Verde. O senhor poderia falar alguma coisa sobre ela?

Oséias: O primeiro professor de Baixa Verde foi Joel Florêncio, aí depois veio o irmão dele, Natan Florêncio, eu estudei com ele. Estudei com Natan Florêncio, irmão do pastor Joel Florêncio. Eu era muito criança, não dá para lembrar de tudo.

Entrevistador: O senhor sabe como funcionava a escola?

Oséias: A Missão pagava, mas só pagava pouca coisa e os membros ajudava.

Entrevistador: Quais eram os turnos que ela funcionava?

Oséias: Funcionava o primário, começou de manhã e depois passou a ser à tarde.

Entrevistador: Ela chegou a funcionar durante a noite?

Oséias: Aí eu não sei porque morava na Serra.

Entrevistador: Quem mantinha a escola?

Oséias: A Missão pagava e os membros ajudavam porque a missão pagava pouco. Depois de Natan Florêncio, veio o pastor Milton Pinheiro que passou muito tempo em Baixa Verde.

Entrevistador: Quanto tempo durou a escola, o senhor lembra?

Oséias: Lembro não. Durou muito tempo.

Entrevistador: Onde funcionava a escola?

Oséias: Na igreja, na igreja mesmo.

Entrevistador: Qual era a estrutura que tinha lá?

Oséias: Só tinha o professor, primeiro foi Joel Florêncio, depois foi Natan Florêncio, que era irmão dele, e por último o pastor Milton Pinheiro.

Entrevistador: Tinha cadeiras?

Oséias: Tudo era precário.

Entrevistador: Como era o material didático?

Oséias: Os pais que compravam os livros.

Entrevistador: O que se ensinava na escola? O senhor lembra?

Oséias: Não, eu era muito criança, mas o livro era a Carteira do Povo. Os mais adiantados era o terceiro ano, aí já não sei porque eu era muito criança.

Entrevistador: Na escola, o senhor lembra como era as datas comemorativas?

Oséias: Não, lembro não. Eu era criança demais.

Entrevistador: Como eram os trabalhos missionários?

Oséias: A pregação era na igreja mesmo e de casa em casa. Funcionava assim mesmo. Não tinha grupo missionário porque era no sítio, mas sempre se pregava. Meu pai fazia culto em todo o canto.

Entrevistador: Em 1940, Garcia cita Luiz Pereira, o senhor poderia falar alguma coisa sobre ele?

Oséias: Não conto muita coisa dele, não. A gente morava na Serra e ele em Baixa Verde e ficava distante.

Entrevistador: O senhor já nasceu adventista?

Oséias: Quando eu nasci meu pai já fazia cinco anos de adventista. Meu pai aceitou em vinte e cinco e eu nasci em trinta.

Entrevistador: O senhor sempre foi adventista?

Oséias: Graças a Deus. E morrerei ou serei transladado adventista.

Entrevistador: Quais foram os principais acontecimentos da Igreja Adventista entre 1938 a 1950?

Oséias: não tenho lembrança, não.

Entrevistador: O senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Oséias: Não, acho que já está bom.

APÊNDICE J – Entrevista de Ariosvaldo Castro de Moura

Entrevista realizada dia 28 de setembro de 2019 na cidade de Queimadas, Paraíba.

Entrevistador: Daniel da Silva Firino

Entrevistado: Ariosvaldo Castro de Moura

Entrevistador: O senhor pode falar como surgiu o adventismo na região?

Ariosvaldo: Antônio Bezerra de Lima era um homem muito católico e gostava de fazer as festividades da igreja como novenas. Ele, muito expansivo e muito inteligente, teve uma doença que hoje a gente sabe o que é, mas naquele tempo não sabia. Ele começou a adoecer e ficou doente, doente e doente. Ele foi para o médico e o médico disse:

-- Não, senhor Antônio, o senhor não tem doença nenhuma, não.

Ele ficou bravo porque ninguém conhecia depressão. É uma doença que só o depressivo sabe o que está sofrendo. E ele se aborreceu, mas com o tempo ele voltou e informaram outro médico e ele foi para outro médico. Antes de ir ao médico, ele foi para casa de um amigo que tinha em Campina Grande e esse amigo era da Igreja Batista. Ele chegou na casa do amigo e tomou café antes de ir ao médico chegou os irmãos da Igreja Batista distribuindo um folhetinho e ele pegou e disse:

-- Eu não quero essa coisa, não -- depois jogou fora. E ele foi para o médico e o médico o examinou. Mais uma vez, o médico agora o examinou e disse:

-- Senhor Antônio, o senhor não tem doença, não.

Ele ficou irritado, então ele voltou tão aborrecido e voltou para a casa do amigo para se prepara para vim para casa. Chegando na casa do amigo, não tinha ninguém na sala e ele olhou no chão e viu um folhetozinho, mas estava em uma poça de urina de criança. Ele pegou o folhetinho e balançou e no folhetinho e estava escrito algo assim “só Deus pode te curar”. Ele botou isso na cabeça e foi embora, eu não sei se ele já estava morando em Galante. Ele ficou pensativo, ninguém curava ele. Ele tinha um amigo que passava bicho e ele falou:

-- Oh fulano, tu sabes como é que faço para comprar uma Bíblia?

-- Ah, muito fácil, tem um pastor da Igreja Batista, ele vem todo domingo aqui e você fala com ele -- disse o amigo.

No domingo, ele foi falar com o pastor Batista.

-- Mas por que o senhor quer uma Bíblia? -- perguntou o pastor batista.

E Antônio respondeu:

-- Porque quero estudar?

-- Então vou lhe dar estudo bíblico – falou o pastor.

-- Mas eu quero uma Bíblia -- disse Antônio.

Então começou, o pastor Batista ficou dando estudo bíblico para ele e ele estudando a Bíblia. Quando a gente quer conhecer uma coisa, começa pelo começo e ele começou, mas quando foi no livro de êxodo, ele parou num pensamento que diz assim, “porque o sétimo dia é o dia do senhor”. Ele estudou aquilo e estudou e estudou. No outro domingo, o pastor chegou para continuar o estudo com ele e ele falou:

-- Oh pastor, o que o senhor diz do sábado?

O pastor disse:

-- Ah meu filho, isso é coisa de judeu, isso é coisa do passado.

Mas ele continuou estudando porque mais na frente tinha mais coisa falando sobre o sábado. Então ele falou com o amigo dele que era bicheiro, cambista.

-- Oh fulano, você sabe onde tem uma igreja onde as pessoas guardam o sábado?

-- Sei, fica lá no Recife, por quê? -- disse o amigo

E ele respondeu:

-- Porque queria conversar com eles

Novamente o amigo falou:

-- Para a semana, vou no Recife e trago o endereço e te dou” -- e ele foi. Quando voltou, trouxe o endereço para Antônio Bezerra e disse:

-- Está aqui Antônio, estou com o endereço aqui.

Ele abriu e escreveu uma carta para a Gervásio Pires no Recife, onde hoje é o centro da Igreja Adventista no Nordeste, era uma igreja lá, era a igreja do Recife. Ele escreveu pedindo uma visita e marcou a data e, quando foi na data, ele foi lá na estação, lá em Galante. Antônio chegou e se apresentou ao pastor, porque era uma pessoa diferente, e o levou para a casa dele e conversaram. O pastor chegou no sábado à tarde. No domingo de manhã, já na casa dele, quando o outro pastor chegou, ele falou para o pastor adventista:

-- Esse aqui é um irmão da Igreja Batista e pastor.

E ele falou para o pastor batista.

-- Esse aqui é um irmão da Igreja Adventista -- e continuou.

-- Eu queria fazer uma pergunta para um e uma pergunta para outro. -- e ele perguntou ao pastor da Igreja Batista.

-- Irmão, e o sábado? Porque já li mais.

E ele continuou com aquela prosopopeia dos batistas

-- Ah, isso é coisa do passado e foi feito para os judeus.

-- Agora vou perguntar ao irmão da Igreja Adventista. Irmão, o que o senhor me diz do sábado? – disse Antônio Bezerra.

-- O sábado foi uma criação de Deus, lá no livro de Genesis, não sei se o senhor leu?

-- Sim, eu li, mas tem mais no êxodo – respondeu Antônio Bezerra.

-- E o que o senhor leu lá? -- perguntou novamente, o pastor adventista.

-- Que Deus fez o céu e a terra e tudo que nele há e no sétimo dia o Senhor santificou, abençoou e descansou -- respondeu novamente Antônio Bezerra.

Aí o pastor Batista falou:

-- Mas aí é o sétimo dia, mas começar a contar quando?

O domingo é o dia santo porque é o sétimo dia”, disse o pastor batista.

-- como é o sétimo dia se a segunda é o dia dois. Segunda pastor, é segunda e não primeira -- disse o pastor adventista.

E eles começaram a discutir e o pastor batista levantou-se e falou:

-- Você me chamou aqui para um debate? Uma briga?

-- Eu lhe chamei aqui para descobrir a verdade, porque a sua Bíblia fala que o sábado é santo, a Bíblia dele fala que o sábado é santo, a Bíblia que esse homem me vendeu diz que o sábado é santo? E o senhor diz que o sábado é de judeu? – disse Antônio Bezerra.

Aí é que começa a nascer a Igreja Adventista na Paraíba, isso lá pelos anos de 1926. E daí por diante, o irmão Antônio começou estudando e estudando. Ele era muito inteligente. Ele começou trabalhando, levando a mensagem de casa em casa, ele levou a mensagem para o seu vizinho Sindolfo Barbosa, um homem muito influente. E eles juntos começaram a trabalhar na igreja, ele foi um dos primeiros a fazer a colportagem na Paraíba. Saíram daqui, de Serra das Laranjeiras, e foram de trem para João Pessoa. Fizeram João Pessoa todinha levando a mensagem que ninguém conhecia. De João Pessoa passou para Guarabira e foi trabalhando a Paraíba toda e com o tempo criaram uma igreja que é a primeira Igreja Adventista da Paraíba que é em Baixa Verde, estão fazendo uma nova igreja do lado dela. E assim continuou a igreja crescendo e crescia mais ao redor de Baixa Verde e de Serra das Laranjeiras e eles levavam a mensagem para uns amigos que moravam em Campina Grande e criou um grupo de estudo e desse grupo de estudo nasceu a igreja de Campina Grande lá na Major Belmiro.

Entrevistador: O início mesmo foi com Antônio Bezerra em Galante?

Ariosvaldo: Ele conheceu a mensagem em Galante, quando ele convidou o pastor da Igreja Adventista e fez um debate entre o pastor adventista e o pastor da Igreja Batista.

Entrevistador: Como, de Galante, o adventismo foi parar em Baixa Verde?

Ariosvaldo: Serra das Laranjeiras é aqui em cima e Baixa Verde era um arruadozinho de muita influência. Lá existia os trabalhadores de roça, umas pessoas muito influentes, e tinha umas famílias muito rica de Baixa Verde. Ele veio trazendo a mensagem e ganhou algumas pessoas ali e fez um grupo e esse grupo cresceu e foi crescendo e se tornou a Igreja de Baixa Verde. Teve um caso que aconteceu em Baixa Verde que foi mostrado até na *Revista Adventista*. O caso aconteceu em Baixa Verde em 1940, quando a igreja foi apedrejada a mando de um missionário da Igreja Católica que vinha para cá, que era o frei Damião. Aí saiu daqui uma senhora que tinha muita força política, que naquele tempo era uma jovem, chamada Dulce Barbosa. Ela saiu daqui e foi lá apedrejar a Igreja de Baixa Verde que nesse dia quem estava lá era o pastor Moises Nigri, que foi uma força muito grande na igreja. E a Igreja de Baixa Verde ficou ali, ela não cresceu, não.

Entrevistador: Em 1940, Garcia cita Luiz Pereira, o senhor sabe dizer alguma coisa sobre ele?

Ariosvaldo: Luiz Pereira era sogro do irmão Wiliam, que veio evangelizar Queimadas, Luiz Pereira era pai de Maria Pereira que era casada com Wiliam Alves de Melo. Uma família toda adventista e já são falecidos tanto a William quanto a Maria, mas ainda tem as filhas que moram em Campina Grande.

Entrevistador: O senhor poderia falar alguma coisa sobre Sindolfo Barbosa?

Ariosvaldo: Sindolfo Barbosa foi o que eu falei no começo. Foram ele e Antônio Bezerra os primeiros a evangelizar a Paraíba, foram os primeiros dois colportores e os primeiros evangelistas. Sindolfo Barbosa tinha uma influência muito grande monetária, ele era um fazendeiro que mexia muito com um gado. Quem está no comando das terras dele é o irmão Janduí que é um dos filhos de Sindolfo Barbosa. Sindolfo Barbosa era tio também de um grande influente da Igreja Adventista no Sul o doutor Isaias de Andrade Barbosa. Ele foi advogado da obra muito tempo e veio trabalhar na Bahia onde faleceu a alguns anos atrás, era um grande homem.

Entrevistador: O senhor falou que houve um conflito em Baixa Verde, saberia informar como foi que ele aconteceu?

Ariosvaldo: O frei Damião fazia o trabalho evangelístico e o povo de Queimadas é muito católico e se frei Damião desse a ordem, eles faziam. Ele não estava gostando da influência que estava tendo em Baixa Verde dos adventistas, os hereges como dizia ele. E essa senhora, que falei o nome dela, saiu e juntou um monte de gente e iam destruir a igreja lá, a Dulce Barbosa foi a cabeça desse levante e atiraram muitas pedras nessa igreja. O irmão Moysés Nigri estava visitando a igreja nesse dia e ele levou até uma pedrada na cabeça onde feriu a cabeça. Tinha um camarada, que era muito valente, que estava na igreja e ele era um irmão do irmão que estava na Igreja Adventista, mas ele não era adventista. Ele se armou de um facão na porta da igreja e disse “quem der um passo, eu mato”. Hoje ele é adventista, nem sei se ele faleceu, mas ele se batizou muitos anos depois. Eles voltaram e depois ficou sabido que as pessoas influentes de Queimada não gostaram disso não e assim apaziguo e até hoje os adventistas não tiveram mais conflitos com igreja nenhuma.

Entrevistador: É verdade que o padre Oscar estava envolvido?

Ariosvaldo: Ele era o padre do dia, ele era o padre daquela época também.

Entrevistador: Em 1941, Moysés Nigri escreveu que existia uma escola em Baixa Verde. O senhor poderia falar alguma coisa sobre ela?

Ariosvaldo: Não, a escola era dentro da igreja. Eles alugaram uma casa depois de lado e tinha uma irmã que hoje mora no Rio de Janeiro que ela é que foi a primeira professora em Queimadas.

Entrevistador: O senhor poderia falar sobre Dulce Barbosa?

Ariosvaldo: Dulce Barbosa era uma moça daqui que, na época de jovem ainda, foi vereadora de Campina Grande. Ela era muito eloquente e era uma professora. Foi a primeira a trazer umas escolas para Queimadas.

Entrevistador: Ela era diretora do Grupo Escolar da época do conflito?

Ariosvaldo: Ela foi diretora, foi professora e depois criou um colégio dela e esse colégio dela formava até a oitava série. Ela era muito influente politicamente, ela era muito influente e muito influente na igreja católica. Ela foi a cabeça do movimento de 1940, ela era jovem nessa época e levantou para destruir a igreja lá na Baixa Verde.

Entrevistador: O senhor saberia informar quais foram os principais acontecimentos da igreja entre 1938 a 1950?

Ariosvaldo: Não, não tenho conhecimento de nada disso não.

Entrevistador: O senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Ariosvaldo: Gostaria que a igreja olhasse mais para as pessoas que tiveram a influência no começo da igreja.

Entrevistador: Raquel Bezerra Viana disse que houve uma perseguição em Galante. O senhor saberia informar se isso é verdade? Se sim, como foi que aconteceu?

Ariosvaldo: No tocante a esse pensamento, logo após aquele atrito que houve entre os dois pastores, adventista e batista, que a partir daí Antônio Bezerra aceitou a mensagem adventista e o pastor começou uma série de estudo. Você sabe como é o fogo da pessoa que se converte? O novo convertido quer converter o mundo todinho com aquilo que recebeu. Isso aconteceu no passado quando Jesus pregava e as pessoas saíram levando a mensagem boca a boca. Também aconteceu no tempo da igreja que foi crescendo como foi o caso de Samaria, que quase toda uma cidade se convertia, e Antônio Bezerra se converteu e queria levar a mensagem para todo o mundo. E começou agora o pastor a dar estudo para ele e o pastor vinha a cada quinze dias visitá-lo. Ele saía de Recife e vinha para Galante e começou um ponto de estudo na casa dele e aquele ponto de estudo foi crescendo, a mensagem foi espalhando, muita gente ia e fazia o culto e isso o pastor Tiago, que era da Igreja Batista, não gostou, aborrece-se porque os adventistas estava entrando no campo dele. A Igreja Batista era muito pequena e só tinha dez a quinze pessoas, mas o número que ia para casa de Antônio Bezerra já era um número grande que iam para ouvir a explanação da Igreja Adventista. Então, o pastor Tiago se aborreceu e começou a

fazer um levante contra os adventistas. Não era os católicos que estavam fazendo o levante, não. Era a Igreja Batista que estava fazendo o levante contra Antônio Bezerra, contra aquela mensagem que eles chamavam de proscrita, que não era a mensagem de Deus. E começaram isso aí e um dia foi um bocado de pessoas para a casa de Antônio Bezerra na hora do culto e começaram a jogar pedra para não haver o culto da Igreja Adventista lá e o negócio ficou feio é tanto que foram chamar a polícia daquele tempo, que naquele tempo tinha dois soldados, e veio a polícia e veio o delegado também. E quis prender o pessoal e houve a confusão e o delegado chegou e amanou e o culto continuou e o delegado disse que o mesmo direito que a Igreja Batista tinha, de evangelizar as pessoas e pregar o evangelho, os adventistas também tinha. Assim Antônio Bezerra continuou a receber os estudos, o pastor vinha a cada quinze dias e fazia um culto da Igreja Adventista. Mas com um tempo depois, não deu para formar um grupo e Antônio Bezerra foi morar na Serra das Laranjeiras, onde continuou a receber os estudos com o mesmo calor da nova conversão e ele queria espalhar a mensagem. Então começou um grupo de pessoas se reunindo lá na Serra das Laranjeiras e esse grupo começou com Sindolfo Barbosa aceitando a mensagem e a família de Sindolfo Barbosa foi também tudo aceitando, a família era pequena. E a mensagem foi crescendo ali naquele grupo de Serra das Laranjeiras. E de lá veio também para Baixa Verde, onde o nucleozinho cresceu mais rápido do que lá em Serra das Laranjeiras, mas as pessoas saiam de Baixa Verde e iam se reunir na Serra das Laranjeiras. Lá tinham um galpão do lado da casa de farinha que Sindolfo Barbosa cedeu para se reunir e assim estava nascendo a mensagem da Igreja Adventista ali. Logo construíram uma igrejinha em Baixa Verde e o pessoal fazia ao contrário, saía da Serra das Laranjeiras e ia para Baixa Verde, mas a mensagem desceu e foi para o Zumbi. Tinha um irmão chamado José Bezerra, que não era nada de Antônio Bezerra, e começaram a se reunir em uma casa lá no Zumbi e pouco tempo depois construíram uma igrejinha também. Então tinha agora duas igrejas: Baixa Verde e Zumbi.

Entrevistador: O senhor sabe qual foi o motivo que fez Antônio Bezerra sair de Galante para Serra das Laranjeiras?

Ariosvaldo: Para as pessoas que vivem de agricultura, o negócio é meio difícil e a mãe dele tinha umas terrinhas na Serra das Laranjeiras e ele foi morar na Serra das Laranjeiras. Ele já tinha morado quando jovem, antes de conhecer o evangelho, no tempo que ele fez o voto para aquela santa e o caso daquela doença que ninguém sabia que era depressão. Chegando em Serra das Laranjeiras, ele era muito trabalhador, muito inteligente e começou a comprar terra. Herdou

as terras da mãe, ele e mais um irmão e uma irmã. Ele se instalou na Serra das Laranjeiras, já como adventista, e começou a entrar no mundo do comércio e criou uma mercearia. Ele foi crescendo e criou gado. Também plantava algodão e foi o tempo que o algodão se acabou.

Entrevistador: O senhor sabe quando se iniciou adventismo no Zumbi?

Ariosvaldo: Começou a crescer por volta de 1955.

Entrevistador: O senhor sabe quais foram os lugares que Antônio Bezerra Colportou?

Ariosvaldo: Ele começou a fazer a colportagem e a pregação do evangelho por João Pessoa e foi quando formaram um nucleozinho, mas foi por pouco tempo porque ele passou apenas quinze dias em João Pessoa e ao redor dali levava a mensagem e levando aquele livro *Vida de Jesus*.

Entrevistador: O senhor sabe o ano?

Ariosvaldo: 1930 ou 1932 por aí assim porque foi uns seis anos mais ou menos depois que Antônio Bezerra tinha aceito a mensagem e logo Sindolfo Barbosa aceitou a mensagem e, cumprindo a ordem de Jesus de ir a todo mundo, eles fizeram essa viagem descendo para João Pessoa, subindo para Guarabira. Em João Pessoa, ele começou por um lugarejo chamado de Bayeux que tinha duas ruas que era a estrada para João Pessoa. Eles pararam em Bayeux, fizeram algumas excursões em Bayeux, desceram para João Pessoa e foram para Cruz das Armas onde fizeram umas excursões por lá e pela grande João Pessoa que era pequena e vieram subindo. Pararam em Guarabira, onde passaram de oito a nove dias, e foram subindo e subindo por conta própria. Foram até o sertão onde trabalharam em Patos e voltaram para Serra das Laranjeiras depois de trinta dias de viagem.

Entrevistador: O senhor sabe em quais bairros ele trabalhou em João Pessoa?

Ariosvaldo: Eu sei que ele começou trabalhando em Cruz das Armas e depois ele fez a grande João Pessoa que era pequena nesse tempo.

Entrevistador: Onde foi o grupo que ele formou em João Pessoa?

Ariosvaldo: Foi em Cruz das Armas, mas parece que não prevaleceu.

Entrevistador: Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Ariosvaldo: Em Galante, onde o adventismo deveria ter nascido, não prevaleceu. Não temos hoje nenhuma igreja em Galante. Os pastores vinham lá do Recife, pastores muito famosos, que me esqueço o nome deles agora e era presidente da missão que vivia visitando Antônio Bezerra na Serra das Laranjeiras. Era um pastor muito famoso, mas infelizmente não lembro o nome e ele dizia que a mensagem de Deus deve ser levada para nem que seja uma alma que queira recebe-la. Onde tiver uma alma que queira receber, é obrigatório o adventista levar essa mensagem.

APÊNDICE K – Entrevista de Danielle de Sousa Gomes Nascimento

Entrevista realizada dia 10 de março de 2021 em Campina Grande, Paraíba.

Entrevistador: Daniel da Silva Firino

Entrevistada: Danielle de Sousa Gomes Nascimento

Entrevistador: Durval Muniz escreveu em 1981 que o seu pai, Nilo Gomes, foi um dos primeiros adventistas em Campina Grande. A senhora poderia falar um pouco sobre ele?

Entrevistada: Se meu pai estivesse vivo estaria com cento e nove anos porque ele nasceu no ano de 1912, mas ele morreu com noventa e três anos ou noventa e quatro. Eu acredito que ele se converteu jovem, certo? Ele nasceu na cidade de Vitória de Santo Antão, Pernambuco, ele é pernambucano. Eu não tenho dados desse início como a conversão dele, eu não sei como ele se converteu, porque quando nasci ele já era de idade e eu sou da segunda esposa dele. Como ele já era de idade, eu não tenho esses dados da conversão dele, mas ele se converteu jovem porque ele fez um curso de colportagem e ele trabalhou durante muitos anos de colportor e só depois desse tempo que ele casou. Acho que ele tinha uns trinta e quatro anos quando ele arrumou o seu primeiro emprego de carteira registrada, mas antes disso ele era colportor, aí ele sempre tinha acesso a tudo isso aí. Ele sempre foi apaixonado pelos livros do Espírito de Profecia, tanto que eu sou uma apaixonada também pelos livros do Espírito de Profecia, gosto muito de profecia, acho que aprendi a amar isso, pois desde pequena que eu via tantos livros assim e sempre fui curiosa e fui lendo. Ele sempre teve, sempre gostou, sempre trabalhou na obra, sempre gostou de fazer a obra de Deus. Aí quando ele tinha trinta e quatro anos, a data que eu tenho do registro da carteira de trabalho dele, ele arrumou um emprego aqui em Campina Grande que acredito que foi nessa época que ele veio para cá e isso seria mais ou menos em 1947. Ele deve ter vindo para cá em 1945 mais ou menos. Eu não tenho a data que iniciou a Igreja Adventista em Campina, mas eu tenho conhecimento que ele e irmão Wiliam fizeram um trabalho na Major Belmiro, que é uma rua que fica lá no São José. Era um grupinho em uma casa e eles faziam esse trabalho lá e tudo começou lá e depois começou a existir a Igreja Central depois de algum tempo. Eu também não sei a data do início da Igreja Central, mas acredito que tudo isso esteja a sua disposição. Acredito que meus avós paternos não chegaram a conhecer a mensagem, não tenho certeza porque não os conheci. Além da Major Belmiro que ele iniciou com o irmão William, eles iniciaram o evangelismo em Boqueirão e em Baixa Verde.

APÊNDICE L - Entrevista de Raquel de Brito Lyra de Melo

Entrevista realizada dia 25 de fevereiro de 2020 na cidade Campina Grande, Paraíba.

Entrevistador: Daniel da Silva Firino

Entrevistada: Raquel de Brito Lyra de Melo

Entrevistador: A senhora poderia falar sobre a conversão de sua mãe Irene de Brito Lyra?

Entrevistada: Quando era criança, a nossa família era da Igreja Congregacional. O pastor João Ximenes ... essa geração não se lembra, mas a geração passada se lembra desse pastor da Igreja Congregacional e minha família era de lá. Minha mãe gostava muito de ler a Bíblia e um dia ela descobriu a verdade do sábado e foi perguntar ao pastor João Ximenes porque o sábado e não o domingo. Ele disse, como hoje em dia os evangélicos ainda dizem, que o sábado foi cravado na cruz, aquela mesma história do passado eles dizem hoje. Mamãe se acalmou, mas aquilo ficou no coração dela. Ela gostava muito de ler a Bíblia, eu lembro sempre dela lendo a Bíblia, e quando foi um dia, um sábado de manhã, ela foi a feira e quando estava indo à feira, nós morávamos na Avenida Desembargador Trindade e quem mora em Campina Grande lembra, e na João Tavares, na rua de que mamãe ia para feira, ela viu umas pessoas cantando no sábado de manhã. Quando ela voltou da feira, mandou os balaieros para casa e bateu na casa do pastor de Israel Zorub, pastor da Igreja Adventista, que estava chegando em Campina Grande. Com as perguntas de mamãe, ele começou a falar sobre a mensagem adventista e deu estudo bíblico à mamãe. Minha mãe não disse para ninguém porque meu pai nessa época era muito rico, importador e exportador de algodão e óleo diesel na época da Segunda Guerra Mundial. O pastor João Ximenes não queria perder essa presa né e começou então a falar para papai que mamãe parasse de estudar com o povo Adventista, mas mamãe continuou. Quando foi um dia, eu me lembro muito bem que era um sábado à tardinha, mamãe estava fazendo Patinha Dourada para gente e éramos 9 filhos, era uma mesa muito grande rodeada de crianças, e papai chegou junto de mamãe, por trás de mamãe, e deu um murro bem grande no rosto dela e mamãe caiu e começou a botar sangue pela boca. Isso foi algo tão horrível para nós porque nós vivíamos em um lar feliz com os nossos pais quando isso aconteceu. Mas aquele sangue de mamãe foi como semente em nossos corações e hoje é a 5ª geração de Adventistas da nossa família. Depois desse acontecimento, mamãe ficou tolhida e não ia para igreja. Eu me lembro que mamãe me mandava para a igreja, eu tinha 7 anos nessa época, e eu ficava e, quando eu

entrava na igreja, eu via aqueles diáconos e presbíteros da Igreja Congregacional na porta da igreja. Era um salão que ficava em frente ao Colégio das Damas e eles ficavam na porta esperando para ver se entrava alguém da nossa família lá, porém, como eu era criança e papai tinha muitos filhos, ninguém me notava, mas eu me lembro deles, da fisionomia e do nome deles. Eu ficava assistindo a Escola Sabatina e o culto divino na cadeira que eu colocava atrás do piano para eles não me verem. Eu me lembro muito das pessoas como do pastor Jakob Kroeker e Elizabeth que tocava muito bem piano, enfim era um grupo de pessoas fiéis adventistas daquela época. Só que minha mãe não podia frequentar, foi uma perseguição muito grande e João Ximenes dizia para papai expulsar, minha mãe de casa porque ela ia nos contaminar, que mamãe estava endemoniada e que ele pusesse mamãe para fora. Eu me lembro que em uma noite de natal, eu era criança, e mamãe fugiu e me levou para assistir um programa na igreja e quando voltamos, meu irmão Benjamin, que era pequeno, estava chorando e papai disse para mamãe “você só entra em casa hoje porque o Benjamin tá com fome”. Foi uma perseguição muito grande, mas minha mãe sempre fiel, minha mãe sempre honrava o nome de Deus. Papai não se converteu, não se tornou Adventista, mas ele não trabalhava no sábado e era um homem de Deus. Então lá em casa, pelo testemunho, pela firmeza de mamãe e pelo coração aberto para hospedar, tornou-se quase como um hotel de adventistas. Lá em casa, os colportores se hospedavam e eu me lembro desse tempo em que a irmã Aurelina, que era diretora das Docas, os mais antigos da igreja se lembram, levou máquinas lá para casa e mamãe comprou máquina para costurar e doar peças de roupas para as docas. Então se tornou um lugar muito agradável, graças a Deus, pela fidelidade de mamãe e pela firmeza dela. Todos nós somos agradecidos a mamãe porque ela foi fiel e transmitiu para nós essa doutrina maravilhosa, a doutrina Adventista da volta de Jesus, da esperança do céu e também na observância do quarto mandamento da lei de Deus. Que Deus abençoe para que nos firmemos dos caminhos do senhor até Jesus voltar.

Entrevistador: Por que o pai da senhora bateu na sua mãe?

Raquel: Papai bateu em mamãe no dia do batismo dela. Acontece que o pastor João Ximenes mandava pessoas para ficarem como detetives atrás de mamãe. Todo passo de mamãe era vigiado e nesse sábado ouve um batismo lá naquele açude de Bodocongó e aí foi um caminhão cheio de pessoas da igreja e dos batizando e mamãe foi se batizar e eles viram. Eles estavam atrás de mamãe vigiando e contaram para papai e foi nesse dia que papai bateu em mamãe e ele até disse assim “você foi no caminhão cheio de macho para se batizar e me contaram” e aí foi

quando ele bateu nela. Eu esqueci de dizer esse detalhe, eles andavam atrás de mamãe como detetives. Todo passo de mamãe era vigiado, mas Deus deu a vitória para ela e para nós também.

Entrevistador: A senhora poderia falar sobre o seu tio José de Brito?

Raquel: Ele era irmão de meu pai. Ele era católico, mas um católico muito sincero e muito praticante. Eu me lembro que ele tinha um oratório bem grande na sua casa e com todas as imagens e tamanhos grandes e imagens caras e umas coisas assim muito bonitas. Tio Zé de Brito hospedava bispos na casa dele porque ele era muito rico e a sua casa ficava na Floriano Peixoto, perto da catedral. Então os bispos se hospedavam na casa dele, padre e esses grandes da Igreja Católica iam todos para lá. Meu irmão João Batista era muito íntimo de tio José de Brito. Meu irmão passou um tempo afastado dos caminhos de Deus, mas quando ele retornou foi uma consagração muito grande, ele queria que todo mundo aceitasse e ouvisse sobre Jesus e sobre o sacrifício de Jesus, sobre o céu, sobre a volta de Jesus e tudo isso ele transmitiu para meu tio. Mas meu tio muitas vezes dizia “eu não quero ouvir, você está com essas doutrinas diferentes da Igreja Católica, eu não quero ouvir”. Mas um dia, meu irmão disse “tio, eu vou ler na sua Bíblia católica sobre a guarda do sábado, eu vou ler os dez mandamentos da lei de Deus que foi torcido pela Igreja Católica”. Ele leu, mas aí meu tio mandou que ele saísse porque não queria ouvir, mas o Espírito Santo tocou no coração dele e quando João Batista foi embora, depois de João Batista falar muito tempo sobre a verdade Adventista, meu tio chamou a governanta da casa, o nome dela era Quininha, que era muito católica, e disse “vai lá buscar a Bíblia católica, abre em êxodo 20 e ler para eu ouvir se o que João Batista falou é verdadeiro”. Ela leu todo o capítulo 20 de êxodo e quando ele viu sobre a adoração de imagem de escultura, sobre o sábado, ele disse “vai naquele oratório e tire aquelas imagens todinhas e quebrem todas com o machado e enterre tudinho”. Ele disse isso porque o texto sobre a imagem de escultura ficou em seu coração. Quininha ficou assombrada e disse “eu não vou fazer isso seu José de Brito porque vai cair uma maldição sobre mim” e ele disse “faça por minha conta porque, de hoje em diante, eu vou ser adventista do sétimo dia e não quero mais saber dessas mentiras que eu aprendi até hoje”. Ele estava com 84 anos e os bispos foram lá, como sempre, e contou que tinha encontrado na Bíblia a verdade do sábado e os bispos disseram que realmente a igreja católica havia mudado os mandamentos da Bíblia e ele ficou revoltado porque como eles podiam mudar as coisas que Deus tinha feito? Foi um testemunho muito lindo porque meu tio José de Brito se batizou com 84 anos. Ele tinha um problema no pulmão e já tinha tido câncer e tinha sido retirado um pulmão. Ele ficava muito cansado com tudo e eu me lembro que ele

passava de caminhonete com João Batista para me pegar lá na minha casa e ele dizia “minha filha, porque eu não vi essa verdade quando era novo, quando eu gastei fortunas”. Ele era quem patrocinava essas campanhas de Argemiro de Figueiredo aqui em Campina Grande e o dinheiro que ele dava para as campanhas era muito grande e quando ele se tornou adventista, eu me lembro que o pastor Lira foi quem oficiou o batismo dele. Passaram a tarde com um fogão de gás lá na igreja da Major Belmiro esquentando água para ele se batizar de noite. Foram caldeirões de água jogado no tanque até que deu para ele se batizar e foi um dia muito festivo, muito bonito. Ele, juntamente com meu irmão João Batista, construiu essa igreja que hoje é a igreja central. Ele disse “eu quisera ter todo o dinheiro que eu gastei, tudo que eu investi nessas campanhas políticas quero hoje transformar em parte para construção da igreja. Meu irmão João Batista vendeu uma lancha e uma casa de veraneio para construção dessa igreja que hoje é o templo e ainda está com a mesma estrutura, mesma frente sendo modificada apenas no interior, algumas coisas para deixa-la mais bonita. Eles se doaram e construíram essa igreja para honra e glória do nosso Deus. Lembro-me que um dia meu tio estava muito doente e eu fui visitá-lo, aí ele, já com uma voz meio embargada, disse “minha filha, antes eu tinha tanto medo de morrer, eu tinha pavor da morte, mas hoje eu só não peço para morrer porque tenho medo de pecar, mas o meu maior desejo da minha vida é ver Jesus voltar e eu ir com ele para o céu, eu vou vê-lo, eu vou me encontrar com ele e ficar com ele para sempre”. Essa foi a última conversa que eu tive com meu tio, mas aí está um testemunho e uma coisa maravilhosa. Ele deixou um marco na vida dele que foi essa igreja central.

Entrevistador: A senhora saberia informar alguma coisa sobre a Escola Adventista de Campina Grande?

Raquel: A escola adventista já estive em vários endereços. Na época da inauguração da igreja a Escola Adventista era embaixo de onde é hoje atualmente o prédio da igreja central e era uma sala enorme lá em baixo. Hoje ela comporta várias salinhas infantis e o Espaço Novo Tempo da igreja central. Depois de alguns anos, a escola se mudou para o Jardim Paulistano e ela ficou no quintal da igreja. Hoje em dia, a escola adventista funciona onde era um dos campi da UEPB era o antigo campi de pedagogia. A Igreja Adventista pegou um pedaço e a Faculdade Rebolsas pegou outro pedaço só que maior.

APÊNDICE M - Entrevista de Rosita Matias de Moura

Entrevista realizada dia 3 de abril de 2021 em Campina Grande, Paraíba.

Entrevistador: Daniel da Silva Firino

Entrevistada: Rosita Matias de Moura

Entrevistador: A senhora saberia informar como se iniciou o adventismo em Campina Grande?

Rosita: Através de Fausto, ele era adventista lá em Carpina e de lá veio trabalhar de alfaiate em Campina Grande. Por meio dele, eu o ouvi falar, e de seu irmão José Moura foi que começou o adventismo em Campina Grande.

Entrevistador: Foi verdade que Fausto Moura foi o primeiro adventista de Campina Grande?

Rosita: Se não me engano, foi. Não tenho certeza, não. Eu conheci o irmão dele José Moura que era adventista e só sei que os dois trabalhavam de alfaiate em Campina Grande e eram adventistas. Também teve Nilo entre os primeiros adventistas.

Entrevistador: Poderia falar um pouco mais sobre Fausto e José Moura?

Rosita: Eles foram os primeiros adventistas que conheci em Campina. Eles vieram de Carpina e foram trabalhar de alfaiate em Campina Grande. Eles, juntamente com Nilo, fundaram a igreja na Major Belmiro. Ela era uma casa e tornaram uma igreja. Essa igreja ficou muito pequena e então construíram essa outra.

Entrevistador: Fale-me um pouco mais sobre Nilo Gomes.

Rosita: Ele era adventista, era comerciante e era amigo de Fausto.

Entrevistador: O boletim Sul-americano de dezembro de 1940 fala que Creobulo Carvalho estava realizando uma série de conferências na cidade e haviam muitos interessados. Poderia falar onde foi realizada a conferência e quem eram esses interessados?

Rosita: Era em um salão em cima do Jornal a Borborema e acontecia a noite. Quem fazia as conferências eram crentes que vinham de Recife.

Entrevistador: De acordo com a Revista Adventista de 1940, em fevereiro desse mesmo ano houve um conflito religioso envolvendo a Igreja Adventista de Baixa Verde e algumas pessoas de Campina Grande estavam presentes. A senhora saberia informar alguma coisa sobre isso?

Rosita: Me lembro da história. Jogaram pedras no pessoal e na igreja, Fausto estava lá e chamavam ele de bode mansinho. Eles não desistiram, continuaram fazendo o culto na igreja. Eu me lembro que fui para o culto lá várias vezes. Era uma igreja simples, pequena e muito forte.

APÊNDICE N – Entrevista de Alonso José Alves

Entrevista Realizada dia 20 de fevereiro de 2020 em Campina Grande, Paraíba.

Entrevistador: Daniel da Silva Firino

Entrevistado: Alonso Jose de Alves

Entrevistador: O senhor poderia falar como o adventismo chegou a Campina Grande?

Alonso: O início dela mesmo, eu não sei as datas. Quando eu entrei na igreja ela já existia e era na rua Major Belmiro. Eu me batizei nessa época no dia 28 de junho de 1964 e, antes de me batizar, o pastor que estava aqui era João Isídio, muito conhecido no Nordeste e no Sul. Depois dele, entrou o pastor Severino Tavares de Lira que me batizou. Por esse tempo, existiam cerca de setenta e quatro pessoas na Escola Sabatina, mas não eram batizados. Entre eles estava Raquel, a mãe de Raquel e Maria de Brito Lyra. A mãe de Raquel era casada com um presbiteriano e ele a maltratou muito porque se tornou adventista, mas ela dormiu em cristo firmada na fé. Ele não conseguiu tirá-la da fé adventista e ela ensinou os filhos nessa linha e muitos se tornaram pastores. Em 1965, a igreja da Major Belmiro foi vendida para ser construída onde hoje é a central. A central começou a ser construída com o dinheiro da venda que foi cinco mil cruzeiros. Já tinha o terreno e com esses cinco mil foram comprados os materiais, mas na base o dinheiro desapareceu e a gente não tinha para onde ir. Mas veio o pastor Barbosinha, lá do ENA, e começou a fazer uma campanha aqui em Campina e arrecadou o dinheiro de chegar até o ponto de cobrir, fazer a laje. Então a gente foi para essa igreja, ainda com as escoras, para entregar o outro prédio. Ela ainda estava com piso grosso e não dava nem para se ajoelhar. E com o tempo, ela foi melhorando e conseguimos ver ela sendo concluída. Ela recebeu dinheiro de fora e também de pessoas que com o tempo se tornaram adventistas como foi o caso de José de Brito Lyra. Antes de José de Brito Lyra tinha irmãos, que ainda me lembro do nome deles, que viviam na igreja dessa época de 1974 como Wiliam e Maria Pereira, esposa de Wiliam, que ainda hoje tem as filhas dela aí e tem muitos adventistas na família. Também tinha a irmã Tharcília Caldas, obreira bíblica que iniciou a Igreja de São José da Mata, tinha o irmão José Ferreira, que era um dos mais antigos, ele era da Serra da Melancia, veio para Galante e de Galante veio para cá. Também tinha a irmã de Tharcília Caldas e o cunhado dela, e também tinha a mãe de Arlindo. Tinha o pai de Matusalém, irmão Enoque, e depois nasceu Helen e Matusalém. Aí, Nice, que é a mãe de Matusalém, era congregacional e tornou-

se adventista. Logo que casou, pouco tempo depois, batizou-se. De lá pra cá entrou muitos pastores e naquela época era muito difícil porque ninguém tinha transporte e o transporte era uns carrinhos que ia até Queimadas e o campo do pastor Lira era muito grande porque era daqui até Cajazeiras.

Entrevistador: É verdade que Fausto Moura foi o primeiro Adventista em Campina Grande?

Alonso: Que chegou em Campina Grande foi ele. Os outros eram da Serra da Melancia e da Serra das Laranjeiras e ficavam por lá. O irmão Fausto veio de Aliança, Pernambuco, e montou uma alfaiataria aqui e continuou a trabalhar e formou um grupozinho. Até 1985 aqui só tinha essa igreja central e de lá foi construída uma no Quarenta e então começamos duas construções. Eu comecei uma construção no Castelo, para tornar o grupozinho em igreja, e um grupo saiu da central para essa construção. Saíram treze pessoas da Escola Sabatina da central para começar uma no Lava-jato e de lá partimos para a construção da igreja que hoje é a igreja central do Catolé. Dalí começou a surgir outras igrejas, mas antes de concluir essa igreja daqui houve uma série de conferências nas Malvinas. Dessa série de conferências da Malvinas e do Paulistano surgiram duas igrejas: a do Paulistano e outra em um local das Malvinas.

Entrevistador: O senhor poderia falar algo mais sobre Fausto Moura ou sobre seu irmão José Moura?

Alonso: Sobre José Moura não. Agora Fausto Moura ao chegar aqui pegou um conhecimento muito grande. Ele era bom em evangelizar, ajudava muito e trabalhava direitinho. Como a igreja estava no começo, os irmãos estavam no primeiro amor e o irmão Fausto sempre estava junto com o grupozinho que tinha o irmão Wiliam, José Ferreira e irmão Lô. Eles sempre estavam passando slides nas casas e dando estudo junto com o pastor Lira. Eles trabalhavam muito, naquela época ninguém da igreja tinha transporte, era no pé, e quando batia de ir no sítio, aí andava. Muitas vezes, eu saía com José Domingos para Baixa Verde e de lá a gente saía por dentro a pé para o Zumbi e do Zumbi a gente ia para Serra das Laranjeiras para fazer noite de vigília. Fica de um dia para outro de Queimadas para lá. O irmão Fausto era casado antes e tinha um filho, Elias, e tinha um outro. Da família nova, ele tinha dois homens e parece que tinha uma menina que hoje é uma senhora e ele dava um bom exemplo, ele era um sujeito de bom exemplo. Ele trabalhava no comercio costurando terno para o pessoal e as vezes ajudava até alguns membros da igreja.

Entrevistador: O senhor saberia informar alguma coisa sobre Nilo Gomes?

Alonso: Ele foi colportor na Missão Nordeste e chegou a trabalhar em Mossoró junto com José de Carvalho que era casado com uma filha adotiva de Sindolfo Ribeiro da Serra das Laranjeiras. Chegando em Mossoró Nilo Gomes começou a trabalhar na linha de vidraçaria e saiu do evangelho passando uma temporada muito grande fora. Ele criou a primeira família e a esposa faleceu, então ele casou novamente e teve dois ou três filhos. Quando a esposa dele morreu, chamada Dora, ele voltou para igreja. Ele ajudava muito na igreja quando havia alguma reforma. Ele pregava o evangelho tanto aqui quanto em São José da Mata.

Entrevistador: O Boletim Sul-americano de 1940 fala que Creobulo Carvalho realizou uma Série de Conferências em Campina Grande e havia muitos interessados. O senhor Saberá informar onde foram realizadas as conferências e quem eram os interessados?

Alonso: Não, eu sei que existiu ele e que era um bom pregador, mas eu o vi apenas uma ou duas vezes.

Entrevistador: De acordo com a revista adventista de 1940, houve um conflito em Baixa Verde entre os adventistas e os católicos da região. Nesse conflito existiam algumas pessoas de Campina Grande. O senhor poderia informar alguma coisa sobre isso?

Alonso: Algumas pessoas de Baixa Verde me contaram algumas coisas do que aconteceu lá. Quando a igreja foi atacada, frei Damião estava realizando uma novena em Queimadas e uma política, que também era professora de Queimadas, fez uma procissão, com um grupo de pessoas, depois da novena, para ir apedrejar a Igreja de Baixa Verde. Então, quando chegaram em frente da igreja se aglomeraram. Nesse dia, Moysés Nigri estava no púlpito da igreja quando jogaram uma pedra que entrou pelo telhado e ainda feriu o pastor Nigri e ele ficou acalmando o pessoal. Duas pessoas ficaram na frente da igreja um Colportor e um Católico. O católico puxou logo uma peixeira e disse “quem mexer com os crentes vai se ver comigo”. Deus acalmou os ânimos, os irmãos saíram e alguns até perderam a Bíblia. Aí as coisas se acalmaram e a igreja continuou trabalhando e dessa igreja saíram moças que foram secretárias da Missão Nordeste, professoras e outras pessoas que se tornaram pastores.

Entrevistador: A *Revista Adventista* de setembro de 1942 diz que a Igreja Adventista de Campina Grande tinha sido organizada. O senhor saberia informar onde foi a primeira Igreja Adventista de Campina Grande? E quando ela foi fundada?

Alonso: A data de fundação, não. A igreja ficava na rua da Major Belmiro e de lá a gente saiu para a central. Se houve algum grupo, foi antes da Major Belmiro.

Entrevistado: O senhor saberia falar como foi a conversão da família de Irene de Brito?

:

Alonso: Não, ela se converteu primeiro do que eu. Eu sei da conversão de dois Brito Lyra: João Batista e José. A conversão de João Batista foi no ENA, o antigo Educandário Nordestino Adventista, ele casou-se com uma mulher católica chamada Maria José de Brito Lyra e saiu da igreja. A irmã Maria José era muito católica e tinha fita de todo tipo de qualidade da Igreja Católica e tinha Santos dentro de casa. Então João voltou para a igreja e um dia ele deu um murro em uma das Nossas Senhoras que se esbagaçou. Maria José ligou para José de Brito Lyra, que era bancário em Campina Grande, para ele ver o que João tinha feito. Quando ele chegou lá, João pegou o tio e começou a falar sobre a doutrina para ele. José de Brito disse que cada um tinha a sua religião e que a deixasse em paz, mas João falou que “enquanto soubesse da verdade iria falar para ela”. José de Brito tinha oitenta anos quando recebeu essas verdades ditas por João, mas antes disso, José Domingos possuiu na casa de João Batista de Brito Lyra e vendeu o livro *Vida de Jesus* a Maria José e ela quando viu os livros com as gravuras disse “agora pego João”. Ela mostrou o livro para João e disse “agora eu arrumei o livro que é para discutir com você”. João olhou direitinho o livro, reconheceu e disse “está bom, leia”. Maria José começou a ler e depois os dois passaram a dialogar e Maria José de Brito Lyra se batizou no dia em que eu me batizei no dia 28 de junho de 1964. Foi eu, ela, Arlindo e a mãe de Arlindo, foram quatro pessoas. Depois que Maria José batizou-se, a igreja continuou orando por José de Brito Lyra. Na casa dele, perto da catedral, havia uma capela em que o bispo ia rezar a missa lá e a igreja orava pela conversão desse homem e ele se tornou adventista e foi uma das pessoas que ajudou na construção da igreja central. Os nossos recursos daquela época eram bem pequenos, bem pouquinho, pois naquela época existia pouca gente adventista. Mesmo assim a Igreja Batista ficou tentando impedir a construção da igreja porque ficava bem pertinho da dela, na mesma quadra. Naquela época se construíam as igrejas uma longe da outra, hoje é diferente e não tem mais problemas. Os Batistas lutaram para a igreja não ser construída lá e toda planta que era levada a prefeitura era recusada porque o diretor de educação da prefeitura era pastor

da Igreja Congregacional e os batistas pediram a ele que não deixasse que aprovasse. Então eles passavam lá no domingo, que era o dia que a gente tinha uma folguinha e íamos para lá trabalhar no mutirão. Nessa época tinha um irmão que era analfabeto que estava cavando uns pés de coluna e os batistas arroteavam para olhar, porque no domingo de manhã eles iam para igreja, e diziam “você estão perdendo tempo fazendo isso aqui porque não pode construir essa igreja aí”. Ao ouvir isso o irmão Esmerindo falou “a Bíblia diz que aqui está a paciência dos santos que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus”. Quando foi um dia, os batistas novamente passaram pela igreja e falaram com o irmão Esmerindo de novo e disseram “você ainda estão teimando com isso aqui, a gente fez essa semana uma semana de oração para essa igreja não ser construída aqui”. Aí o irmão Esmerindo disse “em provérbios 28: 9 diz que aquele que desvia os ouvidos de ouvir a lei até a sua oração será abominável, então a oração de vocês não passa do teto”. Daí em diante eles não foram mais. Aí veio um engenheiro do Recife, levou a planta e foi na prefeitura procurar os exames do terreno e disse “o que vocês têm contra a construção dessa igreja?”. Então assinaram a planta, ela foi construída e até hoje não caiu. O que eu sei dessa família é isso. Alguns foram pastores com o Ronald, mas ele está assumindo hoje outras profissões. O que eu sei é que Raquel era boa pianista e era uma mão forte na igreja.

Entrevistador: O senhor saberia informar quais foram os primeiros adventistas de Campina Grande?

Alonso: Ninguém me falou quem foram os primeiros. Um dos que eu poderia dizer que era um dos primeiros era o irmão José de Galante que veio para cá, mas eu não sei dos que começaram aqui.

Entrevistado: Havia algum conflito entre os adventistas e pessoas de outras denominações?

Alonso: Naquela época havia, até 1990 havia uma divergência tremenda das pessoas de outras igrejas com a gente. Hoje não, as coisas estão melhor e alguns ainda tem respeito pela gente, mas se você bater com o representante da Consciência Cristã você vai encontrar barreira.

O senhor teria mais alguma coisa para acrescentar?

Alonso: Quem bem pensar vai ver que as melhores boas novas do evangelho só quem tem são os adventistas do sétimo dia e isso estou dizendo porque tenho isso na flor da pele.

APÊNDICE O - Entrevista de Davi de Oliveira Pessoa

Entrevista realizada dia 02 de novembro de 2019 em João Pessoa, Paraíba.

Entrevistador: Daniel da Silva Firino

Entrevistado: Davi de Oliveira Pessoa

Entrevistador: O senhor poderia informar como iniciou o adventismo em João Pessoa?

Davi: Ele surgiu da vinda de um pastor, pastor Passos, em 1935, aproximadamente. Ele andou pelo estado e esteve em Patos, Campina Grande e na cidade de Mulungu pregando a mensagem adventista. Já havia grupos de interessados que se juntaram e aí surgiu o movimento adventista no estado da Paraíba. Em 1937, ele veio aqui na capital João Pessoa e começou a fazer o movimento aqui tendo início na esquina da rua 13 de Maio com a Artur Aquiles. Ali eles começaram a se reunir e o primeiro grupo da capital surgiu desse movimento.

Entrevistador: A *Revista Adventista* de 1938 diz que o Pastor José R. dos Passos realizou três conferências em João Pessoa. Conte-me um pouco sobre elas.

Davi: Segundo as histórias que eu ouvi, porque nesse tempo eu não era nascido, essas conferências foram muito proveitosas. Uma delas se dar aqui na rua Índio Piragibe e na União Beneficente e foi muito bem acolhida e muita gente se dedicou a isso aí. Depois ele fez outras conferências na lagoa, se não me falha a memória, no antigo prédio dos taxistas, ponto dos Chauffeurs. Como eu nasci em 1939, não presenciei nada disso aí.

Entrevistador: No jornal *A União* de 1937, Passos anunciou que suas séries de Conferências seriam realizadas na União Operária Beneficente, na rua Índio Piragibe, e no Ponto dos Chauffeurs, na rua Diogo Velho. O senhor poderia informar onde eram esses salões?

Davi: A União Operária Beneficente ainda tem o prédio na Índio Piragibe a alguns metros da nossa igreja central. O Ponto dos Chauffeurs talvez seja onde está situado o Sindicato dos Taxista de João Pessoa. Ele é um prédio antigo de primeiro andar e provavelmente na época se chamava Ponto dos Chauffeurs.

Entrevistador: Passos escreveu na *Revista Adventista* de 1937 que havia um certo atrito entre os adventistas e membros de outras denominações cristãs como o presbiterianismo. O senhor poderia falar como era o relacionamento entre os adventistas e os membros de outras denominações.

Davi: Naquela época, eles tinham o entendimento de que a salvação era pelo título da igreja. Ou o camarada era presbiteriano ou não ia para o céu, ou era batistas ou não ia para o céu, mas graças a Deus o entendimento hoje é outro.

Entrevistador: Em dezembro de 1937, Passos anunciou a inauguração da Igreja Adventista em João Pessoa no jornal *A União* na rua Artur Aquiles número 111. Ele também mencionou que o primeiro batismo iria ser realizado no Rio Paredes. O senhor poderia falar alguma coisa desses lugares?

Davi: Quanto ao local da igreja, ficava realmente na rua Artur Aquiles que era uma casa de esquina com a treze de maio e essa casa ainda está lá. Hoje houve modificações e parece que o número 111 não é mais naquela casa. Era nessa casa que se reuniam, faziam as conferências, etc.

Entrevistador: O senhor sabe alguma coisa sobre o Rio paredes?

Davi: Não, até hoje não conheço esse Rio Paredes. Temos aqui vários rios na nossa região como o Rio Jaguaribe, Sanhauá, Cabelo, Janjão e outros, mas o Rio Paredes, eu nunca ouvi falar.

Entrevistador: Segundo a *Revista Adventista* de 1938 e 1987, entre os primeiros batizados estavam Francisco Melo e Manoel Araújo Melo. O senhor saberia o nome de outras pessoas que se batizaram nesse período?

Davi: Não, eu sei que os parentes de minha esposa já frequentavam um grupo em Gravatá, uma cidadezinha do interior. Agora quanto a questão do batismo, eu só me lembro que minha sogra se batizou aqui na igreja central já depois de construída, parece que foi em 1960 ou algo por aí assim. Mas a minha sogra era fruto das pregações lá atrás em Gravatá.

Entrevistado: O senhor sabe alguma coisa sobre Francisco Melo e Manoel Araújo de Melo?

Davi: Não.

Entrevistador: Em 1938, Passos escreveu que havia batizado algumas pessoas de Gravatá que ficava a três horas de distância de João Pessoa. Conte-me um pouco sobre ela.

Davi: O pessoal de Gravatá que eu conheço são da família da minha esposa que são Antônio Cassimiro, Elisa e Ester. Era essa família de Cassimiro que se reuniam e fomos várias vezes fazer visita a eles lá em Mulungu. No dia de sábado e as vezes de domingo íamos fazer visitas e apoiá-los.

Entrevistador: Em 1939, Moysés Nigri escreveu a *Revista Adventista* que Gorgônio da Nobrega auxiliou na compra de um terreno que ficava em frente a uma lagoa e serviria para construção da igreja. O senhor poderia falar um pouco sobre Gorgônio e esse terreno da igreja?

Davi: Eu conheci doutor Gorgônio. Ele era uma pessoa muito bacana, dedicada e empenhada na obra. Ele era engenheiro agrônomo e morava aqui em frente ao mercado central. Ele era atuante, sempre estava presente na Escola Sabatina e nos cultos de sábado, domingo e quarta-feira. Não sei o que aconteceu com o terreno da lagoa, mas acredito que esse terreno foi vendido para comprar esse daqui que é a igreja central.

Entrevistador: Em 1941, Moysés Nigri escreveu na *Revista Adventista* que nesse ano havia sido fundada uma Escola Adventista em João Pessoa e a professora chamava-se Joanita Castelani. Conte-me um pouco sobre a escola.

Davi: Realmente houve a inauguração dessa escola aqui e a professora era tão dedicada. Eu não estudei na Escola Adventista, mas era muito movimentada, muito animada e quem deve também saber alguma coisa é esposa do ancião Douglas, que era uma das antigas professoras da igreja, como também a irmã Eulina e a Vilma. Todas elas foram professoras antigas dessa escola.

Entrevistador: Como a escola era mantida?

Davi: Eu não sei dizer como a escola era mantida.

Entrevistador: Quem eram os alunos?

Davi: Tinha alunos da igreja e de fora como até hoje é assim na Escola Adventista de Cabo Branco.

Entrevistador: O senhor saberia dizer qual era o turno que ela funcionava?

Davi: Pela manhã e pela tarde, os dois turnos.

Entrevistador: Quanto tempo durou essa escola?

Davi: Durou muito tempo, durou uns 15 a 20 anos se não durou mais. Quem saber dizer é a Vilma e a esposa de Douglas.

Entrevista: Ataliba Abreu Netto, escreveu na *Revista Adventista* de 1947, que ele realizou duas séries de conferência em João Pessoa sendo uma no Roger e outra na União Operária Beneficente. O senhor poderia me falar onde eram esses lugares?

Davi: Quanto ao Roger, eu sei dizer onde é o bairro, mas não o local. Agora a União Beneficente é aqui na Índio Piragibe perto da Igreja.

Entrevistador: Harder escreveu na *Revista Adventista* de 1950 que o templo da Igreja Adventista de João Pessoa estava pronto e preste a ser realizada uma série de conferências nela. Conte-me um pouco sobre a construção dessa igreja e essa série de conferências.

Davi: Quanto a construção da igreja, quem a construiu foi a construtora Carmelo Ruffo, uma construtora antiga que havia aqui na cidade. As conferências foram bastantes animadas, deu muita gente, houve muita frequência e teve um bom resultado.

Entrevistador: Na *Revista Adventista* de 1977, Valdir Oliveira escreveu que Edson Vital, membro da Igreja Adventista de João Pessoa, pagou a construção da igreja de Cabedelo. O senhor poderia falar alguma coisa sobre ele?

Davi: É verdade, ele pagou e construiu a igreja de Cabedelo. Ele entregou a chave do templo pronto na mão do pastor. Hoje ele mora em Campina Grande, se não me falha a memória.

Entrevistador: Como eram os trabalhos missionários?

Davi: Bastantes animados. Era dividido por classes da Escola Sabatina e cada uma tinha uma escola filial. Havia grupos que fazia visita na cadeia, nos hospitais e aos irmãos que ficaram doentes e não puderam vir a igreja. Havia uma atuação muito forte e um trabalho missionário muito bem feito tanto para os irmãos que não puderam vir a igreja quanto nos pontos de pregação. Tinha um ponto de pregação na casa de Maria Mendes, uma mulher que não era adventista que cedeu a casa, e no final a filha dela aceitou a mensagem adventista. Ela casou-se com Joel Carvalho e parece que foram morar no Rio de Janeiro.

Entrevistador: Quais eram os locais dos pontos de pregação?

Davi: No Roger, Jaguaribe, Torre, Bayeux, Oitizeiro, Gramame, Santa Rita, Cruz das Armas e em vários pontos. Naquele tempo não tinha tantos bairros como tem hoje.

Entrevistado: O senhor saberia de mais algum fato importante ligado à Igreja Adventista que aconteceu entre 1938 e 1950?

Davi: A importância maior foi exatamente a vinda da mensagem adventista, sobre o advento do nosso senhor Jesus Cristo e a necessidade dos evangélicos de conhecer a Bíblia chamou a atenção para a observação das determinações de Deus. Muitos queriam aceitar a Jesus Cristo, mas queriam ficar do mesmo jeito e não queriam mudar de vida e de costume. A Igreja Adventista veio pregar essa mudança e essa transformação porque quando a pessoa aceita a mensagem, ela sente a necessidade de mudar de atitudes e vai mudar de costume. Ela vai atrás de uma nova vida e de ser uma nova criatura em Cristo Jesus. Então a mensagem adventista veio exatamente levantando essa situação para que os crentes, de modo geral, pudessem entender a necessidade dele ser diferente, de ser melhor cristão, amar mais o próximo, perder aquela necessidade de discutir religiões, pregar o evangelho e a salvação em Cristo Jesus e obedecer os mandamentos. A volta de Jesus foi a maior doutrina da Igreja Adventista.

Entrevistador: O senhor teria mais alguma coisa a acrescentar?

Davi: Eu tenho a dizer que fico muito satisfeito em saber que você dedicou esse tempo em fazer esse levantamento e esse estudo para esclarecer melhor a sociedade, principalmente João Pessoa, o que é a mensagem adventista. A igreja surgiu com o fundamento da palavra de Deus na pregação da volta de Jesus nos idos de 1840. Os estudiosos da Bíblia como Guilherme Miller e outros tantos entenderam a mensagem de não só aguardar a volta de Jesus Cristo como também os seus mandamentos, amar o próximo, ajudar aos necessitados. Essa é a mensagem de maior relevância da igreja adventista que desperta a necessidade de mudança para que quando Jesus voltar a essa terra, se Deus quiser deve estar votando em breve, ele possa está encontrando pessoas fieis ao seu lado. Pessoas que aceitam Jesus vão alcançar a salvação porque o Evangelho é para todos, Jesus Cristo morreu por todos, todos tem essa oportunidade e ninguém vai dizer que não teve chance, porque todos tiveram a chance de aceitar a Jesus Cristo como salvador. Não é aceitar a Jesus Cristo e continuar no erro. Tem que aceitar Jesus e procurar mudar de vida e andar de acordo com a vontade de Deus procurando fazer o melhor. O que ele não puder fazer, Jesus Cristo já fez na cruz do calvário dando a sua vida pela remissão dos seus pecados.

Entrevistador: Essa igreja central é a mesma que foi construída em 1950?

Davi: Sim, só passou por manutenção e reforma da parte interna, mas a parte externa é a mesma. Como ela faz parte do património histórico, não se pode mexer na fachada.

APÊNDICE P - Entrevista de João Batista de Araújo

Entrevista realizada no dia 9 de novembro de 2019 em João Pessoa, Paraíba.

Entrevistador: Daniel da Silva Firino

Entrevistado: João Batista de Araújo.

Entrevistador: Passos escreveu na *Revista Adventista* de 1937 que havia um certo atrito entre os adventistas e membros de outras denominações cristãs como o presbiterianismo. O senhor saberia informar como era o relacionamento dos adventistas com membros de outras denominações?

João: O que eu observo é que pelo fato de seguimos orientações bíblicas encontramos um pouco de atritos por divergência de doutrinas. Um exemplo é que nós adventistas guardamos o sábado enquanto outras denominações, outro dia entrando assim em choque, mas nós temos a base bíblica e provamos pelas escrituras que o sábado é o dia do Senhor. Outro ponto pode ser porque nos cremos que quando a pessoa morre ela fica incomunicável e outros creem que existe uma comunicação de vivos com os mortos e biblicamente isso é impossível. Outro exemplo é a doutrina do batismo em que uns creem que o batismo é por aspersão, mas a Bíblia diz que o batismo verdadeiro é o de imersão que é aquele que você entra e sai das águas. Há outros pontos como, por exemplo, a doutrina de saúde onde existe alguns alimentos que você pode comer e outro que você não deve comer. Nós cremos que o nosso corpo é o santuário do Espírito Santo e para que aja a comunicação entre o Espírito Santo e o cristão é necessário que ele esteja em harmonia com o princípio de saúde.

Entrevistador: Na *Revista Adventista* de 1977, Valdir Oliveira escreveu que Edson Vital, membro da igreja de João Pessoa, pagou a construção da igreja de Cabedelo. O senhor poderia falar alguma coisa sobre ele?

João: O irmão Edson é um companheiro de muitos anos atrás e para mim ele é um exemplo como membro da igreja, amigo, pai de família e empresário no ramo da construção. Ele tem se destacado com o seu apoio e sempre foi assim. Inclusive eu cheguei a trabalhar com ele na minha época de jovem e ele sempre mostrou esse interesse pela obra de Deus. Com relação a

Igreja de Cabedelo, ele realmente colaborou, não somente com essa igreja, mas também com a Igreja de Cruz das Armas e com outras como a Igreja do Bessa, onde ele foi uma mão forte na construção, e eu tive o privilégio de ajudar alguma vezes e via que ele com sua família e seus filhos eram verdadeiros heróis da construção. Hoje temos uma linda igreja no Bessa e foi trabalho desse irmão junto com outros que colaboraram com a construção da igreja.

Entrevistador: Como foi que o senhor se converteu?

João: Eu sempre fui católico desde pequeno porque gostava muito de participar do catecismo e lembro que estávamos sempre na Igreja de São José e após o catecismo nós íamos para a quadra bater uma bola lá com os alunos. Eu tive o privilégio de ser convidado por uma tia minha para ir participar de um culto da Igreja Congregacional. Por três vezes eu fui convidado por ela e depois disso passei a ir sozinho e foi aí que comecei a conhecer um pouco mais da palavra de Deus. Depois eu fui batizado na Igreja Evangélica Congregacional pelo pastor Jonas Cartão, muito conhecido em Cruz das Armas. Um dia, a família Nascimento me convidou para assistir um pôr do sol e comecei a entender melhor e passei a estudar com esse maestro, o irmão Luiz Nascimento, e conheci a fundo a doutrina adventista. Graças a Deus foi o bastante para tomar a decisão de ser adventista do sétimo dia. Eu só tenho a agradecer a Deus por esse conhecimento que veio através das escrituras.

Entrevistador: Como eram os trabalhos missionários?

João: Na minha época, saíamos em grupos de quatro, de dois, as vezes de mais e as vezes de menos. O evangelismo sempre foi assim, de dois e em dois. Esse trabalho missionário tinha oração, hinos, estudo bíblico, testemunhos e pedidos de oração. Eram atividades que ainda hoje existe de uma maneira mais ampla, era muito gratificante, porque tanto a gente estudava para passar as lições como a gente aprendia com as pessoas. Isso para mim sempre foi gratificante e até hoje seguimos esse modelo.

Entrevistador: O senhor saberia informar mais alguma coisa importante que aconteceu entre 1938 e 1950 que está ligada à Igreja Adventista?

João: Não me compete muito esse período porque eu conheci a Igreja Adventista em 1977.

Entrevistador: O senhor teria mais alguma coisa a acrescentar?

João: Eu só tenho a dizer que essa é a igreja remanescente. Ela é a última igreja na história da terra e essa igreja está em praticamente todo o mundo. Ela tem sido um sucesso no seu crescimento. Com o programa da Novo Tempo em João Pessoa, a mensagem está penetrando nos lares, as pessoas estão despertando e isso tem sido uma agência muito forte em ganhar almas para Cristo. Porque se não fosse por esse meio de comunicação, seria mais difícil de levar o evangelho a todos os lares porque são muita gente. Então eu vejo que essa igreja está avançando muito e o evangelho está sendo levado de forma completa na parte física, mental e espiritual atuando de forma geral com as famílias e procurando ajudar os necessitados. Para mim, a Igreja Adventista, não é porque sou adventista porque fui católico muito tempo, está sendo a melhor do mundo. Eu conheci a Igreja Adventista em alguns países fora como, por exemplo, Portugal, Espanha e essas igrejas têm se destacado. E eu não tenho dúvida que ela é a igreja de Deus nesses últimos dias e está cumprindo a missão de levar o evangelho ao mundo.

APÊNDICE Q – Entrevista de Shirley Almeida Rodrigues.

Entrevista realizada no dia 9 de novembro de 2019 em João Pessoa, Paraíba.

Entrevistador: Daniel da Silva Firino

Entrevistada: Shirley de Almeida Rodrigues

Entrevistador: A senhora poderia informar como foi que iniciou o Adventismo em João Pessoa?

Shirley: Não sei dizer, quando eu cheguei, à igreja já estava instalada e nunca procurei saber como foi a origem.

Entrevistador: A *Revista Adventista* de 1938 diz que o Pastor José R. dos Passos realizou três conferências em João Pessoa. Conte-me um pouco sobre elas.

Shirley: Isso não foi do meu tempo.

Entrevistador: No jornal *A União* de 1937, Passos anunciou que duas séries de Conferências seriam realizadas uma na União Operária Beneficente, na rua Índio Piragibe, e outra no Ponto dos Chauffeurs, na rua Diogo Velho. A senhora poderia informar onde eram esses salões?

Shirley: Não sei

Entrevistador: Em dezembro de 1937, Passos anunciou a inauguração da Igreja Adventista em João Pessoa no jornal *a União* na rua Artur Aquiles número 111. Ele também mencionou que o primeiro batismo iria ser realizado no Rio Paredes. A senhora poderia falar alguma coisa desses lugares?

Shirley: Também não foi do meu tempo.

Entrevistador: A senhora sabe alguma coisa sobre o Rio Paredes?

Shirley: Não

Entrevistador: Segundo a *Revista Adventista* de 1938 e 1987, entre os primeiros batizados estavam Francisco Melo e Manoel Araújo Melo. A senhora saberia o nome de outras pessoas que se batizaram nesse período?

Shirley: Não, porque entrei depois desse período.

Entrevistador: A senhora sabe o nome de algum pioneiro dessa igreja?

Shirley: Tinha a irmã Dolores que foi tesoureira por quarenta anos. Teve Marluce também e hoje ela está em uma casa de repouso. Marluce é da família de Urmaley.

Entrevistador: Em 1938, Passos escreveu que havia batizado algumas pessoas de Gravatá que ficava a três horas de distância de João Pessoa. Conte-me um pouco sobre ela.

Shirley: Não sei.

Entrevistador: Em 1939, Moysés Nigri escreveu a *Revista Adventista* que Gorgônio da Nobrega auxiliou na compra de um terreno que ficava em frente a uma lagoa e serviria para construção da igreja. A senhora poderia falar um pouco sobre Gorgônio e esse terreno da igreja?

Shirley: Não, eu só sei de coisas de 1969 para cá. Essas coisas de antes, eu não sei informar nada.

Entrevistador: Em 1941, Moysés Nigri escreveu na *Revista Adventista* que nesse ano havia sido fundada uma Escola Adventista em João Pessoa e a professora chamava-se Joanita Castelani. Conte-me um pouco sobre a escola.

Shirley: Quando eu entrei na igreja, a escola funcionava aqui. Teve uma época que a diretora era a professora Eulina, mas teve outras diretoras como Carmelita e três filho meus estudaram aqui na escola.

Entrevistador: Como a escola era mantida?

Shirley: Os alunos pagavam a mensalidade, mas não sei se a missão ajudava com alguma coisa.

Entrevistador: Quem eram os alunos?

Shirley: Tinha mais alunos de fora do que de dentro da igreja.

Entrevistado: Quais eram os turnos em que a escola funcionava.

Shirley: Pela manhã, meus filhos estudavam pela manhã e não lembro se funcionava pela tarde.

Entrevistador: A senhora sabe o nome de algumas pessoas que foram professores dessa escola?

Shirley: Professora Eulina, Carmelita e Marluce. Eu só lembro dessas três.

Entrevistado: Quanto tempo durou a escola?

Shirley: Não sei. Só sei que meu último filho foi o único que não estudou na escola, porque ela fechou antes.

Entrevistado: A senhora sabe porque ela fechou?

Shirley: Não sei.

Entrevistador: Harder escreveu na *Revista Adventista* de 1950 que o templo da Igreja Adventista de João Pessoa estava pronto e preste a ser realizada uma série de conferências nela. Conte-me um pouco sobre a construção dessa igreja e essa série de conferências.

Shirley: Quando entrei ela já estava pronta.

Entrevistador: Na *Revista Adventista* de 1977, Valdir Oliveira escreveu que Edson Vital, membro da Igreja Adventista de João Pessoa, pagou a construção da Igreja de Cabedelo. A senhora poderia falar alguma coisa sobre ele?

Shirley: Eu sei que ele era um construtor e ele sempre ajudava muito. A Missão comprou o terreno no Cabo Branco e ele se comprometeu em construir a escola, mas até agora não foi construída. Mas ele sempre ajudou muito.

Entrevistador: Como a senhora se converteu?

Shirley: Eu era congregacional e comecei a namorar com um adventista e antes de casar me batizei e até hoje estou aqui.

Entrevistador: Como eram os trabalhos missionários da igreja?

Shirley: Meu marido fazia muito trabalho missionário. Ele saia para fazer em bairros diferentes. Nessa época, não tinha carro e ele saia de bicicleta e fazia um monte de trabalho missionário. Eu nunca fiz, nunca fui de sair.

Entrevistador: A senhora teria mais alguma coisa a acrescentar?

Shirley: Não.

APÊNDICE R – Entrevista de Vilma de Lurdes Melo

Entrevista realizada dia 2 de novembro de 2019 em João Pessoa Paraíba.

Entrevistado: Daniel da Silva Firino

Entrevistada: Vilma Lurdes de Melo

Entrevistador: Em 1941, Moysés Nigri escreveu na *Revista Adventista* que nesse ano havia sido fundada uma Escola Adventista em João Pessoa e a professora chamava-se Joanita Castelani. Conte-me um pouco sobre a escola.

Vilma: A escola era formada de muitas crianças e a maioria era da Igreja Batista, Presbiteriana, Católicos e pessoas que não eram aceitos em outras escolas porque tinha alguma deficiência mental. Eles se desenvolviam e as famílias gostavam e vinha assistir o culto no sábado. Tinha apenas uma professora que era Eulina e a diretora era a irmã Carmelita. Existiam apenas uma sala bem grande, a escola se constituía apenas de uma única sala. Depois a escola foi aumento e ficou uma escola grande como você vê ainda pelo que tem. Teve várias outras diretoras e em 1992, eu não sei precisar o ano, ela infelizmente fechou e agora ela voltou a funcionar, mas no Cabo Branco. Muita gente sentiu falta dela e ela retornou e está chegando uma nova safra de alunos.

Entrevistador: A senhora saberia informar como a escola era mantida?

Vilma: Ela tinha bolsas de estudos e o pessoal pagava.

Entrevistador: Como era o material que se trabalhava na escola?

Vilma: Era com livros.

Entrevistador: Eram livros da igreja?

Vilma: Eram livros de fora, a igreja não tinha livros nessa época.

Entrevistador: Como eram as aulas?

Vilma: A professora dava as aulas, então tínhamos o recreio depois o restante das aulas. Eulina ensinava todas as matérias a gente.

Entrevistador: Ela trabalhava a parte espiritual nas aulas?

Vilma: Tínhamos no começo das aulas. Fazíamos o culto, liamos a Bíblia, cantávamos, orávamos e começávamos as aulas. Na sexta feira tínhamos o culto final.

APÊNDICE S – Entrevista de Antônio Muniz de Lima

Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2019 em Cabedelo, Paraíba.

Entrevistador: Daniel da Silva Firino

Entrevistado: Antônio Muniz de Lima

Entrevistador: O senhor poderia informar como iniciou o adventismo em Cabedelo?

Antônio: Segundo as pessoas que presenciaram, em 1944 chegou um adventista do Rio de Janeiro e fundou a primeira congregação aqui em Cabedelo em algum lugar perto do porto, não sei ao certo onde foi a rua, e durou até 1945. No final de 1945, ele se mudou para o Rio de Janeiro e como não tinha ninguém que ficasse com o trabalho, porque era tudo novato, então fechou. Depois, segundo um relato da tia da minha esposa, eu tenho tudo escrito, mas não sei onde está esse livro, então depois de vinte e oito anos, que dá 1973, a tia de Hosana, que se chamava Neusa Amaral, ficou admirada porque aqui em Cabedelo não tinha Igreja Adventista. Ela foi na Igreja Central de João Pessoa e chamou o pastor Siqueira que veio à tarde e fez uma Escola Sabatina, a primeira Escola Sabatina, segundo Ester me contou. O pastor trouxe muita gente da igreja e continuou a Escola Sabatina por muito tempo e depois começou os cultos à noite. Quando viram que a casa não dava mais, alugaram um prédio para ser a Igreja Adventista. Nesse lugar ficaram por muito tempo, mas parece que o prédio não prestava mais e alugaram um outro e assim alugaram uns três prédios ou quatro até que fizeram uma igreja pequenina onde é a nossa igreja grande hoje. Essa igreja pequena só cabia umas sessentas pessoas e o terreno havia sido comprado por dez contos de réis. Depois de muito tempo, a gente, mais a missão, decidimos construir essa igreja maior como é hoje? Esse templo vai fazer dez ano que ele foi inaugurado. Eu vim me tornar adventista depois de oito anos que ela começou em Cabedelo. Eu era presbiteriano independente desde menino e Hosana já tinha muito tempo de igreja, mas ela não me convenceu sobre esse negócio de sábado e do domingo. Essas coisas não entravam na minha cabeça, principalmente porque o sábado começa na sexta-feira quando o sol se põe. Aí um dia, eu viajei para trabalhar na marinha mercante e minha esposa Hosana, que faz parte da família pioneira, colocou na minha mala todo o histórico da Igreja Adventista, inclusive as lições do livro do Apocalipse. Meu filho, que foi pastor por oito anos, disse que era bom levar para ter conhecimento. Ela botou a Bíblia e todo o material da igreja e então comecei lendo e quando chegou na parte que o sábado começa na sexta-feira achei ruim de entender e

depois comecei a ler Neemias que dizia que no pôr-do-sol os comerciantes ficavam à porta e que na próxima vez eles iriam ser presos se voltassem, eles nunca mais foram. Então entendi que quando o sol está se pondo já passa para outro dia. Eu trabalhei muito tempo no porto de Cabedelo e quando largava depois da meia noite, eu passava pelo povo e dava bom dia. Quando entendi que o sábado entrava na sexta-feira depois do pôr do sol, eu liguei para ela e disse que ia me batizar quando chegasse em Cabedelo. Quando cheguei em Cabedelo, eu me batizei e acho que isso faz uns trinta e quatro para trinta e cinco anos que sou da igreja. Já fui primeiro ancião dezesseis vezes, fui tesoureiro uns quinze anos mais ou menos e hoje estou aqui contando essa vitória pela graça de Deus.

Entrevistador: A *Revista Adventista* de 1974 informa que inicialmente duas pessoas se converteram ao adventismo: Fernando de Sá Leitão e Ernesto Vital da Silva. O senhor pode falar um pouco sobre eles?

Antônio: Não é do meu conhecimento, eu sei que eles foram os primeiros, mas não sei a história detalhada.

Entrevistador: Em 1943, a *Revista Adventista* trás que o pastor João Carvalho havia iniciado um grupo em Cabedelo em 1942. O senhor poderia falar algo sobre esse período?

Antônio: Ester me falou que tinha sido entre 1944 a 1945, a não ser que ela se atrapalhou. Ela me disse que o dirigente foi chamado para trabalhar no Rio e como não tinha quem comandasse a igreja, ela fechou por vinte e oito anos. Em 1973, Neuza, que é tia de Hosana, veio de São Paulo e admirou-se porque aqui em Cabedelo não tinha Igreja Adventista. Ela foi a João Pessoa e trouxe o pastor Siqueira e com o grupo da igreja fizeram a primeira Escola Sabatina no sábado à tarde por vários sábados. Como estava crescendo o número, alugaram umas três casas para fazer a congregação e eles alugaram nas ruas Siqueira Campos, Cleto Campelo, outra lá por detrais do porto e depois vieram para ali quando fizeram uma igreja pequena que dava cerca de cinquenta a sessenta pessoas. Depois a missão se juntou com os membros da igreja e construíram essa igreja grande e está completando dez ano que ela foi inaugurada agora esse mês.

Entrevistador: A *Revista Adventista* de 1977 traz que o templo adventista de Cabedelo foi construído por Edson Vital. Fale um pouco sobre ele e onde os membros se reuniam antes disso.

Antônio: Edson Vital era membro da Igreja Adventista e ele fez de graça, não cobrou nada e ele era construtor e trazia o filho e deixaram a igreja prontinha. Até os bancos e tudo foi ele que conseguiu, ele foi um baluarte daquela época. Ele foi uma pessoa muito forte e de grande impulso na Igreja Adventista de Cabedelo.

Entrevistador: Em 1943, a Igreja Presbiteriana Independente publicou no jornal a União que iria fazer uma série de conferências contra os sabatistas. O senhor saberia falar como era o relacionamento dos adventistas com as pessoas de outras denominações?

Antônio: Ela sempre foi boa, a igreja nunca andou protestando, a não ser individual, mas sempre tem algumas pessoas exageradas. Eu fui daquela igreja desde menino e só não fui pastor porque não pude ser e só de tesoureiro fui dezenove anos e dezesseis como presbíteros, mas não me lembro de nada disso.

Entrevistador: O senhor pode falar mais um pouco como o senhor se converteu?

Antônio: Quando a tia da minha esposa fundou a Igreja Adventista aqui com a família, eu fiquei revoltado e não aceitei de jeito nenhum. Aí eu escutei aquela história de não poder comer camarão e outras coisas que eu gostava e aí fiquei revoltado e não queria nem ouvir. Ela cozinhava a comida escondida para não cozinhar no sábado e colocava dentro do guarda-roupas escondida nos panos para depois a gente comer. Eu era contra a Igreja Adventista e nem queria saber. O pastor foi lá em casa, mas nunca dei bola e nem queria conversa com ele. O milagre foi quando eu embarquei e ela botou uma revista da Igreja Adventista, uma Bíblia e o estudo do apocalipse na minha mala sem eu ver. Se eu tivesse visto, teria deixado e quando cheguei no meio do mar e vi aqueles livros todinho, pensei em ler como passa tempo e esse passa tempo se tornou coisa séria.

Entrevistador: O senhor saberia informar quais foram os principais acontecimentos ligado à Igreja Adventistas de Cabedelo entre 1938 a 1950?

Antônio: Não sei.

Entrevistado: O senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Antônio: Acredito que Cabedelo precisava de uma Igreja Adventista porque aqui tinha Igreja Batista, Presbiteriana, Assembleia de Deus e Brasil Para Cristo. Essa igreja já foi tão forte que chegou a ter cento e oitenta pessoas e hoje só tem setenta ou oitenta. O problema é que a igreja vai crescendo e tem gente que começa a falar “é minha igreja” e quando começa com isso passa uma sensação de posse, mas ninguém deve dizer “minha Igreja” deve dizer “nossa Igreja”.

APÊNDICE T – Entrevista de Hosana Mendes de Lima

Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2019 na cidade de Cabedelo, Paraíba.

Entrevistador: Daniel da Silva Firino

Entrevistada: Hosana Mendes de Lima

Entrevistador: Conte-me como iniciou o Adventismo em Cabedelo.

Hosana: Minha tia, Neusa Arruda, morava em São Paulo e ficou muito perturbada porque existia aqui todas as igrejas e não tinha nenhuma Igreja Adventistas. Então ela foi para João Pessoa e falou com o pastor Siqueira, que era pastor da igreja do Pavilhão do Chá. Ela o trouxe para casa dos meus tios, que ficava em frente ao porto, e ali se reunia um grupo de gente, umas dez pessoas com seus filhos, e eu era presbiteriana independente, mas eu ia assistir também. Eu gostei demais e fiquei muito impressionada com as palavras que ouvi e que nunca tinha escutado. Surgiu lá e depois foram feitas conferências no Sindicato dos Portuários e nessas conferências outras pessoas aceitaram e também saíram dando estudo e muitas pessoa se batizaram. De lá alugaram um canto perto do Porto de Cabedelo e depois a gente alugou uma casinha na Rua Cleto Campelo perto da linha. Íamos todos os sábados, domingos e quartas-feiras, era uma maravilha e muito bom. Eu sofri demais porque era muito perseguida em casa, mas eu era firme, forte e braba. Eu levava os meninos para igreja e era muito perseguida, mas graças a Deus eu venci e fui vitoriosa.

Entrevistador: A *Revista Adventista* de 1974 informa que, inicialmente, duas pessoas se converteram ao adventismo em Cabedelo: Fernando de Sá Leitão e Ernesto Vital da Silva. Fale-me um pouco sobre eles.

Hosana: Eu sei falar de Ernesto que era pai de Edson que construiu essa igreja. A esposa dele era da Igreja Presbiteriana, mas não sei muito o que falar porque eu sou de 1943.

Entrevistador: Em 1943, a *Revista Adventista* trás que o pastor João Carvalho havia iniciado um grupo em Cabedelo em 1942. A senhora poderia falar algo desse período?

Hosana: Não, nunca ouvi.

Entrevistador: A *Revista Adventista* de 1977 traz que o templo adventista de Cabedelo foi construído por Edson Vital. A senhora poderia falar alguma coisa sobre ele? E onde os adventistas se reuniam antes?

Hosana: A gente se reunia na rua da linha na Cleto Campelo, na rua da balsa, primeiro foi na casa dos meus tios e depois alugaram uma casa. Edson Vital era valoroso, um irmão forte, humilde e caridoso. Ele e sua esposa Naia eram para mim como se fosse irmãos de sangue. Um dia eles estavam procurando um terreno e estavam procurando lá pelo centro e eu que indiquei esse terreno porque fica perto da minha casa. Eu já pensava que perto de casa ficava mais perto para eu ir e graças a Deus compraram o terreno, construíram e mobiliaram a igreja com púlpito, banco, cortina e tudo. Deixaram a igreja uma benção, e ele mesmo era construtor.

Entrevistador: Em 1943, a Igreja Presbiteriana Independente anunciou no jornal *A União* que fariam uma série de conferências públicas contra o sabatismo. A senhora poderia falar como era o relacionamento entre os adventistas e as pessoas de outras denominações.

Hosana: Nesse tempo, eu não sei porque eu nasci em 1943, mas acredito que nesse tempo eram inimigos. São amigos por uma parte, mas quando saí da Igreja Presbiteriana só faltei apanhar porque desde criança era da igreja e cheguei a me batizar com dezoito anos e casei lá. Fui perseguida pelo povo de lá e em casa também. Só sei dizer que eles perseguem porque não aceitam a verdade. Eu saí e não me arrependi e até hoje estou na igreja.

Entrevistador: Como eram os trabalhos missionários?

Hosana: Eram muito bons, eram melhor que hoje. Porque a igreja, quando era menor, tinha uma calçada e a gente se reunia a tarde e saía um monte de gente para levar a mensagem. De primeiro tinha mais daquele calor humano.

Entrevistador: Como a senhora se converteu?

Hosana: Tinha a minha tia que veio de São Paulo e nos reuníamos na casa dela. Eu me converti com trinta anos.

Entrevistador: A senhora poderia falar mais um pouco sobre os lugares onde a igreja se reuniam antes de construir o templo?

Hosana: Se reunião na Cleto Campelo no quartinho que foi alugado e vinha muita gente de João Pessoa como o irmão Raminho, Paulo e Bibiano. Era uma benção. Antônio brigava e dizia que ia embora de casa e eu orava e também brigava. Ele vinha brigar e me esculhambar e eu deixava a religião e ia para brabeza também. Quando embarcou, eu botei a Bíblia na mala dele com todos os estudos do apocalipse que meu filho respondeu e fiquei orando.

Entrevistador: Quais foram os principais acontecimentos ligados a Igreja Adventista de Cabedelo entre 1938 e 1950?

Hosana: Eu não tenho lembranças.

Entrevistador: A senhora gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Hosana: Eu quero dizer que foi uma benção essa igreja vim para aqui e me sinto muito feliz em conhecer a verdade e passar para outras pessoas. Meu desejo é que antes de morrer ver uma igreja no centro.

APÊNDICE U – Biografias Adventistas

Abel Landers Gregory (1867-1950) foi um Médico missionário de sustento próprio, pioneiro na América Latina. Uniu-se à IASD aos 21 anos e um pouco mais tarde, iniciou seus estudos no Hospital e Faculdade Hannemann na Califórnia. Dois anos após concluir o curso, ele e sua esposa, Lulu, filha de J. O. Corliss, ofereceram-se voluntariamente para vir ao Brasil como médico-missionário. Trabalhou ali por sete anos (1902-1909) e, posteriormente, no Sanatório River Plate na Argentina por um ano. Voltando aos Estados Unidos, assumiu o setor de tratamentos no Sanatório Guadalajara (1912-1914). Em 1914 foi para a Flórida onde dirigiu o Sanatório Orlando por um ano e então trabalhou com um grupo evangelista na Flórida e na Califórnia (1919-1921). Partiu para seu último posto de serviço missionário, em Honduras, onde passou mais de um quarto de século como médico evangelista de sustento próprio. Além de praticar medicina, ajudou a fundar o Colégio Industrial de Honduras (MEMORIA ADVENTISTA, 2020h).

Albert B. Stauffer (????-????) ou Augustus Baer Stauffer, de acordo com Link (2014), trabalhou como colportor no Uruguai, Argentina e Brasil e no início do século XIX assumiu posições importantes na IASD da América do Sul. Ao contrário do que a literatura tradicional da história da IASD no Brasil normalmente fala, os estudos de Edegar Link demonstraram através de fontes primárias que o verdadeiro nome de A. B. Stauffer é na verdade Augustus Baer Stauffer. Esse erro na literatura mais tradicional foi causado pelo fato de que nos relatórios desse colportor sempre apareceu seu nome abreviado.

Alcides Cruz Rodrigues (1931 -????) foi pastor e nasceu no dia 7 de outubro de 1931, no município de Álvares Machado, SP. De Álvares Machado, juntamente com sua família, mudou-se para Presidente Prudente, SP. Em 1953 estudou no Rio de Janeiro, e no início de 1954 foi para o ENA (Educandário Nordestino Adventista), onde começou a cursar Teologia. Nas férias colportava para pagar seu estipêndio no internato. Concluiu o curso de Teologia em dezembro de 1961 no IAE. No dia 21 de fevereiro de 1960 casou-se com Zuíla Rodrigues e da união matrimonial nasceram três filhos: Walter, Kleber e Sandra Késia. Seu primeiro chamado foi na Missão Nordeste com sede em Recife, para assumir o distrito pastoral em Garanhuns, PE, iniciando seu ministério em fevereiro de 1962. De Garanhuns, foi transferido para Campina Grande, PB. Depois de três anos, a Missão o convidou para assumir alguns Departamentos em

Recife, sendo eles: Assistência Social, Comunicação, Escola Sabatina e Obra Missionária. Depois de sete anos e meio em Pernambuco e Paraíba, assumiu o distrito de Moema, na Associação Paulista (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021p).

Altino Martins (1917-1997) foi pastor administrador. Nasceu em 29 de maio de 1927, em Ribeirão Preto, SP. Formou-se em Teologia, no antigo CAB (UNASP-SP), em 1940, ingressando em seguida no ministério pastoral. Casou-se com Melita Ruth Otto Martins e da união conjugal nasceram seis filhos: Virgílio, Marísia, Edy, Altino, Edgard e Oscar. Desempenhou as funções de distrital, departamental de Escola Sabatina e evangelista, tendo fundado várias igrejas no Estado de São Paulo. Estudou e trabalhou nos Estados Unidos de 1956 a 1958, sendo então chamado para atuar como professor de Teologia, no Colégio Union (hoje, Universidade Adventista Union), no Peru. Voltando para o Brasil, assumiu a presidência da Missão Nordeste, no Recife, onde trabalhou de 1964 a 1970. Desde então, até jubilar-se, em 1989. Atuou como distrital em Porto Alegre, RS. Residindo em Artur Nogueira, SP, veio a falecer no dia 24 de dezembro, aos 80 anos. A cerimônia fúnebre foi dirigida pelo pastor Otávio Costa (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021r).

Antônio Bezerra de Lima nasceu no dia 5 de setembro de 1896 e faleceu no dia 26 de novembro de 1979. Era casado com Maria das Neves Viana. Alguns dos seus filhos são Oséias, Raquel e Carmita Bezerra Viana. Ele era da Serra das Laranjeiras, mas quando casou foi morar em Galante. Em 1925, ele se converteu ao adventismo e montou um pequeno grupo de adventistas em Galante, depois ele se mudou para Serra das Laranjeiras novamente e iniciou um grupo nesse lugar, em Baixa Verde e em vários lugares da redondeza. O relato da história de Antônio Bezerra foi montado através das entrevistas realizadas com Oseias Bezerra Viana (2019), Raquel Bezerra Viana (2019) e Ariosvaldo Castro de Moura (2019). Os dois primeiros são filhos de Antônio Bezerra e o último era genro. As três entrevistas possuem discrepâncias e em alguns momentos se contradizem, mas todas concordam nos eventos principais da conversão dele. Para montar a história foram utilizados os fatos em que pelo menos dois deles concordam ou que tenha uma linha lógica mais coerente. Em alguns momentos foram colocadas notas de rodapé para mostrar as principais diferenças dos depoimentos. Ver foto de Antônio Bezerra na Figura 4.

Apollos Hale (1807-1898) era pastor metodista na Nova Inglaterra. Criou junto com Carlos Fitch o gráfico profético de 1843. Ele foi editor dos periódicos *Advent Shield* e *Advent Herald*.

Em 1845, Hale e Joseph Turner “ligaram o conceito da porta fechada com o cumprimento da profecia de 22 de outubro de 1844. Assim eles ensinaram que a obra da salvação geral havia terminado naquela data: Cristo veio espiritualmente como noivo, as virgens sábias entraram para as bodas com ele, e a porta havia sido fechada para todos os outros” (KNIGHT, 2015, p.219). Pouco tempo depois, Hale abandona o movimento da porta fechada e se junta aos adventistas da porta aberta de Albany.

Arthur Grosvenor Daniells (1858 – 1935) trabalhou como professor, evangelista, pastor e foi presidente da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia entre 1901 e 1922.

Ataliba Abreu Netto (1914- ????) foi colportor, professor e pastor. Nasceu no dia 7 de junho de 1914 em Lages, SC. Filho de Pedro Hugo A. Netto e Francisca Abreu Netto. Concluiu o curso de Odontologia e Farmácia em 1936. Em 1941 diplomou-se em teologia no CAB (UNASP-SP). No dia 3 de março de 1942, casou-se com Carmelina Moreira de Abreu e da união conjugal nasceram três filhos: Felícia, Flávio e Ruth Helena. Ocupou a posição de professor na Associação Paraná e Santa Catarina no ano de 1942. No período de 1943 a 1953 foi pastor missionário na Missão Nordeste. Estudou no Seventh-Day Theological nas férias de dezembro e janeiro do ano 1949 a 1950. Foi ordenado no dia 8 de março de 1950. Ocupou a função de pastor evangelista na Missão Bahia e Sergipe no período de 1953 a 1960 e na Associação Rio-Minas Gerais entre 1960 a 1972. Concluiu seu doutorado em Direito em 1965 pela Universidade Católica de Petrópolis, UCP. Publicou os livros: Biografia de João Calvino e O Por Que de o Sabatismo? Participou das construções de igrejas em João Pessoa e Itabuna, BA (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021v).

Carlos Dreefk (????-????) era alemão de família luterana. Ele imigrou para Brasil na segunda metade do século XIX. Segundo Borges (2020) seu sobrinho Borchardt deu seu nome e endereço para dois missionários que lhe enviaram literatura adventista. Ele recebeu a literatura por cerca de ano e cancelou.

Carlos Fitch (1805–1844) foi a quarta pessoa mais importante para o milerismo. Ele era pastor da igreja congregacional de Boston e envolvido com o movimento abolicionista a tal ponto que escrever um livro sobre o assunto. Após aceitar se unir ao movimento milerita, ele dedicou-se inteiramente a causa até a sua morte em outubro de 1844 devido a uma tuberculose adquirida por passar muito tempo batizando pessoas durante um dia frio. Ele chegou a editar um periódico

milerita intitulado *Second Advento of Christ* e era o principal líder na região transapalachiana. Foi ele mais Apollos Hale que criaram o gráfico profético que seria muito utilizado pelos mileritas e em julho 1843 fez o chamado para os crentes do advento saírem da babilônia, ou seja, de qualquer igreja que não pregasse o retorno de Jesus por volta de 1843e 1844. Por fim, Segundo Knight (2015) ele foi a ponte que ligava a ala mais racional do movimento (Miller, Himes e Litch) à mais carismática (S.S. Snow e George Storrs), sendo essa última que lideraria o movimento em a partir do desapontamento da primavera (21 de março de 1844).

Celso Camelo Costa (1882-1914) foi colportor pioneiro no Nordeste. Nasceu no dia 28 de maio de 1882, em Alagoas. Converteu-se por volta de 1910 em seu Estado natal. Era funcionário em uma fábrica de açúcar na função de auxiliar químico e, após conhecer a Igreja Adventista do Sétimo Dia, solicitou ao patrão o sábado livre. Tendo seu pedido recusado, demitiu-se. A seguir foi chamado para atuar como colportor nos Estados da Bahia e Alagoas, onde trabalhou por um ano com sucesso. Posteriormente foi chamado para exercer o cargo de Diretor de Colportagem no Estado de Pernambuco. Em dezembro de 1913, foi chamado para São Paulo, pelo Executivo da União, a fim de melhor preparar-se para o trabalho. No final de abril do mesmo ano, foi acometido de febre tifóide. Faleceu no dia 27 de maio de 1914, aos 32 anos de idade, na Vila de Santo Amaro, em São Paulo, e no dia seguinte, data de seu aniversário, foi sepultado no cemitério de Santo Amaro (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2020i).

Chester Clarence Schneider (1892–1956) foi pastor, médico e administrador, nasceu em 16 de abril de 1892, na cidade de Schaffer, Kansas, Estados Unidos. Durante sua juventude, ele frequentou a Escola Adventista Schaffer em sua cidade natal e depois foi para a Academia Lodi, no estado da Califórnia. Posteriormente, ele foi para o Clinton German Theological Seminary, no Missouri, onde se tornou membro da IASD, sendo batizado em 1912 na igreja deste seminário (CENTRO WHITE BRASILEIRO, 2020). Em 1922, ele veio trabalhar no Brasil e desempenhou vários cargos como pastor e administrador. Em 1942, ele era o diretor do Centro de repouso White o qual ajudou a fundar.

Chikiwidowski (????-????) era polonês e trabalhava como professor em Brusque, Santa Catarina

David Hort (1833-1894) era alemão e possuía um comercio em Brusque, Santa Catarina. No seu comércio foram abertos os primeiros pacotes com literatura adventista no Brasil. Segundo Borges (2020), Hort comprava os impressos de Dressler para embrulhar a mercadoria. Ele

nunca se tornou adventista, mas a sua esposa Anna Dorothea Von Stalburg (1834-1918) e seu filho Adolfo Hort (1871-1944) estavam entre os primeiros adventistas batizados no Brasil (1896).

Clarence Emerson Rentfro (1877-1951). Missionário e administrador. Nasceu em lar adventista e foi educado no Colégio de Battle Creek onde permaneceu de 1897 a 1898. Depois de dois anos estudou no Union College e em 1902 no Emmanuel Missionary College, sem receber, no entanto, uma graduação. Em 1898, começou a vender publicações adventistas, e suas experiências no trabalho da colportagem levaram-no a tornar-se um missionário em países católicos. Em 1903, recebeu a credencial de pastor, e nesse mesmo ano casou-se com Mary Loizette Haskell, enfermeira do Sanatório de Iowa. No ano seguinte, dirigiram-se para a Espanha, mas no caminho, desviaram-se para Portugal, onde fundaram uma Missão Adventista. Foi ordenado ao ministério por A. G. Daniells num concílio na Suíça, em 1907. Veio para o Brasil depois de dez anos, onde trabalhou como superintendente da Missão Mineira e Missão Pernambucana da IASD. Lecionou mais tarde no Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual UNASP-SP as matérias de Bíblia e História, retornando, em 1924, ao seu país de origem, Estados Unidos, devido a um problema de saúde em sua família. Posteriormente, continuou seu trabalho evangelístico no Norte de Dakota e em Michigan até aposentar-se em 1938. Faleceu em 1951, aos 74 anos de idade, nos Estados Unidos (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2020j).

Ellen Gould Harmon (1827-1915), nome de solteira, ou Ellen Gould White, nome de casada, foi uma fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia e escritora. Ela pertencia a uma família metodista que foi excluída do roll de membros por não abandonarem as crenças mileritas. Enquanto criança, ela recebeu uma pedrada no rosto que quebrou o nariz e causou fratura craniana quase levando-a a morte. Ela teve que abandonar a escola devido a sua saúde frágil o que a forçou a estudar em casa. No final de 1844, Ellen começou a receber visões e passou a visitar grupos adventistas para divulgá-las. Segundo Collins (2007), em algum momento entre 1844 e 1845, Ellen conheceu e passou a ser acompanhada por Tiago White. Os dois casaram-se em 1846 e ela recebeu o sobrenome White. Ellen foi considerada pelos adventistas sabatistas como profetisa moderna e suas visões deveriam guiar a igreja no tempo que antecede a volta de Jesus. Para eles, os seus livros dela serviriam como conselhos, mas, mesmo sendo inspirados por Deus, eles não possuem a mesma autoridade, ou seja, seus escritos não são tão importantes quanto à Bíblia. Após a morte de Tiago (1881), Ellen passou alguns anos na Europa e na Austrália para expandir a Igreja Adventista do Sétimo dia nesses lugares.

Elon Galusha (1790 – 1856) era filho do governador de Vermont, Advogado, pregador batista e abolicionista. Segundo Knight (2015), ele era um dos batistas mais poderosos de Nova York. Ele se juntou ao milerismo em 1843, tornou-se um dos principais líderes do movimento e atuou no oeste de Nova York.

Elwin Winthrop Snyder (1865-1919) foi colportor e missionário adventista na Argentina, Brasil, Cuba, Paraguai e Uruguai.

Ernst Julius Theodor Schwantes (1854-1922) foi pastor, professor, pioneiro no Sul do Brasil. Nasceu em Jerusalém Treptow Rega, Pomerânia, Alemanha. Ainda jovem veio ao Brasil e exerceu o ofício de pastor e professor na Igreja Evangélica Luterana. Casou-se com Elisabeth Magdalena Adamy (1855-1940) e da união conjugal nasceram oito filhos. No período de 15 a 23 de abril de 1896, faleceram três filhos do casal vitimados por desidratação. Após o falecimento dos três filhos, mudou-se para o Alto Jacuí, onde requereu terras do governo, pretendendo terminar seus dias ali, quando o colportor A. B. Stauffer vendeu alguns livros, em alemão, para a família Schwantes. Quando o Pastor Huldreich F. Graf veio ao Brasil, empreendeu uma viagem pelo interior do Estado do Rio Grande do Sul em companhia de Stauffer, logo após sua chegada e chegaram à casa de Ernst Schwantes que acompanhou Graf a uma viagem à Taquari. Ernst foi consagrado ancião pelo Pastor Graf e designado como responsável pela pequena igreja. Tal evento ocorreu em fins do ano de 1897. Em agosto do ano seguinte, Graf voltou a casa de Ernst Schwantes e o convidou para acompanhá-lo em uma viagem de 100 dias pelo interior do Estado. Passaram por São Pedro do Sul, Ijuí, Passo Fundo e Carazinho (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2020d).

Fausto Luiz de Moura (1915 -2013) já era adventista quando se mudou de Carpina, Pernambuco, para Campina Grande no dia 13 de maio de 1935. Ele ajudou a fundar a Igreja Adventista de Baixa Verde, Campina Grande e várias outras na redondeza (MUNIZ, 1981). Ele, seu irmão José Moura e Nilo Gomes foram os primeiros adventistas em Campina Grande (MOURA, 2021).

Felix da Costa Câmara (1881-1940) é o primeiro membro da Igreja Adventista em Cabaceira que se tem notícia. Ele morava na localidade chamada de Riacho Fundo onde faleceu aos 69 anos de idade (FIM DA JORNADA, 1940)

Francisco Nunes Siqueira (1916-2004) foi pastor, educador e administrador do Brasil. Francisco Nunes Siqueira nasceu em 6 de fevereiro de 1916, em Mogi das Cruzes, São Paulo, Brasil. Era filho de Benedito Nunes de Siqueira e Rita Siqueira, que tinha outros cinco filhos, Inocência, Dyone, João, José e Luiz. Em 1934, Francisco Siqueira participou do programa de formação de colportores oferecido pela Conferência de São Paulo em Santo Amaro, São Paulo. Após terminar o programa de colporteur, ingressou no ministério editorial e trabalhou na cidade de Jaú. Isso destacou o início de seu ministério para a Igreja Adventista. Com o desejo de se tornar pastor para pregar o Evangelho, começou a estudar teologia em 1937 no Colégio Brasil (atual UNASP-SP), e fazia campanha durante as férias. Durante 1937-1938, vendeu literatura cristã em Franca, São Paulo. Durante suas férias de verão de 1938, ele colabora na Missão Nordeste em Recife, Pernambuco, e nos verões de 1939-1940, trabalhou nas cidades de João Pessoa e Campina Grande na Paraíba. Siqueira formou-se em 1942, e, no mesmo ano, ele foi convidado para ensinar em Butiá Escola Adventista em Turvo, Santa Catarina. Lá, ele ensinou francês, matemática, geografia, história e datilografia. Casou-se com Eliza Krüger e teve quatro filhos, Leila, Vânia, Gilberto e Flávio. Em 1944, ainda no Colégio Butiá, foi nomeado diretor das secretarias de educação e juventude da Missão Rio-Minas, que abrangia o estado de Minas Gerais, a Zona Sul do Rio de Janeiro e a União Federal. Distrito, e lá trabalhou até 1949 (CENTRO WHITE BRASILEIRO, 2021a).

Frank Henry Westphal (1858-1944) “foi o primeiro pastor adventista alemão enviado para servir na América do Sul. Ordenado ao ministério em 1883, em Michigan, dedicou-se a missão urbana de Milwaukee e lecionou história no departamento Alemão do Union College. Em 1894, foi chamado para servir no continente sul-americano” (BORGES, 2020, p. 76).

Friedrich Dressler (1858-1944) era alemão e filho de um ministro luterano. Ele era alcoólatra e ao chegar ao Brasil tinha em suas mãos alguns exemplares da revista adventista *Christliche Hausfreund* (Amigo da Família). Ele fez o pedido de mais material impresso a Sociedade Internacional de Tratados de Battle Creek que lhe enviou mais revistas e livros. Segundo Borges (2020), ele vendia os impressos adventistas para David Hort que usava para embrulhar a mercadoria. De acordo com Link (2014), Dressler recebeu a literatura adventista por sete anos até 1895 quando pastor Frank Henry Westphal (1858-1944) chegou a Brusque e ele estava entre os interessados que acompanharam o pastor Westphal em Brusque, Santa Catarina.

Frederick Weber Spies (1866-1935) foi missionário, pastor e administrador. Nasceu na Filadélfia, Pensilvânia, EUA. Converteu-se ao adventismo aos 22 anos de idade. Casou-se com Isadora Read em 1892, e da união conjugal nasceu uma filha: Mabel. Logo depois de sua conversão, dedicou-se à colportagem, e, quatro anos mais tarde, foi chamado à Alemanha como diretor de colportagem. No ano de 1896, foi convidado pela Associação Geral da IASD a trabalhar como missionário no Brasil. Dedicou-se inicialmente ao ministério e trabalho bíblico nos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, e em 1900 foi chamado para Santa Catarina, onde fixou residência, trabalhando não somente neste estado, mas também no Paraná e no Rio Grande do Sul. Três anos mais tarde, mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro, onde foi convidado a dirigir a obra dos adventistas a nível nacional. O trabalho desenvolveu-se de tal maneira que, em 1917 tornou-se necessária a divisão do território brasileiro em duas Uniões: Sul brasileira e Este brasileira da IASD. Spies presidiu ambas as Uniões. O casal Spies foi transferido em 1923 para a União Este, com sede no Rio de Janeiro. No ano de 1927, fixou residência em São Bernardo, onde gerenciou a Casa Publicadora Brasileira até 1932. Embora sendo aposentado, no ano seguinte, manteve-se ativo, dedicando-se mais a escrever artigos com mensagens de conforto e animação, e a cuidar da igreja alemã em São Paulo, onde esteve presente até o último sábado de sua vida. Numa segunda-feira pela manhã, enquanto lia sentado à mesa, teve uma síncope cardíaca, caindo da cadeira e ficando paralisado. Faleceu no dia 31 de julho de 1935, aos 69 anos de idade, em Santo André, São Paulo (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2020c).

Frederick Wheeler (1853–1931), conforme Maxwell (1982), foi o primeiro pastor adventista norte-americano a aceitar a guarda do sábado. Ele foi convencido a guardar o sábado pela batista do sétimo dia Raquel Oakes (1809-1868). Ela tinha se mudado para Washington, New Hampshire, e passou a frequentar uma das igrejas em que Wheeler pregava. Durante uma visita a sua casa, Oakes falou sobre a guarda do sábado para ele. Wheeler aceitou a guarda do sábado e convenceu Thomas M. Preble a fazer o mesmo.

F. B. Hahn (???? - ????) morava em Canandaigua, Nova York, e era o secretário da sociedade médica de seu condado. Segundo Maxwell (1982), ele auxiliou Edson e Croiser nos estudos sobre o que aconteceu no dia do grande desapontamento.

George Storrs (1786- 1879) era abolicionista e membro da Igreja Metodista. Ele foi um pegador milerita, editor da *Western Midnight Cry* e, após o desapontamento da primavera, tornou-se um

dos líderes do movimento do sétimo mês e foi a favor do chamado para sair de Babilônia. Depois do grande desapontamento ele se opôs a Himes e aos adventistas de Albany. Ele era contra a organização de uma denominação por acreditar que “nenhuma igreja pode ser constituída por invenção humana que não se torne babilônia, no momento em que é organizada” (KNIGHT, 2015, p. 144).

Guilherme (Wilhelm) Belz (1835-1895) foi primeiro adventista do Sétimo Dia do Brasil. Nasceu na Pomerânia, Alemanha, em 1835. Casou-se com Johanna Belz e da união nasceram três filhos: Emília, Reinhold e Francisco. Nascido em uma família luterana, Guilherme tinha por hábito ler a Bíblia, mas a observância do domingo o intrigava. Inclusive, sua mãe e o pastor de sua igreja desconversavam sobre o assunto. Muitos anos mais tarde, depois que sua família se mudou para Braunschweig (hoje Gaspar Alto), no Brasil, encontrou na casa de seu irmão mais velho, Carl uma cópia de Gedanken Über das Buch Daniel (Reflexões Sobre o Livro de Daniel) da autoria de Urias Smith. Nessa obra, leu sobre o sábado e começou a investigar na Bíblia. Depois de algum tempo, aos 54 anos de idade, tomou a decisão de guardar o sábado. Sua influência levou muitos de seus vizinhos a também guardarem o sábado, alguns anos antes dos missionários da Igreja Adventista chegarem a Brusque, perto de Gaspar Alto, Santa Catarina. Foi um dos organizadores da primeira Igreja Adventista no Brasil, em Gaspar Alto. Uniu-se à Igreja Adventista por volta de 1895 e foi eleito “bibliotecário da Sociedade de Publicações (folhetos) de Brusque” (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2020e).

Guilherme Miller (1782 - 1849) - William Miller, em Inglês- era um fazendeiro que após de desenganar com *deísmo* começou a estudar a Bíblia. Durante toda sua vida considerou-se batista e nunca quis fundar uma nova denominação religiosa com seus estudos. Após alguns anos de estudos, ele começou a pregar em 1831 que Jesus voltaria por volta de 1843. Alguns anos depois, após muita pressão, Miller afirmaria que o retorno de Jesus seria em algum momento entre 21 março de 1843 e 21 de março de 1844. Após passar o período marcado, algumas pessoas, inicialmente contra a vontade de Miller, marcaram 22 de outubro de 1844 como o dia do retorno de Jesus. Miller só a aceitou algumas semanas antes de 22 de outubro. Quando o dia passou e nada aconteceu, Miller queria ficar recluso na sua fazenda e deixar a continuação do movimento com os mais jovens, mas Josué V. Himes, um grande amigo dele e um dos líderes do movimento, continuou usando a sua influência para manter o movimento sobre controle. Com a morte de Miller (1849), o movimento se dividiu em várias vertentes e muitas delas se organizaram como igrejas.

Guilherme Stein Junior (1871-1957) foi professor, redator, escritor, erudito e primeiro adventista batizado no Brasil. Ele era Filho de imigrantes suíços e alemães luteranos. Casou-se com Maria Khähenbühl (1892- ?), filha também de imigrantes suíços e alemães luteranos, e da união nasceram três filhos: Guilherme, Waldemar e Alice Irene. Foi batizado em abril de 1895, pelo Pastor Francis H. Westphal no Rio Piracicaba. O mesmo pastor que o batizou seguiu para Indaiatuba, onde realizou o batismo de seu pai, Guilherme Stein, sua mãe e quatro irmãos. No ano seguinte ao seu batismo, ingressou no trabalho adventista, primeiramente como colportor; porém, não havia literatura em português senão um pequeno livro traduzido nos Estados Unidos em mau português, intitulado: *Passos a Cristo* (Caminho para Cristo de Ellen G. White) que posteriormente Guilherme Stein retraduziu chamando-o de *Vereda de Cristo*. No ano de 1896, juntamente com sua esposa, foram para Curitiba, Paraná, onde trabalharam como professores no Colégio Internacional, considerado o primeiro Educandário Adventista no Brasil. A escola, que começou com apenas 6 alunos, alcançou no final de seis meses uma matrícula de 120 alunos. Dois anos mais tarde, foram para Brusque, Santa Catarina, a fim de estabelecer a primeira escola paroquial adventista do Brasil. Foi transferido para Santos, São Paulo, em 1899, como evangelista e obreiro bíblico. Em 1900, mudou-se para o Rio de Janeiro, e iniciou ali a publicação da primeira revista adventista missionária no Brasil: *O Arauto da Verdade*, da qual foi seu primeiro redator, mantendo as funções de obreiro bíblico e colportor. Em 1912, essa revista passou a se chamar: *Sinais dos Tempos*; em 1923, *O Atalaia*; e, em 1982, *Decisão*. Do Rio de Janeiro, foi para a editora Adventista, onde atuou como redator, tradutor e editor, até sua aposentadoria, em 1918. Dentre os livros escritos por ele, encontram-se: *Sucessos Preditos da História Universal*, que foi o primeiro livro adventista de autor brasileiro, publicado em 1909, pela Sociedade Internacional de tratados no Brasil, precursora da CPB (Casa Publicadora brasileira), e republicado em 1995; *O Sábado*, que foi o segundo livro adventista de autor brasileiro, publicado em 1919 pela mesma editora e também republicado em 1995; *O Tupi - De onde veio sua língua e sua religião*, publicado em 1934 pela Livraria Liberdade. Stein foi também o primeiro a traduzir hinos adventistas para o português. Era um estudioso das línguas. Conhecia cerca de 40 línguas, dentre as quais: sumério, egípcio e numerosas línguas indígenas da América. Foi professor de línguas no Colégio Piracicabano e ali também exerceu a função de conselheiro pastoral. Traduziu os seguintes livros: *Vereda de Cristo* (Caminho a Cristo), *Vida de Jesus*, *O Grande Conflito*, *Guia Prático da Saúde*, e outros; além de muitos hinos para o primeiro hinário adventista sendo assim, o primeiro a traduzir letras de hinos adventistas para o português. Após sua aposentadoria, dedicou-se ao estudo do monogenismo linguístico.

Faleceu no dia 5 de outubro de 1957, sendo sepultado em Indaiatuba, São Paulo (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2020a).

Gustavo S. Storch (1896-1993). Pastor, administrador e evangelista pioneiro. Nasceu em 14 de fevereiro de 1896, próximo de Santa Maria do Jetibá, ES. Filho de Emília Storch e Gustavo Storch. Foi batizado em 1912, pelos Pastores Spies e Meyer. Em 1914, ingressou no Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual UNASP-SP, onde estudou até 1918, formando-se na primeira turma em 1922. Foi então enviado para Minas Gerais onde trabalhou durante um ano e meio. Casou-se com Agatina Cupperi, e da união nasceram três filhos: Lyndon, Ebenezer e Olga, nascida no Rio de Janeiro. Três anos depois, Gustavo Storch foi ordenado em uma Assembleia Geral no Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Em 1929, foi transferido de Sergipe para o Rio Grande do Sul, e, em 1930, a União Este brasileira da IASD o convidou para ser o Presidente da Missão Pernambucana, em Recife, sendo o primeiro brasileiro a dirigir uma Missão, após 12 anos como distrital. Em 1940, foi chamado para ser evangelista da União Norte brasileira da IASD, em Belém, PA. Oito anos depois foi enviado pela Divisão Sul-Americana da IASD (DSA) ao Seminário Teológico, em Washington D.C., EUA, a fim de estudar assuntos teológicos. Retornou depois ao Brasil e foi enviado à Manaus, para realizar uma série de conferências. Foi eleito posteriormente presidente da União Costa Norte da IASD. Trabalhou 40 anos na Obra Adventista, realizando 33 séries de conferências. Aposentado, residiu no Capão Redondo, SP. Após 43 anos de união conjugal, sua esposa faleceu. Casou-se, dois anos depois, com Olinda Werlich. Durante 60 anos serviu à causa de Deus, como pastor distrital, departamental, evangelista e presidente de campo. Faleceu no dia 31 de agosto de 1993, aos 97 anos de idade, em Florianópolis, SC (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021e).

Hazen Foss (???? - ????) era um milerita que em 1844 disse que recebeu visões. Contudo, ele teve medo de divulgá-las e ouviu uma voz que dizia que o dom seria retirado dele e dado a uma pessoa menos capaz (COLLINS, 2007).

Henry J. Meyer (1877-1972). Pastor evangelista e administrador. Nasceu no dia 16 de setembro de 1877, nos Estados Unidos. Destacou-se como dedicado missionário. Tão logo ouviu da necessidade de obreiros no Brasil, comoveu-se tanto que decidiu aceitar o chamado. Em 20 de novembro de 1911 deixou seu país, juntamente com sua família, em um navio, rumo ao Brasil. Desembarcaram no Rio de Janeiro dia 8 de dezembro desse mesmo ano. Foram para a IASD

do Rio de Janeiro, onde se encontraram com os seus 20 membros, sendo Margarida Jahn, a primeira observadora do sábado nesse Estado. De 24 de março a 16 de abril do ano seguinte, participou em Blumenau, SC, de um congresso bíblico, onde se reuniram 18 obreiros. Era tudo o que o Brasil possuía. Nesta época foi convidado a visitar as três igrejas e membros isolados no estado do Espírito Santo. No dia 12 de maio de 1912, partiu de Vitória para Santa Maria, ES, de trem, para visitar todos os membros adventistas e interessados. No final de junho realizou-se um batismo de nove pessoas, no rio da cidade e Guilherma Denz foi uma delas. Em junho do mesmo ano houve um batismo de oito jovens em Serra Pelada, ES e um deles era Gustavo Storch. Pr. Meyer trabalhou também em Laranjinha e Laranja da Terra, Manteiga e em Santa Joana, onde esteve reunido com Fritz Kunde, um dos primeiros observadores do sábado no Espírito Santo. Retornou ao Rio de Janeiro no dia 27 de julho, a fim de visitar os membros interessados. Por longo tempo dedicara-se ao estudo e aprendizado da língua portuguesa e foi nesse Estado que pregou o seu primeiro sermão em português. Realizou-se um batismo de nove pessoas em Cascadura, Rio de Janeiro, entre eles, Regina Menezes, futura obreira bíblica. No final do ano, partiu para Teófilo Otoni, MG, onde encontrou um ativo grupo de membros. Seu primeiro ano no Brasil foi dedicado a conhecer as igrejas e grupos adventistas existentes. No ano de 1914, foi eleito presidente do campo Sul-Rio-Grandense, onde permaneceu aproximadamente cinco anos. Em dezembro de 1918, foi eleito o primeiro presidente da União Este brasileira da IASD, recém-organizada. Depois de cinco anos, por ocasião da Conferência Geral realizada em São Francisco, recebeu um chamado de volta aos Estados Unidos (MEMÓRIA ADVENTISTA 2021b).

Hiram Edson (1806-1882) era um fazendeiro membro da Igreja Metodista que “morava no município de Ontário, Nova York, quando ouviu pela primeira vez a mensagem da breve volta de Jesus” (COLLINS, 2007, p. 29). Segundo Maxwell (1982), ele se juntou ao movimento milerita em 1843 durante uma série evangelística. A partir de então, tornou-se uma pessoa importante para o movimento milerita da localidade e a sua casa ponto de encontro. No dia 22 de outubro de 1844, a fazenda da família Edson, próxima a vila de Port Gibson, Nova York, foi o local escolhido para os mileritas esperarem a segunda vinda de Jesus. Durante todo o dia e a noite cataram e revisaram os cálculos e, conforme Maxwell (1982), choraram muito ao perceberem que Jesus não voltaria naquele dia. No dia seguinte, Edson e um amigo saíram para consolar algumas famílias, mas, enquanto eles atravessavam o milharal, Edson teve um *insight*, uma clareza súbita, sobre o que poderia ter acontecido. No milharal, ele viu Jesus passando do lugar santo para o santíssimo no santuário conforme ocorria no ritual judaico do dia da expiação

para purificação, limpeza física, deste local que era realizada apenas pelo sumo sacerdote. A partir de então, foram organizados estudos bíblicos em sua casa sobre o assunto e eles foram divulgados em periódicos.

Huldreich Ferdinand Graf (1855-1946) trabalhou como pastor, evangelista, missionário e professor. Nasceu no dia 8 de julho de 1855, na Posnânia, Alemanha. Aos 14 de anos de idade, emigrou para os Estados Unidos, onde se converteu ao adventismo. Ele ocupou nos Estados Unidos diversos cargos como professor e pastor. No dia 20 de agosto 1895, foi enviado ao Brasil pela Associação Geral da IASD, onde se dedicou ao trabalho evangelístico (1895-1903) e serviu como presidente da Missão Brasileira (1902-1903). Por ocasião da organização da União Sul-Americana, em 1906, tornou-se presidente da Associação Sul-Rio-Grandense da IASD. Com poucos recursos, ajudou a fundar várias escolas que convergiram para o desenvolvimento e estabelecimento de Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Ajudou também na fundação da primeira Casa Publicadora Adventista no Brasil, atual CPB. No ano de 1907, retornou aos Estados Unidos e trabalhou em Minnesota, Ohio, Califórnia, por dois anos. Por volta de 1915, aposentou-se e retornou ao Brasil para ficar mais perto de seus filhos. Faleceu na noite de 4 de dezembro de 1946, aos 91 anos de idade, em Taquari, Rio Grande do Sul (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2020b).

Irene Ferreira de Brito Lyra (1906 – 1974) é considerada uma das pioneiras da Igreja Adventista de Campina Grande. Toda a sua família era da Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande que tinha como pastor João Clímaco Ximenes. Certo dia, ela estava lendo a Bíblia e encontrou textos que mandava guardar o sábado, então ela foi perguntar ao pastor Ximenes que falou que a guarda do sábado havia sido abolida na cruz. Outro dia, ela estava indo a feira quando viu algumas pessoas cantando no dia de sábado, depois de deixar a feira em casa ela foi atrás dessas pessoas e se deparou com o pastor Israel Zorub. Ela fez várias perguntas e o pastor respondeu e começou a dar estudo bíblico a ela escondido para que o marido não soubesse. O pastor Ximenes havia colocado algumas pessoas para vigiar os adventistas e descobriu que Irene estava tendo estudo bíblico e falou para o marido dela impedir isso. Mesmo assim ela continuou e quando se batizou, em 1943, o marido a espancou em frente dos filhos. Depois desse episódio, ela ficou com medo ir à igreja e então mandava sua filha Raquel para os cultos sozinhas. Raquel lembra de ver pessoas enviadas pelo pastor Ximenes em frente a Igreja Adventista para ficar vigiando as pessoas que entravam. Houve uma vez em que Irene foi a um culto de natal com Raquel e quando voltou o seu marido só a deixou entrar em casa porque um

dos filhos estava chorando com fome. De acordo com Raquel de Brito Lyra Melo (2020) (ver APÊNDICE L), o pastor Ximenes dizia ao seu pai, marido de Irene, que expulsasse sua mãe de casa porque ela estava endemoniada e iria contaminar os filhos. Com o tempo, ele foi aceitando a situação e permitindo que os colportores se hospedassem na sua casa.

Irineu Pereira de Melo (1893 – 1989) foi um dos primeiros conversos em Baixa Verde através dos esforços de Antônio Bezerra e Sindolfo Barbosa. Ele era casado com Erminia Pereira de Melo (1897-2001) e da união nasceram Clarice, Vasti, George, Genésio Zacarias e outros (BARBOSA, 2009).

João Cabral (1929-????) nasceu em Baixa Verde e trabalhou muitos anos na fazenda de Luiz Pereira. Chegou a fazer parte da multidão que cercou o templo de Baixa Verde, mas um pouco antes chegar no local desistiu. Em 1950, ele se batizou na IASD e em 1964 era presidente (diretor) da Escola Sabatina de Baixa Verde.

João Isidio Da Costa (1921-2013) era pastor e nasceu em Taquaritinga do Norte, PE. Filho de Capitulino Balbino da Costa e Maria Francisca da Costa. Ao longo de sua infância, mudou-se juntamente com sua família por três vezes e, finalmente chegou a Recife. Nas cidades menores, estudou em escolas públicas; já em Recife, frequentou a Escola Adventista, onde terminou o Curso Primário. Prosseguiu os estudos no Educandário Nordestino Adventista, inicialmente, IRAN (Instituto Rural Adventista do Nordeste). Lá permaneceu até 1949. Em seguida foi transferido para o ITA, hoje IPAE, onde permaneceu por dois anos; e depois, foi para o CAB, atual UNASP-SP, onde se formou em Teologia em 1953. Casou-se com Dilza de Melo Costa e da união matrimonial nasceram dois filhos: Josildo e Isolda. Assumiu o primeiro distrito em João Pessoa juntamente com Campina Grande, PB. De Campina Grande foi transferido para Recife ao distrito de Arruda. Depois assumiu o departamento de Escola Sabatina e Atividades Leigas na Missão Nordeste. Em Belém do Pará, foi distrital na Igreja Central (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021o). Em 1960 consta que João Isidio da Costa era pastor do distrito de Campina Grande e residia na Rua Major Belmiro, 72 (OVERSEAS, 1960).

Jacob G. Kroeker. Missionário e colportor pioneiro. Chegou ao Brasil em oito de julho de 1908, vindo dos Estados Unidos, época em que F. W. Spies era presidente do campo brasileiro. Seu primeiro campo de trabalho foi em São Paulo, na linha Sorocabana. Ali visitou Itararé, Tatuí, Itapetininga e Aracassu. Em 26 de maio de 1910 dirigiu-se a Rio Claro, na época, sede da

Missão Paulista. Visitou Ibitinga, onde fez algumas conferências evangelísticas em Nova Europa, importante núcleo colonial, Barra Seca e Avaré. Assumiu a direção da Conferência Santa Catarina-Paraná no lugar de Emílio Hőezle. Permaneceu nesse campo por um ano, retornando ao campo paulista em 1911. Alugou uma casa bem espaçosa na capital de São Paulo, reservando uma sala para as conferências. Na primeira noite, a casa foi apedrejada e muitas vidraças foram quebradas. Apesar da oposição, as reuniões continuaram quatro vezes por semana, pois seis pessoas receberam o batismo e uma Escola Sabatina foi organizada com 12 membros. Em maio do mesmo ano, Jacob construiu uma casa em São Bernardo e mudou-se para lá. Ainda em 19 de dezembro do mesmo ano partiu para uma viagem pelo interior de São Paulo, quando visitou Nova Europa, Ibitinga, Boa Vista e Guaianás, organizando assim uma Escola Sabatina com 18 membros. Serviu também como presidente do campo paranaense, sendo eleito em 1912. Além de atuar como missionário no Sul do país, Kroeker empreendeu também um trabalho pioneiro no Nordeste, morando durante algum tempo em Recife, PE. Em 1921 visitou Condessas, Vasco, Pau Santo, Contenda, Guarita, Santa Maria, Lagoa Funda, Pedra Fina e Campestre. No Estado da Paraíba, levou a mensagem adventista a Riacho Fundo, São José das Pombas e organizou um grupo em São José dos Cordeiros; em Cabaceiras, organizou uma Escola Sabatina e deixou em Poço Fundo e Brejo da Madre de Deus um bom grupo de crentes. Jacob Kroeker serviu durante muitos anos no campo brasileiro, e sua atuação foi deveras importante como colportor, evangelista e missionário nos primórdios da obra adventista no Brasil. (MEMÓRIA ADVENTISTA, 1921d).

Jakob Erzberger (1843-1920) fundou a primeira igreja adventista oficial na Alemanha em Vohwinkel. Um bom exemplo do trabalho de Erzberger foi a área de Vohwinkel / Wuppertal, onde ele foi fundamental para estabelecer a primeira igreja adventista em solo alemão em 1875/1876. J. N. Andrews, que na época liderava o trabalho missionário na Europa, não era fluente em alemão e passou apenas algumas semanas na área de Vohwinkel / Wuppertal antes de voltar para a Suíça. Erzberger ficou na área e trabalhou com novos convertidos ao adventismo. Isso levou ao batismo de oito pessoas em um lago perto de Vohwinkel em janeiro de 1876, tornando a primeira igreja adventista oficial na Alemanha. Erzberger, no entanto, não apenas pregou e batizou. Ele também produziu os primeiros folhetos adventistas alemães, que a jovem igreja distribuiu (HEINZ, 2010).

Jerônimo Granero Garcia (1903-1974). Pastor, evangelista, tradutor, professor e administrador. Nasceu no dia 30 de setembro de 1903, em Cuenca, perto de Madri, Espanha. Filho de Juliam,

músico e maestro e Vicenta Garcia. Ainda quando pequeno, o pai faleceu e a mãe decidiu mudar-se para o Brasil e, em seguida, para Cuba. Ali, Jerônimo teve o primeiro contato com a mensagem adventista, estudando, por algum tempo, em um colégio adventista, em regime de internato. De volta ao Brasil, Jerônimo decidiu aceitar a fé adventista mesmo contra a vontade da mãe. Veio para o Colégio Adventista Brasileiro (CAB) em 1920, atual Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), formando-se cinco anos depois, como presidente da turma. Casou-se no dia 13 de fevereiro de 1926 com Ana Klein de Araújo. Da união nasceram quatro filhos: Anice, Flávio, Gilberto e Helena. Seu trabalho caracterizou-se pela ação, dinamismo e pioneirismo. Iniciou sua carreira ministerial empreendendo séries de conferências evangelísticas no Bairro do Brás (1926) em São Paulo; em Mogi-Mirim, SP (1927); em Campinas, SP (1930), auxiliado pela instrutora bíblica Iracema Zorub. No ano de 1931 dirigiu-se a Ribeirão Preto, SP, onde ali iniciou o trabalho de evangelização da cidade. Depois, dirigiu-se à capital paulista onde trabalhou em alguns departamentos da Associação Paulista, atual Associação Paulistana da IASD. Ao mesmo tempo em que servia na Associação Paulista, dirigiu uma série de conferências evangelísticas na cidade de Araraquara e Mogi das Cruzes (1932). No ano seguinte foi chamado para o Rio Grande do Sul e ali atuou como pastor-evangelista no município de Santa Maria. Seu próximo trabalho foi em Porto Alegre (1934-1935), onde dirigiu uma campanha evangelística no centro da cidade e outra no Bairro São João. Em 1935 Jerônimo foi chamado para assumir a presidência da Missão Nordeste da IASD e ali permaneceu cinco anos, quando retornou a São Paulo como professor e vice-diretor do CAB. Posteriormente, a Associação Sul-Riograndense da IASD chamou-o de volta e ali trabalhou como presidente do campo (1944-1947). Nessa época fundou a Clínica Bom Samaritano (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021j).

João Batista de Brito Lyra era filho de Irene de Brito Lyra. Enquanto era criança frequentava a Igreja Adventista, mas ao crescer saiu da igreja e passou catorze anos sem frequentá-la. Certa vez estava no Açude de Boqueirão concertando a sua lancha e enquanto isso ouvia o programa A Voz da Profecia, da Igreja Adventista, e sentiu vontade de voltar a frequentar a igreja. Contudo, só um mês depois quando voltou de uma viagem em Recife, ele decidiu voltar definitivamente. Inicialmente a sua esposa, Maria José de Brito Lyra, não gostou da nova filosofia de vida de seu marido e chamou o seu tio, José de Brito Lyra. José de Brito repreendeu duramente seu sobrinho que marcou de visitá-lo. João Batista, ao visitar seu tio, falou sobre a guarda do sábado e após a sua saída ele mandou jogar todos os seus santos. Meses depois, tanto Maria José de Brito Lyra quanto José de Brito Lyra se tornaram adventistas (LIRA, 1964).

John Byington (1798-1887) foi o pregado da Igreja Metodista Episcopal, revolucionário do movimento anti-escravidão, líder da Conexão Metodista Wesleyana, presidente da Associação dos Adventistas de Vermont e, segundo Knight (2015), o primeiro presidente da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ele uniu-se ao movimento milerita em 1844 e em 1852 juntou-se aos adventistas sabatistas após ler uma cópia da revista *Review and Herald*.

John Lipke (Johannes Rodolf Berthold Lipke) (1875-1943) foi pioneiro da obra educacional e médica. Nasceu em Berlim, Alemanha. Frequentou o Seminário Teológico em Hamburgo, entrando em seguida na obra da colportagem, tendo como chefe o Pastor Frederico Spies. Em 1896, partiu para os Estados Unidos, onde se dedicou ao mesmo trabalho. No ano seguinte, continuou seus estudos no Colégio de Battle Creek, em Michigan, onde se casou com Augusta Schuete. Criou dois filhos adotivos: Daniel e Berta. No mesmo ano, terminados os seus estudos, recebeu um chamado para o Brasil, onde exerceu a profissão de professor no Rio Grande do Sul, na escola primária localizada em sua casa. Depois de um ano, foi chamado para Gaspar Alto, Santa Catarina, onde fundou o primeiro colégio missionário. No ano seguinte, foi ordenado ao ministério e eleito diretor do campo. Em 1904, mudou-se para São Paulo, a fim de dirigir um instituto de colportagem. Em 1910, foi enviado à Bahia, onde trabalhou três anos. Retomou cinco anos depois para São Paulo, onde assumiu a presidência da Missão Paulista da IASD, em 1915. Neste período, atuou como primeiro diretor do Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual UNASP - (São Paulo). Empenhou-se também na fundação da primeira editora adventista no Brasil (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2020f)

John Nevis Andrews (1829-1883) foi escritor, editor da *Review and Herald* e o primeiro missionário além-mar autorizado pela IASD. Ele é considerado um dos maiores teólogos que a IASD já teve tendo seu nome dado a várias instituições de ensino da mesma. A família de Andrews era milerita e começaram a guardar o sábado através de um folheto de T. M. Preble. Em 1849, toda a sua família se converte ao adventismo sabatista e ele tornou-se um pregador itinerante. Ele casou-se com Angeline Stevens (1824-1872) que faleceu de acidente vascular cerebral. Como primeiro missionário além-mar, foi trabalhar na Suíça e em outros países da Europa.

Josef Lindermann (????- ????) era o filho mais novo de “Johann Heinrich Lindermann, fundador de uma igreja sabatista conhecida como Die getaufte Christengemeinde (Comunidade

Cristã de batizados) que tinha membros espalhados por Vohwinkel, Solingen e Mönchengladbach (Rheydt), região de Wuppertal. John N. Andrews e Jakob Erzberger se encontraram com Johann H. Lindermann em Vohwinkel no começo de 1875. Neste encontro eles estudaram várias doutrinas da IASD e estavam de acordo em quase tudo. No entanto, Johann não concordou com a interpretação adventista do milênio, o que acabou impedindo que ele se unisse a igreja” (LINK, 2014, p. 34). Josef Lindermann havia se convertido a IASD antes de imigrar para o Brasil.

Joseph Marsh (1802-1863) foi um líder importante do movimento milerita e editor de um dos seus periódicos intitulados *Voice of Truth*. Em 1843, ele perdeu seu cargo de editor entre os conexionistas por defender o milerismo e apoiou Carlos Fitch no chamado para sair da Babilônia. Ele foi um dos primeiros líderes a apoiar o movimento do sétimo mês. Em junho de 1843, ele foi contrário que os mileritas vendessem todas as suas propriedades, mas incentivou-os a se desfazerem de tudo que não necessitasse no presente. No final de 1844, ele muda a discussão sobre o que aconteceu no dia do grande despontamento do tempo para a natureza do evento. Marsh não compareceu à assembleia de Albany (1845) e se opôs aos adventistas liderados por Himes por achar que eles estavam caminhando para uma organização religiosa e desta forma tornar-se-ia uma Babilônia espiritual.

Joseph Turner desenvolveu junto com Apollos Hale a teoria da porta fechada. Para eles, Jesus teria voltado de forma espiritual e somente aqueles que se converteram até 22 de outubro de 1844 seriam salvos. Turner também não compareceu à assembleia de Albany e se opôs aos adventistas de Albany.

José Bates (1792-1872), Joseph Bates em inglês, foi marinheiro, capitão do mar, líder milerita e um dos fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Segundo Collins (2007), Bates passou vinte e um anos trabalhando no mar. Ele progrediu na carreira do mar chegando a ser capitão e co-proprietário do seu navio. Bates era envolvido com o movimento abolicionista e de reformas de saúde e organizou uma das primeiras sociedades de temperança dos Estados Unidos. Enquanto era marinheiro, ele começou a se interessar por assuntos religiosos e tornou-se membro da Conexão Cristã. Em 1839, uniu-se ao movimento milerita após assistir uma palestra milerita e ir falar com Himes, amigo desde a juventude e que trabalharam juntos em várias causas, para conhecer mais sobre Miller. “Bates foi uma das 16 pessoas que fizeram a convocação para a primeira assembleia geral milerita, e, assim como Himes, Litch, e outros

dois, ele trabalhou na “comissão de preparo” do evento. Ele também atuou como um dos diretores auxiliares da segunda assembleia. Bates também estava falando ao público na Campal de Exeter, New Hampshire, em agosto de 1844, quando uma pessoa pediu que ele cedesse à vez para S. S. Snow falar sobre os estudos que fizeram surgir o movimento do sétimo mês. Em 1845, Bates leu um artigo sobre o sábado de Thomas Motherwell Preble (1810–1907), ex ministro Batista e pregador milerita, defendendo a guarda do sábado. Ele ficou com algumas dúvidas sobre o assunto e foi a casa Frederick Wheeler (1811-1910), pastor do grupo adventista de Washington, New Hampshire. Os dois conversaram e Bates decidiu guardar o sábado como dia sagrado. Segundo Collins (2007), ele se uniu a Tiago e Ellen White em 1846 depois de presenciar Ellen recebendo uma visão. Bates tornou-se o primeiro teólogo e escritor dos adventistas sabatistas e foi o “responsável por levar os outros dois fundadores do adventismo sabatista à compreensão básica das doutrinas centrais que estabeleceram esse grupo. Na verdade, foi Bates quem uniu as várias crenças do novo movimento umas com as outras e com o esquema profético de Miller. Além disso, ele ampliou essa estrutura escatológica integrando nelas as novas doutrinas” (KNIGHT, 2015, p. 279).

José de Brito Lyra era cunhado de Irene de Brito. Ele era um homem muito rico e muito católico. Como possuía uma casa muito Grande na rua Floriano Peixoto, próximo a Catedral, ele chegou a hospedar diversas vezes o Bispo e diversos padres. Já idoso, com oitenta e quatro anos de idade, ele se converteu ao adventismo por influência de João Batista de Brito Lyra. Ele foi batizado pelo pastor Severino Tavares de Lira (MELO, 2020).

José Irajá Da Costa Silva (1938 -????) foi pastor e Nasceu em Fortaleza, Ceará, em 7 de setembro de 1938. Filho de Francisco Xavier da Costa e Silva e Iracema Garcia. Em Caruaru, fez o preparativo de admissão a ginásio na escola adventista. O Ginásio cursou em um colégio batista. O Científico, em um colégio particular em Fortaleza. Em 1961 foi para o ENA cursar Teologia. Formou-se em 1964. Após a formatura, introduziu o ministério como auxiliar do pastor Érisson Michiles, em João Pessoa. Três meses depois, foi para o distrito de Casa Amarela, Recife. Em 1966, assumiu também a igreja de Salgadinho, próximo à Olinda. Casou-se com Itacy Bessa em 13 de abril de 1967. Da união nasceram: Ináyra, Irlacy e Irlan. No mesmo ano, assumiu o distrito de Campina Grande, PB. Em Campina Grande, permaneceu até 1968, quando foi transferido para Maringá, PR (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021q).

José Nunes Siqueira (1917-2005). Pastor, administrador, autor, esposo, e Pai. Nasceu no dia 6 de novembro de 1917 na Freguesia da Escada, Prefeitura Municipal de Guararema, SP. Filho de Benedito Nunes de Siqueira e Rita Nunes de Siqueira. Ficou órfão aos 5 anos. A mãe viúva ficou com 8 filhos de 40 dias a 17 anos de idade. Mudaram-se para Santos onde o irmão mais velho, Inocência, aprendeu prótese e começou a trabalhar como dentista. Mudaram-se para Mogi das Cruzes onde cursou os dois últimos anos do primário no Segundo Grupo Escolar de Mogi das Cruzes em 1930-31. Para ajudar a família José trabalhou como engraxate e ao mesmo tempo em 1933 aprendeu prótese dentária com o seu irmão Inocência. Por esta época teve oportunidade de assistir pela primeira vez um serviço religioso na Igreja Adventista do Sétimo Dia; o pregador foi o Pastor Germano Conrad, líder do grupo de Mogi das Cruzes. Assistiu classe batismal dirigida pelo Pastor Conrad e foi batizado no dia 30 de dezembro de 1933, juntamente com seu irmão Francisco Siqueira, e Lydia Conrado (filha do Pastor Conrad e sua futura esposa) no Rio Tietê, pelo Pastor Ennis Moore, então presidente da Associação Paulista. Matriculou-se no curso teológico no CAB (atual UNASP-SP) em 1936, formando-se em dezembro de 1940. Colportava durante as férias para enfrentar o custo dos estudos (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021k).

José Rodrigues dos Passos (1902-1987). Pastor, professor e administrador. Nasceu no dia 9 de janeiro de 1902, em Rolante, RS. Era filho de José Rodrigues dos Passos e Maria Emília dos Passos, irmã de José Amador dos Reis (primeiro pastor brasileiro a receber ordenação no Brasil). No ano de 1905, sua família aceitou a mensagem adventista, quando ele tinha três anos de idade. Em 1917, foi batizado pelo Pr. Henrique Mayer, tornando-se membro da IASD de Rolante, RS, até 1920, quando foi estudar no então Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Sendo sua mãe, na época, viúva e sem muitos recursos, custeou seus estudos através da colportagem. Em 29 de dezembro de 1926, casou-se com Adelina Benincassa, sua colega de classe. Da união nasceram cinco filhos: Paulo, Esther, Daniel, Rute e Helena. No mês de março do seguinte ano, concluiu o curso teológico; seguindo logo para Jacupiranga, no Vale do Ribeira, SP, onde atendeu a alguns interessados. Foi ordenado ao ministério no Rio de Janeiro no dia 9 de janeiro de 1932. Trabalhou na Missão Rio Minas da IASD como evangelista. Realizou 28 séries de conferências públicas e auxiliou em outras 12 durante seu ministério. Batizou mais de 2.500 pessoas, 800 das quais foram fruto de seu trabalho pessoal. Atuou também como Departamental de Jovens e Educação, professor de Educação Religiosa, presidente da Associação Paranaense, da Associação Sul-rio-grandense e da Missão Mato-Grossense da IASD, aposentando-se em 1961. Faleceu no dia 31 de janeiro de

1987, aos 85 anos de idade e 55 de ordenação ao pastorado, em Curitiba, PR (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021f).

Josias Litch (1809 -1886) era a terceira pessoa mais influente do movimento milerita. Ele se uniu ao milerismo após estudar um livro com sermões de Miller e ao ver que as conclusões eram razoáveis dedicou a sua vida a difundi-las. Ele publicou uma sinopse dos sermões de Miller e depois publicou um livro com suas próprias idéias. Segundo Knight (2005), ele certamente foi o principal teólogo do movimento milerita. Litch era pastor metodista e para se dedicar inteiramente ao milerismo pediu afastamento do seu cargo. Diante do bom trabalho que ele vinha desempenhando e para lhe manter seguro em relação aos cuidados com sua família, a comissão de publicação indicou-o formalmente como *agente geral* do movimento e tornou-se, dessa forma, o primeiro pastor remunerado do movimento milerita. Ele tinha como função apresentar palestras e aprimorar a circulação de literatura. Por fim, entre 1842 e 1844, ele centralizou seu trabalho na Filadélfia chegando a criar um novo jornal milerita chamado de *Philadelphia Alarm*. As campanhas mileritas foram onde Litch desenvolveu um papel muito importante estando envolvido em grande parte delas. As campanhas eram cruzadas evangelísticas e não havia local para debate e discussões, pois o fim do mundo em 1843 estava chegando e não havia tempo a perder. Para auxiliar as campanhas foi encomendada uma tenda móvel com capacidade para quatro mil pessoas que era transportada para as cidades que não era possível alugar salões. Conforme Knight (2015), foram realizadas cerca de 125 campanhas entre junho de 1842 e outubro de 1844 com frequência de aproximadamente meio milhão de pessoas.

Josué Vaughan Himes (1805-1895), Joshua em inglês, era filho de um comerciante das Índias Orientais que faliu por causa de maus negócios. Durante a juventude ele se uniu a um grupo chamado Conexão Cristã que tinha como alvo abandonar crenças humanas e voltar à Bíblia. Esse mesmo grupo também evitava qualquer tipo de organização religiosa além da congregação local. Em 1827, Himes deixa o trabalho secular e até 1830 dedica-se tempo integral a trabalhar como reavivalista, ou seja, dando palestra e sermões para reavivamento espiritual. Depois disso, tornou-se pastor da First Christian Church de Boston até 1837 quando passou a ser pastor da Second Christian Church. Segundo Knight (2015), em 1839, Himes conhece Miller e abriu as portas para igrejas das grandes cidades. Ele também criou diversos periódicos mileritas e utilizou estratégias publicitárias para divulgar o milerismo. Himes transformou um pequeno movimento de interior em um grande movimento com divulgação internacional. Quando surge o movimento do sétimo mês, ele, inicialmente, não aceita o dia 22 de outubro de 1844 como

dia do retorno de Jesus. Ele decide aceitar posteriormente devido ao rápido crescimento dessa ideia entre os mileritas, achando que isso só seria possível com a aprovação de Deus. Contudo, após o dia marcado, Himes acreditou que o movimento do sétimo mês foi um erro e passa a combatê-lo. Ele também se torna o principal líder do movimento milerita e organiza a Assembleia de Albany em 1845.

Lionel Brooking (???? - ????) era enfermeiro adventista inglês, colportor, professor, e um dos primeiros conversos e missionários na Argentina (DIONISIO, 2020b).

Lucy Phebe Smith Miller (1782-1854) morava com sua família em Poultney, Vermont, a cerca de 6 milhas da casa Miller em Low Hampton, Nova Iorque. Ela conheceu Miller enquanto ele trabalhava na cidade onde ela morava. Eles se casaram em 29 de junho de 1803 e tiveram dez filhos. Segundo Knight (2005), após o casamento Miller foi morar em Poultney onde teve acesso a livros deístas e isso fez com ele abandonasse o cristianismo.

Luiz Caleb Rodrigues (1870-1960) foi Colportor-evangelista, pioneiro no Nordeste. Nasceu no dia 26 de julho de 1870, em Olinda, PE. Não possuía muita cultura. Sem lar, pobre, surdo e idoso; trabalhou no sertão de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021a).

Luiz Pereira de Melo (1901-1990) era um fazendeiro de Baixa Verde que se converteu ao adventismo através da influência de Antônio Bezerra e Sindolfo Barbosa, seu primo (SILVA, 2019). Os conversos de Baixa Verde se reuniam na sua casa até que por volta de 1938, ele comprou uma casa nas terras de Claudomiro Gonzaga que foi reformada para ser o primeiro templo adventista do estado da Paraíba. Também por volta de 1937 aconteceu o primeiro batismo da IASD em Queimadas no açude que ficava na sua fazenda. Ele era casado com Josefa Pereira de Melo (1906-1990) e da união dos dois nasceu Maria José de Melo (1932-2008) que casou com William Alves de Melo (1931-2003), um dos pioneiros da igreja Adventista de Campina Grande (BARBOSA, 2009).

Manoel Luiz Soares (1900 – 1958) foi um dos primeiros convertidos em Baixa Verde através de Antônio Bezerra. Era casado com Severina Maria Soares (1900-1978). Da união nasceram Antônio, Vitor, João, Cleonice e Luiz Soares. A família morava no sítio Muquém onde foram realizados diversos Batismo (BARBOSA, 2009).

Maria Alida Baar Nigri (1904-1995) Missionária pioneira. Nasceu em Riga, capital da Letônia em 1904. Educou-se em um lar de formação luterana e batizou-se na IASD aos 18 anos. Dirigiu-se ao Seminário de Friedensau, na Alemanha, onde se graduou em Teologia no ano de 1926, sendo a única mulher da turma. Após a formatura, aceitou um chamado para ser missionária no Brasil, trabalhando no Instituto Adventista de Ensino em São Paulo (IAE-SP) como Preceptor e professora de História Geral durante 11 anos. Em 1938 casou-se com o recém-formado Pastor Moysés Salim Nigri. Da união conjugal nasceram quatro filhos: Rejane, Elmano, Cássia e Hêlvio. Juntos trabalharam na Missão Nordeste (Recife e João Pessoa), na antiga Associação Paulista, no Paraná, na antiga União Sul brasileira, na Divisão Sul-Americana e na Associação Geral da IASD em Washington, DC. Após a jubilação do esposo, Maria Alida passou a residir nos Estados Unidos. Em 1993 o IAE-SP prestou-lhe significativa homenagem dando seu nome ao Dormitório Feminino. Sua biografia foi também incluída no livro *Notable Adventist Women of Today* (Mulheres Adventistas Notáveis de Hoje) publicado pelo Departamento do Ministério da Mulher da Associação Geral. Faleceu no dia 24 de outubro de 1995 em Santo André, SP (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021i)..

Michael Belina Czechowski (1818 – 1876) foi ex-padre que saiu fugitivo do seu país por motivos políticos. Em 1850, ele renunciou ao catolicismo e casou-se. Czechowski partiu para América no ano seguinte e em 1857 uniu-se aos adventistas sabatistas. Ele pediu para ser missionário na Europa, mas foi negado devido ao seu temperamento. Assim, ele procurou os Cristãos do Advento que lhe enviaram para Europa. Lá, ele trabalhou em diversos países e lançou o periódico *L'evengile eternal* (O Evangelho Eterno), segundo Maxwell (1982). Ele formou vários grupos de adventistas sabatistas entre eles a de Tramelan, Suíça, organizada no início de 1867, que é a primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia fora da América do Norte.

Moysés Salim Nigri (1914-2010). Contador e pastor. Nasceu no dia 8 (registrado no dia 10) de agosto de 1914 em Rio de Janeiro, RJ. Filho de Salim Moysés Nigri, um judeu praticante e Erina Vieira Nigri, uma brasileira de formação católica. Foi batizado no dia 6 de agosto de 1932 na IASD do Meier pelo pastor E. M. Davis. Formou-se em 1933 como Perito Contador na Escola Superior de Comércio do Rio de Janeiro. No ano seguinte exerceu a função de auxiliar de secretário da Missão Rio Minas. Entre 1935 a 1937 cursou teologia no CAB (atual UNASP-SP). Casou-se no dia 21 de fevereiro de 1938 com Alida Baar Nigri. Da união nasceram quatro filhos: Rejane, Elmano, Cássia e Hêlvia. No mesmo mês, introduziu o trabalho missionário

como obreiro em Recife, sendo que seis meses depois foi transferido para o distrito de João Pessoa. No período, sofreu ameaças e perseguições de pessoas que queriam contrariar a disseminação do adventismo. Quatro anos depois, recebeu o chamado para ser departamental da Paulista. Porém, no início de 1942, na bienal da Associação, foi eleito Departamental de Educação, de Jovens e de Temperança. Em 1943, foi ordenado a ocupar o cargo de pastor na Igreja central do IAE (atual UNASP-SP). Após sete anos, atuou como Presidente da Associação Paraná - Santa Catarina até 1951. No ano seguinte, foi chamado para ser Presidente da União Sul Brasileira (atual União Central e Sul Brasileira). Entre 1952 a 1962, atuou como secretário executivo da Missão Sul Americana. Foi o primeiro secretário Latino a assumir o cargo, até então, sempre ocupado por missionários americanos. Em 1970, ocupou a posição de Vice Presidente da Associação Geral até 1980, fazendo parte da 51ª Sessão da Associação Geral que ocorreu em Atlantic City, New Jersey (EUA). Também ali foi o primeiro Latino e o Primeiro de língua não inglesa a assumir este cargo. Jubilou-se em junho de 1980, sendo que ocupava a posição de Vice Presidente da Associação Geral em Dallas, Texas, EUA. Mesmo jubulado, continuou exercendo suas atividades pastorais. Faleceu no dia 4 de março de 2010 e foi velado na Igreja do UNASP-SP (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021h).

Nelson P. Nielsen (1871-1947) Missionário e administrador. Nasceu em 1871, na América do Norte. Trabalhou por muitos anos na América do Sul, primeiramente como presidente da União Sul brasileira, e, a seguir, como presidente da Divisão Sul-Americana (DSA), cargo que ocupou até 1941. Ao regressar à sua terra natal, assumiu a responsabilidade de cuidar de um grupo de igrejas na Califórnia, incluindo um grupo de irmãos portugueses. Apesar da idade, trabalhou com dedicação até a morte. Faleceu no dia 3 de novembro de 1947, vitimado por um ataque cardíaco (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021u).

Nilo Gomes (1912-2006) nasceu em Vitória do Santo Antão, Pernambuco, e ainda jovem tornou-se adventista passando a colportar. De acordo com Muniz (1981), em 1936 ele se estabeleceu em Campina Grande, contudo continuou trabalhando de colportor. Contudo, para Nascimento (2021) (ver APÊNDICE K), ele teria ido morar em Campina Grande próximo de 1947 porque foi nesse ano que ele começou a trabalhar como vidraceiro. Por volta de 1948, ele se tornou empresário e tinha um ponto comercial na rua João Pessoa, Campina Grande. Nilo Gomes é considerado um dos pioneiros do adventismo em Campina Grande e foi ele quem dou os vidros para a construção da Igreja de Campina Grande que foi inaugurada em 1969.

Ole Oppegard (1846–1934), pioneiro da Noruega, serviu na Argentina como evangelista da literatura e como o primeiro missionário adventista da América do Sul dedicado aos esforços médicos-missionários. Nascido em 31 de outubro de 1846, em Oslo, na Noruega, ele estudou em uma academia militar. Aos 25 anos, mudou-se para os Estados Unidos, onde encontrou e aceitou as doutrinas adventistas. Ele foi para Battle Creek, Michigan, onde se matriculou no Battle Creek College, além de ter aulas de enfermagem no sanatório de Battle Creek para se preparar para o trabalho médico-missionário. Chegando a Buenos Aires em 4 de setembro de 1895, trabalhou principalmente com ingleses e escandinavos, oferecendo tratamentos e massagens hidroterápicas, ensinando princípios de saúde e assando pão integral. Além disso, ele vendeu publicações adventistas sobre saúde e religião. Ele foi um membro fundador da igreja na cidade de Buenos Aires, bem como na Flórida, localizada na área suburbana da grande Buenos Aires. Durante algum tempo, os cultos da igreja ocorreram na sala principal de sua casa. Oppegard dedicou cerca de três décadas ao seu serviço missionário auto-suficiente, principalmente em Buenos Aires (DIONISIO, 2020a).

Orlando Gomes De Pinho (1905-????). Pastor, professor e escritor. Nasceu em 8 de maio de 1905, em Pelotas, RS. Filho de Alexandre Gomes de Pinho e Alcina de Oliveira Pinho. Em julho de 1937 formou-se em Técnico em Contabilidade, credenciado pela Superintendência de Ensino Comercial, do Ministério da Educação. Em 1938 concluiu o curso de Teologia pelo Colégio Adventista Brasileiro (CAB, atual UNASP-SP). Casou-se em 5 de março de 1941 com Irma Rheinländer de Pinho. Da união nasceram duas filhas: Marisa e Heloísa. De 1939 a 1940 lecionou Bíblia, Desenho e Ginástica no Ginásio Adventista de Taquara (GAT, atual IACS). No mesmo período, foi secretário e tesoureiro da instituição. Na Associação Paraná Santa Catarina, permaneceu de 1943 a 1945 como secretário e tesoureiro. Em seguida, foi presidente da Missão Nordeste, com sede em Recife, PE, até 1949. De 1952 a 1953 foi presidente da Associação Paraná Santa Catarina, com sede em Curitiba. De maio de 1950 a agosto de 1970 foi secretário e tesoureiro na Associação Paulista. Em seguida, prosseguiu como secretário na Associação até a jubilação em setembro de 1976. No período de 1960 a 1976, foi redator do jornal “Eco Paulista”, órgão da Associação Paulista. Escreveu os seguintes livros: “Nas Pegadas dos homens”, “Esta Hora Explosiva”, “Administração da Igreja”, “A Luz que Alumia”, “Folhas Consultivas”, “Orientação Pastoral”, “Manual para Anciões e Diáconos”, “Manual do Secretário da Igreja”, “Manual do Diretor de Grupo”, “Manual do Secretário de Grupo”, “Manual de Instruções sobre o Cadastro de Membros”, “Como Está o Rebanho que Te Foi Confiado?” e “Origem e Desenvolvimento da IASD” (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021m).

Oscar Martins Castellani (1898-1961). Pastor, capelão e administrador. Nasceu no dia 3 de setembro de 1898, em Araraquara, SP. Foi batizado em 1927 na cidade de Nova Odessa, SP, pelo Pr. José Amador dos Reis, seguindo para o CAB (atual UNASP-SP), a fim de preparar-se para ser um pastor. Casou-se com Cesarina Hansen e da união conjugal nasceram oito filhos. Graduou-se depois de três anos, e recebeu um chamado para o Nordeste, onde trabalhou como pastor e evangelista. Foi presidente da Missão Nordeste, com sede em Recife e no mesmo período foi pastor em Salvador, BA. Contribuiu para a fundação do Educandário Nordestino Adventista (ENA). Nesta época foi acometido de séria enfermidade. Foi transferido para a Associação Rio Minas como Departamental de Escola Sabatina e Ação Missionária. Devido ao seu estado de saúde ter-se agravado foi transferido para São Paulo estabelecendo-se em Nova Odessa. Exerceu posteriormente o cargo de gerente e capelão da Casa de Saúde Liberdade, atual Hospital Adventista de São Paulo (HASP) (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021n).

Owen Russell Loomis Crosier (1820-1912) foi um pregador milerita de Canandaigua, Nova York, que junto com Hiram Edson e F. B. Hahn estudaram uma explicação do que aconteceu em 22 de outubro de 1844 (dia do grande desapontamento) através da experiência de Edson no milharal. Ele publicou o resultado dos estudos no artigo *A lei de Moises* no periódico *Day Dawn* em 1846.

Paul Krämer (1853-1930) foi educador, químico e farmacêutico. Nasceu na Alemanha, e tornou-se um pastor batista e, ao emigrar para o Brasil, deixou o pastorado e estabeleceu uma farmácia em Curitiba. Entrou em contato com o pastor Huldreich F. Graf com quem desenvolveu fortes laços de amizade. Tornou-se adventista do sétimo dia e a partir de 1897 assumindo a direção do Colégio Internacional de Curitiba, onde também era professor juntamente com sua esposa. No início de 1898 escreveu para Hamburgo, Alemanha, solicitando aos adventistas de lá para enviar alguém com quem pudesse repartir as responsabilidades e o trabalho na escola. Para ajudá-lo, foi enviado Waldemar Ehlers. Com o crescimento do Colégio, a segunda casa alugada já não comportava mais o número de alunos. Paul Krämer decidiu então dar um passo maior, três anos depois alugou o Palacete Wolf, um dos prédios mais suntuosos da cidade, antiga sede do governo estadual, localizado na Praça do Rosário. Ele faleceu no dia 15 de novembro de 1930, aos 77 anos de idade, e foi sepultado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2020g).

Robert Hill Habenicht (1866–1925) foi um missionário norte-americano que trabalhou nos Estados Unidos e na América do Sul. Ele era um pastor, médico, administrador e pioneiro de instituições médicas adventistas (SCHOLTUS, 2020).

Rodolfo Belz (1898-1978). Pastor, administrador e escritor. Nasceu no dia 27 de julho de 1898, no distrito de Gaspar Alto, Brusque, SC. Filho de Gertrudes Waggoner e Francisco Belz. Iniciou em 1905 o curso primário na Escola Adventista do Brasil, em Gaspar Alto; porém, concluiu os estudos elementares quatro anos depois na Escola Pública São José, em Florianópolis, SC. Em 1911 foi batizado pelo Pr. Frederico Robert Kämpel em São José, Florianópolis. Logo cedo começou a trabalhar como alfaiate, sendo promovido no ano seguinte, em Brusque, a primeiro oficial de alfaiate. Em seguida, mudou-se para Rio Claro, onde terminou o Curso Ginásial. No dia 17 de dezembro de 1922, formou-se na primeira turma de teologia no Colégio Adventista Brasileiro (CAB), cujo lema era Rumo ao Mar, e também na Escola Superior de Filosofia em São Paulo. Casou-se no dia 10 de dezembro do mesmo ano, com Alice Chagas, cuja cerimônia foi realizada pelo Pr. A. B. Westcott. Da união nasceram quatro filhos: Cláudio, Fábio, Cleide e Otávio. Começou seu trabalho na organização adventista como evangelista em Ribeirão Preto e Pinhal, em São Paulo. Foi depois Pastor da Igreja de Vitória, ES, da IASD Central do Meier, RJ. Ingressando então no magistério, foi professor de História, Geografia, Inglês e Filosofia, no Colégio Adventista Brasileiro e preceptor (1929-1933). Evangelista da Associação Paulista; Evangelista da Associação Leste; Departamental dos Missionários Voluntários da Associação Paulista; primeiro presidente brasileiro da Associação Paulista (1936-1940); primeiro presidente brasileiro da União Sul-Brasileira da IASD (1940- 1952); Secretário de Campo da Divisão Sul-Americana da IASD para o Brasil (1953); Diretor Geral do Colégio Adventista Brasileiro (CAB), (1953-1957); Presidente da Associação Rio-Minas da IASD (1957 e 1958); primeiro presidente brasileiro da União Este-Brasileira da IASD (1958-1970) (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021t).

Ricardo José Wilfart (1878-1944). Pastor e evangelista pioneiro. Nasceu no dia 26 de junho de 1878 em Roubaix, França. Filho Henri Wilfart e Zenobie Dumoulin Wilfart, ambos de nacionalidade belga. Em 1888, emigraram para Rosário de Santa Fé, Argentina, onde ganharam um exemplar do Novo Testamento, em francês, de um jovem suíço. Dois anos mais tarde a família mudou-se para o Brasil, fixando residência em Dois Córregos, SP. Aos 13 anos, Wilfart achava que estava irremediavelmente perdido. Em 1901, aos 23 anos de idade, teve seu primeiro contato com a Igreja Presbiteriana, aderindo-se a ela por influência de um amigo em 1903. Ele

chegou ao cargo de presbítero. Casou-se com Jeredyl Batista de Carvalho no dia 29 de setembro do ano seguinte, e da união conjugal nasceram três filhas: Abigail Wilfart Lopes (esposa de Januário Lopes); Alice Wilfart Peixoto da Silva (Esposa do Pr. Domingos Peixoto da Silva), e Ady Wilfart Roloff (esposa de Werner H. R. Roloff). Sua esposa, lendo a Bíblia, encontrou a do guarda do Sábado e o batismo por imersão, vindo assim o casal a conhecer a IASD em junho de 1908, através de um membro da família Queiroz. Foi batizado em 22 de novembro do mesmo ano, pelo Pastor Emílio N. Hölzle, em Ibitinga, São Paulo. No ano seguinte, trabalhou como colporteur* vendendo os livros *Sucessos Preditos na História Mundial* de Guilherme Stein e *Vida de Jesus* de Ellen G. White, e a partir de junho, participou por seis meses do primeiro curso de colportagem do Brasil em São Bernardo, São Paulo. No final deste, recebeu um certificado de “Colporteur Adventista”, assinado por F. W. Spies e Augusto Pages. Nesta capacidade, foi para Niterói, Rio de Janeiro em fins de 1909 para atuar como colporteur e obreiro bíblico. Trabalhou como ministro licenciado de 1911 a 1913 e recebeu a ordenação ao ministério no dia 21 de janeiro do ano seguinte em Santo Amaro, São Paulo. O certificado foi assinalado pelos pastores F. W. Spies, J. W. Westphal e John Lipke. Trabalhou durante algum tempo na Missão Este-Brasileira, e em 1914 foi designado superintendente da Missão Nordeste, que, na época, compreendia os Estados da Bahia, Alagoas, Paraíba, Sergipe e Pernambuco, onde permaneceu até 1920. Morou em Jaboatão, Caruaru e Recife, até o início de 1920, sendo transferido para o Rio de Janeiro (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2020k).

Lionel Brooking (???? - ????) era enfermeiro adventista inglês, colporteur, professor, e um dos primeiros conversos e missionários na Argentina (DIONISIO, 2020b).

Samuel Sheffield Snow (1806-1890) cresceu em um lar ligado à igreja congregacional, mas quando adulto deixou de ser cristão. Isso viria a mudar com quando seu irmão lhe comprou um exemplar do livro de Miller e lhe entregou. Com a leitura do livro, ele voltou a ser cristão e se uniu ao movimento milerita. Após o *desapontamento da primavera*, Snow desenvolveu os estudos que fez surgir o *movimento do sétimo mês*. Com base nos estudos de Snow o retorno de Jesus foi marcado para 22 de outubro de 1844. Após o grande desapontamento, Snow ficou contra os adventistas de Albany que eram liderados por Himes e seguiu a linha considerada fanática por Knight (2015).

Saturnino Mendes De Oliveira (1890-1977). Colporteur pioneiro. Nasceu no dia 10 de maio de 1890 em Campestre - Santo Antônio da Patrulha, RS, filho de pais católicos. Em março de 1904, aos 14 anos de idade, foi batizado, juntamente com a família, na IASD de Campestre,

pelo Pr. Ernesto Schwantes. Com o crescimento da IASD de Campestre, o grupo dividiu-se dando origem assim a IASD de Rolante. Trabalhou como agricultor algum tempo até conseguir recursos para estudar no colégio adventista que havia sido aberto em Taquari, RS. Em 1910, a escola foi vendida e, nesse ano, Saturnino iniciou a colportagem em Porto Alegre com a idade de 17 anos, sendo transferido posteriormente para São Paulo onde se casou com Jerônima C. de Oliveira em 1916, e da união conjugal nasceram quatro filhos: Gideon (médico), Enoch (pastor), Ruth (contadora) e Rubem (professor). Dirigiu a obra de colportagem por 34 anos e durante esse período trabalhou em onze Estados do Brasil, visitou 830 cidades, sem contar os primeiros povoados, sítios e fazendas. Além de caminhar, utilizou todas as formas de transportes: cavalo, carroça, trem, automóvel e navio. Durante quarenta e dois anos trabalhou na Obra Adventista, trinta e quatro dos quais na liderança de Campos da União Este brasileira da IASD. Embora aposentado, continuou sua atividade por dez anos como colporteur ocasional em São Paulo. Faleceu no dia 18 de agosto de 1977, aos 87 anos de idade em São Paulo (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021f).

Severino Alves de Melo (????-????) ajudou o pastor Nigri a escapar da agressão. Ele se tornou membro da IASD através do seu batismo que ocorreu no dia 28 de junho de 1996 cerca de cinquenta e seis anos depois da agressão (NAGEL, 1996)

Severino Pereira (????-1968). Obreiro voluntário, pioneiro no Nordeste. Nasceu na Paraíba, tornou-se Adventista do Sétimo Dia não muito depois de a mensagem adventista penetrar no Nordeste Brasileiro. Trabalhou por conta própria, como obreiro voluntário. Foi para Goiás, onde se destacou como fiel pregador da mensagem adventista, formando grupos pelos mais recônditos lugares daquela Missão (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021i).

Severino Venâncio (???? - ????) era irmão de Euclides Venâncio, esposo de Severina Freitas da Silva, uma das entrevistas de Baixa Verde. Ele recebia os membros de Campina Grande que iam para Evangelizar (BARBOSA, 2009) e morava em frente ao templo de Baixa Verde (GARCIA, 1940).

Sindolfo Barbosa era casado com uma prima de Antônio Bezerra e foi a primeira pessoa que ele converteu em Serra das Laranjeiras (VIANA, R. 2019). Quando era criança perdeu o pai que foi assassinado na frente de casa por cangaceiros. Tornou-se fazendeiro e, com o dinheiro adquirido da negociação com gado, custeou os estudos de várias pessoas na Serra das

Laranjeiras e em Baixa Verde onde ele também ajudou a fundar a Igrejas Adventista (ANDRADE, 1995).

Sylvester Bliss (1814-1863) era ministro milerita e editor do *Advent Shield* junto com Himes e Apollos Hale. Ele aderiu ao movimento do sétimo mês e após o *grande desapontamento* ficou do lado dos adventistas de Albany.

Theóphilo Berger (1900-1939). Pastor pioneiro e colportor-evangelista. Ingressou na colportagem aos 17 anos de idade, trabalhando com êxito entre 1917 a 1919, em Santa Catarina, seu Estado natal. Estudou no CAB (atual UNASP-SP), em São Paulo no período de 1920 a 1924. Casou-se no dia 17 de dezembro de 1924 com Edith Schwantes e da união conjugal nasceram quatro filhos: Eunice Michiles, Milton, Delvi e Edgar Berger. Neste ínterim, dedicou-se novamente à colportagem e, sendo um exímio vendedor, conquistou todos os recordes de vendas. Voltando a estudar no CAB em 1927, diplomou-se três anos depois, em uma turma de dez formandos, que tinham como lema de formatura “À Cruz e à Obra”. Após a conclusão de seus estudos, entrou para a obra evangélica na Missão Nordeste, em Pernambuco. Trabalhou no Sul da Bahia de 1933 a 1939, onde houve grande desenvolvimento da Obra ASD. Atuou como pioneiro em várias cidades e lugarejos, fundando muitas congregações. Faleceu no dia 7 de setembro de 1939, aos 39 anos de idade, no Estado da Bahia em consequência da febre tifoide e complicação cardíaca (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021g).

Thomas Motherwell Preble (1810–1907) foi pastor batista e pregador milerita. No início de 1845, ele fez uma publicação defendendo a guarda do sábado. Alguns anos depois, ele abandonou a guarda do sábado (KNIGHT, 2015).

Tiago White (1821-1881) era membro da Conexão Cristã e foi professor, pregador milerita, um dos fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia, presidente da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia nos anos de 1865-1867, 1869-1871 e 1874-1880 e editor da *Review and Herald*, *Signs of the Times*, *The Youth's Instructor*, *Present Truth* e *Health Reformer*. Tiago era de família humilde e quando criança não conseguia ler devido a um problema na visão que só melhorou na adolescência. Chegou a ser professor, mas abandonou a profissão para ser pregador milerita em 1842. Segundo Collins (2007), em algum momento entre 1844 e 1845, Tiago conheceu e começou a acompanhar Ellen Gould Harmon que estava fazendo visitas a

grupos adventistas para falar sobre suas visões. Em 1846, os dois se casam e Ellen recebe o sobrenome White.

Walter Streithorst (1919 -????) foi pastor e administrador. Nasceu em 1919 no Rio Grande do Sul. Introduziu seus estudos em Teologia na Alemanha e concluiu o curso em 1940 no CAB, atual UNASP-SP. No ano seguinte, durante dois meses trabalhou na Missão Rio-Minas, como auxiliar de colportores estudantes. Serviu ao Exército durante um ano. Em seguida, recebeu chamado para assumir o distrito de Belém do Pará. Permaneceu ali por três meses como obreiro bíblico. No dia 2 de março de 1942 casou-se com Olga Storch Streithorst e da união matrimonial nasceram dois filhos: Walter e Sônia. Três dias após seu casamento, viajou para São Luís do Maranhão, como Obreiro Bíblico. Seis meses depois, assumiu o pastorado do Estado do Piauí e Maranhão. Depois de cerca de dois anos de trabalho em São Luís, foi transferido para Belém, PA. Seis meses mais tarde foi nomeado Presidente da Missão Central-Amazonas, com sede em Manaus. Era o final de 1944 De 1955 a 1968 foi presidente da União Norte Brasileira, que compreendia os Estados do Amazonas, Pará, Acre, Roraima, Maranhão, Piauí e Ceará. Neste período, estabeleceu o Instituto Adventista Grão-Pará, em Belém e o Instituto Adventista Agroindustrial do Amazonas, colégio em regime de internato, distante 80 km de Manaus. Além disso, fez um convênio com o Estado do Pará, e com o Governo Federal, para a Obra Adventista assumir o comando de uma frota de 23 Ambulâncias-Clínicas Móveis. A prestação de serviços se estendeu por dez anos pela Transamazônica, Maranhão, Ceará, Pará, Bahia e Pernambuco. Entre outros trabalhos, foi inaugurado em 1953 o Hospital Belém. Após 27 anos de trabalho na Amazônia, foi chamado para dirigir a União Este Brasileira, com sede no Rio de Janeiro, onde permaneceu de 1969 a 1972 (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2021s).

William Ambrose Spicer (1865 - 1952) foi evangelista, missionário, editor da IASD. Também atuou como secretário (1903-1922) e Presidente (1922 – 1930) da Associação Geral.

William Ellis Foy (1818-1893) era de família batista, mas em 1835 tornou-se membro da Igreja Episcopal. Em 1842 ele estava se preparando para ser ministro episcopal e teria recebido visões, mas por ser negro teve, inicialmente, receio de pregá-las. Mesmo assim, ele as divulgou.

Willian Henry Thurston (1855-1924) trabalhou como missionário e administrador. Era americano e em 1894 veio ao Brasil como missionário voluntário para criar um depósito de literatura adventista para os colportores. Em 1901, ele retornou ao seu país e trabalhou em diversas Associações adventistas até a sua morte.

Zacarias Martins Rodrigues (1890-1972) era Evangelista. Nasceu no dia 5 de novembro de 1890, na cidade de Santo Antônio de Jesus, BA, na fazenda dos pais, Maria da Conceição e Constantino Bento Rodrigues. Ali passou a infância e iniciou os estudos. Quando tinha idade suficiente, foi enviado para a cidade de Salvador, BA, onde fez o curso secundário e se converteu ao adventismo, contrariando a vontade da família, tradicionalmente católica. Foi expulso de casa, passando a viver de vendas e serviços temporários. Quando mais tarde foi aberto o testamento do pai, renunciou por escrito à sua parte da herança, deixando-a para seus irmãos, uma vez que longe da fazenda e da família, em nada contribuiu para o desenvolvimento da propriedade. Foi convidado a trabalhar na obra adventista por volta de 1910. Numa de suas primeiras viagens como obreiro e colportor, visitou a cidade de Vitória de Santo Antônio, PE. Ali conheceu o Coronel Antônio Cavalcanti de Melo e a esposa, Joana Pessoa Cavalcanti de Melo, proprietários dos Engenhos: Lameiro e Jundiá. Convidado a hospedar-se no Engenho Lameiro, iniciou ali uma série de estudos bíblicos, que resultou na conversão de toda a família e de outros moradores daquela localidade. Casou-se no dia 11 de junho de 1911 com Joana Pessoa Rodrigues, filha mais nova do coronel, e de sua união conjugal nasceram nove filhos, sendo que dois faleceram em tenra idade. São eles: Nael, cardiologista no Rio de Janeiro; Vasti, viúva do Pr. Jeremias Oliveria; Lóide, casada com o Dr. Waldeyer Arouca; Cássia, esposa do Dr. Dalmo Lascas; Naara, casada com o Dr. Jetro de Carvalho; Noáide, esposa do Dr. José de Souza Brandão; e Thermutis, casada com o Dr. Jader F. Carvalho. Transferido para a Bahia, ficou responsável pelas Igrejas Adventista do Sétimo Dia da capital, em acréscimo ao seu cargo de Agente Geral da colportagem. Em 1914, tornou-se diretor de colportagem. Em 1915 foi chamado para a cidade de São Paulo, a fim de trabalhar como conferencista. Era conhecido como “Língua de Prata”, dada a facilidade de transmitir a mensagem bíblica. Participou da primeira série de conferências públicas em São Paulo, sob a liderança do Pr. John Lipke. Conduziu à mensagem adventista Manuel Margarido e sua esposa Dona Estefânis (CARVALHO, 2020).



Casa de Luiz Pereira. Fonte: Acervo particular do autor.



Açude da Fazenda de Luiz Pereira. Acervo Particular do autor.

ANEXO B – Histórico da IASD no Distrito de Campina Grande de Rosival Muniz, 1981

1
DEPOIS
OPOSTO
GRANDE

HISTÓRICO DA IASD NO DISTRITO
DE CAMPINA GRANDE

13/05/1935 - De CAMPINA-PE VEM PARA NOSSA CIDADE UM JOVEM SONHADOR E REALISTA, A PROCURA DE MELHORES DIAS. DESEJA PASSAR APENAS ALGUNS MESES NA TERRA, NO ENTANTO, ELE NÃO CONTAVA SER FASCINADO PELA BELEZA DA REGIÃO E O ESPÍRITO DE LUTA DO POVO CAMPINENSE.

ERA INICIANTE EM ALFAIATARIA. TRABALHA PRIMEIRO COM ALGUNS ALFAIATES DE RENOME NA ÉPOCA, PARA POUCO DEPOIS INSTALAR SUA PRÓPRIA LOJA.

POR SEU ESPÍRITO ALTRUISTA JÁ FALIU DUAS VEZES. MAS, COM A AJUDA DE DEUS E SUA VONTADE INDOMITA DE LUTAR E VENCER SAIU-SE DAS BATALHAS COMO UM VENCEDOR.

AQUI ESTÁ ELE, APÓS 51 ANOS, GRAÇAS A DEUS, ENTRE NÓS: FAUSTO LUIS DE MOURA, O NOSSO QUERIDO FAUSTO ALFAIATE - QUE É O PRIMEIRO ADVENTISTA EM NOSSA CIDADE.

2/

(2)

LENTAMENTE VAI AUMENTANDO O NÚMERO DE ADVENTISTAS, ORA VINDOS DE OUTROS ESTADOS, ORA SENDO BATIZADOS EM NOSSA CIDADE:

NILÓ GOMES - em 1936 - veio de Vitória de Santo Antão - PE. Já com 5 anos de Adventismo. Foi colportor da página impressa por 16 anos. Em 1947 - estabelece-se no ramo de vidros.

Em 1936 - chegam José Moura (irmão de Fausto) e o missionário russo Jacob Kroeger com as famílias.

Assim, formam o 1º grupo Adventista em nossa cidade, com as reuniões sendo realizadas na casa do Pr. Jacob. A rua do Progresso, onde atualmente fica o prédio da TELPA. (Fausto, Valdevina Alves de Menezes, Jacob, Nilo, Maria Kroeger, Jaciana e Elizabeth Kroeger, Dmitriels)

Em 1938 - O grupo é aumentado com a chegada de Aurelina e João Aveino e famílias. Sendo alugada uma residência à Rua Major Belmiro para as reuniões, logo após compram o prédio.

O 1º pastor residente em nossa cidade foi Israel Zorub, não sabemos o ano de sua chegada.

Em 1943 - a irmã Irene de Brito Lira e família tornam-se Adventistas.

Em 1945 - era inaugurado o IRAN - Instituto Rural Adventista do Nordeste, o atual ENA - Educandário Nordestino Adventista.

Dentre os que formavam a primeira turma se encontravam dois de nossos jovens: João Batista de Brito Lira e Maria José Pereira de Melo, ^{esta} com 14 anos. ~~Dois anos após~~ ^{Dois anos após} ~~no ano seguinte~~ foi a vez da jovem Raquel de Brito Lira ir para o IRAN.

2
CONSUNTO

(3)

COM O PASSAR DO TEMPO NOSSA IGREJA DA MAJOR BELMIRO FOI CRESCENDO COM A CHEGADA DE NOVOS IRMÃOS ATRAVÉS DO BATISMO OU VINDO DE OUTRAS CIDADES, DENTRE ELES: HERMENEGILDO JORDÃO - MARGARIDA - IRENE SANTOS - NININHA - IRIS GONÇALVES - OLIVEIRA - JOSÉ BARBOSA - PEDRO - WILLIAM MELO - IRMÃO LÔ - EUSEZER MOURA - ELIEL MOURA - JOSÉ FERREIRA - THARSÍLIA CALDAS - AURVAL FERREIRA - ANTONIO FIGUEIREDO - JOSÉ DOMINGOS E MUITOS OUTROS. VIVALDO ALEXANDRE - ~~SEVERINO~~ SEVERINO - ZIVA - JOSE T.B. LIRA - EDUIN MELO

EM 1958 - ERA PASTOR - JOÃO IZÍDIO.

A ESCOLA SABATINA POSSUIA 30 MEMBROS.

NESTE ANO FOI BATIZADO O IRMÃO WILLIAM MELO - QUE TORNOU-SE PELA GRAÇA DE DEUS UM PIONEIRO FUNDADOR DO GRUPO DO CARIRI DO RIBEIRA - EM 1966 - E DA IGREJA DE BOQUEIRÃO - 1970. ATUALMENTE É 1º ANEÃO ORDENADO DO ~~GRUPO~~ GRUPO DE SÃO JOSÉ DA MATA, NÃO SABENDO QUANTAS ALMAS LEVOU AO BATISMO, POIS SOMAM-SE A DEZENAS.

EM 1960 - CHEGA À NOSSA CIDADE A MISSIONÁRIA ALAGOANA, A NOSSA QUERIDA IRMÃ THARSÍLIA CALDAS. TORNOU-SE PIONEIRA FUNDADORA DAS IGREJAS DE BOQUEIRÃO - 1970 E SÃO JOSÉ DA MATA - 1980. SEU LEMA É: IMUNIR CONSUMINDO. TAMBÉM PERDEU AS CONTAS DAS ALMAS QUE LEVOU AOS PÉS DE JESUS. SOMANDO-SE A DEZENAS, PELA GRAÇA DE DEUS.

EM 1960 - INICIA A GESTÃO DO PR. ^{SEVERINO} ~~JOSE~~ TAVARES LIRA. JUNTO COM OS IRMÃOS ADQUIRIEM O TERRENO ONDE ESTÁ CONSTRUÍDA A ATUAL IGREJA CENTRAL. É ELE ~~QUE~~, QUE REALIZA A 1ª SÉRIE DE CONFERÊNCIA, NESTA CIDADE, NO AUDITÓRIO DO SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO, A RUA CARDOSO VIEIRA.

É AINDA QUEM LANÇA A PEDRA FUNDA-
MENTAL, QUE LOCALIZA-SE BEM NO CENTRO DE NOSSA
IGREJA. DENTRO DELA FOI COLOCADA UM EXEMPLAR
DA SAGRADAS ESCRITURAS.

EM 1964 - NA GESTÃO DO PR. ACCIDES
CARRO RODRIGUES CRUZ - É LEVANTADA TODA ESTRU-
TURA DESTA PRÉDIO. O PR. ACCIDES R. CRUZ
JUNTOU-SE A TODOS OS IRMÃOS EM REGIME DE
MUTIRÃO, PARA CONSTRUIR PARA DEUS, ESTE TEMPLO.

PARA AJUDAR NA CONSTRUÇÃO, VEIO DA
UNIÃO ESTE BRASILEIRA, NO RIO DE JANEIRO, UM
PASTOR ALEMÃO, FAMOSO POR SER CAMPEÃO EM
REBOCA.

DO ENTÃO PREFEITO SEVERINO CABRAL
CONSEGUE CONCRETO E AREIA. DO COMÉRCIO LOCAL
CONSEGUE FERRO E MUITAS OUTRAS DOAÇÕES.

NESTE MEIO TEMPO É VENDIDO O PRÉDIO
DA RUA MAIOR BELMIRO POR CR\$ 5.000,00.

NESTE ANO DE 1964 - O IRMÃO JOÃO
BATISTA DE BRITO LIRA - JUNTA-SE AO PEQUENO
GRUPO QUE SOMAVAM UNS CEUS MEMBROS, NA CONS-
TRUÇÃO DESTA IGREJA CENTRAL.

ELÉ VENDE UMA LANCHAS E UMA CASA
DE VERANEIO E DOA TODA A QUANTIA À IGREJA.

AINDA FAZ A DOAÇÃO DA MESA DE ESCOLA
SABATINA E DO PÚLPITO COM AS CADEIRAS, DAS
BANDEJAS PARA O PÃO E O VINHO DA SANTA CEIA
E UM RELOGIO DE PAREDE.

É ATRAVÉS DO IRMÃO JOÃO BATISTA QUE
SEU TIO JOSÉ DE BRITO LIRA - JÁ IDOSO ACEITA
A MENSAGEM ADVENTISTA.

O IRMÃO JOSÉ DE BRITO LIRA DOA OS
MOSAIÇOS PARA FORMAR TODO O ATUAL PISO DA
IGREJA, ALÉM DE OUTRAS DOAÇÕES EM DINHEIRO.

O IRMÃO NILDO GOMES - DOOU TODOS OS
VÍDROS PARA AS PORTAS E JANELAS

O IRMÃO JOSÉ BARBOSA - NADA POSSUINDO
DOU O QUE DE MELHOR TINHA MATERIALMENTE -
SUA ALIANÇA.

O GESTO DO IRMÃO JOSÉ BARBOSA ~~RE~~
REFLETE MUITO BEM O ESPÍRITO DE ABNEGAÇÃO,
CARINHO E TRABALHO DE TODOS OS NOSSOS
IRMÃOS PIONEIROS NA CONSTRUÇÃO DESTA
TEMPLO - OS QUE NÃO POSSUÍAM NADA,
DAVAM O QUE TINHAM DE MELHOR.

EM 06 DE JANEIRO DE 1969 - ÀS 20:00h
NA GESTÃO DO PR. IRAJÁ DA COSTA E SILVA E
DEDICADA E CONSAGRADA, PARA A GLÓRIA E
LOUVOR AO NOSSO DEUS, ESTE BELO TEMPLO.

SENDO QUE OLHAR PARA ELE É
CONTEMPLAR O SUOR, AS LÁGRIMAS E O
SANGUE E AS ORAÇÕES DE TODOS OS NOSSOS
QUERIDOS PIONEIROS, QUE SONHARAM EM
DEIXAR PARA NÓS, SEUS FILHOS ESPIRITUAIS,
UM LUGAR DE CONFORTO ONDE PUDÉSSEMOS
COMUNGAR COM O REI DO UNIVERSO - NOSSO
SALVADOR - JESUS CRISTO.

ESTA IGREJA - SONHO ^{E REALIDADE} DOS PIONEIROS -
TEM CONTRIBUÍDO ATRAVÉS DOS ANOS COM
JOVENS BEM PREPARADOS PARA A PREGAÇÃO
DAS MENSAGENS DO ADVENTO, QUER EM
NOSSA CIDADE - REGIÃO OU EM TODO O PAÍS.

DENTRE ELES CONTAM-SE: PASTORES,
PROFESSORES - ENFERMEIRAS - MÉDICOS - ENGENHEIROS -
MATEMÁTICOS - ASSISTENTES SOCIAIS - BIOLÓGICOS -
ECONOMISTAS - POETAS - SOCIÓLOGOS - CONTABIL-
LISTAS - ARQUITETOS - ADVOGADOS - ESCRITORES - MÚSICOS
ETC. - ETC.

16

QUE SOUHAM-SE ÀS DEZENAS; SEM
TAMBÉM ESQUECER DO NOSSO BATALHÃO,
VERDADEIRA LINHA DE FRENTE DO EVANGÉ-
LISMO, NOSSOS BRAVOS CORPORTORES, QUE
DAQUI SMIRAM.

AOS NOSSOS QUERIDOS PIONEIROS NOSSOS
MAIS SINCEROS AGRADECIMENTOS

A DEUS ~~PORTANTO~~, DEDICAMOS TODA
HONRA E A NOSSA GRATIDÃO.

R

PERTENCE A ROSIVAL MUNIZ

FONE: 322-1693

Boqueirão

Em 1952 - Irmã MIGUELINA CUSTÓDIO
É BATIZADA. TORNA-SE A 1ª ADVENTISTA DA
CIDADE DE BOQUEIRÃO.

Em 1969 - É BATIZADO O IRMÃO NOMERIANO
GUSMÃO. Foi o Irmão JOSÉ AGUSTINHO QUEM
PRIMEIRO FAZOU DO EVANGELHO PARA ELE. A
IRMÃ THARSÍLIA CALDAS O PREPARA PARA O
BATISMO, QUE SE REALIZA EM JULHO DE 69,
NA IGREJA DE CAMPINA GRANDE. *

O IRMÃO NOMERIANO GUSMÃO ENTRA EM
CONTATO COM A IRMÃ MIGUELINA CUSTÓDIO.
E NO LAR DESTA ~~COM~~ REUNEM-SE UMA VEZ
POR SEMANA, DURANTE SETE SEMANAS.

OS IRMÃOS DE CAMPINA GRANDE VÊM
AJUDÁ-LOS, ENTRE ELES: ~~THARSÍLIA~~ THARSÍLIA CALDAS -
IRMÃO LÔ - WILLIAM MELO - RODRIGUES E ROSIVAL
MUNIZ - JOSÉ FERREIRA (FALECIDO) - ANTONIO BEZERRA
(FALECIDO) - ANTONIO SOARES (DO ZUMBI) - JORVAL
FERREIRA ETC. ETC.

Em 1970 - NO MÊS DE NOVEMBRO
DERAM INÍCIO À ESCOLA SABATINA. E A IRMÃ
THARSÍLIA E ANTONIO SOARES PROMOVERAM ESTUDOS
PREPARATÓRIOS PARA O BATISMO QUE SE REALI-
ZOU NO DIA 15 DE MAIO DE 1971.

SURTIU O GRUPO ADVENTISTA DE BOQUEI-
RÃO E O IRMÃO NOMERIANO GUSMÃO FOI ELEITO
COMO DIRETOR DO GRUPO E A IRMÃ IVONETE
COMO DIRETORA DA ESCOLA SABATINA.

A IRMÃ IVONETE FOI A PRIMEIRA
PESSOA QUE O IRMÃO NOMERIANO TROUXE PARA
A IGREJA.

HOJE, TEMOS DUAS IGREJAS NA
CIDADE DE BOQUEIRÃO COM APROXIMADAMENTE
CEM MEMBROS. O IRMÃO NOMERIANO GUSMÃO
É O 1º ANCIÃO.

Em 1965-66 - ATRAVÉS DE VISITAS
DOS IRMÃOS WILLIAM MELO - VIVALDO ALEXANDRE-
LÔ - JOSÉ FERREIRA - OLIVEIRA - E OUTROS ~~HERAL~~
VEIO A EXISTIR O GRUPO DE CARIRI
DO RIBEIRA.

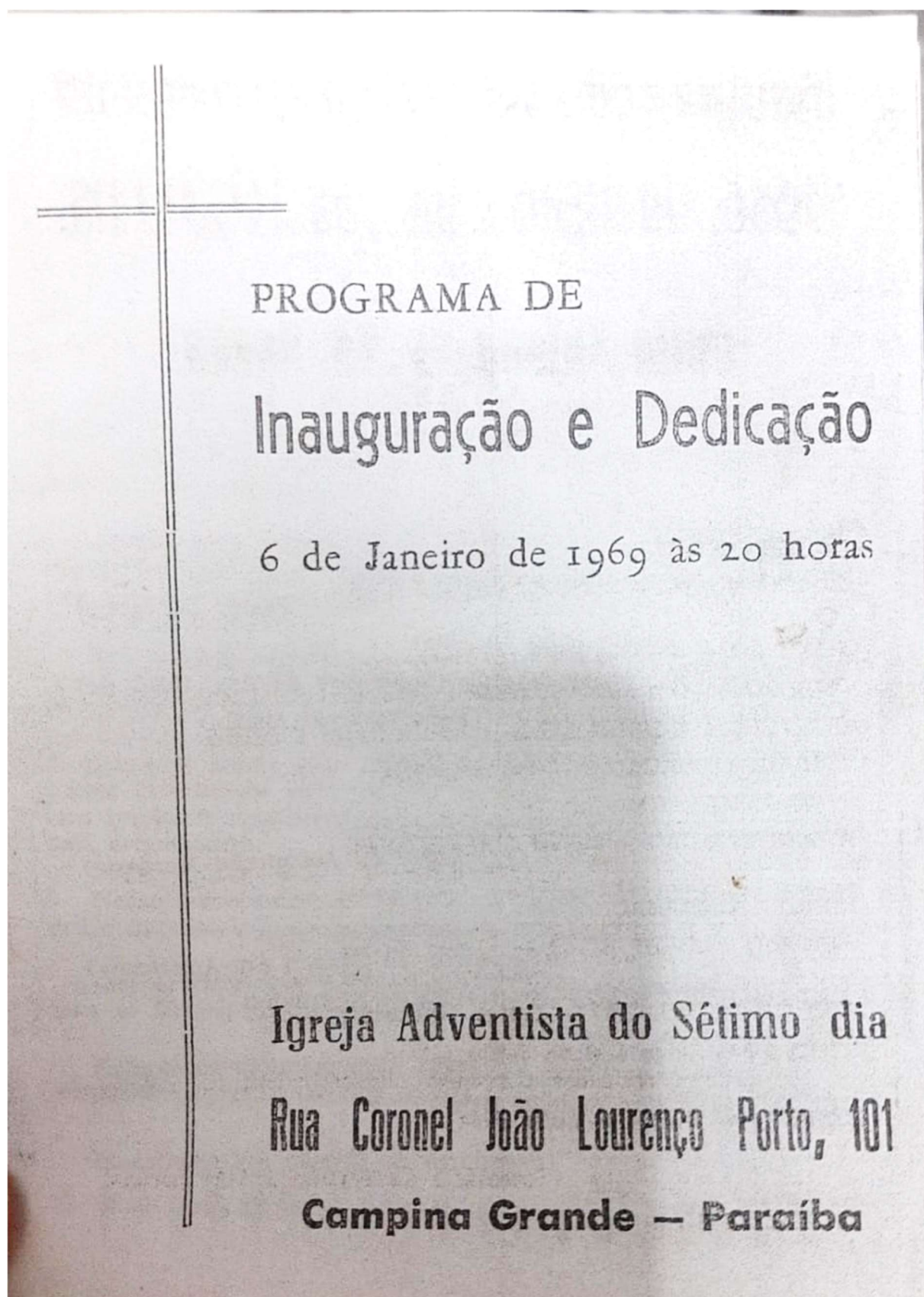
Em ~~1976~~ ¹⁹⁷⁶ A IRMÃ THARSÍLIA CALDAS
DÁ ESTUDOS PARA FAMÍLIAS EM CAMPO DE
ANGOLA - SÃO JOSÉ DA MATA. NO ANO DE 1981
INICIA-SE ESTE GRUPO, TENDO O APOIO DE
JOSÉ FERREIRA - NILDO GOMES - BEATRIZ - JOSÉ ^(FALSO NOME)
FERREIRA - JOSÉ MUNIZ - E OUTROS. HOJE,
CONTA COM 70 MEMBROS E UMA BONITA
IGREJA CONSTRUÍDA.

Em 1976 - ~~uma~~ RESULTADO D'UMA
CONFERÊNCIA EM UM CINEMA, NA CIDADE
DE QUEIMADAS, PELO PR. NESON SANTOS,
INICIA-SE AÍ UM GRUPO. AS IGREJAS DO
ZUMBI E CAMPINA GRANDE APOIAM O PASTOR
NESTA INVESTIDA MISSIONÁRIA. TENDO AS
IRMÃS ELIANE E JAMARIS MELO E O IRMÃO
ANTÔNIO SOARES DADO UMIS DE SI.

HOJE, EM QUEIMADAS HÁ DOIS
GRUPOS COM _____ MEMBROS.

Em 1978 - A IRMÃ REGINA AÍCE
DAMASO DE ARAÚJO ¹⁹⁷⁹ DÁ ESTUDOS BÍBLICOS A
UM GRUPO DE PESSOAS NO BAIRRO DO CRUZGIRÓ
EM CAMPINA GRANDE. EM 1980 - ALGUNS JOVENS
~~em~~ APOIADOS PELO IRMÃO OLIVEIRA - GERSON
E O PR. ZIRNALDO TRANSFORMAM UMA RESI-
DÊNCIA DA IGREJA EM UM TEMPLO, ONDE
~~em~~ OS ALUNOS DA IRMÃ REGINA AÍCE PASSAM
A SE REUNIR, E TRANSFORMA-SE EM IGREJA.
HOJE, COM _____ MEMBROS.

ANEXO C – Programa de Inauguração e dedicação da Igreja Adventista de Campina Grande



Inauguração da Escola Adventista "José de Brito Lira", às 19,30 hs.

Culto Solene às 20 horas

PROCESSIONAL

BOAS VINDAS — Irajá da Costa e Silva

(Pastor da Igreja)

HINO 444 — Vivaldo Silva (Ancião)

ORAÇÃO — Wanderley Macedo (Tesoureiro da Ass. Nordeste)

CONVITE À LIBERDADE — Irineu Tavares (Ancião)

MÚSICA ESPECIAL — Coral da Igreja

TRIO FEMININO

APRESENTAÇÃO — Pastor Altino Martins

(Presidente da Associação Nordeste)

MÚSICA ESPECIAL

SERMO E DEDICAÇÃO — Pastor Moisés Nigri

(Secretário da Divisão Sul-Americana)

ATO DE DEDICAÇÃO — Pastor Walter Streithorst

HINO 545 — João Batista Bryto Lira

(Presidente Comissão Administrativa da Igreja)

BÊNÇÃO — Pastor Rodolfo Belz

(Secretário da Divisão Sul-Americana)

RECESSIONAL



Agradecimentos

Acima de tudo e de todos agradecemos ao Todo Poderoso Senhor Deus, a quem este tempo pertence, por nos ter chamado a sermos Seus filhos e cujo espírito de amor e misericórdia inspirou esta construção.

Agradecemos a todos os que aqui trabalharam, aos que liberalmente deram suas contribuições, e a todos os que colaboraram direta e indiretamente.

Em especial registramos aqui nosso preito de gratidão ao irmão José de Brito Lira, cuja liberalidade e dedicação, emanadas do seu leito de dor, tornou possível a formação deste monumento erigido à Causa da Verdade. Do mesmo modo nos dirigimos ao irmão João Batista de Brito Lira, pelos seus esforços incansáveis, pelo espírito abnegado que continuamente tem revelado, constituindo-se o responsável por esta sagrada e bela arquitetura.

Nosso reconhecimento também ao Pastor Alcides Cruz, que deu o impulso inicial nos trabalhos da construção.

Que a Eternidade possa encontrar nossa igreja unida como uma só família em Cristo Jesus.

Este os agradecimentos e anelos do Pastor da Igreja e da Administração da Associação Nordeste da Igreja Adventista.



Ato de Dedicção

Pastor:

Para glória de Deus, nosso
Pai, por cujo favor edificamos
esta casa;

Para honra de Jesus, o Filho
de Deus vivo, o nosso Senhor e
Salvador;

Para louvor do Espírito San-
to, fonte de luz e vida;

Congregação:

Dedicamos esta casa ó Deus,
a Ti.

Pastor:

Para o culto, pela oração e o
canto,

Para o ministério da Palavra,
Para celebração dos santos
ritos;

Congregação:

Dedicamos esta casa.

Pastor:..

Para consôlo dos que choram,
Para fortaleza dos que são
tentados,

Para ajudar na reta maneira
da vida;

Congregação:

Dedicamos esta casa

Congregação:

Nós os componentes desta igreja e congregação, de novo nos con-
sagramos ao Senhor, e dedicamos todo este edificio à causa e ao
serviço de Deus.

Pastor:

Para santificação da família
Para direção das crianças,
Para salvação dos homens;

Congregação:

Dedicamos esta casa.

Pastor:

Para defesa da liberdade,
Para formação da consciência
Para luta contra o mal.

Congregação:

Dedicamos esta casa.

Pastor:

Para auxílio dos necessitados
Para socorro dos aflitos,
Para monumento ao sábado
de Jeová.

Para apressar a vinda de
Cristo.

Congregação:

Dedicamos esta casa.

Pastor:

Como um tributo de gratidão
e amor,

uma oferenda de boa vontade,
de engrandecimento e louvor,
dos que temos provado a taça
da Tua Salvação e experimen-
tado as riquezas de sua graça.

ANEXO D - Publicações da família Passos no jornal A União

VIDA RELIGIOSA

**CONFERENCIAS ADVENTISTAS
NA SÉDE DA "UNIÃO OPERARIA
BENEFICENTE"**

Continuam animadas as conferencias evangelicas no salão da "União Operaria Beneficente", á rua Indio Pyragibe, 74.

Perante numeroso auditorio, os srs. José R. dos Passos e Cleobulo Carvalho, têm apreciado em traços vivos, que assim como ruíram os imperios

de Babylonia, Meda, Persia, Grecia e Roma, tombará também, segundo o plano divino, a civilização actual, para ceder lugar ao eterno reino de Christo, representado por aquella pedra do capitulo II do livro de Daniel, que esmagou a estatua metallica.

Afirmaram ainda os conferencistas, que a segunda vinda de Christo é o unico remedio para os males deste mundo enfermo do peccado. Ella tem sido a esperança e o consolo do christão de todos os tempos. Signaes na propria natureza, os terremotos que se tem multiplicado tão rapidamente, fomes e pestilencias em toda a parte, a decadencia moral, tudo isto apontado pelos prophetas antigos e pelo proprio Christo, como evidencias de sua segunda vinda.

Para esta semana está annuciado o seguinte programma:

Hoje — Um seculo notavel no dominio da sciencia.

Terça, 25 — A pomba da Paz e as nuvens de guerra.

Quinta, 27 — A lucta entre o capital e o trabalho.

Sexta, 28 — A prevenção das doenças.

A palestra sobre saúde será feita por uma enfermeira obstetrica diplomada pela Faculdade de Medicina da Bahia.

As conferencias terão lugar ás 19 1/2 horas e serão illustradas com projecções luminosas.

H I A

R U Z

23 de maio de 1937. Fonte, Passos J. (1937b)

CONFERENCIAS EVANGELICAS ADVENTISTAS

No decorrer da semana p. passada, os srs. José R. Passos e Cleobulo Carvalho disseram, mais uma vez, pelas prophcias biblicas, que nos achamos na encruzilhada da civilização — no fim de uma era e no limiar de outra. Disseram ainda que a fallencia da Liga das Nações, os rumores de guerra, os triumphos mechanicos do homem moderno e seus fracassos moraes e espirituaes estavam preditos como signaes infalliveis do fim do mundo e da volta de N. S. Jesus Christo.

Ante-hontem a enfermeira obstetrica sra. Adelina Beimcasa dos Passos, discorreu sobre "A Prevenção das Doenças".

Essas conferencias são illustradas com projecções luminosas e deleitadas com lindas peças ao piano executadas pela sra. Yolanda Carvalho, professora de musica.

O programma desta semana é o seguinte:

Hoje, "A Suprema Regra de Fé á Prova da Archeologia"; ;

Terça, 1 de junho, "O Mandamento da Virgem Maria";

Quinta, 3, "A Verdade Presente á Geração Actual";

Sexta-feira, 4, "Noções de Hydrotherapia" (A cura pela agua);;

Essas conferencias realizam-se-ão, á rua Indio Piragibe, 74, na sede da "União Operaria Beneficente", sendo a entrada franca.

30 de maio de 1937. Fonte, Passos J.

(1937c)

VIDA RELIGIOSA

CONFERENCIAS RELIGIOSAS

Como temos noticiado, vem-se realizando, na sede da "União Operaria Beneficente", á rua Indio Piragibe, nesta capital, uma série de conferencias sob themas variados, as quaes têm tido a assistencia de numerosas pessoas.

Essas palestras continuarão hoje e por toda a semana entrante, devendo os conferencistas dissertarem a proposito dos seguintes themas:

Domingo, 6 :

A Supremacia do Amor — A nossa unica esperança.

Terça, 8:

Que pensaes vós de Christo ?

Quinta, 10:

Que farei de Jesus ?

Sexta, 11 :

O quarto e o cuidado do Doente.

As conferencias terão inicio ás 19 horas, sendo a entrada franqueada ao publico.

6 de junho 1937. Fonte, Passos J. (1937d)

VIDA RELIGIOSA

CONFERENCIAS EVANGELICAS

ADVENTISTAS: — Continuam ainda as conferencias evangelicas adventistas no salão da "U. O. Beneficente", á rua Indio Piragibe, 74, proximo ao Pavilhão do Chá.

Na semana p. passada os srs. conferencistas affirmaram que as esperanças humanas tem fracassado e que o mundo marcha vertiginosamente para a solenne hora do juizo, quando será decidida a sorte de cada um. Para essa hora devemos nos preparar, procurando moldar a nossa vida pela grande norma do juizo que é a sacrosanta Lei de Deus — o Decalogo.

O programma desta semana é o que segue abaixo:

Hoje — Que dia da semana Deus manda santificar? sabado ou domingo?

Terça-feira, 22 — O sabado do Novo Testamento.

Quinta-feira, 24 — Quem deu origem á observancia do domingo?

Sexta-feira 25 — Puericultura.

Essas conferencias serão illustradas com lindas projecções luminosas e terão logar ás 19,30 horas.

20 de junho 1937. Fonte, Passos J. (1937e)

VIDA RELIGIOSA

CONFERENCIAS PUBLICAS

O sr. José R. dos Passos que acaba de realizar uma série de preleções tão proveitosas na sede da "U. O. Beneficente" desta capital, pede nos para annunciar que, a começar de hoje, iniciará nova série de palestras publicas no "Centro dos Chauffeurs", á rua Diogo Velho, 318 (Parque Solon de Lucena) para as quaes convida o publico de João Pessoa.

O programma para as duas proximas semanas é o que segue:

Domingo, 5 de setembro ás 19,30 — O suicidio da Civilização. — Quarta 8 ás 19,30 — O Ruir dos Imperios — Sexta, 10 ás 19,30 — A Volta de Nosso Senhor Jesus Christo nesta geração— Domingo, 12 de setembro ás 19,30 — Os signaes da segunda vida de Christo — Quarta, 15 ás 19,30 — O fim do Mundo!... — (Será simples fantazia ou ralidade — Sexta-feira 17 ás 19,30 — O estabelecimento do Reino Universal Perpetuo.

5 de setembro de 1937. Fonte, Passos J. (1937f)

ADELINA B. PASSOS

ENFERMEIRA.PARTEIRA

Diplomada pela Faculdade de Medicina da Bahia. Applica injeções e curativos a domicilio. Attende chamados a qualquer — hora. —

Res. — Av. João Machado. 384

J o ã o P e s s o a

29 de outubro de 1937. Fonte, Passos A. (1937)

EGREJA ADVENTISTA DO 7.º DIA

A fim de commemorar a inauguração da Igreja Adventista do 7.º Dia, nesta capital, á rua Arthur Achilles, 111, o revdmo. José R. dos Passos organizou o seguinte programma:

Sexta-feira ás 19,30 horas: conferencia intitulada "Jesus, o Delegado das Nações".

Sabbado ás 9 horas: Escola Sabatina; ás 10 horas: "O melhor amigo" sermão; ás 19,30: Programma do Natal — Discursos recitativos, numeros de canto e em projecção luminosa "A vida de Jesus".

Domingo, ás 14 horas: Exame dos candidatos ao baptismo; ás 15,30 horas: Baptismo no rio Paredes; ás 19 e 30 horas: A Ceia do Senhor.

O ingresso a todas essas commemo-rações será franqueado ao publico.

24 de dezembro de 1937. Passos J. (1937g)

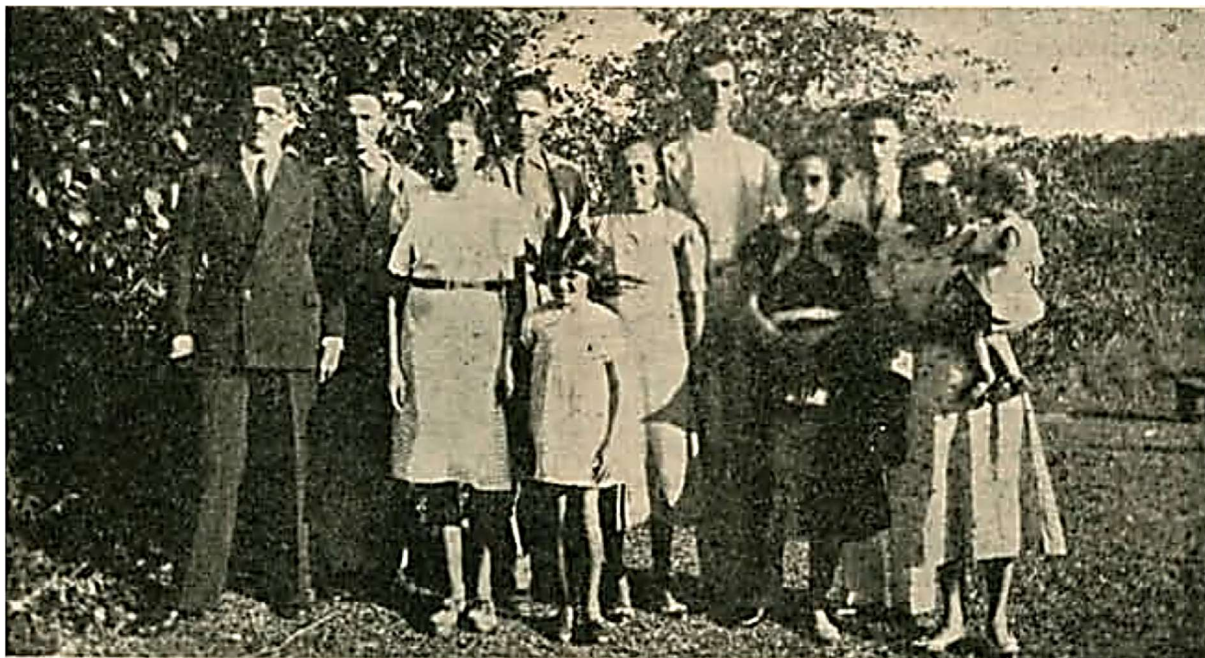
ANEXO E – Batismo em João Pessoa realizados pelo pastor Passos



Primeira turma de Batizados em João Pessoa. Fonte: PASSOS, 1938a



Batismo de Francisco de Melo. Fonte: PASSOS, 1938a.



Últimas pessoas batizadas, à esquerda o pastor Passos. Fonte: PASSOS, 1938b



Último batismo realizado pelo pastor Passos. Fonte: PASSOS, 1938b



Zé Preto no dia do seu batismo. Fonte: PASSOS, 1938b

ANEXO F – Divulgação das Conferências públicas no Roger no Jornal A União

RELIGIÃO

CONFERENCIAS PÚBLICAS NO ROGER

Vem sendo realizada, nesta capital, á rua do Roger, n.º 337, ás 19,30 horas, uma série de conferencias publicas de carater religioso.

Terça-feira ultima, foi proferida uma oração subordinada ao titulo: "O Livro Milenar", na qual o orador demonstrou o pericdo vedico-indu', fazendo uma síntese dos poemas Maabarata e o sanscrito Ramadana, fazendo assim, uma recapitulação dos tempos homericos. Foi também apresentado o Corão maometano.

Ontem, verificou-se mais uma conferencia cujo tema esteve subordinado ao titulo: "Warteloo dos Conquistadores".

Amanhã, e sábado serão proferidas as seguintes conferencias: "E' a presente crise passageira" e u'a mensagem vinda do Sol da Lua e das Estrelas" respectivamente.

SOCIEDADE SÃO VICENTE DE PAULA

A "Conferencia de N. S. Mãe dos Homens" vê passar, hoje, o primeiro aniversário da aprovação da Carta de Agregação expedida pelo Conselho Superior, e aprovada definitivamente pelo Conselho Geral, da mesma sociedade. Por esse motivo a Conferencia promoverá após a missa, uma sessão extraordinária entre os seus confrades, demais "Conferencias" da capital e pessoas católicas que desejem participar dessa homenagem em louvor a S. Vicente de Paula padroeiro da caridade cristã.

15 de abril de 1945. Fonte: Netto (1945a).

CONFERENCIAS PÚBLICAS NO ROGER

Vem despertando interesse a série de conferencias levada a efeito diariamnte á rua do Roger n.º 337, ás 19,30 horas, na séde da *Sociedade Beneditina de Setembro*.

O orador, rev. Ataliba Abreu Neto, vem dissertando com brilhantismo sobre assuntos bíblicos, basantes significativos para os adeptos do *Livro Sagrado*.

As referidas conferencias continuam sendo ilustradas com projeções luminosas para melhor compreensão da assistência.

O programa a seguir está assim organizado:

Hoje — 18-XI-1945:
Onde se Originou o Mal — ... e não se firmou em verdade.

de, porque não há verdade nele: quando profere mentira, fala do que lhe é proprio porque é mentiroso, o pai da mentira. S. João 8:44.

Terça-feira — 20-XI-45:
Uma prisão sem cadeia.

Quinta-feira — 22-XI-45:
Onde estão os mortos? No céu? No Inferno? No Purgatório? ou no Espaço.

...Subiu ao Céu, está sentado á mão direita de Deus Pai todo Poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos.

Quinta-feira — 22.
Haverá uma ressurreição de justos e injustos.

Sabado — 24 — O Ladrão no Paraíso.

18 de novembro de 1945. Fonte: Netto (1945b)

CONFERÊNCIAS NA SOCIEDADE BENEFICENTE "2 DE SETEMBRO", À RUA ROGERS

Prossegue a série de conferências que vem sendo realizadas nesta capital na sede da Sociedade Beneficente "2 de Setembro" à rua Rogers, n.º 337, às 19.30 horas.

Tem sido numerosa a multidão de fiéis protestantes que comparece ali, a fim de ouvir a palavra do rev. Ataliba Abreu Nêto e outros oradores.

Essas conferências de cunho religioso estudam o Evangelho, cujas explicações são acompanhadas de projeções luminosas para melhor compreensão da assistência.

O programa desta semana é o seguinte:

"O que é o céu e como me-

recê-lo" — Os céus são os céus do Senhor; mas a terra deu a Ele aos filhos dos homens — Salmos 115-16.

Terça-feira — "Pode um homem nascer sendo velho"? — Aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus — S. João 3:3.

Quinta-feira — "Guardaram pelo qual Deus afere o homem" — É mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da lei — Lucas 16:17.

Quinta-feira — "Guardaram os Apóstolos o 1.º dia da semana?"

Sábado — "Um erro aceito, consagrado e defendido".

25 de novembro de 1945. Fonte: Netto (1945c)

RELIGIÃO

CONFERÊNCIAS NO ROGERS

O Revdmo. Ataliba Abreu Nêto vem realizando uma série de conferências, no Rogers, as quais têm sido muito concorridas.

O tema de ontem, foi: "Guardaram os apóstolos o primeiro dia da semana". O pregador rebuscou a história dos primeiros séculos da Igreja cris-

tã, interessando a todos os presentes.

No próximo sábado, o tema será: "Um erro consagrado, aceito e defendido".

GRÇA ALCANÇADA

Maria Rita Vinagre, agradece a Nossa Senhora da Cabeça, outra graça alcançada com promessa de publicação.

João Pessoa, 29-11-945.

30 de novembro de 1945. Fonte: Netto (1945d).

RELIGIÃO

Conferências públicas no Rogers

Continuam sendo realizadas, na rua do Rogers, as conferências públicas a cargo do rev. Ataliba Abreu Néto, as quais vêm contando com grande assistência.

O programa desta semana é o seguinte:

Hoje: — "O resultado da desobediência".

Quarta-feira — "O mais longo período mencionado na Palavra de Deus".

Quinta-feira — "Origem do Povo de Deus".

Sábado — "Um sistema religioso que se tornou político".

e na cura de seu esposo e filho com promessa de publicação.

Felisa Albuquerque Feitosa, agradece a Nossa Senhora da Penha, uma graça alcançada em seu favor, com promessa de publicação.

Escassez de tecidos

CAMBERRA, 17 (U. P.) — É tal a escassez de tecidos na Austrália, que o governo acaba de autorizar aos recrutas continuarem usando uniforme até

18 de dezembro de 1945. Fonte: NETTO (1945).

RELIGIÃO

CONFERENCIAS NO ROGER

Em continuação à série de conferências que vem realizando o revdm. Ataliba Abreu Néto, da Sociedade Beneficente "2 de Setembro", á rua do Rogger, 337, na semana que hoje se inicia será cumprido o seguinte programa:

"A LEI E A GRACA"

Anulamos, pois, a Lei pela Fé? De maneira nenhuma antes estabelecemos a lei. Rom

Terça-feira — "Não havia

lugar para Ele na estalagem".

Quarta-feira — "O que foi pregado na cruz".

Quinta-feira — "Como fazer parte da Igreja de Deus".

Sábado — "Ter saúde faz parte da boa religião".

A saúde do espirito depende da saúde o corpo, e esta depende do alimento racional.

Domingo — "Que bem farei para conseguir a vida eterna?"

As preleções serão acompanhadas de instrutivas projeções luminosas, como de costume.

23 de dezembro de 1945. Fonte: Netto (1945f)

ANEXO G – Alvará de Construção da Igreja Adventista de João Pessoa



ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA
Departamento de Obras Públicas

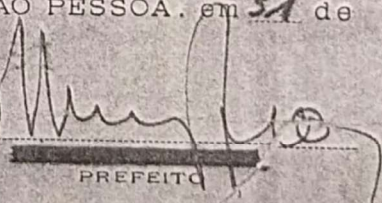
ALVARÁ N.º 2237

O PREFEITO MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, tendo em vista o processo constante da petição n.º 8096, de 21-XII-1946, em que A Igreja Adventista do Sétimo Dia requereu desta Municipalidade, a licença necessária para const. 33,00m. de habant. no a-
lvar. da Rua Venâncio Vieira e a sua Sônia Pinay-
da, com área 23,00m. de muro divisorio

RESOLVE conceder o presente ALVARÁ, permitindo a execução dos serviços aprovados pelo DEPARTAMENTO DE OBRAS PÚBLICAS, já deferido em despacho de 26-XII-1946, tendo sido pago a importância de Cr\$ 96,40, em conhecimento n.º 17701, datado de 31-12-46.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, em 31 de dezembro de 1946

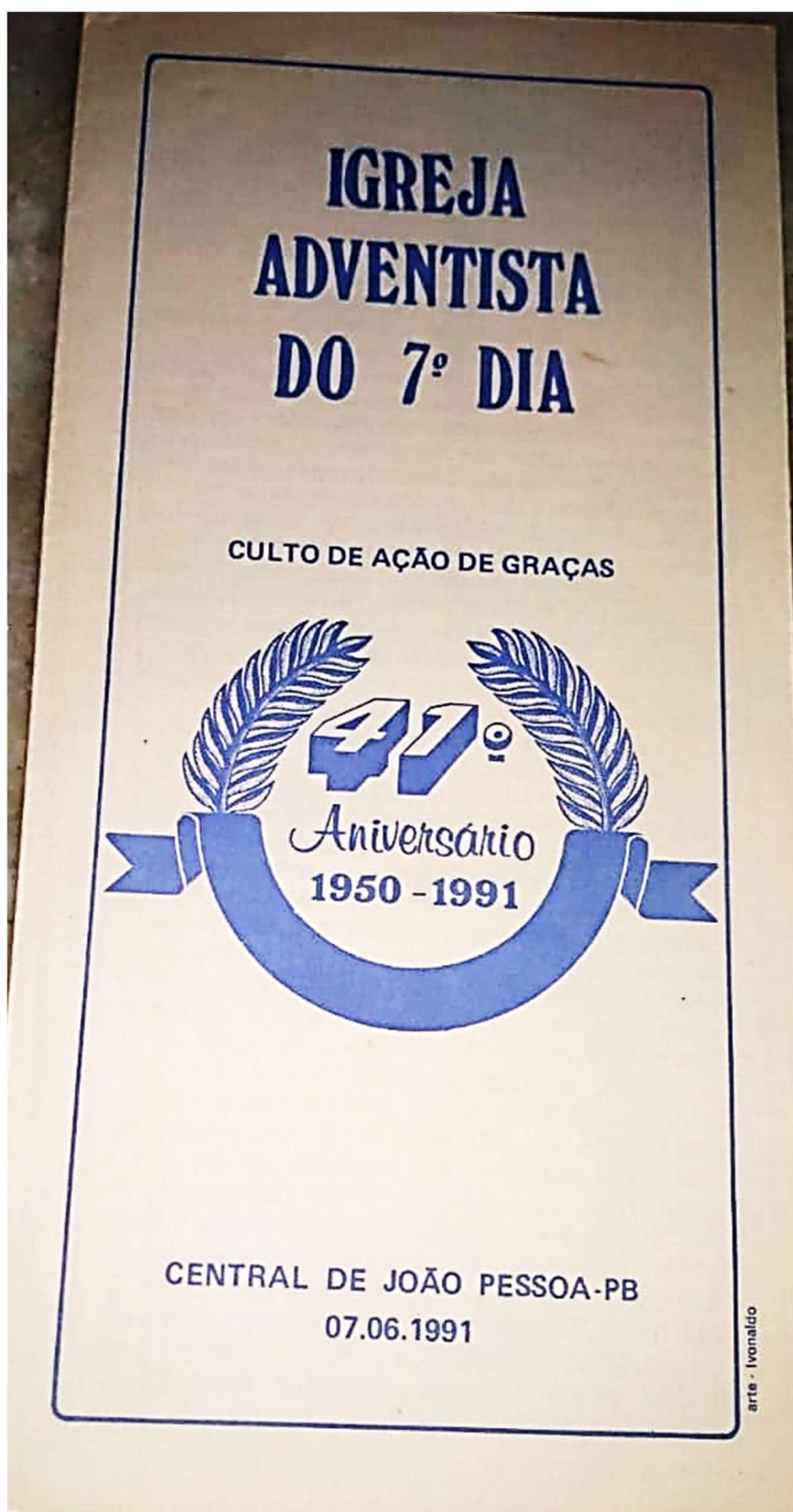

DIRETOR DO D. O. P.

 
PREFEITO

NOTA: — A falta de apresentação deste à fiscalização, será aplicada a multa de Cr\$ 20,00 a 200,00.

Fonte: Acervo particular de José Adauro Rodrigues

ANEXO H – Culto de Ação de Graça de 41º aniversário (1950-1991) da Igreja Adventista do 7º Dia de João Pessoa.



IGREJA CENTRAL DE JOÃO PESSOA

41º ANIVERSÁRIO

A propagação da Mensagem da Igreja Adventista do 7º Dia em João Pessoa teve início em 1938, após umas conferências dirigidas pelo Pastor José dos Passos. Desse contato missionário, temos ainda em nosso meio, as irmãs: MARIA ODILIA E MARIA DO CÉU;

Em seguida em 1939, para substituir o Pastor Passos, veio o Pastor Moisés Nigri e sua esposa Maria Alida. Ele recém formado em Teologia pelo Seminário do CAB em S. Paulo. Foi uma gestão dinâmica e abençoada. Organizou a Igreja com funcionamento de todos os departamentos. As classes batismais se sucediam satisfatoriamente. Havia número suficiente para quatro classes de adultos e duas do departamento primário.

A classe de professores se esmerava no preparo das lições, com dados objetivos e matérias envolventes no estudo. Sabiamente o casal se conduziu em suas comunicações simpaticizado em suas novas amizades. As classes batismais se sucediam regularmente. A Sociedade de Dorcas, tinha parte ativa nos compromissos internos da igreja.

Competia ao Pastor em sua administração, o Município de Campina Grande.

Numa de suas visitas àquela cidade, em um arrebalde de nome Queimadas (hoje cidade), ao iniciar a pregação foi apedrejado por um grupo de populares e mesmo com a testa sangrando continuou o estudo, sem nenhuma reação. Hoje temos ali uma igreja, consagrada em resposta àquele repúdio. Ao terminar o seu mandato, além de uma sábia orientação, deixou um terreno comprado para a construção da igreja situado no Parque Solon de Lucena (Lagoa).

Depois, quando já havia planos para construir, verificou-se que o terreno apesar de boa localização, era estreito para a planta desejada. Foi então vendido para aquisição de um outro satisfatório. O esposo da Irmã Dolores, Adereson Soares, muito amigo dos adventistas, conhecedor do problema prontificou-se ao pastor Ataliba dar uma busca, até que descobriu na rua Índio Piragibe uma casinha onde se vendia carvão, propôs compra e o Pastor aceitou a sugestão, sendo efetuada a compra. Ao lado, esquina da casinha, fazendo esquina da rua, havia

uma nesga de terreno, ocupado pela Prefeitura com instalação de um fluviômetro, sem conhecimento da proprietária. O Pastor Ataliba e Aderson levaram seis meses de busca para descobrir a proprietária, que se mostrou completamente alheia ao problema, foi então legalizada a compra, o que corresponde a parte de nosso jardim.

Os vários lugares de reuniões que ocupamos antes de termos o nosso Templo.

Casa de residência à Travessa Artur Aquilis esquina com 13 de Maio. A sala espaçosa dava bem e foi reservada para as reuniões de culto. Havia outra entrada para outras designações. Atividades de Dorcas, comissões da Igreja, visitas, classe de professores com curso intensivo e estudo metuculoso da matéria, reuniões sociais e tudo que envolvesse o desdobramento religioso.

Depois de algum tempo, o teto da sala (o forro) ameaçava desabar, e o proprietário negou-se a concertar, e agravando-se a situação tivemos que mudarmo-nos provisoriamente para outra esquina do mesmo quarteirão. A estadia ali, havia algumas inconveniências e o prazo esgotara. - Apelamos para o prédio do antigo mercado à Praça da Prefeitura. Foi uma escolha muito precipitada e não oferecia nenhuma possibilidade de adaptação, ficamos ali até que encontrássemos um local conveniente. Alugamos então, uma casa de residência à rua da Areia, com boa perspectiva, pois havia acomodações até para a família do Pastor, e ali ficamos até recebermos o nosso Templo, ocupando antes a casa até que se conseguisse o terreno da frente, que demorou 6 meses. Quando toda a casa foi derribada, fizemos ainda algumas reuniões no salão da Sociedade Operária aqui à rua Índio Piragibe.

A inauguração do nosso Templo foi em junho de 1950.

o o o

Muitos Pastores se sucederam numa trajetória até então de 22. Cada um teve a sua valiosa parcela de contribuição no montante ao progresso missionário da Igreja. Muitas lutas e incompreensões foram vencidas num ritmo de abnegação e humildade.

Muitos valores foram descobertos, e desenvolvidos nos vários setores missionários num desempenho zeloso de suas responsabilidades.

o o o

A Escola Primária tem também o seu lugar de destaque, num desempenho de ascendência e sucesso educacional.

A Sociedade "Dorcas" a mão direita em Assistência Social e colaboração interna da igreja, continuamente tem desdobrado o seu vínculo num apreço valoroso em prol da causa "viver para Servir".

o o o

Na pesquisa feita, quem mais realizou batismos foi o Pastor Erisson Michilles e sua esposa Rut Michilles, incansáveis batalhadores na causa do Evangelho, entre outros de números razoáveis, um sensacional número de 60 almas e muitas d'elas permanecem firmes e batalhadoras, no avanço do Ministério.

Foi uma gestão próspera e dinâmica.

Ao deixar o seu mandato, deixou-nos uma predição: "Esta Igreja um dia há de ficar tão cheia que, muitos ficarão de pé por falta de lutar e NOTADAMENTE jovens"...

o o o

O nosso Templo foi inaugurado em Junho de 1950, isto é.: realizávamos a Primeira Escola Sabatina neste recinto, a festa era o transbordar de alegria de cada coração presente, não tínhamos ainda mobiliário. O púlpito antigo, até que ganhássemos um bem sofisticado, presente dos irmãos Carlos e Antonio Rodrigues que passaram a ser patrocinadores de várias peças do mobiliário.

O primeiro auto falante, se não há engano, foi oferecido pelo saudoso Ir. Ernesto Vital, sempre pronto a cooperar.

O trabalho Missionário em Cabedelo, foi ele o incentivador, naquela área.

A escola primária foi construída logo depois, dada a circunstância da ocupação no salão de culto.

Muitos de saudosa memória não estão mais conosco, mas o seu testemunho permanece bem vivido.

No primeiro batismo, em julho de 1938, foram batizados: Augusto Clementino, Juvina Clementino, Ester Nóbrega de Oliveira, Antonio Cardoso da Silva, Maria Monteiro, José Firmino de Moraes, Nana e Benedito.

Neste templo o primeiro batismo foi realizado em 23 de setembro (1950) e entre os seis novos membros estava Aurora Oliveira, produto dos cursos da Voz da Profecia.

Hoje, com mais de 350 membros batizados, continua, como um farol a espalhar a luz da verdade a todos quantos por Deus são chamados das trevas para a sua maravilhosa luz.

Glória e Honra sejam dadas ao nosso Deus

AMÉM !

Quadro do exercício pastoral da Igreja Adventista do 7º dia de João Pessoa no espaço de 1937 a 1991.

01	José dos Passos	1937
02	Moisés S. Nigri	1938 a 1941
03	Cleobulo de Carvalho	1942
04	João Fernandes de Carvalho	1943
05	Atalica de Abreu Neto	1946
06	Josué Feitosa (por doença pouco tempo)	
07	Neander Harder	1950 a
08	Tarsília Caldas (obreira bíblica)	1951
09	João Isidrio da Costa	1954
10	Aristides Apolinário Leite	1956
11	Benedito Andrade	1959
12	Erisson Michilles	1961
13	Aluisio Gabriel	1965
14	Severino Tavares de Lira	1968
15	Antonio Siqueira	1969
16	José Pastor de Oliveira	1972
17	Jefté Fernandes de Carvalho	1974, 1976
18	Ronaldo Barreto Sales	1976
19	Otoniel Tavares de Carvalho	1979
20	Dilson Monteiro Bezerra	1984
21	Mosaniel Viana de Oliveira	1987
22	Daniel Aragão	1990-atual

ANEXO I – Jornal A Palavra 25/09/2005



Parabéns Pelos 55 Anos de Igreja Central



A mensagem adventista teve início na cidade de João Pessoa em 1937, (1937-2005=75 anos); na época sua população era de 120.000 habitantes. Se bem que os colportores já atuassem aqui e no interior por anos antes; o obreiro bíblico Orlando, prosseguiu, sucedendo-os. Em 1938 o pastor José dos Passos, numa pequena Conferência, confirmou a base da IASD na Paraíba. Em 1939-1940 deu continuidade aos serviços, o recém pastor formado e casado, Moysés Nigri. Ele escreveu: "A nova congregação de João Pessoa, que conta apenas de 2 anos de existência, têm 9 membros batizados. Por este motivo ainda não nos achamos organizados em igreja". (Escrito num pequeno Jornalzinho do Rio de Janeiro).

Seu início foi na rua 13 de maio; mas o teto precisava de consertos e o proprietário não quis fazê-los. O prédio era residência e igreja. O grupo mudou-se para um outro de esquina; mas com os mesmos problemas. Depois se mudou para um outro, perto de um velho mercado; mas precisava também de grandes reformas. Então, buscou novo endereço: Rua da Areia. Ali fizeram reformas que chegou a abrigar a Escola Paroquial. Com muito esforço, compraram um terreno na Lagoa do Parque Solon de Lucena; mas depois perceberam ser estreito. Por fim, negociaram um lugar fixo, e de esquina, e numa praça. Era uma carvoaria entre a Praça Venâncio Neiva e a rua Índio Piragibe. Imediatamente, venderam o terreno da Lagoa e concentraram suas energias num lugar fixo. E neste lugar está situado o Templo da IASD erguido em 1950; tendo sua primeira Escola Sabatina no dia 11 de junho daquele ano.

Desde então, todas as igrejas antigas da grande João Pessoa, são filhas da Igreja Central de João Pessoa PB.

Mas, pelo ALVARÁ da Prefeitura N° 2.237, processo N° 8.096 de 21-XII-1946, requerido pela Associação da União Este Brasileira dos Adventistas do Sétimo Dia, para construção 33,00mx23,00m; com licença de pagamento de Cr\$ 96,40 de conhecimento N° 17.701 datado de 31-12-1946, indicava a presença de reuniões muito antes do ano de 1950. Possivelmente, lidaram com este processo de construção e de mudanças da pequena igreja, os pastores Presidentes da Missão Nordeste, com sede em Recife: Castelan, José Baracart e Palmer Harder. Com o tempo, a igreja ampliou o seu terreno. E agora a Igreja Central está completando 55 anos neste local.

Em 2004 a Igreja recebeu um condicionamento pelo Pastor Manoel Júnior. Em 2004 o Pastor Damião fez uma reforma interna e nova bancada.

Retrocedendo àquele difícil e humilde começo, a Igreja continua pobre de bens materiais, se bem que, no todo, ela é uma potência: I Ped 2.9. É a nação eleita espiritual. A Igreja se acha em lugares ricos e pobres, e enfrenta toda a sinagoga e ira de Satanás. Enfrenta todas as fronteiras e todos os trâmites. Logo mais, sua mensagem fará tremer o mundo! Como a daqui, a Igreja Mundial sobreviveu a todos os conflitos desde o início cristão. Superou a todos os momentos. E sua melhor blindagem de vitória tem sido a verdade bíblica. Profeticamente tem-se revelado uma gestora competente; mesmo em suas falhas. Jesus dirige Sua Igreja com um olhar periférico: vê-la por todos os ângulos, por todos os parâmetros, com o Seu tomógrafo nos olhos. É por isso que o Senhor não faz punição sumária, mas julga caso a caso.

Durante estes 75 anos, muitos fiéis já dormem no Senhor. Nas suas gentis ofertas e dízimos, puderam eles sustentar os obreiros e pastores da relação ao lado. Por outro lado, aí do pastor que se aproveitou de moleza ou esperteza sacerdotal.

Resenha feita por José Adauto Rodrigues. Em 19-06-2005

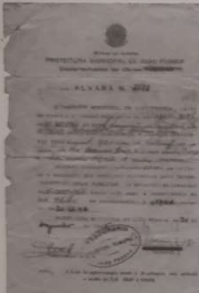


Foto do Alvará de Licença

Prefeitura apóia evento internacional adventista "Caravana da Esperança"

No próximo dia 3 de outubro, a Caravana da Esperança um evento internacional promovido pela Igreja Adventista do 7º Dia vai passar pela Capital paraibana, realizando atividades sociais e de evangelização. Segundo os organizadores, em vários bairros da cidade acontecerão ações de cidadania, Chá e sair em carreta e passeata pelas ruas da cidade. O projeto foi apresentado, no final da manhã desta sexta-feira (26), ao vice-prefeito Manoel Júnior (PMDB), que garantiu o apoio da Prefeitura de João Pessoa ao evento.

"Fomos incumbidos de fazer esse relacionamento entre a administração e os vários segmentos sociais. Recebemos o projeto da Igreja Adventista do Sétimo Dia com satisfação e faremos os encaminhamentos possíveis para que ele seja realizado na Capital com êxito. O evento internacional já passou por outras cidades brasileiras, que apoiaram a ação, como estamos dispostos a fazer agora. Além da evangelização, o evento tem esse lado social e a Prefeitura não poderia deixar de apoiar uma ação que vai beneficiar a população", disse Manoel Júnior.

A proposta da realização do evento em parceria com a Prefeitura foi apresentada ao vice-prefeito da Capital, pelos pastores Leonardo Nunes (templo central da igreja em João Pessoa), Moisés Silva (Natal-RN), Silvio Pontes (Santa Rita), Alberto Reiter (igreja no Bancários, na Capital) e o secretário-geral da Igreja Adventista da Paraíba e do Rio Grande do Norte, Gilberto Nunes. Também acompanhou a reunião o diretor do Centro de Atenção Integral à Saúde (Cais), em Mangabeira, Itamar Falcão. Durante a reunião, o grupo mostrou um vídeo ao vice-prefeito, que retrata a filosofia da Caravana da Esperança.

Os pastores solicitaram o apoio logístico da Prefeitura e pediram a disponibilidade de equipes de saúde e de trânsito para acompanhar o evento. Também foi solicitado material educativo, principalmente na área de saúde, que deverá ser distribuído nas comunidades onde haverá ações sociais. "Nosso objetivo é mobilizar a igreja nas áreas espiritual e social e, para isso, contamos com o apoio da Prefeitura", afirmou o pastor Gilberto Nunes.

O evento, segundo os organizadores, a caravana teve início no Peru, passando pelos estados do Norte da Paraíba, e agora, está chegando ao Nordeste pelo Piauí e Ceará. Na Paraíba, a caravana partirá do município de Mamanguape, no dia 3 de outubro, e deverá chegar a João Pessoa por volta das 18h daquele dia, com concentração em frente ao templo central da igreja, no Pavilhão do Chá. Está programada uma carreta e passeata até o Clube Cabo Branco (local a ser confirmado), onde haverá uma parada com a realização de pregação e louvor. A caravana conta com um orador internacional e dois cantores gospel.

"Da Capital, seguiremos para Boqueirão, Queimadas, Campina Grande, Patos e Sousa. Cumprido o roteiro, a caravana começará a mobilização no Rio Grande do Norte e Pernambuco. Queremos anunciar às pessoas que elas podem viver melhor, quando se cuidam de uma forma integral, não só do físico mas da mente e do espírito. Os estudiosos já provaram o que Deus anuncia há milhares de anos: se o espírito estiver são, o corpo terá saúde", afirmou o pastor Leonardo Nunes.

Agradecimento: Dr. Manoel Júnior (Vice-Prefeito) e Dra. Raquel Asfora.